



**UNESP – UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA  
'JÚLIO DE MESQUITA FILHO'**

**Faculdade de Ciências e Letras  
Campus de Araraquara**

---

**CAROLINE CARNIELLI BIAZOLLI**



**POSIÇÃO DE CLÍTICOS PRONOMINAIS  
EM DUAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS:  
INTER-RELAÇÕES DE ESTILO, GÊNERO,  
MODALIDADE E NORMA**

**ARARAQUARA – SP  
2016**

CAROLINE CARNIELLI BIAZOLLI

**POSIÇÃO DE CLÍTICOS PRONOMINAIS  
EM DUAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS:  
INTER-RELAÇÕES DE ESTILO, GÊNERO,  
MODALIDADE E NORMA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito à obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa

**Linha de pesquisa:** Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

**Bolsa:** CAPES

ARARAQUARA – SP  
2016

Biazolli, Caroline Carnielli

Posição de clíticos pronominais em duas variedades do português: inter-relações de estilo, gênero, modalidade e norma / Caroline Carnielli Biazolli - 2016

381 f.

Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) - Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Faculdade de Ciências e Letras (Campus Araraquara)

Orientador: Rosane de Andrade Berlinck

1. Clíticos pronominais. 2. Estilo. 3. Gênero textual. 4. Fala/escrita. 5. Variação linguística. I. Título.

CAROLINE CARNIELLI BIAZOLLI

## **POSIÇÃO DE CLÍTICOS PRONOMINAIS EM DUAS VARIEDADES DO PORTUGUÊS: INTER-RELAÇÕES DE ESTILO, GÊNERO, MODALIDADE E NORMA**

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa, da Faculdade de Ciências e Letras – Unesp/Araraquara, como requisito à obtenção do título de Doutora em Linguística e Língua Portuguesa

**Linha de pesquisa:** Análise fonológica, morfossintática, semântica e pragmática

**Orientadora:** Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck

**Bolsa:** CAPES

Data da defesa: 20/09/2016

### **MEMBROS COMPONENTES DA BANCA EXAMINADORA:**

---

**Presidenta e Orientadora: Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck**  
Universidade Estadual Paulista – UNESP / FCLAR

---

**Membra Titular: Profa. Dra. Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale**  
Universidade Federal de São Carlos – UFSCar

---

**Membra Titular: Profa. Dra. Leila Maria Tesch**  
Universidade Federal do Espírito Santo – UFES

---

**Membro Titular: Prof. Dr. Sebastião Carlos Leite Gonçalves**  
Universidade Estadual Paulista – UNESP / IBILCE

---

**Membra Titular: Profa. Dra. Angélica Terezinha Carmo Rodrigues**  
Universidade Estadual Paulista – UNESP / FCLAR

**Local:** Universidade Estadual Paulista  
Faculdade de Ciências e Letras  
UNESP – Campus de Araraquara

*Aos meus queridos pais, Roberto e Mercedes, pelo amor puro e sem fim que compartilhamos.*

## AGRADECIMENTOS

Ao *Divino Pai Eterno*, pela minha vida. A *São Jorge*, por me encorajar. Aos meus *amigos de luz*, pela proteção.

Aos meus pais, *Roberto* e *Mercês*, por fazerem com que eu me sinta a filha mais feliz do mundo. Por serem os meus melhores amigos, pelos abraços acolhedores e conselhos preciosos e por se doarem inteiramente a mim. São os meus maiores exemplos de garra, determinação e vitória.

Aos meus irmãos, *Mário* e *Cláudia*, pela preocupação constante com a caçula, pelo amor de irmãos que resiste a tudo e por me deixarem certa de que a família é o que temos (e sempre teremos) de mais valioso. Obrigada por terem me dado o *Felipe*, a *Gabriela* e a *Sofia*. Para os meus amados sobrinhos, que me encantam cada dia mais, estarei presente a todo momento.

Ao meu companheiro *Guilherme*, pelas palavras e gestos afetuosos, por, inúmeras vezes, abdicar de suas prioridades para me ajudar, pela paciência, pelo carinho e pela admiração que sentimos um pelo outro. Por tudo. Lado a lado, concretizaremos os nossos sonhos.

À professora *Rosane de Andrade Berlinck*, por ser uma orientadora dedicada e segura, por acreditar em mim, nas minhas ideias – em especial, quando eu me mostrei esmorecida –, por me entusiasmar a seguir em frente, pelo modo fascinante como transmite todo o seu conhecimento e pela disponibilidade imediata para nossos encontros. Obrigada por ser a minha referência na vida acadêmica, referência de educadora competente e humana. Depois de tantos anos juntas, agradeço, por último, pela amizade cuidadosa que construímos.

À professora *Marymarcia Guedes*, por, em meados de 2004, ter me impulsionado a pesquisar na área da Sociolinguística, e, principalmente, pelo apoio contínuo. Obrigada pela oportunidade de estudo e pelas nossas ricas e divertidas conversas, que, embora ocorridas lá atrás, estão vivas dentro de mim.

Às professoras *Maria Antónia Ramos Coelho da Mota* e *Ernestina Maria Reia Carrilho*, supervisoras do meu estágio de doutorado no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), pela forma amável como me receberam e pelo suporte que me deram para eu desenvolver as etapas propostas da pesquisa.

Aos professores *Angélica Terezinha Carmo Rodrigues* e *Sebastião Carlos Leite Gonçalves*, que tanto admiro, pelos apontamentos tão esclarecedores feitos no Exame de Qualificação.

Aos membros da banca do Exame de Defesa, por quem tenho muito respeito, professores *Angélica Terezinha Carmo Rodrigues* e *Sebastião Carlos Leite Gonçalves*,

novamente, e professoras *Flávia Bezerra de Menezes Hirata-Vale* e *Leila Maria Tesch*, por terem participado, de maneira inigualável, de um momento determinante (e inesquecível) da minha trajetória profissional e pessoal.

À professora *Silvia Rodrigues Vieira*, pela leitura atenta do meu projeto de pesquisa.

Às minhas amigas *Camilinha*, *Amanda* e *Dori*, pela relação sincera que mantemos há quinze, vinte anos; *Eliane*, *Monicão* e *Fu*, por serem leais e pessoas com as quais eu não tenho dúvida de que posso contar sempre; *Cris*, *Ju* e *Ana Lê*, por me ouvirem a qualquer hora e pelo incentivo ininterrupto; e, *Pata*, pelo bem-querer incondicional que nos une. Sou grata por cada minuto ao lado de todas elas.

Aos portugueses *João Saramago*, *Gabriela Vitorino*, *Luísa Segura*, *Raíssa Gillier*, *Liliana Teles*, *Sandra Antunes*, *Hugo Cardoso*, *Ana Fonseca*, *Fernando Brissos*, *Sandra Pereira* e *Ana Maria Martins*, pela generosa recepção no CLUL, pelas ajudas e pelos bons momentos compartilhados. Um pouco de mim ficou em Lisboa.

Às novas amigas *Hadassa* e *Katielle*, por terem me acolhido gentilmente em um momento delicado, em solo português, e, desde então, serem tão presentes em minha vida, mesmo com um oceano entre nós.

Aos *amigos e colegas do SoLAR* (Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara), pelo agradável convívio e pelas produtivas discussões em nossas reuniões.

Aos *professores do Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa*, da FCLAr, por dividirem conosco, alunos, ensinamentos enriquecedores.

Aos *funcionários do setor de Pós-Graduação* da FCLAr, por serem tão prestativos e atenciosos.

À *CAPES*, pelos auxílios financeiros concedidos, que permitiram, inclusive, a realização do meu estágio de doutorado no CLUL, na Universidade de Lisboa.

*Tudo que se passa no onde vivemos é em nós que se passa. Tudo que cessa no que vemos é em nós que cessa. Tudo que foi, se o vimos quando era, é de nós que foi tirado quando se partiu.*

Bernardo Soares

(PESSOA, 1986, p. 92)



## RESUMO

O propósito desta tese é avaliar como a questão de *continua* – estilístico e fala/escrita – e de gêneros textuais contribui para o entendimento de processos em variação. Para isso, investiga-se o fenômeno variável da posição de clíticos pronominais, observando-se como as variantes previstas – pré-verbal e pós-verbal, no caso de lexias verbais simples, e pré-complexo verbal, intra-complexo verbal, com ênclise ao primeiro verbo ou próclise ao segundo, e pós-complexo verbal – se manifestam em quatro gêneros textuais jornalísticos (*entrevista na TV, noticiário de TV, carta do leitor e editorial*), produzidos nos primeiros anos do século XXI e marcados por diferenças relacionadas às suas concepções discursivas, aos seus meios de produção e a outras características situacionais. Desenvolve-se um estudo descritivo-comparativo entre o português europeu (PE) e o português brasileiro (PB), fundamentado nos pressupostos teórico-metodológicos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 1966, 1982, 1994, 2001a, 2003, 2008[1972]) e em conceitos relativos a estilo (LABOV, 1966, 2008[1972]; BELL, 1984, 2001), gêneros textuais (BAKHTIN, 1992[1979]; MARCUSCHI, 2005, 2008, 2010; BIBER; CONRAD, 2009), modalidades de uso da língua (CHAFE, 1982; 1985; BIBER, 1988; MARCUSCHI, 2008, 2010) e normas linguísticas (COSERIU, 1979[1952]; BAGNO, 2003, 2011, 2012; FARACO, 2008, 2011, 2012). Antes de se chegar às análises qualitativas que versam sobre influências externas no fenômeno em foco, detalham-se os possíveis condicionamentos linguísticos favorecedores das formas alternantes de colocação pronominal, valendo-se do tratamento estatístico oferecido pelo programa Goldvarb X (SANKOFF et al., 2005). Os resultados sinalizam que, no PE, a posição dos pronomes clíticos está intimamente relacionada a fatores estruturais, enquanto no PB tal objeto parece também ser sensível à ação de elementos não linguísticos. Desse modo, com base nos registros da variedade brasileira do português, mostra-se a coerência de se unir à observação de motivações linguísticas uma investigação sobre o maior número possível de aspectos vinculados às situações comunicativas. Confirma-se, portanto, que o *continuum* estilístico, correlacionado aos próprios gêneros e ao *continuum* fala/escrita, funciona como caminho de difusão de fenômenos em variação. Por último, cumpre destacar que o presente estudo colabora com a profícua discussão, vigente na literatura linguística, acerca da colocação pronominal e, de modo mais amplo, além de auxiliar no aprofundamento teórico relacionado às variações diafásica, diamésica e sociocultural, coopera com a pesquisa sociolinguística desenvolvida em Portugal e no Brasil, acrescentando mais resultados à descrição dessas variedades e da língua portuguesa como um todo.

**Palavras-chave:** Clíticos pronominais. *Continuum*. Estilo. Gênero textual jornalístico. Fala/escrita. Norma. Português europeu. Português brasileiro. Variação linguística.

## ABSTRACT

The aim of this work is to evaluate how the question of *continua* – stylistic and speech/writing – and how textual genres contribute to the understanding of the variation process. It was investigated the variable phenomenon of the placement of pronominal clitics, observing how the predicted variables – pre-verbal and post-verbal, in the case of simple verbal lexical items, and pre-verbal complex, intra-verbal complex, with enclisis in the first verb or proclisis in the second, and post-verbal complex – are manifested in four journalistic textual genres (*TV interview, TV news, readers' letter and editorial*), produced in the first years of the 21<sup>st</sup> century and marked by differences related to their discursive conceptions, to their means of production and other situational characteristics. It was developed a descriptive-comparative study between the European Portuguese (EP) and the Brazilian Portuguese (BP), founded in the theoretical-methodological assumptions of the Theory of Variation and Linguistic Change (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 1966, 1982, 1994, 2001a, 2003, 2008[1972]) and in concepts related to style (LABOV, 1966, 2008[1972]; BELL, 1984, 2001), textual genres (BAKHTIN, 1992[1979]; MARCUSCHI, 2005, 2008, 2010; BIBER; CONRAD, 2009), modalities of language use (CHAFE, 1982; 1985; BIBER, 1988; MARCUSCHI, 2008, 2010) and linguistic norms (COSERIU, 1979[1952]; BAGNO, 2003, 2011, 2012; FARACO, 2008, 2011, 2012). Before the qualitative analysis about the external influences in this phenomenon, it was detailed the possible linguistic conditioning which favour the alternating forms of pronominal collocation using the statistic treatment offered by Goldvarb X (SANKOFF et al., 2005). The results show that in EP, the placement of pronominal clitics is intimately related to structural factors, while in BP, it also seems to be sensitive to the action of non-linguistic elements. In this way, according to the data of Brazilian Portuguese, it is observed the consistency to join the observation of linguistic motivations and the investigation about the highest number of aspects bounded to communicative situations. It is validated, thus, that the stylistic *continuum*, correlated to the genres and to the *continuum* speech/writing, works as a way of diffusion of variable phenomena. At last, it is required to highlight that this study collaborates with the fruitful discussion – current in the linguistic literature – about the pronominal collocation and, in a broader way, it also auxiliaries in the further theoretical development related to the diaphasic, diamesic and sociocultural variations, cooperates with the sociolinguistics research developed in Portugal and in Brazil, adding more results to the description of these varieties and to the Portuguese language as a whole.

**Keywords:** Pronominal Clitics. *Continuum*. Style. Journalistic Textual Genre. Speech/Writing. Norm. European Portuguese. Brazilian Portuguese. Linguistic Variation.

## LISTA DE FIGURAS

<b>Figura 1.</b> Representação dos gêneros textuais no <i>continuum</i> fala/escrita .....	25
<b>Figura 2.</b> Representação dos postulados de <i>concepção</i> (oral vs. escrita) e <i>meio</i> (sonoro vs. gráfico) .....	105
<b>Figura 3.</b> Representação da perspectiva tricotômica coseriana: <i>fala/norma/sistema</i> .....	116
<b>Figura 4.</b> <i>Herman (2010-2013)</i> , transmitido pela RTP .....	130
<b>Figura 5.</b> <i>Programa do Jô</i> , transmitido pela Rede Globo .....	130
<b>Figura 6.</b> <i>Jornal da Noite</i> , transmitido pela SIC .....	132
<b>Figura 7.</b> <i>Jornal Nacional</i> , transmitido pela Rede Globo .....	132
<b>Figuras 8 e 9.</b> Capa do <i>Público</i> e exemplos de cartas e editorial .....	133
<b>Figuras 10 e 11.</b> Capa d' <i>O Estado de S. Paulo</i> e exemplos de cartas e editorial .....	133
<b>Figura 12.</b> Representação do <i>continuum</i> estilístico e do <i>continuum</i> fala/escrita .....	305
<b>Figura 13.</b> Distribuição dos gêneros jornalísticos nos <i>continua</i> .....	305

## LISTA DE QUADROS

<b>Quadro 1.</b> Sistema pronominal e a descrição tradicional .....	34
<b>Quadro 2.</b> Sistema pronominal e a situação atual no PB .....	34
<b>Quadro 3.</b> Obras de cunho tradicional apresentadas na revisão bibliográfica .....	39
<b>Quadro 4.</b> Gramáticas descritivas apresentadas na revisão bibliográfica .....	39
<b>Quadro 5.</b> Estudos linguísticos diacrônicos apresentados na revisão bibliográfica .....	39
<b>Quadro 6.</b> Estudos linguísticos sincrônicos apresentados na revisão bibliográfica .....	40
<b>Quadro 7.</b> Tipos de pronomes clíticos em português .....	48
<b>Quadro 8.</b> Esquematisações sobre as hipóteses de colocação pronominal em LVS neste estudo, segundo os conceitos de regra categórica, semicategórica e variável .....	89
<b>Quadro 9.</b> Esquematisações sobre as hipóteses de colocação pronominal em LVC neste estudo, segundo os conceitos de regra categórica, semicategórica e variável .....	90
<b>Quadro 10.</b> Caracterização dos gêneros <i>entrevista na TV</i> , <i>noticiário de TV</i> , <i>carta do leitor</i> e <i>editorial</i> através dos postulados de <i>concepção e meio</i> .....	105
<b>Quadro 11.</b> Fala/escrita, na perspectiva da dicotomia e na perspectiva sociointeracionista .....	112
<b>Quadro 12.</b> Perfis dos entrevistados do programa <i>Herman (2010-2013)</i> .....	131
<b>Quadro 13.</b> Perfis dos entrevistados do <i>Programa do Jô</i> .....	131
<b>Quadro 14.</b> Características situacionais dos gêneros textuais .....	165
<b>Quadro 15.</b> Relação inicial das variáveis independentes linguísticas examinadas .....	169
<b>Quadro 16.</b> Relação final das variáveis independentes linguísticas examinadas .....	170
<b>Quadro 17.</b> Relação das variáveis independentes linguísticas selecionadas e eliminadas .....	179
<b>Quadro 18.</b> Levantamento geral dos fatores que favorecem (e desfavorecem) a próclise, conforme os resultados obtidos em cada um dos gêneros jornalísticos, no PE .....	231
<b>Quadro 19.</b> Levantamento geral dos fatores que favorecem (e desfavorecem) a próclise, conforme os resultados obtidos em cada um dos gêneros jornalísticos, no PB .....	232
<b>Quadro 20.</b> Levantamento geral dos fatores que caracterizam as variantes pré, intra e pós-CV, conforme os resultados obtidos em cada um dos gêneros jornalísticos, no PE .....	291
<b>Quadro 21.</b> Levantamento geral dos fatores que caracterizam as variantes pré, intra e pós-CV, conforme os resultados obtidos em cada um dos gêneros jornalísticos, no PB .....	292
<b>Quadro 22.</b> Proposta dos gêneros jornalísticos nos <i>continua</i> e os resultados de LVS no PB .....	309
<b>Quadro 23.</b> Proposta dos gêneros jornalísticos nos <i>continua</i> e os resultados de LVC no PB .....	310
<b>Quadro 24.</b> Proposta dos gêneros jornalísticos nos <i>continua</i> e os resultados de LVS e LVC no PB .....	319

## LISTA DE GRÁFICOS

<b>Gráfico 1.</b> Distribuição geral de próclise e ênclise no PE e no PB .....	174
<b>Gráfico 2.</b> Distribuição das ocorrências de clíticos pronominais em LVS no PE, de acordo com o contexto linguístico .....	175
<b>Gráfico 3.</b> Distribuição das ocorrências de clíticos pronominais em LVS no PB, de acordo com o contexto linguístico .....	176
<b>Gráfico 4.</b> Distribuição de próclise no PE e no PB, de acordo com o contexto linguístico .....	177
<b>Gráfico 5.</b> Distribuição geral de próclise e ênclise no gênero <i>entrevista</i> , no PE e no PB .....	180
<b>Gráfico 6.</b> Distribuição de próclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>entrevista</i> , no PE e no PB .....	181
<b>Gráfico 7.</b> Ênclise e próclise: distância vs. elemento proclisador, no gênero <i>entrevista</i> , no PE .....	188
<b>Gráfico 8.</b> Distribuição geral de próclise e ênclise no gênero <i>noticiário</i> , no PE e no PB .....	190
<b>Gráfico 9.</b> Distribuição de próclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>noticiário</i> , no PE e no PB .....	191
<b>Gráfico 10.</b> Distribuição geral de próclise e ênclise no gênero <i>carta</i> , no PE e no PB .....	202
<b>Gráfico 11.</b> Distribuição de próclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>carta</i> , no PE e no PB .....	203
<b>Gráfico 12.</b> Ênclise e próclise: distância vs. elemento proclisador, no gênero <i>carta</i> , no PB .....	212
<b>Gráfico 13.</b> Ênclise e próclise: distância vs. elemento proclisador, no gênero <i>carta</i> , no PE .....	213
<b>Gráfico 14.</b> Distribuição geral de próclise e ênclise no gênero <i>editorial</i> , no PE e no PB .....	216
<b>Gráfico 15.</b> Distribuição de próclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>editorial</i> , no PE e no PB .....	217
<b>Gráfico 16.</b> Distribuição de próclise, de acordo com o contexto de <i>início absoluto</i> , nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB .....	228
<b>Gráfico 17.</b> Distribuição de próclise, de acordo com o contexto de <i>proclisadores tradicionais</i> , nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB .....	229
<b>Gráfico 18.</b> Distribuição de próclise, de acordo com o contexto de <i>proclisadores não tradicionais</i> , nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB .....	230
<b>Gráfico 19.</b> Distribuição geral das variantes pré, intra e pós-CV no PE e no PB .....	235
<b>Gráfico 20.</b> Distribuição das ocorrências de clíticos pronominais em LVC no PE, de acordo com o contexto linguístico .....	236
<b>Gráfico 21.</b> Distribuição das ocorrências de clíticos pronominais em LVC no PB, de acordo com o contexto linguístico .....	237
<b>Gráfico 22.</b> Distribuição das variantes <b>dominantes</b> (pré, intra ou pós-CV) no PE e no PB, de acordo com o contexto linguístico .....	238
<b>Gráfico 23.</b> Distribuição geral das variantes pré, intra e pós-CV no gênero <i>entrevista</i> , no PE e no PB .....	240

<b>Gráfico 24.</b> Distribuição das variantes <b>dominantes</b> (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>entrevista</i> , no PE e no PB .....	241
<b>Gráficos 25 e 26.</b> Distribuição percentual dos tipos de clíticos pronominais adjuntos a LVC no gênero <i>entrevista</i> , no PE e no PB .....	244
<b>Gráfico 27.</b> Distribuição geral das variantes pré, intra e pós-CV no gênero <i>noticiário</i> , no PE e no PB .....	250
<b>Gráfico 28.</b> Distribuição das variantes <b>dominantes</b> (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>noticiário</i> , no PE e no PB .....	251
<b>Gráficos 29 e 30.</b> Distribuição percentual dos tipos de clíticos pronominais adjuntos a LVC no gênero <i>noticiário</i> , no PE e no PB .....	255
<b>Gráfico 31.</b> Distribuição geral das variantes pré, intra e pós-CV no gênero <i>carta</i> , no PE e no PB ..	260
<b>Gráfico 32.</b> Distribuição das variantes <b>dominantes</b> (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>carta</i> , no PE e no PB .....	261
<b>Gráficos 33 e 34.</b> Distribuição percentual dos tipos de clíticos pronominais adjuntos a LVC no gênero <i>carta</i> , no PE e no PB .....	266
<b>Gráfico 35.</b> Distribuição geral das variantes pré, intra e pós-CV no gênero <i>editorial</i> , no PE e no PB .....	273
<b>Gráfico 36.</b> Distribuição das variantes <b>dominantes</b> (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>editorial</i> , no PE e no PB .....	275
<b>Gráficos 37 e 38.</b> Distribuição percentual dos tipos de clíticos pronominais adjuntos a LVC no gênero <i>editorial</i> , no PE e no PB .....	281
<b>Gráficos 39 e 40.</b> Distribuição das variantes <b>dominantes</b> (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto de <i>início absoluto</i> , nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB .....	288
<b>Gráficos 41 e 42.</b> Distribuição das variantes <b>dominantes</b> (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto de <i>proclisadores tradicionais</i> , nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB .....	289
<b>Gráficos 43 e 44.</b> Distribuição das variantes <b>dominantes</b> (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto de <i>proclisadores não tradicionais</i> , nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB .....	290

## LISTA DE TABELAS

<b>Tabela 1.</b> Colocação dos clíticos no PE segundo Salvi (1990) e Martins, A. M. (1994) .....	57
<b>Tabela 2.</b> Colocação dos clíticos no PB segundo Pagotto (1992) .....	58
<b>Tabela 3.</b> Informações referentes ao gênero <i>entrevista na TV</i> : horas transcritas e número de palavras .....	126
<b>Tabela 4.</b> Informações referentes ao gênero <i>noticiário de TV</i> : horas transcritas e número de palavras .....	126
<b>Tabela 5.</b> Informações referentes ao gênero <i>carta do leitor</i> : números de cartas e de palavras .....	129
<b>Tabela 6.</b> Informações referentes ao gênero <i>editorial</i> : números de editoriais e de palavras .....	129
<b>Tabela 7.</b> Resultados do teste de percepção aplicado a informantes portugueses .....	139
<b>Tabela 8.</b> Resultados do teste de percepção aplicado a informantes brasileiros .....	139
<b>Tabela 9.</b> Distribuição geral das ocorrências de clíticos pronominais no PE e no PB .....	172
<b>Tabela 10.</b> Distribuição geral das ocorrências de clíticos pronominais no PE e no PB, de acordo com o tipo de lexia e o gênero jornalístico .....	173
<b>Tabela 11.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise no PE, de acordo com o contexto linguístico .....	175
<b>Tabela 12.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise no PB, de acordo com o contexto linguístico .....	176
<b>Tabela 13.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>entrevista</i> , no PE .....	180
<b>Tabela 14.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>entrevista</i> , no PB .....	181
<b>Tabela 15.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>entrevista</i> , no PE .....	182
<b>Tabela 16.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>entrevista</i> , no PB .....	183
<b>Tabela 17.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero <i>entrevista</i> , no PE .....	187
<b>Tabela 18.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero <i>entrevista</i> , no PB .....	187
<b>Tabela 19.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>noticiário</i> , no PE .....	190
<b>Tabela 20.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>noticiário</i> , no PB .....	191
<b>Tabela 21.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>noticiário</i> , no PE .....	192
<b>Tabela 22.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>noticiário</i> , no PB .....	193

<b>Tabela 23.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero <i>noticiário</i> , no PE .....	196
<b>Tabela 24.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero <i>noticiário</i> , no PB .....	197
<b>Tabela 25.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero <i>noticiário</i> , no PE .....	198
<b>Tabela 26.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero <i>noticiário</i> , no PB .....	198
<b>Tabela 27.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>noticiário</i> , no PB .....	199
<b>Tabela 28.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>noticiário</i> , no PE .....	200
<b>Tabela 29.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>carta</i> , no PE .....	203
<b>Tabela 30.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>carta</i> , no PB .....	203
<b>Tabela 31.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>carta</i> , no PE .....	205
<b>Tabela 32.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>carta</i> , no PB .....	205
<b>Tabela 33.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de clítico, no gênero <i>carta</i> , no PB .....	209
<b>Tabela 34.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico, no gênero <i>carta</i> , no PE .....	209
<b>Tabela 35.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero <i>carta</i> , no PB .....	211
<b>Tabela 36.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero <i>carta</i> , no PE .....	211
<b>Tabela 37.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero <i>carta</i> , no PB .....	213
<b>Tabela 38.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero <i>carta</i> , no PE .....	214
<b>Tabela 39.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>editorial</i> , no PE .....	217
<b>Tabela 40.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>editorial</i> , no PB .....	217
<b>Tabela 41.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>editorial</i> , no PE .....	219



<b>Tabela 42.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>editorial</i> , no PB .....	219
<b>Tabela 43.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>editorial</i> , no PB .....	224
<b>Tabela 44.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>editorial</i> , no PE .....	224
<b>Tabela 45.</b> Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero <i>editorial</i> , no PB .....	226
<b>Tabela 46.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero <i>editorial</i> , no PE .....	226
<b>Tabela 47.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV no PE, de acordo com o contexto linguístico .....	236
<b>Tabela 48.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV no PB, de acordo com o contexto linguístico .....	237
<b>Tabela 49.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>entrevista</i> , no PE .....	241
<b>Tabela 50.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>entrevista</i> , no PB .....	241
<b>Tabela 51.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>entrevista</i> , no PE .....	242
<b>Tabela 52.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>entrevista</i> , no PB .....	242
<b>Tabela 53.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero <i>entrevista</i> , no PE .....	245
<b>Tabela 54.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero <i>entrevista</i> , no PB .....	245
<b>Tabela 55.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>entrevista</i> , no PE .....	246
<b>Tabela 56.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>entrevista</i> , no PB .....	246
<b>Tabela 57.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero <i>entrevista</i> , no PE .....	248
<b>Tabela 58.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero <i>entrevista</i> , no PB .....	249
<b>Tabela 59.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>noticiário</i> , no PE .....	251
<b>Tabela 60.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>noticiário</i> , no PB .....	251

<b>Tabela 61.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>noticiário</i> , no PE .....	252
<b>Tabela 62.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>noticiário</i> , no PB .....	252
<b>Tabela 63.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero <i>noticiário</i> , no PE .....	255
<b>Tabela 64.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero <i>noticiário</i> , no PB .....	255
<b>Tabela 65.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>noticiário</i> , no PE .....	257
<b>Tabela 66.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>noticiário</i> , no PB .....	257
<b>Tabela 67.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero <i>noticiário</i> , no PE .....	258
<b>Tabela 68.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero <i>noticiário</i> , no PB .....	258
<b>Tabela 69.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>carta</i> , no PE .....	260
<b>Tabela 70.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>carta</i> , no PB .....	261
<b>Tabela 71.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>carta</i> , no PE .....	262
<b>Tabela 72.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>carta</i> , no PB .....	262
<b>Tabela 73.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero <i>carta</i> , no PE .....	267
<b>Tabela 74.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero <i>carta</i> , no PB .....	267
<b>Tabela 75.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>carta</i> , no PE .....	269
<b>Tabela 76.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>carta</i> , no PB .....	270
<b>Tabela 77.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero <i>carta</i> , no PE .....	272
<b>Tabela 78.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero <i>carta</i> , no PB .....	272
<b>Tabela 79.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>editorial</i> , no PE .....	274

<b>Tabela 80.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero <i>editorial</i> , no PB .....	274
<b>Tabela 81.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>editorial</i> , no PE .....	276
<b>Tabela 82.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero <i>editorial</i> , no PB .....	276
<b>Tabela 83.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero <i>editorial</i> , no PE .....	281
<b>Tabela 84.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero <i>editorial</i> , no PB .....	281
<b>Tabela 85.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>editorial</i> , no PE .....	284
<b>Tabela 86.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero <i>editorial</i> , no PB .....	284
<b>Tabela 87.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero <i>editorial</i> , no PE .....	287
<b>Tabela 88.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero <i>editorial</i> , no PB .....	287
<b>Tabela 89.</b> Telejornal mais assistido no Brasil .....	298
<b>Tabela 90.</b> Motivos pelos quais assiste ao <i>Jornal Nacional</i> .....	298
<b>Tabela 91.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré e pós-verbal, de acordo com o gênero jornalístico e o contexto de <i>início absoluto</i> , no PB .....	307
<b>Tabela 92.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré e pós-verbal, de acordo com o gênero jornalístico e o contexto de <i>proclisadores não tradicionais</i> , no PB .....	308
<b>Tabela 93.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o gênero jornalístico e o contexto de <i>início absoluto</i> , no PB .....	309
<b>Tabela 94.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o gênero jornalístico e o contexto de <i>proclisadores tradicionais</i> , no PB .....	309
<b>Tabela 95.</b> Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o gênero jornalístico e o contexto de <i>proclisadores não tradicionais</i> , no PB .....	309

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

<b>cl V</b>	Posição pré-verbal
<b>V-cl</b>	Posição pós-verbal
<b>cl V1 V2</b>	Posição pré-complexo verbal
<b>V1-cl V2</b>	Posição intra-complexo verbal, com ênclise ao verbo auxiliar
<b>V1 cl V2</b>	Posição intra-complexo verbal, com próclise ao verbo principal
<b>V1 V2-cl</b>	Posição pós-complexo verbal
<b>CV</b>	Complexo verbal
<b>Aux</b>	Auxiliar
<b>NdP</b>	Núcleo do predicado
<b>PB</b>	Português brasileiro
<b>PE</b>	Português europeu
<b>PM</b>	Português moçambicano
<b>RTP</b>	Rádio de Televisão de Portugal
<b>SIC</b>	Sociedade Independente de Comunicação
<b>APERJ</b>	Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro
<b>CORDIAL-SIN</b>	<i>Corpus</i> Dialectal para o Estudo da Sintaxe
<b>CRPC</b>	<i>Corpus</i> de Referência do Português Contemporâneo
<b>NURC</b>	Projeto da Norma Linguística Urbana Culta
<b>PEUL</b>	Programa para Estudos do Uso da Língua
<b>PPOM</b>	Panorama do Português Oral de Maputo
<b>GBPS</b>	Galves, Britto e Paixão de Sousa
<b>OCR</b>	<i>Optical Character Recognition</i>
<b>CLUL</b>	Centro de Linguística da Universidade de Lisboa
<b>SoLAR</b>	Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara
<b>SAdj</b>	Sintagma adjetival
<b>SAdv</b>	Sintagma adverbial
<b>SN</b>	Sintagma nominal
<b>SO</b>	Sintagma oracional
<b>SPrep</b>	Sintagma preposicionado
<b>SV</b>	Sintagma verbal
<b>DP</b>	Sintagma determinante
<b>Adv.</b>	Advérbio
<b>Conj. coord.</b>	Conjunção coordenativa
<b>El. subordin.</b>	Elemento subordinativo

<b>OD</b>	Objeto direto
<b>Part. de neg.</b>	Partícula de negação
<b>Prep.</b>	Preposição
<b>Suj.</b>	Sujeito
<b>Pres. ind.</b>	Presente do indicativo
<b>Pret. perf. ind.</b>	Pretérito perfeito do indicativo
<b>Pret. imperf. ind.</b>	Pretérito imperfeito do indicativo
<b>Pret. m.-q.-perf. ind.</b>	Pretérito mais-que-perfeito do indicativo
<b>Fut. pres. ind.</b>	Futuro do presente do indicativo
<b>Fut. pret. ind.</b>	Futuro do pretérito de indicativo
<b>Pres. subj.</b>	Presente do subjuntivo
<b>Pret. imperf. subj.</b>	Pretérito imperfeito do subjuntivo
<b>Fut. subj.</b>	Futuro do subjuntivo
<b>Imperat.</b>	Imperativo

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	23
1.1 Objetivos e hipóteses .....	27
1.2 Metodologia.....	29
1.3 Estruturação da tese desenvolvida.....	30
<b>2 RETOMADA DO OBJETO DE ESTUDO</b> .....	31
2.1 Definições a respeito da natureza dos clíticos .....	32
2.2 Clíticos pronominais e a sua posição a partir de dois enfoques .....	37
2.2.1 Panorama geral da revisão bibliográfica a ser apresentada .....	39
2.2.2 A posição dos clíticos pronominais na abordagem tradicional .....	40
2.2.3 A posição dos clíticos pronominais na abordagem linguística .....	47
2.2.3.1 Em gramáticas descritivas .....	47
2.2.3.2 Em outras pesquisas linguísticas .....	58
2.2.3.2.1 Sob o viés diacrônico .....	58
2.2.3.2.2 Sob o viés sincrônico .....	75
2.4 Sintetizando... ..	84
<b>3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS</b> .....	87
3.1 Um olhar às bases teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista .....	87
3.1.1 Variação diafásica: o <i>estilo</i> no âmbito geral da Sociolinguística .....	97
3.1.1.1 Discutindo a noção de <i>gênero</i> .....	102
3.1.1.1.1 Os gêneros jornalísticos <i>entrevista na TV, noticiário de TV, carta do leitor e editorial</i> .....	106
3.1.1.2 Gêneros textuais e o <i>continuum</i> estilístico – os gêneros como ferramenta da análise de estilo .....	109
3.1.2 Variação diamésica: aspectos envolvidos nas relações entre <i>fala</i> e <i>escrita</i> .....	112
3.1.3 Variação sociocultural: a pluralidade das <i>normas linguísticas</i> presente em comunidades de fala .....	115
3.1.3.1 A conjuntura da(s) norma(s) do português – particularmente do PE e do PB .....	118
3.2 Sintetizando... ..	122

<b>4 PARÂMETROS DE ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	125
4.1 A constituição dos <i>corpora</i> .....	126
4.1.1 Descrição dos materiais investigados .....	130
4.2 Variáveis dependentes .....	135
4.2.1 Variantes em contextos de lexias verbais simples.....	136
4.2.2 Variantes em contextos de lexias verbais complexas.....	137
4.2.2.1 Ênclise a V1 ou próclise a V2? Resultados do <i>teste de percepção</i> .....	139
4.2.2.2 A delimitação de um <i>complexo verbal</i> .....	141
4.3 Variáveis independentes .....	145
4.3.1 Variáveis independentes linguísticas.....	145
4.3.1.1 Grupos de fatores analisados em contextos de lexias verbais simples.....	145
4.3.1.1.1 <i>Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl</i> .....	145
4.3.1.1.2 <i>Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl</i> .....	152
4.3.1.1.3 <i>Tipo de clítico</i> .....	154
4.3.1.1.4 <i>Função do clítico</i> .....	155
4.3.1.1.5 <i>Forma verbal do hospedeiro</i> .....	156
4.3.1.2 Grupos de fatores analisados em contextos de lexias verbais complexas.....	158
4.3.1.2.1 <i>Forma do primeiro verbo do complexo</i> .....	159
4.3.1.2.2 <i>Forma do segundo verbo do complexo</i> .....	161
4.3.1.2.3 <i>Tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal</i> .....	161
4.3.1.2.4 <i>Tipo de complexo verbal</i> .....	162
4.3.2 Variável independente não linguística.....	164
4.3.2.1 Características situacionais dos gêneros textuais .....	164
4.4 Decisões metodológicas e o tratamento estatístico fornecido pelo pacote de programas <i>Goldvarb X</i> .....	167
4.5 As etapas da investigação qualitativa dos gêneros textuais jornalísticos examinados ....	171
<b>5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS</b> .....	172
5.1 Lexias verbais simples [cl V x V-cl]: resultados gerais .....	174
5.1.1 Lexias verbais simples [cl V x V-cl] e o condicionamento linguístico .....	178
5.1.1.1 Lexias verbais simples no gênero <i>entrevista na TV</i> .....	180
5.1.1.2 Lexias verbais simples no gênero <i>noticiário de TV</i> .....	189
5.1.1.3 Lexias verbais simples no gênero <i>carta do leitor</i> .....	201
5.1.1.4 Lexias verbais simples no gênero <i>editorial</i> .....	216

5.1.2 Sintetizando...	227
5.2 Lexias verbais complexas [cl V1 V2 x V1(-)cl V2 x V1 V2-cl]: resultados gerais .....	234
5.2.1 Lexias verbais complexas [cl V1 V2 x V1(-)cl V2 x V1 V2-cl] e o condicionamento linguístico .....	238
5.2.1.1 Lexias verbais complexas no gênero <i>entrevista na TV</i> .....	239
5.2.1.2 Lexias verbais complexas no gênero <i>noticiário de TV</i> .....	249
5.2.1.3 Lexias verbais complexas no gênero <i>carta do leitor</i> .....	259
5.2.1.4 Lexias verbais complexas no gênero <i>editorial</i> .....	273
5.2.2 Sintetizando...	287
5.3 A <i>posição dos clíticos pronominais</i> segundo os gêneros textuais jornalísticos e os <i>continua</i> estilístico e fala/escrita .....	294
5.3.1 Características situacionais dos gêneros <i>entrevista na TV, noticiário de TV, carta do leitor e editorial</i> .....	295
5.3.1.1 A proposta dos <i>continua</i> .....	304
5.3.2 Variação diafásica e os resultados do PB – diferenciação geral entre os gêneros .....	306
5.3.3 Variação, estilo, gêneros textuais, fala/escrita e normas linguísticas: inter-relações e encaminhamentos futuros .....	311
5.3.4 Sintetizando...	313
<b>6 CONCLUSÕES</b> .....	314
<b>7 REFERÊNCIAS</b> .....	321
 <b>APÊNDICES</b>	
Apêndice A .....	338
Apêndice B .....	339
Apêndice C .....	342
Apêndice D .....	358
Apêndice E .....	373
Apêndice F .....	375



## 1 INTRODUÇÃO

[...] *Um modelo de língua que acomode os fatos do uso variável e seus determinantes sociais e estilísticos não só leva a descrições mais adequadas da competência linguística, mas também suscita naturalmente uma teoria da mudança linguística que ultrapassa os estereis paradoxos contra os quais a linguística histórica vem lutando há mais de meio século.*

(WEINREICH; LABOV; HERZOG; 2006[1968], p. 34)

Para a Sociolinguística Variacionista<sup>1</sup>, toda língua apresenta variabilidade, condição essencial para que se dê a mudança linguística. Nessa perspectiva, Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e Labov (1966, 1982, 1994, 2001a, 2003, 2008[1972]) propõem que as variações linguísticas passem a ser investigadas a partir das influências que recebem do próprio sistema interno da língua, mas, também, dos contextos social e estilístico que as envolvem. Dessa maneira, aos que se dedicam à variação, relacionar os fatos linguísticos às heterogeneidades social e estilística se torna mais um propósito a ser cumprido.

Considerando-se que todas as atividades humanas estão relacionadas ao uso da língua (BAKHTIN, 1992[1979]; 2002[1975]), efetivadas através das mais diferentes situações comunicativas, todo material linguístico concreto, e a variação nele contida, é mais bem examinado quando compreendido segundo aspectos referentes à sua produção/recepção. Há, por exemplo, materiais representativos de diversos estilos, modalidades de uso da língua e normas linguísticas, que, de acordo com as suas particularidades (dos menos aos mais monitorados, dos mais próximos à fala aos que mais se aproximam da escrita e dos pertencentes às variedades de menor à maior prestígio), podem se apresentar distribuídos em *continua* (ROMAINE, 2009[1982]; BORTONI-RICARDO, 2004, 2005, 2012; MARCUSCHI, 2008, 2010).

Neste estudo, aposta-se na ideia de que o *continuum* estilístico (informalidade/formalidade) possa funcionar como caminho de difusão de fenômenos em variação. A ele, ainda, correlacionam-se os gêneros textuais (definidos como práticas sociais e textual-discursivas através das quais se dá qualquer comunicação/interação humana) e o *continuum* fala/escrita (oralidade/letramento). Analisam-se nesta pesquisa, portanto, quais

---

<sup>1</sup> Também denominada de Sociolinguística Quantitativa ou Laboviana.

papeis, ainda pouco avaliados, as inter-relações entre estilo, gêneros, línguas falada e escrita e normas desempenham em processos de variação linguística.

Para tal intuito, investiga-se o fenômeno variável da *posição de clíticos pronominais*, que, desde o século XIX, tem sido muito discutido no Brasil e em Portugal, tornando-se, segundo Mattos e Silva (2004a), um dos assuntos mais focalizados pelos estudiosos da língua. Sob aportes teórico-metodológicos diversificados, atualmente, encontra-se uma vasta bibliografia a respeito desse tema na Linguística<sup>2</sup> e, ainda assim, a colocação pronominal continua a ser um tópico atrativo, uma vez que os pronomes clíticos em si reúnem características articuláveis nos distintos níveis da língua e, quanto à sua posição, verificam-se notáveis diferenças entre as variedades do português, particularmente entre as mais investigadas: o português europeu (doravante, PE) e o português brasileiro (doravante, PB).

Adjuntos a lexias verbais simples, os clíticos podem ocupar as posições proclítica, mesoclítica ou enclítica e, adjacentes a lexias verbais complexas<sup>3</sup>, podem se alternar nas posições pré-complexo verbal (pré-CV), intra-complexo verbal (intra-CV), ligados ao primeiro ou ao segundo verbo, ou pós-complexo verbal (pós-CV). Aqui, desenvolve-se um estudo descritivo-comparativo da posição de clíticos entre o PE e o PB. Os pronomes analisados estão inseridos em quatro diferentes gêneros textuais jornalísticos, todos produzidos nos primeiros anos do século XXI, e, conforme o contexto ao qual estão cliticizados – de um único verbo ou de um complexo verbal –, correspondem às variantes pré e pós-verbal (cl V / V-cl) e às variantes pré, intra e pós-CV (cl V1 V2 / V1-cl V2 ou V1 cl V2 / V1 V2-cl), respectivamente<sup>4</sup>.

A escolha dos gêneros jornalísticos considerados se baseia na discussão apresentada por Marcuschi (2008, 2010) sobre os postulados de *concepção* (oral vs. escrito) e *meio* (sonoro vs. gráfico), inerentes à produção/recepção de qualquer gênero textual, e, ainda, na hipótese de que os gêneros selecionados possam ser hierarquizados em um *continuum* estilístico, de acordo com aspectos relacionados à fala e à escrita e, também, segundo outros fatores contextuais que os compõem.

Para Marcuschi (2008, 2010), há gêneros prototípicos da fala, de concepção oral e meio sonoro, gêneros prototípicos da escrita, de concepção escrita e meio gráfico, e gêneros mistos

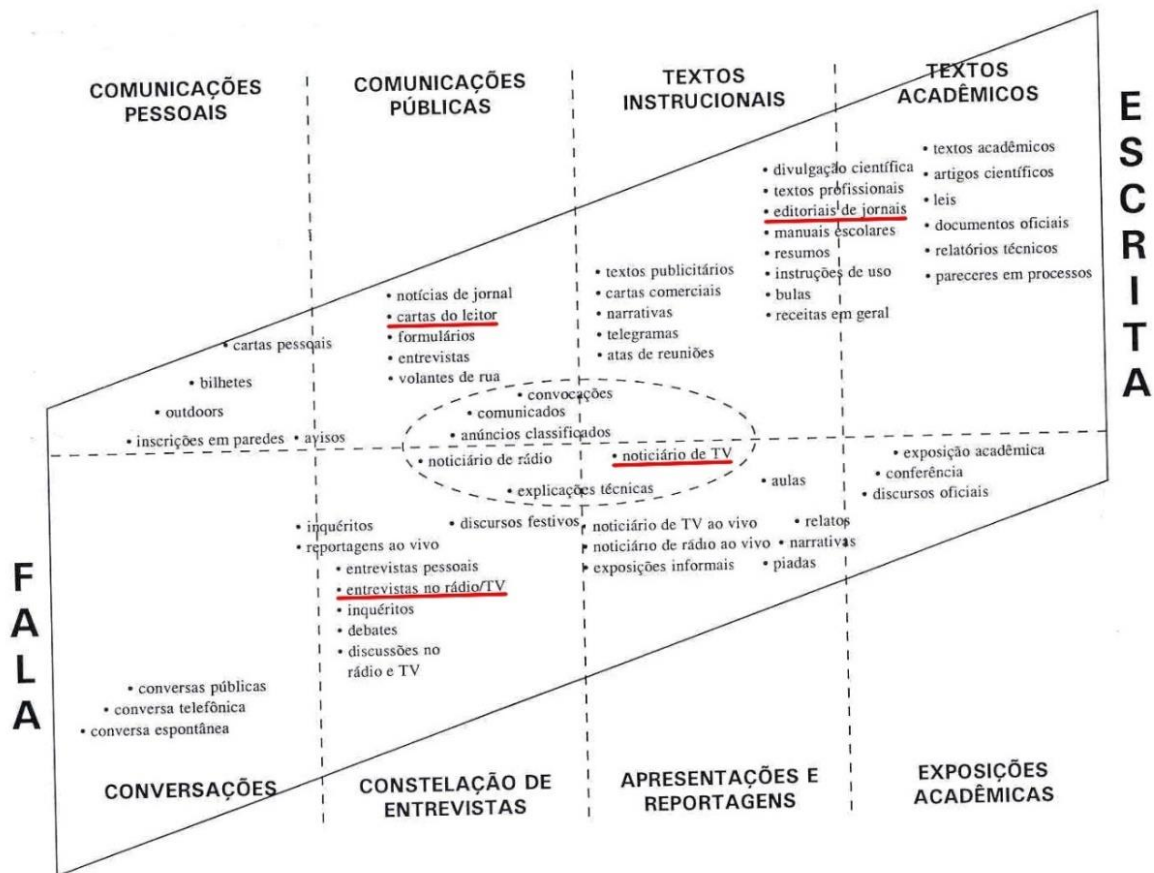
<sup>2</sup> Cf. Pagotto (1992); Martins, A. M. (1994); Cyrino (1996); Lobo (1992, 2001); Vieira, S. R. (2002); Schei (2003); Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005); Carneiro (2005); Machado (2006); Saraiva (2008); Martins, M. A. (2009); Nunes (2009, 2014); Biazolli (2010); Peterson (2010); Santos (2010); Rodrigues Coelho (2011); Vieira, M. de F. (2011); Corrêa, C. M. M. de L. (2012); Moura (2013); Costa, J. C. (2014); dentre outros trabalhos.

<sup>3</sup> Neste estudo, utilizam-se de forma intercambiável os termos *lexia verbal complexa*, *complexo verbal*, *locução verbal*, *estrutura* (ou *construção*) *verbal complexa* e *perífrase verbal*, sem, no entanto, deixar de reconhecer as possíveis peculiaridades de cada expressão.

<sup>4</sup> Não são examinados casos de mesóclise a um único verbo ou ao verbo auxiliar de um CV, dado o número bastante reduzido desses registros nos *corpora*. Outras informações referentes a essa posição aparecem na seção 4.

(ou híbridos), nos quais se veem mesclas de aspectos pertencentes a cada uma das duas modalidades da língua – gêneros de concepção oral e meio gráfico e gêneros de concepção escrita e meio sonoro. Diante dessas noções, segundo o autor, os gêneros textuais aparecem distribuídos no *continuum* fala/escrita (cf. figura 1).

Figura 1. Representação dos gêneros textuais no *continuum* fala/escrita



Fonte: Marcuschi (2010, p. 41, grifos nossos)

No âmbito do domínio discursivo jornalístico, resolve-se observar como os pronomes clíticos se manifestam nos gêneros *entrevista na TV* e *editorial*, prototípicos, nessa devida ordem, da fala e da escrita, conforme indicado por Marcuschi (2008, 2010), e nos gêneros *carta do leitor* e *noticiário de TV*. A respeito das especificações desses dois últimos gêneros, Marcuschi (2008, 2010) é claro ao sublinhar o perfil híbrido do gênero *noticiário de TV* (de concepção escrita e meio sonoro), posicionando-o no *continuum* em um espaço intermediário reservado aos gêneros mistos considerados modelos; com o gênero *carta do leitor*, apesar de o autor não o inserir propriamente nesse grupo distinto localizado no centro da figura, o lugar por ele atribuído às cartas também lhes confere uma condição híbrida, uma vez que são mantidas

acima do tracejado central, no espaço reservado à escrita, mas, ao mesmo tempo, também se aproximam do extremo da fala, possivelmente no que se refere à sua concepção. Cabe a esta pesquisa, entretanto, repensar a concepção discursiva oral do gênero *carta do leitor*, inferida de Marcuschi (2008, 2010); fato perceptível nas reflexões sobre os fundamentos teórico-metodológicos e, em especial, na discussão dos resultados<sup>5</sup>.

A decisão por contemplar, como fonte de coleta dos dados, gêneros do domínio jornalístico se pautava no fato de, por um lado, tais materiais ainda não terem sido suficientemente explorados pela Linguística e, por outro, pelos textos que os representam, através da linguagem, abarcarem o que há de maior prestígio sociocultural, enquanto também podem veicular distintas variantes não padrão (BARBOSA; BALSALOBRE, 2008; BERLINCK; BIAZOLLI, 2011; BERLINCK; BIAZOLLI; BALSALOBRE, 2014).

A variação na posição de clíticos, conforme diversas investigações vêm demonstrando (LOBO, 1992; MARTINS, A. M., 1994; VIEIRA, S. R., 2002, dentre outros estudos), está fortemente ligada à atuação de fatores estruturais, porém, tal evidência não anula a relevância (e a necessidade) de se perscrutar a relação entre a alternância de suas construções e os contextos social e estilístico. Quanto ao condicionamento social, por exemplo, segundo Gonçalves (2008, p.15), “[...] muitos estudos sintáticos renunciam a variáveis sociais antes mesmo de prová-las irrelevantes”. O presente estudo, à vista disso, e por se fundamentar nas premissas da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 1966, 1982, 1994, 2001a, 2003, 2008[1972]), para além de privilegiar os fatores internos atuantes no fenômeno, propõe-se a pensar sobre questões estilísticas e socioculturais, assim como indicado anteriormente. Dando continuidade à investigação dos gêneros textuais iniciada em Biazolli (2010), opta-se por um tratamento da colocação pronominal que avalie as interferências das características situacionais da produção comunicativa sobre a posição desses pronomes.

Ainda se destacam dois pontos desta pesquisa: o porquê de se concentrar na análise de produções do início deste século e o fato de esta reconhecer a pluralidade dialetal presente em cada uma das variedades do português selecionada. No primeiro caso, o recorte temporal estipulado se faz em virtude de ser um período bastante propício a investigações sobre as relações existentes entre língua e sociedade, uma vez que, neste novo milênio, é possível acessar plenamente as informações contextuais necessárias para avaliar as influências de uma sobre a

---

<sup>5</sup> Inicialmente, anuiu-se com a ideia de Marcuschi (2008, 2010), de que a *carta do leitor* seria um gênero misto; no entanto, após o detalhamento das cartas que compuseram os *corpora* (do PE e do PB), julgou-se mais adequado se distanciar/diferir dessa proposta do autor. Volta-se a essa discordância nas seções 3 e 5.

outra. Os novos fenômenos e tendências observáveis causam consequências imediatas sobre as práticas das comunidades, até mesmo no que se refere aos seus hábitos e costumes linguísticos (RAJAGOPALAN, 2003). Sobre o segundo aspecto, embora sejam utilizadas as denominações *PE* e *PB*, quanto aos *corpora* escritos, lida-se com um retrato dessas regiões pautado em dados extraídos principalmente das variedades lisboeta e paulistana, considerando-se, de modo geral, as cidades nas quais são publicados os periódicos consultados em questão – *Público*, de Lisboa, e *O Estado de S. Paulo*, de São Paulo. Todavia, em relação ao material proveniente dos gêneros veiculados na televisão, não há meios para que se proponha uma especificação das variedades, visto que, ao se tratar das entrevistas, por exemplo, encontram-se falantes de diferentes regiões de Portugal e do Brasil. O que se assume, de qualquer modo, é a realidade de se estar abordando a(s) norma(s) culta(s) de cada país, dadas as características, em linhas amplas, do domínio jornalístico.

Na sequência, arrolam-se os objetivos, as hipóteses e a metodologia deste estudo. Além disso, finaliza-se esta seção com uma breve apresentação das partes constitutivas desta tese.

### **1.1 Objetivos e hipóteses**

Como objetivo geral, avalia-se de que modo a questão dos *continua* – estilístico, fala/escrita – e dos gêneros textuais, em termos teóricos, contribui para o entendimento de processos em variação. Para isso, verifica-se como as variantes previstas, referentes ao fenômeno da posição de clíticos pronominais, distribuem-se nos gêneros *entrevista na TV*, *noticiário de TV*, *carta do leitor* e *editorial*, marcados por diferenças relacionadas às suas concepções discursivas, aos seus meios de produção e a outras características situacionais. Dentro desse propósito, encaixa-se, ainda, quanto a essa distribuição das formas, examinar as possíveis similaridades e dessemelhanças entre os textos representativos do PE e do PB.

Tratando-se de um estudo que investiga a variação da colocação pronominal em suas dimensões linguística, social e estilística, incluem-se, dentre os objetivos específicos: (i) a análise de fatores internos possivelmente/potencialmente responsáveis pela alternância das variantes, a fim de corroborar o que outros estudos indicam sobre variáveis dessa natureza e as variedades do português (no caso, o PE e o PB); (ii) a análise das características situacionais dos gêneros jornalísticos escolhidos, com o intuito de aferir se tais traços, de natureza não linguística, influenciam nas formas de realização do fenômeno; e, (iii) observações a respeito da(s) norma(s) linguística(s) referente(s) às variedades em questão, atentando-se às prescrições normativas vigentes e aos usos reais dos pronomes clíticos.

No PE, dentro dessa proposta de *continua*, sem se preocupar neste momento com aspectos bastante específicos relativos aos pronomes, espera-se que a distância entre o falar e o escrever seja discreta, de preferência quando comparada à variedade brasileira. Nos quatro gêneros jornalísticos, ainda que com realizações não idênticas, aguarda-se a predominância da ênclise a verbos simples, exceto nas orações com algum atrator típico de próclise. Quanto à adjunção do pronome a mais de um verbo, aposta-se no uso mais frequente da ênclise ao primeiro ou ao segundo verbo – à exceção dos casos em que constar um operador canônico de próclise, o qual deve condicionar a colocação pré-CV. Presume-se não encontrar a posição pós-CV em casos de construções com o verbo principal na forma participial, em função da vigorosa restrição imposta pela tradição gramatical. A essa colocação se devem associar os casos de clítico acusativo de terceira pessoa adjacente à forma principal infinitiva.

Na variedade brasileira do português, por sua vez, preveem-se usos bem distintos de acordo com a posição dos gêneros no *continuum* estilístico, correlacionado ao *continuum* fala/escrita. Isso porque, inclusive, “[...] o perfil da nossa gramática brasileira (no sentido de gramática normativa) tem sido ditado pela tradição portuguesa e só este fato torna o vácuo entre língua oral e escrita muito mais profundo no Brasil do que em Portugal” (TARALLO, 1996, p. 70). Dessa maneira, por ser a forma mais produtiva do PB atual, imagina-se o domínio da próclise, entretanto, em escala diferenciada: em ordem decrescente, nos gêneros *entrevista na TV*, *noticiário de TV*, *carta do leitor* e *editorial*. Nos dois primeiros gêneros, hipotetiza-se a marca acentuada da anteposição do pronome ao verbo simples até mesmo no contexto de início absoluto de oração/período. Nas cartas e nos editoriais, entretanto, supõe-se a ênclise na abertura de sentenças. Quanto às construções verbais complexas, acredita-se na preponderância do pronome em posição intra-CV, com próclise ao segundo verbo, nos gêneros *entrevista na TV* e *noticiário de TV*, independentemente do contexto. Nos outros dois gêneros – *carta do leitor* e *editorial* –, em orações com algum constituinte que motive a próclise, devem ser encontrados pronomes proclíticos ao verbo auxiliar, mas, ainda em notável proporção, também pronomes proclíticos ao verbo principal, assinalando a forte preferência dos usuários pela posição V1 cl V2. A variante pós-CV deve aparecer de forma mais marcante com verbos no infinitivo, na presença do clítico acusativo de terceira pessoa<sup>6</sup>.

Com este estudo, por último, deseja-se colaborar com a profícua discussão, vigente na literatura linguística, acerca da posição de clíticos pronominais e, de modo mais amplo, além

---

<sup>6</sup> Em função da tipologia das regras linguísticas (*categórica*, *semicategórica* e *variável*) (LABOV, 1966, 1982, 1994, 2001a, 2003, 2008[1972]), na seção 3, nos quadros 8 e 9, as hipóteses para o PE e o PB são retomadas e mais bem circunstanciadas.

de auxiliar no aprofundamento do quadro teórico relacionado às variações diafásica, diamésica e sociocultural, intenciona-se cooperar com a pesquisa sociolinguística desenvolvida em Portugal e no Brasil, acrescentando-se mais resultados à descrição dessas variedades e da língua portuguesa como um todo.

## 1.2 Metodologia<sup>7</sup>

Os pronomes clíticos analisados, relacionados a quaisquer contextos e não somente àqueles apresentados na literatura como espaços de divergência, foram extraídos dos programas televisivos portugueses *Herman (2010-2013)* e *Jornal da Noite*, transmitidos respectivamente pelas emissoras Rádio e Televisão de Portugal (RTP) e Sociedade Independente de Comunicação (SIC), das exibições brasileiras *Programa do Jô* e *Jornal Nacional*, ambas veiculadas pela Rede Globo de Televisão, e dos periódicos *Público* e *O Estado de S. Paulo*.

Sob o arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, depois de observadas as possíveis variáveis linguísticas atuantes na realização do fenômeno, recorreu-se ao programa estatístico Goldvarb X (SANKOFF et al., 2005). No caso de adjacência a um único verbo (cl V / V-cl), os resultados apresentados se referiram aos grupos de fatores linguísticos apontados como mais relevantes para a posição dos pronomes, e se optou pela descrição e discussão dos dados a partir da próclise, a forma mais recorrente, nos dias de hoje, na variedade brasileira. Em relação aos casos de adjacência a mais de um verbo (cl V1 V2 / V1-cl V2 ou V1 cl V2 / V1 V2-cl), exploraram-se as análises restritas a cálculos de frequência e, ainda, os devidos cruzamentos entre os fatores das variáveis linguísticas.

Em seguida, investiu-se nas análises qualitativas referentes às características situacionais dos gêneros jornalísticos, para que a distribuição desses gêneros nos *continua* estilístico e fala/escrita fosse estabelecida e, conseqüentemente, a ação de fatores contextuais sobre a colocação dos clíticos fosse mensurada.

Após o detalhamento dos resultados, encerrou-se com a reflexão se se chegou aos objetivos propostos e à comprovação das hipóteses.

---

<sup>7</sup> Nesta subseção, são sucintas as ponderações referentes à metodologia aplicada. Na seção 4, há o aprofundamento das etapas desenvolvidas.

### 1.3 Estruturação da tese desenvolvida

Este trabalho se apresenta dividido em sete partes. A esta seção, reservam-se as considerações introdutórias.

Na segunda seção, trata-se da posição de clíticos pronominais, segundo uma revisão bibliográfica baseada em dois enfoques: o tradicional e o linguístico. Aquele faz menção ao tratamento da colocação pronominal nas gramáticas tradicionais; e, este, nas gramáticas descritivas e em pesquisas linguísticas. Antes de se ater propriamente à posição que ocupam nas orações, entretanto, ainda na segunda seção, são levantadas algumas definições sobre a natureza dos clíticos.

Na terceira seção, contempla-se a fundamentação teórica aqui adotada, com exposição dos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas e dos entrecruzamentos indicados neste estudo entre estilo, gêneros textuais, modalidades de uso da língua, normas e variação linguística.

Na quarta parte, apresenta-se o universo desta investigação, explicitando-se todos os procedimentos metodológicos seguidos, desde a constituição dos *corpora* utilizados até as descrições das variáveis (dependentes e independentes). Especificam-se as análises quantitativas e qualitativas – em relação às últimas, situam-se os detalhes das características situacionais dos gêneros. Tais esclarecimentos se fecham para, então, na quinta seção, os resultados alcançados serem apresentados e discutidos.

A sexta seção se destina às conclusões, sendo seguida pelas referências bibliográficas.



## 2 RETOMADA DO OBJETO DE ESTUDO

*Sem dúvida, o tema da ordem dos clíticos é 'fértil' para diversas especulações científicas na busca de respostas a questões advindas da interface gramatical. Trata-se de uma **aventura** em que o **retorno** é garantido, mas certamente para novas **partidas**.*

(VIEIRA, S.R., 2002, p. 428, grifo da autora)

O campo a ser explorado por estudos que se dedicam aos clíticos pronominais é multifacetado. Um olhar sob a perspectiva fonética/fonológica ao pronome clítico pode revelar importantes fatos sobre os padrões rítmicos de determinada língua, pois o clítico pronominal, por não ter força acentual própria, apresenta caráter de dependência em relação a um hospedeiro, formando com este um só vocábulo fonológico. A visão morfológica, por sua vez, pode refletir aspectos que consolidam a categoria gramatical desse pronome. E, por último, os clíticos pronominais podem ser apreendidos pelo ângulo sintático quando avaliadas suas posições nas orações.

Na literatura linguística, no que se refere a essa interface entre os componentes fonológico, morfológico e sintático, percebe-se certa divergência quanto à classe gramatical dos clíticos, uma vez que são encontrados estudos que os aproximam das propriedades de um afixo e outros que renegam essa equiparação. Por outro lado, nota-se unanimidade quanto ao caráter átono desses elementos. Vieira, S. R. (2002), por exemplo, revela que os pronomes clíticos possuem natureza sintática de palavras e aspectos fonológicos de afixos.

Dada essa aclaração, nesta pesquisa, os clíticos pronominais são tomados primordialmente pela perspectiva sintática, visto que o foco deste estudo se concentra na posição desses pronomes em lexias verbais simples e em complexos verbais. Na verdade, as análises aqui desenvolvidas consideram sobretudo os contextos morfossintáticos ao redor dos pronomes átonos<sup>8</sup>. Tanto o plano morfológico quanto o sintático se mostram fundamentais para a observação desse fenômeno. Embora a face fonológica não seja focalizada nesta investigação, não se deve considerá-la completamente excluída das observações aqui tecidas. A sua função passa a ser a de fornecer informações adicionais que possam auxiliar no entendimento da colocação pronominal.

Apresenta-se, nesta seção, como determinadas fontes bibliográficas, pautadas em explicações morfossintáticas e/ou fonológicas, têm tratado o comportamento dos clíticos

---

<sup>8</sup> Cf. seção 4, no que diz respeito aos procedimentos adotados quanto à análise dos fatores internos.

pronominais em português, recorrendo a discussões de cunhos prescritivo e descritivo (explicativo). Revisitam-se, portanto, de um lado, aspectos normativos postulados sobre a colocação pronominal e, de outro, o que um enfoque linguístico – através de gramáticas descritivas e estudos linguísticos recentes (estes sob os vieses diacrônico e sincrônico) – elucida acerca da posição desses pronomes.

Antes de se voltar a essa revisão bibliográfica, entretanto, discorre-se brevemente sobre a própria conceituação deste elemento, o clítico (e, por conseguinte, os clíticos pronominais), e os seus limites diante de sua categorização como afixo e como palavra, conforme exposto imediatamente na sequência.

## 2.1 Definições a respeito da natureza dos clíticos

A alguns vocábulos gramaticais são atribuídos os termos *átonos* ou *clíticos*, uma vez que apresentam função de morfema, figurando sem acento na frase. Segundo Matthews (1997, p. 56, tradução nossa)<sup>9</sup>, clítico é

Um elemento gramatical tratado como uma palavra independente na sintaxe, mas que forma uma unidade fonológica com a palavra que o precede ou o segue. Por exemplo, em grego antigo *tis* é um clítico em *nêsós tis* – ‘uma (certa) ilha’ –: ele é flexionado de forma independente (neste caso como nominativo singular), mas acentuadamente ele forma uma unidade com a palavra ‘ilha’ (basicamente *nêsós*) que o precede.

A definição apontada remete a todas as partículas átonas – como, por exemplo, artigos, preposições e conjunções – e não só aos pronomes oblíquos átonos, objeto de interesse desta pesquisa. Em Brito, Duarte e Matos (2003[1983]), observa-se a distinção, que remonta a Zwicky (1977), entre *clíticos especiais* e *clíticos simples*. Segundo as autoras, tanto os clíticos pronominais – também conhecidos por clíticos especiais – como os artigos, as preposições e as conjunções – referidos também como clíticos simples –, por serem átonos, são dependentes de unidades lexicais com acentuação própria, que se designam como seus hospedeiros. As diferenças entre esses dois tipos de clítico se devem a dois fatos: o primeiro é que os pronomes clíticos dependem do acento de uma classe de palavras específica, o verbo, distintivamente dos

---

<sup>9</sup> *A grammatical element treated as an independent Word in syntax but forming a phonological unit with the Word that precedes or follows it. E.g. Ancient Greek tis is a clitic in nêsós tis ‘a (certain) island’: it is inflected independently (in this case as nominative singular) but accentually it forms a unit with the word for ‘island’ (basically nêsós) that precedes it. (MATTHEWS, 1997, p. 56)*

clíticos simples que se cliticizam a qualquer palavra que lhes segue de imediato e, o segundo, refere-se aos artigos, preposições e conjunções sempre precederem as palavras que os acolhem enquanto os pronomes não têm uma posição fixa relativamente ao verbo, podendo precedê-lo, segui-lo ou ocorrer em seu interior (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983]).

Realçando-se a categoria da qual se ocupa este estudo, a dos pronomes, e se tratando de cliticização pronominal, considera-se enriquecedor e produtivo, respectivamente, apresentar de maneira sucinta uma definição geral para os pronomes e reforçar o que são os clíticos pronominais. Para isso, recorre-se aos trabalhos de Câmara Jr. (1976, 2004[1970]) sobre a morfologia do português. De acordo com o estudioso, no que tange aos pronomes,

Toda língua possui um sistema de formas, destinadas a situar os elementos do mundo biossocial, que interessam à expressão linguística, no quadro de um ato de comunicação. Em vez de serem representados por formas linguísticas que os evoquem e simbolizem de acordo com o conceito que tem de cada um deles a comunidade falante, como sucede nas formas nominais e nas formas verbais, eles passam a ser indicados pela posição que ocupam no momento de uma mensagem linguística. Essas formas, assim meramente indicativas, ou dêiticas em sentido amplo, são os pronomes. (CÂMARA JR., 1976, p. 89)

Conforme Câmara Jr. (2004[1970], p. 117) diz, os pronomes são caracterizados, portanto, pela noção gramatical de pessoa, destacando-se que

Há um falante – *eu*, que pode associar a si uma ou mais pessoas – *nós*, constituindo a primeira pessoa do singular, ou P1, e a primeira pessoa do plural, ou P4. A eles se opõe um ouvinte (segunda pessoa do singular ou P2) – *tu*, ou mais de um ouvinte (segunda pessoa do plural ou P5) – *vós*. Todos os seres que ficam fora do eixo falante – ouvinte, constituem a terceira pessoa do singular, ou P3, ou a terceira pessoa do plural (P6) – *ele*, com o feminino *ela*, e *eles*, com o feminino *elas*, respectivamente (alternância submorfêmica /ê/ : /è/ no radical feminino).

A essas formas pronominais pessoais, definidas como retas e caracterizadas como tônicas e livres, colocam-se, ao lado, outras duas séries de formas consideradas oblíquas. Os pronomes clíticos se referem a uma dessas formas oblíquas, segundo Câmara Jr. (2004[1970], p. 117), à forma “adverbal, isto é, usada como forma dependente junto a um verbo, para expressar um complemento, que fonologicamente é uma partícula proclítica ou enclítica do verbo; respectivamente: *me, nos; te, vos; o, a, ou lhe; os, as, ou lhes*”. Em vista disso, os pronomes pessoais oblíquos átonos são os clíticos pronominais.

No caso do PB, a alteração na composição do quadro pronominal, com a implementação de *você* e *a gente* no sistema de pronomes pessoais, ocasionou, além da simplificação da flexão

verbal e do preenchimento obrigatório do sujeito, certas reorganizações gramaticais, como a do subsistema dos pronomes possessivos e a do subsistema dos pronomes átonos, que exercem a função de complemento (MENON, 1995; LOPES, 2007). Destacando-se estes últimos pronomes, os quadros a seguir apresentam o sistema pronominal veiculado na tradição gramatical e o que está, de fato, em uso no PB.

Quadro 1. Sistema pronominal e a descrição tradicional

Pessoa	Pron. Suj.	<i>Pron. Comp. Direto</i>	Possessivos
P1	eu	<i>me</i>	meu/minha
P2	tu	<i>te</i>	teu/tua
P3	ele/ela	<i>o, a/lhe/(se)</i>	seu/sua
P4	nós	<i>nos</i>	nosso(a)
P5	vós	<i>vos</i>	vosso(a)
P6	eles/elas	<i>os, as/lhes/(se)</i>	seu(s)/sua(s)

Fonte: Adaptação de Lopes (2007, p. 115)

Quadro 2. Sistema pronominal e a situação atual no PB

Pessoa	Pron. Suj.	<i>Pron. Comp. Direto</i>	Possessivos
P1	eu	<i>me</i>	meu/minha
P2	tu/você	<i>te, lhe, (se), você</i>	teu/tua/seu/sua/de você
P3	ele/ela	<i>o, a/(se)/lhe/ele(a)</i>	seu/sua/dele(a)
P4	nós/a gente	<i>nos/a gente</i>	nosso(a)/da gente
P5	vocês	<i>vocês/lhes/se</i>	seu(s)/suas(a)/de vocês
P6	eles/elas	<i>os, as/(se)//lhes/eles(as)</i>	seu(s)/sua(s)/deles(as)

Fonte: Adaptação de Lopes (2007, p. 116)

Para Lopes (2007, p. 116), a respeito do ensino das formas pronominais no Brasil,

Deixar de apresentar aos alunos o atual sistema em toda a sua complexidade é um equívoco, mas não mencionar a existência dos pronomes em desuso será um equívoco ainda maior. [...] Defende-se a apresentação paralela do novo quadro (não a mera substituição do antigo) e a aceitação das consequências geradas pela inserção das novas formas pronominalizadas no quadro geral de pronomes, como, por exemplo, a fusão/o sincretismo do paradigma de 2<sup>a</sup>. com o de 3<sup>a</sup>. pessoa do singular com as devidas repercussões nos possessivos e pronomes-complemento, a reformulação do sistema de tratamento da segunda pessoa do discurso (arcaização de *vós* e desenvolvimento de *vocês* e *senhor*), o rearranjo na conjugação verbal, as alterações na formação do imperativo etc, etc.

Retomando a discussão sobre os clíticos pronominais, segundo Câmara Jr. (1976, 2004[1970]), o pronome átono é um vocábulo formal que corresponde a uma forma dependente. Para o autor, “o vocábulo formal é a unidade a que se chega, quando não é possível nova divisão

em duas ou mais formas livres” (CÂMARA JR., 2004[1970], p. 69). Quanto ao conceito de *forma dependente*, acrescenta:

Conceitua-se assim uma forma que não é livre, porque não pode funcionar isoladamente como comunicação suficiente; mas também não é presa, porque é suscetível de duas possibilidades para se disjuntir da forma livre a que se acha ligada: de um lado, entre ela e essa forma livre pode se intercalar uma, duas ou mais formas livres *ad libitum* (*a grande, promissora e excelente lei*). Por outro lado, quando tal não é permissível (nos pronomes átonos que funcionam junto ao verbo), resta a alternativa dela mudar de posição em relação à forma livre a que está ligada, o que não ocorre absolutamente com uma forma presa: ao lado de – *se fala*, há também a construção *fala-se* etc. (CÂMARA JR., 2004[1970], p. 70, grifo do autor)

Câmara Jr. (1988[1977]) indica que a próclise – inclinação para a frente, referindo-se à adjunção do vocábulo auxiliar átono ao vocábulo que o sucede – é a posição mais recorrente das formas dependentes que, conforme descrito, são destituídas de acento. No PB, por exemplo, segundo o estudioso, há uma orientação generalizada ao uso proclítico do pronome e o desfavorecimento da ênclise. Ainda em relação a essas posições, Câmara Jr. (1988[1977]) argumenta que, na próclise, o vocábulo átono, que se torna a sílaba inicial do vocábulo seguinte, apresenta atonicidade mínima, enquanto que, na ênclise, observa-se atonicidade máxima, uma vez que tal posição é resultado da integração de um vocábulo átono ao hospedeiro que o antecede.

À procura de certo detalhamento sobre o caráter de dependência das partículas átonas, examinado na interface gramatical, delineiam-se os limites entre clíticos e afixos (ZWICKY; PULLUM, 1983) e entre clíticos e palavras (ZWICKY, 1985), com vistas à compreensão das propriedades clíticas. Assim, de acordo com Zwicky e Pullum (1983, p. 503-504, tradução nossa)<sup>10</sup>, há seis traços que diferenciam os clíticos dos afixos. São eles:

<sup>10</sup> A. Clitics can exhibit a low degree of selection with respect to their hosts, while affixes exhibit a high degree of selection with respect to their stems. B. Arbitrary gaps in the set of combinations are more characteristic of affixed words than of clitic groups. C. Morphophonological idiosyncrasies are more characteristic of affixed words than of clitic groups. D. Semantic idiosyncrasies are more characteristic of affixed words than of clitic groups. [...] E. Syntactic rules can affect affixed words, but cannot affect clitic groups. F. Clitics can attach to material already containing clitics, but affixes cannot. (ZWICKY; PULLUM, 1983, p. 503-504)

- A. Os clíticos podem exibir um baixo grau de seletividade no que se refere aos seus hospedeiros, enquanto os afixos exibem um alto grau de seletividade no que diz respeito a suas raízes.
- B. Lacunas arbitrárias no jogo de combinações são características mais de palavras afixadas do que de grupos clíticos.
- C. Idiossincrasias morfofonológicas são mais características de palavras afixadas do que de grupos clíticos.
- D. Idiossincrasias semânticas são mais características de palavras afixadas do que de grupos clíticos. [...]
- E. Regras sintáticas podem afetar palavras afixadas, mas não podem afetar grupos clíticos.
- F. Os clíticos podem se ligar a um material que já contenha clíticos, mas os afixos não o podem.

Vieira, S. R. (2002), fundamentada nessas propriedades descritas por Zwicky e Pullum (1983), discute a natureza dos clíticos pronominais em português. De acordo com a autora, os pronomes átonos portugueses se assemelham aos afixos nas seguintes características: (i) serem seletivos em relação a seus hospedeiros; (ii) no caso dos pronomes *o(s)/a(s)*, ocasionarem alterações morfofonológicas nas formas verbais e em suas próprias formas; (iii) encontrarem-se adjacentes aos verbos do mesmo modo que um afixo figura adjacente à raiz a que se liga; (iv) modificarem-se de acordo com imposições de seus hospedeiros (por exemplo, o traço gramatical de caso), assim como a seleção de afixos flexionais é afetada segundo as relações gramaticais ditadas pelos vocábulos que os acomodam; e (v) pertencerem a um grupo relativamente pequeno e fechado, bem como os afixos flexionais, contrapondo-se às classes abertas – nome, adjetivo, verbo. Por outro lado, entretanto, segundo Vieira, S. R. (2002, p. 386)<sup>11</sup>,

[...] há duas características do pronome átono do português que impedem o seu tratamento como afixo, no sentido estrito da palavra: (i) eles não se ligam a raízes vocabulares, mas a uma instância sintática; e (ii) por não constituírem, efetivamente, ‘formas presas’, têm mobilidade relativa no enunciado, podendo antepor-se ou pospor-se ao verbo.

Quanto à relação entre a natureza do clítico e a natureza do vocábulo, para avaliar a distinção entre ambas e identificar aspectos de cada categoria, Zwicky (1985) propõe quatro tipos básicos de testes – a saber: fonológicos, acentual, relacionados às semelhanças dos clíticos com os afixos e, ainda, sintáticos. Após aplicar os testes sintáticos para a realidade dos pronomes átonos do português, Vieira, S. R. (2002, p. 392, grifo da autora) acaba por enquadrá-los na categoria de palavras já que

<sup>11</sup> Para outros estudos que retratam as diferenças entre clíticos e afixos, tomando como base a língua portuguesa, ver Bisol (2000, 2005) e Vigário (2001).

(i) [...] o pronome do Português está sujeito ao apagamento quando idêntico (p. ex.: <eu o<sub>i</sub> vi e Ø<sub>i</sub> admirei>); (ii) sendo o próprio clítico uma proforma de um referente representável por um SN [sintagma nominal], pode vir retomado, por ele próprio, numa espécie de proforma por substituição repetitiva (cf. KOCH, 1990), como em <eu o vi e o admirei>; e (iii) está sujeito à regra de movimento, podendo antepor-se ou pospor-se ao verbo.

O pronome *se*, entretanto, de acordo com Vieira, S. R. (2002), parece assumir um comportamento particularizado, uma vez que, de modo geral, não se submeteria, pelo menos na mesma medida dos outros clíticos, ao apagamento, por exemplo<sup>12</sup>.

Como demonstrado, portanto, em particular sobre a análise dos pronomes átonos do português (VIEIRA, S. R., 2002), o clítico pronominal apresenta tanto propriedades afixais quanto características mais relacionadas à categoria de palavras.

## 2.2 Clíticos pronominais e a sua posição a partir de dois enfoques

A cliticização pronominal no português é um assunto frequentemente abordado por um expressivo número de autores. Seguindo orientações teórico-metodológicas particulares, apropriam-se dele por motivos interessantes, tais como o fato de a colocação pronominal assinalar, de maneira clara, forte divergência entre o PE e o PB e, ainda, principalmente no caso do PB, por esse tipo de colocação ser um fenômeno que permite uma compreensão mais apurada do papel das normas linguísticas<sup>13</sup>, uma vez que continua a carregar contundente resistência normativa em alguns pontos.

Neste momento, em busca do conhecimento geral do tema aqui selecionado, apresentam-se considerações acerca da posição dos clíticos pronominais extraídas de um enfoque tradicional e de um linguístico – este subdividido segundo informações provenientes de gramáticas descritivas e de outras pesquisas linguísticas.

A respeito do estabelecimento pioneiro de uma norma lusitana e de uma norma brasileira para a colocação pronominal, sintetizam-se os trabalhos de Figueiredo (1917[1909]) e de Said Ali (2008[1908])<sup>14</sup>. Na sequência, ainda sob uma perspectiva tradicional, apontam-se as

<sup>12</sup> O detalhamento e a aplicação de cada teste podem ser vistos em Zwicky (1985) e em Vieira, S. R. (2002).

<sup>13</sup> Os conceitos referentes às normas linguísticas são apresentados na seção seguinte.

<sup>14</sup> Ao se tratar de Said Ali, reconhece-se a possível falta de concordância quanto ao fato de a sua obra ser considerada sob um enfoque tradicional. Neste estudo, entretanto, assim como assinalado em Biazolli (2010), avalia-se que, a partir de regras detalhadas sobre a colocação pronominal, os comentários de Said Ali se assemelham ao conteúdo presente nas gramáticas elencadas adiante, ainda que o autor seja notavelmente identificado como um historiador da língua portuguesa.

gramáticas de Bechara (2009[1961]), de Rocha Lima (2011[1957]) e de Cunha e Cintra (2013[1985]).

A abordagem linguística, em um primeiro momento, traz o que as gramáticas descritivas de Mateus et al. (2003[1983]) e de Raposo et al. (2013) propõem sobre a colocação dos pronomes clíticos diante, principalmente, da norma-padrão do PE. E, para a variedade do PB, destacam-se as obras de Perini (2005[1995]) e de Castilho (2012). O material desenvolvido por Perini (2005[1995]), segundo o próprio autor, descreve o padrão geral da escrita, “aquela variedade da língua que se manifesta de maneira uniforme nos textos técnicos e jornalísticos de todo o país” (PERINI, 2005[1995], p. 26). Em Castilho (2012), por sua vez, o conteúdo apresentado é a síntese dos resultados obtidos em pesquisas linguísticas sobre o PB desenvolvidas nas últimas três décadas. Para situar esses dados, o autor menciona o *Projeto de Gramática do Português Falado*, iniciado em 1988, e os volumes, a partir de 2006, da *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*<sup>15</sup>.

Por fim, ainda nessa vertente descritiva, evidencia-se o que se tem dito sobre a posição dos clíticos pronominais em investigações linguísticas que se ocupam desses pronomes ligados às lexias verbais simples e/ou a complexos verbais, em análises de natureza diacrônica e/ou sincrônica, nem sempre fundamentadas pelos mesmos princípios teóricos. As pesquisas citadas retratam a colocação pronominal na variedade europeia e/ou na variedade brasileira, a partir de registros oriundos da modalidade escrita e/ou da modalidade falada, coletados nos mais diversos materiais. Não se faz um levantamento exaustivo dos estudos que lidam com a temática dos clíticos, entretanto, pretende-se contemplar informações capazes de dialogar com os resultados aqui alcançados e, também, esclarecimentos que, mesmo às vezes tangenciais às ênfases desta pesquisa, enriquecem o conhecimento que se tem, até hoje, a respeito desse assunto. Por questões organizacionais, opta-se por uma apresentação que privilegie, primeiro, os estudos desenvolvidos sob o viés diacrônico e, posteriormente, os de natureza sincrônica. São eles, sob aquela perspectiva, Pagotto (1992), Lobo (1992), Martins, A. M. (1994), Cyrino (1996), Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) – doravante, GBPS –, Carneiro (2005), Martins, M. A. (2009), Nunes, C. da S. (2009), Biazolli (2010) e Santos (2010), e, sob esta, Vieira, S. R. (2002), Schei (2003), Saraiva (2008), Peterson (2010), Rodrigues Coelho (2011) e Vieira, M. de F. (2011).

---

<sup>15</sup> Os volumes da *Gramática do Português Culto Falado no Brasil* (JUBRAN; KOCH, 2006; ILARI; NEVES, 2008; KATO; NASCIMENTO, 2009; ABAURRE, 2013; ALVES; RODRIGUES, 2015) se fundamentam na documentação e na descrição das normas cultas obtidas através do *Projeto da Norma Linguística Urbana Culta* (Projeto NURC), iniciado em 1969. Esse projeto pioneiro foi direcionado à análise dos falares de pessoas de nível de escolaridade superior, de cinco capitais brasileiras: Recife, Salvador, Rio de Janeiro, São Paulo e Porto Alegre.



### 2.2.1 Panorama geral da revisão bibliográfica a ser apresentada

Conforme as abordagens – tradicional e linguística –, consultam-se as seguintes fontes:

Quadro 3. Obras de cunho tradicional apresentadas na revisão bibliográfica

<b>AUTOR (ANO)</b>	<b>TÍTULO DA OBRA</b>
Figueiredo (1917[1909])	<i>O problema da colocação de pronomes: suplemento às gramáticas portuguesas</i>
Said Ali (2008[1908])	<i>Dificuldades da língua portuguesa</i>
Bechara (2009[1961])	<i>Moderna gramática portuguesa</i>
Rocha Lima (2011[1957])	<i>Gramática normativa da língua portuguesa</i>
Cunha e Cintra (2013[1985])	<i>Nova gramática do português contemporâneo</i>

Quadro 4. Gramáticas descritivas apresentadas na revisão bibliográfica

<b>AUTOR (ANO)<sup>16</sup></b>	<b>TÍTULO DA OBRA</b>
Mateus et al. (2003[1983]) - Brito, Duarte e Matos (2003[1983])	<i>Gramática da língua portuguesa Tipologia e distribuição das expressões nominais</i>
Raposo et al. (2013) - Martins, A. M. (2013)	<i>Gramática do português – volume II Posição dos pronomes pessoais clíticos</i>
Perini (2005[1995])	<i>Gramática descritiva do português</i>
Castilho (2012)	<i>Nova gramática do português brasileiro</i>

Quadro 5. Estudos linguísticos diacrônicos apresentados na revisão bibliográfica

<b>AUTOR (ANO)</b>	<b>TÍTULO DO ESTUDO</b>
Pagotto (1992)	<i>A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico</i>
Lobo (1992)	<i>A colocação dos clíticos em português: duas sincronias em confronto</i>
Martins, A. M. (1994)	<i>Clíticos na história do português</i>
Cyrino (1996)	<i>Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos</i>
GBPS (2005)	<i>The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese</i>
Carneiro (2005)	<i>Cartas brasileiras (1809 – 1904): um estudo linguístico-filológico</i>
Martins, M. A. (2009)	<i>Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20</i>
Nunes, C. da S. (2009)	<i>Um estudo sociolinguístico sobre a ordem dos clíticos em complexos verbais no PB e no PE</i>
Biazolli (2010)	<i>Clíticos pronominais no português de São Paulo: 1880 a 1920 – uma análise sócio-histórico-linguística</i>
Santos (2010)	<i>Análise diacrônica da colocação pronominal nas variedades brasileira e europeia do português literário: um estudo segundo o conjugado “variação-mudança &amp; cliticização”</i>

<sup>16</sup> Nas obras que tomam como referência o PE, são destacados os autores responsáveis pelos capítulos sobre os pronomes clíticos e, ainda, os respectivos títulos dessas seções.

Quadro 6. Estudos linguísticos sincrônicos apresentados na revisão bibliográfica

<b>AUTOR (ANO)</b>	<b>TÍTULO DO ESTUDO</b>
Vieira, S. R. (2002)	<i>Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português</i>
Schei (2003)	<i>A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea</i>
Saraiva (2008)	<i>A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inqueritos do Projeto NURC: uma análise contrastiva</i>
Peterson (2010)	<i>A ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas em cartas de leitor: uma contribuição da sociolinguística variacionista</i>
Rodrigues Coelho (2011)	<i>A ordem dos clíticos pronominais: uma análise sociolinguística da escrita escolar do Rio de Janeiro</i>
Vieira, M. de F. (2011)	<i>A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no português europeu oral contemporâneo: uma investigação sociolinguística</i>

### 2.2.2 A posição dos clíticos pronominais na abordagem tradicional

Atribui-se a Figueiredo (1917[1909]) uma das primeiras sistematizações das regras de colocação pronominal na língua portuguesa. Para o filólogo português, a ordem dos clíticos está relacionada à possibilidade de determinados vocábulos atraírem os pronomes átonos. Quando não presentes tais elementos, os pronomes são naturalmente<sup>17</sup> enclíticos. Quanto à atração em si, esta pode se dar pela própria categoria gramatical do termo antecedente ou pelo seu significado.

É notório o caráter prescritivista da obra de Figueiredo (1917[1909]), produzida com o intuito não só de “corrigir” alguns usos do pronome clítico no português observado em Portugal, considerados por ele “errados”, mas, sobretudo, de regularizar o emprego desses pronomes adjungidos ao verbo no PB. Figueiredo (1917[1909], p. 17, grifo do autor) diz que, “evidentemente, o assunto interessa especialmente ao *Brasil*, mas não se suponha que *Portugal* está isento de incorreções sobre a *colocação de pronomes*”.

A respeito do PB, considerando principalmente o registro do pronome átono em posição inicial absoluta no período e a posposição do pronome em oração subordinada, o autor busca reconhecer se a colocação pronominal brasileira é autêntica e portuguesa, atestando, no fim, tratar-se de construções sintáticas que nunca teriam sido portuguesas e, sim, construções de

<sup>17</sup> Aos termos *natural(mente)* e *normal*, presentes nos compêndios apresentados, atribui-se o sentido de *não marcado*. No entanto, por tais obras se basearem no português utilizado por pessoas cultas, ainda que em épocas e localidades diferentes, pode-se assumir que o que apresentam como *normal* (no sentido do mais comum) é também *normal* no sentido normativo (do que é valorizado).

substrato africano. Nesse sentido, há incoerência na argumentação do estudioso português. Segundo Lobo (1992, p. 47),

Para explicar a ocorrência da colocação pré-verbal do clítico, no português brasileiro, em contextos em que esse tipo de colocação não se verifica no português europeu, [Figueiredo] considera relevante o fato de esta ser a variante de colocação dos clíticos característica das línguas banto. Tratando-se, todavia, da situação oposta, isto é, de contextos em que, no português brasileiro, a colocação pós-verbal se verifica, apesar de, no português europeu, ocorrer a variante pré-verbal de colocação do clítico, o que importa já não é o fato de nas línguas banto o clítico ocupar uma posição fixa, pré-verbal, mas a ordem livre das palavras na frase.

Sobre os “erros” cometidos no PE, Figueiredo (1917[1909]) somente os aponta – destaca, por exemplo, o uso do pronome enclítico em contextos com elementos que ocasionariam a colocação pré-verbal –, expondo a sua reprovação, sem, no entanto, buscar os porquês de suas realizações.

O material que serve de análise para o filólogo são textos produzidos por escritores brasileiros e portugueses modernos e, também, nas palavras do autor, por mestres antigos. Figueiredo (1917[1909]), munido de diversas obras, registra todas as passagens em que, por influências de determinados vocábulos, locuções ou circunstâncias, há próclise ou ênclise dos pronomes átonos. Resumidamente, Figueiredo (1917[1909]) considera como palavras atrativas determinados adjetivos, proposições negativas, pronomes, advérbios, conjunções, preposições, o predicado composto e demais complementos (circunstanciais)<sup>18</sup>. Para ele, quanto à colocação, outros aspectos ainda podem se fazer notar, a saber: a influência da distância na interrupção da atração, a atração por natureza, a entonação e a pausa, a inversão dos pronomes pessoais e a eufonia.

Na maior parte dos contextos apresentados por Figueiredo (1917[1909]), não há categoricidade para a colocação pronominal. As exceções se tornam, assim, recorrentes. De acordo com Lobo (1992), o comportamento do filólogo português pode ser sintetizado do seguinte modo: (a) diante de diferenças entre a colocação dos pronomes no PE e no PB, as opções brasileiras, desde que não representem as mesmas dos escritores antigos, são sempre consideradas impróprias; (b) por outro lado, a colocação pronominal do PE, se divergente da brasileira e da antiga, não é reprovada e, sim, atribuída à representação de uma linguagem

---

<sup>18</sup> As especificações dessas regras podem ser vistas no próprio trabalho de Figueiredo (1917[1909]). Como adiante constam as recomendações pormenorizadas feitas por compêndios gramaticais atuais – em parte, repercutindo o trabalho do filólogo português –, decide-se aqui somente citar de modo geral o que, segundo o autor, favoreceria a próclise.

corrente; (c) diante de divergências entre os casos brasileiros e portugueses e também havendo variação entre os antigos escritores, o uso do português moderno é o aprovado; (d) havendo variação entre os escritores portugueses, a forma mais conservadora é a escolhida; e, por último, (e) a intenção e a entoação ainda podem aparecer como justificativas para certos usos condenados.

Em Said Ali (2008[1908]), também se vê empenho em assegurar uma norma de colocação pronominal no português. Segundo o autor, os pronomes átonos são pospositivos, portanto, enclíticos, e têm na posição pós-verbal a sua forma normal de colocação. Para ele,

Posposto ao verbo, o pronome átono ocupa o lugar que na construção usual compete aos complementos, singularizando-se apenas por vir foneticamente unido ao verbo e a ele subordinado. Consideraremos, portanto, esta como a colocação normal. Antecipando-se, porém, ao termo regente, por solicitação de outro vocábulo, a que se submete e liga, haverá o que eu chamarei uma deslocação, uma atração puramente fonética. (SAID ALI, 2008[1908], p. 24)

Mantém-se a ideia da atração, entretanto, não derivada de uma possível força interna inerente aos vocábulos, de suas categorias gramaticais ou, ainda, de suas funções lógica e sintática. Segundo Said Ali (2008[1908], p. 28),

Pela análise circunstanciada a que vamos proceder, veremos que o deslocamento do pronome regímen é devido a uma atração essencialmente, puramente fonética; constante em certos casos, menos regular em outros, e variável e precária se variável for o elemento fonético que a determina, ou não resistir ele à ação de algum fator em sentido contrário.

A condição para que uma palavra possa funcionar como termo deslocante, conforme dito por Said Ali (2008[1908]), é que entre ela e o verbo não haja pausa. O estudioso ainda atribui papel relevante na ordem dos clíticos a um fator de natureza morfológica. Por isso, faz nitidamente uma distinção entre a colocação dos pronomes ligados a formas verbais finitas e a colocação pronominal relacionada a formas não finitas – infinitivo e gerúndio<sup>19</sup>.

As divergências entre a posição dos clíticos no PE e no PB se dão, segundo o autor, devido ao distanciamento entre as pronúncias lusitana e brasileira: “em Portugal fala-se mais depressa, a ligação das palavras é fato muito comum; no Brasil pronuncia-se mais pausada e

---

<sup>19</sup> O detalhamento dessas colocações é dado a seguir.

mais claramente. Em suma, a fonética brasileira é, em geral, diversa da fonética lusitana” (SAID ALI, 2008[1908], p. 57).

O filólogo postula ainda que, tratando-se de orações de verbo finito, no falar lusitano, o pronome átono se antepõe ao verbo nas frases negativas, nas interrogativas que começam por pronome de interrogação ou partícula interrogativa, e nas subordinativas (com algumas exceções). Entretanto, no PB, essa regra de anteposição do pronome não se aplica, visto que, pelas condições de pronúncia brasileira serem outras, essas palavras com perfil atrativo são pronunciadas mais fortemente (independentemente) aqui do que no PE, perdendo, assim, a afinidade eletiva pelos pronomes complementos, e a vizinhança desses deixa de ser obrigatória.

Mais tarde, outros autores (cf. CARVALHO (1989), por exemplo) advogam que o pronome enclítico encontrado no PB em orações subordinadas e negativas, antes de ser um traço característico do próprio PB, é resultado de hipercorreção<sup>20</sup>, ou seja, uma tentativa, por parte do falante, de se chegar à gramática alvo que privilegia a ênclise.

Assim como em Figueiredo (1917[1909]) e em Said Ali (2008[1908]), em Bechara (2009[1961]), Rocha Lima (2011[1957]) e Cunha e Cintra (2013[1985]) também são consideradas as discordâncias entre o PE e o PB, no que se refere à posição dos clíticos pronominais. A atenção dada ao PB merece reconhecimento, dado que se observa em outros compêndios gramaticais a total abstração dos usos brasileiros já regulares aqui, em prol da valorização de regras que contemplam o modelo lusitano. No entanto, o tratamento sobre a colocação desses pronomes na variedade brasileira, nessas gramáticas, ainda é restrito. As propriedades legítimas do PB aparecem somente em segundo plano, enquanto o foco principal ainda se concentra em recomendações que enfatizam uma escrita literária e de traços portugueses, quando, por exemplo, esses gramáticos iniciam a discussão indicando que “a posição normal [lógica] dos pronomes átonos é *depois* do verbo (*ênclise*)” (ROCHA LIMA, 2011[1957], p. 543, grifo do autor).

As explicações acerca da colocação pronominal são feitas a partir da posição do pronome átono em relação às lexias verbais simples (próclise, mesóclise e ênclise). Sobre a posição dos clíticos nas locuções verbais, os autores apresentam as especificações levando em conta primordialmente as formas verbais do verbo principal – infinitivo, gerúndio ou particípio –, entretanto, limitam-se a citar somente algumas construções verbais complexas<sup>21</sup>.

<sup>20</sup> A hipercorreção seria expressão de um sentimento de insegurança linguística (LABOV, 2008[1972]).

<sup>21</sup> Na seção 4, explica-se o que aqui figura como um complexo verbal e quais são os seus tipos.

Em meio à tradição gramatical, então, prescrevem-se como “certos” os seguintes arranjos, privilegiando-se os usos da modalidade escrita e presentes na fala das pessoas cultas (os exemplos apresentados, em sua maioria, são retirados das obras dos considerados “bons escritores”)<sup>22</sup>:

#### - COM AS FORMAS VERBAIS FINITAS

A- A posição normal, como acima referido, é o pronome átono estar depois do verbo [V-cl].

Tal fato se dá:

a) quando o verbo abrir o período ou encetar qualquer das orações que o compõem:

(1) *Criei-o, dei-lhe o nome, torneio-o um cidadão útil à sociedade.* (ROCHA LIMA, 2011[1957], p. 543, grifo do autor);

b) quando o sujeito vier imediatamente antes do verbo, em orações afirmativas ou interrogativas:

(2) *O combate demorou-se.* (ROCHA LIMA, 2011[1957], p. 544, grifo do autor);

(3) *Os dois amavam-se desde a infância?* (ROCHA LIMA, 2011[1957], p. 544, grifo do autor);

c) nas orações coordenadas sindéticas:

(4) *Ele chegou e perguntou-me logo pelo filho.* (ROCHA LIMA, 2011[1957], p. 544, grifo do autor).

B- É obrigatória a próclise [cl V]:

a) nas orações que contêm uma palavra negativa (*não, nem, nunca, jamais, ninguém, nada*, etc.), quando entre ela e o verbo não há pausa<sup>23</sup>:

(5) *Não me parece; acho os versos perfeitos* [MA. 1, 69]. (BECHARA, 2009[1961], p. 589, grifo do autor);

b) em orações iniciadas com pronomes e advérbios interrogativos:

(6) *Quantos lhe dá?* [MA. 1, 97]. (BECHARA, 2009[1961], p. 589, grifo do autor);

(7) *Por que te assustas de cada vez?* (J. Régio, JA, 98.) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 324, grifo dos autores);

c) em orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas orações que exprimem desejo:

(8) *Que o vento te leve os meus recados de saudade!* (F. Namora, RT, 89.). (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 324, grifo dos autores);

(9) *Deus o abençoe, meu filho!* (ROCHA LIMA, 2011[1957], p. 545, grifo do autor);

d) nas orações subordinadas desenvolvidas (ainda quando a conjunção esteja oculta):

(10) *Quando me deitei, à meia-noite, os preços estavam à altura do pescoço.* (C. Drummond de Andrade, BV, 20) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 325, grifo dos autores);

<sup>22</sup> Opta-se por uma apresentação geral das regras ao invés de relatar separadamente como elas são listadas em cada uma das gramáticas consideradas nesta revisão bibliográfica, inclusive porque o conteúdo normativo é o mesmo em todas elas.

<sup>23</sup> Segundo os gramáticos, sempre que houver pausa entre o elemento capaz de atrair o pronome e o verbo deve ser realizada a ênclise.

e) com certos advérbios (*bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez, etc.*) e com pronomes indefinidos, sem pausa:

(11) Sempre *me* recebiam bem. (BECHARA, 2009[1961], p. 589, grifo do autor);

(12) *Alguém* *lhe* bate nas costas. (A. M. Machado, *JT*, 208) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 327, grifo dos autores);

f) com o verbo no futuro do presente ou no futuro do pretérito, quando não necessário o uso da mesóclise:

(13) Eu *me* calarei. / Eu *me* calaria. / Calar-*me*-ei. / Calar-*me*-ia. (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 324, grifo dos autores).

#### - COM AS FORMAS VERBAIS NÃO FINITAS

Infinitivo:

- A regra geral é a ênclise [V-cl]:

(14) Viver é *adaptar-se*. (ROCHA LIMA, 2011[1957], p. 546, grifo do autor);

- Quando o infinitivo, na forma não flexionada, estiver precedido de preposição, ou palavra negativa, a colocação do pronome é facultativa:

(15) Meu desejo era *não o incomodar*. / Meu desejo era *não incomodá-lo*. (ROCHA LIMA, 2011[1957], p. 546, grifo do autor);

- A ênclise é de rigor se o pronome for *o(s)* ou *a(s)*, e o infinitivo vier regido da preposição *a*:

(16) Se soubesse, não continuaria a *lê-lo*. (R. Barbosa, *EDS*, 743) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 326, grifo dos autores);

- Com o infinitivo na forma flexionada, costuma-se preferir a próclise:

(17) Perseguia-os a obsessão *de se vingarem*. (ROCHA LIMA, 2011[1957], p. 547, grifo do autor).

Gerúndio:

- A regra geral é a ênclise [V-cl]:

(18) Cumprimentou os presentes, *retirando-se* mudo como entrara. (ROCHA LIMA, 2011[1957], 546, grifo do autor);

- Haverá próclise se o gerúndio vier precedido da preposição *em* [cl V]:

(19) Ninguém, desde que entrou, em *lhe* chegando o turno, se conseguirá evadir à saída [RB.2, 30]. (BECHARA, 2009[1961], p. 591, grifo do autor).

Particípio:

- Não se dá a ênclise nem a próclise com os participípios; usa-se sempre a forma oblíqua regida de preposição:

(20) *Dada a mim* a explicação, saiu. (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 325, grifo dos autores)

## - COM AS LOCUÇÕES VERBAIS

### A- Verbo principal no infinitivo ou no gerúndio:

#### a) sempre a ênclise ao infinitivo ou ao gerúndio [V1 V2-cl]:

(21) O roupeiro *veio interromper-se*. (R. Pompéia, A, 37) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 328, grifo dos autores);

(22) [...] *Ia desenrolando-se* a paisagem. (R. Correia, PCP, 304) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 328, grifo dos autores).

#### b) Próclise ao verbo auxiliar, quando ocorrem as condições exigidas para a anteposição do pronome a um só verbo [cl V1 V2]:

(23) Rita é minha irmã, *não me ficaria querendo* mal e acabaria rindo também. (Machado de Assis, OC, I, 1051.) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 329, grifo dos autores);

(24) *Que é que me podia acontecer?* (G. Ramos, A, 152.) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 329, grifo dos autores);

(25) *Como se vinha trabalhando* mal! (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p.329, grifo dos autores);

(26) Ega subiu ao quarto, *onde* outro criado *lhe estava preparando* o banho. (Eça de Queirós, O, II, 329.) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 329, grifo dos autores).

#### c) A ênclise ao verbo auxiliar, quando não se verificam essas condições que aconselham a próclise<sup>24</sup> [V1-cl V2]:

(27) A cidade *ia-se perdendo* à medida que o veleiro rumava para São Pedro. (B. Lopes da Silva, C. 207.) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 330, grifo dos autores).

### B- Quando o verbo principal está no particípio, o pronome átono não deve vir depois dele. Virá, então, proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar, de acordo com as normas expostas para os verbos na forma simples [cl V1 V2/ V1-cl V2]:

(28) *Que se teria passado?* (Coelho Netto, OS, I, 1412.) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 330, grifo dos autores).

(29) *Tenho-o trazido* sempre, só hoje é que o viste? (M. J. de Carvalho, TM, 152.) (CUNHA; CINTRA, 2013[1985], p. 330, grifo dos autores).

Nas referências gramaticais aqui abordadas, conforme citado em linhas atrás, retrata-se superficialmente o que pertence à sintaxe brasileira quanto à colocação dos pronomes átonos. De acordo com Bechara (2009[1961]), Rocha Lima (2011[1957]) e Cunha e Cintra (2013[1985]), há no PB: (i) a possibilidade de se iniciarem períodos com os pronomes átonos, especialmente com a forma *me*; (ii) a preferência pela próclise nas orações absolutas, principais e coordenadas não iniciadas por palavra que exija ou aconselhe tal colocação; e (iii) a próclise ao verbo principal nas locuções verbais.

Quanto à última característica, para justificá-la, Bechara (2009[1961]) e Cunha e Cintra (2013[1985]) se apegam às seguintes palavras de Martinz de Aguiar (apud BECHARA, 2009[1961], p. 591, grifo do autor):

<sup>24</sup> Ressalta-se a contradição existente entre as regras (c) e (a).



[...] Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo, e não do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* [...].

O modo como o caráter particular do PB é esclarecido nessas gramáticas reforça a opinião deste estudo: embora as fontes consultadas apresentem traços próprios da colocação pronominal do PB, estes são revelados de forma comedida. Nesses materiais, produzidos na segunda metade do século XX, mas, todos, revistos e atualizados recentemente, ainda há uma tendência irrestrita às normas portuguesas, artificialmente fixadas no Brasil no século XIX. Neles, por exemplo, ainda não está claro que a próclise, de modo geral e em início de período, e a interposição do pronome átono nas locuções verbais, ligando-se fonologicamente ao verbo principal, são, de fato, opções produtivas e vitoriosas não só na oralidade como também em muitos contextos da escrita brasileira, referentes inclusive aos usos de falantes escolarizados.

### **2.2.3 A posição dos clíticos pronominais na abordagem linguística**

#### **2.2.3.1 Em gramáticas descritivas**

Brito, Duarte e Matos (2003[1983]), para descrever os pronomes, fundamentam-se em ideias da Teoria da Regência e da Ligação (CHOMSKY, 1981, 1986). Especificamente sobre os clíticos especiais, as autoras ressaltam que tais pronomes não se restringem apenas à denotação da pessoa gramatical. Além de denotarem as entidades envolvidas em uma comunicação, eles podem também desempenhar a função de um predicado ou ocorrer para detransitivizar determinado verbo. Segundo as estudosas, a respeito da tipologia dos clíticos pronominais, no português e em outras línguas românicas,

[...] é possível distinguir diferentes tipos de clíticos, tendo por critérios: (i) o seu potencial referencial ou predicativo; (ii) a possibilidade de receberem um papel temático; (iii) a sua referência específica ou arbitrária; (iv) a capacidade de ocorrerem em construções de redobro de clítico e de extracção simultânea de clítico; (v) e a faculdade de funcionarem como um afixo capaz de alterar a estrutura argumental de um predicado. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 835)

Assim, Brito, Duarte e Matos (2003[1983]) optam por uma especificação dos tipos de clíticos especiais em português, apresentada, resumidamente<sup>25</sup>, no quadro abaixo<sup>26</sup>.

Quadro 7. Tipos de pronomes clíticos em português

TIPO DE CLÍTICO	ESPECIFICAÇÃO	EXEMPLOS
Clíticos com conteúdo argumental	# pronominais (não reflexos) e anafóricos (reflexos e recíprocos) # <i>se</i> -nominativo	(30) Convidavam- <i>na</i> constantemente para cantar em conhecidas bandas de jazz. (31) Encontraram- <i>se</i> na Faculdade ao fim da manhã. (32) Trabalha- <i>se</i> demais.
Clítico argumental proposicional ou predicativo	# clítico demonstrativo	(33) Um <sup>a</sup> s pestes, estas crianças sempre <i>o</i> foram.
Clíticos quase argumentais	# <i>se</i> passivo # dativos ético e de posse	(34) Venderam- <i>se</i> hoje muitos livros na feira do livro. (35) Cala- <i>me</i> essa boca, pois já não te posso ouvir chorar! (36) Dói- <i>me / te / lhe / nos / lhes / a</i> cabeça.
Clítico com comportamento de afixo derivacional	# clítico ergativo / anticausativo	(37) O barco virou- <i>se</i> .
Clítico sem conteúdo semântico ou morfossintático	# clítico inerente	(38) A Maria apaixonou- <i>se</i> por aquele homem encantador.

No PE moderno, conforme Brito, Duarte e Matos (2003[1983]) afirmam, os pronomes ocupam as posições proclítica e enclítica, entretanto, em muitos contextos, essas posições não podem ser alternadas livremente. Dentre outros aspectos que limitam essa alternância, o PE respeita uma generalização sobre a colocação de formas clíticas identificada como *Lei de Tobler-Mussaífa*. Para tal princípio, “as formas clíticas não podem ocupar a posição inicial absoluta de frase” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 849), o que explica a agramaticalidade da construção seguinte, por exemplo.

(39) \**Lhe canta* os parabéns! (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 849, grifo das autoras)<sup>27</sup>

Brito, Duarte e Matos (2003[1983]) concluem que, na variedade europeia do português moderno, o padrão básico, não marcado, de colocação dos pronomes clíticos é a ênclise – aceita

<sup>25</sup> Para um aprofundamento das características específicas de cada tipo de clítico especial, ver Brito, Duarte e Matos (2003[1983], p. 835-844).

<sup>26</sup> Os exemplos presentes no quadro foram extraídos de Brito, Duarte e Matos (2003[1983], p. 835-844, grifo das autoras).

<sup>27</sup> Seguindo a prática da linguística contemporânea, nas gramáticas aqui apresentadas, os autores marcam os exemplos que são de aceitabilidade duvidosa com um ou dois pontos de interrogação (“?”, “??”), de acordo com o seu grau de marginalidade. E, com um asterisco inicial (“\*”), indicam os exemplos não aceitáveis, fatos observáveis, claramente, conforme a variedade e a norma às quais se referem.

em frases finitas de todos os tipos e em muitas frases não finitas –, caracterizando-a também como a variante em expansão nessa variedade. A respeito da próclise, salientam que é a posição preferida de acordo com certos aspectos de natureza sintático-semântica ou prosódica presentes na oração. Segundo as autoras, são estes os elementos – *atratores de próclise* ou *proclisadores* – responsáveis pela colocação do pronome clítico antes do verbo: (i) operadores de negação frásicos e sintagmas negativos; (ii) sintagmas-Q interrogativos, relativos e exclamativos; (iii) complementadores simples e complexos, isto é, selecionados por uma preposição ou um advérbio ou que resultam de reanálise; (iv) advérbios de focalização, de referência predicativa, confirmativos, de atitude proposicional e aspectuais; (v) quantificadores distributivos e grupais como *todos*, *ambos* e *qualquer*; (vi) quantificadores indefinidos e existenciais como *alguém* e *algo*; (vii) quantificadores generalizados como *bastantes* e *poucos*; (viii) conjunções correlativas com um elemento de polaridade negativa (*não só... mas / como também*) e conjunções correlativas disjuntivas (*ou...ou*, *ora...ora*, *quer...quer*); e (ix) constituintes ligados discursivamente em construções apresentativas.

Brito, Duarte e Matos (2003[1983]) atestam que, “para que estes elementos induzam próclise, é necessário que *c-comandem e precedam o hospedeiro verbal do clítico*” (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 853, grifo das autoras).

Em relação às construções com mais de um verbo, as autoras discutem o fenômeno conhecido como *subida de clítico* – que se resume na escolha de um verbo do qual o pronome clítico não é dependente para hospedeiro verbal. Os exemplos, abaixo, elucidam esse fenômeno, apresentando-se sublinhados os verbos principais de que os clíticos dependem.

(40) O convite foi-*lhe* finalmente enviado. / O convite não *lhe* foi nunca enviado (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 857, grifo das autoras)

(41) O João ia-*se* esquecendo do convite. / O João não *se* ia esquecendo do convite. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 857, grifo das autoras)

Quando o segundo verbo está na forma participial ou gerundiva, o clítico aparece obrigatoriamente proclítico (na presença do elemento atrator) ou enclítico ao verbo auxiliar – ex. (40) e (41). As autoras assinalam que construções como as seguintes – ex. (42) e (43) – são agramaticais.

(42) \*O convite foi finalmente enviado-lhe. / \*O convite não foi nunca *lhe* enviado / enviado-lhe. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 858, grifo das autoras)

(43) \*O João ia esquecendo-se do convite. / \*O João não ia *se* esquecendo / esquecendo-se do convite. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 858, grifo das autoras)

Em complexos com o primeiro verbo do tipo aspectual que selecionam infinitivos preposicionados, caso haja um proclisador, há o favorecimento da subida de clítico com as preposições *a* e *de*, mas não com a preposição *por* – ex. (44), (45) e (46).

(44) O João não *lhe* começou a ensinar russo. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 857, grifo das autoras)

(45) ? O João não *lhe* deixou de falar. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 857, grifo das autoras)

(46) \*O João não *se* acabou por esquecer da festa. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 857, grifo das autoras)

Sem a presença de um atrator de próclise, e quando a preposição é *a*, os clíticos podem ocorrer em posição enclítica ao verbo auxiliar ou ao verbo principal – ex. (47). Por sua vez, com as preposições *de* e *por*, é obrigatória a posição proclítica ao verbo principal – ex. (48). Com outros tipos de auxiliares, que selecionam complementos não preposicionados, observa-se a subida de clítico ou a sua posição enclítica ao verbo principal – ex. (49).

(47) O João começou-*lhe* a ensinar russo. / O João começou a ensinar-*lhe* russo. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 858, grifo das autoras)

(48) O João deixou de *lhe* falar. / O João acabou por *se* esquecer da festa. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 858, grifo das autoras)

(49) O João não *a* pode certamente convidar. / O João não pode certamente convidá-la. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 857, grifo das autoras)

Brito, Duarte e Matos (2003[1983]) ainda assinalam outro caso de subida de clítico obrigatório. Para elas, em construções com verbos perceptivos e causativos, o sujeito do complemento infinitivo é casualmente legitimado pelo verbo superior e, então, quando se realiza como um pronome clítico, ocorre adjacente ao verbo auxiliar e não à forma infinitiva da qual depende – ex. (50).

(50) O patrão mandou-*o* lavar aos empregados antes de saírem. / \*O patrão mandou lavá-lo aos empregados antes de saírem. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 860, grifo das autoras)

Segundo as estudiosas portuguesas,

Em síntese, o fenómeno da *Subida de Clítico* é determinado pela defectividade funcional do domínio frásico encaixado: quanto maior for tal defectividade, tanto menor será a autonomia sintáctica do domínio encaixado e, portanto, tanto menor será a possibilidade de legitimação de pronomes clíticos no interior desse domínio. (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 860)

Antes de encerrarem o capítulo, Brito, Duarte e Matos (2003[1983]), ao se voltarem aos traços de uma gramática antiga que sobrevivem na variedade europeia do português moderno,

mas que, segundo elas, estão claramente em desaparecimento, referem-se também à mesóclise. Para as autoras, já nesta fase da história da língua, parece haver reanálise das formas analíticas do futuro e do condicional, passando a formas sintéticas. Dessa maneira, nesses contextos, há um aumento dos casos de ênclise, principalmente em produções de falantes de variedades populares e, em geral, de gerações mais novas – ex. (51).

(51)

(a) ? Telefonarei-*te* mais vezes. (12 anos, 6º. ano de escolaridade, modo escrito) (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 866, grifo das autoras)

(b) ? Na conjuntura socio-económica, poderá-*se* verificar um saldo bastante positivo. (prova específica de acesso ao ensino superior, modo escrito) (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983], p. 866, grifo das autoras)

Devido ao fato de a gramática de Mateus et al. (2003[1983]) tratar da norma-padrão do PE, notam-se semelhanças em relação aos padrões de colocação pronominal apresentados por Brito, Duarte e Matos (2003[1983]) e as propostas observadas nos compêndios gramaticais tradicionais aqui já abordados. A distinção se concentra mesmo no rigor teórico e na linguagem técnica vistos no texto das autoras portuguesas e, em parte, ausentes nas gramáticas tradicionais<sup>28</sup>.

Martins, A. M. (2013) também explicita os fatores que determinam a próclise, a ênclise ou a mesóclise dos pronomes pessoais clíticos na variedade-padrão europeia do português. Para essa descrição, feita de maneira satisfatoriamente aprofundada, a autora apresenta exemplos extraídos de textos literários integrados no *Corpus de Referência do Português Contemporâneo* (CRPC), alguns raros exemplos retirados do *subcorpus oral* do CRPC (PF) e, quando sem referências, exemplos construídos<sup>29</sup>.

De acordo com a autora, a direção da cliticização é condicionada por fatores gramaticais do nível frásico e, a essas condições estruturais do domínio da oração que determinam a colocação pré ou pós-verbal dos pronomes, deve ser acrescentada uma condição morfológica, já que, quando o hospedeiro tem uma forma verbal do futuro ou do condicional, o pronome pode ser mesoclítico, ocupando uma posição interna ao verbo.

Martins, A. M. (2013) organiza e desenvolve uma descrição detalhada de como se dá a colocação dos pronomes clíticos em orações principais, em orações subordinadas e em alguns

<sup>28</sup> Mais aspectos relacionados aos clíticos pronominais – tais como a *interpolação*, o *redobro de clítico*, a *extração simultânea de clítico*, dentre outros – são apresentados em Brito, Duarte e Matos (2003[1983]). No entanto, faz-se aqui um recorte que prioriza os interesses imediatos desta pesquisa.

<sup>29</sup> A nota anterior se encaixa aqui. Martins, A. M. (2013) também descreve completamente o quadro que se refere aos pronomes clíticos. A autora tece comentários sobre os casos de *subida de clítico*, *interpolação*, *grupos clíticos*, *redobro de clítico* e *complexos verbais com dois ou mais verbos não finitos*.

tipos de orações coordenadas. Quanto às orações rotuladas como *principais*, a autora reúne sob essa denominação as orações que correspondem a frases simples, as orações principais de frases complexas e as orações coordenadas aditivas e adversativas – ex. (52) a (54).

(52) *O carro espatifou-se todo.* (MARTINS, A. M., 2013, p. 2238, grifo da autora)

(53) *A tia disse-me que o carro ficou desfeito.* (MARTINS, A. M., 2013, p. 2238, grifo da autora)

(54) *O carro espatifou-se e/mas eles safaram-se com meia dúzia de arranhões.* (MARTINS, A. M., 2013, p. 2238, grifo da autora)

As orações principais passam a ser analisadas, então, sob a seguinte divisão: orações principais com ênclise, orações principais com mesóclise e orações principais com próclise.

De modo geral, a autora sublinha que as orações principais que apresentam ênclise são sempre afirmativas e podem ser declarativas, imperativas, exclamativas ou interrogativas globais (ou *sim-não*). O padrão enclítico ocorre tanto em frases em que o verbo se encontra em primeira posição como em frases nas quais um ou mais constituintes precedem o verbo.

Em orações principais com verbos nas formas do condicional e do futuro, os clíticos devem ocorrer dentro do seu hospedeiro verbal, isto é, devem ser mesoclíticos. No entanto, também como já assinalado por Brito, Duarte e Matos (2003[1983]), Martins, A. M. (2013) esclarece que em dialetos portugueses contemporâneos, tanto rurais quanto urbanos, encontra-se, nesse contexto, a variação entre ênclise e mesóclise. Em frases negativas, vê-se ainda, independentemente dos traços de tempo, modo e aspecto da forma verbal, a ocorrência obrigatória da próclise, revelando que, só por si, as formas verbais do condicional e do futuro não exigem a mesóclise.

Além da negação, fator principal que origina o padrão proclítico nas orações principais, pode-se sustentar que a próclise ainda está associada aos processos gramaticais da *quantificação*, da *focalização* e da *ênfase*, ocorrendo isoladamente ou não (MARTINS, A. M., 2013). Segundo a autora, a colocação proclítica está associada a (i) orações negativas; (ii) quantificadores; (iii) advérbios focalizadores; (iv) advérbios enfatizadores; (v) advérbios focalizados; (vi) outros focos contrastivos antepostos (não adverbiais); (vii) orações declarativas (afirmativas) enfáticas; (viii) orações interrogativas e exclamativas *qu-*; (ix) orações imperativas introduzidas por *que* e orações optativas; (x) orações interrogativas retóricas com *acaso*; e (xi) à palavra *próprio*.

Em relação à colocação pronominal em orações subordinadas, Martins, A. M. (2013) propõe explicações a partir de uma divisão entre orações subordinadas finitas e orações subordinadas de infinitivo (simples e flexionado).

Os pronomes clíticos ocorrem em posição proclítica em todos os tipos de orações subordinadas finitas (orações completivas, orações relativas, orações adverbiais – temporais, causais, concessivas, finais, condicionais – e orações de comparação e graduação – comparativas, conformativas, proporcionais, consecutivas). No entanto, a ênclise é permitida, ainda que com frequência muito reduzida, nestas situações, de acordo com a autora,

- (i) em orações completivas com verbo no indicativo, nomeadamente as que são selecionadas por verbos declarativos (*afirmar, concluir, declarar, dizer, jurar, prometer, etc.*), por verbos apresentativos (*acontecer, ocorrer, suceder, etc.*), por verbos de crença e conhecimento (*achar, acreditar, considerar, pensar, saber, supor, etc.*), por verbos de percepção (*ouvir, sentir, ver*) e pelo verbo *parecer*;
- (ii) em orações consecutivas;
- (iii) em algumas estruturas clivadas. (MARTINS, A. M., 2013, p. 2277)

Em geral, diferentemente do que acontece com as orações finitas, determinadas estruturas infinitivas permitem ambas as colocações – pré e pós-verbal. Para Martins, A. M. (2013, p. 2278), “a variação é característica das orações com infinitivo simples (i.e., não flexionado), mas não das orações com infinitivo flexionado”. Desse modo, a autora separa cada um dos tipos de oração infinitiva, para examiná-los de modo eficiente.

Nas orações infinitivas simples afirmativas não introduzidas por preposição, a próclise é desencadeada pelos mesmos elementos, apresentados anteriormente, que determinam a posição pré-verbal do pronome nas orações principais finitas. Na ausência de um elemento desse tipo, a ênclise é predominante. Nas orações infinitivas simples negativas não introduzidas por preposição, registra-se variação entre a próclise e a ênclise quando a negação oracional é expressa pelo *não*. No entanto, com as palavras negativas *nunca, jamais, nada, nenhum, ninguém*, em posição pré-verbal, somente a colocação proclítica dos pronomes átonos é permitida. As orações infinitivas simples introduzidas por preposição admitem tanto a colocação proclítica quanto a colocação enclítica. Entretanto, segundo Martins, A. M. (2013), ficam fora do padrão de variação as preposições *a* e *com*, associadas sempre à ênclise. Nas orações infinitivas simples subordinadas a *haver que / ter que* e nas orações infinitivas simples introduzidas pelos pronomes e advérbios relativos ou interrogativos *que, quem, onde, quanto, como, quando* e *porque*, há variação entre próclise e ênclise, conforme descrito por Martins, A. M. (2013). Contudo, nas orações infinitivas simples introduzidas por *se* (interrogativas indiretas), o pronome *se* apresenta, geralmente, enclítico.

Referente às orações subordinadas de infinitivo flexionado, quando não introduzidas por preposição, vê-se uma distribuição de próclise e ênclise similar à descrita referente às orações

principais. Quando presentes em posição pré-verbal constituintes indutores de próclise, há a próclise e, quando ausentes, há a ênclise. Por último, nas orações de infinitivo flexionado introduzidas por preposição, são três os padrões de colocação pronominal, conforme a própria preposição introdutora, segundo Martins, A. M. (2013, p. 2285-2286),

(i) a colocação é enclítica quando a oração infinitiva é introduzida pelas preposições *a* (eventualmente contraída com o artigo definido) e *com*; (ii) a preposição *em* possibilita a variação entre próclise e ênclise; (iii) a colocação é proclítica quando a oração infinitiva é introduzida por qualquer outra preposição.

Na sequência, Martins, A. M. (2013), finalmente, trata da colocação pronominal em estruturas de coordenação que envolvem conjunções coordenativas ou coordenação assindética.

As orações coordenadas copulativas (assindéticas ou introduzidas pelas conjunções *e* ou *em*) e as orações coordenadas adversativas (introduzidas pela conjunção *mas*) manifestam os mesmos padrões de colocação dos pronomes clíticos que as orações simples ou as orações principais de frases complexas. Por esse motivo, a autora acrescenta no rol das orações principais, também, esses dois tipos de coordenadas, como já discutido acima. O padrão de colocação nas orações explicativas introduzidas por *pois*, *que* e *porque* (explicativo) é sempre a posição enclítica do pronome, desde que a próclise não seja independentemente motivada. Ainda quanto ao *porque*, quando causal, há a próclise.

Inserido na obra de Raposo et al. (2013), fundamentada sobretudo na gramática gerativa que estabelece a sintaxe como a área central do modelo gramatical, o texto de Martins, A. M. (2013) se destaca pelo modo minucioso como descreve o comportamento dos clíticos pronominais. São evidentes os graus de profundidade e de especialização atingidos pela autora ao abordar a posição dos pronomes átonos ligados ao seu hospedeiro verbal. Diante das outras três gramáticas descritivas aqui consideradas, voltadas essencialmente aos fatos linguísticos do PE ou do PB, ou à frente de qualquer outra gramática do português, verifica-se, no capítulo de Martins, A. M. (2013), a mais completa explanação do tópico aqui em foco.

Neste momento, a discussão se direciona à variedade do PB. Trata-se primeiramente da gramática de Perini (2005[1995]). Nela, o autor afirma que a posição dos clíticos pronominais dentro da oração segue princípios próprios que são simples. Para ele,



O verdadeiro problema está nas frequentes incertezas de julgamento quanto à posição dos clíticos em certos casos – decorrência do fato de que, nesse ponto, as variedades brasileiras diferem muito do padrão europeu, causando vacilação constante entre a tendência a respeitar esse padrão e a tendência a adaptá-lo ao nosso uso. (PERINI, 2005[1995], p. 229)

Perini (2005[1995]) indica que duas restrições são suficientes para compreender a grande maioria dos casos que envolvem a posição dos clíticos no PB. São elas:

**Restrição à próclise:**

*É mal formada toda oração que contenha próclítico no início de estrutura oracional não subordinada ou logo após elemento topicalizado.*

**Restrição à ênclise:**

*É mal formada toda oração que contenha enclítico quando: o elemento verbal (Aux [auxiliar] ou NdP [núcleo do predicado]) é gerúndio, precedido de em;*

*ou*

*o Aux/NdP é participio;*

*ou*

*a oração se inicie com item marcado [+ Atração]. (PERINI, 2005[1995], p. 229-230, grifo do autor)*

Em todas as outras construções do PB, as que não se encaixam nas especificidades listadas acima, podem ocorrer, indistintamente, a próclise ou a ênclise. Para Perini (2005[1995]), a mesóclise é apenas um caso especial de ênclise, observado quando o NdP ou o Aux está no futuro do presente ou no futuro do pretérito. Sendo assim, “as condições em que se admite a ênclise valem igualmente para a mesóclise” (PERINI, 2005[1995], p. 229).

Ao exemplificar os registros referentes à restrição à próclise (ex. (55) a (57)), no entanto, Perini (2005[1995]) não deixa de assinalar que todos ocorrem normalmente na língua falada e mesmo com frequência na escrita, cabendo essa definição de “frases malformadas” (e, portanto, a não aceitabilidade delas) somente a um modelo de língua muito conservador.

(55) \*Me preocupei com vocês. (PERINI, 2005[1995], p. 230)

(56) \*Ontem à noite, me comportei mal. (PERINI, 2005[1995], p. 230)

(57) \*Telefonei várias vezes e me preocupei com vocês. (PERINI, 2005[1995], p. 230)

De acordo com o estudioso, na realidade, a ênclise está desaparecendo do PB, uma vez que na modalidade falada a próclise já é dominante e isso tem influenciado, inclusive, a própria escrita. A tendência, então, é que as duas restrições (à próclise e à ênclise) desapareçam e surja

um fundamento mais simples, que ressalte a colocação dos clíticos antes do NdP, independentemente do contexto morfossintático visto na oração<sup>30</sup>.

No padrão brasileiro atual, segundo Perini (2005[1995]), nos contextos de complexos verbais, tem-se a possibilidade de o pronome figurar enclítico ao Aux ou ao NdP e, ainda, proclítico aos dois, conforme os exemplos abaixo.

(58) Minhas primas estão-se comportando bem. (PERINI, 2005[1995], p. 231)

(59) Minhas primas estão comportando-se bem. (PERINI, 2005[1995], p. 231)

(60) Minhas primas se estão comportando bem. (PERINI, 2005[1995], p. 231)

(61) Minhas primas estão se comportando bem. (PERINI, 2005[1995], p. 231)

Perini (2005[1995]) assegura que a próclise ao NdP (ex. (61)) é mais recorrente do que a próclise ao Aux (ex. (60)) e, até mesmo, do que a ênclise ao primeiro (ex. (58)) ou ao segundo (ex. (59)) verbo. Para ele, “a posição natural do clítico, quando o predicado é complexo, é a próclise ao NdP: precisamente a construção antigamente considerada incorreta” (PERINI, 2005[1995]). A colocação proclítica ao Aux, por sua vez, segundo o autor, é a posição cada vez mais rara no padrão brasileiro.

A propósito do traço [+ Atração], mencionado como um dos responsáveis pela restrição à ênclise, embora sejam apontados quais vocábulos normalmente são reconhecidos por atraírem o clítico à posição pré-verbal, o autor afirma haver divergências quanto a essa classificação e falta de estudos detalhados, deixando a lista em aberto<sup>31</sup>. Pautado nos compêndios gramaticais, Perini (2005[1995]) aponta os pronomes relativos e interrogativos, os elementos *não*, *nunca*, *só*, *até*, *mesmo*, *também*, *tudo*, *nada*, *alguém*, *ninguém* e o complementizador *que* como os atratores prototípicos, sempre lembrados nesses materiais. Em seguida, o autor sugere que SNs acompanhados de predeterminante (*todos os rapazes*, *ambos os rapazes*) e SNs iniciados por *qualquer*, *nenhum* às vezes também são computados na relação dos elementos que exercem atração. E, por último, para salientar que algumas gramáticas ainda citam outros termos, Perini (2005[1995]) faz menção a Cunha e Cintra (2001[1985]), que acrescentam a essa lista os advérbios *bem*, *mal*, *ainda*, *já* e *sempre*, como listado em linhas atrás, na subseção relacionada ao enfoque tradicional dado ao assunto.

<sup>30</sup> Nessa direção, em Perini (2010), obra voltada à descrição da língua falada no Brasil, o autor reitera a sua posição e revela que, no PB, “o pronome oblíquo (sem preposição) se posiciona sempre antes do verbo principal da oração” (PERINI, 2010, p. 119), referindo-se a contextos com um único verbo, mas, também, a casos de clíticos adjungidos a complexos verbais, formados pelo verbo auxiliar e pelo verbo principal.

<sup>31</sup> Nos dias de hoje, ainda é possível que se encontrem resquícios de divergência em relação ao assunto tratado. No entanto, quanto à falta de trabalhos, isso deve ser lido e interpretado de acordo com a época em que o texto foi produzido (1995). Atualmente, muitos estudos linguísticos (como os que são apresentados a seguir) já têm demonstrado como diferentes elementos atuam sobre a posição dos clíticos, acarretando (ou não) a anteposição do pronome.

Ainda que Perini (2005[1995]) apresente características mais próximas da realidade linguística brasileira, no que se refere à ordem dos pronomes clíticos em predicados simples e complexos, as observações dadas são informais. Sente-se a necessidade, evidenciada até pelo próprio autor, de que as suas informações sejam respaldadas por resultados científicos.

Nesse caminho, cita-se o trabalho de Castilho (2012) que, baseado em estudos linguísticos diversos (SALVI, 1990; PAGOTTO, 1992, 1996; MARTINS, A. M., 1994; SCHEI, 2003; GALVES, 2001), levanta algumas considerações a respeito da colocação dos clíticos no português. Na realidade, diferentemente das outras gramáticas aqui apresentadas, o autor, ao invés de comentar os aspectos internos envolvidos na colocação dos clíticos pronominais, preocupa-se em avaliar as variações referentes a esse fenômeno ocorridas no decorrer dos séculos, a fim de esclarecer a origem da “próclise brasileira”.

Reproduzindo o que muitos linguistas certificam (e aqui algumas vezes já dito), o autor reafirma que atualmente existem o predomínio da ênclise no PE e a preferência pela próclise no PB, inclusive antes do segundo verbo em uma perífrase verbal. No entanto, enaltecendo a questão da mudança linguística inerente a qualquer língua, Castilho (2012) sublinha que essas predileções sofreram alterações.

No PE, segundo o autor, Salvi (1990) constata que o auge do favoritismo pela próclise se dá no século XVI, registrando-se um rápido declínio após esse período, quando a ênclise, observada inicialmente, volta a predominar. Castilho (2012) também apresenta os dados de Martins, A. M. (1994) que, segundo ele, apesar de ligeiramente diferentes, não discrepam dos de Salvi (1990). Conforme observado abaixo, na tabela extraída de Castilho (2012), o século XV, segundo a autora portuguesa, foi crucial na mudança ênclise > próclise.

Tabela 1. Colocação dos clíticos no PE segundo Salvi (1990) e Martins, A. M. (1994)

Colocação dos clíticos segundo Salvi (1990)									
	1267-1348	1425-1450	1510-1520	1550-1600	1655	1727	1746	1846	1878
Próclise	29%	50%	61%	100%	57%	81%	49%	10%	5%
Ênclise	71%	50%	39%	0%	43%	19%	51%	90%	95%
Colocação dos clíticos no português arcaico segundo Martins (1994)									
	1250-99	1300-49	1350-99	1400-49	1450-99	1500-50			
Próclise	6,7%	18,8%	37,8%	71,4%	94,4%	100,0%			
Ênclise	93,3%	81,2%	62,2%	28,6%	5,6%	0%			

Fonte: Castilho (2012, p. 484)

No PB, através do estudo de Pagotto (1992), Castilho (2012) evidencia desde o século XVI uma inclinação pela próclise (cf. tabela 2). A alteração em direção à ênclise só se verifica a partir do século XX. Para o autor, talvez as regras das gramáticas tradicionais relacionadas à colocação pronominal (citadas na subseção anterior) espelhem justamente essa virada, que começa em Portugal no século XIX. No Brasil, no século XIX, as elites buscam padrões europeizantes, inclusive para os fatos da língua. Desse modo, essa tendência à ênclise no século XX reflete a imposição de regras fundamentadas no PE, mas que, por serem “artificiais”, não se mantêm. O fato de, na segunda metade desse mesmo século, a ênclise começar a aparecer apenas discretamente à frente da próclise, já aponta para a vitória do que se consagra como o padrão do PB contemporâneo, isto é, a dominância do pronome proclítico.

Tabela 2. Colocação dos clíticos no PB segundo Pagotto (1992)

	1530- 1550	1551- 1599	1600- 1650	1650- 1699	1700- 1750	1751- 1799	1800- 1850	1851- 1899	1900- 1950	1951- 1992
Próclise	83%	84%	92%	88%	85%	85%	89%	55%	29%	46%
Ênclise	17%	16%	8%	12%	15%	15%	11%	45%	71%	54%

Fonte: Castilho (2012, p. 485)

O autor conclui o seguinte:

Comparando os resultados desses autores, vê-se que a virada proclítica do PE se situa no século XV, e nas primeiras décadas do século XVI, quando começam a chegar os primeiros colonizadores portugueses ao Brasil. Ou seja, “a próclise brasileira” teria suas raízes no PE do século XV, dados mais evidentes nos achados de Martins (1994), e que apontam para a hipótese da ancianidade do PB<sup>32</sup> [...]. (CASTILHO, 2012, p. 485, grifo do autor)

### 2.2.3.2 Em outras pesquisas linguísticas

#### 2.2.3.2.1 Sob o viés diacrônico

A investigação de Pagotto (1992)<sup>33</sup>, pautada no arcabouço teórico-metodológico da Sociolinguística Paramétrica (lançada, no Brasil, por Tarallo e Kato (1989)), explora a face

<sup>32</sup> Para explicações sobre a questão do PB ser uma continuação do português arcaico, ver Castilho (2012, p. 169-195).

<sup>33</sup> Ver também Pagotto (1996).

sintática dos clíticos pronominais no PB do século XVI ao XX. São analisadas cartas pessoais e documentos oficiais – processos criminais, escrituras e testamentos – e, desse material, são extraídos os dados que contêm clíticos relacionados a lexias verbais simples e a complexos verbais. A posição do clítico é investigada em quatro configurações: (i) em sentenças com um único verbo, (ii) em sentenças com grupos verbais, (iii) em sentenças com verbos sozinhos precedidos de negação ou advérbio, e, (iv) em sentenças com grupos verbais precedidos de negação ou advérbio. As possibilidades de colocação do clítico são avaliadas em função: (i) do *estatuto do(s) verbo(s)*; (ii) do *tipo de verbo auxiliar*; (iii) do *tipo de sujeito da sentença*; (iv) da *presença/ausência de atratores antes do verbo*; (v) do *tipo da sentença*; (vi) da *estrutura básica da sentença*; (vii) do *tipo de clítico*; (viii) do *papel temático do clítico*; (ix) do *tipo de fonte* (tipo de texto); (x) do *período de tempo* (os dados são separados em períodos de cinquenta anos); e (xi) do *documento ou série de documentos* (os dados são controlados por documento ou série de documentos isoladamente, para que não haja enviesamento nos resultados).

Em relação a um único verbo na sentença, o autor afirma que, do século XVI ao XVIII, os clíticos aparecem em próclise de uma maneira bastante consistente – o percentual se mantém em torno dos 85% em quase todos os períodos desses séculos<sup>34</sup> –, sendo vista certa tendência à ênclise somente a partir do século XIX. Segundo Pagotto (1992), essa tendência indica um processo de mudança que, para ele, é contraditório, uma vez que “o português vinha de um sistema em que a ênclise não era majoritária” (PAGOTTO, 1992, p. 100). A propósito das variáveis estruturais verificadas, de acordo com o autor,

Pudemos perceber que a posição do verbo na sentença é o fator que mais fortemente condiciona a posição dos clíticos, quando se trata de verbos únicos em sentenças finitas. De fato, a tendência à próclise no período que vai do século XVI ao século XVIII é somente refreada pelo fato de o verbo começar ou não a sentença. (PAGOTTO, 1992, p. 100)

Quanto à posição em grupos verbais, do século XVI ao XVIII, a próclise ao primeiro verbo (cl-V1 V2) é altamente prevalecente, para todos os tipos de clíticos, atingindo, em alguns casos, resultado categórico. Os contextos de grupos verbais com infinitivo são os únicos nos quais se encontra a possibilidade de variação no período mencionado, à medida que é alto o índice de ênclise ao segundo verbo (V1 V2-cl). Na segunda metade do século XVIII, conforme aponta o autor, começa-se a perceber um processo de mudança, observando-se a substituição da posição pré-CV pela posição proclítica ao segundo verbo (V1 cl V2). Os contextos que

---

<sup>34</sup> Cf. tabela 2.

favorecem esse comportamento são aqueles que apresentam o verbo principal na forma infinitiva, afetando mais fortemente os clíticos reflexivos. O clítico *o*, porém, por razões fonológicas ou sintáticas, não é afetado por essa construção, o que, segundo Pagotto (1992, p. 123), “deve ter concorrido para o seu desaparecimento”.

Nos casos de verbos simples e grupos verbais antecidos por partículas de negação ou advérbios, o autor atesta a grande produtividade da cliticização às partículas de negação, desde a metade do século XVI até o século XVIII, ou seja, destacam-se as variantes cl-NEG V e cl-NEG V1 V2. A adjunção aos advérbios pré-verbais, por sua vez, mostra-se pouco significativa desde o século XVI, sendo dominantes as variantes ADV cl-V e ADV cl-V1 V2.

Em linhas gerais, Pagotto (1992) conclui que o PB perde o movimento do verbo e o movimento longo dos clíticos, características observáveis no português clássico, o que leva ao seu padrão de próclise generalizada e à reanálise dos clíticos, ocasionando o desaparecimento de alguns deles. Segundo Pagotto (1996, p. 202),

O processo de mudança do qual resultou o PB fez com que este último perdesse a possibilidade de subida do clítico nos grupos verbais, a próclise à negação e a ênclise em sentenças infinitivas e gerundivas. Nos dois primeiros casos, foi argumentado que houve a perda do movimento individual do clítico; no segundo caso, foi argumentado que a perda de movimento do verbo teria sido a razão do atual padrão do PB.

Lobo (1992), a partir da descrição da colocação do clítico no português quinhentista e no PB culto contemporâneo e do confronto desses resultados com descrições da situação do PE contemporâneo – baseando-se em trabalhos de outros estudiosos (SALVI, 1990; MARTINS, A. M., 1992; MATEUS et al., 2003[1983]) –, estabelece um quadro geral do desenvolvimento divergente da língua portuguesa, no que se refere a esse aspecto da sintaxe. Para a análise do português no século XVI, a autora utiliza um conjunto de documentos da corte de Dom João III e, para o PB contemporâneo, são considerados quinze dos noventa inquéritos linguísticos que integram o Projeto NURC. A pesquisadora inclui em sua investigação apenas as ocorrências de clíticos em orações constituídas por formas verbais simples, tanto finitas quanto não finitas.

Por se tratar de um estudo circunscrito às premissas da Sociolinguística Variacionista, compõe-se da seguinte forma o quadro das variáveis linguísticas consideradas na análise do comportamento sintático dos clíticos: (i) *tipo da oração*; (ii) *elementos que antecedem imediatamente o verbo*; (iii) *tempo e modo do verbo*; (iv) *tipo de clítico*; e (v) *tonicidade da forma verbal*. Sobre as variáveis independentes não linguísticas, na análise dos clíticos no PB

culto contemporâneo, Lobo (1992) elenca os fatores *faixa etária*, *local de origem dos informantes*, e, de acordo com a autora, uma variável menos ortodoxa: a *interferência dos modelos linguísticos* que definem a norma-padrão da língua sobre o comportamento linguístico dos falantes cultos brasileiros. Para o português do século XVI, Lobo (1992) avalia a interferência de duas variáveis de natureza estilística: a *natureza dos textos analisados* – prosa epistolar (cartas) e prosa legal (testamentos e memorandos) – e, em relação à prosa epistolar, os *diferentes remetentes e destinatários das cartas*. Entretanto, conforme a autora apresenta,

[...] a consideração dessas variáveis estilísticas foi abandonada por não se ter mostrado produtiva para a explicação dos padrões de colocação dos clíticos no século XVI, na medida em que se pôde observar que as regras de colocação do clítico naquela sincronia eram bastante regulares e definidas basicamente por fatores de natureza estrutural. (LOBO, 1992, p. 44)

O comportamento dos clíticos no PB culto é caracterizado como variável, com acentuada preferência pela colocação pré-verbal na maioria dos contextos, sendo, inclusive, categórica em orações com verbo antecedido por SN sujeito pronome pessoal e por elementos de negação. De acordo com Lobo (1992), todavia, destacam-se como “ilhas de resistência” ao padrão observado para o PB contemporâneo culto o gerúndio, o clítico acusativo de 3ª. pessoa, junto às formas do infinitivo, e o clítico *se*, nas construções de sujeito indeterminado, já que, quando presentes na oração, a ênclise passa a ser favorecida. Conforme a autora aponta, diferentemente da realidade brasileira, no PE, a opção por uma das variantes de colocação dos clíticos em um contexto sintático implica quase sempre a exclusão da outra variante.

As divergências de colocação do clítico entre o português quinhentista e o PB contemporâneo são vistas nos níveis das formas finitas e das formas não finitas do verbo. Além disso, no PB, segundo Lobo (1992), o clítico se encontra obrigatoriamente adjacente ao verbo, ao passo que, no português quinhentista, a interpolação é largamente utilizada. Ainda sobre o contraste entre o português quinhentista e o PB contemporâneo, a autora afirma:

Mesmo se registrando um aumento no uso da colocação pré-verbal no século XVI, observa-se que os condicionamentos sintáticos permanecem, de modo que se encontram ainda contextos em que a colocação pré-verbal é categórica, ao lado de outros em que a posposição é categórica. Contudo, na continuação desse processo de crescimento do uso da colocação pré-verbal, que caracteriza o desenvolvimento histórico do português do Brasil, há um momento em que os condicionamentos sintáticos são sobrepujados pela generalização da anteposição como a forma preferencial de colocação do clítico em qualquer situação. (LOBO, 1992, p. 222)

Sobre as diferenças entre o PE contemporâneo e o português do século XVI, estas são assinaladas no âmbito das orações em que ocorrem formas finitas do verbo, já que, com formas não finitas, o sistema de colocação dos clíticos é o mesmo. De acordo com Lobo (1992, p. 226-227),

Nas *orações subordinadas desenvolvidas e interrogativas*, a situação permaneceu inalterada, estando o clítico, no português europeu, em posição pré-verbal, como no português quinhentista. Entretanto, nas *orações principais/absolutas e coordenadas*, produziram-se mudanças que seguiram uma mesma direção: o incremento do uso da variante pós-verbal de colocação do clítico. Não há, assim, um contexto sequer em que a colocação fosse pós-verbal e tenha passado a pré-verbal, mas apenas contextos em que a colocação era pré-verbal, ou variável com preferência pela colocação pré-verbal, passando a pós-verbal. Contudo, esse processo não atingiu todos os contextos definidos como sendo de colocação pré-verbal, ou preferencialmente pré-verbal, no português quinhentista.

Quanto à interpolação, Lobo (1992) também atesta a adjacência do clítico à forma verbal, no PE, entretanto, refere-se à possibilidade, na atualidade, de se interpor entre o clítico e o verbo a partícula *não*, desde que se esteja tratando da língua-padrão escrita.

Por último, a fim de reafirmar o favoritismo brasileiro pela posição pré-verbal e salientar a distância existente entre a norma culta e a norma-padrão do PB, Lobo (1992) revela que, nos dados analisados, além de ser alto o índice de obediência às prescrições gramaticais que indicam a colocação pré-verbal do clítico (98%), também é significativo o índice que aponta a desobediência às prescrições indicadoras da colocação pós-verbal (67%). Para ela,

A relação entre esses dois resultados faz-nos, por conseguinte, interpretar os 98% de ocorrência da colocação pré-verbal nos contextos em que as gramáticas normativas a indicam não como reflexo da obediência dos falantes à prescrição gramatical, mas tão somente como produto da convergência entre a regra prescrita e o comportamento habitual dos falantes analisados [...]. (LOBO, 1992, p. 188-189)

Os 33% obtidos para os casos de observância às prescrições gramaticais que indicam a colocação pós-verbal, para a autora, demonstram “a interferência dos modelos que definem a norma-padrão de colocação do clítico sobre a fala culta brasileira” (LOBO, 1992, p. 189). E, a ocorrência de apenas 2% quanto à não obediência às prescrições relacionadas ao uso pré-verbal do pronome – isto é, uso da ênclise em contextos de próclise –, segundo Lobo (1992), reflete a atenção particular por parte do falante à norma-padrão, utilizando-se, independentemente do contexto, da variante de maior prestígio social.



Martins, A. M. (1994)<sup>35</sup>, com dados produzidos em textos portugueses e fundamentada na Teoria de Princípios e Parâmetros, mais propriamente em sua versão minimalista (CHOMSKY; LASNIK, 1993; CHOMSKY, 1993, 1994), analisa a ordem dos clíticos verbais em dois recortes temporais: do século XIII ao XVI, valendo-se de documentos não literários (notariais), e do século XVI aos dias de hoje, com base na descrição de documentos de natureza literária.

Uma vez que os resultados assinalam que a colocação dos clíticos no português medieval e clássico se afasta daquela que se manifesta no português contemporâneo, a autora aponta que as diferenças mais profundas se encontram nas orações com verbo na forma finita. Para ela,

Nas orações não dependentes afirmativas (e não introduzidas por quantificadores, advérbios, sintagmas *qu-* ou focalizados), os clíticos podiam antepor-se ou pospor-se ao verbo [exceto os registros de contexto de início absoluto de oração], no português medieval e clássico, enquanto no português actual necessariamente se pospõem. (MARTINS, A. M., 1994, p. 267)

Martins, A. M. (1994) assegura que a posposição dos clíticos, largamente dominante durante o século XIII, em termos quantitativos, vai sendo progressivamente substituída pela próclise, largamente preferida no século XV e maioritária no século XVI<sup>36</sup>. Em orações subordinadas, veem-se os clíticos, tanto no português antigo quanto no atual, necessariamente pré-verbais. Após o século XVI, a variante próclítica sofre expressivo declínio, registrando-se um aumento da variante pós-verbal, entre os séculos XVII a XIX.

Outro ponto avaliado pela autora é o que se refere à interpolação. No decurso dos séculos XIII ao XVI, há ocorrências de elementos posicionados entre o clítico e o verbo. Na sequência, a partir do século XVII, nota-se a realização decrescente desse fenômeno, observando-se somente a interposição da partícula *não*. No PE atual, segundo Martins, A. M. (1994), os pronomes geralmente se posicionam adjacentes ao verbo, entretanto, em alguns dados, em determinados contextos, ainda se mantém a partícula *não* interpolada. A interpolação generalizada do português antigo não é mais verificada nos dias atuais.

A propósito dos complexos verbais, a autora não inclui nas análises os dados com o verbo principal na forma gerundiva ou na forma participial, dado que, conforme indica, nesses dois contextos, não há variação. Na discussão, voltada apenas aos registros com o segundo verbo no infinitivo, Martins, A. M. (1994) atesta que, do século XIII ao XVI, os clíticos se

<sup>35</sup> A discussão apresentada na subseção 2.2.3.1, sobre Martins, A. M. (2013), é, em parte, fruto desse estudo.

<sup>36</sup> Cf. tabela 1.

cliticizam ao auxiliar. No entanto, a autora ressalta que, quando o auxiliar está elíptico, por ser idêntico ao da oração precedente, o clítico necessariamente aparece adjungido ao infinitivo. Para o segundo período analisado (século XVI aos dias atuais), a autora não apresenta nenhuma consideração em relação a estruturas com mais de um verbo.

A posição do clítico pronominal em relação ao verbo auxiliar é semelhante à sua colocação em contextos de lexias verbais simples. O pronome proclítico ocorre em orações subordinadas finitas, orações com partículas negativas, orações subordinadas finitas introduzidas por determinadas preposições e em orações principais afirmativas introduzidas pelo advérbio *asy*. Em orações não dependentes, a posição do clítico é oscilante, podendo o pronome aparecer antes ou depois do verbo auxiliar, nas mesmas condições dos contextos previstos para as lexias verbais simples.

Martins, A. M. (1994) sistematiza que, no século XIII, a ênclise ao verbo auxiliar é predominante; no século XIV, há um equilíbrio entre as colocações proclítica e enclítica; e, nos séculos XV e XVI, há o domínio da posição pré-verbal ante o primeiro verbo.

Em relação à cliticização após o infinitivo, quando essa forma figura em posição habitual, isto é, depois do verbo auxiliar, a autora declara que a configuração V1 V2-cl aparece somente em uma parcela muito pequena do *corpus*. Desse modo, pode-se absorver que o estudo de Martins, A. M. (1994), quanto aos complexos verbais, demonstra a produtividade dos clíticos pronominais adjacentes a V1 e a raridade desses pronomes ligados a V2, durante os séculos XIII a XVI.

A fim de discorrer sobre a reanálise da categoria vazia em posição de objeto, o trabalho de Cyrino (1996)<sup>37</sup>, fundamentado na Teoria de Princípios e Parâmetros (CHOMSKY, 1993, 1994), enfoca a mudança dos clíticos no PB sob dois aspectos: a posição desses pronomes e a queda de sua frequência de uso. Para tanto, a autora analisa a colocação pronominal em estruturas verbais simples e complexas, oriundas de peças teatrais brasileiras elaboradas nos séculos XVIII, XIX e XX. As peças, segundo a autora, apresentam usos linguísticos não muito distantes do vernáculo dos períodos em questão.

De acordo com Cyrino (1996), as mudanças ocorridas mostram claramente que, quanto à próclise, no século XVIII, o pronome clítico pode subir (*climb*) até mesmo a uma posição acima da negação, tanto em estruturas simples quanto em sentenças com locuções verbais. No século XIX, isso deixa de ser uma possibilidade e, então, no século XX, em uma locução verbal,

---

<sup>37</sup> Ver também Cyrino (1997).

o clítico pronominal se apresenta sempre proclítico ao verbo mais baixo (*lower verb*), ou seja, o verbo principal, que não carrega a concordância. Mesmo com a presença de uma palavra atrativa na estrutura, o clítico tende a se fixar à esquerda do verbo principal, e, com a presença da palavra *não*, o pronome clítico não aparece mais acima da negação. A próclise ao verbo simples também passa a ser predominante. Sobre a ênclise, a autora afirma que, no século XVIII, é a posição categórica nas estruturas com o imperativo afirmativo, em sentenças com infinitivo pessoal e em sentenças com gerúndio. No entanto, sendo progressivamente abandonada no PB, no século XX, restringe-se ao pronome *o*, *a*, quando há um infinitivo. Cyrino (1996) complementa certificando que, em todo os outros casos, há próclise, mesmo nos julgados impossíveis para o PE. Nota-se, portanto, uma generalização de ocorrência do pronome proclítico.

Paras as mudanças apontadas, especialmente para o caso das locuções verbais, Cyrino (1996) sugere que a ênclise ao verbo auxiliar é reanalisada como próclise ao verbo principal e, isso, juntamente com as demais reanálises, acarreta a mudança da posição do clítico.

Quanto à queda dos pronomes clíticos, a autora, a partir de outro trabalho (CYRINO, 1990), revela que, na primeira metade do século XVIII, há 85% de ocorrência de clíticos contra 17% de falta de clíticos (posições vazias – objetos nulos), observando-se, já na primeira metade do século XIX, que a ocorrência de clíticos cai para 58% contra 42% de sentenças sem eles (e sem o pronome lexical).

A pesquisadora ainda destaca que, além do clítico de terceira pessoa ser o primeiro a ter uma queda significativa, é o clítico *o* proposicional o primeiro a desaparecer no PB. Assim, a origem do objeto nulo pode estar vinculada ao desaparecimento desse tipo de clítico. Sobre os clíticos de primeira e segunda pessoas, Cyrino (1996) atesta que ainda ocorrem no PB, contudo em uma proporção bastante reduzida.

GBPS (2005), através de uma análise diacrônica, estudam a colocação pronominal no período que compreende os séculos XVI a XIX. Para isso, observam os contextos de lexias verbais simples, provenientes de vinte textos literários escritos por autores portugueses nascidos entre os anos de 1500 a 1850. De acordo com as autoras, o padrão empírico variável da ordenação dos clíticos na diacronia do português reflete mudanças sintáticas relacionadas, por sua vez, a diferentes gramáticas no curso dos séculos.

Os dados são organizados a partir de contextos de variação (I e II) e contextos de não variação, estes excluídos da quantificação. Consideram-se, então:

- (1) Contextos de variação I: referem-se às orações afirmativas finitas nas quais o grupo verbal-clítico é antecedido por um sujeito referencial não focalizado, por determinados tipos de advérbio ou por um sintagma preposicional com função adverbial;
- (2) Contextos de variação II: referem-se às orações nas quais o elemento pré-verbal é uma conjunção de coordenação ou uma oração dependente; e
- (3) Contextos de não variação: referem-se à ênclise categórica, quando o verbo está em posição inicial absoluta na oração, e à próclise categórica, encontrada em orações negativas, em orações subordinadas e em orações em que o sintagma pré-verbal é um quantificador, um operador *qu-*, um sintagma focalizado ou um advérbio de determinada classe.

A divisão proposta se justifica em razão dos diferentes padrões de distribuição de ênclise e próclise, no decorrer dos anos, nos dois contextos de variação mencionados. Nos contextos de variação I, vê-se mais uniformidade em relação aos usos de autor para autor, destacando-se a baixa produtividade da ênclise nos séculos XVI e XVII. Por outro lado, nos contextos de variação II, desde o século XVI, é muito grande a variação de autor para autor e a frequência de ênclise é maior.

GBPS (2005), de modo geral, verificam que o uso da ênclise aumenta progressivamente ao longo dos séculos, com alguns altos e baixos no desenrolar do trajeto. Isso se dá, talvez, pela natureza do *corpus*, constituído por textos literários diversos que podem revelar estilos próprios de cada autor. Assinalam, então, num primeiro momento, um índice de ênclise variável de 0% a 20% em todos os textos dos autores nascidos até o final do século XVII (com a exceção de *Os Sermões*, de Vieira) e, posteriormente, em produções de autores nascidos no começo do século XVIII, notam o aumento progressivo do pronome enclítico (com exceção da escrita de Correia Garção, de 1724), inclusive com frequências próximas a 100%. A ênclise passa a ser a posição preferida no PE moderno.

Para as autoras, esses dois momentos são interpretados como duas fases gramaticais distintas. No primeiro, a variação resulta de uma gramática em que a próclise é a opção não marcada (reflexo do português clássico), mas que não exclui a ênclise. Os dados do segundo período são consequências de uma mudança gramatical que estabelece a ênclise como a única opção de colocação, cabendo à próclise, durante um longo tempo, figurar como um resquício da gramática antiga na escrita. O padrão de ordenação dos clíticos no português, portanto, está relacionado ao processo de *competição de gramáticas*, definido por Kroch (1994, 2001)<sup>38</sup>.

<sup>38</sup> Para o autor, na implementação da mudança sintática, a variação atestada no uso de uma forma/estrutura linguística em textos históricos no curso dos séculos pode ser entendida como o reflexo da competição de diferentes gramáticas (KROCH, 1994, 2001).

Conforme GBPS (2005) afirmam, a inversão na frequência entre próclise e ênclise, após o século XVIII, refere-se à competição nos textos entre duas gramáticas: a gramática conservadora do português clássico e a gramática inovadora do PE moderno.

Dando sequência ao modelo que retrata a variação da colocação pronominal sob a noção de competição de gramáticas, citam-se o estudo de Carneiro (2005) e, em seguida, o trabalho de Martins, M. A. (2009).

Em Carneiro (2005)<sup>39</sup>, analisam-se lexias verbais simples e complexas, tendo como fonte de extração dos dados cartas pessoais oitocentistas (datadas de 1809 a 1904), escritas por brasileiros cultos e não cultos nascidos entre 1724 e 1880. A autora desenvolve um estudo no qual são integradas a sintaxe, a sócio-história e a filologia, visto que investiga a colocação pronominal em um *corpus* constituído de forma a representar as duas formas principais de diversificação externa do português no Brasil, a ocupação do litoral e a do interior, durante o século XVII, que se maximizam, por dispersão, no século XIX. Os documentos analisados permitem, então, opor duas possíveis variedades geográficas, com o objetivo de verificar a relação entre história interna e externa no PB. Além disso, Carneiro (2005) também se responsabiliza pela edição das 500 cartas manuscritas.

Elucida-se, aqui, somente que, para a autora, nos textos brasileiros do século XIX são observados três padrões distintos na colocação dos clíticos: (i) construções equivalentes ao português clássico (séculos XVI-XVII); (ii) construções que refletem as mudanças em direção ao PE moderno (século XVIII); e (iii) construções do PB (século XIX). Desse modo, Carneiro (2005) explica a enorme variação que aparece nos textos escritos no Brasil ao longo dos anos de 1800. O aumento da ênclise nos textos brasileiros do século XIX é o reflexo da competição entre o português clássico e o PE moderno. A variação ênclise/próclise em construções V1 (sentenças iniciadas por verbos), por sua vez, é resultado da competição entre o português clássico e o PB. Pela coexistência de dois tipos distintos de competição, segundo a autora, compreende-se, assim, a contradição aparente entre o aumento da ênclise concomitantemente ao aumento da próclise.

Articulando os pressupostos da Teoria da Variação e Mudança (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 1968; LABOV, 1972, 1982, 1994), da mudança sintática via competições de gramáticas e da Teoria de Princípios e Parâmetros, em sua versão minimalista (CHOMSKY,

---

<sup>39</sup> Ver também Carneiro e Galves (2010).

1993, 1994), Martins, M. A. (2009)<sup>40</sup> examina a ordem dos clíticos pronominais na escrita catarinense dos séculos XIX e XX.

De acordo com o autor, revisitando a tese defendida por GBPS (2005) e Carneiro (2005), a escrita de Santa Catarina no recorte temporal analisado pode refletir um processo de mudança sintática, em relação à ordenação dos clíticos, conduzido pela competição de diferentes gramáticas: a do PB, a do PE e a do português clássico. Desse modo, além de peças teatrais escritas por catarinenses no período referido, Martins, M. A. (2009) ainda analisa uma amostra de peças escritas, também nos séculos XIX e XX, por lisboetas. São examinadas as orações com clíticos adjuntos a construções verbais simples e complexas.

Em relação aos contextos em que há variação entre próclise e ênclise, no que se refere às orações finitas não dependentes com verbos simples, os resultados indicam, nos textos catarinenses, um aumento progressivo de próclise em contextos V1 (orações com o verbo em primeira posição absoluta) e, também, em orações com o verbo precedido por sujeitos, advérbios não modais e sintagmas preposicionais, não focalizados (contexto XV). Quanto à amostra portuguesa, nesses mesmos contextos – orações iniciadas por sujeitos não focalizados, advérbios não modais e sintagmas preposicionais –, verificam-se alternâncias entre as posições em textos originários do século XX, no entanto, com crescente aumento no uso da colocação enclítica.

Ainda quanto ao aumento nos índices de próclise no PB, o autor assinala uma alternância que vai de uma média de 28,5% em textos escritos por catarinenses nascidos no século XIX para uma média de 95% em textos daqueles nascidos no século XX. Além disso, em orações com sujeitos pré-verbais, Martins, M. A. (2009) assinala que a próclise é categórica nos textos dos autores nascidos no século XX e, nas produções daqueles nascidos no século XIX, é dependente do tipo de sujeito pré-verbal: é notavelmente mais recorrente em orações com sujeitos pronominais pessoais, ao contrário do que se observa em orações com sujeitos DPs [sintagmas determinantes] simples.

Em linhas gerais, Martins, M. A. (2009) afirma que a próclise a V1, atestada nos textos brasileiros dos séculos XIX e XX, é vista como uma característica inovadora da gramática do PB. E, aos dados de ênclise em orações finitas não dependentes com o verbo precedido por um sujeito, um advérbio não modal ou um sintagma preposicional, não focalizados, mais averiguados no século XIX, atribui-se a influência da gramática do PE.

---

<sup>40</sup> Ver também Martins, M. A. (2010).

A respeito da colocação pronominal em complexos verbais, por um lado, Martins, M. A. (2009) aponta o crescimento gradativo no PB do pronome proclítico ao verbo não finito, principalmente no século XX, considerando tal construção também um traço peculiar da gramática do PB, já que, em quaisquer outros estágios da língua portuguesa, nunca fora encontrada. Por outro lado, segundo o autor, também são verificadas construções com interpolação em matriz e construções com subida de clíticos sem atratores, interpretadas como resquícios relacionados à gramática do português clássico.

Nunes, C. da S. (2009)<sup>41</sup>, com base na Sociolinguística Variacionista e direcionada pelos parâmetros de cliticização propostos por Klavans (1985), desenvolve uma investigação sobre a ordem dos pronomes clíticos em complexos verbais dos séculos XIX e XX, nas variedades europeia e brasileira. Nunes, C. da S. (2009) se volta à análise de textos jornalísticos (especificamente, anúncios, editoriais e notícias).

A autora sublinha que casos de pronomes átonos em posição inicial absoluta não são encontrados em nenhuma das amostras. Desse modo, nesse contexto, não se manifesta a variante pré-CV. Vê-se que a ordem pós-CV é a mais produtiva na variedade europeia, nos dois séculos, e na variedade brasileira no século XX. No PB do século XIX, a variante intra-CV, do tipo ênclise a V1, é a mais recorrente. Segundo a pesquisadora, tal comportamento é justificado pelo fato de a maioria dos dados estar presente nos anúncios, em expressões cristalizadas com o *se* apassivador ou indeterminador, e, ainda, por alguns desses casos apresentarem o segundo verbo do complexo na forma participial.

Em todos os outros dados, que não os de contexto de início absoluto de oração, a autora observa que, especialmente no século XIX, tanto o padrão brasileiro quanto o padrão europeu são o da colocação proclítica ao complexo verbal, preferida sobretudo em contextos com elementos proclisadores. No século XX, na variedade brasileira, a redução na produtividade da posição pré-CV é constatada, enquanto ascendem as posições intra-CV, do tipo próclise a V2, e pós-CV. A variante V1-cl V2 também diminui. Nesse mesmo século, quanto aos dados europeus, Nunes, C. da S. (2009) percebe também o declínio da posição pré-CV e o equilíbrio do percentual de dados da posição pós-CV, quando comparados aos índices do século XIX. Por fim, a autora assinala a baixa produtividade das variantes intra-CV (com e sem hífen), na variedade europeia, nos dois séculos em questão.

---

<sup>41</sup> Ver também Nunes e Vieira (2013).

Dentre os fatores investigados como hipóteses explicativas, incluem-se: (i) o *número de formas (semi-) auxiliares*; (ii) a *forma do verbo principal*; (iii) a *presença de preposição/conector na locução*; (iv) a *presença de sintagmas intervenientes*; (v) o *tipo de clítico*; (vi) a *presença de possível elemento proclisador*; (vii) o *tempo e o modo verbais relativos ao verbo auxiliar 1*; (viii) o *tipo de complexo verbal*; (ix) a *época da publicação do texto*; e (x) o *gênero textual*.

Segundo Nunes, C. da S. (2009) informa, enquanto o PE demonstra forte estabilidade no condicionamento do fenômeno relacionado, fundamentalmente, à motivação das variáveis linguísticas, nos dois séculos, o PB se mostra sensível tanto a condicionamentos estruturais quanto a elementos externos à língua, como a fase da publicação e o gênero textual.

A respeito dos gêneros, a autora pondera que, especialmente no século XX,

No PB, os anúncios demonstraram preferir a variante intra-CV, talvez por se assemelhar ao padrão oral usado no Brasil, associado ao caráter mais informal do gênero. Os editoriais demonstraram sua característica de maior rigor no cuidado com a linguagem e no grau de formalidade, seguindo, por exemplo, mais intensamente o princípio da atração pronominal no favorecimento da variante proclítica ao complexo verbal. (NUNES, C. da S., 2009, p. 249)

Dentre as variáveis linguísticas examinadas, mostram-se as mais relevantes a *presença de possível elemento proclisador*, a *forma do verbo principal* e o *tipo de clítico*. Diante dos termos que exercem atração, segundo a autora, por um lado, os elementos subordinativos são os mais fortes condicionadores da próclise ao complexo verbal em todos os casos, mas, por outro, as suas atuações são vistas em proporções diferentes no PE e no PB. Com relação à forma do verbo principal, os dados revelam, nas duas variedades e nos dois séculos, notável tendência à colocação pré-CV com a forma participial. Ao gerúndio, atribui-se certo equilíbrio entre as variantes pré-CV e intra-CV, tanto no PE quanto no PB, principalmente no século XX. Nos registros com o verbo principal no infinitivo, para Nunes, C. da S. (2009), no século XIX, a colocação pronominal parece estar ligada à presença de um elemento proclisador. Entretanto, no século XX, principalmente no PB, o infinitivo demonstra preferência pela ênclise a V2, sem se tornar relevante a presença ou não de um atrator. Sobre o tipo de clítico, os dados atestam que a colocação do acusativo *o/a(s)*, na variedade europeia e na brasileira do século XIX, está condicionada à presença de um proclisador. Nos dados brasileiros do século XX, por sua vez, esse rigor não é seguido. Outro ponto realçado pela autora é a diferença no comportamento dos tipos de *se*, especialmente o indeterminador, que se liga predominantemente a V1, e o reflexivo/inerente, que se liga preferencialmente a V2.



Na tentativa de preencher as lacunas sobre a história da ordem do *se*, especificamente nos contrastes do reflexivo/inerente e do indeterminador/apassivador, em termos diacrônicos, Nunes, C. da S. (2014) dá continuidade ao seu estudo investigando a colocação desse pronome em estruturas verbais complexas das variedades europeia e brasileira. Mantêm-se o mesmo recorte temporal e o mesmo material de análise do trabalho anterior (NUNES, C. da S., 2009).

De modo geral, o PE e o PB apresentam duas histórias distintas quanto à colocação do pronome em complexos verbais para cada tipo de *se*. Para Nunes, C. da S. (2014, p. 07),

Enquanto os brasileiros parecem vincular as suas escolhas aos tipos de “se”, em que o reflexivo tende a figurar adjacente a V2 (inclusive em próclise) e o indeterminador adjacente a V1, os europeus o fazem de forma mais suave e parecem relacionar suas escolhas também à forma do verbo principal e à presença de “proclisador”, especialmente com o indeterminador, mas distante de valores categóricos, de modo que se atesta nesse contexto uma regra efetivamente variável. A atuação do “proclisador” com o reflexivo é branda também no PE, mesmo assim, um pouco mais efetiva do que no PB. Ao final do século XX, as diferenças evidenciam-se ainda mais quando se registra o aumento da próclise a V2 no Brasil. No PE a variante nem sequer é legítima/natural, e por isso, não empregada.

Biazolli (2010)<sup>42</sup>, sob as proposições da Linguística Histórica e da Sociolinguística Variacionista, investiga a posição dos clíticos pronominais adjungidos a um único verbo ou a um complexo verbal, em orações presentes em textos jornalísticos produzidos nas cidades de São Paulo e de Rio Claro (no interior paulista), no período que abrange o fim do século XIX e o início do século XX, especificamente entre os anos de 1880 a 1920.

Baseando-se nos pressupostos da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 1966, 1982, 1994, 2001a, 2008[1972]), observam-se, quanto aos grupos de fatores de natureza extralinguística, o *ano* e o *jornal* analisados, a *cidade da publicação do periódico* e o *gênero textual* no qual o clítico está inserido. Sobre as variáveis linguísticas, em contextos de lexias verbais simples, avaliam-se: (i) *tipo de clítico*; (ii) *função do clítico*; (iii) *forma verbal*; (iv) *tipo de verbo*, do ponto de vista lógico-semântico; (v) *presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração*; e (vi) *verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não início, absoluto na oração*. Para os complexos verbais, além dessas, examinam-se também as variáveis: (i) *formas verbais do primeiro e segundo verbos*; (ii) *presença, ou ausência, de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal*; e (iii) *tipo do complexo verbal*.

<sup>42</sup> Ver também Biazolli (2012, 2013, 2015).

Em resumo, dentre os dados obtidos nas publicações da capital do estado, a autora encontra 35,3% de próclise e 64,7% de ênclise, enquanto nas produções rioclarenses as ocorrências de pronomes proclíticos e enclíticos atingem, respectivamente, os índices de 43,2% e 56,8%. Adjuntos a complexos verbais, Biazolli (2010) assinala, nos jornais de São Paulo, a predominância dos clíticos na posição pré-CV (43%), seguida das posições pós-CV (31,5%) e intra-CV (25,5%) (com ou sem hífen). O mesmo é verificado nos jornais do interior: 39,2% de próclise a V1, 36,6% de ênclise a V2 e 24,2% de clíticos na posição intra-CV. A estudiosa revela que, sem se atentar aos contextos linguísticos das orações, são vistas tendências similares quanto à colocação pronominal nas duas amostras.

Nos contextos de lexias verbais simples, chega-se às variáveis influentes na colocação do pronome na oração (citadas aqui somente as escolhidas em ambas as análises – a dos dados paulistanos e a dos dados paulistas): *gênero textual, presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração, verbo hospedeiro do pronome clítico em início, ou não início, absoluto na oração e forma verbal*. Neste momento, discutem-se as três primeiras.

Biazolli (2010) lida com o seguinte conjunto de gêneros textuais: edital, notícia, aviso, anúncio, classificado, editorial, artigo, resenha/crítica, crônica, carta do leitor, nota e comentário. Segundo a autora, os resultados obtidos a partir dos jornais da capital permitem afirmar certa correlação entre as posições efetivamente ocupadas e as expectativas apresentadas em relação a esse grupo de fatores. Para ela,

Segundo os traços peculiares desses gêneros textuais, espera-se observar realidades diversas, quanto à colocação pronominal, em cada um deles, isto é, ora a predominância do pronome enclítico ora a do pronome proclítico, de acordo com o gênero textual averiguado. (BIAZOLLI, 2010, p. 142)

Confirmam-se, por exemplo, índices de próclise em 72,5% e 57,1%, respectivamente, nos gêneros resenha/crítica e carta do leitor, que são qualificados como mais subjetivos, conforme os temas que retratam e pela busca, muitas vezes, de certa familiaridade entre emissor e receptor. Por outro lado, nos gêneros anúncio e classificado, encontram-se percentuais de ênclise, nesta devida ordem, em 81,1% e 97,3%, corroborando a ideia de que se apresentam com certo grau de rigidez, através do uso regular de expressões cristalizadas<sup>43</sup>.

Sobre os gêneros textuais, de acordo com Biazolli (2010, p. 218),

---

<sup>43</sup> Para outros resultados, ver Biazolli (2010).

Percebe-se, também, a relevância de um maior aprofundamento em busca de traços que melhor definam as naturezas dos gêneros textuais, uma vez que ainda são poucas as discussões, no meio acadêmico, que retratam essa questão, a fim de que sejam somadas, cada vez mais, informações que possam auxiliar na interpretação, mais fidedigna, dos resultados<sup>44</sup>.

A presença de elemento proclisador imediatamente antecedendo o verbo motiva nas orações o uso do pronome proclítico, em 67,8%, nos jornais de São Paulo, e em 64,2%, nos jornais interioranos. Quando o verbo hospedeiro do clítico pronominal está em não início absoluto na oração, a próclise prevalece com 56,4% e 56,9%, nos jornais da capital e da cidade de Rio Claro, respectivamente. No entanto, a autora ressalta os percentuais de 32,2% e 35,8%, referentes ao uso da ênclise em contextos de presença de atrator, e as frequências de 0,5% e 3,7%, relacionadas à colocação proclítica em início absoluto na oração, nessas ordens, nos jornais de São Paulo e de Rio Claro (ex. (62) e (63)). Desse modo, ainda que as ocorrências do pronome átono em início absoluto na oração sejam em número bastante reduzido, para a autora, revelam “que a língua que servia, e ainda serve, para a interação social dos brasileiros poderia ser um português bastante diferenciado do PE, falado em Portugal, e da norma-padrão tradicional” (BIAZOLLI, 2010, p. 219).

(62) *Quer louvando, quer censurando, se esforçará sempre a Província de S. Paulo por ser justa: é este um dever que ella se impõe em virtude de suas condições de folha diária [...].* (“A Província de São Paulo”, São Paulo, 1880 – gênero Editorial) (BIAZOLLI, 2010, p. 174, grifo da autora)

(63) *Si a estrada de ferro diminue a distancia e o telegrapho quasi a destróe, a caridade a desconhece, a aniquila, faz com que não exista de forma alguma.* (“A Semana Militar”, Rio Claro, 1920 – gênero Artigo) (BIAZOLLI, 2010, p. 174, grifo da autora)

Em relação aos complexos verbais, Biazolli (2010) apresenta apenas a análise distribucional. A pesquisadora, inicialmente, privilegia os comportamentos de todos os fatores de cada variável considerada para esse contexto. Na sequência, a partir de cruzamentos, destaca as variáveis *forma verbal de V2, presença, ou ausência, de elemento proclisador na oração e tipo de complexo verbal* como os fatores responsáveis à determinação da posição do clítico em um complexo verbal. Com o verbo principal no infinitivo, nota-se a produtividade do pronome clítico posposto a ele, com percentuais de 42,6%, nos jornais de São Paulo, e 46,9%, nos jornais de Rio Claro. A presença de atratores condiciona a colocação da variante pré-complexo verbal com percentuais de 61,8%, nos jornais de São Paulo, e 47,4%, nos jornais de Rio Claro. Quando ausentes tais elementos, o aumento da produtividade das outras duas variantes é visivelmente observado. Por fim, com a passiva do verbo *ser* prevalece, nos jornais de ambas as localidades,

<sup>44</sup> Na seção seguinte, volta-se a essa questão.

a posição pré-CV, com índices de 87,2%, nos jornais de São Paulo, e 80%, nos jornais de Rio Claro. Conforme Biazolli (2010) descreve, pelo fato de a forma verbal de V2, nessas construções, ser a do particípio, e pela obrigatoriedade à não posposição do pronome clítico a essa forma, segundo preceitos tradicionais, não se registra nenhum pronome clítico posposto ao segundo verbo com esse tipo de complexo.

Por último, Santos (2010), amparada pela Sociolinguística Variacionista e pelos pressupostos de Klavans (1985) sobre a cliticização, analisa a colocação pronominal em romances das variedades europeia e brasileira, produzidos no decorrer dos séculos XIX e XX.

A autora examina os pronomes átonos em lexias verbais simples e em complexas. Quanto à adjacência do pronome a um único verbo, atesta-se uma distribuição equilibrada entre as variantes proclítica (49% no PB e 47% no PE) e enclítica (50% no PB e 52% no PE) – os casos de mesóclise atingem 1% em cada uma das duas variedades. De acordo com a estudiosa, a observação minuciosa dos resultados permite concluir que esse equilíbrio entre a próclise e a ênclise se altera fundamentalmente segundo o contexto sintático em que se encontram a forma verbal e o pronome átono.

Em contextos de início absoluto, a ênclise é praticamente categórica nas duas variedades e nos dois séculos, ressalvando-se, no entanto, somente alguns casos observados entre os anos de 1934 a 1966 no PB. Nesse período, de acordo com Santos (2010), a variedade brasileira registra, ainda que de forma discreta, dados do comportamento considerado vernacular, ou seja, a variante pré-verbal em início de sentença. Nos demais contextos, em que aparecem elementos proclisadores, tanto no PE quanto no PB, os índices de próclise se manifestam com expressividade em detrimento da colocação enclítica. Segundo a autora, contudo, pode-se dizer que o efeito proclisador na escrita portuguesa é mais efetivo.

Outros grupos ainda são mencionados por exercerem influência sobre a próclise, como, por exemplo, *o tipo de clítico* (no que concerne às duas variedades, salvo as formas contraídas do PB), *o tempo* e *o modo das formas verbais* (referentes ao PB e ao PE), *a tonicidade das formas verbais* e *a natureza da oração*, especificamente, nessa ordem, para o PB e para o PE.

Sobre os complexos verbais, Santos (2010) decide dividir os dados de acordo com a forma verbal de V2. Formam-se, então, os grupos de V2 no infinitivo, no gerúndio e no particípio. No PB, com o gerúndio, as ordens pré-CV e pós-CV se distribuem com número equilibrado de ocorrências no século XIX, enquanto, no século XX, a variante inovadora V1 cl V2 surge de modo majoritário diante das outras posições. No PE, a colocação pré-CV é a mais produtiva no século XIX; já no século XX, perde espaço para a posição V1-cl V2. Com o

segundo verbo na forma participial, em nenhuma das amostras, em nenhum período, ocorre a variante pós-CV e, como posição mais favorecida, aparece o pronome proclítico ao complexo verbal. Segundo Santos (2010), provavelmente, como efeito de algum elemento proclisador na oração. A propósito dos complexos com V2 no infinitivo, a variante pós-CV é a que ocorre predominantemente no PB e no PE. Nas duas variedades, verifica-se ainda distribuição similar das ocorrências no que se refere à ordem pré-CV, tendo o PE concretizado a chamada subida do clítico com frequência um pouco maior. Para a autora, então, a diferença entre as variedades do português, em relação às estruturas verbais infinitivas, concentra-se nas variantes V1 cl V2 e V1-cl V2. A primeira, de acordo com Santos (2010), aparece com índice de 18% no PB; e, a segunda, com 17% no PE.

#### 2.2.3.2.2 Sob o viés sincrônico

Vieira, S. R. (2002)<sup>45</sup> pesquisa a ordem dos clíticos pronominais nas variedades do PB, do PE e do português moçambicano (PM), nas modalidades oral e escrita, analisando o pronome ligado a um único verbo ou a um complexo verbal. Referindo-se ao século XX, o *corpus* oral se constitui por enunciados provenientes dos bancos de dados, para o PB, do Projeto NURC, do *Programa para Estudos do Uso da Língua* (PEUL) e do *Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro* (APERJ); para o PE, do *Corpus de Referências do Português Contemporâneo* (CRPC); e, para o PM, do banco *Panorama do Português Oral de Maputo* (PPOM). Os dados relacionados à modalidade escrita são extraídos de editoriais e crônicas de revistas e/ou jornais. Vieira, S. R. (2002) se baseia nos princípios teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e da Fonética Acústica, por se interessar também pelas características prosódicas do fenômeno em questão.

Em função dos propósitos traçados nesta pesquisa, particularizam-se as considerações que dizem respeito às variedades europeia e brasileira.

Em contextos de lexias verbais simples, de acordo com a pesquisadora, o PE apresenta, nas duas modalidades (oral e escrita), um condicionamento muito sistemático relacionado a aspectos de natureza estrutural. Ainda que os resultados apontem para uma distribuição equilibrada entre as variantes pré e pós-verbal, a análise dos grupos condicionantes mostra que essa divisão é ocasionada, principalmente, pela alta frequência de contextos de subordinação, nos quais estão presentes os elementos que exercem atração. Em todos os outros contextos,

---

<sup>45</sup> Ver também Vieira, S. R. (2003, 2007a, 2008a).

nota-se a realização da ênclise no PE. Destacam-se aqui, segundo Vieira, S. R. (2002), como influentes no direcionamento do clítico, as variáveis *presença de operador de próclise na oração*, *distância entre o operador e o grupo clítico-verbo* e, em um segundo plano, *tempo e modo verbais*. Apenas no PE oral ainda se sobressai o grupo *tipo de clítico*. O PB, por sua vez, apresenta um comportamento particular em cada modalidade. Com lexias verbais simples, na modalidade oral, a ordem não marcada é a próclise, sendo condicionada, basicamente, pelas variáveis *tipo de clítico/valor do se*, de natureza linguística, e *faixa etária*, de natureza extralinguística. Os resultados derivados da modalidade escrita mostram como relevantes para a colocação do pronome os grupos de fatores *tipo de clítico*, *presença de operador de próclise na oração* (especialmente na oposição início absoluto *versus* demais contextos), *tipo de oração* e *distância entre o operador e o grupo clítico-verbo*. A próclise permanece como a variante mais utilizada, entretanto, com um percentual muito menor do que o alcançado na modalidade oral.

Nas construções verbais complexas, no PE oral, a autora revela que a variante intra-CV – ênclise a V1 – é a que reúne o maior número de dados. A variante pré-CV, também produtiva, tem a sua existência determinada principalmente pela *presença de operador de próclise* no contexto anterior ao complexo verbal. Tal posição do pronome ainda é motivada pelo *se* apassivador/indeterminador e pela forma participial de V2. A variante pós-CV ocorre se o segundo verbo estiver no infinitivo e se o pronome em questão for o clítico acusativo de 3ª. pessoa ou o *se* inerente/reflexivo. No PE escrito, prevalece a posição pré-CV, condicionada pelos atratores de próclise. No PB oral, a variante intra-CV – próclise a V2 – chega a atingir o índice de 90% de ocorrência, segundo Vieira, S. R. (2002), independentemente da atuação de qualquer tipo de elemento condicionador. No condicionamento da variante pré-CV, atuam, além de algumas variáveis linguísticas, a variável extralinguística *escolaridade*. Dada a artificialidade dessa construção no PB, o grau de instrução do informante colabora no sentido de favorecê-la. O uso da variante pós-CV, de acordo com a pesquisadora, é ainda mais raro, restrita a construções com a segunda forma verbal no infinitivo seguida, principalmente, do clítico acusativo de 3ª. pessoa. No PB escrito, ainda que o número de dados seja bem reduzido, observa-se a produtividade da próclise a V2.

Por meio dos resultados obtidos pela análise prosódica, Vieira, S. R. (2002) atesta o padrão diferenciado de cliticização fonológica do PB e do PE. Conforme a autora esclarece,

Os resultados permitem afirmar que, em termos acústicos, (i) o pronome átono do PB apresenta, quanto à duração e à intensidade, as mesmas configurações de uma sílaba pretônica vocábular; o pronome átono do PE assume, quanto à duração e à intensidade, as características de uma sílaba postônica/pretonica vocábular; (ii) a ligação fonológica do pronome átono no PB dá-se para a direita, enquanto o PE assume o parâmetro da ligação fonológica para a esquerda; e (iii) o parâmetro acústico do acento que determina a cliticização do pronome à esquerda é, essencialmente, a duração – abreviada no PE –, atuando, em segundo plano, a intensidade – menor no PE [...]. (VIEIRA, S.R., 2002, p. 407)

Em Schei (2003), constata-se a investigação da colocação pronominal no PB literário do fim do século XX. O intuito da autora é fazer uma comparação entre o que está prescrito nas gramáticas normativas sobre a ordem dos clíticos, para as lexias verbais simples e para as complexas, e o que se encontra, de fato, no material por ela analisado. Valendo-se da ideia de que os clíticos pronominais são contemplados nas gramáticas brasileiras conforme os padrões de colocação lusitanos, Schei (2003), em paralelo, também pesquisa o comportamento dos pronomes átonos em textos literários portugueses. São analisados ao todo seis romances escritos por autores brasileiros, três romances portugueses e sete gramáticas normativas<sup>46</sup>. A escolha por obras literárias, segundo a autora, dá-se pelo fato de os compêndios gramaticais afirmarem que descrevem justamente a variedade culta da língua, especialmente a usada na literatura.

Os resultados obtidos indicam que a colocação pronominal na escrita literária do PB se distancia dos padrões propostos nos manuais normativos. No entanto, conforme a estudiosa diz, como os seis romances brasileiros apresentam particularidades distintas entre si, não se pode estabelecer um modelo representativo do padrão geral de colocação pronominal na escrita literária do PB contemporâneo.

Schei (2003) admite que algumas gramáticas fazem menção a aspectos típicos do PB (como, por exemplo, colocação proclítica em início de período, principalmente na fala espontânea, ou em casos em que se recomenda a ênclise e, nas locuções, posição proclítica ao segundo verbo), no entanto, segundo ela, as obras consultadas “não descrevem, muito bem, e muito menos explicam a variação que se observa no PB” (SCHEI, 2003, p. 129).

De modo geral, nos textos literários brasileiros analisados, a autora encontra: (i) próclise em contextos especificados pelas gramáticas como favorecedores de ênclise; (ii) ênclise em contextos morfossintáticos que motivam a próclise, (iii) alto índice de próclise com o pronome *me*, (iv) certa tendência à ênclise relacionada aos pronomes *se* e *lhe*; e (v) nas locuções verbais,

---

<sup>46</sup> Dentre as gramáticas escolhidas pela autora, constam também as obras que foram apresentadas aqui, tais como Said Ali (2008[1908]), Bechara (2009[1961]), Rocha Lima (2011[1957]) e Cunha e Cintra (2013[1985]).

a colocação proclítica a V2 é largamente a mais produtiva, inclusive em casos em que há elemento proclisador na oração. Quanto ao último aspecto, no entanto, destacam-se dois pontos: o primeiro é que os clíticos acusativos *o(s)/a(s)* são os únicos que não aparecem proclíticos ao verbo principal e, sobre o segundo, quando o verbo principal está no particípio, vê-se uma tendência à colocação proclítica ao verbo auxiliar, fato pouco frequente em construções formadas com infinitivo ou gerúndio.

Schei (2003) certifica, então, que há divergências entre o que se idealiza nas gramáticas para a colocação pronominal e o que é efetivamente escrito nos textos literários brasileiros. Além disso, para a autora, em alguns traços, a ordem dos clíticos na escrita literária se assemelha ao comportamento desses clíticos na modalidade oral do PB.

O estudo de Saraiva (2008), o que mais se distancia dos outros aqui discutidos, já que se concentra em uma linha de pesquisa voltada à Linguística de Gêneros e Tipos Textuais, compara a colocação dos pronomes átonos na escrita e fala cultas, respectivamente, do domínio jornalístico atual e de inquéritos do Projeto NURC. Além disso, a autora investiga o grau de coincidência (ou não) entre os exemplos colhidos e as regras das gramáticas tradicionais. A respeito do material escrito, a análise se fundamenta apenas nos gêneros jornalísticos que, segundo a pesquisadora, retratam a linguagem das revistas e dos jornais. Saraiva (2008) examina, portanto, notícias, reportagens, editoriais, dentre outras produções de 2007 e 2008 que, para ela, são representantes da escrita formal.

Para o desenvolvimento do trabalho, que lida somente com os clíticos adjungidos a lexias verbais simples, a autora se baseia em concepções gerais referentes à língua e linguagem, ao texto como materialização linguística, ao *continuum* fala/escrita e aos gêneros textuais. Dentre as hipóteses lançadas, para Saraiva (2008), (i) a atração vocabular permanece como a motivação para a preferência proclítica, em ambos os *corpora* (oral e escrito) pesquisados; (ii) a ênclise se mantém limitada à escrita, com frequência reduzida na fala; (iii) a mesóclise se mostra próxima à extinção; e, por fim, (iv) os usos escritos, mais do que os orais, devem atestar maior concordância com as regras das gramáticas tradicionais.

Os resultados, de modo geral, evidenciam que a próclise abrange o uso mais frequente, tanto na escrita quanto na fala, ainda que, nesta última modalidade, o percentual de anteposição do pronome seja mais acentuado (91% de próclise na fala e 69,80% na escrita). Segundo Saraiva (2008), os dados ainda revelam que a ênclise tende a usos restritos na escrita e a uma diminuição considerável na fala e que a mesóclise é praticamente não utilizada, aparecendo somente um único dado escrito dessa posição. Quanto ao que propõem as gramáticas tradicionais, de acordo



com a autora, nota-se que há pouca discordância entre os usos avaliados nas duas modalidades e as regras impostas, uma vez que, em contextos prescritos de próclise (com a presença de atratores consagrados pela tradição gramatical) e de ênclise (em especial, na ausência de atratores e em início de período/oração), ocorre a predominância, respectivamente, da anteposição e da posposição do pronome. Diante disso, Saraiva (2008) conclui serem válidos uma gramática e um ensino de língua que se baseiem na linguagem de jornais e revistas.

A respeito do tratamento dado aos gêneros, fator principal do interesse desta pesquisa no trabalho de Saraiva (2008), visto ser um dos poucos que lida com a colocação pronominal em um conjunto mais amplo de gêneros textuais jornalísticos, a estudiosa apenas tece conclusões relacionadas à relevância de um olhar mais atento aos gêneros usados em ambientes mais formais – fato justificável pelas noções e pelos propósitos que circundam o seu próprio estudo, interessado pelo ensino de língua portuguesa. Para Saraiva (2008, p. 101),

[...] nossa preocupação se referiu especialmente à conduta dos gêneros da linguagem culta, escritos e orais, haja vista que, por mais necessário que seja o estudo dos gêneros mais próprios, ou mais comuns na fala coloquial, não podemos negar a importância do exame da escrita e da fala cultas, tanto em análises teóricas como no trabalho prático em sala de aula.

Peterson (2010)<sup>47</sup> trata da ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas do PB, valendo-se de dados coletados em cartas de leitores presentes em três veículos de comunicação do Rio de Janeiro, os jornais *O Globo*, *Extra* e *Meia Hora*, publicados no período de 2008 a 2009. O estudo em questão é orientado pelo aporte teórico-metodológico da Sociolinguística Variacionista, pelos parâmetros propostos por Klavans (1985) sobre a cliticização pronominal, e, para a interpretação das questões relativas ao gênero textual e ao estudo de tradições discursivas, ainda utiliza uma bibliografia especializada (BAKHTIN, 1992[1979]; MARCUSCHI, 2005; KABATEK, 2006; dentre outros).

O número de clíticos nos três periódicos analisados não é o mesmo. No que diz respeito às lexias verbais simples, a distribuição de clíticos é de 466, 145 e 39, respectivamente nos jornais *O Globo*, *Extra* e *Meia Hora*. Quanto às lexias verbais complexas, para a mesma ordem de periódicos apresentada, verificam-se 93, 34 e 5 clíticos. De acordo com a autora, a discrepância entre a quantidade de dados pode estar relacionada, além da extensão das cartas divergir de um veículo de comunicação para o outro, ao perfil do próprio periódico e ao perfil de seu público-alvo, envolvido na produção e na recepção desses textos. Sugere-se, então, um

---

<sup>47</sup> Ver também Peterson e Vieira (2012).

*continuum* entre os jornais analisados. Para Peterson (2010), nesse *continuum*, *O Globo* tenderia a exibir cartas mais formais e com atendimento ao que se idealiza para a escrita culta padrão; o jornal *Extra*, cartas que apresentassem expressões linguísticas não tão marcadas; e, o periódico *Meia Hora*, cartas mais informais e com menos preocupação com a norma idealizada em compêndios gramaticais.

A variante pré-verbal é a mais produtiva no conjunto de dados e, também, em cada jornal. O periódico *O Globo* apresenta, em relação aos outros dois, o menor índice de próclise (67%) e o maior de ênclise (33%), mostrando-se mais obediente às prescrições tradicionais. O *Extra*, com 85% de próclise e 15% de ênclise, encontra-se, no *continuum* traçado pela pesquisadora, entre o jornal *O Globo* e o *Meia Hora*, dado que este (o *Meia Hora*) é caracterizado como o veículo mais favorecedor do pronome proclítico (92% contra 8% de ênclise).

Conforme Peterson (2010) mostra, a análise sociolinguística realizada permite enumerar as seguintes variáveis linguísticas como motivadoras para a ordem dos clíticos adjacentes a um único verbo: (i) *presença de possível elemento proclisador* (com a próclise categórica na presença da partícula *não*); (ii) *tipo de clítico* (com os pronomes de primeira e segunda pessoas e o clítico *se* reflexivo/inerente como variantes favorecedoras de próclise); (iii) *tipo de oração* (com a oração subordinada desenvolvida desencadeando fortemente a posição proclítica); e (iv) *distância entre o V-cl ou cl-V e um possível elemento proclisador* (tendência à próclise quando não há elemento interveniente entre o clítico e o possível atrator).

A análise dos complexos verbais é separada pela forma do verbo principal. Desse modo, independentemente da presença de contextos que tendem a desencadear a posição pré-CV, a variante intra-CV (sem hífen) é a opção favorita em todo o material examinado. Em relação aos dados encontrados em complexos verbais com participípio, a estudiosa afirma que a tendência à colocação da variante intra-CV sem hífen, nos casos de construções passivas, altera-se, prevalecendo a posição pré-CV. Em construções com o segundo verbo no gerúndio, sendo a mais recorrente no *corpus* a combinação *estar + gerúndio*, a posição mais produtiva é a intra-CV sem hífen. Por fim, quando o verbo principal está no infinitivo, assim como nas outras estruturas de complexos verbais, a posição intra-CV sem hífen é a mais utilizada, especialmente na presença de clíticos de primeira/segunda pessoas e do *se* reflexivo/inerente. A variante pré-CV é preferida em complexos verbais formados por auxiliar modal *poder + se indeterminador/apassivador* junto a contexto de possível elemento proclisador, especialmente, a partícula de negação. Sobre a variante pós-CV, a autora destaca o fato de o clítico acusativo de terceira pessoa manifestar 100% de realização nessa variante. E, para a variante intra-CV

com hífen, coletada em apenas 6 casos, contribuem o contexto de início absoluto de oração, o clítico *se* apassivador/indeterminador e a ausência de elemento interveniente.

Em linhas gerais, o estudo revela que há diferenças expressivas nos textos segundo o veículo jornalístico no qual as cartas são divulgadas, entretanto, os três periódicos apresentam resultados que remetem à norma objetiva da escrita brasileira, sugerindo, de acordo com Peterson (2010), uma possível influência do gênero em questão. Para a autora,

Comparada a outros gêneros, a carta de leitor parece exibir estruturas que refletem um pouco mais o que se costuma verificar como típico na norma de uso da oralidade brasileira. A depender do veículo e de outros fatores (como grau de formalidade, perfil do leitor/escritor), essa tendência se acentua ou se atenua. (PETERSON, 2010, p. 204)

A investigação de Rodrigues Coelho (2011) se volta à ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais complexas na escrita escolar brasileira do fim do século XX. Fundamentada nas orientações da Sociolinguística Variacionista, nos parâmetros de Klavans (1985) e nas relações entre a escrita e a oralidade (BORTONI-RICARDO, 2004; KATO, 2005; PAGOTTO, 1998), a autora seleciona para as análises o gênero redação escolar, englobando os tipos textuais narração e dissertação (*corpus Rio acadêmico-escolar*)<sup>48</sup>. Na produção desse material, estão alunos de diferentes níveis de escolaridade, de turmas regulares das redes pública e privada de ensino do estado do Rio de Janeiro.

A análise dos resultados, segundo a autora, considera três subamostras do conjunto de dados, contemplando cada forma do verbo principal – infinitivo, gerúndio e particípio. Das 222 ocorrências de clíticos pronominais, 155 se encontram em complexos formados por infinitivo, 52 em complexos formados por gerúndio e apenas 15 em complexos formados por particípio.

A distribuição geral dos dados, de acordo com a pesquisadora, revela que, independentemente da forma do verbo principal do complexo, a variante V1 cl V2 é a mais utilizada na escrita dos alunos. Restringindo-se a cada forma do segundo verbo, *vê-se que*, com o gerúndio, só são registradas as variantes V1 cl V2 e V1 V2-cl, esta em apenas poucos casos, nos quais se notam os pronomes *o/a(s)* e o *se* reflexivo/inerente. As ocorrências com o verbo principal no particípio também revelam uma configuração binária, destacando-se a variante V1

---

<sup>48</sup> Em nota, a autora indica que o *corpus* utilizado, organizado por Vieira e Rodrigues Coelho, ainda em construção, já reúne uma quantidade significativa de redações escolares e acadêmicas diversificadas conforme o modo de organização discursiva dos textos, o nível de escolaridade dos discentes e a natureza da instituição de ensino (pública ou privada).

cl V2, sendo o auxiliar *ter* ou *haver*, e a variante cl V1 V2, concretizada com a estrutura passiva com o auxiliar *ser*. As construções com verbo principal no infinitivo demonstram, de fato, um comportamento variável entre as quatro variantes do fenômeno analisado em questão. A variante cl V1 V2 se mostra produtiva nos contextos em que a função do clítico é de indeterminador/apassivador, especialmente quando associado a auxiliares modais, havendo, ainda que de forma secundária, a influência de um elemento de negação em contexto imediatamente anterior. A variante V1-cl V2, por sua vez, relaciona-se estreitamente com os contextos de complexos verbais formados por *dever/ poder* + infinitivo quando combinados com o uso do clítico indeterminador/apassivador. Em muitos desses registros, o contexto é de início absoluto de oração/período. A variante V1 V2-cl é condicionada ao uso do clítico acusativo de terceira pessoa, uma vez que tal tendência se propaga expressivamente em todos os contextos, inclusive naqueles em que ocorrem elementos considerados operadores de próclise. Por fim, a autora reafirma a produtividade do pronome em próclise ao verbo principal, preferencialmente nos contextos em que se verifica elemento interveniente no complexo, especialmente as preposições. Os pronomes de primeira e segunda pessoa, bem como o *se* reflexivo/inerente, de acordo com Rodrigues Coelho (2011) aparecem em alta frequência proclíticos a V2.

Sobre as variáveis extralinguísticas, Rodrigues Coelho (2011) ressalta que é possível verificar maiores índices da variante V1 cl V2 nos textos com predominância do modo de organização narrativa, nos textos produzidos por alunos da escola pública e nos textos dos alunos do ensino médio.

As narrativas, segundo a pesquisadora, aproximam-se das situações mais espontâneas de interação, explicando-se, então, a maior concentração de próclise a V2 nesse tipo textual. A variável tipo de instituição permite verificar que os textos produzidos por alunos das escolas privadas apresentam maiores índices das variantes consideradas normais pelos manuais prescritivos – V1-cl V2 e V1 V2-cl –, certificando o compromisso mais acentuado dessas escolas em divulgar as formas valorizadas. Quanto ao nível de escolaridade, não se comprova a ideia da autora de que as redações de alunos do 3º. ano do ensino médio pudessem apresentar maior produtividade das variantes contempladas nas referências tradicionais, refletindo uma implementação gradativa da norma prescrita pela tradição gramatical na manifestação linguística dos alunos. Para Rodrigues Coelho (2011), tal resultado indica que outros aspectos psicossociais – relacionados à aceitação de modelos por parte dos alunos – também podem estar relacionados à análise da variável em questão.

Uma das conclusões que chega, de modo geral, é a de que

[...] o uso e a ordem dos clíticos pronominais fazem parte do processo de aprendizagem desenvolvido nas escolas. Fica evidente que a educação formal introduz certos clíticos pronominais (como as formas *o*, *a(s)* e *lhe*), que normalmente não fazem parte do conhecimento gramatical adquirido por falantes brasileiros, e, ainda, certas posições que não parecem usuais. (RODRIGUES COELHO, 2011, p. 157)

Sob uma perspectiva variacionista e seguindo a proposta de Klavans (1985), Vieira, M. de F. (2011)<sup>49</sup> explora os aspectos relacionados à colocação dos pronomes átonos adjacentes a um e a mais de um verbo, tendo como foco construções da modalidade oral popular do PE do fim do século XX. A autora lida com dados extraídos do *Corpus Dialectal para o Estudo da Sintaxe* (CORDIAL-SIN).

Em relação aos dados das lexias verbais simples, são descritas as variáveis linguísticas apontadas como as mais relevantes à motivação da posição do pronome clítico, tais como: (i) *elemento antecedente ao clítico*; (ii) *forma verbal*; (iii) *tipo de oração*; e (iv) *distância entre o clítico e um elemento antecedente*. Conforme indica a autora, o condicionamento da ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples no *corpus* português analisado é eminentemente linguístico.

A atuação da variável elemento antecedente ao clítico revela que as partículas de negação, as preposições *para*, *de*, *por* e *sem*, os elementos de foco, os elementos *qu-* em estruturas clivadas e os elementos subordinativos constituem os principais favorecedores da variante proclítica. A próclise também é mais produtiva quando o verbo aparece nas formas do subjuntivo e do gerúndio antecedido de *em*. Contrariamente, com o indicativo e com o infinitivo, há certa tendência para a posição pós-verbal. Vieira, M. de F. (2011) assinala que, com o imperativo e com o futuro do presente do indicativo, nenhum dado com próclise é registrado. No que concerne ao tipo de oração, as subordinadas reduzidas de infinitivo, as subordinadas desenvolvidas e as estruturas clivadas motivam a posição pré-verbal, enquanto as coordenadas sindéticas e as “independentes” favorecem a ênclise. Por último, com relação à distância entre o clítico e um elemento antecedente, a pesquisadora assinala a preferência pela variante proclítica somente quando não há qualquer elemento interveniente.

Os dados com complexos verbais mostram a preferência pela variante intra-CV, interpretada pela autora como ênclise ao verbo auxiliar. Confirma-se também que não se dá a realização da variante cl V1 V2 nos contextos de início absoluto de oração/período, “confirmando que a variedade europeia cumpre, de fato, o preceito de que pronomes átonos não

<sup>49</sup> Ver também Vieira, M. de F. (2012).

podem figurar na primeira posição, tanto em lexias verbais simples, quanto nos complexos verbais” (VIEIRA, M. de F., 2012, p. 327).

Voltando-se, agora, às considerações de acordo com a forma verbal do segundo verbo, nos complexos com particípio (em um total de 11 dados), o clítico sempre se encontra adjungido a V1, antes ou depois, conforme a presença ou a ausência de elementos proclisadores. Assim como nos complexos participiais, nos complexos com gerúndio (em um total de 51 dados), os pronomes clíticos se cliticizam, preferencialmente, a V1. Entretanto, a autora sublinha o registro de 2 dados em que o clítico aparece em posição pós-CV, isto é, ligado ao verbo no gerúndio. Diante dos complexos com infinitivo (em um total de 384 dados), Vieira, M. de F. (2011) realça que a variante intra-CV é a mais encontrada nessas construções, com os variados tipos de clíticos (salvo *o*, *a*, que aparecem mais comumente na posição enclítica ao complexo) e de complexos. A posição pré-CV é fortemente utilizada quando antes do clítico estão as preposições *para* e *de*, as estruturas clivadas, as partículas de negação e os elementos subordinativos. Além disso, mostra-se produtiva com formas clíticas contraídas, em complexos modais e bioracionais, em construções verbais sem elementos intervenientes e com formas verbais auxiliares no subjuntivo. A ênclise a V2 no infinitivo, conforme comprova Vieira, M. de F. (2011), é pouco produtiva e se relaciona, de fato, à forma pronominal acusativa, devido possivelmente à sua natureza fonética fraca.

## 2.4 Sintetizando...

A presente seção, iniciada com questões referentes à cliticização, mostrou a relevância do tema – a posição de clíticos pronominais – para a descrição do português, evidenciando-se o seu tratamento em um número significativo de pesquisas linguísticas. Ainda nessa direção descritiva (explicativa), apresentou-se a colocação pronominal por intermédio de duas obras portuguesas e de duas obras brasileiras. O prescritivismo ao redor do assunto também foi destacado, exibindo-se as regras impostas pelas gramáticas normativas referentes à colocação dos pronomes pessoais átonos. Levantaram-se, portanto, questões voltadas aos usos reais dos pronomes clíticos, mas, também, o que se idealiza a respeito deles em uma visão conservadora – informações úteis a esta pesquisa, que auxiliaram na elaboração de seus propósitos e em seu encaminhamento metodológico e, principalmente, fornecerão apoio à análise e à interpretação dos resultados.

Referindo-se de modo bastante simplificado ao que foi exposto pelas investigações apresentadas, em termos diacrônicos, quanto às lexias verbais simples, a ênclise era a posição

preferida no século XIII. Lentamente, a predileção pela ênclise foi substituída pela próclise, acarretando, no século XVI, um expressivo favoritismo pela posição pré-verbal no PE. Após esse período, houve o declínio da próclise e, então, entre os séculos XVII e XIX, novamente a ênclise se tornou preponderante – configurando-se, até os dias atuais, como a posição mais produtiva no PE.

No português de aquém-mar, por sua vez, os estudos demonstram que, adjacentes a um único verbo, os clíticos apareciam frequentemente antepostos ao seu hospedeiro, do século XVI ao XVIII (salvo o contexto de início absoluto de período/oração). No século XIX, a ênclise passou a ser mais recorrente, não se limitando a sua preferência apenas ao início de período/oração, isto é, notou-se um uso mais acentuado do pronome enclítico também após sujeitos e outros elementos que não exerciam atração. No PB atual, mais especificamente na oralidade, mas, além disso, com forte tendência na escrita, assinalou-se um uso predominante de próclise – inclusive em contextos favorecedores de ênclise. Marcou-se, assim, a forma preferida pelos brasileiros na contemporaneidade.

A respeito dos complexos verbais, do século XIII ao XVI, considerou-se uma maior frequência ligada à próclise ou à ênclise ao verbo auxiliar, verificando-se, atualmente, no PE, ainda essa tendência à cliticização ao primeiro verbo. Registraram-se, no PE de hoje, a produtividade da posição intra-CV, com ênclise a V1, o uso do pronome proclítico a V1 na presença de elementos proclisadores e o desfavorecimento da posição pós-CV com verbos no particípio e, em algumas ocasiões, com verbos no gerúndio.

Do século XVI até o fim da primeira metade do século XVIII, a posição pré-CV foi apontada como a mais produtiva no português utilizado no Brasil. Na segunda metade do século XVIII e no início do século XIX, constatou-se a sua substituição pela variante intra-CV, com próclise a V2. Do século XX em diante, a próclise ao segundo verbo tem se apresentado expressivamente como a favorita pelos falantes do PB.

Pôde-se atestar, ainda, que a posição dos clíticos tem, de fato, forte relação com fatores estruturais (cf. LOBO, 1992; MARTINS, A. M., 1994; VIEIRA, S. R., 2002; dentre outros trabalhos apresentados nesta revisão bibliográfica), no entanto, através de alguns estudos, evidenciou-se também a relevância de se investir em aspectos não linguísticos como motivadores do fenômeno variável em questão (cf. NUNES, C. da S., 2009; BIAZOLLI, 2010; PETERSON, 2010, por exemplo). É a esse caminho, dentre outros propósitos, que se dedica esta pesquisa – conforme discutido na próxima seção relativa às orientações teóricas aqui adotadas.

Os resultados desta tese, em especial aqueles representantes da variedade brasileira do português, demonstrarão que a variação na colocação pronominal também pode se associar à própria situação comunicativa – no caso, materializada pelo gênero textual – na qual os pronomes átonos estão sendo usados.



### 3 FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Nesta seção, detalham-se as concepções que norteiam este estudo. Começa-se, portanto, refletindo sobre a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 1966, 1982, 1994, 2001a, 2003, 2008[1972]), dado que o objeto de interesse desta pesquisa é um fenômeno variável. Na sequência, em busca de evidências estilísticas e socioculturais que possam atuar sobre a realização dos pronomes clíticos, discutem-se noções a respeito de estilo (LABOV, 1966, 2008[1972]; BELL, 1984, 2001), gêneros textuais (BAKHTIN, 1992[1979]; MARCUSCHI, 2005, 2008, 2010; BIBER; CONRAD, 2009), modalidades de uso da língua (CHAFE, 1982; 1985; BIBER, 1988; MARCUSCHI, 2008, 2010) e normas linguísticas (COSERIU, 1979[1952]; BAGNO, 2003, 2011, 2012; FARACO, 2008, 2011, 2012). Supõe-se que tais conceitos, relacionados entre si, desempenhem papéis importantes (e ainda pouco avaliados) na complexa situação sociolinguística que envolve determinado fato linguístico. Pensar em variação implica compreender como os fenômenos variáveis se distribuem e se realizam nas várias formas de manifestação linguística. Nessa direção, torna-se produtiva uma análise que aborde a língua e os seus usos, em meio à pluralidade de normas linguísticas presente em uma comunidade, segundo os gêneros textuais e os *continua* estilístico e fala/escrita (ROMAINE, 2009[1982]; BORTONI-RICARDO, 2004, 2005, 2012; MARCUSCHI, 2008, 2010).

#### 3.1 Um olhar às bases teórico-metodológicas da Sociolinguística Variacionista

*A condição normal de uma comunidade de fala é ser heterogênea: nós podemos esperar encontrar uma vasta gama de variantes, estilos, dialetos e línguas usadas pelos membros. Além disso, essa heterogeneidade é parte integrante da economia linguística da comunidade, necessária para satisfazer as demandas linguísticas do cotidiano.*

(LABOV, 1982, p. 17, tradução nossa)<sup>50</sup>

Weinreich, Labov e Herzog, em 1968, propõem a Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 1966, 1982, 1994,

---

<sup>50</sup> *The normal condition of the speech community is a heterogeneous one: we can expect to find a wide range of variants, styles, dialects, and languages used by members. Moreover, this heterogeneity is an integral part of the linguistic economy of the community, necessary to satisfy the linguistic demands of every-day life.* (LABOV, 1982, p.17)

2001a, 2003, 2008[1972]), que concebe o seu objeto de estudo, a língua falada ou escrita, em seu contexto social real, tratando a variabilidade como algo inerente à linguagem humana e a caracterizando como regular e sistemática. Os estudiosos defendem a substituição do axioma até aquele momento em voga, o da *homogeneidade* ou *categoricidade*<sup>51</sup>, pelo *axioma da heterogeneidade ordenada*. Com esse postulado, os fenômenos variáveis passam a fazer parte da descrição de uma língua, vista como um sistema em que a sua heterogeneidade não é arbitrária, e, sim, condicionada por regras, permitindo ao sistema linguístico se manter em funcionamento mesmo nos períodos de mudança.

Segundo Labov (1966, 1982, 1994, 2001a, 2003, 2008[1972]), na análise de fenômenos linguísticos podem ser verificadas, além das *regras categóricas*, *regras semicategóricas* e *regras variáveis*. Para o autor, todo sistema é constituído por um conjunto de restrições internas (isto é, regras categóricas) que não deve ser transgredido, com o propósito de que o entendimento dos enunciados não seja comprometido. Entretanto, tratando-se de variação, o fenômeno pode ter natureza semicategórica ou variável, dependendo das frequências de suas variantes. Para Labov (2003), as regras categóricas, como o próprio nome já diz, contemplam fenômenos cuja marca de concretização de determinada forma atinge 100%; quanto às regras semicategóricas, uma das variantes se realiza entre 95% a 99% dos casos; e, por fim, sobre as regras variáveis, segundo o autor, as formas em variação podem ocorrer entre 5% a 95% dos dados.

O conceito de regra variável surge como alternativa à *regra opcional* (motivada apenas por fatores internos), substituindo a noção estruturalista de variação livre, considerada como aleatória e casual. Já que a variação é ordenada e sistemática, a escolha de uma das variantes é restringida por regras variáveis, de naturezas linguística e não linguística. Duas (ou mais) formas só estarão em variação se puderem ocorrer em um mesmo contexto, mantendo o mesmo valor de verdade. Ademais, as variantes idênticas em valor de verdade ou referencial<sup>52</sup> podem se opor em sua significação social e/ou estilística (LABOV, 2008[1972]).

No caso da colocação pronominal, relacionando-a às noções de regra categórica, semicategórica e variável, hipotetizam-se, neste estudo, comportamentos diferenciados dos pronomes de acordo com certos aspectos linguísticos e os próprios gêneros observados. De modo geral, para ser sugerido como os clíticos se manifestam, devem ser considerados, separadamente, as lexias às quais estão adjungidos (simples ou complexas), os *corpora* analisados (oral ou escrito) e as variedades do português contempladas (PE ou PB), conforme

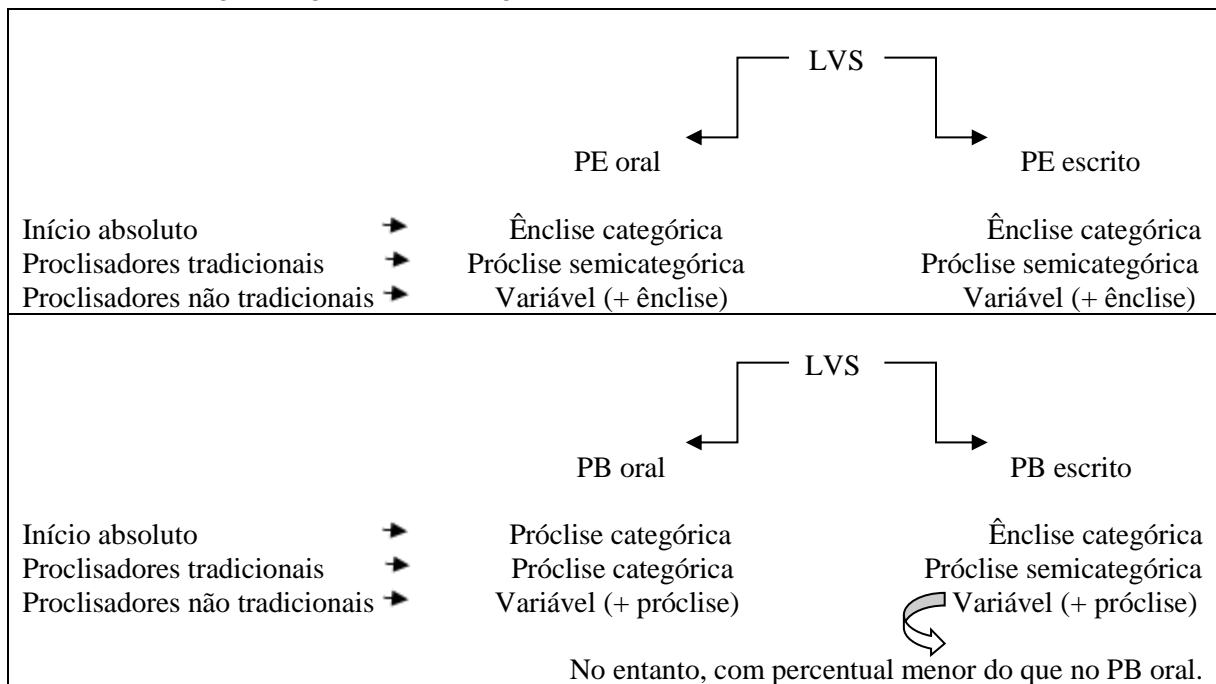
---

<sup>51</sup> Para detalhes sobre o *axioma da categoricidade*, ver Chambers (2003).

<sup>52</sup> Quanto ao valor de verdade, adiante, volta-se a abordá-lo quando se reflete sobre variação no nível sintático.

as esquematizações seguintes demonstram. Além disso, como discutido nas seções seguintes (4 e 5), para a compreensão do fenômeno, torna-se imprescindível examinar os pronomes a partir de três contextos linguísticos particulares – (i) clítico adjacente a verbo (ou grupo verbal) em posição de início absoluto de oração/período; (ii) grupo cl V/V-cl (ou grupo cl V1 V2/V1(-)cl V2/V1 V2-cl) antecedido de elemento considerado tradicionalmente proclisador; e (iii) grupo cl V/V-cl (ou grupo cl V1 V2/V1(-)cl V2/V1 V2-cl) antecedido de elemento não considerado tradicionalmente proclisador<sup>53</sup>. Quando indicada a realização variável do fenômeno, em algum (ou alguns) desses contextos, informa-se, entre parênteses, qual variante (ou quais) se espera ser a mais recorrente.

Quadro 8. Esquematizações sobre as hipóteses de colocação pronominal em LVS neste estudo, segundo os conceitos de regra categórica, semicategórica e variável



<sup>53</sup> Os critérios utilizados para estabelecer quais elementos são proclisadores prototípicos e quais não o são se apresentam na seção 4. No entanto, resumidamente, destaca-se que, entre os proclisadores tradicionais, estão partículas/sintagmas de negação, elementos subordinativos e certos advérbios (aqueles considerados canônicos). Sob o rótulo de proclisadores não tradicionais, reúnem-se SNs sujeitos, SPreps, preposições/locuções prepositivas, conjunções coordenativas e certos advérbios/locuções adverbiais (aqueles considerados não canônicos ou terminados em *-mente*).

Quadro 9. Esquematisações sobre as hipóteses de colocação pronominal em LVC neste estudo, segundo os conceitos de regra categórica, semicategórica e variável

			LVC	
			←	→
			PE oral	PE escrito
Início absoluto	➔	Variável (+ V1-cl V2) (+ V1 V2-cl)	Variável (+ V1-cl V2) (+ V1 V2-cl)	Variável (+ V1-cl V2) (+ V1 V2-cl)
Proclisadores tradicionais	➔	Variável (+ cl V1 V2)	Variável (+ cl V1 V2)	Variável (+ cl V1 V2)
Proclisadores não tradicionais	➔	Variável (+ V1-cl V2) (+ V1 V2-cl)	Variável (+ V1-cl V2) (+ V1 V2-cl)	Variável (+ V1-cl V2) (+ V1 V2-cl)

			LVC	
			←	→
			PB oral	PB escrito
Início absoluto	➔	V1 cl V2 categórica	Variável (+ V1-cl V2) (+ V1 cl V2) (+ V1 V2-cl)	Variável (+ V1-cl V2) (+ V1 cl V2) (+ V1 V2-cl)
Proclisadores tradicionais	➔	V1 cl V2 categórica	Variável (+ cl V1 V2) (+ V1 cl V2)	Variável (+ cl V1 V2) (+ V1 cl V2)
Proclisadores não tradicionais	➔	V1 cl V2 categórica	Variável (+ V1 cl V2) (+ V1 V2-cl)	Variável (+ V1 cl V2) (+ V1 V2-cl)

Mesmo sem concordarem com a visão homogênea do objeto linguístico e tecendo fortes críticas aos seus antecessores, Weinreich, Labov e Herzog souberam reconhecer as contribuições trazidas pelos enfoques estrutural e gerativo à Linguística. Num primeiro plano, em virtude do alto grau de sistematização buscado nos estudos sob esses vieses, a Linguística pôde se desenvolver como ciência autônoma, distinguindo-se com o honroso posto de disciplina piloto das ciências humanas (CAMACHO, 2013). Depois, de forma discreta, Weinreich, Labov e Herzog também admitiram as inevitáveis e relevantes contribuições feitas por Chomsky e a sua Teoria Gerativa para a história do estudo da língua, principalmente no que se refere à sua intuição das estruturas universais e invariantes – Chomsky (1957, 1965) assume que nenhuma língua adotaria uma forma que violasse esses princípios gerais. Os três estudiosos retomam, ainda que não assumidamente, esse postulado ao afirmarem que as mudanças ocorrem sob limites. Já no início dos pensamentos que encadeariam suas posições teóricas, fica claro que Weinreich, Labov e Herzog adotam um aspecto fundamental da proposta de rigor formal lançada por Chomsky para as teorias linguísticas, a saber, o fato de elas terem de ser restritivas (FARACO, 2006). Somente em 1982, Labov voltará a essa questão e, sem hesitar, fará uma

retificação a respeito das restrições – como apresentado na discussão dos *fatores condicionantes*, logo na sequência.

A fim de apresentarem uma teoria empiricamente fundamentada, Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) discorrem sobre cinco problemas relevantes no âmbito da variação e mudança linguísticas. São eles: (1) *fatores condicionantes*; (2) *transição*; (3) *encaixamento*; (4) *avaliação*; e (5) *implementação*.

Ao sugerirem a análise dos *fatores condicionantes*, ou das *restrições*, Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) afirmam que, após delinear o conjunto de variações e mudanças possíveis, é necessário traçar quais são as motivações, linguísticas e sociais, responsáveis pela realização de um fenômeno variável. No entanto, posteriormente ao lançamento desses cinco problemas, Labov (1982) revê as afirmações feitas quanto a este postulado. Para ele, a questão da restrição leva à ligação da teoria da mudança com a obediência a princípios gerais, universais, podendo contradizer a própria orientação histórica da abordagem da mudança linguística. O autor diz:

A busca por uma restrição estritamente “universal” é, portanto, uma busca por uma faculdade da linguagem *isolada*, que não está encaixada na matriz mais ampla da estrutura linguística e social. Nada do que nós descobrimos até agora sobre a linguagem sugere a existência de tais estruturas totalmente isoladas. Parece-me, portanto, que a formulação do “problema das restrições”, dada em Weinreich, Labov e Herzog (1968) e em 2.1<sup>54</sup>, estava equivocada, e que o problema das restrições deveria ser acoplado ao problema do encaixamento [...]. (LABOV, 1982, p. 60, grifo do autor, tradução nossa)<sup>55</sup>

A colocação pronominal, conforme alguns trabalhos citados neste estudo indicam, é regulada principalmente por condicionamentos estruturais, de preferência se considerada a sua realização na variedade europeia (cf. LOBO, 1992; MARTINS, A. M, 1994; VIEIRA, S. R., 2002; NUNES, C. da S., 2009; VIEIRA, M. de F; 2011, por exemplo). Entretanto, em especial quando analisada a variedade brasileira, os resultados de alguns estudos sociolinguísticos permitem afirmar que a variação na posição dos clíticos é sensível não só a fatores internos, mas, também, a elementos externos (cf. VIEIRA, S. R., 2002; NUNES, C. da S., 2009; BIAZOLLI, 2010; PETERSON, 2010; RODRIGUES COELHO, 2011).

<sup>54</sup> 2.1. se refere a uma subseção presente em Labov (1982) que também discorre sobre esses cinco problemas.

<sup>55</sup> *The search for an strictly “universal” constraint is therefore a search for a isolated faculty of language, one that is not embedded in the larger matrix of linguistic and social structure. Nothing that we have found out up till now about language suggests the existence of such totally isolated structures. It therefore seems to me that the formulation of the “constraints problem” given in WLH and in 2.1 was misguided, and that the constraints problem should be merged with the embedding problem [...].* (LABOV, 1982, p. 60)

Em geral, dentre os fatores possivelmente/potencialmente responsáveis pela motivação do fenômeno, parecem ser amiúde relevantes, no âmbito das lexias verbais simples, a *presença/ausência de operador de próclise*, o *tipo de clítico*, a *distância entre operador de próclise e grupo cl V/V-cl* e a *forma verbal do hospedeiro*; enquanto que, no contexto das lexias verbais complexas, destacam-se, além dessas duas primeiras variáveis citadas, a *forma verbal do verbo principal*. Sobre o condicionamento não linguístico, o que há em comum, por exemplo, nos trabalhos de Nunes, C. da S. (2009), Biazolli (2010) e Peterson (2010) é que os gêneros textuais, nos quais os pronomes estão presentes, influenciam a manifestação do fenômeno.

O problema da *transição* lida com a questão de como as mudanças ocorrem, de como uma língua evolui de um estágio a outro<sup>56</sup>. Um processo de variação se desenvolve em três etapas: (i) a variação se restringe ao discurso de alguns falantes, (ii) as formas variantes coexistem até uma se propagar e passar a ser utilizada por um número significativo de falantes; e, (iii) a mudança se concretiza e a forma antiga se torna obsoleta.

Pautando-se em pesquisas diacrônicas (cf. SALVI, 1990; LOBO, 1992; PAGOTTO, 1992, 1996; MARTINS, A. M., 1994; CYRINO, 1996, 1997; dentre outras abordadas neste estudo), sabe-se que, ao longo dos tempos, houve mudanças nas preferências de colocação até se chegar, no PE atual, à forte produtividade da ênclise e, no PB dos dias de hoje, à acentuada predominância da próclise, até mesmo ao verbo principal em complexos. O domínio das posições, de acordo com o decorrer dos séculos, pode ser configurado dos seguintes modos, quanto às lexias verbais simples: *ênclise* → *próclise* → *ênclise*, no PE, e *próclise* → *ênclise* → *próclise*, no PB. Em relação a mais de um verbo, no PE, do século XIII aos dias atuais, prefere-se a colocação ao redor do verbo auxiliar; à proporção que, no PB, a posição pré-CV, mais frequente do século XVI até meados do século XVIII, é substituída pela próclise ao verbo principal.

Em relação ao problema do *encaixamento*, para Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), as mudanças devem ser vistas sob duas perspectivas: encaixadas no sistema linguístico como um todo, o que as correlaciona a outras mudanças internas, e encaixadas numa matriz social, isto é, associadas a mudanças sociais. Segundo Labov (2008[1972]), a generalização de uma mudança através da estrutura linguística não é uniforme nem instantânea, tanto no interior da própria língua quanto entre os diversos grupos de falantes, envolvendo a covariação de mudanças associadas durante substanciais períodos de tempo.

---

<sup>56</sup> Apropria-se da ideia do evoluir, aqui, assim como exposto em Câmara Jr. (1972). Evolução, em Linguística, pressupõe somente um processo de mudanças graduais e coerentes.

Para exemplificar que mudanças sintáticas situadas em um ponto do sistema levam a demais alternâncias, citam-se os trabalhos de Duarte, M. E. L. (1986, 1989), sobre as estratégias de realização do OD (objeto direto) anafórico no PB, Berlinck (1988, 1989), sobre a ordem V SN (verbo / sintagma nominal) no PB, e Cyrino (1996, 1997), sobre objeto nulo e clíticos no PB<sup>57</sup>.

Ao observarem o decréscimo na produtividade do clítico acusativo de 3ª. pessoa, um tipo de pronome que também interessa nesta pesquisa, Duarte, M. E. L. (1986, 1989) e Cyrino (1996, 1997) associam a essa queda a origem do objeto nulo. Para Cyrino, a reanálise que ocasiona essa categoria vazia no PB estaria provavelmente ligada às reanálises diacrônicas que acarretaram a mudança no sistema pronominal acusativo da variedade brasileira. Berlinck (1988, 1989), por sua vez, confirma haver relação entre a diminuição na frequência de acusativos e a ordem dos elementos na sentença. Segundo os resultados indicam, em especial com verbos transitivos, a ordem V SN tem o seu percentual de manifestação reduzido entre os séculos XVIII e XX. Para a autora, esse dado corresponde à necessidade de serem evitadas interpretações ambíguas, visto que, nessas construções, se as formas verbais exigirem mais de um argumento, o sintagma posposto, que exerce a função de sujeito, também pode ser compreendido como objeto. Para Berlinck (1988, 1989), essa compreensão é permitida pelo próprio apagamento do pronome, que funcionaria como objeto direto. Desse modo, as mudanças observadas quanto à realização pronominal no PB podem ser correlacionadas ao enrijecimento da ordem SN V.

De acordo com Lucchesi (2004), o encaixamento na estrutura social se apresenta como um dos mais relevantes avanços do modelo sociolinguístico no tocante à análise da mudança linguística, ao mesmo tempo que lhe traz dificuldades. Para ele,

Da importância dessa nova orientação para a pesquisa linguística decorrem tarefas imensas e desafiadoras. Em primeiro lugar, a explicação dos fatos linguísticos passa a exigir uma massa muito maior de dados. Em segundo lugar, esse tipo de análise exige uma compreensão mais atilada da rede de relações sociais nas quais a atividade linguística se atualiza. E, em terceiro lugar, a tarefa mais difícil: precisar em que medida e em que grau de intensidade se dá a covariação entre as diferenças nos padrões socioculturais e ideológicos e a variabilidade observada no processo de estruturação da língua. (LUCCHESI, 2004, p. 176)

Quanto ao quarto problema, a *avaliação* subjetiva que o falante faz das variações e, mais especificamente, das mudanças pode ser determinante para o percurso da história de

---

<sup>57</sup> O estudo de Cyrino (1996, 1997) está incluído na subseção 2.2.3.2.1.

determinada língua. O falante, para Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]), é ativo. Ao atribuir prestígio ou estigma a uma variante, conforme se identifique com ela ou a rejeite, ele é o responsável por agilizar ou deter qualquer mudança em sua língua.

Nesta pesquisa, hipoteticamente, a variação na colocação pronominal é considerada um fenômeno que não está livre de estigmatização social (como no caso da posição do sujeito, condicionada exclusivamente por fatores internos (BERLINCK, 2000; BERLINCK; DUARTE; OLIVEIRA, 2015)), mas, também, não chega a submeter as pessoas que usam uma ou outra variante a qualquer tipo de preconceito linguístico, como, por exemplo, observa-se com os falantes que não realizam a concordância verbal (SCHERRE, 2005; VIEIRA, S. R., 2007b; BAGNO, 2009). Essa suposição do direcionamento da cliticização entre os fenômenos da posição do sujeito e da concordância verbal se justifica, na verdade, pela aposta de que, ainda que isolado, há pelo menos um contexto no qual se pode notar evidentemente a avaliação negativa dos falantes ao uso de uma das variantes: a próclise a um único verbo ou a um complexo em início absoluto de período, em textos escritos (principalmente nos mais formais), pode causar estranheza nos usuários da língua, em especial naqueles considerados “cultos”, letrados, urbanos. Isso se deve, provavelmente, ao fato de a anteposição do pronome nesse contexto ser o ponto mais *combatido* em todos os meios de normatização da língua, dentre todas as regras prescritas sobre a colocação dos pronomes.

O último problema, o da *implementação*, para Weinreich, Labov e Herzog (2006[1968]) e Labov (1982), constitui um dos mais difíceis a ser desvendado. Compreender por que uma mudança se inicia em determinada época e lugar, e não em outros, por serem muitos os fatores linguísticos e não linguísticos envolvidos no processo de sua instalação, requer uma investigação bastante circunstanciada.

Os três autores, inclusive, sublinham que se a mudança linguística reflete mudança no comportamento social, não é de se admirar que hipóteses preditivas não sejam facilmente postuladas, fato observável em todos os estudos de caráter social. Para eles, entretanto,

Tais considerações não devem nos impedir de examinar tantos casos quanto pudermos em todo pormenor para responder os [cinco] problemas levantados acima e reunir tais respostas numa visão abrangente do processo de mudança. (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968], p.124)

Neste estudo, dentre os cinco problemas discutidos, lida-se diretamente com o que se refere aos fatores condicionantes, dado que, a partir da análise do condicionamento linguístico



e do condicionamento social e estilístico, investe-se no aprofundamento das situações que favorecem (ou desfavorecem) a variação na colocação pronominal.

O detalhamento dos outros problemas, particularmente aqueles que se dedicam à explicação das mudanças em si, relacionadas a outras mudanças e a ambientes/períodos específicos, não constitui um dos objetivos desta investigação. No entanto, à medida que necessário, e possível, apresentam-se considerações acerca deles.

Na sequência, revisita-se brevemente parte de uma frutífera discussão sobre a variação no plano sintático, já que, aqui, trata-se de um fenômeno de natureza morfossintática.

Assim como esclarece Labov (2008[1972]), todos os tipos de variação, nos níveis fonético-fonológico, morfológico, sintático, semântico, lexical e pragmático da língua, podem e merecem ser investigados. Todavia, reconhece-se que, no início, grande parte dos estudos variacionistas se voltavam apenas aos sons da língua, circunstância justificável por dois aspectos: o primeiro é que as variações no nível fonológico são, geralmente, mais perceptíveis que fenômenos de natureza sintática ou morfológica e, o segundo, é que essas variações não envolvem relações de significado lexical ou gramatical.

Lavandera (1978, 1984), pautada na afirmativa laboviana de que variantes são duas ou mais formas de se dizer a mesma coisa (LABOV, 2008[1972]), já apontada em linhas atrás, critica severamente a possibilidade de se estudar a variação fora do nível fonológico, uma vez que, fora desse plano, para a autora, necessariamente há um significado associado a cada variante, ou seja, cada construção sintática tem seu próprio significado. Para ela, a condição de equivalência semântica deveria ser substituída pela noção de *comparabilidade funcional*, quando os enunciados passam a ser aceitos por possuírem a mesma intenção comunicativa, mas não necessariamente o mesmo significado. Segundo Lavandera (1978, 1984), uma variação exprime uma opção feita pelo indivíduo de acordo com os seus propósitos na comunicação.

Em contrapartida a essa crítica, Labov (1978) e Weiner e Labov (1983) sugerem que a noção de significado deva ser compreendida de forma mais estrita. Em fenômenos como a ordem dos constituintes, por exemplo, o desenvolvimento de uma análise variacionista é possível já que duas ou mais variantes sintáticas podem se referir ao mesmo estado de coisas, tendo o mesmo valor de verdade. Possíveis diferenças de sentido observadas devem ser caracterizadas como nuances de foco ou ênfase, sem atingir o significado referencial.

O poema abaixo – “Proclamação do amor antigramática”, de Mário Lago, extraído de Bortoni-Ricardo (2014, p. 74) – serve para exemplificar o modo como o significado deve ser entendido em construções que envolvem variação sintática, em especial a posição dos clíticos pronominais. O poeta diz:

“Dá-me um beijo”, ela me disse,  
 E eu nunca mais voltei lá.  
 Quem fala “dá-me” não ama,  
 Quem ama fala “me dá”  
 “Dá-me um beijo” é que é correto,  
 É linguagem de doutor,  
 Mas “me dá” tem mais afeto,  
 Beijo me-dado é melhor.

No plano poético, as formas “dá-me um beijo” e “me dá um beijo” não podem ser interpretadas como enunciados sinônimos, em razão de o poeta atribuir àquela, por ser a variante prescrita na tradição gramatical e menos frequente no PB, formalidade e falta de veracidade ao se transmitir a mensagem, e, a esta, por ser de uso expressivo no PB, principalmente na fala, espontaneidade e confiança. No entanto, numa análise limitada ao plano gramatical, assim como Bortoni-Ricardo (2014) indica, os enunciados “dá-me” e “me dá” (um beijo) podem ser considerados variantes, pois a força ilocucionária de ambos é a mesma (pedir um beijo), ainda que o efeito de cada um tenha sido diferente quando recebido pelo interlocutor.

A aplicabilidade do modelo sociolinguístico em variações sintáticas é reforçada também pelo vasto número de trabalhos que têm abordado variáveis morfossintáticas no PB, sobre diversos temas (ordem e preenchimento de constituintes, concordâncias verbal e nominal, estratégias de relativização, dentre outros) e, inclusive, em período anterior e/ou contemporâneo à discussão entre Lavandera e Labov<sup>58</sup>.

Para completar o quadro dos pressupostos teóricos referentes a esta subseção, explicitam-se os eixos que acomodam a heterogeneidade de uma língua.

Segundo Coseriu (1981), as variedades devem ser distinguidas em *diacrônicas* e *sincrônicas*. As primeiras são as que aparecem distribuídas ao longo do eixo temporal; por outro lado, as segundas podem surgir distribuídas no eixo espacial, geográfico ou territorial – *variação diatópica* –, no eixo social ou de camada sociocultural – *variação diastrática* – e no eixo da modalidade expressiva – *variação diafásica* ou *estilística*.

Castilho (2012), além da variação geográfica (diatópica), também apresenta a *variação de canal*, referente ao meio, que, em Ilari e Basso (2006) e em Monteagudo (2011), aparece sob o rótulo de *variação diamésica*. Para o autor, “a comunicação linguística pode ocorrer em presença do interlocutor, quando falamos, ou na ausência, quando escrevemos. Isso nos leva à variação de canal, a língua falada e a língua escrita” (CASTILHO, 2012, p. 212). Pelo caráter

---

<sup>58</sup> Ver Mollica (1977) e Omena (1978).

constitutivamente dialógico da língua<sup>59</sup>, em ambas as situações, fala e escrita, segundo ele, “o falante não está sozinho na construção de seus enunciados, que são de certa forma controlados pelo interlocutor, presente ou ausente” (CASTILHO, 2012, p. 212).

No que se refere ao eixo social, Castilho (2012) faz uma diferenciação entre *variação sociocultural* e *individual*. Correlacionam-se os fatos linguísticos e o segmento social de onde o falante procede, portanto, mesmo que sejam falantes de uma mesma língua, cada indivíduo possui os seus respectivos usos linguísticos, vinculados à camada da sociedade que representa. Nessa direção, segundo Castilho (2012), costuma-se sistematizar as variedades socioculturais a partir do nível socioeconômico, levando em conta, no estudo do PB, as variáveis *falante escolarizado* e *falante não escolarizado*. Quanto à variação individual, atribui-se a ela o seguinte conjunto de parâmetros: registro<sup>60</sup>, idade e sexo. O autor explicita a noção de registro como a referida no contexto dos estudos sociolinguísticos de Labov, desde os meados de 1960. O registro é o uso que se faz da língua no espaço social interindividual que acomoda diferentes graus de intimidade, podendo, portanto, contemplar uma escala gradual de estilos que vai desde os mais formais (estilo formal ou refletido) aos mais informais (estilo informal ou coloquial).

Considerando-se que, nesta pesquisa, investe-se nas imbricações entre estilo, gêneros, modalidades de uso da língua, normas linguísticas e variação/mudança, alguns aspectos das dimensões diafásica, diamésica e sociocultural são retomados em seguida, com o intuito de que essas relações propostas sejam sistematizadas de forma clara.

### 3.1.1 Variação diafásica: o *estilo* no âmbito geral da Sociolinguística

*Um dos princípios fundamentais da investigação sociolinguística pode simplesmente ser enunciado como Não há falantes de estilo único.*

(LABOV, 2003, p. 234, grifo do autor, tradução nossa)<sup>61</sup>

<sup>59</sup> A noção de *dialogismo*, princípio fundador da linguagem, vem do pensamento bakhtiniano. Para Bakhtin (2002[1975], p. 88): “A orientação dialógica é naturalmente um fenômeno próprio a todo discurso. Trata-se da orientação natural de qualquer discurso vivo. Em todos os seus caminhos até o objeto, em todas as direções, o discurso se encontra com o discurso de outrem e não pode deixar de participar, com ele, de uma interação viva e tensa”.

<sup>60</sup> Observa-se com frequência o uso indiscriminado dos vocábulos *estilo*, *registro*, *gênero*, *tipo de texto*, *código*, *níveis de língua*, *variedade padrão* ou *não-padrão* e *língua formal* ou *língua familiar*, indicando que, na academia, não há consenso quanto ao conteúdo que esses rótulos abrangem. Em função dos propósitos deste estudo, no decorrer desta seção, explica-se a terminologia aqui adotada e a situação à qual ela se refere.

<sup>61</sup> *One of the fundamental principles of sociolinguistic investigation might simply be stated as **There are no single-style speakers**.* (LABOV, 2003, p. 234)

O foco desta discussão, que expõe aspectos relacionados à variação estilística, é se munir de um aparato teórico-metodológico que possa auxiliar no entendimento de um *continuum* estilístico, colaborando na análise do objeto de estudo desta pesquisa, abordado não só pelo viés linguístico, mas, também, pelas questões voltadas ao contexto no qual se encontra o falante que opta por determinada posição do clítico pronominal.

Neste momento, esclarecem-se alguns pontos referentes à terminologia utilizada quando se trata de variação no eixo da modalidade expressiva. Vê-se muita imprecisão quanto aos termos *registro*, *gênero* e *estilo*. No que se refere aos dois primeiros, por exemplo, são usados para explicar correlações com padrões de variação tanto de fenômenos linguísticos como de fenômenos sociais e culturais. Não é fácil defini-los universalmente, uma vez que, algumas vezes, são empregados de maneira sinônima e, em outras, o que um autor denomina registro é o que para outro corresponde a gênero. No campo da Linguística de *Corpus*, a título de exemplificação, observa-se que Biber (1988, 1995), inicialmente, usa indistintamente um ou outro termo para se reportar a categorias de texto situacionalmente definidas e que, em obra mais recente (cf. BIBER; CONRAD, 2009), mesmo explicitando as diferenças entre as perspectivas de registro e de gênero, que se concentram na análise linguística feita em cada caso<sup>62</sup>, em algumas partes, o autor continua a utilizar a grafia *gênero/registro* se referindo à mesma ideia. Nesta pesquisa, devido a essa falta de exatidão para a delimitação de cada um dos termos (*registro* e *gênero*), opta-se pela denominação *gênero* para se referir à unidade textual, apreendendo-a a partir de suas características linguísticas e, também, de seus aspectos funcionais. Doravante, portanto, ao se tratar do material analisado neste estudo, recorre-se ao pensamento de uma análise que abranja diferentes *gêneros*.

No âmbito da Sociolinguística, o estilo, em linhas gerais, refere-se às variações que um falante faz da língua em uma determinada situação monolíngue. Segundo Labov (2008[1972]), na literatura linguística, sempre se reconheceu que os falantes possuem um repertório linguístico que pode variar dependendo de onde se encontram e com quem falam, entretanto,

---

<sup>62</sup> *The register perspective combines an analysis of linguistic characteristics that are common in a text variety with analysis of the situation of use of the variety. The underlying assumption of the register perspective is that core linguistic features like pronouns and verbs are functional, and, as a result, particular features are commonly used in association with the communicative purposes and situational context of texts. The genre perspective is similar to the register perspective in that it includes description of the purposes and situational context of a text variety, but its linguistic analysis contrasts with the register perspective by focusing on the conventional structures used to construct a complete text within the variety, for example, the conventional way in which a letter begins and ends.* (BIBER; CONRAD, 2009, p. 02)

A prática normal é pôr essas variantes de lado – não porque sejam consideradas menos importantes, mas porque as técnicas da linguística são tidas como inadequadas e insuficientes para lidar com elas. [...] Uma vez que a influência do condicionamento estilístico sobre o comportamento linguístico é considerada meramente estatística, ela leva à afirmação de probabilidade mais do que de regra e é, portanto, desinteressante para muitos linguistas. (LABOV, 2008[1972], p. 91-92)

Na realidade da Sociolinguística no Brasil, por exemplo, pode-se afirmar que são recentes os estudos que contemplam, de modo mais central, o estilo como variável independente<sup>63</sup>. Segundo Hora (2014, p. 20), por aqui, “[...] pouca atenção se prestou ao papel do estilo do falante quando da escolha de uma ou outra variante. Em geral, sempre foram as restrições linguísticas e sociais que determinaram as análises realizadas”.

As propostas de estudo da variação intraindividual ganham forma e força a partir das reflexões pioneiras de Labov (1966, 2008[1972]). O estudioso foi o primeiro a fornecer uma abordagem operacional da noção de estilo e, por conseguinte, foi o primeiro a comparar a fala dos indivíduos em contextos diferentes. Em sua tese de doutoramento – *The Social Stratification of English in New York* –, ao analisar variáveis fonológicas, num total de cinco, além de relacionar o uso de suas variantes a aspectos linguísticos e a determinadas questões sociais, Labov (1966) desenvolve uma metodologia para detectar os diferentes *estilos contextuais* utilizados por um mesmo falante numa dada entrevista. Organizados sobre um eixo em função da audiomonitoração da própria fala, são isolados cinco estilos: *fala casual*, *fala monitorada*, *leitura de texto*, *leitura de lista de palavras* e *leitura de pares mínimos*. Segundo Labov (1966), para o estudo empírico da variação e mudança linguísticas, utiliza-se como referência o *vernáculo* – língua falada em situação natural de comunicação. Os demais estilos são considerados como desvios em relação ao estilo vernacular de cada falante e devem ser pensados em escalas, indo do mais casual ao mais formal, com muitas gradações entre si.

Os resultados do autor evidenciam que há certa tendência à correlação entre situações informais e o uso preferencial de variantes não padrão, já que esses contextos pressupõem menor atenção à produção dos enunciados; por outro lado, em contextos mais formais, em que a monitoração do uso da língua é maior, constata-se a ocorrência mais frequente de formas padrão (LABOV, 1966). Além disso, os dados obtidos possibilitam dizer que o estilo é um dos traços mais importantes para a Sociolinguística Variacionista, quando se trata de observar as correlações entre o social e o estilístico. Cada grupo social apresenta índice de usos diferentes

---

<sup>63</sup> Ver Görski, Coelho e Souza (2014).

em cada estilo, entretanto, todos os grupos operam mudança de códigos que vão na mesma direção, à medida que cresce a formalidade (LABOV, 1966).

Não se propõe, aqui, discutir as críticas lançadas ao modelo de análise proposto por Labov (1966, 2008[1972]). Assinala-se, apenas, que as caracterizações sugeridas por ele não reproduzem, de fato, o *continuum* estilístico evidente no repertório verbal habitual de um falante. Ademais, a característica unidimensional que supõe a ordenação dos estilos de acordo somente com o grau de atenção direcionado à linguagem deve ser repensada e substituída por um modelo que contemple o estilo sob o seu aspecto dinâmico, inter-relacionando-o a diversos componentes<sup>64</sup>.

Bell (1984, 2001), propondo um quadro teórico mais consistente, avança ao preconizar a *audiência* (*audience design*) como o centro da produção estilística, sistematizando o seu papel em um evento linguístico. Nessa perspectiva, a variação de estilo intrapessoal deriva e ecoa das diferenças linguísticas interpessoais; em outras palavras, o falante ao modelar a sua fala considera o(s) seu(s) ouvinte(s), a sua audiência, constituída de um destinatário conhecido e de outras terceiras pessoas, não necessariamente familiares a ele. Para o autor,

A mudança de estilo acontece principalmente em resposta à mudança na audiência do falante. O design de audiência é geralmente manifestado quando o falante muda o seu estilo para estar mais parecido com a pessoa com a qual está falando – isso é a “convergência” nos termos da Teoria da Acomodação da Comunicação, desenvolvida por Giles e colaboradores [...]. (BELL, 2001, p.143, tradução nossa)<sup>65</sup>

Outra questão destacada de modo relevante por Bell (1984, 2001) é que a variação de estilo intrapessoal reflete a variação sociodialetoal, na medida em que um indivíduo não produz variações aleatórias e, sim, reproduz padrões de variação presentes no grupo do qual ele é membro. Ao uso de determinada variante em um dado contexto são atribuídos, e compartilhados, valores por esse grupo.

Afastando-se do modelo laboviano, as mudanças de estilo, agora, são percebidas como escolhas do falante em função da maneira como seu interlocutor o julgará, e não como desvios

---

<sup>64</sup> Labov, em 2003, expande o seu conceito de variação estilística, sugerindo que a variação intrafalante pode ser determinada também pelas relações entre os interlocutores (relações de poder e solidariedade entre eles), pelo contexto social mais amplo (vizinhança, trabalho, entre outros) e pelo tópico (SEVERO, 2004). É no rumo dessa expansão, atribuindo à mensuração do estilo uma gama de fatores – incluindo, principalmente, os critérios que compõem o gênero textual a ser utilizado na comunicação –, que a presente pesquisa se insere.

<sup>65</sup> *Style shift occurs primarily in response to a change in the speaker's audience. Audience design is generally manifested in a speaker shifting her style to be more like that of the person she is talking to – this is “convergence” in the terms of the Speech/Communication Accommodation Theory developed by Giles and associates [...].* (BELL, 2001, p. 143)

em relação a um código vernacular de base. Nessa visão, o estilo é um fenômeno responsivo, nos moldes bakhtinianos da essência dialógica da linguagem. Quando alguém fala é para responder e ser respondido. Desse modo, tanto falantes quanto ouvintes são essenciais numa análise da variação estilística.

Diante das perspectivas apresentadas<sup>66</sup>, mesmo com as devidas distinções referentes ao tratamento do estilo, não há contradições entre elas. É possível que as duas tendências sejam conjugadas em um mesmo estudo variacionista, fazendo com que o caráter funcional da variação estilística seja evidenciado.

Para que se perceba se a colocação pronominal, em gênero textual falado, misto ou escrito, também está sujeita a questões de estilo, sugere-se que a ocorrência ora de uma ora de outra variante não esteja relacionada somente à monitoração que o falante faz de seus usos no momento da enunciação ou, ainda, apenas associada à sua acomodação ativa na frente de seu interlocutor. A proposta é a de que haja uma confluência de fatores contextuais para definir determinado estilo. Nesse sentido, o estilo está intimamente ligado às relações entre os interlocutores, podendo, sim, exigir mais ou menos monitoramento do falante, mas, também, relaciona-se ao cenário e ao canal da interação, ao assunto, entre outros aspectos; isto é, o estilo é uma variável dependente do contexto, da situação de uso. Essas particularidades, associadas a outras, compõem as características constituintes dos gêneros textuais, que materializam toda a comunicação na esfera humana. Portanto, aposta-se que a variação estilística possa ser analisada a partir da observação dos próprios gêneros e, por conseguinte, das características situacionais que os compõem. Perante a combinação dessas características, os gêneros podem ser distribuídos em um *continuum* estilístico (ROMAINE, 2009[1982]; BORTONI-RICARDO, 2004, 2005, 2012), que vai em uma escala desde um extremo com aspectos relacionados a um menor monitoramento, menor formalidade até o extremo oposto, com maior monitoramento e maior grau de formalidade.

Antes de aprofundar a discussão sobre esse *continuum* estilístico e as características situacionais dos gêneros, elucidam-se o conceito dado a gênero textual e outras questões relevantes ao seu enfoque e, ainda, contextualizam-se os gêneros jornalísticos considerados neste trabalho. À vista disso, na sequência, veem-se essas ideias.

---

<sup>66</sup> Os estudos voltados a estilo, na Sociolinguística, de modo geral, desenvolvem-se a partir de três tendências principais: a primeira, de natureza psicolinguística, baseia-se no grau de atenção dada à fala (LABOV, 1966, 2008[1972]; e, ainda, LABOV (2001b), referente ao construto metodológico denominado *árvore de decisão* (*decision tree*)), a segunda, de natureza interacional, pauta-se na audiência e no *design* de referência (BELL, 1984, 2001) e a terceira se concentra na questão da identidade (ECKERT, 2001, 2005, 2012, entre outros). Neste estudo, adotam-se somente as ideias precursoras de Labov (1966; 2006[1972]) e Bell (1984, 2001).

### 3.1.1.1 Discutindo a noção de gênero

*Muitos aspectos da comunicação, dos arranjos sociais e da produção de sentido humana estão envolvidos no reconhecimento do gênero. Os gêneros estão associados a sequências de pensamento, estilos de autoapresentação, posturas e relações autor-audiências, conteúdos e organizações específicos, epistemologias e ontologias, emoções e prazeres, atos de fala e realizações sociais.*

(BAZERMAN, 2013, p. 13)

A noção de gênero não se vincula mais somente à literatura e, sendo assim, a sua análise tem se tornado cada vez mais multidisciplinar. No campo da linguagem, por exemplo, atualmente há uma profusa variedade de teorias e posicionamentos relacionados a esse tema, entretanto, dentre tantas tendências diferenciadas, em todas, observa-se a influência dos pensamentos bakhtinianos, em umas de modo mais acentuado e em outras menos (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005). Segundo Bakhtin (1992[1979], p. 279, grifo do autor),

A utilização da língua efetua-se em forma de enunciados (orais e escritos), concretos e únicos, que emanam dos integrantes duma ou doutra esfera da atividade humana. O enunciado reflete as condições específicas e as finalidades de cada uma dessas esferas, não só por seu conteúdo (temático) e por seu estilo verbal, ou seja, pela seleção operada nos recursos da língua – recursos lexicais, fraseológicos e gramaticais –, mas também, e sobretudo, por sua construção composicional. Estes três elementos (conteúdo temático, estilo e construção composicional) fundem-se indissolavelmente no *todo* do enunciado, e todos eles são marcados pela especificidade de uma esfera de comunicação. Qualquer enunciado considerado isoladamente é, claro, individual, mas cada esfera de utilização da língua elabora *tipos relativamente estáveis* de enunciados, sendo isso que denominamos *gêneros do discurso*.

A inexatidão terminológica presente entre as diversas perspectivas de gênero merece destaque. Não há unanimidade quando o próprio termo *gênero* é realçado. Em alguns trabalhos, verifica-se o complemento *discursivo* (ou *do discurso*) e, em outros, nota-se a predileção por *textual* (ou *do texto*). Conclui-se que a noção de gênero até pode ser bastante correlata nas várias abordagens, no entanto, a terminologia é profundamente diversa, inclusive quando considerados outros termos, tais como *sequência textual / tipo textual / modalidade discursiva e esfera social / comunidade discursiva / ambiente discursivo / domínio discursivo* (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005). Considera-se, aqui, a complementariedade entre discurso e texto, sendo impossível estabelecer, com total clareza, as fronteiras que os distinguem, e, sem



questionar qual expressão é a mais pertinente (*gênero discursivo* ou *gênero textual*), parte-se do pressuposto de que ambas podem ser usadas intercambiavelmente, exceto quando se pretende, de modo explícito, apontar algum fenômeno em particular. Dessa maneira, por ser a forma mais recorrente na literatura (MEURER; BONINI; MOTTA-ROTH, 2005) e por uma questão de uniformização, privilegia-se o uso do termo *gênero textual*.

Além das ideias bakhtinianas sobre gênero, nesta pesquisa, empregam-se principalmente as reflexões desenvolvidas por Marcuschi (2005, 2008, 2010)<sup>67</sup>. Para ele, os gêneros textuais são vistos como práticas sociais e textual-discursivas; são fenômenos históricos, vinculados à vida cultural e social de cada comunidade, que se concretizam através da linguagem.

A nomeação de um gênero (por exemplo, os próprios gêneros considerados neste estudo: *entrevista na TV, noticiário de TV, carta do leitor e editorial*, ou qualquer outro) não é uma criação individual e, sim, algo constituído histórica e socialmente. Dentre as dificuldades na hora de identificá-los e reconhecer os seus rótulos, está a possibilidade de os gêneros assumirem traços que, em sua origem, não lhes são próprios. Para Marcuschi (2005, 2008), além da *heterogeneidade tipológica*, que diz respeito a um gênero realizar sequências de vários tipos textuais<sup>68</sup>, tem-se a *intertextualidade intergênero* (MARCUSCHI, 2005) ou *intergenericidade* (MARCUSCHI, 2008) – quando um gênero adquire funções e formas de outros –, evidenciando, cada vez mais, a dinamicidade que possuem.

Ao quadro dos gêneros, inclui-se, ainda, a definição de *domínio discursivo*. De acordo com Marcuschi (2008, p. 155), “domínio discursivo constitui muito mais uma “esfera da atividade humana” no sentido bakhtiniano do termo do que um princípio de classificação de textos e indica instâncias discursivas [...]”. Tendo como exemplo este trabalho, cita-se o domínio discursivo jornalístico, que não abrange um gênero em particular, mas dá origem a vários deles, em virtude de os gêneros serem institucionalmente marcados (MARCUSCHI, 2008).

Segundo os autores consultados (BAKHTIN, 1992[1979]; MARCUSCHI, 2005, 2008, 2010), em resumo, os gêneros textuais (i) estabelecem uma interconexão da linguagem com a

<sup>67</sup> O autor atribui aos estudos que desenvolve influências não só de Bakhtin, mas, ainda, de Adam, Bronckart, Bazerman, Miller, Günther e Fairclough (MARCUSCHI, 2008).

<sup>68</sup> “**Tipo textual** designa uma espécie de construção teórica [...] definida pela natureza linguística de sua composição [...] O tipo caracteriza-se muito mais como sequências linguísticas (sequências retóricas) do que como textos materializados; a rigor são modos textuais. Em geral, os *tipos textuais* abrangem cerca de meia dúzia de categorias conhecidas como: *narração, argumentação, exposição, descrição, injunção*. O conjunto de categorias para designar *tipos textuais* é limitado e sem tendência a aumentar [...]”. (MARCUSCHI, 2008, p. 154-155, grifo do autor)

vida social e, por serem inesgotáveis as possibilidades de ação humana, cada esfera de ação comporta uma variedade imensurável de gêneros, mas não infinita; (ii) são propícios a mudanças, desaparecem ou aparecem, reinventam-se, de acordo com a sua historicidade; e (iii) são interdependentes, ou seja, interagem ou se mesclam para formar e transformar práticas em ações sociais.

Um fato central quanto à materialização dos gêneros, de acordo com Marcuschi (2008, 2010), é pensá-los na relação *oralidade/letramento* e, conseqüentemente, *fala/escrita*<sup>69</sup>. Para ele, assim como para outros estudiosos (cf. CHAFE, 1982, 1985; TANNEN, 1982; BIBER, 1988, 1995; BORTONI-RICARDO, 2004, 2005, 2012), as diferenças entre fala e escrita se dão dentro de um *continuum* tipológico das práticas sociais de produção/recepção textual e não na relação dicotômica de dois polos opostos. Desse modo, segundo Marcuschi (2008, 2010), diante da ampla variedade de acontecimentos em uma comunidade, há, por um lado, gêneros textuais produzidos em condições naturais nos mais diversos domínios discursivos das duas modalidades – fala e escrita –, e, por outro, gêneros constituídos a partir de mesclagens da relação fala/escrita, visto que os textos que materializam esses gêneros apresentam entrecruzamentos provenientes das suas condições de produção e de recepção. Para a total compreensão dessas mesclas, o autor faz uso dos termos *concepção* e *meio* (MARCUSCHI, 2008, 2010). A concepção diz respeito à forma originária da produção de um texto, oral *vs.* escrita, enquanto que, por meio, entende-se o modo de recepção desse mesmo material, por via sonora *vs.* via gráfica.

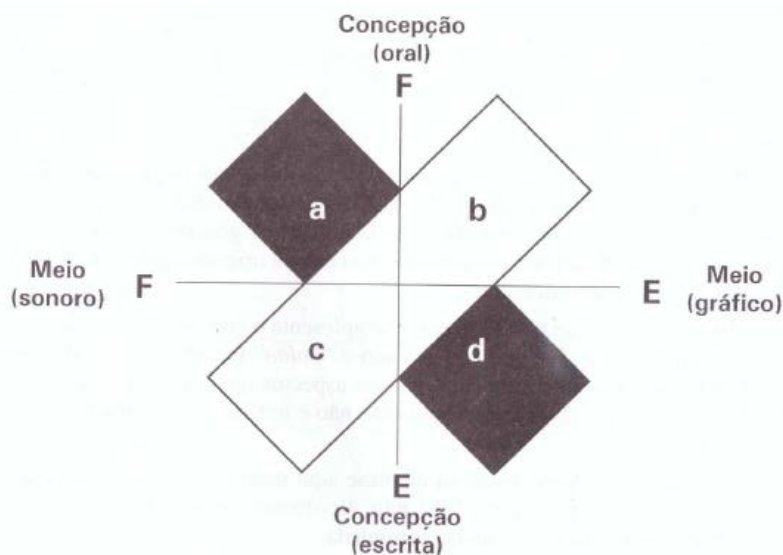
Tendo em vista que a fala é de concepção oral e meio sonoro, ao passo que a escrita é de concepção escrita e meio gráfico, há gêneros prototípicos da fala e gêneros prototípicos da escrita, conforme indicam, respectivamente, as letras *a* e *d*, observadas na figura 2. Sob outra perspectiva, as letras *b* e *c* constituem os domínios mistos em que se dão as misturas das modalidades. Nesses domínios, verifica-se uma série de textos que são produzidos e recebidos com base em aspectos relacionados à fala e à escrita. Tais textos corporificam os gêneros

---

<sup>69</sup> Oralidade e letramento são práticas sociais, enquanto fala e escrita são modalidades de uso da língua. A oralidade é uma prática social interativa para fins comunicativos que se apresenta sob diversas formas fundadas na realidade sonora. O letramento, por outro lado, envolve as mais variadas práticas da escrita na sociedade, abrangendo desde uma apropriação mínima da escrita até uma apropriação profunda. Um indivíduo é letrado por participar de forma significativa de eventos de letramento e não apenas por fazer uso formal da escrita. Em um primeiro plano, a distinção entre fala e escrita se refere aos modos de representar a língua na sua condição de código. A fala se concentra na modalidade oral, situa-se, portanto, no plano da oralidade, e, a escrita, com certas especificidades materiais e caracterizada por sua constituição gráfica, encontra-se no plano dos letramentos. Expandindo a reflexão para aspectos discursivos e comunicativos que vão além do plano do meramente oral ou grafemático, a fala passa a englobar todas as manifestações textuais-discursivas da modalidade oral e, a escrita, todas as manifestações textuais-discursivas da modalidade escrita. Ambas passam a ser consideradas muito mais como processos e eventos do que como produtos (MARCUSCHI, 2010).

denominados *híbridos* ou *mistos*, de concepção oral e meio gráfico ou de concepção escrita e meio sonoro.

Figura 2. Representação dos postulados de *concepção* (oral vs. escrita) e *meio* (sonoro vs. gráfico)



Fonte: Marcuschi (2010, p. 39)

Neste estudo, para a seleção dos gêneros jornalísticos examinados, vale-se da proposta de Marcuschi (2008, 2010) quanto à concepção e ao meio e à distribuição de gêneros falados, híbridos e escritos no *continuum* fala/escrita (cf. figura 1). Entretanto, em dois pontos, diverge-se das sugestões do autor. O primeiro, mais específico, refere-se à concepção discursiva do gênero *carta do leitor* – cf. quadro 10.

Quadro 10. Caracterização dos gêneros *entrevista na TV*, *noticiário de TV*, *carta do leitor* e *editorial* através dos postulados de *concepção* e *meio*

Gênero Textual	Concepção		Meio	
	Oral	Escrita	Sonoro	Gráfico
Entrevista na TV (a)	X		X	
Noticiário de TV (c)		X	X	
Carta do leitor ( <del>b</del> ) (d)	X	X		X
Editorial (d)		X		X

Fonte: Adaptação de Marcuschi (2008, p. 193)

Assim como no trabalho de Marcuschi (2008, 2010), aqui, a *entrevista na TV*, principalmente quando considerada a fala do entrevistado, é caracterizada como um gênero típico da fala, de concepção oral e meio sonoro; o *noticiário televisivo*, se verificadas as falas dos âncoras e dos repórteres e outros convidados, estes em condições de transmissão que não seja *ao vivo*, é corporificado por um texto originalmente escrito, mas recebido pelo destinatário

oralmente, enquadrando-se, então, em um domínio misto; e, o gênero *editorial*, por apresentar concepção escrita e meio gráfico, é observado sob o domínio típico da escrita. No entanto, a respeito do gênero *carta do leitor*, enquanto Marcuschi (2008, 2010) o posiciona no espaço dedicado à escrita, mas, também, deixa-o mais próximo do domínio típico da fala (cf. figura 1), na presente pesquisa, sustenta-se a opinião de que cartas desse tipo, que se enquadram no perfil de comunicações públicas, representam um gênero prototípico da escrita, de concepção escrita e meio gráfico, do mesmo modo que os editoriais (cf. quadro 10). Essa posição condiz, inclusive, com o fato de as cartas analisadas pertencerem a dois veículos de comunicação (*Público* e *O Estado de S. Paulo*) reconhecidamente mantenedores de usos linguísticos prestigiados. Os resultados obtidos nas cartas dos leitores analisadas, quanto à colocação pronominal, confirmarão essa ressalva.

O outro ponto divergente a ser apresentado, em uma visão mais ampla, corresponde à própria questão da materialização dos gêneros, discutida nas obras de Marcuschi (2008, 2010) de forma bastante simplista. Ainda que o autor procure relacionar aos gêneros variações das seleções lexicais, do estilo e do grau de formalidade, por exemplo, essas associações não são pormenorizadas de tal modo que justifiquem a ordenação dos gêneros textuais no *continuum* fala/escrita. Marcuschi (2008, 2010) se prende aos postulados de *concepção e meio* e, no fim, parece que a distribuição apresentada dos gêneros se liga somente a eles.

Nesta tese, parte-se do pressuposto de que os gêneros textuais se espalham no *continuum* estilístico, correlacionado ao *continuum* fala/escrita, devido a aspectos das próprias modalidades de uso da língua e, ainda, a outras características situacionais que constituem os textos que os materializam. A possibilidade de os gêneros concentrarem formas menos ou mais estandardizadas está intimamente ligada à sua correlação com esses *continua*.

Em seguida, descrevem-se outros traços dos gêneros jornalísticos investigados, para, então, voltar-se aos gêneros como um meio para a análise estilística.

### **3.1.1.1 Os gêneros jornalísticos *entrevista na TV, noticiário de TV, carta do leitor e editorial***

A produção jornalística, como um todo, de modo geral, norteia-se por dois grandes eixos: a informação e a opinião (ALVES FILHO, 2011). No entanto, ainda podem ser associadas ao domínio discursivo jornalístico outras funções, como, por exemplo, a do entretenimento, a da instrução, a da publicidade, etc. Os gêneros jornalísticos, dentre tantas

outras atribuições que lhes cabem, servem também para que essas intenções, muitas vezes mescladas, sejam identificadas (MEDINA, 2001).

Nesta ocasião, caracterizam-se sucintamente os gêneros considerados neste estudo, posto que os detalhes individuais de cada um, a partir da observação de suas características situacionais, são apresentados em correlação com os resultados do fenômeno variável<sup>70</sup>.

O gênero *entrevista*, segundo Hoffnagel (2002), comumente, é caracterizado em forma de pergunta-resposta e envolve, pelo menos, dois indivíduos – o entrevistador e o entrevistado. Cabe ao entrevistador iniciar e encerrar a conversa, incitar/questionar o outro, introduzir novos tópicos; enfim, orientar a interação. Ao entrevistado cumpre fornecer novas informações. Por mais informal que determinada entrevista possa ser, trata-se sempre de um discurso assimétrico, porque os seus interlocutores atuam de forma diversa. No entanto, juntos, entrevistador e entrevistado constroem o todo enunciativo (COSTA, S. R., 2008). As entrevistas ocorrem para que seja divulgada a opinião de um especialista (figura pública ou não) sobre um tema atual ou, ainda, dada a importância de uma personalidade (ou instituição, ou evento social), para que haja autopromoção. No caso das entrevistas consultadas, veiculadas na televisão, ambos os motivos fundamentam os diálogos.

A *notícia* é bastante recorrente na vida das pessoas, pois é difundida em inúmeros lugares e suportes (ALVES FILHO, 2011). Em princípio, ela está relacionada à informação nova sobre acontecimentos recentes e relevantes. Na televisão, o *noticiário de TV* (ou *telejornal*) “é um gênero que vem ocupando um importante espaço [...], contribuindo para a formação de opinião pública, formando e transformando visões de mundo e disseminando ideologia [...]” (SAITO, 2009, p. 205). Os conteúdos apresentados, conforme Duarte, E. B. (2002) argumenta, estão de acordo com os interesses econômicos, políticos e ideológicos de quem comanda a emissora na qual o noticiário é transmitido. Desse modo, ao exercer o seu papel informativo, esse gênero nem sempre chega a transmitir determinado acontecimento da forma mais neutra possível – fato perceptível nas edições transcritas do PE e do PB. Outro ponto relevante quanto aos telejornais é que, ao longo dos anos, muitos se transformaram, no que diz respeito a edições mais elaboradas, a performances mais descontraídas ou incisivas dos âncoras e repórteres e aos próprios assuntos retratados, que, hoje, incluem também entretenimento (charge), aconselhamento (notícias de serviço e previsão do tempo) e educação (reportagens) (SAITO, 2009).

---

<sup>70</sup> Cf. subseção 5.3.1.

A *carta do leitor* geralmente é opinativa e tem sido utilizada para a discussão de questões importantes da sociedade, o que a revela como um gênero da esfera pública. Para Alves Filho (2011, p. 85), “fazer uso de uma carta de leitor implica dispor-se a participar da vida política e pública de uma sociedade, por um lado avaliando o que dizem as outras pessoas e, por outro, expondo-se a possíveis avaliações”. Sob um ângulo social, é através das cartas que pessoas comuns podem participar, de alguma maneira, da construção de um jornal (ou revista), expressando sua opinião e/ou sugerindo até mesmo pautas para os meios de comunicação. Em linhas gerais, nos dois periódicos avaliados, esse gênero é representado por textos resumidos que tocam de maneira direta o assunto a ser tratado (no jornal brasileiro, as cartas são ainda bem menos extensas do que as do jornal português). Assinala-se, por fim, que, além das mãos do próprio leitor/escritor, há nesses textos a participação do editor, conforme indicado nos jornais examinados (n’*O Estado de S. Paulo* de modo menos explícito do que no *Público*)<sup>71</sup>.

O último gênero a ser definido é o *editorial*, que, por ser opinativo, é produzido com base na argumentação para persuadir o público-alvo a, se não adotar, pelo menos aceitar o que nele é dito. Nos editoriais em geral, não naqueles em que o foco é apresentar o suporte que os conduz (editorial de apresentação), discutem-se problemas sociais controversos que implicam sustentação, refutação e negociação de tomada de posição (SOUZA, 2009). O modo como o discurso é arquitetado tem de agradar a todos que sustentam financeiramente o suporte que conduz esse gênero. Para Souza (2009, p. 96), “o editorial é um gênero que reflete de forma mais nítida a situação de produção, ou seja, o posicionamento do jornal articulado ao jogo de interesses econômicos, sociais e políticos”. Nos jornais considerados neste estudo, como já esperado, os editoriais ganham espaço fixo e entre as primeiras páginas. Além disso, enquanto na amostra d’*O Estado de S. Paulo* nenhum texto aparece assinado, no *Público*, de 2001 a meados de 2009, os editoriais sempre trazem a assinatura de algum membro da direção editorial. Nos últimos textos portugueses verificados, de 2009 e 2010, essa prática é abolida.

Em relação aos quatro gêneros descritos (e a qualquer outro gênero textual), para além das divergências existentes entre eles, há diferenças entre textos que materializam o mesmo gênero. Isso porque, embora recebam o mesmo rótulo, podem apresentar, por exemplo, variações temáticas, funcionais e/ou estruturais entre si.

---

<sup>71</sup> Levanta-se novamente essa questão na seção 4.

### 3.1.1.2 Gêneros textuais e o *continuum* estilístico – os gêneros como ferramenta da análise de estilo

[...] Os gêneros são entendidos como formas de conhecimento cultural que emolduram e medeiam conceitualmente a maneira como entendemos e agimos tipicamente em diversas situações.

(BAWARSHI; REIFF, 2013, p. 16)

Biazolli (2010)<sup>72</sup> aposta na noção de *gênero textual* como aporte teórico-metodológico para o estudo da variação e da mudança linguística, a partir da suposição de que há diferenças na proporção do uso de variantes linguísticas dependendo do gênero analisado. Essa proposta se aproxima, por exemplo, do pensamento defendido primeiramente por Romaine (2009[1982]), que avalia como produtiva a observação de diferentes tipos de texto, organizados em um *continuum* estilístico, em trabalhos interessados na dinamicidade de uma língua. Nesse *continuum*, em um extremo, estão aspectos ligados a monitoramento e formalidade mais intensos e temas mais rebuscados e, no outro, concentram-se monitoramento e formalidade menores e temas mais coloquiais, possibilitando, portanto, a distribuição de variantes linguísticas em correlação com gêneros textuais dispostos nessa escala.

Seguindo a ideia de diferentes estilos contextuais, proposta por Labov (1966, 2008[1972]), mas, agora, referindo-se a textos escritos, Biazolli (2010) propõe que os gêneros textuais – na medida em que os textos que os materializam são caracterizados por conteúdo temático, construção composicional e estilo – sejam organizados numa hierarquia, segundo um *continuum* estilístico.

Dentre os resultados apresentados, Biazolli (2010) verifica, principalmente em contextos de lexias verbais simples e em dados provenientes de jornais paulistanos, a alternância da colocação do pronome átono de acordo com o gênero textual em que ele está inserido, confirmando a riqueza que um olhar ao contexto linguístico aliado às especificidades organizacionais e funcionais do gênero em questão pode trazer à análise de um fenômeno variável. A autora assinala, dessa forma, a necessidade de um maior aprofundamento sobre os traços que definem as características particulares de determinado gênero textual, em busca de uma hierarquização mais adequada em relação aos textos que o representam.

Nesta pesquisa, expandindo-se o conceito de gênero à discussão da correlação entre *variação – gênero textual* como um todo, não só servindo à análise da língua em sua modalidade

---

<sup>72</sup> Cf. subseção 2.2.3.2.1.

escrita, mas, também, em sua modalidade falada e em relação à gradação que há entre elas, investe-se em análises que contemplem o contexto situacional em que o falante se encontra em um dado momento. Nessa direção, posiciona-se o gênero não como um dos fatores contextuais que determina os tipos de seleção de elementos linguísticos, mas como um próprio evento, marcado por diversas características situacionais, que regula o estilo de um ato de fala. A interação dessas características resulta em uma gama de estilos de formalidade, sendo realmente eficaz a distribuição dos gêneros textuais em um *continuum* estilístico. Por isso, sugere-se que investigações nesse âmbito sejam feitas a partir de tipos diversificados de gêneros, para que o contraste – entre os usos do fenômeno a ser considerado, de acordo com as especificidades de cada gênero – possa ser mais bem visualizado. Essa disposição dos gêneros no *continuum* deve ser feita de modo autônomo em relação ao fenômeno específico que se deseja estudar.

As dimensões da variação diafásica, como já explicitado, são bastante complexas, em razão de diferentes elementos linguísticos serem sensíveis a diferentes aspectos do ato de comunicação. Vê-se, em muitos trabalhos, a tentativa de se associar o estilo ao menos a estes três fatores: (i) o cenário (ou ambiente) da interação, que dita a formalidade da ocasião; (ii) os falantes que intervêm na situação comunicativa, atentando-se ao grau de familiaridade entre eles; e (iii) o propósito, relacionado às funções da comunicação.

Bortoni-Ricardo (2004, 2005, 2012), por exemplo, com a intenção de sistematizar as informações sobre a variação linguística no PB, propõe uma análise baseada em três *continua*: *continuum* de urbanização, *continuum* de oralidade-letramento e *continuum* de monitoração estilística. Em um dos polos do primeiro *continuum* estão as variedades rurais usadas pelas comunidades geograficamente mais isoladas, no polo oposto, estão as variedades urbanas que receberam a maior influência dos processos de padronização da língua e, no espaço entre eles, fica a zona *rurbana*, formada por migrantes de origem rural que preservam muito de seus antecedentes culturais e pelas comunidades interioranas residentes em distritos semirurais que estão submetidas à influência urbana. Qualquer falante do PB pode ser situado em qualquer posição desse *continuum*, considerando-se onde ele nasceu e vive. A par do *continuum* rural-urbano, onde os domínios em que predominam a cultura da oralidade estão situados na ponta das variedades rurais, enquanto no outro extremo, o da urbanização, estão presentes as culturas de letramento, a autora utiliza o *continuum* de oralidade-letramento para dispor os eventos de comunicação, conforme eles sejam eventos mediados pela língua falada, *eventos de oralidade*, ou pela língua escrita, *eventos de letramento*. Acrescenta-se, por fim, o *continuum* de monitoração estilística, que situa desde as interações totalmente espontâneas até aquelas que são previamente planejadas e que exigem muita atenção do falante. Bortoni-Ricardo (2004,



2005, 2012), de modo geral, associa o ambiente, o interlocutor e o tópico da conversa aos fatores que regulam o estilo.

Neste estudo, os fatores contextuais que compõem qualquer situação comunicativa aparecem todos reunidos para formar o quadro das características situacionais dos gêneros textuais. Biber e Conrad (2009), a partir de um levantamento teórico realizado anteriormente<sup>73</sup>, formulam uma lista das características mais relevantes para a descrição e comparação dos gêneros (e, aqui, por conseguinte, para a compreensão da diversidade de estilos). São elas: (i) os *participantes* envolvidos na produção/recepção de determinado gênero; (ii) a *relação entre esses participantes*; (iii) o *canal* pelo qual o gênero é transmitido/recebido; (iv) as suas *condições de produção*; (v) o *cenário* ao qual se enquadra (tempo e lugar); (vi) os seus *propósitos comunicativos*; e (vii) os *tópicos* que retrata<sup>74</sup>.

De acordo com os autores, “algumas características não serão relevantes para algumas comparações, no entanto, ao aplicar essa lista, pode-se pensar através do conjunto completo de características situacionais que precisam ser consideradas” (BIBER; CONRAD, 2009, p. 39, tradução nossa)<sup>75</sup>. Isso deve se aplicar às análises deste trabalho. Ainda que nem todas as características possam se mostrar fundamentais para a comparação dos gêneros aqui selecionados, somente ao considerar o quadro que elas compõem em sua totalidade é que o parâmetro estilístico para análises estará completo, dado que, enfim, o estilo estará condicionado pela conjunção de todos os componentes da situação. Em outras palavras, sob essa nova concepção, a variação estilística passa a ser mensurada a partir do maior número possível dos fatores contextuais que compõem os gêneros textuais. Os gêneros, distribuídos em um *continuum* estilístico, moldam todas as interações comunicativas de uma comunidade.

Nas próximas linhas, após serem enfatizadas as inter-relações entre gêneros textuais e fala/escrita, confirmando-se o íntimo elo entre o eixo diafásico e o eixo diamésico, concentra-se nas especificidades da língua falada e da língua escrita, priorizando a visão que as dispõe em um *continuum* de usos, integrados por diversos pontos centrais.

---

<sup>73</sup> Os autores citam, por exemplo, Biber (1988, 1994), Hymes (1974) e Halliday (1978), entre outros.

<sup>74</sup> As especificações de cada característica são apresentadas na seção 4, referente à metodologia adotada.

<sup>75</sup> *Some characteristics will not be relevant for some comparisons, but applying the framework can help you think through the full set of situational characteristics the need to be considered.* (BIBER; CONRAD, 2009, p. 39)

### 3.1.2 Variação diamésica: aspectos envolvidos nas relações entre *fala* e *escrita*

*Uma vez concebidas dentro de um quadro de inter-relações, sobreposições, gradações e mesclas, as relações entre fala e escrita recebem um tratamento mais adequado, permitindo aos usuários da língua maior conforto em suas atividades discursivas.*

(MARCUSCHI, 2010, p. 09)

A fala e a escrita são modalidades de uso da mesma língua, sistemáticas e regradas. Tanto uma como a outra “[...] permitem a construção de textos coesos e coerentes, ambas permitem a elaboração de raciocínios abstratos e exposições formais e informais, variações estilísticas, sociais, dialetais e assim por diante” (MARCUSCHI, 2010, p. 17).

As relações entre as duas modalidades devem ser vistas dentro de um *continuum*, como já explicitado anteriormente, já que as suas distinções revelam aspectos específicos de um tipo de texto em comparação a outro e não exatamente diferenças entre elas próprias, tornando-se indiscutível que certos recursos linguísticos associados com a língua escrita caracterizam também as variedades orais não espontâneas e, o oposto, que recursos linguísticos relacionados à língua oral se incorporam a certas variedades escritas que intentam refletir o domínio tipicamente falado (CHAFE, 1982, 1985; TANNEN, 1982; BIBER, 1988, 1995; BORTONIRICARDO, 2004, 2005, 2012; MARCUSCHI, 2008, 2010).

Antes de particularizar essa tendência, privilegiada aqui, entretanto, faz-se menção também à principal perspectiva que a contraria, a visão da dicotomia radical (BERNSTEIN, 1971; OCHS, 1979; OLSON; TORRANCE, 1995[1991]). No quadro abaixo, lado a lado, apresentam-se de modo geral as propriedades típicas da fala e da escrita segundo cada uma dessas duas perspectivas conflitantes.

Quadro 11. Fala/escrita, na perspectiva da dicotomia e na perspectiva sociointeracionista

<b>Perspectiva da dicotomia</b>		<b>Perspectiva sociointeracionista</b>
<b>Fala vs. escrita</b>		<b>Fala e escrita (apresentam)</b>
contextualizada	descontextualizada	dialogicidade
dependente	autônoma	usos estratégicos
implícita	explícita	funções interativas
redundante	condensada	envolvimento
não planejada	planejada	negociação
imprecisa	precisa	situacionalidade
não normatizada	normatizada	coerência
fragmentária	completa	dinamicidade

Fonte: Adaptação de Marcuschi (2010, p. 27 e 33)

A corrente de pensamento que defende uma única norma linguística como correta e aceitável, representada na denominada *norma-padrão*, decorre da visão da dicotomia estrita, uma vez que também reconhece, de modo rígido, a língua falada e a língua escrita como dois blocos distintos, cabendo à primeira o lugar do erro e do caos gramatical e, à segunda, servindo-se da sistematização de regras, o lugar do bom uso da língua. No ensino do PB, por exemplo, a partir desse equivocado recorte polarizado da realidade linguística, segundo Neves (2011, p. 44),

Criou-se, na escola, um tal abismo entre as duas modalidades que, por natureza, instituiu-se que a fala (em princípio, a modalidade do aluno) é imperfeita por natureza, e que a língua escrita (em princípio, a modalidade do professor) é a meta a ser atingida, como se não houvesse modalidade-padrão também na fala e como se o conhecimento de um padrão prestigiado, na língua falada, também não fosse desejável.

Os aspectos atribuídos à fala e à escrita na perspectiva sociointeracionista deixam transparecer a significativa atenção, dessa mesma tendência, à construção de sentidos, às situações comunicativas. Em concordância com o que já foi dito, as divergências entre as duas modalidades podem provir das suas condições de produção, transmissão e recepção. Por isso, surge a opção de que sejam avaliadas em um *continuum*, passível de uma diferenciação escalar.

Chafe (1982, 1985) também apresenta a fala e a escrita como modalidades não dicotômicas da língua. Para caracterizá-las, o autor opta por considerar as relações entre fala/escrita e gêneros textuais. Ao analisar os gêneros dos extremos do *continuum* fala/escrita, a *conversação espontânea* e a *escrita acadêmica*, o autor correlaciona, respectivamente ao primeiro e ao segundo, as características funcionais de *fragmentação/envolvimento* e *integração/distanciamento* (CHAFE, 1985)<sup>76</sup>. Quando redirecionada a gêneros que ocupam posições ao longo do *continuum*, a aplicação desses parâmetros se torna mais flexível, já que os gêneros possuem características ora da fala ora da escrita. Segundo Chafe e Tannen (1987, p. 391, tradução nossa)<sup>77</sup>,

---

<sup>76</sup> Para Chafe (1985), a dimensão fragmentação vs. integração se dá pelo fato da produção oral se realizar no momento e, como resultado da espontaneidade natural da fala, apresentar descontinuidades nesse fluxo de informações, enquanto a escrita, por sua vez, por ser livre de fortes restrições temporais, tem mais possibilidade de organizar as suas ideias em um texto integrado, compacto. A outra dimensão, envolvimento vs. distanciamento, refere-se ao ambiente de interação social visto durante a realização da fala, ou seja, o envolvimento entre os interlocutores, em oposição ao trabalho solitário de um escritor.

<sup>77</sup> *It does seem plausible to suppose that different conditions of production as well as different intended uses foster the creation of different kinds of language. It is also worth giving further thought to idea that ordinary conversation is the prototypical form of language, the baseline against which all other genres, spoken or written, should be compared. Conversation is, after all, the one kind of language that all normal people produce quite naturally most of the time; all other kinds, whether spoken or written, require some special skill or training. Literacy, where it exists, has provided fertile soil for the growth of other genres, among them literate forms of speaking as well as*

Parece plausível supor que diferentes condições de produção bem como diferentes usos pretendidos promovem a criação de diferentes tipos de linguagem. É válido também refletir sobre a ideia de que a conversação cotidiana é a forma prototípica da linguagem, a base de referência contra a qual todos os outros gêneros, falados ou escritos, deveriam ser comparados. Conversação é, afinal, o único tipo de linguagem que todas as pessoas normais produzem muito naturalmente na maior parte do tempo; todos os outros tipos, se falados ou escritos, requerem alguma habilidade especial ou treinamento. O letramento, onde ele existe, tem proporcionado um solo fértil para o crescimento de outros gêneros, entre eles formas letradas de falar bem como formas coloquiais de escrever. Nessas condições, não deveríamos nos surpreender ao descobrir que não há nenhuma característica ou dimensão única que distingue todos os eventos falados de todos os eventos escritos.

Biber (1988), ao realizar uma das investigações quantitativas mais extensa acerca das diferenças entre fala e escrita<sup>78</sup>, também não encontrou nenhuma diferença única entre as duas modalidades na língua inglesa. Há uma série de dimensões de variação e determinados textos falados e escritos são mais ou menos semelhantes no que se refere a cada dimensão<sup>79</sup>. De acordo com o autor, “nenhuma distinção absoluta entre fala/escrita é identificada no estudo. Em vez disso, as relações entre os textos falados e escritos são complexas e associadas a uma variedade de diferentes considerações situacionais, funcionais e de processamento” (BIBER, 1988, p. 24-25, tradução nossa)<sup>80</sup>.

Já que os gêneros, e, portanto, os textos, devem ser distribuídos em *continua*, outra visão dicotômica, como citado acima, também deve ser relativizada: a oposição entre *norma não padrão vs. norma-padrão* ou *língua não padrão vs. língua-padrão*. A interação das normas linguísticas com as modalidades de uso da língua é direta, tornando-se mais pertinente, desse modo, uma análise que não as contemple como polos estanques. A seguir, para completar os entrecruzamentos aqui propostos, entre estilo, gêneros, fala/escrita e normas, defende-se que cada comunidade é marcada por uma pluralidade de normas linguísticas, produto da sua própria heterogeneidade.

---

*colloquial forms of writing. Under these circumstances, we should not be surprised to find that there is no single feature or dimension that distinguishes all of speaking from all of writing.* (CHAFFE; TANNEN, 1987, p. 390-391)

<sup>78</sup> O autor analisou a distribuição de 67 características sintáticas e lexicais diferentes em várias centenas de amostras de texto representando 23 gêneros diferentes.

<sup>79</sup> As seis dimensões de variação propostas por Biber (1988) são estas: produção com interação vs. informacional, preocupações narrativas vs. não narrativas, referências explícitas vs. dependentes da situação, persuasão explícita vs. não explícita, informação abstrata vs. não abstrata e elaboração informacional on-line. Biber (1988) acredita que, com uma quantidade maior de parâmetros, indo além de formalidade/informalidade e planejamento/não planejamento, a comparação entre os tipos de texto se torna mais abrangente. Para o detalhamento de cada uma das seis dimensões, ver o próprio Biber (1988) e Sardinha (2000, 2010).

<sup>80</sup> *No absolute spoken/written distinction is identified in the study. Rather, the relations among spoken and written texts are complex and associated with a variety of different situational, functional, and processing considerations.* (BIBER, 1988, p. 24-25)

### 3.1.3 Variação sociocultural: a pluralidade das *normas linguísticas* presente em comunidades de fala

*Não existe, [...], uma norma “pura”: as normas absorvem características umas das outras – elas são, portanto, sempre hibridizadas. Por isso, não é possível estabelecer com absoluta nitidez e precisão os limites de cada uma das normas – haverá sempre sobreposições, desdobramentos, entrecruzamentos.*

(FARACO, 2008, p. 44)

Para Labov (1966, 2008[1972]), uma *comunidade de fala* se resume a um conjunto de falantes que partilham o mesmo sistema de valores sobre a língua, sem, necessariamente, falarem da mesma forma. Dado esse sistema de valores, determinado por aspectos sociais, culturais e ideológicos, cada comunidade de fala (ou linguística), em geral, caracteriza-se por uma norma ideal e por um conjunto de outras normas reais. A norma ideal, de modo amplo, é entendida como um fator da coesão social e as normas reais se referem aos comportamentos linguísticos dos integrantes dessas comunidades, estabelecidos pela intensa diversidade vigente nesses grupos, resultado das redes de relações sociais presentes em seu interior.

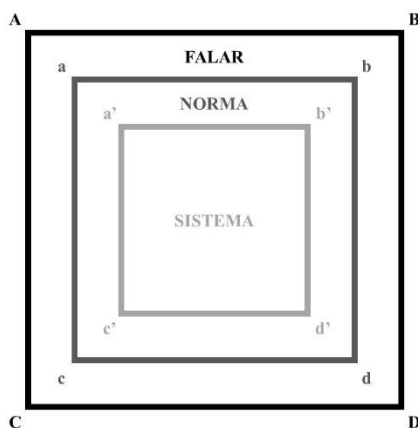
A Sociolinguística, atualmente, tem dedicado grande atenção à problemática das normas, preocupando-se com as inter-relações entre o que *se deve dizer* e o que *é dito* e como essa mútua ligação pode contribuir para a percepção da variação/mudança<sup>81</sup>. No entanto, ainda há uma vasta série de questões a ser ponderada sobre esse rico tópico.

Ainda que não tenha sido o primeiro a teorizar sobre o conceito de *norma*, Coseriu (1979[1952]) foi quem o elaborou, sob o viés estruturalista, da maneira mais refinada (LUCCHESI, 2012).

Voltando-se à antinomia de Saussure (2001[1916]), *langue/parole* (sistema/fala), Coseriu (1979[1952]) busca aprimorá-la e, então, acrescenta-lhe uma terceira instância, a *norma*, passando de dicotômica a uma perspectiva tricotômica (sistema/norma/fala). De acordo com o linguista romeno, da abstração à concretude, respectivamente do sistema à fala, há um grau intermediário, uma parte reguladora do sistema, a *norma* (COSERIU, 1979[1952]) (cf. figura 3).

---

<sup>81</sup> Além da própria bibliografia discutida nesta subseção (BAGNO, 2003, 2011, 2012; FARACO, 2008, 2011, 2012), para o aprofundamento teórico e a visualização prática das relações entre variação e norma(s), ver Camacho (2012), Berlinck e Biazolli (2011) e Bueno (2014), por exemplo.

Figura 3. Representação da perspectiva tricotômica coseriana: *fala/norma/sistema*

Fonte: Adaptação de Coseriu (1979[1952], p.72)

No esquema utilizado por Coseriu (1979[1952]), o quadrado representado por **A / B / C / D** se refere ao falar efetivamente comprovado, isto é, os atos linguísticos concretamente registrados no próprio momento de sua produção. O quadrado intermediário – **a / b / c / d** – equivale à norma, consistindo o primeiro nível de abstração. A norma contém somente aquilo que no falar concreto é repetição de modelos anteriores, definindo-se como um conjunto de realizações comuns, ou um conjunto de hábitos linguísticos, presente em uma comunidade de fala. O último quadro – **a' / b' / c' / d'** – representa o segundo nível de abstração, o sistema. Nele estão apenas as formas indispensáveis, as oposições funcionais. Ao passar da norma ao sistema, elimina-se tudo aquilo que é variante facultativa normal ou variante combinatória, conservando-se só aquilo que é funcionalmente pertinente. De acordo com o autor,

[...] a distinção entre **norma** e **sistema** esclarece melhor o funcionamento da linguagem, a atividade linguística, que é, ao mesmo tempo, criação e repetição (re-criação), dentro do padrão e segundo as coordenadas do sistema funcional (isto é, do fato que é imprescindível para que a linguagem cumpra sua função); movimento obrigado e movimento livre, dentro das possibilidades oferecidas pelo sistema. (COSERIU, 1979[1952], p. 79, grifo do autor)

A partir de Coseriu (1979[1952]), então, entende-se norma como a instância linguística *normal*, *comum*, estabelecida por um conjunto de elementos linguísticos (fonológicos, morfológicos, sintáticos e lexicais) que são frequentes, habituais em uma dada comunidade de fala. A essa mesma comunidade, segundo as suas características – sociais, históricas, geográficas, etc. –, atribui-se a responsabilidade pela variabilidade dessa norma.

Hoje, além desse amplo caráter referente à regularidade, observa-se um segundo uso, mais restrito, do termo *norma linguística*, conferindo a ele a ideia de conformidade com um padrão mínimo de referência, de julgamento de valor. Nesse sentido, empregam-se os conceitos

de *normatividade*, de *prescrição*, segundo um parâmetro legitimado geralmente pelos grupos mais escolarizados e com maior conhecimento acerca da comunicação escrita.

Em busca de uma conceituação mais particularizada, volta-se, agora, às ideais de Bagno (2003, 2011, 2012) e de Faraco (2008, 2011, 2012), que, dedicados à realidade do PB, sugerem com mais precisão uma terminologia a respeito das normas.

De acordo com Bagno (2003, 2011, 2012), sem incorrer no perigo de realizar associações equivocadas ou para evitar confusões quanto aos tipos de normas, é cabível a adoção dos seguintes termos: *norma-padrão*, para designar o que está fora e acima da atividade linguística dos falantes, um conjunto de regras doutrinário e venerado como uma verdade imutável e eterna; *variedades prestigiadas*, relacionadas às variedades linguísticas faladas pelos cidadãos com alta escolarização; e, *variedades estigmatizadas*, correspondentes às variedades linguísticas que caracterizam os grupos sociais desprestigiados.

Faraco (2008, 2011, 2012), expondo a natureza plural da noção de norma, assim como Bagno (2003, 2011, 2012), ainda que sob denominação não idêntica, lista como manifestações diferentes as normas *padrão*, *culta* (em Bagno, variedades prestigiadas) e *populares* (em Bagno, variedades estigmatizadas), mas, também, propõe a *norma gramatical*. Segundo o autor, a norma gramatical, conjunto de fenômenos linguísticos apresentado primeiramente pelos gramáticos da segunda metade do século XX, é o resultado da flexibilização dos juízos normativos, quebrando, pelo menos em parte, a rigidez da tradição desmedidamente conservadora (FARACO, 2008). A norma gramatical pode ser compreendida como consequência do contato entre o que está prescrito na norma-padrão e o que é o uso corrente – por parte dos letrados, em situações linguísticas monitoradas –, abarcado pela norma culta.

Neste estudo, ao mesmo tempo que se reconhece a importância da norma-padrão como referência da produção linguística, também se destaca que não há nada de imparcial no processo histórico de sua legitimação e, inclusive, nada de intrinsecamente linguístico para a escolha de uma variedade linguística a ocupar o posto de padronizadora. O que fundamenta essa designação são questões sócio-históricas, culturais e políticas e a associação dessa variedade com a modalidade escrita, vista por muitos como superior e mais sublime do que a língua falada.

Para amenizar a maneira agressiva como a norma-padrão é imposta aos falantes, principalmente pela escola que é a sua especial depositária, Monteagudo (2011) defende um *prescritivismo funcional* caracterizado por três traços: *relativismo*, *gradação* e *elasticidade*. O *prescritivismo relativista* reconhece o valor de cada uma das variedades da língua, assumindo a convencionalidade dos padrões. O *graduado*, concomitantemente, sustenta que as prescrições têm mais força e validade para certos tipos de comunicação que para outros e, ainda, assegura

que as exigências de conformidade à língua normativa não devem ser as mesmas para todos os falantes em todas as situações. E, por último, o *prescritivismo elástico* postula que as normas linguísticas devem figurar como orientações para o comportamento linguístico e não se impor como ditames imperativos. Nessa direção, torna-se mais produtiva a substituição da *correção* pela *adequação* e mais interessante ao usuário a aprendizagem de uma outra norma sem desprezar os valores que compartilha com a sua comunidade de fala. Revela-se, assim, a relevância de várias normas específicas ao invés de uma única norma (MONTEAGUDO, 2011). O autor, ao propor esses traços, expressa o que a Sociolinguística espera quando critica o preconceito linguístico estabelecido pela idealização de uma norma.

É objetivo desta pesquisa realçar que cada língua apresenta um complexo sistema de normas, variável também, assim como a própria língua, no decorrer dos séculos. Pelos falantes da língua não permanecerem restritos apenas aos grupos regionais ou sociais a que pertencem, as normas se interpenetram, influenciando-se mutuamente. Disso, deduz-se que não há apenas uma norma culta e que, quanto às normas desprestigiadas, estas não podem ser fadadas ao erro ou à exclusão, pois também estão nessa mistura de tendências e indicam empenho por serem eficientes e garantirem a interação. Parte-se da seguinte premissa: em cada ocasião, escolhe-se a norma apropriada. Entretanto, vale distinguir que os contornos de diferenciação entre as normas são bastante fluidos, salvo a norma-padrão que é bem delimitada.

Evidenciado o caráter heterogêneo da língua, em que há lugar para variações geográficas, sociais, estilísticas e de gêneros textuais, nos âmbitos da fala e da escrita, é fato também a pluralidade das normas linguísticas nela presente. A convivência de usos diferentes em uma mesma língua, resultado também da coocorrência das normas, é algo irrefutável; e não uma falha.

### **3.1.3.1 A conjuntura da(s) norma(s) do português – particularmente do PE e do PB**

*A norma do Português Europeu não é igual à do Português do Brasil. Nos países onde se fala Português estão em elaboração normas que serão, certamente, diferentes da portuguesa e da brasileira. A um mesmo sistema linguístico podem corresponder, portanto, várias normas.*

(MATEUS; CARDEIRA, 2007, p. 41)

A partir do final do século XIV, a classe dominante portuguesa se desloca para um eixo definido, particularmente, por Coimbra – Lisboa, sul de Portugal. E, então, verifica-se que a



centralização do poder em Lisboa, local aberto a falantes de todas as variedades, resulta em um processo de padronização da língua, em que se busca a exclusão de traços dialetais e a construção de uma variedade linguística neutra capaz de contribuir para uma comunicação eficaz em meio a tanta diversidade. Passa-se a valorizar as variantes centro-meridionais, ao passo que as variantes setentrionais são estigmatizadas, fato observável até os dias atuais.

Nesse contexto, as variantes prestigiadas vão ganhando espaço e, próximo ao fim do século XV, o surgimento da imprensa contribui ainda mais para a fixação de um código linguístico comum. Na sequência, durante o processo expansionista de Portugal, que continua a difundir a imprensa e a língua portuguesas, aparecem as primeiras gramáticas voltadas ao português, de Fernão de Oliveira (1536) e de João de Barros (1540/1541 [?]). A partir de meados do século XVI, a participação de gramáticos em conjunto ao desenvolvimento da imprensa e da literatura faz com que haja progressiva estabilização do português, permitindo-lhe consolidar a sua posição perante outros idiomas.

A língua portuguesa, entretanto, só se insere no âmbito do ensino no século XVIII, no sentido de se estudar a gramática portuguesa e de outras disciplinas serem ensinadas em português. Ainda que marcado por um analfabetismo em torno dos 80% no fim dos anos de 1800, vê-se em Portugal, nesse mesmo período, um aumento considerável de trabalhos sobre o funcionamento do português e da distribuição de jornais e romances, que atinge praticamente toda uma classe média (MATEUS; CARDEIRA, 2007). No século XX, por sua vez, em especial na segunda metade, assiste-se a uma explosão escolar, que, como esperado, incide no próprio manejo da língua. Para Mateus e Cardeira (2007, p. 39), “a ortografia, a gramática, o dicionário fixaram uma norma que é, nos nossos dias, democraticamente difundida por um sistema escolar que chega a todos os recantos do país”.

No que tange à realidade linguística no Brasil, verifica-se, de 1500 até meados do século XVIII, um espaço multilíngue com a presença das línguas indígenas, do português dos colonizadores e das línguas trazidas pelos escravos. Destaca-se também, sobretudo a partir do século XIX, a presença das línguas europeias e asiáticas faladas pelos imigrantes.

Não se pretende aqui – assim como não se faz acima, quanto ao PE – pormenorizar a notória complexidade da situação linguística brasileira nos séculos XVI a XVIII. Tenciona-se, sim, apresentar o cenário ao longo do século XIX, quando se inicia o processo de formação do Estado brasileiro e, conseqüentemente, a busca por um padrão linguístico uniformizado. Sublinha-se, nesse contexto, a ampla variação envolvendo o comportamento das elites cultas

orientadas para o padrão europeu e as atitudes da grande maioria da população brasileira, frutos dos múltiplos contatos linguísticos vivenciados<sup>82</sup>.

Na segunda metade do século XIX, assegura-se, por parte de notável parcela das elites brasileiras, a criação de um projeto político que visa à construção de uma nação próxima, ao máximo, das realidades observadas nos países europeus. A obsessão por se distanciar de tudo que possa ser oriundo do “vulgo” se estende, também, à própria língua materna, buscando-se uma identidade linguística além-mar.

Para Pagotto (1998), que desenvolve o seu estudo a partir da comparação dos textos constitucionais brasileiros de 1824 e 1891, durante o século XIX uma nova norma escrita é codificada, não se tratando da substituição de formas da escrita que haviam caído em desuso por formas da oralidade brasileira, mas, sim, por formas da escrita pautadas nos moldes lusitanos. Desse modo, o autor ainda ressalta a possível interpretação paradoxal da referida mudança, já que, por ter o Brasil se tornado independente, era de se esperar um processo de construção, em termos linguísticos, que privilegiasse as suas características particulares. A aparente contradição se desfaz quando se considera os propósitos do projeto europeizante.

Referindo-se ainda à norma-padrão brasileira, constituída nos anos oitocentistas, pode-se afirmar que, na década de 1880, ocorre o mais significativo avanço da lusitanização da norma escrita, com a gramatização brasileira do português e a multiplicação acelerada das gramáticas, definindo-se as “estruturas corretas” da língua. Na sequência, fecha-se o século XIX com a criação da Academia Brasileira de Letras, outro instrumento importante da voz conservadora (FARACO, 2008).

Salientam-se, entretanto, dois discursos contrários a esse projeto padronizador vindos de outros segmentos da elite letrada brasileira, ainda que não suficientes para levar o culto a uma norma lusitana ao ostracismo. O primeiro, encabeçado por José de Alencar e Gonçalves Dias, apresenta-se como nacionalista e manifesta a necessidade do abasileiramento da língua escrita. Segundo esses romancistas, as diferenças lexicais e sintáticas existentes entre o português daqui e o português de lá deveriam ser utilizadas na literatura genuinamente brasileira. Contudo, a defesa aqui proposta não se limita apenas a apoiar um uso brasileiro e, sim, a proteger o português da elite letrada diante da expansão das variedades desprestigiadas. Desse modo, o que se deve de fato creditar a esse discurso é a recusa em legitimar o PB popular. O segundo discurso surge com o movimento literário de 1922, proveniente do Modernismo, e

---

<sup>82</sup> Para detalhes quanto à história da língua portuguesa, ver Castro (2006) e, particularmente sobre o PB, ver Silva Neto (1963), Câmara Jr. (1976), Castilho (1992), Mattos e Silva (2004a) e Ilari e Basso (2006).

se volta à adoção de uma língua verdadeiramente brasileira, interessada por uma identidade nacional e, inclusive, pelo aproveitamento do folclore (BAGNO, 2003).

Conferem-se, portanto, no decorrer do século XX no Brasil, por um lado, a tentativa da escola e de outras instituições de impor e defender um padrão de língua totalmente lusitano e, por outro, o uso real de um PB muito diferente do português falado em Portugal e, mais ainda, da norma-padrão tradicional semelhante à portuguesa, propagado até pelas camadas médias e altas escolarizadas da população.

Diante dos aspectos sócio-históricos, culturais e políticos portugueses e brasileiros apresentados, verificam-se realidades distintas quanto às normas do PE e do PB, principalmente quanto à norma-padrão e à norma culta (MATEUS; CARDEIRA, 2007; NEVES, 2011; MATTOS E SILVA, 2004b). De modo geral, em Portugal, a norma culta é bastante uniforme e se aproxima (não é idêntica) do padrão ideal, reduzindo a distância entre o que é escrito e o que é falado. Diferenças geográficas e sociais também existem no território português, ocasionando o convívio de outras normas, como é o natural para qualquer variedade, entretanto, se comparadas ao Brasil, essas divergências não são tão profundas, mantendo-se a unidade (relativa) linguística portuguesa. Por sua vez, a realidade linguística do PB apresenta duas características essenciais. A primeira se refere ao abismo existente entre a norma-padrão e a norma culta, enfrentado até mesmo pelos falantes escolarizados, visto que, até hoje, insiste-se num padrão que não admite como válidas as regras linguísticas utilizadas cotidianamente por todos. Em relação à norma culta brasileira, considera-se mais adequado pensá-la no plural, ou seja, refletir sobre normas cultas, já que, devido à extensão geográfica do Brasil, a uma norma culta se juntam valores e usos de várias localidades, por exemplo, Rio de Janeiro, São Paulo, Salvador, Porto Alegre, entre outras<sup>83</sup>. Quanto à segunda característica, volta-se ao afastamento das normas cultas em relação ao comportamento linguístico de grande parte da população brasileira. No Brasil, as diferenças sociais e os seus correlatos linguísticos são mais marcados, além do sistema educacional (ensino de língua) brasileiro ser tardio, assinalando a sua popularização somente no século XX. Aqui, de modo geral, a distância entre o escrever e o falar é maior (TARALLO, 1996; MATEUS; CARDEIRA, 2007; CASTILHO, 2012). No entanto, ainda que o PB seja constituído por essa estruturação, não se pode relacioná-lo a uma polarização entre normas cultas de um lado e, na direção oposta, normas populares, visto que,

---

<sup>83</sup> Menciona-se novamente a *Gramática do Português Culto Falado no Brasil*, que descreve minuciosamente o PB culto falado, tal como documentado pelo Projeto NURC, considerando-o em seus aspectos textuais, sintáticos, morfológicos e fonológicos (ver nota 15).

como já explicitado, toda variedade é composta por normas que se sobrepõem no espaço da comunidade, configurando uma intersecção de usos.

Necessita-se, diante da polêmica realidade da situação linguística do PB, em primeiro lugar, repensar o seu código gramatical a fim de reformá-lo. Só assim o imaginário construído no século XIX que atribui ao PB um mau comportamento linguístico poderá se esvair, libertando a mentalidade dos brasileiros da ideia de que, em geral, aqui ninguém fala bem o português, cabendo apenas aos portugueses o saber da língua. Contrapor-se a esse quadro, todavia, não é fácil, dado que se trata de uma tarefa, também, de natureza política (BAGNO, 2003; FARACO, 2008).

Ao presente estudo, dedicado à língua veiculada em programas televisivos e jornais impressos, fontes relacionadas à esfera pública, interessa a norma culta do PE e do PB.

Sugere-se que os meios de comunicação social podem exercer ao mesmo tempo duas funções, o que os torna mostruários da pluralidade linguística e, conseqüentemente, interessantes materiais para extração de dados. A primeira função, mais reconhecida pelos indivíduos, relaciona-se ao aspecto de esses meios poderem funcionar como referências para o uso linguístico prestigiado, já que, ao tornarem algumas dessas variantes amplamente audíveis/visíveis, incitam comportamentos que as privilegiam. No entanto, a outra função se refere a tais meios também poderem apresentar em seu rol linguístico outros tantos tipos de usos, flexibilizando a norma culta. De acordo com Mateus (2005, p. 28), “parece evidente que o discurso dos meios de comunicação é o que apresenta mais vitalidade: rodeia-nos, entra na nossa casa, é inovador, exhibe uma constante mudança”.

O que se vê nesses meios, então, são a manutenção do conservadorismo da língua e, em certo grau, a abertura para outros tipos de usos que, quando transparecidos, indicam o que há muito tempo já deve estar consolidado em contextos menos formais. Expandindo a ideia de Berlinck e Biazolli (2011)<sup>84</sup>, atribui-se à televisão e aos jornais o papel duplo de agentes e pacientes, pois tanto atuam sobre os componentes da situação sócio-histórica à qual estão vinculados, quanto sofrem influências dessa situação.

### **3.2 Sintetizando...**

Diante do panorama de diversidades, quanto mais se investiga acerca da heterogeneidade linguística, mais se comprova o quanto ela é complexa. Conclui-se, portanto,

---

<sup>84</sup> No artigo mencionado, as autoras se referem somente aos textos jornalísticos escritos.

a pertinência de considerações que vão além de aspectos linguísticos e das categorias sociais tradicionais – a saber, idade, gênero, escolaridade, etnia, nível de renda, por exemplo – quando se trata de processos de variação e mudança linguísticas.

Nesta seção, demonstrou-se que usar a língua não constitui apenas um fato exclusivamente linguístico, pois cada instância de comunicação é, antes de mais nada, um evento social e cultural, marcado pela combinação de diferentes aspectos.

Começou-se a discussão a partir dos princípios gerais que norteiam a Sociolinguística Variacionista, enfatizando algumas assertivas sobre a natureza da variação/mudança. De acordo com os objetivos deste estudo, partiu-se, na sequência, a explicações voltadas às variações diafásica, diamésica e sociocultural.

De modo geral, relatou-se como o estilo tem sido abordado no campo da Sociolinguística para, então, chegar-se ao modo como é tomado nesta pesquisa. Aqui, utiliza-se do conceito de gênero textual e suas características situacionais para que todas as comunicações da esfera humana possam ser observadas e distribuídas em um *continuum* estilístico que vai da informalidade à formalidade, passando por vários graus intermediários. A esse *continuum* se correlaciona o *continuum* fala/escrita, já que os gêneros, segundo a sua produção e recepção, podem se posicionar nos domínios tipicamente falado e escrito e, ainda, no domínio misto. Evidenciou-se, portanto, a relevância de uma perspectiva que adote a fala e a escrita como duas modalidades de um sistema linguístico dispostas de modo não dicotômico, visto que não há características estritamente relacionadas a uma ou a outra modalidade. Por fim, para completar a complexa situação sociolinguística que envolve determinado fenômeno linguístico, refletiu-se sobre as normas linguísticas presentes em uma comunidade de fala, conceituando-as a partir de Coseriu e de estudos sociolinguísticos recentes. Tratou-se da pluralidade das normas, em razão de não haver uma norma única e pura; para cada situação se destaca a norma mais apropriada. Como o foco deste estudo são as variedades europeia e brasileira do português, fez-se, ainda, uma breve apreciação a respeito das normas linguísticas nessas variedades.

Acredita-se que há interconexões entre esses componentes do contexto comunicativo, permitindo que o atendimento à(s) norma(s) culta(s) se dê de modo diferente de acordo com o gênero, a modalidade da língua e o estilo, configurando em usos linguísticos divergentes. Uma vez que os fatos linguísticos se distribuem em *continua* que correspondem, em um polo, a gêneros tipicamente falados, com produção e recepção no plano da fala, aliados a um monitoramento menos marcado (+informalidade), e, no outro, a gêneros tipicamente escritos, com concepção e meio no plano da escrita, associados a um maior monitoramento

(+formalidade), e, entre esses dois polos, a escalas intermediárias referentes a todos os elementos, espera-se também por gradações em relação à obediência à norma. A partir dos resultados desta investigação, avaliando os clíticos pronominais nesses *continua*, buscam-se confirmações acerca dessas relações.

Na próxima seção, apresentam-se as opções metodológicas aplicadas a este estudo.

#### 4 PARÂMETROS DE ANÁLISE DOS DADOS

*A metodologia da Teoria da Variação constitui uma ferramenta poderosa e segura que pode ser usada para o estudo de qualquer fenômeno variável nos diversos níveis e manifestações linguísticas.*

*As suas limitações são as do próprio linguista, a quem cabe a responsabilidade de descobrir quais são os fatores relevantes, de levantar e codificar os dados empíricos corretamente, e, sobretudo, de interpretar os resultados numéricos dentro de uma visão teórica da língua. O progresso da ciência linguística não está nos números em si, mas no que a análise dos números pode trazer para o nosso entendimento das línguas humanas.*

(NARO, 2004, p. 25)

Esta pesquisa, por se tratar de um estudo circunscrito às premissas da Sociolinguística Variacionista, segue os seguintes estágios: (i) definição das variáveis dependentes; (ii) seleção e coleta de todos os registros de clíticos pronominais, adjungidos a lexias verbais simples e a complexos verbais, nos gêneros considerados; (iii) definição das variáveis independentes que, possivelmente/potencialmente, motivam usos alternados das variantes em questão; (iv) codificação dos dados selecionados; (v) utilização, para as análises quantitativas, do pacote de programas Goldvarb X (SANKOFF et al., 2005); e (vi) descrição e interpretação dos resultados obtidos. Neste trabalho, as descrições do quarto e quinto itens se referem especificamente ao tratamento do condicionamento linguístico, uma vez que, quanto à investigação das características situacionais dos gêneros jornalísticos, faz-se uma análise qualitativa baseada, em especial, na discussão dos próprios fatores contextuais que compõem esses gêneros.

Nesta seção, portanto, relata-se o caminho percorrido até a chegada aos resultados. Discorre-se, primeiramente, a respeito da composição dos *corpora* selecionados como fontes de extração dos dados; na sequência, identificam-se as variantes correspondentes às variáveis dependentes examinadas e os grupos de fatores elencados por exercerem possível influência sobre a colocação dos pronomes átonos. Listam-se os grupos de natureza linguística e, ainda, a variável referente ao detalhamento dos gêneros textuais analisados. Nessa direção, descrevem-se as características situacionais relevantes de qualquer gênero. Por fim, pormenorizam-se as medidas adotadas sobre os procedimentos estatísticos e a análise dos gêneros jornalísticos, correlacionados aos *continua*.

#### 4.1 A constituição dos *corpora*

Para cada variedade estudada (PE e PB), em função do termo *meio* (MARCUSCHI, 2008, 2010), foram organizados um *corpus* relacionado à língua falada e outro correspondente à língua escrita. Naquele, incluíram-se os textos representantes dos gêneros *entrevista na TV* e *noticiário de TV* e, neste, os textos dos gêneros *carta do leitor* e *editorial*. Foi necessário que os materiais do PE e do PB fossem equivalentes, uma vez que o estudo em questão, além de descritivo, caracteriza-se como comparativo. Julgou-se mais eficiente a formação dos *corpora* a partir de conjuntos uniformes em extensão (número de palavras). Desse modo, para cada gênero apreciado, em cada uma das variedades, reuniu-se um montante em torno de trinta e cinco mil (35.000) palavras.

A respeito dos dados provenientes da língua falada, os registros portugueses foram coletados após a transcrição de aproximadamente quatro horas do programa de entrevistas nomeado *Herman (2010-2013)*, apresentado na emissora RTP, e seis horas do noticiário televisivo *Jornal da Noite*, transmitido pela SIC. Para a formação do *corpus* oral brasileiro, transcreveram-se cerca de quatro horas e meia do *Programa do Jô*, dedicado a entrevistas, e o mesmo total aproximado de horas do telejornal *Jornal Nacional*, ambos produzidos e exibidos pela Rede Globo. Nas tabelas abaixo, ordenadas conforme o gênero jornalístico destacado, essas informações são mais bem visualizadas.

Tabela 3. Informações referentes ao gênero *entrevista na TV*: horas transcritas e número de palavras

<b>ENTREVISTA NA TV</b>		
	Horas transcritas	Número de palavras
PE – <i>Herman (2010-2013)</i>	3h 55min 00s	<b>35.727</b>
PB – <i>Programa do Jô</i>	4h 36min 40s	<b>35.777</b>
Total	8h 31min 40s	<b>71.504</b>

Tabela 4. Informações referentes ao gênero *noticiário de TV*: horas transcritas e número de palavras

<b>NOTICIÁRIO DE TV</b>		
	Horas transcritas	Número de palavras
PE – <i>Jornal da Noite</i>	5h 41min 38s	<b>35.217</b>
PB – <i>Jornal Nacional</i>	4h 30min 25s	<b>35.247</b>
Total	10h 12min 3s	<b>70.464</b>

Em relação às entrevistas do PE, foram transcritos os programas do *Herman (2010-2013)* exibidos nos dias 08/05 e 15/05 de 2010, 05/03/2011, 14/04/2012 e 06/07/2013. O



material utilizado pôde ser encontrado no acervo virtual da RTP. Quanto ao *Programa do Jô*, foram analisadas as entrevistas televisionadas nos dias 04, 05, 07 e 12/11/2009<sup>85</sup>.

Dois pontos sobre a sistematização dos dados oriundos das entrevistas ainda devem ser explicitados: o primeiro se refere ao fato de, no início, ter se postulado que só seriam transcritas as falas dos entrevistados, visto que nessas produções (não planejadas e imediatas) se mantêm genuinamente a *concepção* oral e o *meio* sonoro, possibilitando à entrevista a sua classificação como um gênero típico da fala; entretanto, notou-se que tal restrição, sobretudo para a variedade do PB e para os contextos de lexias verbais complexas, resultaria em um número bastante reduzido de dados com o pronome clítico. Dessa maneira, estendeu-se a análise também às produções do entrevistador. A segunda questão se associa ao fato de que foram considerados, durante os programas, apenas as interações entre entrevistados e entrevistadores, excluindo-se, por exemplo, performances humorísticas e outros tipos de apresentação. Diante desse esclarecimento, justifica-se, então, a maior quantidade de minutos transcritos do *Programa do Jô* para se obter o número de palavras almejado (cf. tabela 3), dado que o mencionado programa apresentou mais atrações que não interessavam a esta pesquisa.

A coleta dos dados do gênero *noticiário de TV*, por ser caracterizado como originário de *concepção* escrita, limitou-se às transcrições, principalmente, das falas dos âncoras, mas, também, das produções orais de determinados repórteres e alguns convidados. O ponto central para determinar a escolha desse material se baseou no quão perceptível era o fato de a mensagem que estava sendo transmitida oralmente (*meio* sonoro) naquele momento ter sido anteriormente confeccionada como um texto escrito. Sendo assim, o conteúdo obtido por meio de transmissões *ao vivo*, a título de exemplo, não foi analisado. Foram transcritas as transmissões dos dias 16 e 20/07/2012, 13/11/2012, 05/01/2013 e 06/03/2013 do telejornal português *Jornal da Noite*, extraídas do acervo virtual da SIC, e, quanto ao *Jornal Nacional*, foram obtidos dados através dos programas veiculados nos dias 30/06/2000, 07/06/2002, 09/08/2003, 11/09/2011, 21 e 28/01/2012, 05/10/2012 e 14/12/2013, disponíveis na internet, em um *site* de compartilhamento de vídeos. Verificou-se, de imediato, que uma exibição diária do jornal português podia durar até o dobro de tempo de transmissão do telejornal brasileiro. A necessidade de um pouco mais de uma hora de transcrição do *Jornal da Noite* para o alcance do número estipulado de palavras (cf. tabela 4) se esclarece pela porção mais expressiva de falas de entrevistados, desconsideradas aqui, presente na produção portuguesa.

---

<sup>85</sup> Agradece-se a Niguelme C. Arruda que, gentilmente, forneceu as gravações do *Programa do Jô*, utilizadas em sua tese, defendida em 2012, sobre a realização do OD anafórico no português e no espanhol.

Detalha-se, neste ponto, o modo como a tarefa de transcrição da mídia falada europeia e brasileira, que transpôs aproximadamente dezenove horas de discurso falado, foi conduzida. Além de ser uma atividade que requer um notável dispêndio de tempo,

[...] a qualquer transcrição de dados linguísticos subjaz, mesmo que não explicitadas, uma teoria que norteia muitas das decisões a serem tomadas durante o processo. [...] Mesmo quando se procura fazer uma transcrição que possa ser útil para trabalhos futuros e diversificados, assume-se uma postura teórica. E, além disso, é a orientação teórica do pesquisador e os seus objetivos que modelam previamente um conjunto de convenções (um sistema de transcrição) que norteará a transposição dos registros orais para uma forma gráfica. Esse sistema de convenções se faz necessário para garantir um mínimo de consistência no processo de transcrição dos dados da fala. (PAIVA, 2004, p. 135)

De acordo com os interesses deste estudo, preferiu-se a transcrição gráfica à fonética. Nessa condição, em sua grande maioria, fatos do nível fônico não foram observados, privilegiando-se o controle de fatos linguísticos que ocorriam no plano da morfossintaxe. Com o objetivo de manter fidelidade aos dados orais, definiram-se algumas convenções de transcrição, baseadas em anotações feitas pelos projetos *Vertentes* (LUCCHESI, [s.d.]) e *NURC* (CASTILHO; PRETTI, 1986, 1987) e, também, em discussões destinadas a esse tema levantadas em encontros do grupo SoLAr (Núcleo de Pesquisas em Sociolinguística de Araraquara), sob a responsabilidade da Profa. Dra. Rosane de Andrade Berlinck<sup>86</sup>. Após a transcrição de todo o material português falado, os textos ainda foram revisados por uma falante nativa de PE<sup>87</sup>.

Para a constituição dos *corpora* escritos, examinaram-se exemplares dos jornais *Público* e *O Estado de S. Paulo*, produzidos em Lisboa e em São Paulo, respectivamente, mas ambos de grande circulação em termos de nação. Dentro do espaço temporal considerado, de 2001 a 2010, investigaram-se seis periódicos por ano, recolhidos, no caso do *Público*, pessoalmente no acervo disponibilizado na sede do próprio diário, em Lisboa<sup>88</sup>, e, referente ao jornal *O Estado de S. Paulo*, no acervo digital oferecido aos seus assinantes. Com o material devidamente reunido e digitalizado, utilizou-se um *software* de Reconhecimento Óptico de Caracteres (OCR – *Optical Character Recognition*), para transformar a imagem em um texto manipulável em

---

<sup>86</sup> No apêndice A, encontram-se os critérios empregados nas transcrições realizadas neste estudo.

<sup>87</sup> Agradece-se à Sandra Antunes, doutoranda e bolsista em projetos de investigação no Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), pela execução desse trabalho.

<sup>88</sup> Agradece-se à documentarista do jornal *Público*, Leonor Sousa, pela ajuda no tratamento do material manuseado.

programas de edição de textos, permitindo, então, a coleta de todas as ocorrências dos clíticos pronominais.

Como explicitado anteriormente, os *corpora* escritos português e brasileiro, representados por textos dos gêneros *carta do leitor* e *editorial* (ambos de *concepção* escrita e *meio* gráfico), também foram estruturados de acordo com uma extensão pré-delimitada, próxima a 35.000 palavras – cf. tabelas 5 e 6.

Tabela 5. Informações referentes ao gênero *carta do leitor*: números de cartas e de palavras

<b>CARTA DO LEITOR</b>		
	Número de textos	Número de palavras
PE – <i>Público</i>	105	<b>34.474</b>
PB – <i>O Estado de S. Paulo</i>	227	<b>34.473</b>
Total	332	<b>68.947</b>

Tabela 6. Informações referentes ao gênero *editorial*: números de editoriais e de palavras

<b>EDITORIAL</b>		
	Número de textos	Número de palavras
PE – <i>Público</i>	66	<b>35.489</b>
PB – <i>O Estado de S. Paulo</i>	52	<b>35.713</b>
Total	118	<b>71.202</b>

Reportando-se às cartas, a princípio, foram encontradas 135 no periódico lisboeta e 758 no jornal paulistano. Desses totais, excluíram-se inicialmente os textos produzidos por enunciadores estrangeiros, em razão de esses autores não possuírem o português como a sua primeira língua, e os textos nos quais os pronomes clíticos não estavam presentes. O passo seguinte, para que as amostras do PE e do PB permanecessem equilibradas e dentro do número pré-estabelecido de palavras, foi o recorte de outras cartas, utilizando-se como critério, em especial quanto ao material d'*O Estado de S. Paulo*, a manutenção daquelas com o maior número de linhas. Desse modo, chegou-se aos dados apresentados na tabela 5.

Para finalizar, no que diz respeito aos editoriais, em uma primeira seleção, foram reunidos 127 textos, sendo 67 representativos do PE e 60 do PB. Verificou-se que, a partir de novembro de 2009, os jornais portugueses passaram a publicar dois editoriais por exemplar. Além disso, quanto aos textos portugueses, em um editorial coletado não se registrou a presença do pronome clítico. Em relação aos editoriais do diário *O Estado de S. Paulo*, 6 foram selecionados para cada ano analisado. Em todos, identificaram-se construções com pronomes átonos, no entanto, preservando-se a ideia de *corpora* equivalentes para as duas variedades em

questão, reduziu-se aleatoriamente o número final de editoriais brasileiros postos sob exame – cf. tabela 6.

#### 4.1.1 Descrição dos materiais investigados

Os programas utilizados para a coleta das entrevistas, *Herman (2010-2013)* e *Programa do Jô*, apresentam-se de forma bastante parecida. Visivelmente inspirados em *talk shows* norte-americanos (SILVA, 2009), à frente de ambos estão figuras que construíram suas carreiras também no humor. Desse modo, além de conduzirem as conversas com os convidados, contam piadas e divertem o público. As entrevistas em si, além de informar, também têm o objetivo de entreter. Os cenários são praticamente idênticos. Nos dois casos, os apresentadores estão acompanhados de grupo de músicos e plateia. E, ademais, logo atrás do local onde recebem os seus entrevistados, observam-se vistas que fazem referências, respectivamente, às noites de Lisboa e de São Paulo – cf. figuras 4 e 5.

Figura 4. *Herman (2010-2013)*, transmitido pela RTP



Figura 5. *Programa do Jô*, transmitido pela Rede Globo



Os entrevistados são, usualmente, pessoas públicas, convidadas para abordar algum assunto específico e/ou divulgar algo relacionado a eles mesmos. Nos quadros abaixo, há a descrição dos perfis dos entrevistados considerados.

Quadro 12. Perfis dos entrevistados do programa *Herman (2010-2013)*

<b><i>Herman (2010-2013)</i></b>	<b>Entrevistador:</b> Herman José (apresentador, humorista, ator, cantor, roteirista, produtor de TV)
<b>Data do programa</b>	<b>Entrevistados</b>
08/05/2010	Gabriela Canavilhas (ministra da Cultura, pianista e professora) / Carlos Queiroz (treinador de futebol e educador físico) / Ana Moura (cantora)
15/05/2010	Júlio Machado Vaz (médico psiquiatra e sexólogo) / Luís Represas (cantor e compositor)
05/03/2011	Ana Gomes (jurista, diplomata e eurodeputada) / Fernando Mendes (comediante e ator) / Cristina Branco (cantora)
14/04/2012	Mariza (cantora) / Eduardo Beauté (cabeleireiro) / Luís Borges (manequim)
06/07/2013	Miguel Sousa Tavares (jornalista e escritor) / Margarida Bessa, Dom Vicente da Câmara e José da Câmara (cantores)

Quadro 13. Perfis dos entrevistados do *Programa do Jô*

<b><i>Programa do Jô</i></b>	<b>Entrevistador:</b> Jô Soares (apresentador, humorista, ator, escritor, artista plástico, diretor teatral, músico)
<b>Data do programa</b>	<b>Entrevistados</b>
04/11/2009	Norival Rizzo (ator) / Luiz Gonzaga Belluzo (economista, professor e presidente da Sociedade Esportiva Palmeiras)
05/11/2009	Mário Sérgio (cantor) / Ana Maria Braga (apresentadora e jornalista) / Maria Paula (apresentadora, atriz e psicóloga)
07/11/2009	Rogério Skylab (cantor, músico, compositor e poeta) / Wani Oliveira (ex-apresentadora de programa infantil)
12/11/2009	Aldo Felício Naletto Júnior (engenheiro e criador de buzinas diferentes) / Cristiane Torloni (atriz) / José Possi (diretor de teatro)

Os telejornais selecionados, *Jornal da Noite* e *Jornal Nacional*, além de possuírem grande abrangência em seu país de exibição, são transmitidos em horário nobre, à noite, e dirigidos a um público mais amplo. Outro ponto que os aproxima, embora os contextos social, econômico, político e cultural de cada um sejam diferentes, é o fato de a SIC (emissora responsável pela veiculação do telejornal português), quando fundada, ter recebido ajuda e orientações da Rede Globo (SOUSA, 1999). De acordo com Campos e Coutinho (2014), na realidade, tanto o telejornalismo português quanto o brasileiro são influenciados pelos modelos de telejornalismo norte-americanos.

O *Jornal da Noite* tem em média uma hora e meia de duração e é dividido em dois blocos, ao passo que o *Jornal Nacional* se mantém no ar por volta de quarenta minutos, segmentados em três ou quatro blocos. Como foram transcritas edições aleatórias, inclusive de anos diferentes, alternam-se os âncoras, os convidados e, principalmente, os repórteres. O que permanece inalterado é que o noticiário português sempre é apresentado por um único jornalista, enquanto o brasileiro é comandado por dois apresentadores (cf. figuras 6 e 7). Em linhas gerais, nos dois telejornais, são noticiadas questões referentes à economia, à política, à cultura, ao esporte, à saúde, à polícia, etc., nos âmbitos nacional e internacional.

Ainda quanto à diferença no tempo de veiculação dos noticiários, para Campos e Coutinho (2014, p. 14),

[...] pode-se perceber que, através do maior tempo de exibição do *Jornal da Noite*, há conseqüentemente um maior aprofundamento dos temas abordados no jornal, o que pode gerar maior riqueza de detalhes nas matérias. Diferentemente, o *Jornal Nacional* é mais curto e mais objetivo no repasse das informações, passando ao telespectador apenas as informações primordiais e básicas de forma mais simplificada.

Figura 6. *Jornal da Noite*, transmitido pela SIC



Figura 7. *Jornal Nacional*, transmitido pela Rede Globo





Em relação às cartas e aos editoriais (cf. figuras 8 a 11), reúnem-se algumas informações dos manuais de redação dos periódicos consultados – Livro de estilo (PÚBLICO, 2005) e Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo (MARTINS, E., 1997).

Figuras 8 e 9. Capa do Público e exemplos de cartas e editorial

**Público**  
 GANTT AMERICANAS SURTOWSKY & BARR  
 Edição 2010  
 www.gont.pt

**Camada do Ozono está cada vez mais degradada.**

**Qual o futuro da TERRA?**

**Parlamento aprova casamento homossexual** Pág. 10

**Tecnologia**  
Chegou o iPhone "Killer" Pág. 21

**Desporto**  
Benfica cilindra Porto Pág. 30

**Saúde**  
Gripe A Pág. 12

**Portugal**  
 A proposta de legalização do casamento homossexual apresentada pelo Governo foi aprovada ontem, pela esquerda parlamentar. O diploma, que exclui a adoção, contou com o voto contra do PSD e do CDS-PP. Também o CDS-PP votou contra o diploma.

**Camada do Ozono está cada vez mais degradada.**

**Qual o futuro da TERRA?**

**Parlamento aprova casamento homossexual** Pág. 10

**Tecnologia**  
Chegou o iPhone "Killer" Pág. 21

**Desporto**  
Benfica cilindra Porto Pág. 30

**Saúde**  
Gripe A Pág. 12

**PAIXÕES POR CAMPELO**

Em Portugal, ainda não se vêem as eleições de um futuro. Mas os nacionalistas de direita e os liberais de esquerda já se disputam o futuro de Camelo, enquanto que os conservadores já se disputam o futuro de Portugal.

**Cartas ao Director**

**Paixões por Camelo**

**Cartas ao Director**

Figuras 10 e 11. Capa d'O Estado de S. Paulo e exemplos de cartas e editorial

**O ESTADO DE S. PAULO**

**Funcionário da Febrin é morto em rebelião**

**O porrete do antindumping**

**O impacto do salário mínimo**

**Energia alternativa**

**Esperda é favorita nas eleições para a prefeitura de Paris**

**Carreira 2**

**Empress não maior do país de economistas**

**Carreira 2**

**Empress não maior do país de economistas**

O *Público* informa claramente, no material que trata das bases de seu projeto editorial e das regras que segue, que as cartas dos leitores selecionadas poderão passar por determinados ajustes. Conforme aparece descrito,

As Cartas ao Director deverão versar temas de interesse público ou conter opiniões e comentários sobre textos publicados no jornal. Têm de ser escritas em linguagem correcta, de acordo com as normas de urbanidade e de bom senso, não ultrapassando, em princípio, os 1500 caracteres. O PÚBLICO reserva-se o direito de proceder às adaptações necessárias, desde que não seja desvirtuado o sentido dos textos. (PÚBLICO, 2005, p. 101)

Os editoriais, segundo o periódico português, devem ser textos breves, claros e incisivos, que contenham a opinião da direção editorial sobre algum fato da atualidade. Essa opinião deverá ser sempre fundamentada, não se inspirando em razões exteriores ao objeto do comentário (PÚBLICO, 2005).

Sobre o próprio uso da língua, “o bom gosto e um estilo apurado são incompatíveis com erros gramaticais ou com o recurso a barbarismos, estereótipos, expressões desadequadas ou de todo erradas” (PÚBLICO, 2005, p. 71). Entretanto, ao mesmo tempo, o estilo do *Público* deve também marcar a diferença pela inovação da escrita jornalística: “pode-se e deve-se inovar, criar novas palavras e novas expressões, em sintonia com a linguagem comum e o pulsar da língua na sua constante renovação” (PÚBLICO, 2005, p. 71).

No manual, disponibiliza-se uma pequena lista de erros e vícios de linguagem mais frequentes que devem ser evitados. Nada que se refira à posição dos clíticos pronominais nas orações é dito. Quanto aos pronomes em si, somente se chama a atenção para o fato de o apagamento do pronome *se*, recorrente, ser um uso equivocado – por exemplo, *O Conselho de Ministros reuniu-se (certo) / O Conselho de Ministros reuniu (errado)* (PÚBLICO, 2005).

No manual d’*O Estado de S. Paulo*, jornal lançado em 1875 sob o nome de *A Província de São Paulo*<sup>89</sup>, o projeto editorial é pouco especificado e o espaço se volta amplamente à discussão de como escrever bem, com elegância, mas sem pedantismos. Espera-se, com as orientações dadas, que os textos publicados no jornal sejam uniformes, elaborados a partir de um português objetivo e correto (MARTINS, E., 1997). Nesse sentido, em muitas das páginas, o manual chega a se parecer com um compêndio gramatical, uma vez que se atém a detalhes sobre crase, concordâncias, conjugação verbal, regências, colocação de pronomes, acentuação, entre outros tópicos.

---

<sup>89</sup> A alteração no nome do periódico brasileiro se deu com o advento da República (PONTES, 2009).



À colocação pronominal, fenômeno que interessa a esta pesquisa, são destinadas aproximadamente quatro páginas, recheadas de regras pautadas na tradição gramatical. Assim como nas gramáticas normativas, inicia-se a apresentação com a afirmativa de que a norma da língua é a colocação do pronome átono *depois* do verbo. Trata-se de quando usar a próclise, a mesóclise ou a ênclise, além dos casos de colocação pronominal em locuções verbais. Quanto à mesóclise, entretanto, faz-se a seguinte observação: “por estarem hoje mais ligadas à linguagem erudita, convém [...], sempre que possível, evitar essas formas” (MARTINS, E., 1997, p. 69). Em relação ao início de frase, de forma enfática, é recomendado ao jornalista: “nunca inicie frase com o pronome oblíquo. Essa forma só poderá ser admitida na linguagem coloquial (crônicas, principalmente) ou na transcrição de declarações populares” (MARTINS, E., 1997, p. 239).

Segundo Martins, E. (1997, p. 15), em linhas gerais, “o estilo jornalístico é um meio-termo entre a linguagem literária e a falada”. Para o autor, o jornalista deve evitar “tanto a retórica e o hermetismo como a gíria, o jargão e o coloquialismo” (MARTINS, E., 1997, p. 15).

Quanto às cartas, não aparece explicitamente no manual se recebem ou não interferências de editores. No entanto, dois aspectos fazem este estudo acreditar que os textos dos leitores/escritores podem, sim, sofrer alterações. O primeiro corresponde à questão de o próprio jornal comunicar, no local reservado à participação do público, que as cartas publicadas são selecionadas e, se for necessário, resumidas; e, o segundo, complementando o primeiro, refere-se ao fato, como o próprio Martins, E. (1997) atesta, de ser grande o empenho d’*O Estado* para que o número de erros gramaticais de uma edição seja cada dia menor.

No manual, por fim, evidencia-se que o jornal, como um todo, tem opiniões, que são expressas nos editoriais. Nenhum outro detalhe sobre os textos que materializam os editoriais d’*O Estado de S. Paulo* é fornecido.

## 4.2 Variáveis dependentes

Às formas que configuram um fenômeno variável, tecnicamente intitulado de *variável dependente*, dá-se o nome de *variantes*, formas alternativas possíveis e que estão em equivalência funcional (TARALLO, 2007). “Uma variável é concebida como dependente no sentido que o emprego das variantes não é aleatório, mas influenciado por grupos de fatores (ou variáveis independentes) de natureza social ou estrutural”, de acordo com Mollica (2004, p. 11).

Neste estudo, em particular, investigam-se duas variáveis relacionadas à posição dos clíticos pronominais, isto é, observam-se os pronomes adjacentes a lexias verbais simples e a lexias verbais complexas. A cada um desses contextos corresponde um conjunto diferente de variantes, destacando-se, no primeiro caso, as posições pré e pós-verbal, e, no segundo, as posições pré, intra e pós-complexo verbal, conforme especificadas na sequência.

#### 4.2.1 Variantes em contextos de lexias verbais simples

A regra variável para a ordem dos pronomes adjungidos a um único verbo é binária<sup>90</sup>. Tem-se, então, as seguintes variantes:

##### (i) *Clítico em posição pré-verbal (cl V):*

(64)

(a) éramos três irmãs e / e sempre desde muito novas nós fomos muito responsabilizadas para crescer e para nos / para **nos tornarmos** pessoas melhores... basicamente... (PE, *entrevista*, 08/05/2010)

(b) é... e meu pai / meu filho **me perguntou**... eu falei “não... não tinha visto não... não”... mas isso aí é assim mesmo... o Vanderlei é um grande trei / é um grande treinador... (PB, *entrevista*, 04/11/2009)

##### (ii) *Clítico em posição pós-verbal (V-cl):*

(65)

(a) Como reagir quando um deputado — Francisco Louçã — utiliza um termo com a carga de “inimputável” para atacar um membro do Governo? **Chamar-lhe** também “inimputável” e ameaçar com o dislate de um processo judicial, como fez António Pires de Lima? (PE, *editorial*, 2004)

(b) Para completar o quadro de inércia e omissão, **registre-se** que nem o Executivo nem o Congresso tomou a iniciativa de propor a lei complementar, prevista na Constituição de 1988, que regulamentaria o garimpo em terras indígenas. (PB, *editorial*, 2004)

Os pronomes mesoclíticos não são analisados nesta pesquisa em razão de não ocorrer nenhum dado de mesóclise no PB, tanto no *corpus* oral quanto no *corpus* escrito e, no PE, ser uma posição praticamente não utilizada pelos usuários. No *corpus* escrito português (cartas e editoriais), encontraram-se apenas 13 pronomes mesoclíticos e, no *corpus* oral, somente 3, presentes nos noticiários. O fato de não se verificar a mesóclise nas entrevistas (gênero de *concepção* oral e *meio* sonoro) portuguesas assinala, verdadeiramente, a sua preferência restrita à escrita. Tais resultados corroboram o que outros estudos têm indicado quanto ao uso mesoclítico do pronome: uma estrutura em desuso, tanto no PE quanto no PB, tradicionalmente relacionada ao ato de escrever (VIEIRA, S. R., 2002; SARAIVA, 2008; PETERSON, 2010; dentre outros trabalhos).

<sup>90</sup> Não se contempla, aqui, a mesóclise.

#### 4.2.2 Variantes em contextos de lexias verbais complexas

Como avaliado em Vieira, S. R. (2008b, 2012), o tratamento variacionista da ordem dos clíticos em contextos com mais de uma forma verbal enfrenta determinadas dificuldades distribuídas em quatro eixos: “(i) a construção da variável dependente; (ii) a ligação do clítico – à direita ou à esquerda; (iii) a diversidade dos chamados complexos verbais; e (iv) as diferenças entre o PE e o PB” (VIEIRA, S. R., 2012, p. 57). Excetuando-se a terceira problemática, sobre a qual se discorre na subseção 4.2.2.2, explicitam-se agora as opções metodológicas adotadas para lidar com essa complexidade acerca da colocação pronominal em locuções verbais.

Nesta investigação, admite-se que a regra variável da colocação dos pronomes átonos adjacentes a complexos é eneária, posto que permite quatro possibilidades de posição. São elas:

##### (i) *Clítico em posição pré-complexo verbal* (cl V1 V2):

(66)

(a) É que perguntar não ofende e sempre gostaria de saber como **se vai fazendo** a política de museus no longínquo reino da Dinamarca. (PE, *carta*, 2008)

(b) O governador Geraldo Alckmin está certo ao cobrar do governo federal uma atitude mais firme em relação ao MST. Afinal, não **se pode admitir** que um movimento, que se diz social e preocupado em fixar famílias em propriedades rurais, se arrogue o direito de comprometer projetos agrícolas e pesquisas. (PB, *carta*, 2004)

##### (ii) *Clítico em posição intra-complexo verbal – enclítico a V1 – (V1-cl V2)*:

(67)

(a) Existem claramente factores de persistência da pobreza, que se reflectem em ciclos de vida ou que são transmitidos intergerações, mas **deve-se falar** igualmente na persistência da pobreza enquanto fenómeno social. (PE, *editorial*, 2004)

(b) Em resumo, **pode-se dizer** que Alckmin ganhou no Brasil que sustenta o governo federal e perdeu no Brasil que é sustentado pelo governo federal. (PB, *editorial*, 2006)

##### (iii) *Clítico em posição intra-complexo verbal – proclítico a V2 – (V1 cl V2)*:

(68)

(a) e este Christian Louboutin é espertíssimo e **acabou de se tornar** uma / um Manolo Blahnik no / no próximo filme do Sexo e a Cidade... em que as quatro meninas e a Sarah Jessica Parker vão fazer / vão andar de / de Louboutin em vez de Manolo Blahnik... (PE, *entrevista*, 08/05/2010)

(b) aí eu **acabei me enchendo**... falei “pô.. por que ninguém inventa uma buzina diferente?... peraí... eu sou engenheiro eletrônico... especializado em som... desde moleque eu mexo com / com som... com a parte eletrônica né... ah eu vou inventar esse negócio”... (PB, *entrevista*, 12/11/2009)

##### (iv) *Clítico em posição pós-complexo verbal* (V1 V2-cl):

(69)

(b) Eichmann **viria a transformar-se** no único acusado condenado à morte na história do Estado judaico... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

(b) Owen tentava e chegava perto... tão perto que o zagueiro Pochettino só **conseguiu pará-lo** cometendo pênalti... (PB, *noticiário*, 07/06/2002)

Para a definição da posição intra-complexo verbal, se com ênclise a V1 ou com próclise a V2, nos *corpora* escritos do PE e do PB, utiliza-se da presença do hífen para marcar a ligação enclítica – assim como destacado em Pagotto (1992), Cyrino (1996), Schei (2003), Peterson (2010) e Santos (2010), por exemplo. Reconhece-se a possibilidade de os periódicos examinados conterem equívocos de natureza gráfica, inserindo-se ou eliminando-se um hífen por descuido, todavia, acredita-se que constatar a presença ou a ausência do traço de união, fator que confirma a coexistência de variantes distintas, é um dos meios que confere objetividade ao tratamento das ocorrências.

Quando o assunto se volta aos *corpora* orais, opta-se, aqui, por analisar a variante intra-complexo verbal, no PE, como ênclise a V1 e, no PB, como próclise a V2. Essa posição se sustenta, primeiramente, no conhecimento de que o padrão de ligação fonológica do PE tende à ênclise tanto a V1 quanto a V2, enquanto a ligação fonológica do pronome átono no PB ocorre para a direita (VIEIRA, S. R., 2002; CORRÊA, C. M. M. DE L., 2012), e, ainda, no fato de que, na história do PE, nunca foi encontrado um dado referente à anteposição do pronome a V2 (MARTINS, A. M., 1994; MARTINS, M. A., 2009, dentre outros trabalhos). Soma-se a essas duas constatações a aplicação de um teste de percepção a falantes portugueses e brasileiros sobre a realização da variante intra-complexo verbal nas entrevistas e nos noticiários examinados. Dentre os resultados alcançados, conforme especificado na próxima subseção, confirma-se que, relacionado ao PE, está a ênclise ao verbo auxiliar; e, ao PB, a próclise ao verbo principal.

Nos registros de clíticos entre os verbos, a presença de algum elemento interveniente no complexo também auxilia na identificação da ênclise a V1 ou da próclise a V2, nos *corpora* orais e escritos. Em exemplos como os seguintes, com a figuração das preposições, percebe-se claramente a escolha do enunciador em relação às variantes da colocação pronominal disponíveis – ênclise a V1 em (70a) e próclise a V2 em (70b).

(70)

(a) Em minha opinião, a cidade está a perder a oportunidade de cativar os jovens para assistirem mais frequentemente a espectáculos; **está-se a perder** a oportunidade de criar um novo público. (PE, *carta*, 2001)

(b) Realmente, é um disparate insistir tanto na utilização dessas células embrionárias (**tendo de se matar** o embrião), quando temos milhões de células-tronco provenientes de cordões umbilicais sendo descartadas diariamente. (PB, *carta*, 2007)

#### 4.2.2.1 Ênclise a V1 ou próclise a V2? Resultados do teste de percepção

Para a determinação da posição intra-complexo verbal nos gêneros orais, se V1-cl V2 ou V1 cl V2, na ausência de qualquer elemento interveniente entre os verbos, valeu-se também de um teste de percepção no qual falantes portugueses e brasileiros, diante de excertos das entrevistas e dos noticiários considerados, indicaram aquilo que, supostamente, teriam ouvido quanto à posição do pronome, refletindo, de certo modo, o próprio uso que fazem dessa variante e a ideia que possuem sobre o uso dela por parte dos falantes da outra variedade do português.

Um total de 50 informantes, 25 portugueses e 25 brasileiros, dentre eles homens e mulheres, com os mais diferentes níveis de formação acadêmica<sup>91</sup>, ouviu 10 falas curtas, 5 referentes ao *corpus* oral do PE e 5 ao *corpus* oral do PB, e assinalou se o falante havia pronunciado, por exemplo, *you-me divertir*, com o pronome *me* relacionado ao primeiro verbo, ou *vou me divertir*, com o *me* ligado ao verbo pleno. Em um segundo momento, esses mesmos participantes avaliaram essas duas construções e, também, informaram qual das duas é a variante que utilizam com mais frequência<sup>92</sup>.

Em geral, diante de todos os áudios, correspondentes ao PE e ao PB, os informantes portugueses marcaram mais a ênclise a V1 e os brasileiros a próclise a V2. Conforme apresentado nas tabelas 7 e 8, no entanto, os portugueses optaram de forma mais acentuada pela estrutura que reproduzem habitualmente.

Tabela 7. Resultados do teste de percepção aplicado a informantes portugueses

<b>INFORMANTES PORTUGUESES (Total: 25)</b>		
	V1-cl V2	V1 cl V2
Exemplos do PE (5 áudios)	102/125 – <b>82%</b>	23/125 – 18%
Exemplos do PB (5 áudios)	53/125 – 42%	72/125 – <b>58%</b>
Resultado geral (10 áudios)	155/250 – <b>62%</b>	95/250 – 38%

Tabela 8. Resultados do teste de percepção aplicado a informantes brasileiros

<b>INFORMANTES BRASILEIROS (Total: 25)</b>		
	V1-cl V2	V1 cl V2
Exemplos do PE (5 áudios)	101/125 – <b>81%</b>	24/125 – 19%
Exemplos do PB (5 áudios)	13/125 – 10%	112/125 – <b>90%</b>
Resultado geral (10 áudios)	114/250 – 46%	136/250 – <b>54%</b>

<sup>91</sup> Em maior número, os informantes das duas localidades cursaram, ou ainda cursam, o Ensino Superior. As áreas indicadas foram: Psicologia, Economia, Química, Turismo, Enfermagem, Letras, Geografia, Gestão de Empresas, Pedagogia, Zootecnia, Estatística, Engenharia Civil e Jornalismo.

<sup>92</sup> No apêndice B, encontra-se o teste completo.

Considerando apenas os exemplos do PE, verificou-se que portugueses e brasileiros identificaram, com percentuais praticamente idênticos (82% e 81%), a recorrência da variante V1-cl V2; na produção brasileira, por sua vez, enquanto 90% dos informantes do PB disseram ter ouvido V1 cl V2, pouco mais da metade dos participantes portugueses (58%) sinalizaram essa mesma construção. Os brasileiros parecem ser mais conscientes da alternância da variante segundo a variedade ouvida.

Esses resultados, acrescentados ao fato de 100% dos informantes portugueses terem respondido que empregam com frequência a variante V1-cl V2 e 100% dos brasileiros a posição V1 cl V2, confirmam a validade de analisar, no material oral do PE, a ênclise ao verbo auxiliar e, no material oral do PB, a próclise ao verbo principal.

Outro ponto a ser destacado é a avaliação que os informantes fizeram das variantes em questão. Para exemplificar, observam-se, por último, duas das perguntas presentes no teste:

O que você diz sobre a construção  
**you-me divertir?**

- Não a utilizo porque é uma construção incorreta.
- Não a utilizo porque não me parece uma construção normal, comum.
- Utilizo essa construção apenas em situações formais.
- Utilizo essa construção apenas em situações informais.
- Utilizo essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal, comum.
- Utilizo essa construção porque, de acordo com gramáticas e manuais, ela é a mais aceitável.

O que você diz sobre a construção  
**vou me divertir?**

- Não a utilizo porque é uma construção incorreta.
- Não a utilizo porque não me parece uma construção normal, comum.
- Utilizo essa construção apenas em situações formais.
- Utilizo essa construção apenas em situações informais.
- Utilizo essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal, comum.
- Utilizo essa construção porque, de acordo com gramáticas e manuais, ela é a mais aceitável.

A ênclise a V1, para os portugueses, (i) *é utilizada em qualquer situação porque parece algo normal, comum* (54%) ou (ii) *é utilizada porque, de acordo com gramáticas e manuais, é a construção mais aceitável* (46%); para os brasileiros, a posposição do pronome ao primeiro verbo (i) *não é utilizada porque não parece uma construção normal, comum* (72%) ou (ii) *é utilizada apenas em situações formais* (28%). Sobre a próclise a V2, os informantes do PE *não* a utilizam porque (i) *não parece uma construção normal, comum* (65%) ou (ii) *porque é uma construção incorreta* (35%); segundo os participantes brasileiros, a anteposição do clítico ao verbo principal (i) *é utilizada em qualquer situação porque parece algo normal, comum* (92%) ou (ii) *é utilizada apenas em situações informais* (8%).

Tendo em vista a norma veiculada em materiais prescritivos, os quais, em determinados contextos, divulgam como “correta” a colocação enclítica ao verbo auxiliar – até mesmo em relação ao PB, já que, para essa variedade, apresentam a próclise ao verbo pleno somente em um segundo plano –, no discurso dos informantes portugueses fica claro que as regras presentes nas gramáticas contemplam satisfatoriamente os usos que eles fazem da língua. A norma prescritiva condiz com os usos reais, naturais que os portugueses fazem dos clíticos pronominais.

#### 4.2.2.2 A delimitação de um *complexo verbal*

Os complexos verbais, neste estudo, referem-se a construções constituídas por dois verbos (verbo (semi)auxiliar + verbo principal na forma não finita)<sup>93</sup>, havendo, entre eles, certo grau de interação sintático-semântica. Internamente coesos, esses grupos verbais funcionam como se fossem um único verbo, cabendo ao verbo pleno a componente descritiva, incluindo a seleção dos argumentos, e, ao primeiro verbo, a expressão dos valores de tempo, modo e aspecto, além de carregar a morfologia que indica sua relação com o sujeito (pessoa e número). Nas orações em que estão presentes, são os complexos verbais como um todo, e não apenas o verbo principal, que funcionam como núcleo semântico do sintagma verbal e da própria oração (RAPOSO, 2013). Nas estruturas verbais consideradas nesta pesquisa, o pronome clítico pode se alternar em qualquer uma das quatro posições<sup>94</sup>, mantendo-se o mesmo valor de verdade.

Para que se caracterize um complexo verbal, deve-se certamente refletir sobre o caráter (semi)auxiliar de sua forma finita. Assim, nesta subseção, reúnem-se apontamentos relacionados ao primeiro verbo de um grupo verbal, a partir dos trabalhos de Gonçalves e Costa (2002), Duarte, I. (2003[1983]) e Raposo (2013). O propósito não é apresentar uma lista final de verbos auxiliares, até porque, de um estudo linguístico para outro, há divergências quanto a isso (RAPOSO, 2013), mas, sim, elencar as principais propriedades sintático-semânticas relacionadas à auxiliaridade.

A auxiliaridade é um fenômeno gradual, havendo os verbos tipicamente auxiliares e, entre estes e os verbos principais (não auxiliares), um grupo de verbos com comportamento oscilante, os semiauxiliares.

<sup>93</sup> Os complexos com mais de dois verbos (isto é, aqueles que apresentam mais de um verbo (semi)auxiliar) foram excluídos das análises por aparecerem de modo reduzido – 12 dados no PE e somente 5 no PB.

<sup>94</sup> Os complexos formados por auxiliar + verbo principal na forma participial, mesmo tradicionalmente não admitindo a posição pós-complexo verbal, foram incorporados nas análises. Os controles necessários são feitos a partir da variável *forma verbal do segundo verbo*.

Para comprovar a auxiliaridade de um verbo, Gonçalves e Costa (2002) investigam estes critérios: (i) impossibilidade de coocorrência com orações completivas finitas – ex. (71); (ii) impossibilidade de substituição do domínio encaixado por uma forma pronominal demonstrativa – ex. (72); (iii) impossibilidade de coocorrência de duas posições de sujeito – ex. (73); (iv) passivas encaixadas sem alteração do significado básico da ativa correspondente – ex. (74); (v) impossibilidade de ocorrência do operador de negação frásica no domínio não finito – ex. (75); (vi) ocorrência dos complementos pronominalizados (cliticizados) em adjacência ao verbo auxiliar – ex. (76); (vii) coocorrência com qualquer classe aspectual de predicados verbais – ex. (77); e (viii) impossibilidade de ocorrência de modificadores temporais que afetem apenas a interpretação do domínio não finito – ex. (78).

(71)

(a) O João tem ido ao cinema ultimamente. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 19, grifo das autoras)

(b) \*O João tem [que (a Maria) {vai/vá} ao cinema ultimamente]. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 19, grifo das autoras)

(72) \*O João tem [resolvido todos os exercícios propostos pelo professor], mas a Ana não o tem. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 23, grifo das autoras)

(73)

(a) O João tem comprado o jornal. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 24, grifo das autoras)

(b) \*O João tem a Maria comprado o jornal. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 24, grifo das autoras)

(74)

(a) O próprio director tem entrevistado os candidatos. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 28, grifo das autoras)

(b) *Os candidatos* têm sido entrevistados pelo próprio director. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 28, grifo das autoras)

(75)

(a) A Maria não tem visto a Ana. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 31, grifo das autoras)

(b) \*A Maria tem não visto a Ana. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 31, grifo das autoras)

(c) \*A Maria não tem não visto a Ana. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 31, das autoras)

(76)

(a) O João tem-nos apresentado os resultados da sua investigação. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 34, grifo das autoras)

(b) \*O João tem apresentado-nos os resultados da sua investigação. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 34, grifo das autoras)

(77)

(a) O João tem estado doente. (estados) (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 41, grifo das autoras)

(b) Os atletas do Benfica têm corrido. (actividades) (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 41, grifo das autoras)

(c) Os assaltantes têm destruído a cidade. (processos culminados) (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 41, grifo das autoras)

(d) Quando se deu a guerra, o João já tinha nascido. (culminações) (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 41, grifo das autoras)

(78)

(a) Ontem, o João já tinha saído (, quando eu lhe telefonei). (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 43, grifo das autoras)

(b) O João já tinha saído ontem (, quando eu lhe telefonei). (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 43, grifo das autoras)

Baseando-se no cumprimento de todas essas propriedades, as autoras certificam os verbos *ter* e *haver*, seguidos do particípio, como os auxiliares “puros” do português. Na sequência, encontram-se os semiauxiliares, verbos que respondem a alguns, mas não a todos,



desses critérios de auxiliaridade. Para ordená-los, Gonçalves e Costa (2002) sugerem uma escala, conforme o grau de aproximação de cada verbo aos auxiliares, resumida deste modo:

1. *Ser* passivo: difere dos auxiliares por permitir a substituição do complemento por um clítico demonstrativo;
2. Verbos temporais (*ir, vir, haver (de)*): diferem dos auxiliares por permitirem a manutenção dos complementos cliticizados do verbo no Infinitivo em adjacência a este verbo;
3. Verbos modais *poder* e *dever* e aspectuais seguidos de *a*: diferem dos auxiliares por permitirem a ocorrência (i) do operador de negação no complemento infinitivo e (ii) dos complementos cliticizados do verbo no Infinitivo em adjacência a este verbo; alguns destes verbos impõem restrições quanto à classe aspectual a que pertence o predicado verbal do complemento;
4. Verbo modal *ter (de)* e verbos aspectuais seguidos de *de* (e também *para* e *por*): diferem dos auxiliares por (i) não permitirem a extracção de complementos cliticizados do domínio infinitivo para o domínio matriz e (ii) limitarem a classe aspectual dos predicados verbais com que se combinam. (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 98)

As estudiosas ainda mencionam que alguns verbos plenos (*conseguir, tentar, querer, mandar, ver, etc.*), em determinados contextos, comportam-se como auxiliares. Essa prática, segundo Gonçalves e Costa (2002), justifica-se pelo complemento frásico infinitivo ser, temporalmente, dependente da frase matriz, formando uma única cadeia temporal. Afirma-se que “a barreira frásica que existe entre os dois verbos é, de certa forma, enfraquecida, o que dá lugar à formação de uma unidade complexa (um predicado complexo), constituída pelos referidos verbos” (GONÇALVES; COSTA, 2002, p. 98).

Duarte, I. (2003[1983]) fundamenta as reflexões sobre auxiliaridade apenas em quatro assertivas: (i) o complemento de um verbo auxiliar não pode comutar com uma completiva finita; (ii) em frases com verbos auxiliares só pode ocorrer uma negação frásica, precedendo o verbo auxiliar; (iii) em frases com verbos auxiliares só pode ocorrer um advérbio de tempo de cada tipo; e (iv) em frases com verbos auxiliares, os pronomes clíticos ocorrem adjacentes ao verbo auxiliar. Segundo a autora, respondem positivamente a todas as propriedades discutidas os verbos *ter* e *haver* seguidos da forma participial (verbos auxiliares dos tempos compostos), os verbos *andar, estar, ficar, ir* e *vir* seguidos do gerúndio (verbos auxiliares aspectuais) e o verbo *ser* seguido do participípio (verbo auxiliar da passiva).

Quanto aos semiauxiliares, Duarte, I. (2003[1983]) lista o verbo *ir* + infinitivo e os verbos aspectuais construídos com a preposição *a* e uma forma infinitiva do verbo auxiliado como os mais próximos dos auxiliares “puros” do português, dado que, por não atraírem obrigatoriamente o pronome clítico, só não se inserem no último critério. Na sequência,

aparecem os verbos aspectuais compostos com a preposição *de* e com o verbo principal no infinitivo. Nesse caso, também respondem afirmativamente aos três primeiros preceitos de auxiliaridade, mas, quanto à colocação pronominal, exigem que o pronome esteja adjungido ao verbo principal. Os modais, por sua vez, como *dever* e *poder*, atendem apenas a duas propriedades, uma vez que aceitam mais do que uma instância de negação frásica e não atraem obrigatoriamente o clítico pronominal.

Completando-se esta discussão, para Raposo (2013), um verbo é auxiliar, fundamentalmente, por apresentar em conjunto as seguintes propriedades, de natureza semântica as duas primeiras e de natureza sintática a última: (i) os verbos auxiliares não selecionam argumentos; (ii) os verbos auxiliares podem ocorrer com quaisquer classes de verbos (verbos pessoais ou impessoais, transitivos ou intransitivos, inergativos ou inacusativos); e (iii) na presença de auxiliares, a negação frásica incide (apenas) sobre toda a perífrase verbal. De acordo com a obediência a essas especificações, classificam-se como auxiliares os verbos *ter* + particípio, *ser* + particípio, *estar* (*a*), *ficar* (*a*), *ir* + infinitivo e os verbos auxiliares aspectuais que regem a preposição *de* ou que selecionam o gerúndio (*acabar* (*de*), *deixar* (*de*), *ir* + gerúndio, *vir* + gerúndio). Dentre os semiauxiliares, Raposo (2013) inclui os verbos aspectuais que regem a preposição *a* (*andar* (*a*), *chegar* (*a*), *começar* (*a*), *continuar* (*a*), *passar* (*a*), *tornar* (*a*), *voltar* (*a*)) e os verbos modais (*dever*, *haver* (*de*), *poder*, *ter* (*de/que*)). Por fim, segundo o autor, *querer* e *parecer* são os verbos plenos que mais se aproximam do estatuto da semiauxiliaridade.

Além dessas, Raposo (2013) ainda relaciona outras propriedades aos auxiliares: (i) os verbos auxiliares não selecionam orações subordinadas finitas introduzidas pelo complementador *que*; (ii) os verbos auxiliares não se combinam com um verbo no infinitivo flexionado; (iii) quando o complemento do verbo pleno de uma perífrase verbal é um pronome clítico, este pode se ligar ao verbo auxiliar; (iv) uma frase ativa transitiva contendo uma perífrase verbal tem o mesmo significado básico da sua contraparte passiva; e (v) as frases com perífrases verbais admitem a construção passiva pronominal, concordando o verbo auxiliar com o complemento direto da frase ativa correspondente.

Mediante as considerações feitas sobre o tratamento da auxiliaridade, percebe-se um número variado de estruturas que podem integrar um complexo verbal sob uma forma finita simples. Dessa maneira, nesta pesquisa, os grupos verbais analisados não são só aqueles formados por verbos reconhecidamente auxiliares, mas, também, são os complexos constituídos por itens verbais mais ou menos próximos do polo da auxiliaridade, respectivamente, os semiauxiliares e os verbos com certa independência semântica (*querer*, *tentar*, *ousar*, por

exemplo). As informações obtidas aqui são de substancial interesse para a descrição da variável *tipo de complexo verbal*, apresentada ainda nesta seção.

Na sequência, volta-se a atenção aos grupos de fatores controlados nesta pesquisa.

### **4.3 Variáveis independentes**

As variáveis independentes “consistem nos parâmetros reguladores dos fenômenos variáveis, condicionando positiva ou negativamente o emprego de formas variantes” (MOLLICA, 2004, p. 11). Acrescenta-se, ainda, segundo Mollica (2004, p. 11), que “[...] os condicionamentos que concorrem para o emprego de formas variantes são em grande número, agem simultaneamente e emergem de dentro ou fora dos sistemas linguísticos”. A seguir, enumeram-se os grupos de fatores de natureza estrutural, baseando-se sobretudo em grupos já apontados como relevantes em investigações anteriores<sup>95</sup>, e de natureza não linguística considerados nas análises.

#### **4.3.1 Variáveis independentes linguísticas**

Os fatores condicionantes linguísticos investigados se apresentam divididos em dois grupos: (i) aqueles referentes à análise dos clíticos adjuntos a um único verbo e (ii) aqueles relacionados aos dados de clíticos adjuntos a complexos verbais. Tal separação, ainda que haja grupos de fatores idênticos controlados para ambos os contextos, é fundamental para que se alcance uma caracterização detalhada das possibilidades de colocação do clítico pronominal diante de núcleos verbais diversificados.

##### **4.3.1.1 Grupos de fatores analisados em contextos de lexias verbais simples**

###### **4.3.1.1.1 *Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl***

No contexto morfossintático anterior à cliticização, pode estar presente algum vocábulo (isolado ou integrando determinada construção) que favoreça a colocação proclítica. Dessa maneira, nesta pesquisa, controla-se a natureza desse constituinte.

---

<sup>95</sup> Cf. seção 2.

Em conformidade com o que é proposto por Vieira, S. R. (2002), e também aplicado em estudos posteriores (NUNES, 2009; PETERSON, 2010; SANTOS, 2010; VIEIRA, M. de F., 2011, dentre outros), ainda que com algumas particularidades, observam-se os seguintes itens (ou situações) à esquerda do grupo clítico-verbo (ou verbo-clítico):

(a) *Ausência de elemento (proclisador)*<sup>96</sup>:

(79)

(a) **Refiro-me**, naturalmente, à generalidade daqueles que, diariamente, lidam e gerem uma realidade complexa e multifacetada: os professores e os auxiliares de acção educativa. (PE, *carta*, 2002)

(b) Lendo no caderno de Economia (17/10, B4) sobre a miséria e a exclusão social, **nos deparamos** com a foto de uma garota (23 anos), mãe de quatro filhos, sob o título “Eu só quero arrumar um emprego”. (PB, *carta*, 2004)

(c) Enfim, **trata-se** de mais um caso de dupla atitude, a afirmação pública de um pseudonivelamento, acompanhado por uma diferenciação real. (PE, *carta*, 2001)

(b) *Sintagma nominal (SN) sujeito nominal simples*<sup>97</sup>:

(80) e essa buzina ela:: / ela:: é de controle remoto... parece meio idiota um cara ter a buzina de controle remoto né.... pra que vai buzinar de fora do carro?... [mas] **os cara se diverte**... (PB, *entrevista*, 12/11/2009)

(c) *SN sujeito nominal complexo*<sup>98</sup>:

(81)

(a) Em que pesem as espúrias alianças políticas (e elas persistiram, em todos os partidos, nestas eleições) e alguns erros de calibragem na condução da política económica, *o governo que se encerra*, além de ter estabelecido um padrão democrático e ético de governo, **legou-nos** ações efetivas e claras veredas que muito nos ajudarão na construção da plenitude da cidadania e no trato ético e responsável da coisa pública. (PB, *carta*, 2002)

(b) à SIC... *as defesas de Arlindo Carvalho José Neto e Ricardo Oliveira dizem-se* escandalizados por apenas terem conhecimento da acusação pela Comunicação Social... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

(c) *A política e os políticos portugueses lembram-me* cada vez mais, mais do que nada nem ninguém, Orwell e os suas obras “1984” e, sobretudo, “Animal Farm” que em português tem o título muito mais sugestivo de “O Triunfo dos Porcos”. (PE, *carta*, 2003)

(d) *SN sujeito pronome pessoal*:

(82) tô debutando... ôh::... e lá tem essa coisa de fazer todos os personagens... então isso dá uma agilidade... dá uma coisa... **eu me encaixo** em moceira... em gostosona... em senhora... eu faço de tudo com muita alegria... e eu acho que o público gosta de ver isso né... (PB, *entrevista*, 05/11/2009)

<sup>96</sup> Reúnem-se, sob esse rótulo, os casos em que o verbo (ou o complexo verbal) hospedeiro se posiciona em início absoluto de oração/período. O início de oração pode, ou não, coincidir com o início de período (cf., respectivamente, exemplos (79a) e (79b)). Ademais, são incluídas também nesse contexto situações nas quais a predicação completa se separa de determinados constituintes, interpretados como deslocamentos à esquerda. Tais constituintes, aqui, não são considerados como partes da predicação propriamente dita (cf. (79c)).

<sup>97</sup> SN simples é composto por *especificador + núcleo* (CASTILHO, 2012).

<sup>98</sup> SN complexo é composto por *(especificador +) núcleo + complementador* (CASTILHO, 2012). Inserem-se, aqui, também sujeitos compostos, formados por mais de um núcleo.

(e) *SN sujeito pronome indefinido:*

(83) e há pouco falávamos nas viagens que às vezes fazemos... ele adora levar um / o seu guia e des / descobrir restaurantes e chefes... descobrir pontos gastronómicos... nas cidades... e:: / e:: agora com uma família *tudo se torna* diferente porque eu já não posso fazer cem concertos por ano... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

(f) *SN sujeito pronome demonstrativo:*

(84) Na arena internacional, o primeiro-ministro israelense, Benyamin Netanyahu, desprezou ostensivamente as demandas enfáticas do dirigente americano pelo congelamento da colónias nos territórios palestinos para destravar as negociações de paz. *Isso o obrigou* a um recuo na ONU. (PB, *editorial*, 2009).

(g) *Sujeito oracional*<sup>99</sup>:

(85) porque o fado é bom... o fado / o fado faz bem ao fa / exatamente... *sofrer um bocadinho faz-nos* bem... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

(h) *Sintagma preposicionado (SPrep):*

(86) *De libertador se transformou* em carrasco de milhares de cubanos, no famoso paredón. (PB, *carta*, 2008)

(i) *Predicativo do sujeito*<sup>100</sup>:

(87) *Mais claro se torna* quando se sabe, pela notícia do Estadão, que Lula confirmou Eudes na presidência da Light Par e que Soares foi convidado por Lula para o conselho da Infraero. (PB, *carta*, 2005)

(j) *Partícula/sintagma de negação*<sup>101</sup>:

(88) na Noruega todos pagam a mesma taxa de IRS e dizem que *não se importam*... pagam quatro euros por uma bica... mas recebem cinco vezes mais do que em Portugal... neste jornal saiba como se vive num dos melhores países do mundo... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

(k) *Advérbio – um só vocábulo (canônico):*

(89)

(a) Lá, por exemplo, *também se critica* a forma como se recorre, a propósito e a despropósito, a escutas telefónicas e são comuns as violações do segredo de Justiça. (PE, *editorial*, 2009)

(b) Se estes não é só agora que existem - pois *sempre se inseriram*, meio despudoradamente, em nosso cenário político -, em se tratando de campanha reeleitoral, como aquela em que está empenhado, de corpo e alma, o presidente Lula, adquiriram uma visibilidade mais do que notória, pelo que implicam de gastos substanciais da máquina pública federal, nem sempre em níveis financeiramente suportáveis, pelo Estado. (PB, *editorial*, 2006)

(l) *Advérbio – um só vocábulo (não canônico):*

(90)

(a) tu tavas com a mão dele agarra / a segurar a mão dele e *depois deste-lhe* um beijinho na mão... com uma ternura (...). (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

<sup>99</sup> Esse fator foi excluído das análises finais por aparecer somente 3 vezes no conjunto total de dados coletados, relacionados a lexias verbais simples e a complexas.

<sup>100</sup> Esse fator foi excluído das análises finais por aparecer somente 1 vez no conjunto total de dados coletados, relacionados a lexias verbais simples e a complexas.

<sup>101</sup> Incluem-se, nesse fator, os vocábulos *nada, ninguém, nenhum, jamais, nunca*, etc.

(b) tenta... tenho que pagar os impostos senão eles martelam... já martelam muito né... e então... [assim] sou... educado também sou... *hoje* **vê-se** infelizmente muita gente que... parece que a educação... deixaram a educação fora do... / fora de casa... ou / ou noutra sítio qualquer... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(m) *Advérbio – terminado com sufixo –mente:*

(91) *Curiosamente* **formaram-se**, à esquerda e à direita, duas obsessões. (PE, *editorial*, 2002)

(n) *Locução adverbial:*

(92) *Há vinte anos* **justificava-se** que se perdesse tempo com a escolha do Presidente, e tanto Mário Soares como Sá Carneiro tiveram razões de sobra para perceber como a sorte do regime também passava por Belém. (PE, *editorial*, 2002)

(o) *Preposição ‘para’:*

(93) *para se antecipar* às consequências desse episódio... e tentar fazer uma avaliação... principalmente dos desdobramentos na economia brasileira... o presidente Fernando Henrique Cardoso chamou quatro ministros... inclusive o da fazenda Pedro Malan... a reunião foi a portas fechadas... (PB, *noticiário*, 11/09/2001)

(p) *Preposição ‘a’:*

(94) Orlando Gaspar, quando anunciou a sua retirada da concelhia, não devia tentar desesperadamente e com jogadas de bastidores interferir na eleição para a concelhia do dia 31 de Maio, aconselhando Nuno a **candidatar-se**. (PE, *carta*, 2003)

(q) *Preposição ‘de’:*

(95) a Nigéria perdeu... dois a um... e não tem mais chances *de se classificar*... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(r) *Preposição ‘por’:*

(96) Utilizando o mesmo raciocínio, o presidente do STF, Marco Aurélio Mello, concedeu, tempos atrás, habeas-corpus ao banqueiro Cacciola (hoje, foragido do País) e aos ex-diretores do Banco Nacional, *por* **considerá-los** pessoas de bem, com passado irrepreensível. (PB, *carta*, 2002)

(s) *Preposição ‘sem’:*

(97) Wilman Villar ficou cinquenta dias *sem se alimentar*... (PB, *noticiário*, 21/01/2012)

(t) *Preposição ‘em’:*

(98) Em vez de querer retirar poder das agências, o ministro Jobim deveria empenhar-se *em* **depurá-las** dos apadrinhados políticos nomeados para comandá-las. (PB, *carta*, 2007)

(u) *Locução prepositiva:*

(99) Assim, *em vez de* **se guiarem** por critérios objectivos na atribuição de apoios e subsídios a particulares e associações, o dinheiro público é, antes, utilizado para silenciar consciências [...]. (PE, *carta*, 2007)

(v) *Conjunção coordenativa aditiva:*

(100) Não perderam a guerra como fingem, esteja tranquilo J.M.F. Atingiram os seus objectivos, implantaram a democracia, já que se mata sem olhar à cor da pele ou ao credo, e, se for necessário, **trazem-se** para lá uns palestinianos, até à vitória final! (PE, *carta*, 2007)

(w) *Conjunção coordenativa alternativa:*

(101) *Ou lembrar-lhes* que a intervenção na vida pública não é um diploma de acesso a altos cargos na administração do Estado. (PE, *editorial*, 2005)

(x) *Conjunção coordenativa adversativa:*

(102) eu tinha driver license... tá?... *mas me parou* por excesso de velocidade porque o carro era bom demais né... (PB, *entrevista*, 07/11/09)

(y) *Conjunção coordenativa conclusiva:*

(103) Ou *então atribui-se* a depressão à crise económica. (PE, *editorial*, 2008)

(z) *Conjunção coordenativa explicativa*<sup>102</sup>:

(104) Se se está vendendo mais, baixe-se o imposto, *pois se ganha* mais vendendo duas unidades de qualquer coisa a um preço menor do que uma unidade a preço um pouco maior. (PB, *carta*, 2008)

(a') *Conjunção subordinativa:*

(105) hoje... *quando se fala* de beleza... já não se pode mais pensar apenas nos cuidados estéticos... (PB, *noticiário*, 09/08/2003)

(b') *Pronome relativo 'que':*

(106) O administrador de uma grande empresa pode dispor das elites *que lhe aprover*, mas o Presidente da República deve enquadrar-se no quadro referencial dos preceitos da Constituição, em que os governantes não saem de nenhuma casta mas tão-só são mandatados pelo povo em função de qualidades cujos critérios são suficientemente prolixos para não permitirem denominadores comuns à formação de pretensas elites, enquadráveis em modelos específicos. (PE, *editorial*, 2008)

(c') *Outros pronomes/advérbios relativos:*

(107) Contra o parecer do centro de acolhimento *onde se encontrava* desde os três meses, a Comissão de Menores de Gaia tinha determinado a sua entrega ao pai. (PE, *carta*, 2005)

---

<sup>102</sup> É muito tênue a linha que distingue a explicação da causalidade (NEVES, 2000; CASTILHO, 2012). Neste estudo, ainda que não seja o critério mais preciso, utiliza-se de nexos semânticos para diferenciar as conjunções explicativas e as causais. As explicativas se relacionam a operações argumentativas, nas quais o segundo enunciado explana o primeiro. As causais, quando classificadas assim, iniciam orações nas quais os conteúdos proposicionais estão ligados a efeitos ou consequências, ditos na oração principal.

(d') *Conjunção integrante 'que'*:

(108) Cavaco não chegou a dizer *que* o governo **lhe deu** ouvidos... mas aplaudiu os passos para o alargamento dos prazos de pagamento da dívida portuguesa à União Europeia... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

(e') *Conjunção integrante 'se'*:

(109) Indagado pelo Estado *se* no encontro com Ahmadinejad **o questionara** sobre fraude eleitoral na eleição iraniana de junho, o presidente Lula respondeu: "Seria muita petulância minha me meter em assuntos de outro país." (PB, *carta*, 2009)

(f') *'que' em estruturas clivadas:*

(110) *foi* nos estádios de futebol *que* os petardos **se tornaram** conhecidos... associados às claques dos principais clubes... mas recentemente o rastilho destes explosivos alastrou às manifestações... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

(g') *'que' em locuções conjuntivas:*

(111) Não perderam a guerra como fingem, esteja tranquilo J.M.F. Atingiram os seus objectivos, implantaram a democracia, *já que se mata* sem olhar à cor da pele ou ao credo, e, se for necessário, trazem-se para lá uns palestinianos, até à vitória final! (PE, *carta*, 2007)

(h') *'que' exclamativo:*

(112) *Que se gaste* o dinheiro dos contribuintes em cursos de formação profissional onde os professores fingem que ensinam e os alunos fingem que aprendem. (PE, *carta*, 2005)

(i') *Palavra QU interrogativa do tipo pronominal:*

(113) Hoje, quase descrente, lanço aqui uma pergunta: por todos os crimes cometidos, por que o MST não é punido nos rigores da lei? *Quem o deixa* tão à vontade, tão confiante? (PB, *carta*, 2007)

(j') *Palavra QU interrogativa do tipo adverbial:*

(114) Bora foi o que mais trabalhou... explicou... reclamou... tentou mostrar aos jogadores chineses que o que está no ar é a oportunidade da vida deles... jogar contra o Brasil numa Copa é algo único na carreira... *como se livrar* de uma marcação por pressão?... (PB, *noticiário*, 07/06/2002)

(k') *Hesitações/truncamentos*<sup>103</sup>:

(115)

(a) mas *éh:: se come* flores atualmente... come flores... (PB, *entrevista*, 05/11/2009)

(b) sim... sim... e sabe quem é que lá está / **lembra-se** de a sua mãe ter ido lá cantar?... (PB, *entrevista*, 15/05/2010)

Conforme demonstrado, neste grupo, reúnem-se elementos reconhecidos como proclisadores prototípicos e outros não considerados atratores de próclise pela tradição

<sup>103</sup> Esse fator foi excluído das análises finais por aparecer somente 5 vezes no conjunto total de dados coletados, relacionados a lexias verbais simples e a complexas.



gramatical. O intuito é avaliar o grau diferenciado de influência desses constituintes nos gêneros e nas variedades distintas.

As relações de proclisadores tradicionais e não tradicionais<sup>104</sup> se baseiam, em primeiro plano, em apontamentos das gramáticas normativas (BECHARA, 2009[1961]; ROCHA LIMA, 2011[1957]; CUNHA; CINTRA, 2013[1985]) e, ainda, naquilo que trabalhos linguísticos sobre o tema têm descrito (LOBO, 1992; GBPS, 2005; SANTOS, 2010, dentre outros). Essa distinção, como evidenciado na próxima seção, somada ao destaque do contexto de início absoluto de oração/período, torna-se essencial para a organização e o entendimento dos resultados.

Em linhas gerais, dentre os proclisadores tradicionais, encontram-se partículas/sintagmas de negação, elementos subordinativos e advérbios focalizadores, quantificadores, modais/aspectuais e de atitude proposicional (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983]). Na lista dos proclisadores não tradicionais, agrupam-se SNs sujeitos, SPreps, preposições, locuções prepositivas, conjunções coordenativas, advérbios não modais, advérbios terminados com o sufixo *-mente* e locuções adverbiais.

Quando, em uma mesma oração, há mais de um possível item proclisador, caso seja um tradicional e o outro não, seleciona-se para a análise a primeira opção – como demonstrado no exemplo (116), no qual, em (a), aparecem o pronome relativo *que* e o advérbio terminado em *-mente*, *fatalmente*, sobressaindo-se o *que*; e, em (b), na presença do elemento subordinativo *embora* e da preposição *sem*, sublinha-se a conjunção. Ao coexistirem somente proclisadores tradicionais ou não tradicionais, opta-se pelo elemento mais próximo do grupo clítico-verbo (ou verbo-clítico), conforme apresentam, respectivamente, os exemplos (117), com a partícula de negação realçada, ao invés da conjunção integrante *que*, e (118), com o SN sujeito pronome demonstrativo evidenciado, e não a conjunção coordenativa *e*.

(116)

(a) Com tantas coisas de que as crianças desta geração estão carentes, a editora poderia propor-se algo que mais contribuísse para a formação integral dessas crianças, e não algo que mais as afasta do verdadeiro ser crianças, levando-as a pular fases naturais da infância *que fatalmente lhes farão* falta no futuro. (PB, carta, 2004)

(b) Se os avanços foram importantes (e a professora Maria Hermínia, *embora sem exauri-los*, bem os listou em seu artigo), ficaram, no entanto, algumas importantes pendências pelo caminho. (PB, carta, 2002)

(117) Louve-se *que não se conhece* decisão quanto à legalidade da greve. (PB, carta, 2001).

<sup>104</sup> Admite-se que a denominação *proclisadores não tradicionais*, atribuída aos elementos à esquerda do grupo clítico-verbo (ou verbo-clítico) que, segundo a tradição gramatical, não exercem atração sobre o pronome, não é completamente satisfatória. Se tais vocábulos não são atratores de próclise, o termo *proclisadores* pode parecer improdutivo; entretanto, é o termo escolhido para que haja contraste entre os constituintes considerados proclisadores prototípicos (e assim divulgados nas gramáticas) vs. os outros constituintes que antecedem a cliticização pronominal.

(118) O governar há de ser transparente e determinado para que haja cumplicidade com a coletividade e esta o sustente, haja o que houver. (PB, *carta*, 2001)

#### 4.3.1.1.2 *Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*

Para a análise da *distância*, concentra-se na premissa de que, caso o elemento antecedente seja um proclisador tradicional, quanto mais próximo a ele estiver o grupo clítico-verbo (ou verbo-clítico), maior a possibilidade de o pronome se posicionar antes de seu hospedeiro. Nesta pesquisa, então, primeiramente se mensura essa distância a partir do número de sílabas, assim como em outros estudos (VIEIRA, S. R., 2002; SANTOS, 2010; VIEIRA, M. de F., 2011, por exemplo), e, na sequência, também se observa se a natureza do constituinte que se coloca entre o possível atrator (tradicional ou não) e o grupo em questão é significativa para a realização do fenômeno.

Quanto ao número de sílabas, os fatores são:

##### (a) 0 sílabas:

(119) O problema da atuação de Lula e do seu controlador do partido, José Dirceu, que **o elegeu** presidente também em 1995, é que essa depuração não podia acontecer, a menos que o líder, perante quem os companheiros se comportavam com temor reverencial, passasse por uma metamorfose que o fizesse praticar o que pregava – a separação absoluta entre o público e o privado, entre Estado e partido. (PB, *editorial*, 2005)

##### (b) 1 a 2 sílabas:

(120) Só que as coisas chegaram a um tal ponto, em que o cheiro é já tão nauseabundo, que **o ar se tornou** irrespirável. (PE, *carta*, 2007)

##### (c) 3 a 5 sílabas:

(121) É que eu não sabia o que que era / o que queria dizer isso quando *os perueiros* **me pediram** esse som né... (PB, *entrevista*, 12/11/2009)

##### (d) 6 a 10 sílabas:

(122) o governo regional está convencido que *a origem dos incêndios* **se trata** de terrorismo incendiário... (PE, *noticiário*, 20/07/2012)

##### (e) 11 ou mais sílabas:

(123) É com esta “impossibilidade”, com este argumento de (já) “não se poder fazer mais nada”, que *os arautos do inelutável determinismo do “mercado”* **nos pregam** o conformismo perante (mais) “sacrifícios”, (mais) perda de direitos sociais, (mais) desemprego e, mesmo, perante profundas desigualdades que se acentuam. (PE, *carta*, 2010)

Sobre a natureza do constituinte, notam-se casos de:

(a) *SN simples*:

(124) no comunicado assinado por Joana Marcos Vidal... a Procuradora-Geral da República lembra que o processo está protegido pelo segredo de justiça... mas admite que *as buscas prendem-se* com a verificação de indícios de troca de informação comercial sensível... que levantam suspeitas de acordos proibidos por lei... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

(b) *SN complexo*:

(125) Já se tornou um mantra a afirmação de que *os problemas do Mercosul se resolvem* com mais Mercosul e não com menos. (PB, *editorial*, 2004)

(c) *SPrep*:

(126) O "primeiro-compadre" transita facilmente pelo Planalto acompanhado de amigos e clientes que *em seguida se locupletam*, e isso não significa nada. (PB, *carta*, 2008)

(d) *Sintagma adjetival (SAdj)*:

(127) A siderurgia, *privatizada*, **livrou-se** do excesso de peso da administração federal e conquistou novos mercados. (PB, *editorial*, 2007)

(e) *Sintagma adverbial (SAdv)*:

(128) Isso em razão de o diplomata João Guimarães Rosa, que *depois se tornaria* um dos maiores escritores brasileiros, haver sido nomeado cônsul-adjunto em Hamburgo e Aracy, indo trabalhar no Consulado brasileiro, ocasião em que arriscou a própria vida concedendo vistos escondidos, além de usar clandestinamente o carro do serviço consular para transportar judeus que se escondiam em sua casa e em casas de amigos, distribuindo entre eles alimentos que ela desviava da cota que o Consulado recebia. (PB, *carta*, 2008)

(f) *Sintagma verbal (SV)*:

(129) Rui Rio chamou por estes dias a atenção para o sentimento de revolta que, *afirma*, **se sente** no Norte. (PE, *editorial*, 2010)

(g) *Sintagma oracional (SO)*:

(130) Por isso seria muito interessante se, *em vez de andarmos aqui com "amigos virtuais" e encontros na Net*, **se fizesse** um encontro "ao vivo" entre os habituais e não habituais leitores de o PÚBLICO que escrevem para esta secção de forma a: [...]. (PE, *carta*, 2010)

(h) *Conjunção*:

(131) Já a segunda metade do argumento omite que o mesmo Lula, que não há de ter estado alheio ao mensalão; que não teria por que se surpreender com o vexame dos "aloprados" na campanha eleitoral de 2006; que se entregou de corpo e alma aos expoentes do atraso, do patrimonialismo e da venalidade no sistema político nacional; e que, *enfim*, **se colocou** acima do próprio Estado do qual deveria ser o primeiro servidor, ao se declarar a "encarnação do povo", nunca se dispôs a alterar a Constituição para disputar um terceiro mandato consecutivo, ao contrário do que a oposição dava como certo. (PB, *editorial*, 2010)

(i) *2 ou mais constituintes de naturezas diversas:*

(132) entretanto... e na sequência da polémica causada pela notícia... o Centro Hospitalar anunciou em comunicado que *os elementos visados... ou seja... os três contratados... por iniciativa própria... mostraram-se* indisponíveis para aceitar o trabalho... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

**4.3.1.1.3 Tipo de clítico**

Ao controlar os clíticos individualmente, tenciona-se verificar até que ponto a própria forma do pronome pode influenciar no fenómeno da colocação pronominal. Supõe-se, por exemplo, que os clíticos *o(s)/a(s)*, devido à sua fragilidade fônica em decorrência de sua constituição apenas por uma vogal, tendem a ocupar a posição pós-verbal, especialmente se adjuntos a formas verbais no infinitivo, assumindo as formas *lo(s)/la(s)*. Em relação ao pronome *se*, deve-se analisar, em conjunto, esta variável e a seguinte, intitulada *função do clítico*. Segundo Vieira, S. R. (2002) e Nunes (2009, 2014), a posição ocupada pela forma pronominal *se* pode estar relacionada à sua função na oração. Para Vieira, S. R. (2002, p. 141), por exemplo,

Tem-se por hipótese que, no Português do Brasil, especificamente, o <*se*> indeterminador e o <*se*> apassivador seriam contextos favorecedores da ênclise, visto que ambos poderiam funcionar como uma estratégia de indeterminação do agente e teriam na variante pós-verbal uma espécie de informação morfossintática do valor indeterminador. Já o *se* reflexivo/recíproco ou inerente se submeteria aos condicionamentos gerais da regra variável.

Abaixo, estão alguns exemplos extraídos dos *corpora* desta pesquisa.

(a) *me*:

(133) exatamente... muitas vezes **me perguntavam** na rua... no elevador... as pessoas que sabiam o meu nome... se eu era prima ou familiar do Nuno Gomes e eu dizia que sim claro... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(b) *te*:

(134) grelina... é parecida com a grelina... a função é a mesma... **te dá** uma vontade... dá uma vontade... e aí você come sem parar por causa do carboidrato... então eu evito o carboidrato... ahn::... (PB, *entrevista*, 05/11/2009)

(c) *o(s) /a(s)*:

(135) a partir dos sessenta metros a diferença pode até diminuir... porque o ônibus chega fácil aos setenta quilômetros por hora contra quarenta-e-quatro de Bolt... mas **ultrapassá-lo**... parece muito difícil... (PB, *noticiário*, 14/12/2013)

(d) *lhe(s)*:

(136) Dias se recusou a identificar quem **lhe repassou** os papéis, os quais, com toda a probabilidade, ele mesmo fez chegar à imprensa, mais adiante. (PB, *editorial*, 2008)

(e) *se*:

(137) O PORTO que hoje vai celebrar o seu primeiro dia como Capital Européia da Cultura vive um paradoxo: nunca nos anos recentes **se vislumbrou** um momento tão empolgante como o que **se anuncia** e ainda assim a cidade olha de soslaio para o evento e **mostra-se** incapaz de o olhar sem reticências como seu; há décadas que não **se lançava** um programa de obras de requalificação tão ambicioso como o que está em curso e **perde-se** na memória a data em que tantos equipamentos entraram em construção ou em renovação, mas em vez de esperança **instalou-se** um discurso pessimista e rabugento contra “os buracos”. (PE, *editorial*, 2001)

(f) *nos*:

(138) O novo colunista do **Estado**, Arnaldo Jabor, **nos coloca** esta pergunta na edição de domingo: “Por que ninguém nos ouve mais?” (PB, *carta*, 2001)

(g) *vos*:

(139) tenho imenso prazer em **vos receber** hoje... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

#### 4.3.1.1.4 *Função do clítico*

Os pronomes átonos podem assumir distintas funções sintáticas, o que, possivelmente, está associado a alternâncias na ordem de colocação. Assim, avalia-se o comportamento do grupo de fatores *função do clítico*. Podem ser apontadas para os pronomes *me*, *te*, *o(s)/a(s)* e formas variantes, *lhe(s)*, *nos* e *vos*, ressaltando-se determinadas particularidades, as seguintes funções sintáticas:

(a) *Argumental*:

(140) Esgotamos todas as possibilidades de negociação com a Presidência do Tribunal de Justiça e, ante aos resultados infrutíferos, não **nos restou** outro meio de reivindicação por reposição salarial senão a greve, direito constitucionalmente garantido a todos nós, brasileiros e trabalhadores. (PB, *carta*, 2001)

(b) *Não argumental*:

(141) os funcionários públicos têm tolerância de ponto no Carnaval... e eu com tantas preocupações que os pobres têm na cabeça desde que **lhes cortaram** os salários... eu atrevo-me a dizer que este Carnaval não vão faltar cabeçudos... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(c) *Inerência/reflexividade*:

(142) Não lulei, mas **me junto** a esses jovens na esperança de que ele exerça a liderança para estas questões maiores. (PB, *carta*, 2002)

Quanto ao pronome *se*, atribuem-se estes valores:

(a) *Inerência/reflexividade*:

(143) a crise da Europa é a que mais preocupa o FMI... o cenário... que já era negro... **mantém-se**... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

(b) *Apassivação*:

(144) O sr. Cavalcanti precisa se convencer de que a Câmara não é nenhuma casa-da-mãe-joana, onde **se empregam** familiares e se negociam ministérios. (PB, *carta*, 2005)

(c) *Indeterminação*:

(145) Quando **se fala** em privatização, os donos do guarda-roupa ficam agitados. Os brasileiros desejam ardentemente que a CPI mostre, sem medo nem revanchismo, o que é a Petrobrás. E, se necessário for, purificá-la. (PB, *carta*, 2009)

#### 4.3.1.1.5 *Forma verbal do hospedeiro*

Se, por um lado, espera-se que as formas no subjuntivo favoreçam a produtividade da próclise, por apresentarem natureza subordinativa; por outro, as formas no indicativo não devem desencadear, por si sós, um uso mais expressivo de uma ou outra posição e, sim, apresentar neutralidade em relação à colocação do pronome átono. Por último, em contextos de formas imperativas, exceto as negativas, e de formas nominais, no caso, infinitivas e gerundivas, aguarda-se sobressair, em geral, a ênclise.

Esquemmatizam-se, assim, os exemplos:

(1) *Indicativo*:

(a) *Presente*:

(146) o fogo **se espalha** numa das nossas maiores reservas florestais... (PB, *noticiário*, 30/06/2000)

(b) *Pretérito perfeito*:

(147) Ratificando a excelência do Estado, a primeira edição de 2003 **premiou-nos** com o histórico suplemento Herança de FHC/Desafios de Lula, que mostra a realidade dos governos FHC, suas conquistas e algumas derrotas, mas a certeza de dever cumprido. (PB, *carta*, 2003)

(c) *Pretérito imperfeito*:

(148) o acidente mortal aconteceu já no final do turno quando o mineiro **se preparava** para arrumar a máquina giratória que manobrava no interior da mina e que tinha utilizado na limpeza de restos de minério... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(d) *Pretérito mais-que-perfeito:*

(149) Indagado pelo Estado se no encontro com Ahmadinejad **o questionara** sobre fraude eleitoral na eleição iraniana de junho, o presidente Lula respondeu: "Seria muita petulância minha me meter em assuntos de outro país." (PB, *carta*, 2009)

(e) *Futuro do presente:*

(150) Como este entretanto terminou - pelo menos na opinião da maioria, já que há quem defenda que o processo só termina no momento da promulgação pelo Presidente da República -, diz-se agora que já não **se procederá** à discussão da petição, pois esta deixou de ter objecto. (PE, *editorial*, 2006)

(f) *Futuro do pretérito:*

(151) Aconselho o senhor Rui Marques a comprar a Time Out de Abril e a comparar o que se passa no Porto e em Braga e depois espero que tenha a honestidade de reconhecer que errou. Só **lhe ficaria** bem. (PE, *carta*, 2010)

(2) *Subjuntivo:*(a) *Presente:*

(152) Além disso, todo segmento produtivo que **se julgue** ameaçado pela "invasão" de produtos brasileiros poderá recorrer ao governo em busca de proteção, porque esse tem sido o procedimento "normal", que o governo brasileiro aceita como parte de sua estratégia de articulação regional. (PB, *editorial*, 2004)

(b) *Pretérito imperfeito:*

(153) há cinco anos que Joana Vasconcelos esperava que a fábrica Bordalo Pinheiro **lhe entregasse** a vespa que se estreia agora no Palácio da Ajuda... (PE, *noticiário*, 06/07/2013)

(c) *Futuro:*

(154) Pois, se ficarmos no lengalenga de que não se pode ser muito severo na imposição de limites no trato da coisa pública sob pena de não haver recursos para programas sociais, todos, exceto os socialistas, sabem o final da história: os gatunos de ocasião saberão tirar muito mais proveito desse controle "moderado" das contas públicas do que aqueles que **se virem** na necessidade de aumentar os gastos para atender demandas sociais de "emergência". (PB, *carta*, 2001)

(3) *Imperativo:*(a) *Afirmativo:*

(155) **Lembre-se** o sr. senador de que a maior parte do povo brasileiro compartilha de sua decepção e, mais tarde, todos nós vamos valorizar seu gesto. (PB, *carta*, 2003)

(b) *Negativo:*

(156) não **se preocupe**... não **se preocupe**... (PB, *entrevista*, 05/11/2009)

(4) *Formas nominais:*(a) *Infinitivo:*

(157) [inint] aceitou o pedido de desculpa do português... mas pouco mais fez do que **resignar-se** perante a eliminação do United... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

(b) *Gerúndio:*

(158) [...] o terror, esse inimigo comum, é tanto mais perigoso quando se apossa dos nossos gestos e das nossas mentes, **tornando-nos** potenciais criminosos. Só a inteligência e o conhecimento podem combatê-lo com eficácia. Assim estejamos à altura de o compreender. (PE, *editorial*, 2001)

(c) *Particípio:*

Não há registro nos *corpora*.

#### 4.3.1.2 Grupos de fatores analisados em contextos de lexias verbais complexas

Grande parte das variáveis descritas para os contextos de lexias verbais simples também é analisada aqui, tais como, com as devidas intitulações alteradas: (i) *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl*; (ii) *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl*; (iii) *tipo de clítico*; e (iv) *função do clítico*.

Para cada grupo, são os mesmos fatores controlados. A respeito das hipóteses, em relação ao *elemento (proclisador)* e à *distância entre ele e o grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl*, aplicam-se as mesmas considerações tecidas quanto aos casos de cliticização a um único verbo. Verificam-se quais itens, e em quais graus, podem motivar a posição pré-complexo verbal e, segundo a distância, também se avaliam o número de sílabas e a natureza do constituinte intermediário. Sobre o *tipo de clítico*, em especial o acusativo de 3ª. pessoa, em virtude da debilidade fônica que possui (anteriormente já mencionada), preveem-se a sua baixa ocorrência na posição intra-complexo verbal e a sua forte produtividade na posição pós-complexo verbal, logo após verbos plenos infinitivos. Ao pronome *se*, acrescentando-se à discussão a *função do clítico*, em linhas gerais, presume-se que o *se* passivador e o *se* indeterminador fiquem adjacentes ao primeiro verbo do complexo, enquanto o *se* inerente/reflexivo deve figurar adjungido ao verbo principal – no PB, inclusive, em próclise a ele.



Como listados na sequência, aos complexos verbais, atribuem-se também os grupos (i) *forma do primeiro verbo*; (ii) *forma do segundo verbo*; (iii) *tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo*; e (iv) *tipo de complexo verbal*.

#### 4.3.1.2.1 *Forma do primeiro verbo do complexo*

Com verbos auxiliares no indicativo, assim como assinalado quanto às lexias verbais simples, as variantes devem ocorrer equilibradamente, atuando, nesses casos, outro(s) grupo(s) de fatores. Com as formas subjuntivas, aposta-se na recorrência da posição pré-complexo verbal e, com as nominais, também se espera que a colocação seja definida por outras variáveis.

Analizam-se os seguintes modos e tempos, relacionados ao primeiro verbo:

(1) *Indicativo*:

(a) *Presente*:

(159) Ou será que, mais uma vez, não **nos vamos utilizar** dos meios democráticos e continuaremos construindo a cidade dentro da lógica imediatista e utilitarista que conhecemos tão bem? (PB, *carta*, 2001)

(b) *Pretérito perfeito*:

(160) Pretendia demonstrar a minha satisfação e agrado pela iniciativa e pela experiência, com a presença na jornada deste ano, mas infelizmente não foi possível. No entanto, **pude aperceber-me** das positivas inovações e regozijar-me com o sucesso das mesmas. (PE, *carta*, 2004)

(c) *Pretérito imperfeito*:

(161) O longo mutismo em que **se vinha abrigando** o secretário da Segurança Pública e marido da governadora, Anthony Garotinho, permanente pretendente à Presidência da República, nunca foi a medida adequada para enfrentar um problema desse tamanho e dessa gravidade. (PE, *editorial*, 2004)

(d) *Pretérito mais-que-perfeito*:

(162) A resposta dos analistas e comentadores foi a que politicamente se aceitava: o antigo patrão do AC Milan e homem mais rico de Itália **limitara-se a ocupar** o vazio deixado pela ausência de uma alternativa sólida. (PE, *editorial*, 2009)

(e) *Futuro do presente*:

(163) a maior subida **deverá verificar-se** na gasolina... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

(f) *Futuro do pretérito:*

(164) Com tantas coisas de que as crianças desta geração estão carentes, a editora **poderia propor-se** algo que mais contribuísse para a formação integral dessas crianças, e não algo que mais as afasta do verdadeiro ser crianças, levando-as a pular fases naturais da infância que fatalmente lhes farão falta no futuro. (PB, *carta*, 2004)

(2) *Subjuntivo:*(a) *Presente:*

(165) nós por exemplo... tentando ser cada vez mais populares... estamos a fazer uma coisa que se fazem agora nos programas da manhã... que são telefonemas via Skype pra emigrantes que **nos estejam a ver** neste momento... que é uma coisa que sai muito bem nas audiências... e neste momento tamos em contacto com França com Paris... com duas espetadoras que eu aproveito pra cumprimentar... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

(b) *Pretérito imperfeito:*

(166) Manter a situação antiga, podendo optar por viver com o pai logo que **se fosse reconhecida** capacidade de escolha? (PE, *editorial*, 2009)

(c) *Futuro:*

(167) Esta perigosa situação induz a sociedade civil (o cidadão) numa falsa sensação de segurança, ou seja, todos nós pensamos que o Estado nos protege e acode, neste tipo de emergências, calamidades ou aquilo que **lhes quisermos chamar**. (PE, *carta*, 2004)

(3) *Imperativo:*

Não há registo nos *corpora*.

(4) *Formas nominais:*(a) *Infinitivo:*

(168) neste julgamento o ex-Presidente do Benfica é acusado de se **ter apropriado** de quatro milhões e meio de euros da transferência de quatro jogadores... mas juntando-se todos os outros casos em que foi condenado e os respetivos juros... o clube da Luz reclama já perto de doze milhões de euros... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(b) *Gerúndio:*

(169) eram os Estados Unidos **tentando se proteger**... (PB, *noticiário*, 11/09/2011)

#### 4.3.1.2.2 *Forma do segundo verbo do complexo*

Com o verbo principal no infinitivo, espera-se maior variação entre as colocações, visto que, com as outras duas formas – gerúndio e particípio –, por exemplo, há menos ou nenhuma produtividade da variante pós-complexo verbal.

Observam-se:

##### (a) *Infinitivo:*

(170) Somente quando esses dois patrocinadores de grupos terroristas foram flagrados violando normas de convívio internacional civilizado e a ONU **decidiu puni-los** é que o Brasil rompeu relações com Bagdá e Trípoli. (PB, *editorial*, 2001)

##### (b) *Gerúndio:*

(171) Ao tentar isolar o Líbano do resto do mundo, Israel é que **acaba se isolando** ainda mais no Oriente Médio, pois agora até os países árabes fronteiriços mais moderados começam a questionar a estratégia de guerra israelense. (PB, *carta*, 2006)

##### (c) *Particípio:*

(172) sempre as pessoas... ehn... as pessoas que são importantes na minha vida... porque nós temos as nossa / a nossa família que **nos é imposta** e depois temos os amigos que somos nós que escolhemos... e eu acho que a Mariza iria fazer parte da nossa vida de alguma forma... da nossa família que / da tal família que eu criei... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

#### 4.3.1.2.3 *Tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal*

Avalia-se se, na presença de preposições, conectores, sintagmas (de naturezas diversas) ou, até mesmo, orações intercaladas entre os verbos de um complexo, elementos intervenientes podem funcionar como operadores de próclise no interior da própria construção. Examina-se a ausência de qualquer item e os seguintes fatores presentes:

##### (a) *Preposição 'a':*

(173) Se o governo federal **continuar a se comportar** assim, entraremos em breve no Guinness Book (o Livro dos Recordes) como o país que mais arrecada e menos investe em prol da sociedade, que, infelizmente, sobrevive sem o mínimo necessário, observando, estupefata, seus próprios recursos financeiros dilapidados pela gula insaciável da atual administração pública, visando apenas e tão somente a abastecer os cofres públicos. (PB, *carta*, 2006)

##### (b) *Preposição 'de':*

(174) as palavras saem cuidadosas... mas fica uma ideia... quem o pôs lá... é que **tem de o tirar**... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(c) *Preposição 'por'*:

(175) A decisão corajosa da Academia norueguesa funciona assim como uma espécie de abalo na consciência crítica do Ocidente, que sempre exigiu respeito por valores inegociáveis a países débeis, mas que **acabou por os esquecer** quando os negócios e o crescimento económico ficaram em causa. (PE, *editorial*, 2010)

(d) *Conjunção 'que'*:

(176) É que qualquer campanha que promova a ideia de que o aborto é fácil, grátis, feito sem que **se tenha que responder** a quaisquer perguntas “invasivas da privacidade” e sem que ninguém tenha que sabe; só poderá ter como consequência a diminuição da contraceção e o aumento do número de mulheres que recorrem ao aborto. (PE, *carta*, 2002)

(e) *Sintagma*:

(177) [pô mas olha que]... que ideia... que ideia si/ eu tô mostrando / eu **tô aqui me deliciando**... (PB, *entrevista*, 12/11/2009)

(f) *Oração intercalada*:

(178) e então... ahn::... pronto... eu tento dar... e **vou... se Deus quiser... dar-lhes / deixar-lhes** tudo o que puder... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

**4.3.1.2.4 Tipo de complexo verbal**

Os diferentes tipos de complexos verbais aos quais os pronomes átonos se relacionam, definidos de acordo com as naturezas de V1 e de V2, mostram-se significativos para a diferenciação na colocação pronominal (BIAZOLLI, 2010; RODRIGUES COELHO, 2011; dentre outros trabalhos).

Em conformidade com a discussão levantada a respeito da (semi)auxiliaridade de um dos verbos que compõe o complexo, sugerindo-se uma escala de auxiliaridade, que comece pelos verbos que se enquadram na categoria de auxiliar até contemplar aqueles que mais se afastam dessa natureza<sup>105</sup>, investigam-se:

(a) *Tempos compostos (ter + participípio / haver + participípio)*:

(179) Agradeço a meu marido por **ter-me presenteado** com esse belo livro, que me proporcionou muitas horas prazerosas. (PB, *carta*, 2010)

(b) *Construções passivas (ser + participípio / estar + participípio)*:

(180) Ou seja, o actual estado das coisas propicia uma dupla injustiça: nem o Estado é ressarcido dos meios que **lhe são extorquidos**, nem as pessoas envolvidas nestes casos vêem a sua responsabilidade apurada de forma rápida e objectiva. (PE, *editorial*, 2005)

---

<sup>105</sup> Cf. subsecção 4.2.2.2.

(c) *Construções temporais (ir + infinitivo; vir + infinitivo) e construções aspectuais (ir/vir/estar + gerúndio; estar (a) + infinitivo):*

(181) o contraste pode ser duro quando os números dão conta dos mais velhos que ninguém quer saber... são muitos os que ficam nos hospitais sem alguém que **os vá buscar** para os levar para casa... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(182) eu odeio a palavra monólogo... porque monólogo implica em você lá... é uma coisa interior... que você **está se expondo**... não é?... (PB, *entrevista*, 12/11/2009)

(d) *Construções modais (haver (de/que) + infinitivo; ter + (de/que) + infinitivo; poder + infinitivo; dever + infinitivo; precisar + infinitivo) e construções aspectuais (acabar + gerúndio; acabar (a/de/por) + infinitivo; terminar (de) + infinitivo; chegar (a) + infinitivo; começar (a/por) + infinitivo; voltar (a) + infinitivo; tornar-se (a) + infinitivo; passar (a) + infinitivo; continuar + gerúndio; continuar (a) + infinitivo; ficar + gerúndio; ficar (a) + infinitivo; deixar (de) + infinitivo; dentre outros):*

(183) só que... agora... os Da Vinci **tinham de se habituar** a ir também a sítios menos recomendáveis como... (PE, *entrevista*, 08/05/2010)

(184) Embora se declarasse “muito indignado” não propriamente com as evidências de corrupção que têm vindo à tona, mas com o “tal de diz-que-diz” a que reduziu a crise política por elas provocada, o presidente Lula, anteontem em Bagé, **tornou a se orgulhar** de ter “vergonha na cara” e tornou a advertir que “todos que erraram, sejam do meu partido ou de outro, têm de pagar”. (PB, *editorial*, 2005)

(e) *Construções com verbos que apresentam mesmo referente-sujeito, mas com certa independência semântica – verbos volitivos/optativos ou declarativos – (querer, desejar, tentar, procurar, conseguir, ousar, decidir, pretender, dizer; dentre outros):*

(185) Em artigo publicado no PÚBLICO em 26/03/03 o seu director, José Manuel Fernandes, esclarece as razões por que apoia esta guerra, referindo no texto que sabe que “há o risco de abrir uma perigosa caixa de Pandora”. Eu **queria dizer-lhe** que penso que a caixa já foi aberta. (PE, *carta*, 2003)

Outros dois tipos de construção verbal aparecem entre os casos: (i) aqueles em que V1 e V2 configuram duas orações, não partilhando o mesmo referente-sujeito (trata-se, geralmente, de verbos causativos e sensitivos) e (ii) aqueles que se caracterizam como duas orações independentes, sendo que o segundo verbo integra o sujeito de V1 (como exemplos, estruturas com os verbos *faltar* e *caber*). Pelo fato de, para esta pesquisa, interessar os complexos que apresentam certa coesão e admitem a colocação pronominal alternada nas posições pré, intra e pós-complexo verbal sem prejuízo de significado, excluíram-se esses dados, que apresentam nenhum ou pouco grau de auxiliaridade, dos materiais analisados.

### 4.3.2 Variável independente não linguística

Sabe-se que “toda língua comporta variantes: (i) em função da identidade social do emissor, (ii) em função da identidade social do receptor, (iii) em função das condições de produção discursiva” (CAMACHO, 2001, p. 57-58), isto é, em razão de variáveis não linguísticas. Nesta pesquisa, fundamentada teoricamente nas correlações entre variação, estilo e gêneros textuais, volta-se à análise dos gêneros a partir das suas condições de produção/recepção.

#### 4.3.2.1 Características situacionais dos gêneros textuais

Os gêneros textuais jornalísticos são examinados, neste estudo, segundo as características situacionais que os compõem. Desse modo, postos em comparação, os gêneros podem ser correlacionados aos *continua* estilístico e fala/escrita.

O agrupamento dessas características se pauta na lista proposta por Biber e Conrad (2009), apresentada no quadro seguinte em uma versão traduzida e adaptada aos interesses desta pesquisa. Nesta subseção, descreve-se brevemente cada um dos fatores contextuais abordados, para que, na discussão dos resultados, essas especificações sejam compreendidas quando relacionadas à *entrevista na TV*, ao *noticiário de TV*, à *carta do leitor* e ao *editorial*.

Quadro 14. Características situacionais dos gêneros textuais

<p><b>I. Participantes</b></p> <p>A. Emissor(es) (i. e., falante ou autor)</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. único / mais de um / institucional / não identificado</li> <li>2. características sociais: idade, educação, profissão, etc.</li> </ol> <p>B. Destinatário</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. único / mais de um / não enumerado</li> <li>2. o próprio falante ou autor / outro(s)</li> </ol> <p>C. Existem espectadores?</p>	<p><b>II. Relações entre participantes</b></p> <p>A. Interatividade</p> <p>B. Papéis sociais: <i>status</i> relativo ou poder</p> <p>C. Relações pessoais: p. ex., amigos, colegas, estranhos</p> <p>D. Conhecimento compartilhado: pessoal e especializado</p>
<p><b>III. Canal</b></p> <p>A. Modo: fala / escrita</p> <p>B. Meio específico:</p> <p>Permanente: gravado / transcrito / pintado / escrito à mão / e-mail / etc.</p> <p>Discurso transitório: face a face / telefone / rádio / TV / etc.</p>	<p><b>IV. Condições de produção:</b> tempo real / planejada / segue um roteiro / revisada e editada</p>
<p><b>V. Cenário</b></p> <p>A. Lugar e tempo da comunicação são compartilhados pelos participantes?</p> <p>B. Lugar da comunicação</p> <ol style="list-style-type: none"> <li>1. Privado / público</li> <li>2. Cenário específico</li> </ol> <p>C. Tempo: contemporâneo, período histórico</p>	<p><b>VI. Propósitos comunicativos</b></p> <p>A. Propósitos gerais: narrar / relatar, descrever, detalhar / informar / explicar, persuadir, como fazer / procedimentos, entreter, edificar, autopromover-se</p> <p>B. Propósitos específicos: p. ex., sumarizar informações de numerosas fontes, descrever métodos, apresentar novas descobertas pesquisadas, ensinar moral através de uma história pessoal</p> <p>C. Factualidade: factual, opinião, especulação, imaginação</p> <p>D. Expressão de posicionamento: epistêmica, pessoal, nenhuma postura</p>
<p><b>VII. Tópico</b></p> <p>A. Tópico geral: por exemplo, doméstico, atividades diárias, negócios / local de trabalho, ciência, educação / academia, governo / justiça / política, religião, esportes, artes / entretenimento, etc.</p> <p>B. Tópico específico</p>	

Fonte: Adaptação de Biber e Conrad (2009, p. 40)

Os *participantes* são a(s) pessoa(s) que produz(em) o texto e a(s) pessoa(s) para quem o texto é endereçado. Alguns gêneros falados são produzidos por indivíduos que são prontamente identificados. Nos gêneros escritos, por sua vez, o emissor pode ser menos aparente ou, ainda, o texto escrito pode ser atribuído a alguma instituição e não a algum indivíduo. No que se refere ao destinatário, os textos podem ser endereçados a uma única pessoa, a múltiplas pessoas ou, também, a um conjunto não enumerado de pessoas. Neste último

caso, por exemplo, embora alguns meios sejam utilizados para estipular qual é o público padrão, não é possível especificar exatamente como é formado o conjunto de indivíduos que assiste a um programa televisivo ou acompanha as edições de um determinado periódico. E, por fim, o contexto situacional para alguns gêneros inclui um grupo de espectadores, participantes que observam mas não são destinatários diretos do gênero.

Após a identificação dos participantes, convém descrever a *relação* entre eles. O ponto principal é avaliar o quanto os participantes interagem entre si. De um lado, estão os gêneros em que emissor e destinatário são capazes de responder um ao outro diretamente e, do outro, agrupam-se os gêneros em que a própria identificação do autor já é difícil, acarretando, portanto, na impossibilidade de haver um diálogo entre os interlocutores da comunicação. Consideram-se também, nesse âmbito, os papéis sociais e as relações pessoais dos participantes. Em muitos casos, os participantes podem ser socialmente equivalentes, no entanto, em outros, as diferenças sociais entre eles podem ser relevantes, visto que diferenças de poder podem influenciar em escolhas linguísticas diversas. O conhecimento de mundo, compartilhado ou não entre os participantes, também condiciona a comunicação.

Uma diferença bastante óbvia entre os gêneros é o *canal* ou *modo*. A diferença entre a fala e a escrita está entrelaçada com outras características. Por exemplo, gêneros falados quase sempre têm emissor e destinatário específicos, enquanto os gêneros escritos podem ter um emissor institucional e um conjunto não enumerado de destinatários. Entre outros aspectos, a interatividade entre os participantes, as condições de produção e mesmo os propósitos comunicativos também podem divergir de acordo com a modalidade da língua. Por essas razões, dá-se bastante atenção, nesta pesquisa, à gradação entre a fala e a escrita.

As *condições de produção* estão diretamente relacionadas ao canal. Elas possibilitam a efetivação de um evento comunicativo e são distintas em cada modalidade.

O *cenário* se refere ao contexto físico da comunicação – o tempo e o lugar. Uma consideração importante é se o tempo e o lugar são compartilhados pelos participantes. Em muitos gêneros falados, os participantes compartilham o contexto físico e podem se referir diretamente a ele. Tal referência nem sempre é apropriada em muitos gêneros escritos, entretanto, em alguns textos escritos, o escritor assume que o leitor tem conhecimento do tempo e do lugar da produção. Em textos jornalísticos, por exemplo, faz-se menção aos dias da semana, indicando, inclusive, que o material se destina a ser lido no dia em que foi produzido.

É igualmente adequado considerar o porquê de uma comunicação, ou seja, o seu *propósito comunicativo*. Os propósitos podem ser descritos nos mais variados níveis, usualmente, representados nos âmbitos geral e específico. Outros dois parâmetros relacionados



aos propósitos são facticidade e a expressão de posicionamento. Avalia-se, no primeiro, se o emissor transmite uma informação factual, uma opinião pessoal, uma especulação ou algo fictício, fantasioso, e, no segundo, em que medida a informação transmitida carrega algum posicionamento, pessoal ou generalizável, ou, ainda, se o carrega, sendo comuns textos em que não se vê nenhuma postura, por simplesmente só declararem algum acontecimento.

Finalmente, o *tópico* é uma categoria que pode ser considerada em muitos diferentes níveis. É possível distingui-lo de modo geral, e são muitos, mas, em qualquer texto, sempre haverá tópicos específicos.

Como mencionado anteriormente, de um gênero jornalístico em foco para outro, nem sempre todas essas características se alternarão. Desse modo, a depender do fator contextual, as especificações de dois (ou mais de dois) gêneros considerados neste estudo, por exemplo, poderão ser as mesmas.

#### **4.4 Decisões metodológicas e o tratamento estatístico fornecido pelo pacote de programas *Goldvarb X***

Depois de coletadas todas as ocorrências de clíticos pronominais adjungidos a lexias verbais simples e complexas, nos quatro gêneros jornalísticos estudados, e feitas as suas codificações, segundo os fatores condicionantes linguísticos apresentados no decorrer desta seção, fez-se uso do pacote de programas estatísticos Goldvarb X (SANKOFF et al., 2005). No âmbito das lexias verbais simples, o programa forneceu (i) o índice de aplicabilidade geral das variantes; (ii) as frequências (absolutas e percentuais) e os pesos relativos dessas variantes conforme cada variável linguística analisada; (iii) as variáveis linguísticas relevantes (e não relevantes) para a manifestação da variável dependente; e (iv) o cruzamento entre os grupos de fatores observados. Sobre os casos de complexos verbais, o programa também apresentou essas informações, salvo os pesos relativos, dado que, nesse contexto, trabalhou-se com uma variável eneária.

Cabe esclarecer que se tentou reduzir essa variável eneária a binária, entretanto, os poucos dados presentes em alguns dos gêneros fizeram com que as rodadas tivessem um número bastante elevado de nocautes, impossibilitando, de qualquer modo, chegar-se aos pesos relativos. As informações que esses pesos ofereceriam às análises puderam ser buscadas nos cálculos dos cruzamentos entre as variáveis, que também viabilizam observar a interação (ou não) dos fatores (TAGLIAMONTE, 2006).

As análises foram separadas por lexias (simples e complexas), como já mencionado, por gêneros textuais (*entrevista na TV, noticiário de TV, carta de leitor e editorial*) e por variedade contemplada (PE e PB).

Inicialmente, fizeram-se rodadas com todos os fatores integrantes das variáveis linguísticas determinadas<sup>106</sup>. Os resultados permitiram ter uma ideia geral dos efeitos de todos os fatores codificados e, então, optar por algumas medidas fundamentais para a continuidade da investigação. Após diversas rodadas e combinações, por um lado, foram eliminados alguns fatores com um número bastante restrito de dados e, inclusive, uma variável que não só se mostrou irrelevante para o fenômeno, mas, também, dificultava o desenvolvimento da análise estatística – a saber, a *natureza do constituinte interveniente entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl (ou grupo cl VI V2 / VI(-) V2 / VI V2-cl)* –; e, por outro, identificaram-se possíveis associações de fatores, culminando em amálgamas e na redefinição de determinados grupos. Os amálgamas, como Guy e Zilles (2007) propõem, justificaram-se tanto teórica quanto quantitativamente, já que os fatores amalgamados, em geral, apresentavam semelhanças linguísticas e quantitativas.

Após essas decisões, outras rodadas foram realizadas, divididas, novamente, por lexia verbal, gênero textual e variedade do português. No caso das lexias verbais simples, agora, também foram executadas as análises multivariadas, que destacaram os pesos relativos e as variáveis linguísticas condicionantes do fenômeno da colocação. Como valor de aplicação, elegeu-se, nos dados do PE e do PB, a variante pré-verbal. A interpretação final dos resultados se baseou, assim, nessas últimas rodadas feitas<sup>107</sup>.

Nos próximos quadros, listam-se as variáveis examinadas, de acordo com a configuração inicial e, em seguida, com a junção de fatores e outros rearranjos.

---

<sup>106</sup> Cf. apêndices C e D.

<sup>107</sup> Outros detalhes referentes ao tratamento estatístico aparecem na seção de apresentação/discussão dos resultados, em virtude de, para alguns gêneros específicos, ainda outras medidas terem sido adotadas.

Quadro 15. Relação inicial das variáveis independentes linguísticas examinadas

LVS	LVC
<p>1) <i>Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl</i>: ausência de elemento (proclisador); SN sujeito nominal simples; SN sujeito nominal complexo; SN sujeito pronome pessoal; SN sujeito pronome indefinido; SN sujeito pronome demonstrativo; sujeito oracional; SPrep; predicativo do sujeito; partícula/sintagma de negação; advérbio – um só vocábulo (canônico); advérbio – um só vocábulo (não canônico); advérbio terminado com sufixo – <i>mente</i>; locução adverbial; preposição <i>para</i>; preposição <i>a</i>; preposição <i>de</i>; preposição <i>por</i>; preposição <i>sem</i>; preposição <i>em</i>; locução prepositiva; conj. coord. aditiva; conj. coord. alternativa; conj. coord. adversativa; conj. coord. conclusiva; conj. coord. explicativa; conj. subordinativa; pronome relativo <i>que</i>; outros pronomes/advérbios relativos; conj. integrante <i>que</i>; conj. integrante <i>se</i>; <i>que</i> em estruturas clivadas; <i>que</i> em locuções conjuntivas; <i>que</i> exclamativo; palavra QU interrogativa do tipo pronominal; palavra QU do tipo interrogativa do tipo adverbial; hesitações/truncamentos</p> <p>2) <i>Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl</i> (nº. de sílabas): 0 sílabas; 1 a 2 sílabas; 3 a 5 sílabas; 6 a 10 sílabas; 11 ou mais sílabas</p> <p>3) <i>Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl</i> (natureza do constituinte): SN simples; SN complexo; SPrep; SAdj; SAdv; SV; SO; conjunção; 2 ou mais constituintes de naturezas diversas</p> <p>4) <i>Tipo de clítico</i>: me; te; o(s)/a(s); lhe(s); se; nos; vos</p> <p>5) <i>Função do clítico</i>: argumental; não argumental; inerência/reflexividade; apassivação; indeterminação</p> <p>6) <i>Forma verbal do hospedeiro</i>: pres. ind.; pret. perf. ind.; pret. imperf. ind.; pret. m.-q.-perf. ind.; fut. pres. ind.; fut. pret. ind.; pres. subj.; pret. imperf. subj.; fut. subj.; imperat. afirmativo; imperat. negativo; infinitivo; gerúndio</p>	<p>1) <i>Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V1 V2 ou VI(-)cl V2 ou V1 V2-cl</i>: mesmos fatores de LVS</p> <p>2) <i>Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V1 V2 ou VI(-)cl V2 ou V1 V2-cl</i> (nº. de sílabas): mesmos fatores de LVS</p> <p>3) <i>Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V1 V2 ou VI(-)cl V2 ou V1 V2-cl</i> (natureza do constituinte): mesmos fatores de LVS</p> <p>4) <i>Tipo de clítico</i>: mesmos fatores de LVS</p> <p>5) <i>Função do clítico</i>: mesmos fatores de LVS</p> <p>6) <i>Forma do primeiro verbo do complexo</i>: mesmos fatores de LVS (da variável <i>forma verbal do hospedeiro</i>)</p> <p>7) <i>Forma do segundo verbo do complexo</i>: infinitivo; gerúndio; particípio</p> <p>8) <i>Tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo</i>: preposição <i>a</i>; preposição <i>de</i>; preposição <i>por</i>; conjunção <i>que</i>; sintagma; oração intercalada</p> <p>9) <i>Tipo de complexo verbal</i>: tempos compostos; construções passivas; construções temporais + construções aspectuais; construções modais + construções aspectuais; construções com verbos com mesmo referente-sujeito</p>

Quadro 16. Relação final das variáveis independentes linguísticas examinadas

LVS	LVC
<p>1) <i>Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>ausência de elemento (proclisador)</u></li> <li>- <u>SN sujeito</u> (SN sujeito nominal simples; SN sujeito nominal complexo; SN sujeito pronome pessoal; SN sujeito pronome indefinido; SN sujeito pronome demonstrativo)</li> <li>- <u>SPrep</u></li> <li>- <u>partícula/sintagma de negação</u></li> <li>- <u>advérbio</u> – um só vocábulo – <u>canônico</u></li> <li>- <u>advérbio não canônico</u> (advérbio terminado com sufixo <i>-mente</i>; locução adverbial)</li> <li>- <u>preposição</u> (preposição <i>para</i>; preposição <i>a</i>; preposição <i>de</i>; preposição <i>por</i>; preposição <i>sem</i>; preposição <i>em</i>; locução prepositiva)</li> <li>- <u>conjunção coordenativa</u> (conj. coord. aditiva; conj. coord. alternativa; conj. coord. adversativa; conj. coord. conclusiva; conj. coord. explicativa)</li> <li>- <u>elemento subordinativo</u> (conj. subordinativa; pronome relativo <i>que</i>; outros pronomes/advérbios relativos; conj. integrante <i>que</i>; conj. integrante <i>se</i>; <i>que</i> em estruturas clivadas; <i>que</i> em locuções conjuntivas; <i>que</i> exclamativo; palavra QU interrogativa do tipo pronominal; palavra QU do tipo interrogativa do tipo adverbial)</li> </ul> <p>2) <i>Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>adjacente</u> (0 sílabas)</li> <li>- <u>não adjacente</u> (1 a 2 sílabas; 3 a 5 sílabas; 6 a 10 sílabas; 11 ou mais sílabas)</li> </ul> <p>3) <i>Tipo de clítico:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>me/nos/te/vos</u></li> <li>- <u>o(s)/a(s)</u></li> <li>- <u>lhe(s)</u></li> <li>- <u>se</u></li> </ul> <p>4) <i>Função do clítico:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>argumental</u></li> <li>- <u>não argumental</u></li> <li>- <u>inerência/reflexividade</u></li> <li>- <u>apassivação</u></li> <li>- <u>indeterminação</u></li> </ul> <p>5) <i>Forma verbal do hospedeiro:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>tempos do indicativo (- futuros)</u> (pres. ind.; pret. perf. ind.; pret. imperf. ind.; pret. m.-q.-perf. ind.)</li> <li>- <u>tempos do indicativo</u> (fut. pres. ind.; fut. pret. ind.)</li> <li>- <u>tempos do subjuntivo</u> (pres. subj.; pret. imperf. subj.; fut. subj.)</li> <li>- <u>imperativo</u> (afirmativo; negativo)</li> <li>- <u>infinitivo</u></li> <li>- <u>gerúndio</u></li> </ul>	<p>1) <i>Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl VI V2 ou VI(-)cl V2 ou VI V2-cl:</i> mesmos fatores de LVS</p> <p>2) <i>Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl VI V2 ou VI(-)cl V2 ou VI V2-cl:</i> mesmos fatores de LVS</p> <p>3) <i>Tipo de clítico:</i> mesmos fatores de LVS</p> <p>4) <i>Função do clítico:</i> mesmos fatores de LVS</p> <p>5) <i>Forma do primeiro verbo do complexo:</i> mesmos fatores de LVS (da variável <i>forma verbal do hospedeiro</i>)</p> <p>6) <i>Forma do segundo verbo do complexo:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>infinitivo</u></li> <li>- <u>gerúndio</u></li> <li>- <u>particípio</u></li> </ul> <p>7) <i>Tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>ausente</u></li> <li>- <u>presente</u> (preposição <i>a</i>; preposição <i>de</i>; preposição <i>por</i>; conjunção <i>que</i>; sintagma; oração intercalada)</li> </ul> <p>8) <i>Tipo de complexo verbal:</i></p> <ul style="list-style-type: none"> <li>- <u>tempos compostos</u></li> <li>- <u>construções passivas</u></li> <li>- <u>construções temporais + construções aspectuais</u></li> <li>- <u>construções modais + construções aspectuais</u></li> <li>- <u>construções com verbos com mesmo referente-sujeito</u></li> </ul>

#### 4.5 As etapas da investigação qualitativa dos gêneros textuais jornalísticos examinados

A fim de que fossem avaliadas possíveis interferências de elementos externos no fenômeno da colocação pronominal, investiu-se na análise dos próprios gêneros textuais jornalísticos, para que, em seguida, tais gêneros fossem dispostos nos *continua* estilístico e fala/escrita.

Os gêneros *entrevista na TV*, *noticiário de TV*, *carta do leitor* e *editorial* foram discutidos, e comparados entre si, segundo as características situacionais envolvidas na produção/recepção de qualquer gênero textual, abordadas por Biber e Conrad (2009)<sup>108</sup>. Diante de suas especificações, propôs-se uma hierarquização entre eles, partindo do extremo da fala, de menor monitoramento e menor formalidade, ao qual se associou o gênero *entrevista na TV*, até o extremo da escrita, de maior monitoramento e maior formalidade, onde se encaixou o gênero *editorial*. O gênero *noticiário de TV* se posicionou em uma escala intermediária e o gênero *carta do leitor* se aproximou bastante dos textos que corporificavam os editoriais.

Após a descrição minuciosa dos condicionamentos linguísticos favorecedores da colocação pronominal nas duas variedades do português contempladas, julgou-se mais produtivo direcionar essa análise qualitativa dos gêneros aos resultados originários do PB. Avaliou-se como os pronomes clíticos se comportaram em relação às diferentes situações comunicativas investigadas. Naquele momento, excluíram-se das amostras os registros de clítico acusativo *o(s)/a(s)* adjacente a formas infinitivas, visto que, como comprovado anteriormente, por se tratarem de casos relacionados à motivação interna bastante específica – ênclise a um verbo simples e ênclise a um segundo verbo de um complexo –, poderiam ter enviesado a discussão.

Por último, depois de destacados os gêneros como motivadores das formas alternantes de colocação pronominal e de ter sido confirmada a funcionalidade de se observar os *continua* em estudos de fenômenos variáveis, discorreu-se sobre os entrecruzamentos entre variação, estilo, gêneros textuais, fala/escrita e normas linguísticas, levantados principalmente nos fundamentos teóricos desta tese.

---

<sup>108</sup> Cf. quadro 14.

## 5 APRESENTAÇÃO E DISCUSSÃO DOS RESULTADOS

*E não desconfiemos da nossa língua, porque os homens fazem a língua, e não a língua os homens.*

(OLIVEIRA, 2012[1536], p. 57)

*Me dá! – Dá-me! – Me dá! digo eu – Erra, imbecil!  
– Bruto! erro em Portugal, acerto no Brasil!*

(RAMOS apud ANDRADE, 1972, p. 268)

Os resultados apresentados provêm da análise de dados dos programas televisivos *Herman (2010-2013)* e *Jornal da Noite* e do periódico impresso *Público*, para a variedade europeia do português, e, quanto ao PB, reúnem-se registros do *Programa do Jô*, do *Jornal Nacional* e do diário *O Estado de S. Paulo*, como mencionado anteriormente.

Discute-se, a princípio, a atuação de fatores linguísticos na realização do fenômeno, nos contextos de lexias verbais simples e de complexas verbais. Dentro da descrição isolada de cada um desses contextos, relacionam-se os dados aos gêneros textuais investigados – *entrevista na TV*, *noticiário de TV*, *carta do leitor* e *editorial*. Em seguida, avalia-se o comportamento dos pronomes clíticos segundo os próprios gêneros jornalísticos e os *continua* estilístico e fala/escrita. A quantificação dos dados, composta de análises uni e multivariadas e de cruzamentos, valeu-se do programa Goldvarb X (SANKOFF et al., 2005). Complementando-a, e em função do interesse pelas características situacionais dos gêneros pesquisados, e as suas possíveis inter-relações com a colocação pronominal, fez-se também uma análise qualitativa dos casos encontrados<sup>109</sup>.

Nas tabelas seguintes, mostram-se a distribuição geral de todas as ocorrências de clíticos pronominais coletadas nas variedades europeia e brasileira do português e esse mesmo ordenamento de dados segundo cada gênero jornalístico estudado. Entre lexias verbais simples e complexas, investigou-se um total de 2.953 clíticos.

Tabela 9. Distribuição geral das ocorrências de clíticos pronominais no PE e no PB

	PE	PB	Total
<b>Lexias verbais simples (LVS)</b>	1.509	922	2.431
<b>Lexias verbais complexas (LVC)</b>	321	201	522
Total	1.830	1.123	2.953

<sup>109</sup> Os procedimentos efetuados referentes ao tratamento dos dados podem ser revistos na seção 4.

Tabela 10. Distribuição geral das ocorrências de clíticos pronominais no PE e no PB, de acordo com o tipo de lexia e o gênero jornalístico

Gênero	PE		PB		Total	
	LVS	LVC	LVS	LVC	LVS	LVC
<i>Entrevista na TV</i>	344	77	136	50	480	127
<i>Noticiário de TV</i>	193	41	103	20	296	61
<i>Carta do Leitor</i>	529	99	417	77	946	176
<i>Editorial</i>	443	104	266	54	709	158
Total	1.509	321	922	201	2.431	522

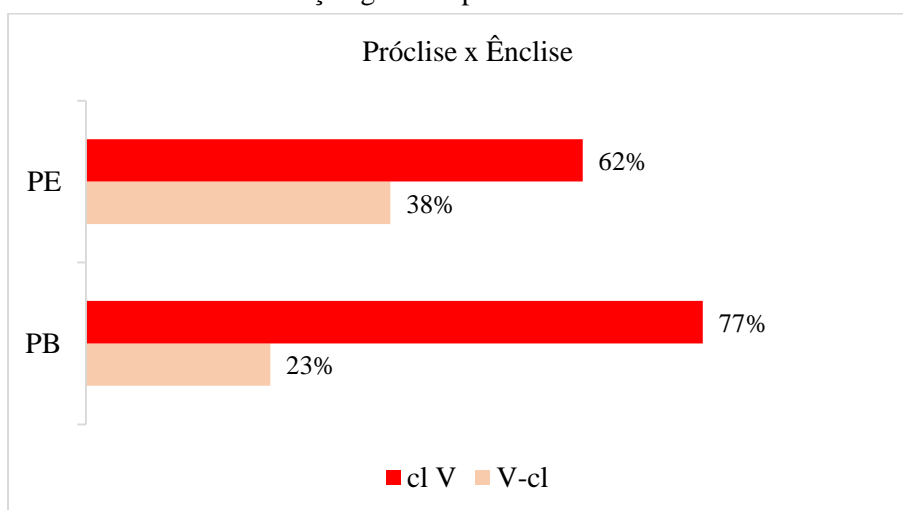
Lembrando-se de que os *corpora* português e brasileiro foram organizados de acordo com um número aproximado de palavras, para que o estudo comparativo pudesse de fato ser feito, a quantidade maior de pronomes clíticos no material português (1.830 dados (62%) no PE e 1.123 (38%) no PB) atesta o que há muito vem sendo descrito em estudos linguísticos: a produtividade desses pronomes é mais significativa no PE. De modo geral, os clíticos, principalmente os de terceira pessoa, estão em declínio no PB (cf. DUARTE, M. E. L, 1986; PAGOTTO, 1992; CYRINO, 1996; dentre outros trabalhos). Dessa maneira, em termos quantitativos, a diferença no total de dados entre as ocorrências do PE e do PB só não é maior por se tratar de textos jornalísticos, os quais, veiculados na televisão ou em periódicos impressos e elaborados com certa formalidade (uns mais e outros menos), propiciam, no caso do PB, maior abertura à utilização de pronomes átonos.

Ao se observarem os números totais de ocorrência dos pronomes segundo cada gênero textual analisado, destacam-se praticamente as mesmas tendências em ambas as variedades. Quanto aos dados de cliticização a lexias verbais simples em especial, os pronomes átonos foram mais recorrentes nas cartas, nos editoriais, nas entrevistas e nos noticiários, nessa devida ordem, tanto no PE quanto no PB. O predomínio de clíticos na escrita (meio gráfico), se pensado fundamentalmente em relação à variedade brasileira, pode ser justificado pela realidade de esses pronomes, sobretudo os de terceira pessoa, serem aprendidos na escola (CORRÊA, V. R., 1991; RODRIGUES COELHO, 2011), sendo postos em prática em um primeiro momento na escrita e, só depois, na fala. Acrescido a essa constatação, e agora se referindo também aos resultados do PE, outro fator que acentua os altos números de clíticos nos gêneros *carta do leitor* e *editorial* (somados, ultrapassam o dobro dos casos, também somados, dos outros dois gêneros) é a presença massiva do “famigerado” *se* (NUNES, J. M., 1990) nos textos que os representam.

### 5.1 Lexias verbais simples [cl V x V-cl]: resultados gerais

A princípio, em um conjunto de 2.431 dados, estando relacionados 1.509 à variedade europeia e 922 ao PB, os clíticos apareceram 937 vezes proclíticos e 572 enclíticos no PE, enquanto na variedade brasileira a distribuição se deu entre 714 e 208 pronomes, nessa ordem, nas posições pré e pós-verbais. Os percentuais de próclise e ênclise em cada variedade, incluindo os dados de todos os gêneros consultados, independentemente dos contextos aos quais os clíticos pertenciam, estão no gráfico a seguir.

Gráfico 1. Distribuição geral de próclise e ênclise no PE e no PB



À frente de índices gerais que mostram um número maior de próclise nas duas amostras, opondo-se inclusive ao que as abordagens tradicional e descritiva apresentam em relação à preferência de colocação no PE<sup>110</sup>, torna-se indispensável detalhar cada registro encontrado a partir do contexto linguístico ao qual o pronome clítico estava submetido. Diante dessa decisão, as singularidades e as semelhanças de/entre cada variedade investigada ficam mais evidentes, ao mesmo tempo que a interpretação dos resultados numéricos passa a ser mais precisa.

Em função dessa necessidade de detalhamento, e levando em consideração uma das variáveis linguísticas mais significativa à posição de clíticos pronominais (cf. VIEIRA, S. R., 2002; NUNES, C. da S., 2009; BIAZOLLI, 2010; PETERSON, 2010; dentre outras pesquisas) – a variável *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl* –, separam-se os pronomes átonos extraídos dos *corpora* de acordo com os seguintes casos: (i) clítico adjacente a verbo em posição de início absoluto de oração/período; (ii) grupo cl V ou V-cl antecedido de

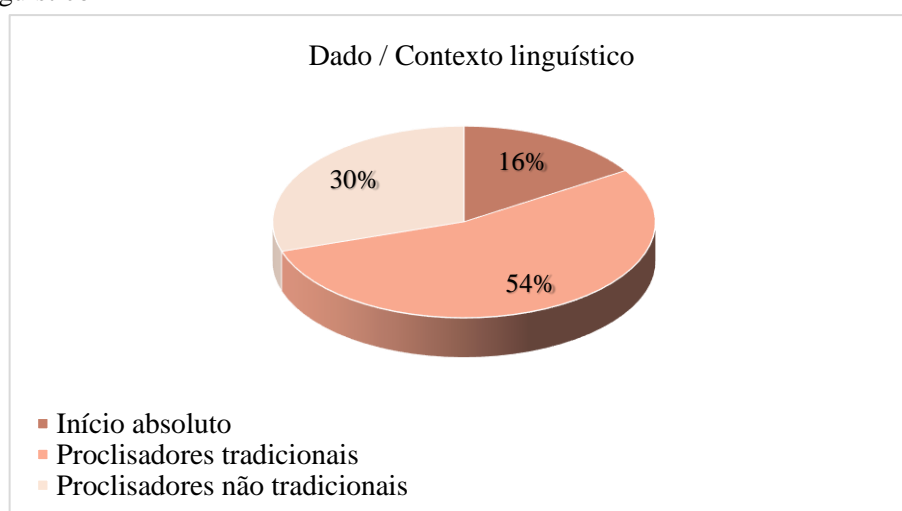
<sup>110</sup> Cf. seção 2.



elemento considerado tradicionalmente proclisador; e (iii) grupo cl V ou V-cl antecedido de elemento não considerado tradicionalmente proclisador<sup>111</sup>.

Do total de 1.509 dados portugueses, segundo os três contextos apresentados, os clíticos apareceram 241 vezes adjungidos a hospedeiros verbais em posição de início absoluto de oração/período, 819 vezes na presença de proclisadores tradicionais e 449 vezes na presença de proclisadores não tradicionais. Os percentuais referentes a essas frequências absolutas estão no gráfico abaixo.

Gráfico 2. Distribuição das ocorrências de clíticos pronominais em LVS no PE, de acordo com o contexto linguístico



As informações da próxima tabela, referentes à amostra do PE, revelam quais são as colocações pronominais predominantes ao se observar isoladamente cada contexto linguístico.

Tabela 11. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise no PE, de acordo com o contexto linguístico

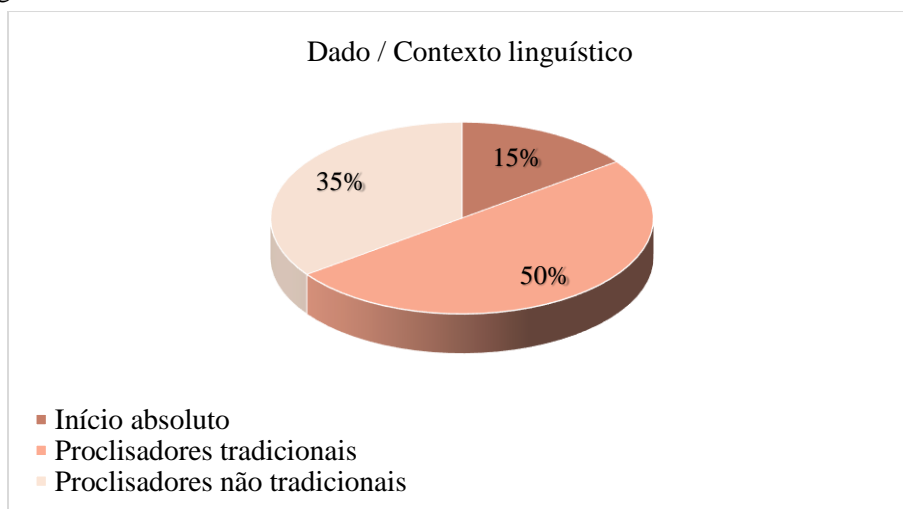
Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PE
	N	F	N	F	
<b>Início absoluto</b>	1	0.4%	240	99.6%	241
<b>Proclisadores tradicionais</b>	795	97%	24	3%	819
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	141	31%	308	69%	449 = 1.509

Os dados brasileiros recebem o mesmo tratamento. Desse modo, dos 922 pronomes átonos coletados, enquanto 136 estavam cliticizados a verbos em início absoluto de

<sup>111</sup> Discute-se a distinção entre proclisadores tradicionais e não tradicionais na seção 4.

oração/período, 460 e 326 tinham como elementos antecedentes, respectivamente, proclisadores tradicionais e não tradicionais, conforme os percentuais em seguida demonstram.

Gráfico 3. Distribuição das ocorrências de clíticos pronominais em LVS no PB, de acordo com o contexto linguístico



Em termos distribucionais, tal como exposto nos gráficos 2 e 3, as amostras analisadas do PE e do PB, para cada um dos contextos linguísticos sublinhados, possuem quantidades similares de dados. Em ambas as variedades, em ordem decrescente, há maior concentração de clíticos pronominais precedidos de proclisadores tradicionais, de proclisadores não tradicionais e em contexto de início absoluto.

Na tabela 12, como feito com os dados portugueses, são apresentados os resultados obtidos das posições pré e pós-verbais na variedade do PB, segundo os contextos linguísticos.

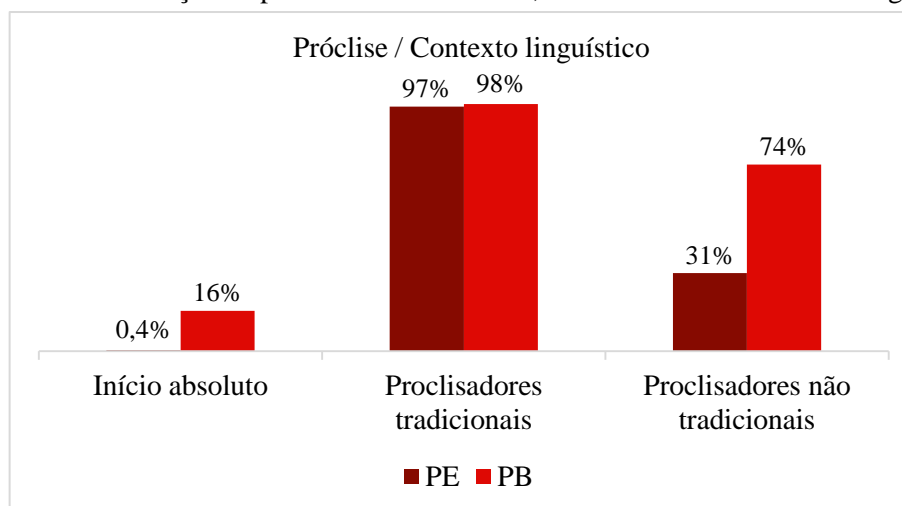
Tabela 12. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise no PB, de acordo com o contexto linguístico

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PB
	N	F	N	F	
<b>Início absoluto</b>	22	16%	114	84%	136
<b>Proclisadores tradicionais</b>	452	98%	8	2%	460
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	240	74%	86	26%	326
					= 922

Ao serem contrastadas as marcas de próclise e ênclise nas duas variedades, verifica-se que o fato de o hospedeiro verbal estar em posição inicial absoluta na oração/período refreia, como já esperado, a colocação proclítica no PE e no PB, entretanto, de modo distinto. Enquanto no PE a próclise em início de oração/período é praticamente inexistente (0.4%), no PB, ainda

que discreta, atinge o índice de 16%. Esse resultado, de acordo com o que ainda será visto, reflete principalmente os dados desse contexto provenientes dos gêneros brasileiros *entrevista na TV* e *noticiário de TV*. Na presença de elementos reconhecidamente apontados como proclisadores, as mesmas tendências são percebidas. Tanto no PE quanto no PB, altas frequências marcam a dominância da próclise com esses constituintes (97% e 98%). Por outro lado, ao considerar o pronome clítico antecedido de proclisadores não tradicionais, inclinações divergentes são notadas, já que, nesse caso, em proporções inversas, há o domínio da ênclise no PE (69%) e o favoritismo da próclise no PB (74%). O gráfico 4, dedicado aos percentuais da colocação pré-verbal nas duas variedades conforme o contexto linguístico em questão, fornece uma interpretação mais clara desses apontamentos.

Gráfico 4. Distribuição de próclise no PE e no PB, de acordo com o contexto linguístico



A análise com base nessa divisão em contextos evidencia tendências opostas quanto às predileções das variantes no PE e no PB, exceto ao se tratar de contextos canônicos – com a presença de certos vocábulos apontados na tradição gramatical como responsáveis pela atração do pronome clítico –, nos quais a posição proclítica é prevista.

Quando constatados os percentuais de próclise com o verbo no início de oração/período e, principalmente, com o grupo cl-V estando precedido de proclisadores não tradicionais (sendo este um contexto no qual se espera maior variação entre as variantes, dada a não existência de elementos que favoreçam a anteposição do pronome), confirma-se o que já tem sido realçado na literatura linguística: a ênclise é a opção não marcada na variedade europeia, enquanto na amostra brasileira é a colocação pré-verbal que se destaca acentuadamente. São os resultados

relacionados a proclisadores não tradicionais que mostram, de modo mais nítido, as preferências dos usuários de cada variedade, no que tange à colocação pronominal.

### **5.1.1 Lexias verbais simples [cl V x V-cl] e o condicionamento linguístico**

Trata-se, aqui, destas variáveis independentes linguísticas: (i) *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl*; (ii) *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*; (iii) *tipo de clítico*; (iv) *função do clítico*; e (v) *forma verbal do hospedeiro*.

No próximo quadro, os grupos de fatores linguísticos são agrupados conforme tenham sido selecionados ou eliminados nas análises multivariadas, de acordo com os gêneros jornalísticos e as variedades estudadas.

Logo na sequência, no espaço reservado à apresentação dos dados de cada gênero jornalístico analisado, discutem-se os resultados pertencentes às variáveis identificadas como influentes no fenômeno em questão<sup>112</sup>, considerando-se a variante proclítica como aplicação da regra.

---

<sup>112</sup> As frequências (absolutas e percentuais) relacionadas às variáveis excluídas, quando não mencionadas neste texto, podem ser consultadas no apêndice E.

Quadro 17. Relação das variáveis independentes linguísticas selecionadas e eliminadas<sup>113</sup>

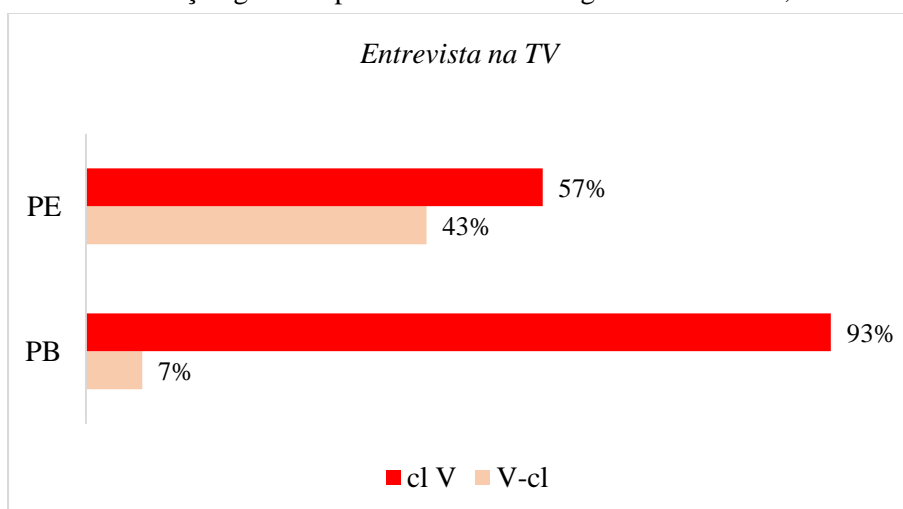
PE	PB
<b>17.1. Variáveis independentes linguísticas selecionadas</b>	
<i>Entrevista na TV</i>	
1ª. Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl; 2ª. Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl.	
<i>Noticiário de TV</i>	
1ª. Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl; 2ª. Forma verbal do hospedeiro; 3ª. Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl.	1ª. Função do clítico; 2ª. Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl.
<i>Carta do leitor</i>	
1ª. Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl.	1ª. Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl; 2ª. Tipo de clítico; 3ª. Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl; 4ª. Forma verbal do hospedeiro.
<i>Editorial</i>	
1ª. Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl.	1ª. Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl; 2ª. Função do clítico; 3ª. Forma verbal do hospedeiro.
<b>17.2. Variáveis independentes linguísticas eliminadas</b>	
<i>Entrevista na TV</i>	
1ª. Função do clítico; 2ª. Tipo de clítico; 3ª. Forma verbal do hospedeiro.	
<i>Noticiário de TV</i>	
1ª. Função do clítico; 2ª. Tipo de clítico.	1ª. Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl; 2ª. Forma verbal do hospedeiro; 3ª. Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl.
<i>Carta do leitor</i>	
1ª. Forma verbal do hospedeiro; 2ª. Função do clítico; 3ª. Tipo de clítico; 4ª. Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl.	1ª. Função do clítico.
<i>Editorial</i>	
1ª. Função do clítico; 2ª. Forma verbal do hospedeiro; 3ª. Tipo de clítico; 4ª. Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl.	1ª. Distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl.

<sup>113</sup> Devido à generalização da próclise, a análise multivariada não pôde ser feita a partir dos dados oriundos do gênero *entrevista na TV*, no PB. Para os gêneros *noticiário de TV* e *editorial*, também referentes ao PB, pelo fato de algumas variáveis, inicialmente, terem sido selecionadas e excluídas ao mesmo tempo, enquanto outras não apareceram nem selecionadas pelo *step-up* nem excluídas pelo *step-down*, diferentes rodadas foram realizadas, com combinações distintas dos grupos de fatores. Essas situações são debatidas ao serem detalhados os resultados de cada gênero separadamente.

### 5.1.1.1 Lexias verbais simples no gênero *entrevista na TV*

No gênero prototípico da fala, foram coletados 344 clíticos no PE e 136 no PB. Após a exclusão de alguns dados – aqueles que representaram contextos de não variação –, consideraram-se, para a amostra portuguesa, 207 pronomes. Destes, 119 estavam à esquerda do verbo e 88 à direita. Para o PB, manteve-se o número já descrito e os dados se dividiram entre 126 pronomes próclíticos e 10 enclíticos. Os percentuais estão no próximo gráfico.

Gráfico 5. Distribuição geral de próclise e ênclise no gênero *entrevista*, no PE e no PB



Para o entendimento completo desses resultados, bem como foi tratado o total de dados reunidos a partir dos quatro gêneros jornalísticos apreciados, distinguem-se os pronomes clíticos presentes nas entrevistas – 344 nas entrevistas portuguesas e 136 nas brasileiras – segundo os três contextos linguísticos apresentados anteriormente. Nas duas tabelas subsequentes, esclarecem-se essas separações nas amostras do PE e do PB, nessa devida ordem.

Tabela 13. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *entrevista*, no PE

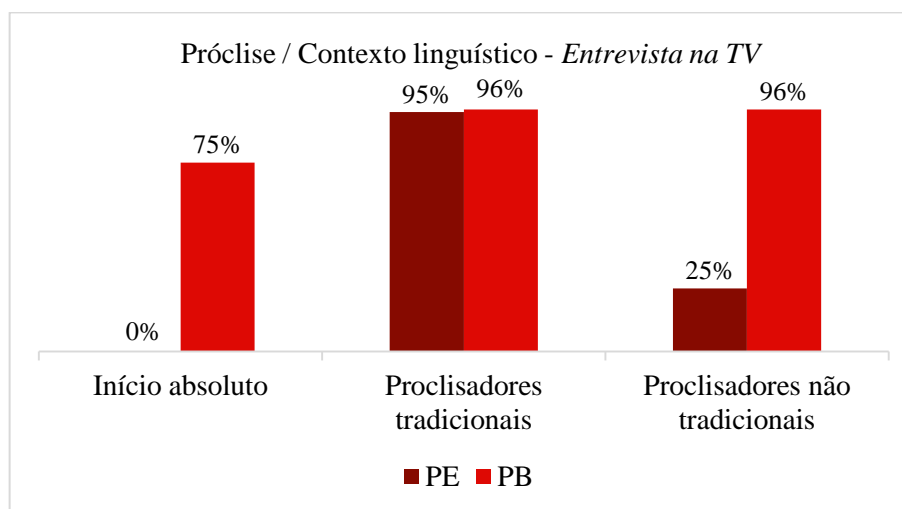
Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PE
	N	F	N	F	
<b>Início absoluto</b>	0	0%	49	100%	49
<b>Proclisadores tradicionais</b>	176	95%	9	5%	185
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	28	25%	82	75%	110 = 344

Tabela 14. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *entrevista*, no PB

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PB	
	N	F	N	F		
<b>Início absoluto</b>	18	75%	6	25%	24	
<b>Proclisadores tradicionais</b>	53	96%	2	4%	55	
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	55	96%	2	4%	57	= 136

Neste gênero, conforme ilustrado no gráfico 6, os altos índices de próclise na amostra brasileira, em particular nos contextos de início absoluto e de proclisadores não tradicionais, denotam que, nessa variedade, a tendência à anteposição do pronome se sobrepõe, inclusive, aos condicionamentos morfossintáticos. Além disso, de modo geral, nas entrevistas, concentra-se a diferença mais saliente entre os percentuais das variantes marcados no PE e os registrados no PB.

Gráfico 6. Distribuição de próclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *entrevista*, no PE e no PB



Nas entrevistas portuguesas, como motivadoras do direcionamento dos clíticos, foram selecionadas, em primeiro lugar, a variável *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl* e, em segundo, a *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*. Em virtude da grande quantidade de contextos categóricos de próclise, não se pôde chegar à análise multivariada dos dados extraídos das entrevistas brasileiras. Exploram-se, portanto, no PB, a distribuição percentual das ocorrências em relação aos mesmos grupos destacados no PE e, quando relevantes, alguns cruzamentos entre os seus fatores e outros contextos controlados.

As tabelas 15 e 16 indicam a posição dos clíticos segundo os tipos de atratores presentes nas entrevistas das duas variedades.

Tabela 15. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *entrevista*, no PE

Tipo de proclisador <sup>114</sup>	PRÓCLISE – PE		
	N/Total	F	PR
<b>Elemento subordinativo</b>	91/100	91%	.897
<b>Preposição</b>	16/18	89%	.780
<b>SPrep</b>	2/8	25%	.129
<b>Advérbio não canônico</b>	2/12	17%	.082
<b>Conjunção coordenativa</b>	4/28	14%	.069
<b>SN sujeito</b>	4/41	10%	.048
Total	119/207	57%	-
<i>Input: 0.650    Significância: 0.007</i>			<i>Range: 849</i>
<b>Nocautes<sup>115</sup></b>			
Ausência de elemento (proclisador)	0/49	0%	-
Partícula/sintagma de negação	45/45	100%	-
Advérbio canônico	18/18	100%	-

<sup>114</sup> Conforme descrito na seção 4, sob os seguintes rótulos estão amalgamados estes itens: a) elemento subordinativo: conjunções subordinativas, pronome relativo *que*, outros pronomes/advérbios relativos, conjunção integrante *que*, conjunção integrante *se*, *que* em estruturas clivadas, *que* em locuções conjuntivas, *que* ‘exclamativos’, palavra QU interrogativa do tipo pronominal e palavra QU interrogativa do tipo adverbial; b) preposição: preposições *para*, *a*, *de*, *por*, *sem*, *em*, *com* e locuções prepositivas; c) advérbio não canônico: advérbios não canônicos, advérbios terminados em *-mente* e locuções adverbiais; d) conjunção coordenativa: conjunções aditiva, alternativa, adversativa, conclusiva e explicativa; e e) SN sujeito: SN sujeito nominal simples, SN sujeito nominal complexo, SN sujeito pronome pessoal, SN sujeito pronome indefinido e SN sujeito pronome demonstrativo.

<sup>115</sup> Embora não seja recorrente em estudos sociolinguísticos a inclusão de nocautes em tabelas, neste trabalho, optou-se por acrescentá-los na relação dos fatores observados, visto que representam um número significativo de dados e se caracterizam como contextos relevantes para a determinação da variante utilizada.



Tabela 16. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *entrevista*, no PB

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Ausência de elemento (proclisador)	18/24	75%
Advérbio canônico	10/12	83%
Preposição	6/8	75%
<b>Nocautes</b>		
Elemento subordinativo	32/32	100%
Partícula/sintagma de negação	11/11	100%
SN sujeito	40/40	100%
Conjunção coordenativa	6/6	100%
Advérbio não canônico	2/2	100%
SPrep	1/1	100%
Total	126/136	93%

Na ausência de elemento (proclisador), enquanto a ênclise é categórica no PE, confirmando o princípio da *Lei de Tobler-Mussafia*, independentemente da modalidade de uso da língua (BRITO; DUARTE; MATOS, 2003[1983]), no PB, a próclise não é refreada nem pelo fato de o verbo hospedeiro começar a sentença. Dos 24 casos registrados em início absoluto de oração/período, 18 são proclíticos (75%) e apenas 6 enclíticos (25%). Quando refinada a análise, no entanto, compreende-se que a realização dos clíticos em posição pós-verbal se dá em uma situação específica. O entrevistador, ao mesmo tempo que interage com a entrevistada, cozinha no estúdio, ditando para ela a receita culinária a ser seguida – ex. (186). Tais dados em ênclise, portanto, justificam-se por pertencerem a outro gênero textual, caracterizado por uma linguagem instrucional com o uso de formas verbais de valor impessoal. Atesta-se, então, neste gênero, a hegemonia das formas clíticas em posição inicial absoluta no PB.

(186) **põe-se** [a língua] aqui e... como você sabe melhor do que eu... tem que ter alimentos das quatro modalidades... aí faz o seguinte... **volta-se** para o panelão... tá?... (PB, *entrevista*, 05/11/2009)

A predominância da anteposição do pronome no PE, nos resultados gerais (57%), deve-se à presença em grande quantidade de operadores de próclise tradicionais; neste caso, os elementos subordinativos. A ênclise após esses constituintes, entretanto, com índice de 9% (9 dados), também é registrada, sendo motivada pelo clítico acusativo de 3ª. pessoa, com o infinitivo, ou pela presença de vocábulos entre o atrator e o grupo verbo-clítico – ex. (187) e (188). Em apenas 3 dados, há, realmente, desobediência à norma-padrão, que prescreve a posição pré-verbal perante termos de natureza subordinativa – ex. (189). Com os demais

proclisadores tradicionais (partícula/sintagma de negação e advérbio canônico), a próclise é categórica.

(187) claro... pra *que* **desiludi-los**... não é verdade?... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(188) também descobriu *que os autarcas portugueses que comem papéis empurram-nos* goela abaixo sabem com o quê?... com um copito de tinta de impressora... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

(189)

(a) e agora de repente arranjuste uma vida familiar *que protege-te*... não é?... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

(b) eu acho engraçado que é uma das coisas que tu disse / não porque é uma das coisas que disseste que adoras e eu também... acho *que mexerem-nos* nos pés é uma coisa completamente superior... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(c) eu acho que é o grande problema da / da / da sociedade é *que criam-se* estereótipos pra / pra cada situação... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

As preposições, não caracterizadas neste estudo como proclisadores prototípicos, dado que, na tradição gramatical, não há consenso quanto ao fato de elas favorecerem a próclise, nas entrevistas portuguesas, mostram-se relevantes para a anteposição do pronome (.780), permanecendo atrás somente da influência de elementos subordinativos na colocação proclítica (.897). A atuação das preposições está de acordo com o que é especificado nas gramáticas descritivas (BRITO; DUARTE; MATOS; 2003[1983]; MARTINS, A. M., 2013). Segundo Martins, A. M. (2013), quanto à colocação pronominal em orações infinitivas simples introduzidas por preposição, a próclise e a ênclise são aceitas, salvo na presença da preposição *a*, sempre ligada à posição pós-verbal. Vê-se a ocorrência predominante das preposições *para* (9 dados) e *de* (4 dados) – aliás, duas das mais produtivas na língua portuguesa –, seguidas de clíticos posicionados à esquerda de formas infinitivas – ex. (190). Os 2 únicos casos de ênclise se referem às preposições *em* e *a* – ex. (191).

(190)

(a) há uma frase lindíssima que eu li numa entrevista do Zé... quando tiveste o teu primeiro filho... e disseste ao teu pai “epá... não sei se eu vou conseguir... se vou ter dinheiro pra o / *pra o sustentar*”... o teu pai disse uma frase maravilhosa que é... “se / se / sempre que nasce um filho... traz um pão debaixo do braço”... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

(b) e:... portanto eu sou das primeiras gerações em que há mulheres e portanto temos um / um desafio especial *de nos afirmar*... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(191)

(a) minha querida Ana... muito prazer *em ver-te* ... tás lindíssima... (PE, gênero *entrevista*, 08/05/2010)

(b) acham que nós devíamos ser duas bicharocas que andavam aí na rua... pois... *a espavonear-se* como muitas fazem para se fazerem notar... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

Ao estar presente qualquer outro proclisador não tradicional na oração, a ênclise desponta com forte predileção nas entrevistas portuguesas. Dessa maneira, precedidos de SPrep (ex. (192)), advérbio não canônico (ex. (193)), conjunção coordenativa (ex. (194)) ou SN sujeito (ex. (195)), os clíticos se posicionam recorrentemente à direita do hospedeiro verbal.

(192) *no outro dia mandaram-me* e eu não resisti a fazer / de fazer estas piadas... mas desta vez com a imagem é sério... não é no YouTube... (PE, *entrevista*, 15/05/2010)

(193) tenta... tenho que pagar os impostos senão eles martelam... já martelam muito né... e então... [assim] sou... educado também sou... *hoje vê-se* infelizmente muita gente que... parece que a educação... deixaram a educação fora do... / fora de casa... ou / ou noutra sítio qualquer... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(194) pois eu / eu deito-me às quatro da manhã a escrever... não me levanto às nove *mas deito-me* às quatro da manhã que eu sou / sou mais madrugadas sujas a escrever... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

(195) esta noite jogou-se a final da Taça da Liga... *alguns chamam-lhe* Taça de Cerveja... *outros chamam-lhe* Taça Olegário Benquerença... *o Jorge Jesus chama-lhe* Taça dos raios que me partam... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

A posição dos clíticos pronominais, quando dispostos imediatamente após um advérbio, apresenta-se, com efeito, relacionada à natureza sintático-semântica desse item. Em ênclise (10 dados), estão os pronomes precedidos de advérbios não canônicos (*depois, hoje, agora*, em maior número) e locuções adverbiais. Os 2 únicos casos de próclise (ex. (196) e (197)) nesse contexto se referem a uma oração na qual o grupo clítico-verbo é antecedido de uma locução adverbial e à outra com a presença do advérbio *depois*. Neste último caso, no entanto, questiona-se se a ocorrência da posição pré-verbal está ligada propriamente ao termo *depois* ou à preposição *para*, em sua forma contraída (*pra*)<sup>116</sup>. Outros tipos de advérbios (focalizadores e enfatizadores), como mencionado acima, ocorrem categoricamente com o pronome proclítico (cf. tabela 15).

(196) exatamente...  *muitas vezes me perguntavam* na rua... no elevador... as pessoas que sabiam o meu nome... se eu era prima ou familiar do Nuno Gomes e eu dizia que sim claro... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(197) eu / eu há bocado quando / quando / quando juntei o Natal com aquela poesia erótica estava obviamente a pensar nesta estranha dicotomia que nós vivemos nestas / nestas fases... em que to / o mundo inteiro se une à volta de uma visita como a papal... *pra depois se misturar* os conceitos das posições completamente conservadoras... da religião vigente... mas depois tudo aquilo que é essencial que avance... o uso dos preservativos... o casamento entre pessoas de / do mesmo sexo... tudo isso que tem sido tratado com pinças... pra também pra não ferir / como bons anfitriões tentamos não / não ferir a sensibilidade (...) (PE, *entrevista*, 15/05/2010)

Uma vez que a colocação proclítica com SN sujeito é um traço característico do PB e não do PE (LOBO, 1992; VIEIRA, S. R., 2002; SANTOS, 2010), os registros dessa opção no PE se explicam (i) pela palavra *próprio* estar acompanhando o pronome pessoal *ele*, vocábulo de realce do pronome sujeito que desencadeia a adjacência do clítico à esquerda do verbo (MARTINS, A. M., 2013) – ex. (198); (ii) pelo SN sujeito ser um pronome indefinido (*tudo*), considerado tradicionalmente um atrator<sup>117</sup> – ex. (199); (iii) pelo pronome *ele* vir precedido de

<sup>116</sup> Repete-se que, para assinalar o elemento proclisador, respeitou-se uma hierarquia definida neste estudo (cf. seção 4). Diante de dois casos de proclisadores não tradicionais na mesma oração – aqui, uma preposição e um advérbio não canônico –, decidiu-se selecionar o mais próximo ao grupo clítico-verbo.

<sup>117</sup> Embora, segundo a tradição gramatical, a próclise seja obrigatória com pronomes indefinidos, preferiu-se amalgamar os casos de SN sujeito pronome indefinido com os outros SNs sujeitos, proclisadores não tradicionais, visto que ocorreram em escala reduzida e nem sempre com pronomes proclíticos (cf. ex. (195)). Quando relevantes, tais dados são devidamente indicados.

uma locução adverbial na qual há a presença do quantificador *todos*, elemento que também induz a subida do clítico – ex. (200); e, possivelmente, (iv) pelo pronome *nós* estar precedido da preposição *para*<sup>118</sup> – ex. (201).

(198) na altura eu cheguei ao ateliê dele e tava um rapaz... que era o [Max Malta]... que já tinha trabalhado também com ele na Tommy Hilfiger... e nós tínhamos de parecer gémeos... na campanha... só que o meu cabelo era afro e ele queria mais cachos... e então *ele próprio me lavou* a cabeça e fez o trabalho de um cabeleireiro... (PE, entrevista, 14/04/2012)

(199) e há pouco falávamos nas viagens que às vezes fazemos... ele adora levar um / o seu guia e des / descobrir restaurantes e chefes... descobrir pontos gastronómicos nas cidades... e:: / e:: agora com uma família *tudo se torna* diferente porque eu já não posso fazer cem concertos por ano... (PE, entrevista, 14/04/2012)

(200) o / o Bernardo por ser uma criança especial... nós tamos sempre à espera que ele nos surpreenda... e todos os dias ele nos surpreende... ele tá no infantário... todos os dias vem com uma / uma brincadeira nova... (PE, entrevista, 14/04/2012)

(201) e são essenci / essenciais para também nos identificar não é?... para nós nos revermos cá dentro... (PE, entrevista, 08/05/2010)

Labov (2003), ao propor as frequências com que cada tipo de regra opera, avalia uma regra como semicategórica quando uma das formas alternantes se realiza entre 95% a 99% dos casos<sup>119</sup>. Nas entrevistas brasileiras, ainda que a colocação pré-verbal atinja 93% dos casos, e não de 95% a 99%, se feita uma análise qualitativa, é possível que se interprete a anteposição do pronome ao verbo como uma regra semicategórica. O número de clíticos adjungidos categoricamente à esquerda do verbo (após proclisadores tradicionais – elemento subordinativo e partícula/sintagma de negação – e não tradicionais – SN sujeito, conjunção coordenativa, advérbio não canônico e SPrep) é expressivo. A regra é variável somente em contextos específicos, como, por exemplo, em início absoluto e em casos antecidos de advérbio canônico e preposição; entretanto, mesmo nesses dados, as frequências de próclise são elevadas. Em relação aos registros de início absoluto, relembra-se que a ênclise, na verdade, associa-se a outro gênero, a *receita culinária*, presente na entrevista (*intergenericidade* (MARCUSCHI, 2008)). O mesmo, como descrito logo em seguida, refere-se aos dados na presença de advérbio canônico. Todos esses fatos, portanto, possibilitam que se pense em uma orientação generalizada ao uso da próclise no PB oral, em quaisquer contextos linguísticos.

Sobre a atuação de advérbios e preposições nas entrevistas brasileiras (cf. tabela 16), a próclise ocorre independentemente de seus tipos, com advérbios canônicos e não canônicos e com quaisquer preposições – inclusive com a preposição *a* – ex. (202). A ênclise com os

<sup>118</sup> Em relação aos dois últimos exemplos, novamente, a escolha do proclisador ocorreu segundo o termo mais próximo ao grupo clítico-verbo. Entre a locução verbal *todos os dias* e o SN sujeito pronome pessoal *ele*, considerou-se o pronome; enquanto, entre a preposição *para* e o SN sujeito pronome pessoal *nós*, destacou-se o segundo item.

<sup>119</sup> Cf. seção 3.

advérbios canônicos se relaciona ao caso da receita culinária (2 dados), no qual se identifica a leitura do passo a passo a ser realizado; e, a colocação pós-verbal com as preposições, à presença do clítico acusativo de 3ª. pessoa – *o(s)* – adjacente ao infinitivo (2 dados).

(202) agora eu aconselho você *a se afastar* um pouco... (PB, *entrevista*, 05/11/2009)

As tabelas a seguir indicam os resultados da colocação pronominal de acordo com a variável *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*, o segundo grupo escolhido como motivador do fenômeno, na amostra portuguesa.

Tabela 17. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero *entrevista*, no PE

Distância	PRÓCLISE – PE		
	N/Total	F	PR
Adjacente	107/188	57%	.548
Não adjacente	12/19	63%	.128
Total <sup>120</sup>	119/207	57%	-

*Input: 0.650    Significância: 0.007    Range: 420*

Tabela 18. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero *entrevista*, no PB

Distância	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Adjacente	94/98	96%
Não adjacente	14/14	100%
Total <sup>121</sup>	108/112	96%

Os percentuais e os pesos relativos, referentes especialmente ao fator *não adjacente*, o qual apresenta valores contrários (63% de próclise e desfavorecimento da mesma posição (.128), no PE), parecem refletir uma distribuição desequilibrada das ocorrências entre os dois fatores dessa variável (*adjacente e não adjacente*) e entre fatores de outro grupo, no caso, o *tipo de proclisador* (cf. tabela 15) – variável significativa para a análise da *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*. Como são os pesos relativos que fornecem uma avaliação mais precisa dos efeitos dos fatores, ao invés dos percentuais (GUY; ZILLES, 2007), pode-se interpretar que: nas entrevistas portuguesas, se imediatamente contíguos elemento (proclisador) e grupo clítico-verbo, há o favorecimento da próclise, ainda que

<sup>120</sup> Esse grupo não se aplica aos casos de verbo em início absoluto de oração/período.

<sup>121</sup> Cf. nota anterior.

moderado (.548); enquanto, na presença de determinados termos entre o elemento (proclisador) e o hospedeiro verbal do clítico, há uma forte tendência à ênclise (.872).

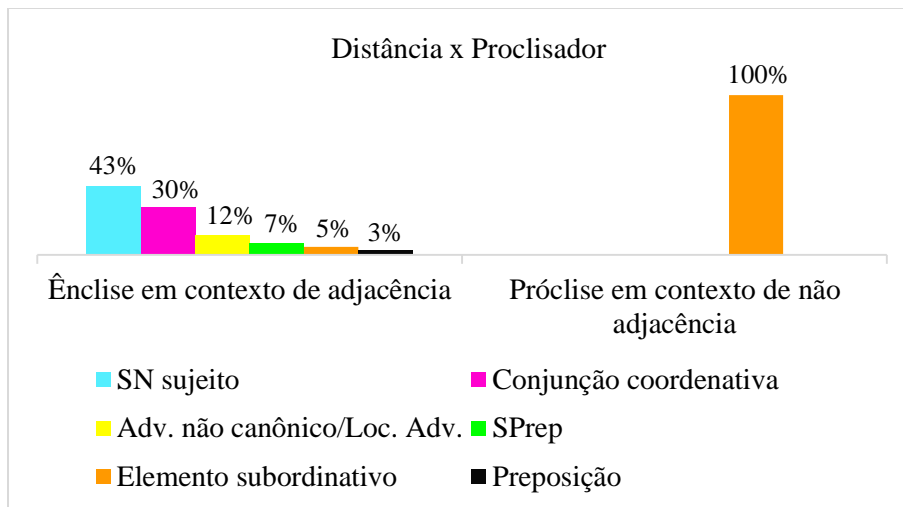
O cruzamento desse grupo com o *tipo de proclisador* é válido por reforçar o efeito de alguns atratores em detrimento da atuação de outros, no PE. Os 81 casos de ênclise com o atrator imediatamente adjacente ao hospedeiro verbal ocorrem, em grande parte, na presença de SN sujeito e conjunção coordenativa – ex. (203) e (204). Por outro lado, a realização da próclise com constituintes intervenientes entre o proclisador e o grupo clítico-verbo certifica a força atrativa dos elementos de subordinação (12 dados) (ex. (205)) – cf. gráfico 7.

(203) só que era “hei de fazer... um dia”... aquelas coisas que nós dizemos... “tenho uma ideia que daqui a uns vinte... trinta... cinquenta anos hei de fazer”... e o Zé **deu-me** a coragem suficiente e disse... “não senhora... vais fazer já”... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

(204) se calhar... mas em contrapartida... ehn... sou muito mais criterioso na forma como gasto meu tempo... **mas saboreio-o** bem melhor...tem toda razão... (PE, *entrevista*, 15/05/2010)

(205) eu tou cheio de medo... sabe porquê?... porque a Bolívia tá zangada connosco... tás com medo Pedro?... tás... pois / pois então não?... e quando / e *quando um boliviano se zanga*... aliás este [inint] / nós temos estado / tamos numa fase... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

Gráfico 7. Ênclise e próclise: distância vs. elemento proclisador, no gênero *entrevista*, no PE



Ao contrário do que ocorre nas entrevistas portuguesas, nas quais os resultados da variável *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl* se relacionam de forma direta com os dados do grupo *tipo de proclisador*, na variedade brasileira, a próclise é dominante, independentemente se o elemento antecedente está ou não adjacente ao hospedeiro verbal ou, ainda, independentemente de qual for a natureza desse proclisador – tradicional ou não tradicional.

As demais variáveis – nesta ordem, *função do clítico*, *tipo de clítico* e *forma verbal do hospedeiro* – foram eliminadas pelo programa estatístico, mostrando-se, assim, irrelevantes para a colocação pronominal nas entrevistas portuguesas.

Referindo-se, por último, às entrevistas do PB, os pronomes *me/nos* e *te* aparecem quase categoricamente em próclise (99%). Tal circunstância, em especial com o *me* (100% próclítico), assinala o que já se pressupõe: a forte predileção por esse pronome em posição pré-verbal (SCHEI, 2003) e, inclusive, em início de frases – cf. exemplos a seguir. Bechara (2009[1961]), Rocha Lima (2011[1957]) e Cunha e Cintra (2013[1985]) afirmam que, no PB, há a *possibilidade* de se começar um período com os pronomes átonos, principalmente com o *me*. Os dados asseguram que isso, no PB oral, não deve ser tratado como uma *possibilidade*, mas, sim, como uma *realidade* linguística brasileira.

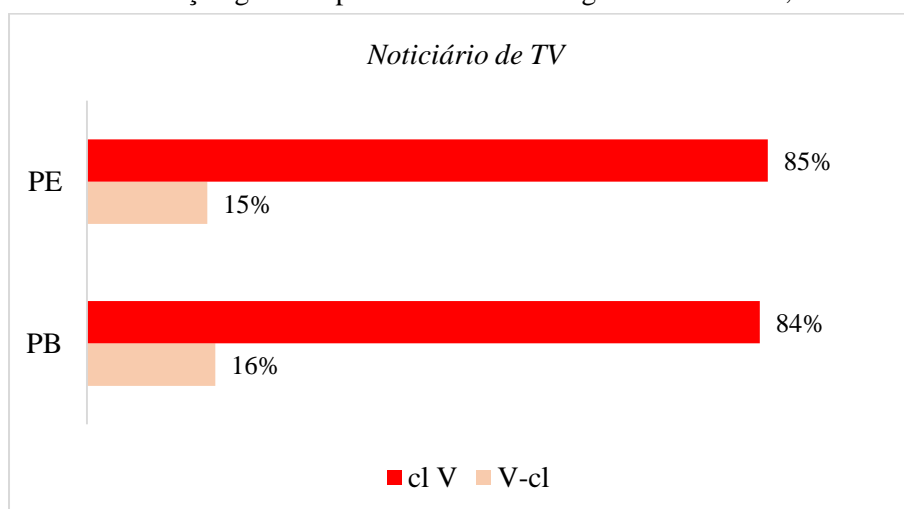
(206) eu tinha driver license... tá?... mas **me parou** por excesso de velocidade porque o carro era bom demais...né... (PB, *entrevista*, 07/11/2009)

(207) **me diga** uma coisa / desculpa... vou levar um papinho aqui rápido com vocês... não é?... a minha curiosidade é grande... vocês tocam outros instrumentos também?... (PB, *entrevista*, 05/11/2009)

Esses mesmos clíticos (*me/nos* e *te*), juntos, representam mais da metade dos dados da amostra brasileira (83 registros). Essa marca é expressiva e, ao mesmo tempo, previsível, à frente das particularidades de um gênero no qual entrevistador e entrevistado falam de si próprios e se dirigem um ao outro.

### 5.1.1.2 Lexias verbais simples no gênero *noticiário de TV*

No *noticiário de TV*, gênero híbrido, de concepção escrita e meio sonoro, registraram-se 296 dados, referentes a 193 do PE e a 103 do PB. Feitas as primeiras rodadas, e eliminados os fatores que apresentaram índices categóricos de próclise ou ênclise, constituiu-se um conjunto de 139 dados, com 75 casos portugueses e 64 brasileiros. No PE, as variantes se dividiram em 64 clíticos em posição pré-verbal e 11 em ênclise, à proporção que, nos *noticiários* brasileiros, os pronomes apareceram 54 vezes próclíticos e 10 vezes enclíticos – cf. gráfico 8. Os *noticiários* constituem, nas duas variedades, os materiais com o menor número de pronomes clíticos analisados.

Gráfico 8. Distribuição geral de próclise e ênclise no gênero *noticiário*, no PE e no PB

No início, e contrariando as expectativas, constata-se que as frequências das duas variantes em ambas as variedades da língua portuguesa são praticamente idênticas, com significativo favoritismo da próclise. Entretanto, sob um olhar detalhado, compreende-se que o alto valor numérico de próclise no PE também diz respeito aos dados portugueses estarem concentrados, em sua maioria (62 de 75 clíticos), em contextos que canonicamente influenciam na colocação do pronome à esquerda de seu hospedeiro, como, por exemplo, em orações com elemento subordinativo ou partícula/sintagma de negação. Nas entrevistas do PE, 48% dos dados (de um total de 207 clíticos) traziam um elemento de subordinação na oração; já, neste gênero, os 62 casos de proclisadores tradicionais representam 83% do total de registros.

Ao serem organizados de acordo com os três contextos linguísticos já discutidos aqui – considerando-se, em particular, os contextos de início absoluto de oração/período e de grupo cl V ou V-cl antecedido de elemento não considerado tradicionalmente proclisador –, os dados continuam a exibir a ênclise como opção não marcada no PE e a próclise como variante predileta no PB, mesmo que em escala menor, se comparada à marca proclítica alcançada no gênero *entrevista na TV*. As tabelas e o gráfico seguintes tornam visíveis essas considerações, a partir do tratamento do total de clíticos coletado nos noticiários.

Tabela 19. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *noticiário*, no PE

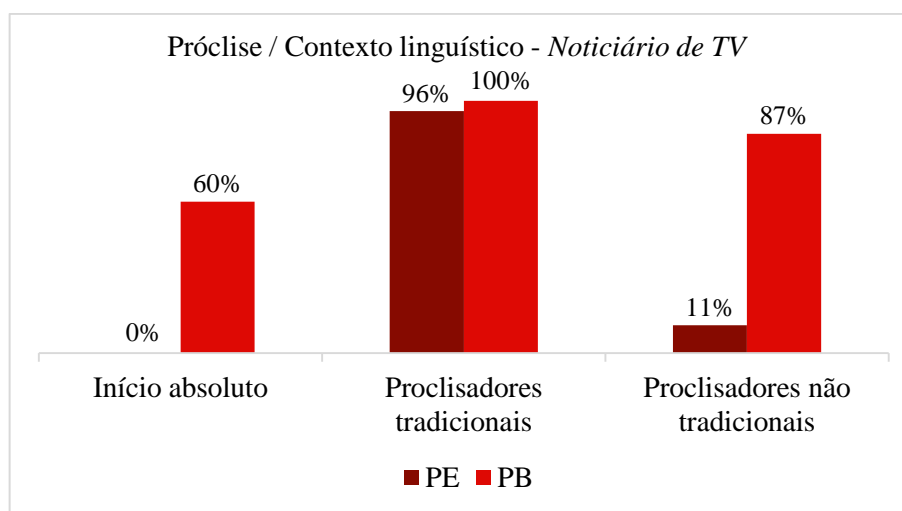
Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PE
	N	F	N	F	
<b>Início absoluto</b>	0	0%	25	100%	25
<b>Proclisadores tradicionais</b>	89	96%	4	4%	93
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	8	11%	67	89%	75 = 193



Tabela 20. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *noticiário*, no PB

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PB	
	N	F	N	F		
<b>Início absoluto</b>	3	60%	2	40%	5	
<b>Proclisadores tradicionais</b>	37	100%	0	0%	37	
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	53	87%	8	13%	61	= 103

Gráfico 9. Distribuição de próclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *noticiário*, no PE e no PB



A análise multivariada indicou, nesta ordem, o *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl*, a *forma verbal do hospedeiro* e a *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl* como as variáveis mais importantes para a colocação pronominal nos noticiários portugueses; à medida que, simultaneamente, descartou os grupos *função do clítico* e *tipo de clítico*. Em relação à amostra brasileira, já que, *a priori*, houve uma mesma variável selecionada pelo *step-up* e excluída pelo *step-down* e outra não selecionada nem excluída<sup>122</sup>, foram feitas outras rodadas com a ausência de certos grupos. Segundo Guy e Zilles (2007), um dos motivos de essas situações ocorrerem é quando os grupos não são completamente ortogonais, em termos de distribuição dos dados. No caso dos noticiários brasileiros, as variáveis *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*, *tipo de clítico* e *função do clítico* estavam se sobrepondo parcialmente, dado que os fatores *adjacente*, *pronome se* e *inerência/reflexividade* descreviam quase todos os mesmos dados. Optou-se, então, por manter nas análises o grupo *distância entre o proclisador*

<sup>122</sup> No primeiro caso, foi a variável *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl* e, no segundo, o grupo *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl*.

e o *hospedeiro/clítico* e por realizar rodadas com a exclusão ora do *tipo de clítico*, ora da *função do clítico*. A manutenção daquela variável se deu em razão de ter sido selecionada nas entrevistas e nos próprios noticiários portugueses e de não se caracterizar como uma sub- ou supercategoria de outros grupos (relação vista entre o tipo de clítico e a sua função). Dessa forma, chegou-se à melhor análise multivariada (na qual, entre *step-up* e *step-down*, apareceram todas as variáveis) que assinalou como significativas a *função do clítico*, em primeiro lugar, e, em segundo, a *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*. Quanto a esta última variável, no entanto, a sua significância continuou a ser marginal, uma vez que ela ainda permaneceu entre os grupos selecionados e os eliminados pelo programa estatístico – fato observado pela concentração de dados em um de seus fatores (57 dados no fator *adjacente* dos 60 registros coletados) e pela distribuição bastante similar desses casos no grupo *função do clítico*, como acima descrito. Também foram excluídas as variáveis *forma verbal do hospedeiro* e *tipo de elemento (proclisador)*.

As duas próximas tabelas trazem os resultados da posição dos clíticos segundo o grupo *tipo de elemento (proclisador)*. Ainda que tal variável não tenha sido apontada como relevante na amostra brasileira, é a que está mais próxima de ser considerada influente no fenômeno, por ter sido a última a ser descartada pelo *step-down*.

Tabela 21. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *noticiário*, no PE

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PE		
	N/Total	F	PR
<b>Elemento subordinativo</b>	45/48	94%	.673
<b>Preposição</b>	5/8	62%	.630
<b>Partícula/sintagma de negação</b>	13/14	93%	.387
<b>Advérbio não canônico</b>	1/5	20%	.002
Total	64/75	85%	-
<i>Input: 0.974    Significância: 0.012</i>			<i>Range: 671</i>
<b>Nocautes</b>			
Ausência de elemento (proclisador)	0/25	0%	-
Advérbio canônico	9/9	100%	-
SN sujeito	0/44	0%	-
Conjunção coordenativa <sup>123</sup>	0/6	0%	-
SPrep	0/9	0%	-

<sup>123</sup> No início, encontrou-se *I* pronome próclítico logo após a conjunção *e*. Em virtude de outras exclusões, esse dado também foi eliminado.

Tabela 22. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *noticiário*, no PB

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Ausência de elemento (proclisador)	2/4	50%
Preposição	7/11	64%
SN sujeito	39/41	95%
Conjunção coordenativa	6/8	75%
Total	54/64	84%
<b>Nocautes</b>		
Elemento subordinativo	26/26	100%
Partícula/sintagma de negação	5/5	100%
Advérbio canônico	6/6	100%

A ênclise é categórica no PE nos casos de verbo iniciando a oração/período. Nos noticiários do PB, a princípio, 5 casos dessa natureza (ausência de elemento (proclisador) = início absoluto) foram computados (cf. tabela 20), entre os quais *I*, referente a um pronome proclítico encabeçando a oração, foi eliminado por ser o único registro de clítico adjungido ao gerúndio – ex. (208). Além desse dado, outros 2 pronomes em posição pré-verbal em início de oração aparecem (cf. tabela 22) – ex. (209). Registram-se, ainda, 2 casos de ênclise nesse mesmo contexto, o de início absoluto.

(208) o presidente Fernando Henrique Cardoso... **se dizendo** chocado e com uma preocupação extrema... acompanhou tudo pela televisão... (PB, *noticiário*, 11/09/2001)

(209)

(a) os coreanos adoram tomar sol... mas detestam **se bronzear**... (PB, *noticiário*, 17/06/2002)

(b) ela acha que... no caso da Europa... é necessário **se pensar** também em crescimento da economia... (PB, *noticiário*, 28/01/2012)

A colocação enclítica, no PE, também é categórica com SN sujeito, conjunção coordenativa e SPrep. O conjunto de dados relacionado ao SN sujeito como proclisador engloba, majoritariamente, casos com SN sujeito nominal simples e SN sujeito nominal complexo. Sobre as conjunções coordenativas, nessa amostra, distribuem-se entre 4 conjunções aditivas *e*, 1 conjunção adversativa *mas* e 1 conjunção explicativa *porque*. A próclise categórica, por seu turno, remete-se à presença de advérbios canônicos nas orações – *também*, *sempre*, *já*, etc.

O índice de próclise relativo aos casos de clíticos precedidos de elemento subordinativo ou partícula/sintagma de negação (proclisadores tradicionais), no PE, é alto – respectivamente, 94% e 93%. Contudo, se por um lado, no caso dos elementos de subordinação, o percentual e o peso relativo vão na mesma direção, ainda que com magnitudes diferenciadas (94% e .673);

por outro, no caso de orações negativas, o percentual e o peso relativo apresentam valores opostos (93% e .387). Através de cruzamentos, percebe-se que essas não similaridades dos resultados numéricos se atribuem a distribuições desiguais dessas ocorrências em fatores de outros grupos. Os dados do fator *partícula/sintagma de negação*, por exemplo, são na realidade os mesmos dos fatores *adjacente e tempos do indicativo*, pertencentes aos grupos *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl e forma verbal do hospedeiro*, e aparecem de forma predominante antepostos ao verbo. Os dados de pronomes enclíticos, ainda em relação à precedência de elementos de subordinação e de negação, são esclarecidos, no primeiro caso, em 2 dos 3 registros, pela existência de constituintes entre a conjunção integrante *que* e o verbo hospedeiro – ex. (210); e, no segundo, pela possibilidade de haver variação nas orações infinitivas simples negativas, desde que a negação seja feita pelo vocábulo *não* (MARTINS, A. M., 2013) – ex. (211).

(210)

(a) no comunicado assinado por Joana Marcos Vidal... a Procuradora-Geral da República lembra que o processo está protegido pelo segredo de justiça... mas admite *que as buscas prendem-se* com a verificação de indícios de troca de informação comercial sensível... que levantam suspeitas de acordos proibidos por lei... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

(b) entretanto... e na sequência da polémica causada pela notícia... o Centro Hospitalar anunciou em comunicado *que os elementos visados... ou seja... os três contratados... por iniciativa própria... mostraram-se* indisponíveis para aceitar o trabalho... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

(c) [inint] aceitou o pedido de desculpa do português... mas pouco *mais fez do que resignar-se* perante a eliminação do United... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

(211) Rafi Eitan afirma que o objetivo era julgar Eichmann... *não vingar-se*... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

Assim como nas entrevistas, porém, com valor diferente, nos noticiários do PE, as preposições também atuam em favor da posição pré-verbal (.630). Verifica-se a próclise em orações com as preposições *para* e *de* (3 e 2 dados, respectivamente), seguidas dos clíticos *se*, *lhe* e *o(s)* adjungidos a infinitivos – ex. (212); e, a ênclise, na presença das preposições *a* (2 dados) e *de* (1 dado) – ex. (213). Na realidade, além da própria preposição *a*, ainda pode motivar a posposição do pronome o clítico acusativo de 3ª. pessoa adjacente a formas no infinitivo.

(212)

(a) Sá Pinto chamou o jovem central Nuno Reis *para se juntar* ao grupo... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

(b) Allan Sharif... o luso-americano que ficou conhecido depois de tentar assaltar um banco em Miami... volta amanhã a tribunal para conhecer mais uma sentença... desta vez o caso está relacionado com o alegado rapto de um cidadão canadiano em dois-mil-e-sete com o objetivo *de lhe extorquir* dinheiro... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(c) o contraste pode ser duro quando os números dão conta dos mais velhos que ninguém quer saber... são muitos os que ficam nos hospitais sem alguém que os vá buscar *para os levar* para casa... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(213)

(a) afinal o Tribunal Constitucional já foi chamado *a pronunciar-se* sobre vários pontos do orçamento... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

(b) a Troika prossegue com a sexta avaliação ao programa de ajuda externa e *a acompanhá-la* já só tem... praticamente... o governo... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(c) as ordens de Israel são *de transportá-lo* em avião o mais rapidamente possível... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

Com o outro proclisador não tradicional, o advérbio não canônico, a tendência à anteposição do pronome é praticamente inexistente (.002). O único pronome proclítico nesse contexto ocorre após um advérbio terminado em *–mente* (cf. exemplo abaixo).

(214) o fogo que destruiu por completo dois dos três pisos da habitação terá começado no primeiro andar onde estavam as duas jovens e *rapidamente se propagou* ao último piso onde se encontrava o adulto que ainda tentou pedir ajuda... (PE, *noticiário*, 20/07/2012)

Parece que, no PB, pelo fato de este gênero ser produzido sob uma concepção escrita, a generalização da próclise, vista antes nas entrevistas, é levemente coibida por fatores estruturais, na medida em que a posição pré-verbal deixa de ser categórica ou passa a atingir índices menores na presença de alguns elementos – SN sujeito, conjunção coordenativa e preposição, por exemplo.

Em orações com o verbo antecedido de SN sujeito, a colocação proclítica é semicategórica. No universo desses 39 dados, encontram-se registros de todos os tipos: SN sujeito pronome pessoal, SN sujeito pronome demonstrativo, SN sujeito pronome indefinido, SN sujeito nominal simples e SN sujeito nominal complexo – ex. (215). Ao último item, todavia, também se referem os 2 únicos casos de ênclise – ex. (216).

(215)

(a) a emoção de Hugo Hoyama tem a ver com orgulho... *ele se tornou* o brasileiro com maior número de medalhas de ouro na história do Pan... (PB, *noticiário*, 09/08/2003)

(b) *esta se desesperou*... (PB, *noticiário*, 11/09/2001)

(c) a todo momento *alguém se jogava* lá de cima... (PB, *noticiário*, 11/09/2001)

(d) *a Orquestra Sinfônica Brasileira se apresenta* no Rio em mais uma edição do Projeto Aquarius... (PB, *noticiário*, 14/12/2013)

(e) *as portas do presídio em Guarulhos se abriam*... e quem passou pelas grades e cruzou o pavilhão foram músicos da Orquestra Bachiana do SESI de São Paulo... (PB, *noticiário*, 14/12/2013)

(216)

(a) *oitenta-e-seis por cento das mulheres e setenta-e-seis por cento dos homens brasileiros preocupam-se* em melhorar sua aparência... (PB, *noticiário*, 09/08/2003)

(b) *o que parecia uma intuição romântica tornou-se* um método vitorioso... (PB, *noticiário*, 05/10/2012)

As preposições, assim como as conjunções coordenativas, não influenciam a próclise por serem representadas por um ou outro item lexical, do mesmo modo como foi destacado nas entrevistas. Na prática, por si sós, as preposições não parecem explicar a variação. Os casos de próclise se referem ao pronome *se* inerente/reflexivo cliticizado a formas infinitivas, enquanto os registros de ênclise ocorrem com o clítico acusativo *o(s)*, sob a forma *lo(s)* – ex. (217) e (218). Quanto às conjunções coordenativas, representadas na amostra brasileira pelos itens *e* e

*mas*, os pronomes enclíticos se justificam provavelmente, no exemplo (219), pela distância entre a conjunção aditiva *e* e o grupo verbo-clítico *e*, no exemplo (220), por essa tendência de clíticos acusativos de 3ª. pessoa se posicionarem depois de verbos na forma infinitiva.

(217)

(a) o presidente Ricardo Lagos já está pronto *pra se tornar* sócio do Brasil... (PB, *noticiário*, 30/06/2000)

(b) Wilman Villar ficou cinquenta dias *sem se alimentar*... (PB, *noticiário*, 21/01/2012)

(218)

(a) a promessa foi cumprida e os jogadores da Inglaterra tiveram um coro de aproximadamente trinta mil vozes *para apoiá-los* dentro do estádio... (PB, *noticiário*, 07/06/2002)

(b) estádio de Seogwipo... muito prazer *em conhecê-lo*... (PB, *noticiário*, 07/06/2012)

(219) o que me dá medo é ver que nos hinos tratam a nação como “Pátria Amada Idolatrada”... *e... na prática... tratam-na* como mulher de malandro ou Mãe Joana... (PB, *noticiário*, 07/06/2002)

(220) a partir dos sessenta metros a diferença pode até diminuir... porque o ônibus chega fácil aos setenta quilômetros por hora contra quarenta-e-quatro de Bolt... *mas ultrapassá-lo*... parece muito difícil... (PB, *noticiário*, 14/12/2013)

Com os proclisadores tradicionais – elemento subordinativo, partícula/sintagma de negação e advérbio canônico –, a próclise é categórica nos noticiários do PB (cf. tabela 22).

A segunda variável indicada como relevante para a motivação da colocação pronominal, nos dados originários dos noticiários portugueses, foi a *forma verbal do hospedeiro*. Na tabela 23, estão os resultados desse grupo de fatores no PE e, na tabela 24, mesmo tendo sido a segunda variável excluída na amostra brasileira, a título de comparações, estão as frequências absolutas e percentuais da referida variável no PB.

Tabela 23. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero *noticiário*, no PE

Forma verbal	PRÓCLISE – PE		
	N/Total	F	PR
<b>Tempos do indicativo (- futuros)</b>	56/62	90%	.722
<b>Infinitivo</b>	8/13	61%	.011
Total	64/75	85%	-
<i>Input: 0.974    Significância: 0.012</i>			<i>Range: 711</i>
<b>Nocautes</b>			
Tempos do subjuntivo	6/6	100%	-
Futuros do indicativo	2/2	100%	-
Gerúndio	0/2	0%	-
Imperativo afirmativo	0/1	0%	-

Tabela 24. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero *noticiário*, no PB

Forma verbal	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Tempos do indicativo (- futuros)	43/48	90%
Infinitivo	11/16	69%
Total	54/64	84%
<b>Nocautes</b>		
Futuro (do presente) do indicativo	1/1	100%
Gerúndio	1/1	100%

A posição pré-verbal é proeminente com verbos hospedeiros conjugados nos tempos do indicativo (presente e pretéritos), em ambas as variedades (90% (.722) no PE e 90% no PB). No material português, essa preferência se explica pela presença ou de um elemento subordinativo ou de uma partícula/sintagma de negação, proclisadores prototípicos, em 55 dados dos 56 coletados. Na amostra brasileira, os clíticos antepostos a verbos no indicativo são precedidos de SN sujeito (37 casos) ou conjunção coordenativa (6 casos).

Adjungido à esquerda de formas infinitivas, nos noticiários portugueses e brasileiros, está, em maior número, o pronome *se* inerente/reflexivo, precedido da preposição *para* ou *de*. Tais casos são os mesmos apontados quando, em linhas atrás, as preposições foram discutidas como um tipo de proclisador. Quando observado o clítico acusativo de 3ª. pessoa adjacente ao infinitivo, a ênclise passa a ser a opção mais produtiva – circunstância previsível se considerada a fragilidade fônica desse tipo de pronome. Por esse motivo, com essa forma nominal verbal, a aplicação de próclise atinge um peso bem baixo no PE (.011) e, no PB, a frequência dessa mesma variante (69%) fica aquém de seu índice geral na amostra (84%).

Os casos de próclise e ênclise categóricas, no PE, dão-se, nesta ordem, (i) com verbos nos tempos do subjuntivo e nos futuros do indicativo e (ii) com verbos no gerúndio e no imperativo afirmativo. Embora Brito, Duarte e Matos (2003[1983]) e Martins, A. M. (2013) assinalem, no PE atual, a existência de variação entre ênclise e mesóclise com verbos nos futuros do indicativo, os 2 únicos casos de clíticos adjacentes a esses tempos são de próclise, em razão da existência dos vocábulos atratores *que* e *não*, realçando que as formas verbais em causa, por si sós, não induzem a mesóclise (MARTINS, A. M., 2013) – cf. exemplo seguinte.

(221)

(a) ao agradecer um peluche... uma admiradora garante que Kate disse *que o levaria* para a filha... mas a princesa apressou-se a esclarecer que ainda não sabe o sexo do bebé... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

(b) por esta altura o setenta-e-nove-quarenta-e-quatro já passou por vinte pares de mãos... dezenas de máquinas... tomou forma... ganhou brilho... até mudou de cor... e está finalmente pronto para voar até Milão... vamos deixá-lo no aeroporto... mas *não lhe perderemos* o rasto... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

No PB, mesmo que somente com *l* dado de cada fator, registra-se a próclise ao futuro do presente do indicativo e ao gerúndio – ex. (222) e (208).

(222) “ai meu Deus... eu vou votar naquele ali... porque eu já morri e não sabia... mas *ele me salvará*”... (PB, *noticiário*, 07/06/2002)

A próxima variável a ser descrita é a *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*, a terceira selecionada no PE e a selecionada/excluída no PB – cf. tabelas 25 e 26.

Tabela 25. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero *noticiário*, no PE

Distância	PRÓCLISE – PE		
	N/Total	F	PR
Adjacente	51/59	86%	.708
Não adjacente	13/16	81%	.037
Total	64/75	85%	-

*Input: 0.974    Significância: 0.012    Range: 671*

Tabela 26. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero *noticiário*, no PB

Distância	PRÓCLISE – PB		
	N/Total	F	PR
Adjacente	50/57	88%	.505
Não adjacente	2/3	67%	.403
Total	52/60	87%	-

*Input: 0.930    Significância: 0.030    Range: 102*

As diferenças entre os pesos relativos dos dois fatores em questão (*adjacente* ou *não adjacente*) mostram certa relevância dessa variável nos *noticiários* portugueses (*range: 671*) e permitem compreender o porquê de esse mesmo grupo ter sido selecionado e eliminado na análise do material brasileiro (*range: 102*). Conforme já explicitado, os resultados dessa variável são mais bem interpretados quando considerada a sua correlação com outros grupos de fatores.

O favorecimento da próclise, no contexto de contiguidade imediata entre o atrator e o grupo clítico-verbo, no PE, liga-se ao expressivo número de orações com proclisadores



tradicionais – elementos de subordinação e de negação. A não adjacência, em frequência percentual, continua a indicar a dominância da posição pré-verbal, visto que se refere também a casos com elementos subordinativos e partículas/sintagmas de negação, mas, em valor relativo, revela um efeito desfavorecedor da próclise. Isso se deve à distribuição não ortogonal desses dados, circunstância que vem sendo discutida ao longo desta subseção, nesse próprio fator ou em fatores de outros grupos. Esse problema da não ortogonalidade é ainda mais decisivo nos noticiários brasileiros (cf. tabela 26). No PB, se adjacentes ou não – elemento proclisador e verbo/clítico –, a colocação pronominal é determinada pelo próprio tipo de pronome e a forma verbal de seu hospedeiro. No caso do fator *adjacente*, por exemplo, independentemente do tipo de proclisador, a próclise é produtiva desde que não seja um caso de clítico acusativo de 3ª. pessoa com verbo no infinitivo, situação que propicia o uso da ênclise. Os resultados da variável *função do clítico*, logo na sequência, corroboram essas considerações.

No material do PB, a primeira variável apresentada pelo programa como estatisticamente relevante foi a *função do clítico*. Na próxima tabela, estão listadas as suas informações.

Tabela 27. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a função do clítico, no gênero *noticiário*, no PB

Função do clítico	PRÓCLISE – PB		
	N/Total	F	PR
<b>Inerência/reflexividade</b>	50/53	94%	.632
<b>Indeterminação</b>	3/4	75%	.599
<b>Argumental</b>	1/7	14%	.013
Total	54/64	84%	-
<i>Input: 0.930    Significância: 0.030</i>			<i>Range: 619</i>
<b>Nocaute</b>			
Apassivação	3/3	100%	-

Todos os registros relativos à função inerência/reflexividade são casos de cliticização do pronome *se* (53 dados), enquanto os 7 pronomes encontrados atuando como argumentos dos verbos se referem ao clítico acusativo de 3ª. pessoa. O *se* inerente/reflexivo tende à colocação pré-verbal independentemente de qual elemento proclisador o anteceder e da forma verbal do seu hospedeiro – ex. (223). Os 3 casos de ênclise do pronome *se* com esse valor ocorrem na presença de SN sujeito nominal complexo e em contexto de início absoluto.

(223)

(a) *o delator do esquema se irritou* hoje com os jornalistas que estão em frente à casa dele... em Levi Gaspariano... sul do estado do Rio... (PB, *noticiário*, 14/12/2013)

(b) Anderson foi criado pelo padrasto... os dois trabalham juntos *e se dão* bem... por isso a mãe tomou um susto quando o rapaz pediu pra ter o nome do pai... (PB, *noticiário*, 09/08/2013)

(c) Gléguer defendeu *depois de se adiantar*... (PB, *noticiário*, 21/01/2012)

A inexpressiva marca de próclise (.013) quando a função do clítico é argumental reforça a ideia de que o pronome acusativo de 3ª. pessoa, associado à forma infinitiva, funciona como uma *ilha de resistência* ao padrão proclítico observado no PB contemporâneo culto (LOBO, 1992).

O pronome *se* indeterminador aparece antes do hospedeiro verbal em um contexto de início absoluto de oração (ex. (209b)) e, ainda, quando precedido da preposição *de* e da conjunção coordenativa aditiva *e* – ex. (224) e (225). A ênclise com o *se* nessa função é encontrada com o verbo em posição inicial absoluta no período.

(224) foi um protesto contra a decisão *de se classificar* Israel como um país racista... (PB, *noticiário*, 11/09/2001)

(225) das montanhas nevadas... só *se vê*... *e se ouve*... as discussões sobre a crise... (PB, *noticiário*, 28/01/2012)

A *função do clítico*, nos noticiários do PE, foi o primeiro grupo a ser descartado, como informado no início desta subseção – cf. tabela 28.

Tabela 28. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico, no gênero *noticiário*, no PE

Função do clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
<b>Inerência/reflexividade</b>	38/45	84%
<b>Indeterminação</b>	7/8	87%
<b>Argumental</b>	19/22	86%
Total	64/75	85%
<b>Nocautes</b>		
Não argumental	1/1	100%
Apassivação <sup>124</sup>	16/16	100%

Os clíticos que preenchem a célula da função inerência/reflexividade, 44 pronomes *se* e *I* único dado de *nos* inerente/reflexivo, adjungidos a verbos nos tempos do indicativo (presente e pretéritos) e no infinitivo, posicionam-se antes de seus hospedeiros por serem antecidos de elementos de subordinação ou partículas/sintagmas de negação. Dentre os poucos casos de

<sup>124</sup> No início, encontraram-se 6 pronomes *se* enclíticos na função de apassivação. Em virtude de outras exclusões, esses dados também foram eliminados.

ênclise nesse contexto, encontram-se nas orações, por exemplo, proclisadores não tradicionais – preposição *a* (ex. (213a)), advérbio não canônico *depois* (ex. (226)), alguma locução adverbial (ex. (227)) – ou elementos intervenientes entre a conjunção integrante *que* e o grupo verbo-clítico (ex. (210a/b)). O mesmo se verifica com os registros de *se* indeterminador. A anteposição do pronome *se* relaciona a operadores prototípicos de próclise e o único dado de ênclise se manifesta na presença de um advérbio não canônico – ex. (228).

(226) começa assim a Yike Bike... liga-se porque o veículo é elétrico... *depois sentamo-nos* à frente no que parece um selim de bicicleta... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(227) o pesadelo inglês começou poucos minutos depois... o Real chegou ao golo num movimento fantástico de Modrić... provavelmente o melhor jogador em campo... e *três minutos depois deu-se* o que já nesse momento surgia como inevitável... momento mágico de Özil e Guarin deu seguimento e Ronaldo surgiu numa zona onde só os grandes jogadores percebem que é naquele sítio que ganham vantagem sobre a zona central da defesa adversária... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

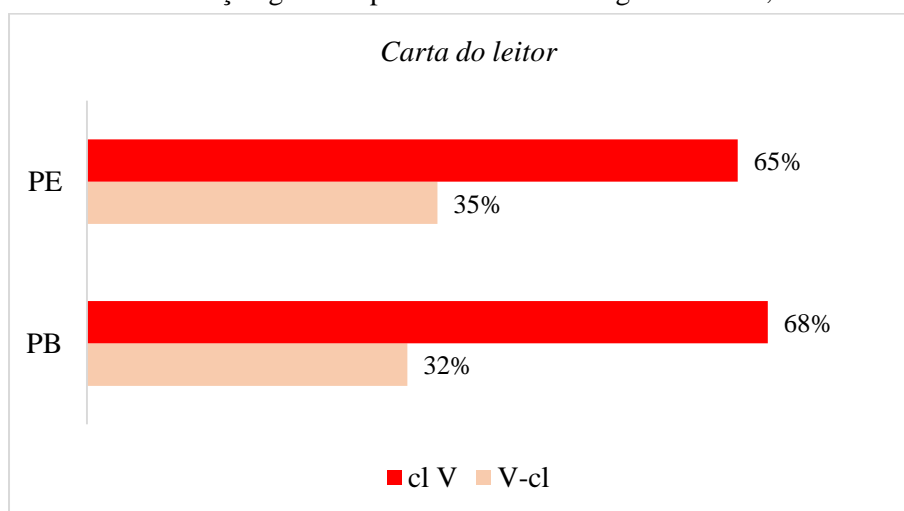
(228) *agora trata-se* de um homem de Castelo de Vide que recebeu durante o ano passado mais de vinte-e-cinco cartas da Ascendi... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

Exercem a função argumental o clítico acusativo de 3<sup>a</sup>. pessoa, em maior número, e, ainda, o *lhe* e o *nos*. A cliticização à esquerda é mais recorrente por também se tratar de pronomes precedidos de elementos reconhecidos como atratores e adjacentes a verbos no indicativo (presente e pretéritos). A ênclise diz respeito aos clíticos *o/a* (sob as formas *lo/la*) pospostos a verbos na forma infinitiva (ex. (213b/c)) e a *l* dado com o pronome *lhe* precedido, não imediatamente, de uma locução adverbial – um proclisador não tradicional – ex. (229). Novamente, o *tipo de proclisador e*, em seguida, a *forma verbal do hospedeiro se* mostram bastante efetivos no direcionamento das variantes nos noticiários portugueses.

(229) vive-se em ritmo acelerado e por vezes as respostas ditas científicas são uma ajuda... ajudam a validar ações crenças e mitos... mas *algumas vezes... ausentes de fundamento... chamamos-lhe* falsa ciência ou mitos urbanos... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

### 5.1.1.3 Lexias verbais simples no gênero *carta do leitor*

Para a análise do gênero *carta do leitor*, reuniu-se um total de 946 clíticos. Desse número, 529 pertenciam ao PE e 417 ao PB. Com a eliminação de certos casos nos quais não houve variação entre as variantes, examinaram-se 514 ocorrências de colocação pronominal na variedade portuguesa (332 registros de próclise e 182 de ênclise) e 370 na variedade brasileira (252 pronomes proclíticos e 118 enclíticos) – cf. gráfico 10.

Gráfico 10. Distribuição geral de próclise e ênclise no gênero *carta*, no PE e no PB

Os percentuais de colocação alcançados nas duas localidades, assim como nos outros dois gêneros já discutidos e no gênero que ainda aparecerá (*editorial*), mantêm ressaltada a produtividade da posição pré-verbal. No entanto, quando reexaminado o conjunto total de dados de acordo com os três contextos linguísticos debatidos desde o começo, em especial o contexto de início absoluto de oração/período e o de proclisadores não tradicionais, notam-se, agora, (i) realizações idênticas das variantes no PE e no PB, no que diz respeito ao início absoluto, e (ii) uma diferença bem menos saliente entre as marcas de próclise (e de ênclise) assinaladas em cada uma das variedades, na presença de proclisadores não tradicionais— cf. tabelas 29 e 30 e gráfico 11.

Essas duas novas observações se repetem na análise do gênero *editorial*, ainda que as variantes se apresentem, nos textos que o materializam, com outros valores (cf. tabelas 39 e 40 e gráfico 15). Isso confirma a ideia de que a concepção oral atribuída ao gênero *carta do leitor* por Marcuschi (2008, 2010) deve ser revista. Sugere-se que as cartas dos leitores sejam, na realidade, de concepção escrita, entretanto, em decorrência de determinados fatores, a linguagem utilizada nesses textos pode incorporar mais ou menos usos típicos da oralidade. Para a análise desse tipo de carta (carta do leitor), precisam ser considerados os perfis de quem o produz e de quem o lê, os temas retratados e, principalmente, o veículo jornalístico no qual é publicado, como destacado, em partes, também no trabalho de Peterson (2010). Neste estudo, referente à investigação de dois periódicos que visam à manutenção de formas prestigiadas do PE e do PB, as diferenças entre a colocação pronominal nas cartas e nos editoriais, em contextos de lexias verbais simples, são mínimas, cabendo também às cartas a identificação de uma linguagem bastante cuidada.

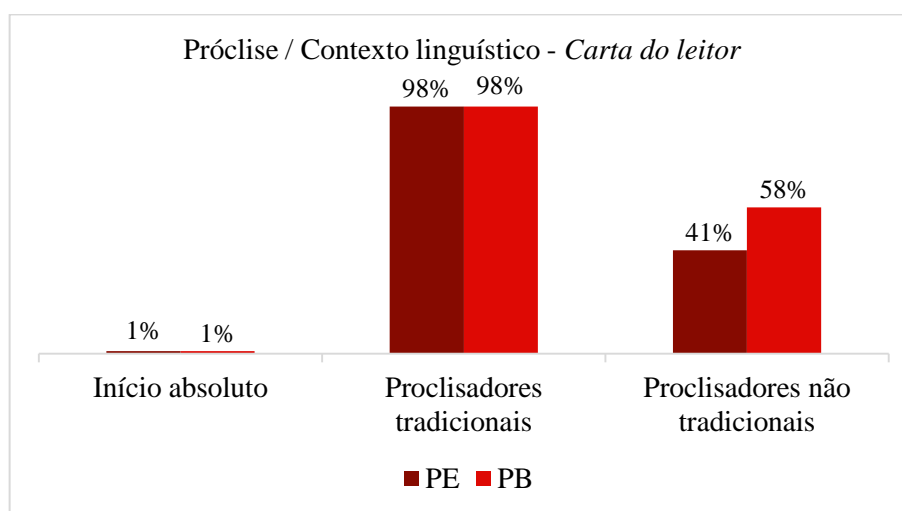
Tabela 29. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *carta*, no PE

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PE
	N	F	N	F	
<b>Início absoluto</b>	1	1%	90	99%	91
<b>Proclisadores tradicionais</b>	286	98%	6	2%	292
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	60	41%	86	59%	146 = 529

Tabela 30. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *carta*, no PB

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PB
	N	F	N	F	
<b>Início absoluto</b>	1	1%	67	99%	68
<b>Proclisadores tradicionais</b>	220	98%	5	2%	225
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	72	58%	52	42%	124 = 417

Gráfico 11. Distribuição de próclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *carta*, no PE e no PB



Ao serem comparadas as frequências de próclise nas cartas brasileiras com as apresentadas nos gêneros *entrevista na TV* e *noticiário de TV*, de novo em relação aos contextos de hospedeiro verbal em posição inicial absoluta e de antecedência de proclisadores não tradicionais, é nítida a redução do uso do pronome anteposto (e, por consequência, a expansão do pronome posposto) neste gênero.

Perini (2005[1995]), ao afirmar que lida em sua gramática com a variedade da língua usada em textos jornalísticos escritos, conclui que a ênclise está em um processo de *desaparecimento* no PB. A partir dos resultados desta pesquisa, ao invés da extinção da colocação pós-verbal, prefere-se sinalizar a sua *resistência* em determinados contextos da

escrita brasileira, como também sublinha Saraiva (2008) ao examinar outros gêneros jornalísticos escritos. Por força normativa, por exemplo, sendo este um dos pontos eleitos como bastião da norma (BERLINCK; BIAZOLLI, 2011), a ênclise em início absoluto de oração/período *permanece* (e é praticamente categórica) nos gêneros escritos – dos 107 pronomes coletados nesse contexto (68 nas cartas e 39 nos editoriais), apenas 1 aparece proclítico no PB. Outros dois casos que endossam a *manutenção* da posposição do pronome são a cliticização do acusativo de 3ª. pessoa a formas verbais infinitivas, já descrita em linhas atrás, mas reafirmada segundo os resultados das cartas e dos editoriais, e a presença nas orações de palavras não classificadas pela tradição gramatical como atratores do pronome. Refere-se a este segundo caso o fato de a próclise, predominante nas entrevistas e nos noticiários do PB independentemente do tipo de atrator, ceder espaço maior à ênclise diante da maioria dos proclisadores não tradicionais (SN sujeito, SPrep, conjunção coordenativa, por exemplo) nos gêneros escritos.

A variável *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl* foi apontada (e somente ela) como atuante na determinação da posição do pronome clítico nas cartas portuguesas. Esse mesmo grupo também foi selecionado na amostra brasileira, seguido, por ordem de significância, dos grupos *tipo de clítico*, *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl* e *forma verbal do hospedeiro*. Devido às comparações entre as variedades estudadas, mesmo que estas três últimas variáveis tenham sido relevantes apenas para as cartas brasileiras, os seus respectivos resultados no material português também são apresentados. Dentre as variáveis eliminadas, apareceram, no PE, nesta devida ordem, *forma verbal do hospedeiro*, *função do clítico*, *tipo de clítico* e *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*; e, no PB, apenas *função do clítico*.

Com base nos dados exibidos nas duas próximas tabelas, avalia-se a atuação do grupo *tipo de elemento (proclisador)* sobre a colocação pronominal nas cartas portuguesas e nas brasileiras.

Tabela 31. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *carta*, no PE

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PE		
	N/Total	F	PR
Elemento subordinativo	209/213	98%	.943
Partícula/sintagma de negação	40/41	97%	.927
Advérbio canônico	24/25	96%	.884
Preposição	37/46	80%	.567
Advérbio não canônico	5/9	56%	.285
SPrep	2/7	29%	.113
Conjunção coordenativa	8/30	27%	.104
SN sujeito	6/52	11%	.040
Ausência de elemento (proclisador)	1/91	1%	.004
Total	332/514	65%	-

*Input: 0.758    Significância: 0.000    Range: 939*

Tabela 32. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *carta*, no PB

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PB		
	N/Total	F	PR
Partícula/sintagma de negação	38/39	97%	.944
Elemento subordinativo	141/145	97%	.927
Advérbio não canônico	5/6	83%	.810
Preposição	26/51	51%	.576
Conjunção coordenativa	13/23	56%	.258
SPrep	4/7	57%	.178
SN sujeito	24/37	65%	.162
Ausência de elemento (proclisador) <sup>125</sup>	1/62	2%	.001
Total	252/370	68%	-

*Input: 0.852    Significância: 0.049    Range: 943*

Nocaute			
Advérbio canônico	29/29	100%	-

De toda a produção textual do PE analisada, juntando-se todos os textos que representam os quatro gêneros jornalísticos em questão, o único dado de próclise com o verbo posicionado no início de oração – sem coincidir com o início de período – é coletado em uma das cartas dos leitores (ex. (230)). Nas cartas brasileiras, tal como argumentado acima, a colocação pré-verbal

<sup>125</sup> Preliminarmente, nesse fator, ou seja, em contexto de início absoluto de oração/período, encontrou-se um total de 68 pronomes. Em virtude de outras exclusões, esse conjunto foi reduzido a 62 clíticos.

nesse mesmo contexto, produtiva nos dois últimos gêneros retratados, não é mais recorrente, registrando-se somente *I* clítico à esquerda do verbo abrindo a oração – ex. (231).

(230) Também assinei descrente a primeira petição (e não resisto a contar que sei de quem, dentro da lógica “perdido por cem, perdido por mil”, tenha chegado a sugerir aos senhores que se julgam donos das mulheres nigerianas que “se demitissem” eles da condição humana), **me surpreendi** com o seu êxito e, passados uns dias, percebi que afinal... tinha que assinar a segunda. (PE, *carta*, 2002)

(231) Lendo no caderno de Economia sobre a miséria e a exclusão social, **nos deparamos** com a foto de uma garota (23 anos), mãe de quatro filhos, sob o título “Eu só quero arrumar um emprego”. (PB, *carta*, 2004)

Os pesos relativos de cada fator desse grupo, em geral, demonstram as mesmas tendências nas duas variedades, ainda que, no PB, o favorecimento da próclise seja discretamente mais acentuado, no caso de certos proclisadores não tradicionais antecederem o grupo clítico-verbo – cf. tabelas 31 e 32. Diante dos fatores *elemento subordinativo*, *partícula/sintagma de negação* e *advérbio canônico* (proclisadores tradicionais), a anteposição do pronome é semicategórica no PE e, no PB, semicategórica na presença de elementos de subordinação e de negação e categórica perante advérbios canônicos. Após proclisadores não tradicionais, enquanto os fatores *SPrep*, *SN sujeito* e *conjunção coordenativa* desfavorecem o uso proclítico e o fator *preposição* moderadamente o favorece nas cartas do PE e do PB, o fator *advérbio não canônico* desmotiva a próclise no PE e a motiva no PB.

A ênclise precedida de elemento subordinativo está ligada, em ambas as localidades, à não adjacência imediata do grupo verbo-clítico ao constituinte de subordinação e/ou à forma infinitiva do hospedeiro, seguida do acusativo sob as formas *no/lo* (ex. (232) e (233)). A partícula *não*, um atrator prototípico, não tem efeito sobre *I* pronome no PE, em um contexto de variação reconhecido (MARTINS, A. M., 2013), e sobre *I* pronome no PB, o qual é um clítico acusativo de 3ª. pessoa adjacente a um verbo no infinitivo (ex. (234) e (235)). O único dado enclítico na presença de um advérbio canônico, no PE, refere-se a uma “expressão-muleta” já cristalizada, na qual o grupo verbo-clítico aparece acompanhado da conjunção *que* – cf. grifo no exemplo (236).

(232)

(a) E, como está à vista de todos, o poder autárquico foi um terreno fértil à propagação da doença. Muitas vezes pouco conhecedores de onde começava e terminava o seu poder, educados numa sociedade sabuja e autoritária (que, ainda, têm por referência), a verdade é que muitos presidentes da câmara convenceram-se de que eram donos e senhores das suas autarquias. (PE, *carta*, 2007)

(b) Entretanto, a esse jovem acontece que a escola para onde vai estudar, a formação profissional, o novo posto de trabalho, o casamento..., **obrigam-no** a mudar de casa, de concelho, de distrito e, quem sabe, até de país. (PE, *carta*, 2001)

(233)

(a) Quero lembrar aos governantes e legisladores que Vossas Excelências encontram-se em seus gabinetes por meio da competência e honestidade da Justiça Eleitoral, que os diplomou para tal mister. (PB, *carta*, 2001)



(b) Se os avanços foram importantes (e a professora Maria Hermínia, *embora sem exauri-los*, bem os listou em seu artigo), ficaram, no entanto, algumas importantes pendências pelo caminho. (PB, *carta*, 2002)

(234) Por outro lado, quando se constata um problema, há que apontar vias de solução e *não ficar-se* pela mera demagogia que Pacheco Pereira tão bem critica. (PE, *carta*, 2002)

(235) E a ganstança continua: mais três Ministérios e a televisão pública que fará companhia às TVs Senado, Câmara e Justiça. Por que *não unificá-las*, apresentando programação mais enxuta e de melhor qualidade com custos reduzidos? (PB, *carta*, 2007)

(236) *Também compreende-se que* não dê jeito nenhum, politicamente, um prémio Nobel comunista, convicto, belicoso na defesa dos seus ideais. (PE, *carta*, 2010)

Os tipos de preposição interferem de forma direta na colocação pronominal nas cartas portuguesas. A próclise ocorre após as preposições *para* e *de* – neste ponto, incluem-se também locuções prepositivas terminadas com a preposição *de* – e a ênclise se restringe principalmente à presença da preposição *a* (7 dos 9 dados) (ex. (237) e (238)). Quando o clítico é o acusativo de 3ª. pessoa adjacente ao infinitivo, mesmo diante de *para* ou *de*, o uso enclítico pode ser o preferido. No caso das cartas do PB, encontra-se uma variedade maior de preposições – *para*, *de*, *a*, *em*, *por* e *sem*. Os resultados mais uma vez indicam que, isoladamente, o tipo de preposição não age sobre o pronome. De modo geral, os dados proclíticos estão associados aos pronomes *me/nos*, *lhe(s)* e *se* (ex. (239)); e, os enclíticos, ao pronome acusativo de 3ª. pessoa cliticizado a formas infinitivas (ex. (240)).

(237)

(a) Mas, da mesma forma que não quero que os estudantes chumbem, *para o evitar*, opto por um melhor ensino, em vez de pela extinção das avaliações. (PE, *carta*, 2002)

(b) Mas Santana-Maia Leonardo vai, com toda a justiça e razão, mais longe: tratando-se, por exemplo, de racismo, a vergonha ou o medo *de o assumir* torna o cidadão acima de qualquer suspeita e com algumas responsabilidades públicas cúmplice do racismo por omissão. (PE, *carta*, 2007)

(238)

(a) Acresce que, para além de manietar os vereadores da oposição *ao co-responsabilizá-los* pelas decisões (e aos munícipes apenas lhes interessa a decisão, pouco lhes importa a discussão), permite ainda ao presidente da câmara não só colher por inteiro os louros do trabalho dos seus opositores como também desculpar-se com eles sempre que as coisas não correm de feição. (PE, *carta*, 2001)

(b) Já temos um capital de experiência mais do que suficiente para decidirmos por nós, nas escolas, sem a canga irresponsável do ministério *a incomodar-nos* o cachaço [...]. (PE, *carta*, 2010)

(239)

(a) Correremos o risco *de nos venezuelar* e seremos malufados para o resto da vida. (PB, *carta*, 2005)

(b) Afinal, ninguém é de ferro, em especial os daquela Casa, que trabalham pacas (três dias por semana) e ainda têm mais de cem agregados (lícitos, ilícitos, apaniguados e assemelhados) *para lhes dar* uma mãozinha - isso para cada um. (PB, *carta*, 2009)

(c) Eu e outra mãe quase perdemos nossos filhos, rapazes honestos e trabalhadores, que, *ao se dirigir* ao restaurante Avelino's, no sentido da Rua Perequê, às 2 da madrugada, pararam o carro para transpor as absurdas lombadas da Avenida Marjorie Prado. (PB, *carta*, 2001)

(240)

(a) Diante deste fato, acredito que os alagoanos e pernambucanos devam ficar atentos à aplicação da verba que Lulla está pretendendo liberar *para socorrê-los* nesta emergência. (PB, *carta*, 2010)

(b) Utilizando o mesmo raciocínio, o presidente do STF, Marco Aurélio Mello, concedeu, tempos atrás, habeas-corpus ao banqueiro Cacciola (hoje, foragido do País) e aos ex-diretores do Banco Nacional, *por considerá-los* pessoas de bem, com passado irrepreensível. (PB, *carta*, 2002)

Os advérbios não canônicos, no PE, são desfavoráveis à próclise; portanto, após o vocábulo *depois* e advérbios terminados em *–mente*, observa-se a preferência pela posposição do pronome. O efeito desse mesmo tipo de advérbio nas cartas brasileiras vai em uma direção oposta, já que a próclise antecedida dos itens *depois* e *agora*, de advérbios terminados em *–mente* e de locuções adverbiais é frequente. O único dado enclítico no PB, na presença de um advérbio não canônico, refere-se à cliticização do pronome acusativo *o* a uma forma verbal infinitiva.

Os contextos de SPrep, conjunção coordenativa e SN sujeito, nas cartas do PE, continuam a desfavorecer a próclise, bem como nas entrevistas e nos noticiários portugueses; entretanto, na variedade brasileira do português, tais proclisadores não tradicionais, que anteriormente eram bastante favoráveis à colocação pré-verbal, nas cartas, passam a condicionar a posposição do pronome (ex. (241) e (242)). Justifica-se essa ocorrência justamente pela escrita estar mais próxima à padronização. Como se trata de constituintes que, segundo a norma-padrão, não atraem o pronome, diante deles, nos gêneros escritos, a regra de que a ênclise é a colocação lógica e normal é mais seguida.

(241)

(a) Na escola EB 2,3, *por uma questão funcional uniformizaram-se* os toques, e todos os alunos passaram a ter os tempos lectivos organizados em blocos de 90 min. [...]. (PE, carta, 2003)

(b) Pacheco Pereira não faz deles o título nem o tema principal, como o faria um declarado extremista, *mas insere-os*, timidamente mas sem vergonha, no seu discurso. (PE, carta, 2002)

(c) *Os cristãos sentem-se* abandonados, mostram-se desapoiados. (PE, carta, 2003)

(242)

(a) Quanto à cobertura da imprensa, lá exposta, *de fato deu-se* atenção considerável ao lançamento do novo partido. (PB, carta, 2004)

(b) Parabéns a todos os que tiveram a capacidade de reconhecer o trabalho frutuoso do então governador de São Paulo e *dar-lhe* um voto de crédito para um mandato presidencial. (PB, carta, 2006)

(c) *Dilma Rousseff engalanou-se* toda para anunciar que as concessões de rodovias à iniciativa privada feitas pelo governo Lula eram de longe a melhor opção, com pedágios baratos e estradas perfeitas. (PB, carta, 2009)

Os poucos casos de próclise com SN sujeito, no PE, referem-se a SN sujeito pronome indefinido, SN sujeito nominal simples e SN sujeito nominal complexo – estes dois últimos SNs acompanhados de predeterminantes (ex. (243)). Nas cartas brasileiras, há anteposição do pronome com SN sujeito de todos os tipos (ex. (244)).

(243)

(a) *Todos se espantaram* quando a referida senhora mencionou ter-me encontrado “junto ao PS” (sic). (PE, carta, 2006)

(b) Para além da vertente “mercantil”, o que interessa realçar em (mais) este exemplo é o quanto ele consubstancia a teoria da “banalização do mal” a que, há 40 anos, se referia Hanna Arendt, em *Crises da República*: só nos inconformamos e revoltamos quando nos convencemos que podemos mudar as más condições de que somos vítimas; *nenhuma pessoa se revolta* perante condições que lhe parece impossível modificar. (PE, carta, 2010)

- (c) *Todos os democratas do mundo se sentem* convocados para obstar à ditadura que se manifesta no mundo: a do imperialismo anglófono. (PE, *carta*, 2003)  
(244)
- (a) Em primeiro lugar, *eles se esquecem* de que quem colonizou a África do Sul foram os bôeres, holandeses que se viram obrigados a abandonar os Países Baixos por motivos religiosos. (PB, *carta*, 2007)
- (b) *Tudo nos remete* aos tempos de Stalin na URSS. (PB, *carta*, 2009)
- (c) O governar há de ser transparente e determinado para que haja cumplicidade com a coletividade e *esta o sustente*, haja o que houver. (PB, *carta*, 2001)
- (d) Parece que se esquecem de que foi no infeliz governo desse sociólogo-político que o Brasil teve altíssimas taxas de juros, tal como agora, só que com uma agravante: *o País se desfez* de suas estatais, construídas com o dinheiro do povo e entregues de graça ao capital privado [...]. (PB, *carta*, 2005)
- (e) *A política atual no Brasil e a religião se sustentam* em fatores semelhantes: pobreza, desinformação, medo e violência. (PB, *carta*, 2003)

A respeito da variável *tipo de clítico*, o segundo grupo selecionado na amostra brasileira, as duas tabelas seguintes trazem as suas informações relacionadas ao PB e ao PE, nessa ordem.

Tabela 33. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de clítico, no gênero *carta*, no PB

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PB		
	N/Total	F	PR
<b>me/nos</b>	51/68	75%	.784
<b>se</b>	170/230	74%	.560
<b>lhe(s)</b>	8/14	57%	.297
<b>o(s)/a(s)</b>	23/58	40%	.094
Total	252/370	68%	-

*Input: 0.852    Significância: 0.049    Range: 690*

Tabela 34. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico, no gênero *carta*, no PE

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
<b>me/nos/te/vos</b>	52/82	63%
<b>o(s)/a(s)</b>	41/59	69%
<b>lhe(s)</b>	21/35	60%
<b>se</b>	218/338	64%
Total	332/514	65%

Os pronomes de 1ª. pessoa, do singular e do plural, determinam a colocação pré-verbal nas cartas brasileiras (.784), precedidos de quaisquer tipos de proclisadores e adjungidos a diferentes formas verbais – relacionadas aos modos indicativo e subjuntivo e à forma nominal infinitiva (ex. (245)). A condição que fortemente inibe essa anteposição dos pronomes *me/nos* é o verbo hospedeiro ao qual um deles está adjacente estar em início de oração/período (ex. (246)).

(245)

(a) Na oportunidade daquela acusação de Soares, *José Eudes*, então na presidência da Light Par. sob o governo FHC, me telefonou para manifestar-me solidariedade; agora me surpreendo ao ver que é a Eudes que se atribui a agressão. (PB, *carta*, 2005)

(b) Que *não nos esqueçamos* que também depende de nós virar o jogo de cartas sempre marcadas no Brasil. (PB, *carta*, 2008)

(c) O governo, impotente *para nos libertar*, mostra falsa eficiência às vésperas das eleições, não se dando conta de que também é refém desse seqüestro coletivo. (PB, *carta*, 2002)

(246)

(a) Eu tinha a convicção de que o deputado Aldo Rebelo, em quem sempre votei, era um comunista autêntico. Tomando conhecimento da zombeteira ação dele e do comparsa Renan Calheiros, **lembrei-me** de um amigo que sempre me dizia: “Se queres conhecer o ideal de um político, observa-o em seus atos relacionados ao dinheiro e ao poder. Se ele for interesseiro, deixará o idealismo de lado e pensará no bolso”. (PB, *carta*, 2006)

(b) **Causou-nos** estranheza a atitude do presidente do Tribunal Regional Federal da 1.a Região, Fernando Tourinho Neto, em conceder habeas-corpus ao ex-senador Jader Barbalho e às demais pessoas acusadas de fraudes na extinta Sudam. (PB, *carta*, 2002)

Desmotivam a variante pré-verbal, no PB, os clíticos de 3ª. pessoa *o(s)/a(s)* e *lhe(s)*, porém, em comparação, os acusativos a desfavorecem ainda mais que o pronome dativo – nesta ordem, pesos de .094 e .297. A anteposição do pronome *lhe(s)* está ligada, em especial, aos elementos subordinativos presentes nas orações em que esse tipo de clítico aparece; a ênclise, por sua vez, corresponde ao *lhe(s)* após proclisadores não tradicionais ou cliticizados a verbos encetando a oração. A colocação do clítico acusativo de 3ª. pessoa se dá pelo tipo de atrator, já que a anteposição desse tipo de pronome se justifica pela atuação sobretudo de elementos de subordinação e de negação e, essencialmente, pela forma verbal do hospedeiro, devido ao expressivo número de pronomes *o(s)/a(s)* enclíticos a verbos no infinitivo.

A correlação do grupo *tipo de clítico* à variável *função do clítico*, como antes relatado, auxilia no entendimento da realização das variantes, de preferência ao se tratar do clítico *se* e os valores atribuídos a ele (inerência/reflexividade, apassivação e indeterminação). Nas cartas brasileiras, o pronome *se* aparece relacionado à próclise (.560). No entanto, ao ser observado cada tipo de *se* à parte, os valores da colocação pré-verbal divergem entre si e não são explicados pelos mesmos aspectos. O *se* inerente/reflexivo, sem depender de outras circunstâncias, tais como a natureza do elemento que o antecede ou a forma verbal de seu hospedeiro, posiciona-se com predominância à esquerda do verbo (77%) (ex. (247)) – exceto em início de oração/período. O *se* apassivador, neste gênero, aparece 87% das vezes proclítico justamente por ser antecedido de proclisadores tradicionais (em 30 dos 39 dados, há a participação de um elemento de subordinação ou de negação) (ex. (248)). Por último, o *se* indeterminador atinge um percentual mediano de próclise (52%), visto que os dados de *se* com esse valor se dividem quase por igual entre aqueles que estão em início absoluto de oração, em ênclise, e aqueles postos após atratores típicos (ex. (249)). Com o *se* indeterminador, também

se encontram dados com proclisadores não tradicionais, entretanto, bem como com o fator *se* apassivador, em número reduzido.

(247)

(a) Ora, *se essa ameaça se concretizar*, as unidades afetadas terão de alugar um prédio ou a Prefeitura vai ter de desapropriar alguma área particular, já que praticamente não existem mais áreas municipais livres em nossa cidade. (PB, *carta*, 2004)

(b) Em primeiro lugar, *eles se esquecem* de que quem colonizou a África do Sul foram os bôeres, holandeses que se viram obrigados a abandonar os Países Baixos por motivos religiosos. (PB, *carta*, 2007)

(248)

(a) *Quando se veem* as infinitas carretas estacionadas no acostamento de uma via de paralelepípedos mal assentados que dá acesso ao porto, aguardando não se sabe o quê, e os armazéns em ruínas, prestes a desabar, é difícil acreditar que esse seja o principal terminal de exportação e importação brasileiro. (PB, *carta*, 2007)

(b) Por que *não se aplica* o porcentual apurado a cada ano? (PB, *carta*, 2010)

(249)

(a) Diariamente lemos nos jornais analistas atribuindo o favoritismo de Lula aos eleitores de baixa renda e menos escolarizados. *Trata-se* de forte conteúdo de preconceito. (PB, *carta*, 2006)

(b) Surpreende *que se fale* em patriotismo enquanto pactuam com tamanha abominação entreguista. (PB, *carta*, 2009)

Nas cartas do PE, os fatores do grupo *tipo de clítico* apresentam percentuais de próclise similares ao índice geral dessa variante (cf. tabela 34), o que indica, de fato, a não motivação dessa variável linguística sobre a colocação dos pronomes.

As tabelas 35 e 36 mostram os resultados da cliticização verbal, no PB e no PE, segundo a *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*, outra variável considerada relevante na amostra brasileira.

Tabela 35. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero *carta*, no PB

Distância	PRÓCLISE – PB		
	N/Total	F	PR
Adjacente	210/258	81%	.560
Não adjacente	41/50	82%	.224
Total	251/308	81%	-

*Input: 0.852    Significância: 0.049    Range: 336*

Tabela 36. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl, no gênero *carta*, no PE

Distância	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Adjacente	254/332	76%
Não adjacente	77/91	85%
Total	331/423	78%

Os valores numéricos obtidos na análise dessa variável repetem certos comportamentos observados nos gêneros *entrevista na TV* e *noticiário de TV*, do mesmo modo que também ratificam o quanto a natureza do elemento antecedente ao grupo clítico-verbo (ou verbo-clítico) se torna, agora, decisiva para a realização das variantes no PB. A preferência pela posição pré-verbal no contexto de adjacência, nas duas localidades, reflete o número elevado de atratores prototípicos de próclise nos dados relacionados a esse fator – no PB, há elementos de subordinação e de negação e, no PE, esses mesmos elementos e advérbios canônicos. Os casos de ênclise, também no fator *adjacente*, restringem-se principalmente à antecedência de proclisadores não tradicionais – das 48 ocorrências no PB e das 78 no PE, aparecem em maior concentração preposições, SNs sujeitos e conjunções coordenativas (cf. gráficos 12 e 13). A próclise permanece dominante mesmo no fator não adjacente, dado que nesse contexto, por exemplo, os elementos de subordinação aparecem em 81% e 93% dos casos, respectivamente no PB e no PE (cf. gráficos 12 e 13). Nas cartas brasileiras, entretanto, ainda que o percentual de próclise seja elevado mesmo quando há distância entre o proclisador e o grupo clítico-verbo, o peso relativo da *não adjacência* aponta o desfavorecimento da anteposição do pronome (.224). Essa falta de similaridade e, inclusive, esse direcionamento contrário dos valores, como em outros casos, demonstram a distribuição irregular dos dados nos fatores dessa própria variável e também em outros de diferentes grupos, tendo como exemplo os fatores *elemento subordinativo*, pronome *se* e *tempos do indicativo (- futuros)*, das seguintes variáveis: *tipo de elemento (proclisador)*, *tipo de clítico* e *forma verbal do hospedeiro* (cf. tabelas 32, 33 e 37).

Gráfico 12. Ênclise e próclise: distância vs. elemento proclisador, no gênero *carta*, no PB

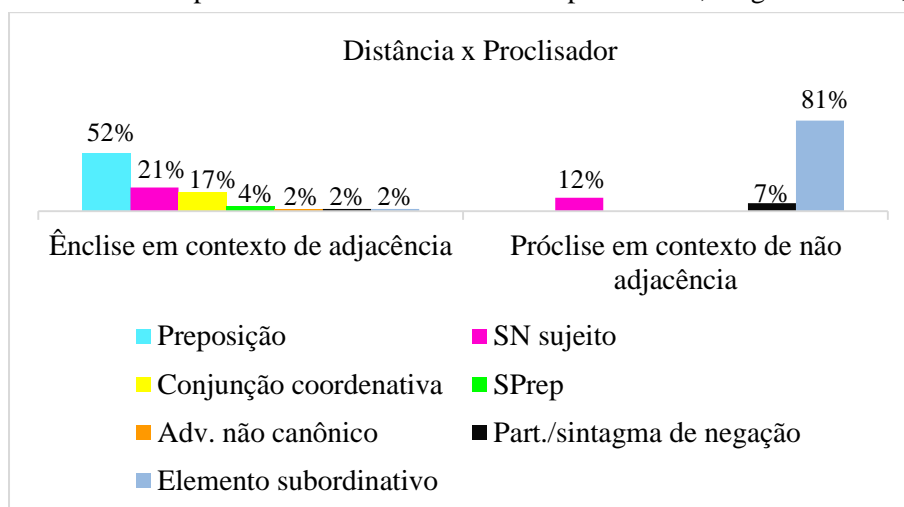
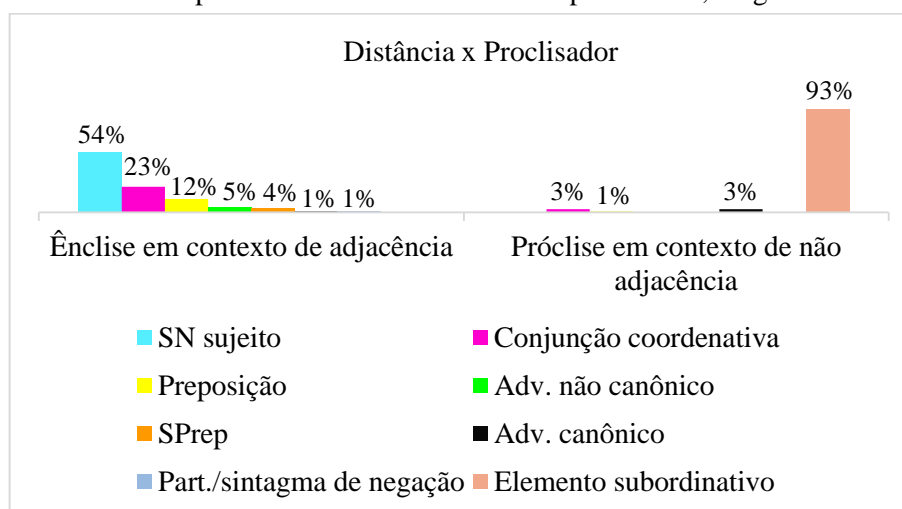


Gráfico 13. Ênclise e próclise: distância vs. elemento proclisador, no gênero *carta*, no PE

A quarta, e última, variável selecionada nas cartas brasileiras foi a *forma verbal do hospedeiro*. As tabelas na sequência apresentam as probabilidades de próclise, segundo esse grupo de fatores, primeiramente no PB e, depois, no PE.

Tabela 37. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero *carta*, no PB

Forma verbal	PRÓCLISE – PB		
	N/Total	F	PR
<b>Tempos do subjuntivo</b>	41/46	89%	.758
<b>Gerúndio</b>	4/19	21%	.722
<b>Tempos do indicativo (- futuros)</b>	173/232	75%	.561
<b>Infinitivo</b>	34/73	47%	.149
Total	252/370	68%	-
<i>Input: 0.852    Significância: 0.049</i>			<i>Range: 609</i>
<b>Nocautes</b>			
Futuros do indicativo	15/15	100%	-
Imperativo afirmativo	0/6	0%	-

Tabela 38. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero *carta*, no PE

Forma verbal	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Tempos do indicativo (- futuros)	233/363	64%
Tempos do subjuntivo	50/56	89%
Imperativos (afirmativo e negativo)	3/14	21%
Infinitivo	44/65	68%
Gerúndio	2/16	12%
Total	332/514	65%
<b>Nocaute</b>		
Futuros do indicativo	15/15	100%

Quando cliticizados a verbos no subjuntivo, nas cartas brasileiras, os pronomes átonos tendem a se posicionar antes de seus hospedeiros (.758), até porque, em quantidade superior, esses dados são extraídos de orações que trazem em sua constituição elementos subordinativos – tais elementos estão em 37 dos 41 casos de próclise no PB. A posição do pronome a formas verbais no subjuntivo se relaciona sobretudo ao contexto de início absoluto de oração/período (4 dados).

Com as formas gerundivas, a colocação pré-verbal também é a preferida na amostra do PB (.722), mesmo que, em termos percentuais, essa variante não se mostre significativa (21%). A discrepância entre peso relativo e porcentagem representa a ordenação desigual dos dados com gerúndio na amostra, posto que, por exemplo, dos 19 registros de cliticização a essa forma nominal do verbo, em 15 o grupo verbo-clítico está iniciando a oração/período. Os dados proclíticos ao gerúndio aparecem logo após a partícula *não* (2 dados) (ex. (250)) e certos proclisadores não tradicionais – 1 conjunção coordenativa aditiva e 1 SN sujeito nominal simples, antecedido de predeterminante (ex. (251)).

(250) Foram 70 mil torcedores, ordeiros, dentro do estádio, **não se registrando** nenhuma invasão. (PB, *carta*, 2007)

(251)

(a) Domingo vi na TV, entre outras manifestações, a da governadora do Rio, lamentando o ocorrido e **se solidarizando** com a família e os colegas do jornalista. (PB, *carta*, 2002)

(b) **Muitos parlamentares se exibindo** em festinhas juninas, deixando para trás um país - recordista mundial de recessos - inteiro carente de leis imprescindíveis para um digno viver. (PB, *carta*, 2008)

Diferentemente dos noticiários e dos editoriais brasileiros, neste gênero, as formas no indicativo (presente e pretéritos) não desencadeiam o uso saliente de uma ou outra variante, como sugerido ao apresentar os condicionamentos linguísticos tratados nesta pesquisa. A próclise, com verbos nesse contexto (salvo os futuros), é moderada (.561). A anteposição do



pronome é vista diante dos dois tipos de proclisadores (os tradicionais e os não tradicionais), embora 132 registros, dos 173 coletados, ocorram com um elemento de subordinação ou uma partícula/sintagma de negação. Os pronomes enclíticos (59 dados) estão associados a início de oração/período (38 casos), a alguns proclisadores não tradicionais (conjunção coordenativa, SPrep e SN sujeito) (21 casos) e a 1 único caso de proclisador tradicional, não adjacente ao verbo-clítico (ex. (233a)).

Com o infinitivo, a colocação pré-verbal não é motivada (.149) nas cartas brasileiras. A produtividade da ênclise, nesse contexto, diz respeito à cliticização do pronome acusativo de 3ª. pessoa, presente em 29 dos 39 dados observados. Os 10 dados enclíticos restantes se referem aos pronomes *me*, *lhe(s)* e *se*, precedidos de proclisadores não tradicionais (preposição ou conjunção coordenativa) ou em contexto de início absoluto de oração/período.

A próclise e a ênclise são categóricas nas cartas brasileiras quando os clíticos estão adjacentes, respectivamente, a verbos nos futuros do indicativo e a formas verbais no imperativo afirmativo (cf. tabela 37). Os dados proclíticos encontrados com o futuro do presente (8 ocorrências) e com o futuro do pretérito (7 registros) aparecem na sequência, imediata ou não, de elementos subordinativos, partículas/sintagmas de negação ou advérbios canônicos. Os 6 casos de ênclise a verbos no imperativo afirmativo se relacionam ao contexto de início absoluto de oração/período.

A atuação da *forma verbal do hospedeiro* nas cartas portuguesas foi efetivamente considerada irrelevante, haja vista que foi a primeira variável eliminada pelo *step-down*. No entanto, com índices de próclise divergentes da frequência geral dessa variante, destacam-se o predomínio da anteposição do pronome a verbos no subjuntivo e o favoritismo da ênclise ante os verbos no imperativo afirmativo e no gerúndio (cf. tabela 38). O alto índice de próclise com os verbos no subjuntivo tem a ver com o contexto de subordinação. A ênclise a essas mesmas formas verbais (6 dados) se esclarece pelo contexto de início absoluto de oração/período (4 dados) ou pela presença de proclisadores não tradicionais (2 dados). Os clíticos adjacentes a formas verbais imperativas se dividem entre 3 casos de próclise a verbos no imperativo negativo e 11 ocorrências de ênclise a formas no imperativo afirmativo, estas iniciando a oração/período. A forma gerúndiva favorece a posposição do pronome. Dos 16 dados coletados, apenas em 2 os pronomes estão à esquerda do verbo, logo após a partícula *não* e o SN sujeito nominal simples formado pelo pronome demonstrativo *mesmo* (ex. (252)). A ênclise ao gerúndio (14 dados) corresponde predominantemente ao contexto de início de oração/período (13 dados).

(252) Eu abri o PÚBLICO, pelo que, no que respeita ao item “saciar a(s) fome(s)”, estamos sincronizadas, *o mesmo se passando* em relação ao firme repúdio face ao que lamentavelmente se passa (pelo menos) na Nigéria. (PE, carta, 2002)

Como nas cartas brasileiras, a próclise é categórica na amostra portuguesa quando a cliticização se dá a verbos nos futuros do indicativo. A colocação pré-verbal ocorre diante de elementos subordinativos, partículas/sintagmas de negação e advérbios canônicos (13 dados), mas, também, perante SNs sujeitos – um dado com SN sujeito pronome indefinido e outro com SN sujeito nominal simples, constituído de predeterminante e SN (ex. (253)).

(253)

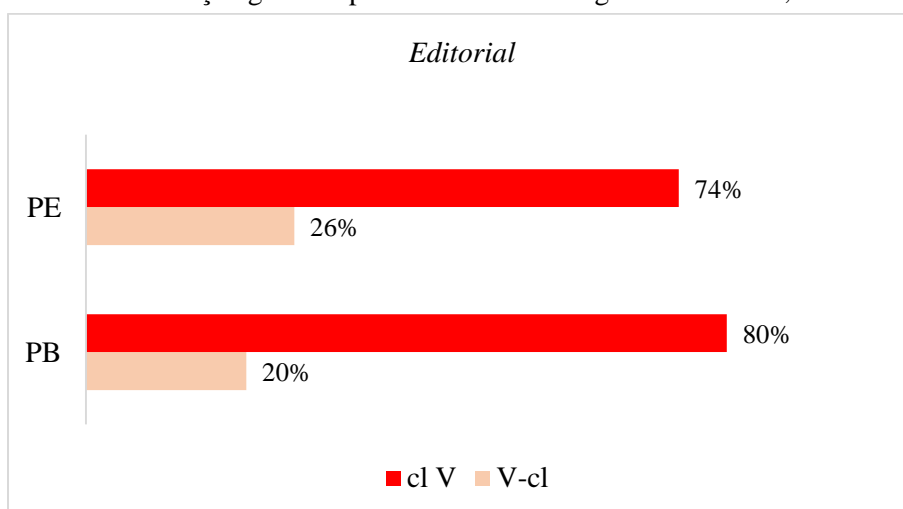
(a) O boicote aos produtos americanos e britânicos já começou com a declaração dos estudantes de Coimbra, a que *muitos se juntarão*. (PE, carta, 2003)

(b) O “pin” do festival reencontrei-o pouco antes da edição deste ano, que decorreu no passado fim-de-semana, pelo que decidi aplicá-lo ao saco que usava. Perdi-o no primeiro dia, recuperei-o no segundo, e abandonei Sendim momentos depois de me aperceber que o deixava – *algum celta o encontrará!* (PE, carta, 2004)

#### 5.1.1.4 Lexias verbais simples no gênero *editorial*

Neste gênero, de concepção escrita e meio gráfico, foram coletados 443 clíticos na variedade europeia e 266 na variedade brasileira. Depois de excluídos determinados contextos categóricos de uma ou de outra variante, analisaram-se 304 pronomes no PE, distribuídos entre 226 casos de próclise e 78 casos de ênclise, e 122 no PB, divididos entre 97 pronomes cliticizados à esquerda do verbo e 25 adjacentes à direita. No gráfico seguinte, apresentam-se os percentuais de cada posição nos editoriais observados do PE e do PB.

Gráfico 14. Distribuição geral de próclise e ênclise no gênero *editorial*, no PE e no PB



O exame dos dados a partir da separação em contextos possibilita conectar a alta marca de próclise nos editoriais do PE à concentração expressiva de atratores pronominais típicos nesse mesmo material. Nos editoriais brasileiros, o domínio da posição pré-verbal se refere não só a esse mesmo fator (quantidade abundante de proclisadores tradicionais), mas, também, à preferência, novamente mais marcada, dessa mesma variante inclusive depois de proclisadores não tradicionais. As duas próximas tabelas e o gráfico 15, pautados no número inicial de clíticos verificado nos editoriais de cada variedade, especificam a colocação pronominal conforme os três contextos linguísticos considerados.

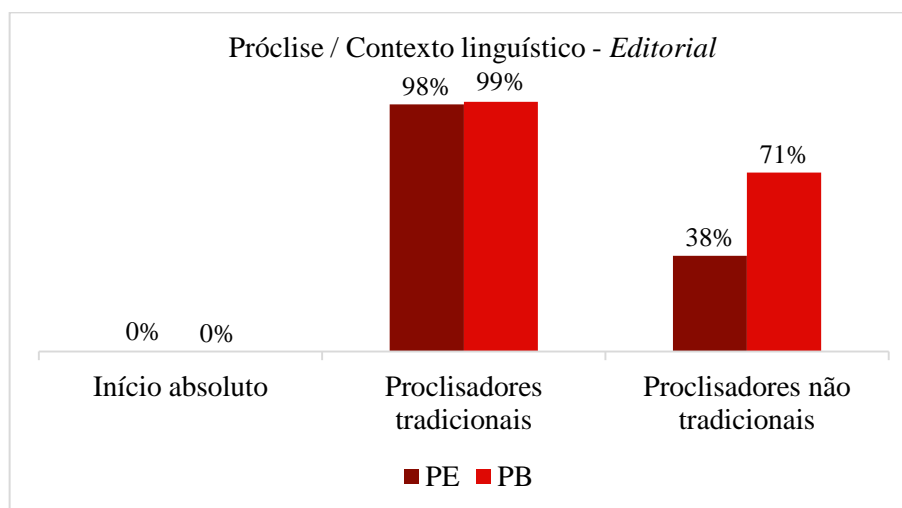
Tabela 39. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *editorial*, no PE

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PE
	N	F	N	F	
<b>Início absoluto</b>	0	0%	76	100%	76
<b>Proclisadores tradicionais</b>	244	98%	5	2%	249
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	45	38%	73	62%	118 = 443

Tabela 40. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise e ênclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *editorial*, no PB

Contexto linguístico	Próclise		Ênclise		Total Dados/PB
	N	F	N	F	
<b>Início absoluto</b>	0	0%	39	100%	39
<b>Proclisadores tradicionais</b>	142	99%	1	1%	143
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	60	71%	24	29%	84 = 266

Gráfico 15. Distribuição de próclise, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *editorial*, no PE e no PB



Quando os hospedeiros verbais aparecem em posição inicial absoluta de oração/período, neste gênero, no PE e no PB, a posposição do pronome é categórica. Após proclisadores tradicionais, nas duas localidades, a próclise é semicategórica. A colocação pronominal é de fato variável na presença de proclisadores não tradicionais, com os quais se destaca a ênclise no PE e a próclise no PB. Neste último contexto, a discrepância entre os percentuais de próclise (e de ênclise) do PE e do PB se torna menos expressiva nos editoriais, não como constatado nas cartas, mas notável diante da significativa diferença entre as marcas apresentadas da posição pré-verbal em cada uma das variedades nas entrevistas e nos noticiários. Os textos escritos, conforme já explicitado, estão mais propícios à uniformização dos usos, segundo os padrões estabelecidos gramaticalmente. Por isso, os resultados das colocações pronominais portuguesa e brasileira mais se aproximam nos gêneros *carta do leitor* e *editorial*.

Igualmente à análise das cartas, nos editoriais do PE, a única variável selecionada como atuante na colocação pronominal foi o *tipo de elemento (proclisador)*. Foram descartados os grupos *função do clítico*, *forma verbal do hospedeiro*, *tipo de clítico* e *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*, nessa devida ordem. A análise multivariada dos dados extraídos dos editoriais do PB, no início, selecionou e eliminou ao mesmo tempo a variável *tipo de clítico*, além de não ter apresentado o grupo *função do clítico* no *step-up* ou no *step-down*. Devido à correlação existente entre essas duas variáveis, como antes abordado nesta discussão, verificou-se que ambas tinham fatores que descreviam os mesmos dados – a saber, os registros do pronome *o(s)/a(s)* também preenchiam a célula da função *argumental* e os dados com o pronome *se* eram os mesmos do fator *inerência/reflexividade*. Dessa maneira, por ter sido considerado que um desses dois grupos de fatores pudesse ser significativo, mas não na presença do outro, fizeram-se novas rodadas, primeiro, sem o *tipo de clítico* e, depois, sem a *função do clítico*. Apresentam-se os resultados originários da análise multivariada que apontou as variáveis *tipo de elemento (proclisador)*, *função do clítico* e *forma verbal do hospedeiro*, nessa ordem de relevância, como motivadoras do fenômeno estudado. Excluiu-se, nos editoriais do PB, somente a *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*.

Atribuem-se as informações das tabelas 41 e 42 à variável *tipo de proclisador*.

Tabela 41. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *editorial*, no PE

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PE		
	N/Total	F	PR
<b>Elemento subordinativo</b>	164/168	98%	.847
<b>Advérbio canônico</b>	18/19	95%	.709
<b>Preposição</b>	28/36	78%	.321
<b>Advérbio não canônico</b>	1/3	33%	.063
<b>SPrep</b>	4/15	27%	.047
<b>Conjunção coordenativa</b>	6/32	19%	.030
<b>SN sujeito</b>	5/31	16%	.025
Total	226/304	74%	-
<i>Input: 0.881    Significância: 0.000</i>			<i>Range: 822</i>
<b>Nocautes</b>			
Ausência de elemento (proclisador)	0/76	0%	-
Partícula/sintagma de negação	52/52	100%	-

Tabela 42. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *editorial*, no PB

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PB		
	N/Total	F	PR
<b>Elemento subordinativo</b>	46/47	98%	.891
<b>Preposição</b>	15/27	56%	.602
<b>SN sujeito</b>	33/40	83%	.108
<b>Conjunção coordenativa</b>	3/8	38%	.039
Total	97/122	80%	-
<i>Input: 0.927    Significância: 0.037</i>			<i>Range: 852</i>
<b>Nocautes</b>			
Ausência de elemento (proclisador)	0/39	0%	-
Partícula/sintagma de negação	31/31	100%	-
Advérbio canônico	14/14	100%	-
Advérbio não canônico	2/2	100%	-

Em início absoluto de oração/período (= ausência de elemento (proclisador)), a ênclise é categórica nas duas amostras; por outro lado, a próclise atinge 100% de realização na presença de partícula/sintagma de negação, no PE, e, no PB, diante desse mesmo item e, ainda, de todos os advérbios – canônicos ou não.

Os vocábulos identificados na tradição gramatical como atratores de próclise, tanto quanto aguardado, influenciam na colocação pronominal à esquerda do verbo – nos editoriais portugueses, os fatores *elemento subordinativo* e *advérbio canônico* apresentam pesos de .847 e .709, respectivamente; já, nos editoriais do PB, em relação aos elementos de subordinação, o

peso é de .891. Os casos de ênclise mesmo com esses constituintes nas orações, ainda que em número insuficiente, demonstram que essa variante ocorre quando há, ou não, distância entre o próprio atrator e o grupo verbo-clítico, no PE (ex. em (254)), e, na variedade do PB, pelo fato de o clítico ser um acusativo de 3ª. pessoa adjacente a uma forma infinitiva – ex. (255).

(254)

(a) Claro *que*, em lugar de reconhecerem o erro, os dirigentes da agência **apressaram-se** a dizer que a divulgação de tais factos “perturba” aqueles que “servem o país nas linhas da frente de um conflito mundial”. (PE, *editorial*, 2007)

(b) Porque nos céus, no interior das aerofortalezas que muitos líderes alimentam à custa de povos que não têm com *que* **alimentar-se**, as palavras fome e sida perdem significado. (PE, *editorial*, 2003)

(255) A discussão sobre o montante do Fundo de Desenvolvimento Regional e sobre o modo *como* **constituí-lo** não terminou. (PB, *editorial*, 2005)

Os proclisadores não tradicionais (preposição, advérbio não canônico, SPrep, conjunção coordenativa e SN sujeito) desfavorecem a próclise nos editoriais do PE – com pesos de .321 a .025, em ordem decrescente –, embora, quando observado o fator *preposição*, a frequência percentual da colocação pré-verbal seja alta.

Como já apresentado em outros gêneros, a anteposição do pronome *se* associa às preposições *para* e *de* (acrescentam-se, aqui, locuções prepositivas), que, juntas, aparecem em 26 dos 28 dados (ex. (256)). Os 2 dados proclíticos restantes se referem às preposições *em* e *por* (ex. (257)). A ênclise ocorre de forma predominante na sequência imediata da preposição *a* (6 dos 8 dados) (ex. (258)). Com a preposição *de*, ainda, ocorre a posposição do pronome *o(s)/a(s)* a verbos no infinitivo.

(256)

(a) A começar, o Presidente teve boas oportunidades *para se pronunciar* sobre o rumo do banco quando se gorou a possibilidade de privatização ou quando se soube que o Governo preparava uma injeção de mais 500 milhões de euros para garantir a sua solvabilidade. (PE, *editorial*, 2010)

(b) Por outras palavras: era um homem com convicções que não tinha receio *de as expressar* e *de se bater* por elas, porque acreditava que, sendo as correctas, acabariam por vencer. (PE, *editorial*, 2004)

(257)

(a) É um problema de todos os portugueses e da capacidade do país *em se manter* à tona da água, não perdendo, por exemplo, os fundos comunitários. (PE, *editorial*, 2001)

(b) Mas para o Porto, cidade que permaneceu tantos anos esquecida na sua modorra cinzenta, essa seria apenas mais uma operação cosmética incapaz de apagar males profundos. Por isso, e independentemente do sucesso da sua admirável programação, o Porto 2001 deve merecer o nosso aplauso *por nos abrir* uma nova e ousada perspectiva de futuro. (PE, *editorial*, 2002)

(258)

(a) Anteontem, em Caminha, Durão Barroso foi inteligente *ao afirmar-se* como se fosse o único referencial de estabilidade no actual quadro político em que o principal partido de oposição continua confrontado com problemas externos e internos. (PE, *editorial*, 2003)

(b) As imagens que nos chegam de Moscovo mostram uma cidade imersa num denso nevoeiro, com prédios, automóveis e pessoas, muitas de máscaras protectoras, *a moverem-se* como sombras na cidade. (PE, *editorial*, 2010)

As conjunções coordenativas são favoráveis à ênclise, independentemente de suas naturezas, uma vez que, nos editoriais do PE, a colocação pós-verbal é vista após conjunções aditivas, adversativas, alternativas, conclusivas e explicativas (ex. (259)). Os poucos dados proclíticos, nesse contexto, aparecem contíguos à conjunção aditiva *e* (5 dados) e à conjunção alternativa *ou* (1 dado) (ex. (260)). Em (260a/b), no entanto, pode-se recuperar a conjunção subordinativa elíptica – *e [que] se especializou e ou [quando] lhe ditaram*.

(259)

(a) Claro que Francisco Louçã abocanhou logo a oportunidade *e presenteou-nos* com algumas “pérolas”: “os *rankings* não pretendem esclarecer nada do ponto de vista da informação, procuram é criar uma mistificação gigantesca”; “o objectivo é meramente conseguir alguns milhões orçamentais para o financiamento do ensino privado e para as escolas confessionais”; e ainda que esta “operação ideológica da direita e da extrema-direita” seria feita em nome de uma liberdade de escolha que já existe, pois “é absolutamente possível a qualquer pai ou mãe escolher a escola para os seus filhos”. (PE, *editorial*, 2007)

(b) A única forma de travar esta espiral de violência que pode conduzir a mais mortes é seguir o conselho do cartaz empunhado pela criança de Hebron. *Mas seguiu-lo* em todas as suas conseqüências. (PE, *editorial*, 2001)

(c) Cavaco faria bem, como aliás já o fez, em exigir aos partidos uma capacidade maior de filtrar os quadros com aspirações à governação. *Ou lembrar-lhes* que a intervenção na vida pública não é um diploma de acesso a altos cargos na administração do Estado. (PE, *editorial*, 2005)

(d) Estranha-se que o país ande deprimido. *Ou então atribui-se* a depressão à crise económica. (PE, *editorial*, 2008)

(e) Já Marques Mendes e Ribeiro e Castro, se estão por agora empenhados em alargar a sua base de poder no interior dos seus partidos, a verdade é que antes seguiram estratégias vitoriosas nas autárquicas (o que parecia missão impossível depois do desastre do PSD e do CDS nas legislativas) e nas presidenciais (onde a sua tarefa se encontrava facilitada, *pois bastava-lhes* ir à boleia de Cavaco Silva). (PE, *editorial*, 2006)

(260)

(a) Apesar de todas as luzes que se vêem ao fundo do túnel, facto raro numa cidade que se acomodou ao marasmo *e se especializou* nas queixas contra fantasmas como o da capital, os portuenses vivem ansiosos e deprimidos. (PE, *editorial*, 2001)

(b) Quando a ministra da Educação tomou a decisão (*ou lhe ditaram* a decisão) de divulgar os resultados dos exames dos 9.º e 12.º anos sem estabelecer um embargo sabia o que estava a fazer. (PE, *editorial*, 2007)

O clítico, quando antecedido de SN sujeito, também se posiciona preferencialmente à direita do verbo. Encontram-se casos de ênclise com SN sujeito nominal simples e complexo (juntos, são 25 dos 26 registros) e SN sujeito pronome demonstrativo (1 dado) (ex. (261)). Os dados de próclise (apenas 5) correspondem a SN sujeito nominal acompanhado de predeterminante (4 casos) e a SN sujeito pronome indefinido (1 dado) (ex. (262)).

(261)

(a) Entre pais e clínicos, como se sabe, *as opiniões dividem-se* há anos. (PE, *editorial*, 2010)

(b) A ONU pediu ajuda para organizar eleições no Iraque. Contudo *os autoproclamados campeões do “multilateralismo” mostraram-se* indisponíveis. (PE, *editorial*, 2004)

(c) As “clientelas” preferem, por regra, estar com quem manda e *isso reflete-se* tanto em silêncios ensurdecadores como em descaradas mudanças de campo de muitos “independentes”. (PE, *editorial*, 2006)

(262)

(a) Aberta a “caixa de Pandora” no recente congresso do Coliseu, comprovado o magnetismo eleitoral de Santana — o mais popular dos líderes partidários —, *todo o velho PSD se revolve* por dentro e conspira com mais ou menos decoro. (PE, *editorial*, 2002)

(b) Contudo, apesar de ter sido acusado várias vezes - mas nunca condenado -, Silvio Berlusconi já conseguiu ser por três vezes primeiro-ministro. Os italianos, de resto, voltaram a preferi-lo no ano passado e *muitos se interrogaram* como tal fora possível. (PE, *editorial*, 2009)

Na amostra brasileira, à exceção das preposições, às quais é atribuído o peso de 0.602 de aplicação de próclise, os demais proclisadores não tradicionais, como mencionado sobre os editoriais do PE, também desmotivam a colocação pré-verbal (em relação ao fator *conjunção coordenativa*, peso de .039; e, ao fator *SN sujeito*, peso de .108).

Observa-se o uso das duas variantes quando presentes as preposições *a*, *para* e *de* (mais locuções prepositivas). Os dados proclíticos são todos com o *se* inerente/reflexivo (15 dados) (ex. (263)); enquanto em ênclise estão sobretudo os acusativos de 3<sup>a</sup>. pessoa adjuntos ao infinitivo (12 de 13 dados) (ex. (264)). Registra-se somente 1 caso de *se* inerente/reflexivo à direita do verbo, imediatamente após a preposição *para* (ex. (265)). Ainda aparecem 1 dado com a preposição *em* (pronome *o* enclítico à forma verbal infinitiva) e 2 com a preposição *por* (ambas as ocorrências com o pronome *se* inerente/reflexivo anteposto ao infinitivo).

(263)

(a) Motivações semelhantes levaram o presidente Lula a engolir desaforos do presidente boliviano Evo Morales, a incentivar a Petrobrás *a se envolver* em projetos com a venezuelana PDVSA e a aceitar quase sem reação medidas protecionistas tomadas pelo governo argentino contra empresas brasileiras. (PB, *editorial*, 2009)

(b) Criou-se um órgão tecnicamente qualificado e politicamente insuspeito, a CTNBio – agora em vias de desmantelamento –, *para se pronunciar*, caso a caso, sobre os eventuais perigos à saúde e ao ambiente do OGMs que se queiram cultivar. (PB, *editorial*, 2003)

(c) Hoje, o aeroporto corre o sério risco *de se transformar*, em uma década, em um novo Congonhas, saturado e sem alternativas de expansão. (PB, *editorial*, 2007)

(264)

(a) O Brasil tentou, em vão, convencer a Casa Branca a apoiar o adiamento das eleições no país. Se o pleito é um fato consumado, os Estados Unidos também sabem que seria fútil pressionar o Planalto *a reconhecê-lo*, a esta altura, como legítimo. (PB, *editorial*, 2009)

(b) Até agora, a Eletrobrás compra essa energia *para revendê-la* no mercado brasileiro. (PB, *editorial*, 2009)

(c) Ofereceu explicações contraditórias, nenhuma delas convincente, para a decisão *de montá-lo*. (PB, *editorial*, 2008)

(265) A sistemática sonegação de informações, do governo federal, aos pedidos de esclarecimento feitos por deputados federais a diversos Ministérios e a altos escalões da administração, [...], marcam o precário entendimento do que sejam tanto a transparência quanto a segurança nacional numa democracia - visto que, nesta, o essencial é que a cidadania tenha conhecimento dos atos dos detentores de poder de Estado, *para certificar-se* da sua lisura. (PB, *editorial*, 2008)

O fator *conjunção coordenativa* é composto quase exclusivamente pela conjunção aditiva *e* (6 de 8 dados). Após essa conjunção, registram-se 2 pronomes proclíticos e 4 enclíticos (ex. (266)). Os 2 casos restantes estão associados a um clítico anteposto ao verbo após uma conjunção explicativa (*porque*) e a outro pronome em posição enclítica depois de uma conjunção conclusiva (*então*). Os poucos dados de conjunções coordenativas na amostra



brasileira, em especial estas duas últimas citadas (conjunções explicativa e conclusiva), podem tornar quaisquer comentários acerca delas insustentáveis.

(266)

(a) O Brasil, como se sabe, considera ilegítimo o pleito nessas condições *e se nega* de antemão a reconhecer o governo que dele resultar. (PB, *editorial*, 2009)

(b) Mas o governo gostou do truque *e tornou-se* dependente desse dinheiro para sustentar despesas sempre crescentes. (PB, *editorial*, 2008)

Os SNs sujeitos, ainda que alcancem percentual de 83% de próclise, apresentam peso de apenas .108. Desse modo, e seguindo a orientação teórica de que os valores dos pesos indicam com superioridade os efeitos de cada contexto, vincula-se a esse proclisador não tradicional a tendência à ênclise nos editoriais brasileiros. Coletam-se, em grande escala, casos de SN sujeito nominal simples e complexo (37 dados) e, em proporção bem menor, dados com a participação de SN sujeito pronome pessoal e SN sujeito pronome indefinido (3 dados). Após estes dois últimos tipos de SNs sujeitos, constata-se a próclise (ex. (267)); após SNs sujeitos nominais, 30 ocorrências são de pronomes proclíticos e 7 de enclíticos – ex. (268).

(267)

(a) É de desanimar: ao mesmo tempo que informa ter marcado um prazo “para mim mesmo” - o de março - para a normalização do serviço de transporte aéreo no País, *ele se comporta* como se algo já tivesse melhorado no setor nesses mais de três meses desde a sua nomeação. (PB, *editorial*, 2007)

(b) O assunto vale um exame cuidadoso, mas desde logo uma conclusão parece incontornável: improdutivo é o Brasil, com sua mistura de modernidade e de atraso, e *isso se explica* principalmente pela ineficiência do setor público. (PB, *editorial*, 2007)

(268)

(a) *O Fisco se arranja* com mais impostos. (PB, *editorial*, 2001)

(b) Como conseqüência direta dessa aposta quase sem retorno, *as operadoras enterraram-se* em dívidas e perderam praticamente sua capacidade de investir. (PB, *editorial*, 2002)

(c) À parte as razões mais óbvias disso, a começar da singular trajetória do presidente e de sua excepcional aptidão para se fazer idolatrado pela maioria dos brasileiros, *o ciclo de oito anos que se encerra formalmente hoje se distingue* por entrelaçar o melhor e o pior que um governante eleito pelo voto popular já proporcionou ao País. (PB, *editorial*, 2010)

(d) *O ex-bispo Fernando Lugo elegeu-se* com uma campanha amplamente baseada na promessa de arrancar benefícios do vizinho imperialista. (PB, *editorial*, 2009)

A respeito da variável *função do clítico*, seguem os resultados nas duas tabelas seguintes.

Tabela 43. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a função do clítico, no gênero *editorial*, no PB

Função do clítico	PRÓCLISE – PB		
	N/Total	F	PR
<b>Inerência/reflexividade</b>	76/88	86%	.627
<b>Argumental</b>	21/34	62%	.207
Total	97/122	80%	-
<i>Input: 0.927 Significância: 0.037</i>			<i>Range: 420</i>
<b>Nocautes</b>			
Não argumental	1/1	100%	-
Apassivação <sup>126</sup>	18/18	100%	-
Indeterminação <sup>127</sup>	16/16	100%	-

Tabela 44. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico, no gênero *editorial*, no PE

Função do clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
<b>Inerência/reflexividade</b>	113/151	75%
<b>Argumental</b>	56/81	69%
<b>Não argumental</b>	1/2	50%
<b>Indeterminação</b>	38/46	83%
<b>Apassivação</b>	18/24	75%
Total	226/304	74%

A função inerência/reflexividade, exercida em toda a amostra brasileira apenas pelo pronome *se*, propicia a colocação proclítica (.627). Como argumentos dos verbos, e desfavoráveis à próclise (.207), estão os clíticos acusativo e dativo de 3ª. pessoa. O *se* inerente/reflexivo se posiciona, em número maior, antes de verbos no indicativo e formas verbais infinitivas (75 dados), na presença de proclisadores tradicionais ou não (ex. (269)). A ênclise, nesse contexto, refere-se ao *se* adjungido preferencialmente a verbos nessas mesmas formas, mas, agora, logo após conjunções coordenativas (4 dados), SNs sujeitos (7 dados) e a preposição *para* – ex. (270) e (265).

(269)

(a) Para Armínio Fraga, o encontro superou as expectativas, *uma vez que os bancos se comprometeram* não apenas a manter o nível das linhas de crédito para o comércio exterior, mas o nível geral de negócios com o Brasil. (PB, *editorial*, 2002)

<sup>126</sup> No início, encontraram-se 9 pronomes *se* enclíticos na função de apassivação. Em virtude de outras exclusões, esses dados também foram eliminados.

<sup>127</sup> No início, encontraram-se 15 pronomes *se* enclíticos na função de indeterminação. Em virtude de outras exclusões, esses dados também foram eliminados.

(b) *Se o país de Chávez se tornar* sócio pleno do Mercosul, como deseja o amigão Lula, o chefão bolivariano poderá ampliar o alcance de sua ação desagregadora. (PB, *editorial*, 2010)

(c) *Mas o escândalo de agora se caracteriza* pela porosidade das denúncias apregoadas trefegamente por força da concorrência entre duas revistas. (PB, *editorial*, 2004)

(d) Esse calcanhar-de-aquiles das políticas sociais voltadas antes para o urgente (amenizar as carências das populações em situação de pobreza extrema) do que para o importante (capacitar tais populações *a se tornar* cada vez menos pobres) transpareceu de um debate [...]. (PB, *editorial*, 2006)

(270)

(a) Uma nova lei permitirá ao governo venezuelano confiscar equipamentos *e apropriar-se* de obras públicas paralisadas ou atrasadas. (PB, *editorial*, 2010)

(b) *A cúpula destinava-se*, como se sabe, a ser um marco de primeira grandeza na construção da liderança brasileira no mundo pela redefinição das relações de poder entre os países ricos e os demais [...]. (PB, *editorial*, 2005)

Em relação à função argumental, se considerado o clítico acusativo de 3ª. pessoa, a próclise se dá quando esse tipo de pronome está adjungido a formas no indicativo (13 dados); e, a ênclise, quando a cliticização ocorre a formas infinitivas (13 dados) (ex. (271)). O pronome dativo *lhe(s)*, ao exercer essa mesma função, aparece predominantemente antes dos verbos, inclusive por serem recorrentes elementos de subordinação nessas orações.

(271)

(a) Se o governo esconde é porque teme, sim, a cobrança e a crítica da opinião pública - e *as numerosas quedas de ministros, mesmos sob os enternecidos afagos presidenciais, o comprovam*. (PB, *editorial*, 2008)

(b) Eis por que a CPI dos Cartões parece condenada a morrer por asfixia. Anteontem, a presidente da comissão, a senadora tucana Marisa Serrano, dizia que está pronta *para encerrá-la*. (PB, *editorial*, 2008)

As demais funções – não argumental, apassivação e indeterminação – apresentam índices categóricos de próclise. Corresponde à colocação pré-verbal do *se* apassivador e do *se* indeterminador a presença de atratores típicos. Os dados de ênclise relacionados ao *se* com esses valores, coletados inicialmente, foram todos excluídos por aparecerem em contexto de início absoluto de oração/período.

A *função do clítico*, no PE, dentre todas as variáveis eliminadas, foi a primeira, revelando na prática não ser significativa para a colocação pronominal. A próclise em todos os fatores desse grupo está associada, de preferência, ao proclisador tradicional que a antecede.

O terceiro, e último, grupo relevante para o fenômeno nos editoriais brasileiros é a *forma verbal do hospedeiro*. A tabela 45 agrupa esses resultados e, logo em seguida, a tabela 46 traz números absolutos e percentuais segundo essa mesma variável, obtidos nos editoriais do PE.

Tabela 45. Número de ocorrências (N), frequências (F) e pesos relativos (PR) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero *editorial*, no PB

Forma verbal	PRÓCLISE – PB		
	N/Total	F	PR
<b>Tempos do indicativo (- futuros)</b>	78/87	90%	.724
<b>Gerúndio</b>	1/2	50%	.398
<b>Infinitivo</b>	18/33	55%	.074
Total	97/122	80%	-
<i>Input: 0.927    Significância: 0.037</i>			<i>Range: 650</i>
<b>Nocautes</b>			
Futuros do indicativo	15/15	100%	-
Tempos do subjuntivo <sup>128</sup>	25/25	100%	-
Imperativo afirmativo	0/1	0%	-

Tabela 46. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro, no gênero *editorial*, no PE

Forma verbal	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
<b>Tempos do indicativo (- futuros)</b>	161/224	72%
<b>Tempos do subjuntivo</b>	29/30	97%
<b>Infinitivo</b>	36/50	72%
Total	226/304	74%
<b>Nocautes</b>		
Futuros do indicativo	12/12	100%
Imperativo afirmativo	0/2	0%

Os clíticos tendem a se posicionar antes de formas verbais no presente e nos pretéritos do indicativo, no PB (.724). Nesses casos, clíticos e hospedeiros são precedidos tanto de proclisadores tradicionais (elementos subordinativos (43 dados)) (ex. (269a)) quanto de proclisadores não tradicionais (SNs sujeitos (32 dados) e conjunções coordenativas (3 dados)) (ex. (267a/b) e (266a)). Os registros de ênclise a verbos no indicativo ocorrem após SNs sujeitos (7 dados) (ex. (268b/d) e conjunções coordenativas (2 dados) (ex. (266b)).

Apesar de ocorrerem somente 2 casos de clíticos adjuntos ao gerúndio, um proclítico e o outro enclítico (ex. (272) e (273)), o peso relativo desse fator revela que a colocação pré-verbal a formas gerundivas não é produtiva (.398) neste gênero, no PB.

(272) No México, as guerras entre quadrilhas deixaram no ano passado 6.200 mortos, a corrupção nos órgãos de repressão aos traficantes também chegou a níveis sem precedentes - e as relações com os Estados Unidos se

<sup>128</sup> No início, encontraram-se 5 pronomes enclíticos ao subjuntivo. Em virtude de outras exclusões, esses dados também foram eliminados.

encrespam, com *os mexicanos se queixando* de serem tratados pelo vizinho como se fossem um “narcoEstado”. (PB, *editorial*, 2009)

(273) O custo é representado também pelo trabalho de advogados, contadores e funcionários encarregados de manter em dia as obrigações fiscais da empresa, interpretando os desejos do Fisco e **empenhando-se** em evitar multas e em reduzir o risco da sobretributação. (PB, *editorial*, 2001)

As formas infinitivas desfavorecem ainda mais a próclise (.074) nos editoriais brasileiros. Os dados proclíticos são aqueles com o pronome *se*, antecedido principalmente de preposições (ex. (263a/b/c)). Posiciona-se depois das formas infinitivas sobretudo o clítico acusativo de 3ª. pessoa (13 dados) (ex. (255)). Nessa mesma posição (ênclise), encontram-se ainda 2 dados com o pronome *se* (ex. (265) e (270a)).

No PB, a próclise é categórica aos futuros do indicativo e aos tempos do subjuntivo. Registra-se também 1 único dado enclítico a um verbo no imperativo afirmativo.

Nos editoriais portugueses, de modo geral, as frequências de próclise dos fatores da variável *forma verbal do hospedeiro* (segundo grupo excluído na análise multivariada) estão bem próximas ao índice geral dessa variante, salvo o fator *tempos do subjuntivo*, no qual a anteposição do pronome é semicategórica, devido às formas subjuntivas ocorrerem, essencialmente, em orações subordinadas.

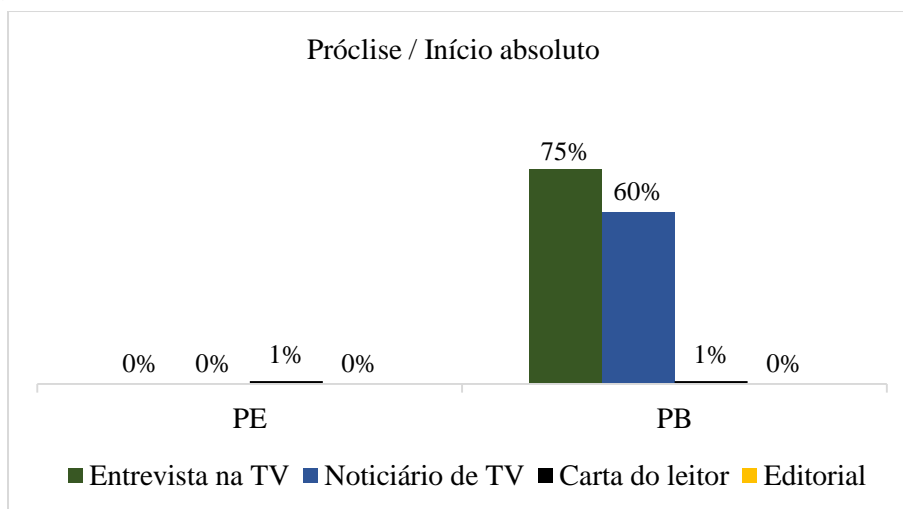
### 5.1.2 Sintetizando...

Observaram-se, em termos gerais, quanto à cliticização a um único verbo, diferenças entre as duas variedades do português (PE e PB) e em cada uma delas separadamente, de acordo com o gênero textual jornalístico investigado; entretanto, de forma mais discreta na variedade europeia do que na brasileira. Confirmou-se, portanto, a suposição de que, no PE, a convergência entre os usos linguísticos efetivados na fala e na escrita seria mais percebida. Isso ocorre, em especial, pelo fato de, no PB, ser substancial o abismo entre o uso que os falantes fazem da língua, mesmo aqueles considerados “cultos”, e o que é prescrito pela norma-padrão, fundamentada na tradição portuguesa, que serve de modelo sobretudo às produções escritas.

A partir dos três contextos linguísticos abordados durante toda a exposição dos resultados – (i) início absoluto de oração/período, (ii) precedência de proclisador tradicional e (iii) precedência de proclisador não tradicional –, verificou-se, no PE, a ênclise como a opção não marcada, salvo diante de atratores típicos de próclise; no PB, registrou-se a forte predominância da variante pré-verbal, à exceção dos casos nos quais o verbo hospedeiro abria a oração (ou o período) nos gêneros escritos – como mostrado no gráfico seguinte. A respeito

da divisão dos pronomes segundo esses três contextos, reitera-se que foi algo primordial para uma interpretação mais cuidadosa dos dados coletados.

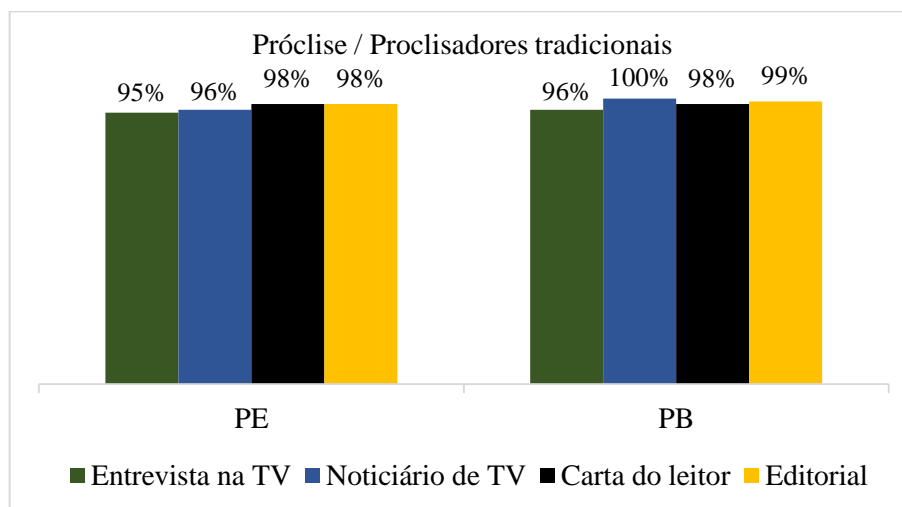
Gráfico 16. Distribuição de próclise, de acordo com o contexto de *início absoluto*, nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB



Ao iniciarem orações/períodos, os pronomes se mantiveram categoricamente enclíticos no PE, nos gêneros *entrevista na TV*, *noticiário de TV* e *editorial*. A ênclise, nesse mesmo contexto, foi semicategórica no gênero *carta do leitor*, visto que, em uma carta, encontrou-se o único pronome proclítico português encetando uma oração. Nos *corpora* brasileiros, em início de oração/período, a próclise prevaleceu nos gêneros veiculados no meio sonoro. Nas entrevistas, ressaltou-se que os casos de ênclise estavam relacionados a um outro gênero textual inserido em uma das interações entre entrevistador e entrevistada. O decréscimo de próclise nos noticiários, por sua vez, associou-se à concepção escrita desse tipo de gênero. Com a ênclise praticamente hegemônica nas cartas e categórica nos editoriais, assinalou-se a interferência de preceitos normativos relativos à colocação nos gêneros escritos brasileiros.

À frente de proclisadores tradicionais, nos quatro gêneros jornalísticos das duas localidades, foram altos os índices da posição pré-verbal. No caso do PE, as marcas de próclise variaram de 95% a 98%, de acordo com o gênero analisado, e, no PB, de 96% a 100% – cf. gráfico 17.

Gráfico 17. Distribuição de próclise, de acordo com o contexto de *proclisadores tradicionais*, nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB

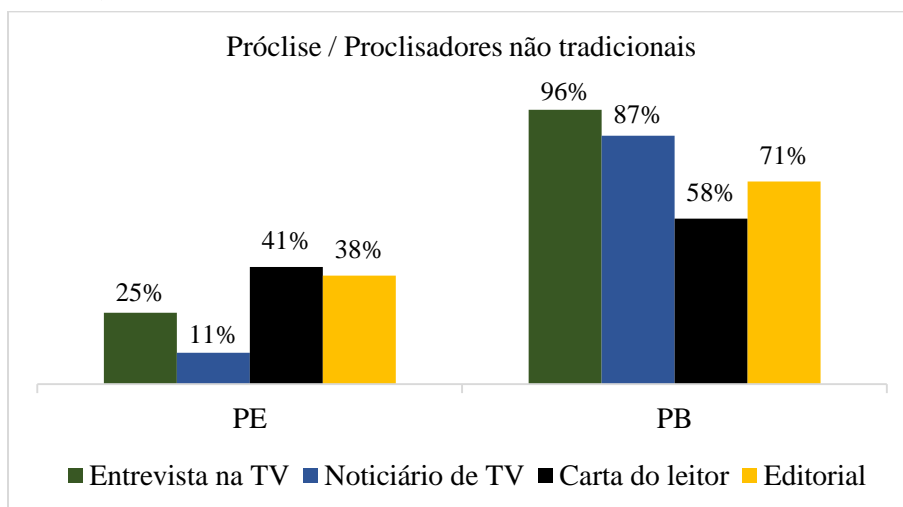


Neste ponto, cabe refletir o que os percentuais elevados da variante proclítica, em contexto fixado pela tradição gramatical como de *atração do pronome*, denotam nas duas variedades.

No PE, uma vez que, em início de oração/período e na presença de proclisadores não prototípicos, a ênclise foi a variante mais recorrente, parece haver obediência dos falantes à questão da atração, decorrente, para alguns estudiosos, da própria categoria gramatical e/ou do significado do vocábulo que precede o grupo clítico-verbo ou, para outros, de aspectos fonéticos. À vista disso, no caso da variedade europeia, faz sentido afirmar que determinadas palavras exercem atração sobre o pronome. No âmbito do PB, por outro lado, não convém tratar da anteposição do pronome concatenada puramente à observância a uma regra sobre a força atrativa de certos constituintes – a próclise ter ocorrido, com primazia, até mesmo na presença de elementos não reconhecidos pela tradição como atratores do pronome, em especial nos gêneros orais, reforça essa ideia (cf. gráfico 18). A variante pré-verbal, no contexto de proclisadores tradicionais, reproduz essencialmente o comportamento usual dos falantes do PB. O que se desviou disso, no caso, os poucos dados de ênclise verificados nos gêneros *entrevista na TV*, *carta do leitor* e *editorial*, referiu-se, nas entrevistas, aos registros relacionados a outro gênero presente em uma delas; e, nas cartas e nos editoriais, aos casos de cliticização do acusativo de 3ª. pessoa a infinitivos e aos dados com proclisador tradicional e grupo verbo-clítico não imediatamente contíguos.

Na presença de proclisadores não tradicionais, tal como já mencionado, a ênclise e a próclise se sobressaíram, respectivamente, no PE e no PB. Tal qual o gênero considerado, essas predominâncias foram menos ou mais acentuadas – cf. gráfico 18.

Gráfico 18. Distribuição de próclise, de acordo com o contexto de *proclisadores não tradicionais*, nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB



Segundo a norma-padrão, na ausência de atratores típicos de próclise, a posposição do pronome ao verbo hospedeiro é a forma admitida. A desobediência a essa prescrição no PB, particularmente mais notável nos gêneros orais, já que na escrita a influência dos padrões é mais decisiva, evidencia, na prática, a gramática do PB emergindo nos usos. Conforme descrito em uma das epígrafes que abre esta seção, a de Fernão de Oliveira (2012[1536]), os falantes constroem a língua, e não o contrário.

Tanto no PE quanto no PB, no contexto de proclisadores não tradicionais, as opções não marcadas de cada variedade foram mais frequentes nos gêneros *entrevista na TV* e *noticiário de TV*. Nos gêneros *carta do leitor* e *editorial*, constatou-se que a diferença entre os percentuais de próclise (e de ênclise) das duas variedades foi menos significativa. A aproximação (e o distanciamento) dos resultados do PE e do PB aparenta estar relacionada ao meio, escrito ou sonoro. A pertinência desse fator contextual é clara, por isso, nesta pesquisa, aspectos provenientes das modalidades de uso da língua têm sido discutidos.

Nos próximos quadros, em relação ao PE e ao PB, apresenta-se a seleção dos fatores internos relevantes para o fenômeno, feita pelo programa Goldvarb X (SANKOFF et al., 2005).



Quadro 18. Levantamento geral dos fatores que favorecem (e desfavorecem) a próclise, conforme os resultados obtidos em cada um dos gêneros jornalísticos, no PE

(+) <b>PRÓCLISE</b>	(-) <b>PRÓCLISE</b>
<b>ENTREVISTA NA TV</b> ( <i>Proclisador / Distância</i> )	
el. subordin. > prep. > SPrep > adv. não canônico > conj. coord. > SN suj. (.897)    (.780)    (.129)        (.082)                    (.069)    (.048)	
adjacente > não adjacente (.548)        (.128)	
<b>NOTICIÁRIO DE TV</b> ( <i>Proclisador / Forma verbal / Distância</i> )	
el. subordin. > prep. > part./sintagma de neg. > adv. não canônico (.673)    (.630)                    (.387)                    (.002)	
tempos do indicativo (- futuros) > infinitivo (.722)                    (.011)	
adjacente > não adjacente (.708)        (.037)	
<b>CARTA DO LEITOR</b> ( <i>Proclisador</i> )	
el. subordin. > part./sintagma de neg. > adv. canônico > prep. > adv. não canônico > SPrep [...] (.943)                    (.927)                    (.884)    (.567)                    (.285)    (.113)	
[...] > conj. coord. > SN suj. > ausência de elemento (proclisador) (.104)    (.040)                    (.004)	
<b>EDITORIAL</b> ( <i>Proclisador</i> )	
el. subordin. > adv. canônico > prep. > adv. não canônico > SPrep > conj. coord. > SN suj. (.847)    (.709)    (.321)    (.063)    (.047)    (.030)    (.025)	

Quadro 19. Levantamento geral dos fatores que favorecem (e desfavorecem) a próclise, conforme os resultados obtidos em cada um dos gêneros jornalísticos, no PB

(+) <b> PRÓCLISE</b> ----- (-) <b> PRÓCLISE</b>
<b>ENTREVISTA NA TV</b> (não houve análise multivariada)
<b>NOTICIÁRIO DE TV</b> ( <i>Função / Distância</i> <sup>129</sup> )
inerência/reflexividade > indeterminação > argumental (.632)                      (.599)                      (.013)
adjacente > não adjacente (.505)                      (.403)
<b>CARTA DO LEITOR</b> ( <i>Proclisador / Tipo de clítico / Distância / Forma verbal</i> )
part./sintagma de neg. > el. subord. > adv. não canônico > prep. > conj. coord. > SPrep [...] (.944)                      (.927)                      (.810)                      (.576)                      (.258)                      (.178)
[...] > SN suj. > ausência de elemento (proclisador) (.162)                      (.001)
me/nos > se > lhe(s) > o(s)/a(s) (.784) (.560) (.297)      (.094)
adjacente > não adjacente (.560)                      (.224)
tempos do subjuntivo > gerúndio > tempos do indicativo (- futuros) > infinitivo (.758)                      (.722)                      (.561)                      (.149)
<b>EDITORIAL</b> ( <i>Proclisador / Função / Forma verbal</i> )
el. subord. > prep. > SN suj. > conj. coord. (.891)      (.602)      (.108)      (.039)
inerência/reflexividade > argumental (.627)                      (.207)
tempos do indicativo (- futuros) > gerúndio > infinitivo (.724)                      (.398)                      (.074)

Conforme especificado, na variedade europeia, a colocação pronominal se deu de modo mais regular, em virtude de, inclusive, a variável *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl* ter sido selecionada, na primeira posição, nos quatro gêneros (cf. quadro

<sup>129</sup> A variável *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl* foi selecionada pelo *step-up* e excluída pelo *step-down*.

18). Isso corrobora o pensamento de que, no PE, é apropriado se pensar em *atração*. Em geral, enquanto elementos subordinativos, partículas/sintagmas de negação e advérbios canônicos foram determinantes para a realização da variante pré-verbal – em determinados gêneros, alguns desses fatores motivaram até mesmo frequências categóricas de próclise –, outros tipos de vocábulos ocasionaram significativamente a ênclise, como, por exemplo, SNs sujeitos, SPreps, conjunções coordenativas e advérbios não canônicos – em certos casos, houve também ênclise categórica perante alguns desses elementos. As preposições, definidas neste estudo como proclisadores não tradicionais, a depender do seu tipo, mostraram-se condicionantes ora da próclise, ora da ênclise no PE – a saber, registradas em maior número nos *corpora*, as preposições *para* e *de* e a preposição *a* favoreceram, nesta ordem, as colocações proclítica e enclítica.

Nos gêneros *entrevista na TV* e *noticiário de TV*, além do *tipo de proclisador*, ainda receberam destaque, naquele, a *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*; e, neste, a *forma verbal do hospedeiro*, seguida, também, da variável referente à *distância*. Os grupos aqui selecionados, em parte, são os mesmos sublinhados em outros trabalhos que também se atêm ao PE, oral e/ou escrito (cf. VIEIRA, S. R., 2002; VIEIRA, M. de F., 2011, por exemplo).

Como previsto, nas entrevistas e nos noticiários, a adjacência entre atrator e grupo clítico-verbo (em número bastante expressivo, na presença de atratores típicos) influenciou a próclise; em contrapartida, a não adjacência possibilitou maior tendência à ênclise. Por último, nos noticiários portugueses, os tempos do indicativo (-futuros) determinaram a colocação pré-verbal, em razão, na verdade, da existência de proclisadores tradicionais nos contextos anteriores a esses hospedeiros, e as formas infinitivas motivaram a variante pós-verbal (notoriamente se ligadas ao acusativo de 3ª. pessoa). Com os futuros do indicativo e os tempos do subjuntivo, ocorreu a próclise categórica; com o imperativo afirmativo e o gerúndio, a posposição do pronome atingiu 100%.

O PB, em cada gênero jornalístico examinado, assumiu um perfil ainda mais particularizado (cf. quadro 19) – em geral, como também assinalado no estudo de Vieira, S. R. (2002), ao contrastar PE e PB, em materiais orais e escritos.

Nas entrevistas, dada a excessiva quantidade de contextos de próclise categórica, apontou-se a generalização da posição pré-verbal, sobreposta, aliás, a condicionamentos morfossintáticos. O grande número de contextos de não variação impossibilitou que se chegasse à análise multivariada. A ênclise, nesse gênero, vinculou-se sobretudo aos dados de outro gênero (isto é, uma *receita culinária*) presentes em uma das entrevistas e a registros do clítico

acusativo *o(s)* adjacente a verbos infinitivos. O condicionamento linguístico, nos noticiários, referiu-se às variáveis *função do clítico* e *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*. Enquanto o *se* inerente/reflexivo determinou a anteposição do pronome, independentemente do tipo de proclisador visto no contexto anterior (tradicional ou não tradicional), o *se* indeterminador se relacionou à próclise à frente de atratores típicos e, à ênclise, em início absoluto de oração/período. O clítico *o(s)/a(s)*, que preencheu a célula da função argumental, adjungido a infinitivos, foi favorável à ênclise. Em relação à *distância*, por ter sido um grupo, ao mesmo tempo, destacado e eliminado, os pesos relativos de seus fatores permaneceram próximos entre si e perto da neutralidade.

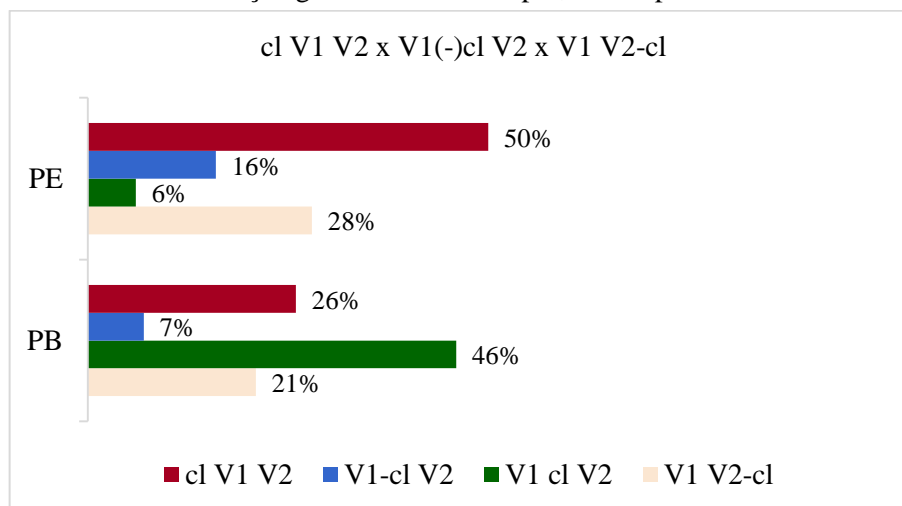
Na escrita jornalística, através das cartas e dos editoriais, ainda que tenha havido espaço para aspectos típicos do PB, comprovou-se a interposição de modelos que ditam as normas idealizadas de colocação. Dessa maneira, assim como no PE, distinguiu-se primeiramente o *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl*. Os proclisadores não tradicionais, que, nas entrevistas e nos noticiários, correlacionavam-se à variante pré-verbal, passaram a atuar de forma mais marcante para a realização da ênclise. Nas cartas, ainda ganharam relevo as variáveis *tipo de clítico*, *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl* e *forma verbal do hospedeiro* (em certa proporção, bem como descrito na pesquisa de Peterson (2010) sobre cartas dos leitores no PB); e, nos editoriais, os grupos *função do clítico* e *forma verbal do hospedeiro*. Desfavoreceram a próclise, nas cartas brasileiras, os pronomes acusativo e dativo de 3<sup>a</sup>. pessoa, a não adjacência entre proclisador e grupo verbo-clítico e formas verbais no infinitivo. Nos editoriais, por seu turno, a função argumental e verbos hospedeiros no gerúndio e no infinitivo também não influenciaram a colocação pronominal à esquerda do verbo.

## 5.2 Lexias verbais complexas [cl V1 V2 x V1(-)cl V2 x V1 V2-cl]: resultados gerais

Nos *corpora* orais e escritos do PE e do PB, reuniu-se um total de 522 casos de clíticos adjacentes a complexos verbais – 321 referentes à variedade europeia e 201 à variedade brasileira. Neste momento, sem se atentar a um ou a outro gênero jornalístico analisado ou, ainda, ao contexto linguístico ao qual o pronome estava relacionado, no PE, registraram-se 161 clíticos na posição pré-CV, 51 na posição intra-CV, com hífen, 20 na posição intra-CV, sem hífen, e 89 na posição pós-CV; ao passo que, no PB, 53 pronomes estavam antes do complexo verbal, 13 enclíticos ao primeiro verbo do complexo, 93 proclíticos ao segundo verbo e 42

depois do complexo verbal. As frequências percentuais gerais dessas quatro variantes, de acordo com cada variedade, encontram-se no gráfico seguinte.

Gráfico 19. Distribuição geral das variantes pré, intra e pós-CV no PE e no PB



Os resultados validam a ideia de que a colocação pronominal em contextos de mais de um verbo envolve considerável divergência entre as realidades portuguesa e brasileira. Conforme o gráfico acima mostra, em uma escala decrescente de recorrência, verificam-se, no PE, as posições pré-CV, pós-CV e intra-CV, com predominância das construções V1-cl V2 sobre as estruturas V1 cl V2. A próclise ao verbo principal, na variedade europeia, ocorre somente quando há algum elemento interveniente entre os verbos do complexo (como na construção *acaba de se tornar*, por exemplo). No PB, também em uma proporção que decresce em quantidade, observa-se a predileção da posição intra-CV, V1 cl V2, seguida das posições pré, pós e intra-CV, V1-cl V2. A marca de 46% da posição V1 cl V2, registrando-se casos com a presença, mas, principalmente, com a ausência de constituintes entre os verbos auxiliar e principal (por exemplo, como na estrutura *havia se manifestado*), reafirma na prática o favoritismo, por parte dos falantes brasileiros, da próclise a V2, em especial nos gêneros *entrevista na TV* e *noticiário de TV*.

Em busca da compreensão mais fidedigna possível da realização de cada variante, bem como explicitado quanto às lexias verbais simples, examinam-se os pronomes átonos segundo os três contextos linguísticos já apresentados: (i) clítico adjacente a complexo verbal em posição inicial absoluta de oração/período; (ii) grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl antecedido de elemento considerado tradicionalmente proclisador; e (iii) grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl antecedido de elemento não considerado tradicionalmente proclisador.

Sob essa divisão, em um total de 321 dados portugueses, estavam 51 clíticos no contexto de início absoluto de oração/período, 187 precedidos de atratores típicos e 83 precedidos de proclisadores não tradicionais – cf. percentuais no gráfico 20. A tabela 47, para cada contexto, apresenta os comportamentos das variantes no PE.

Gráfico 20. Distribuição das ocorrências de clíticos pronominais em LVC no PE, de acordo com o contexto linguístico

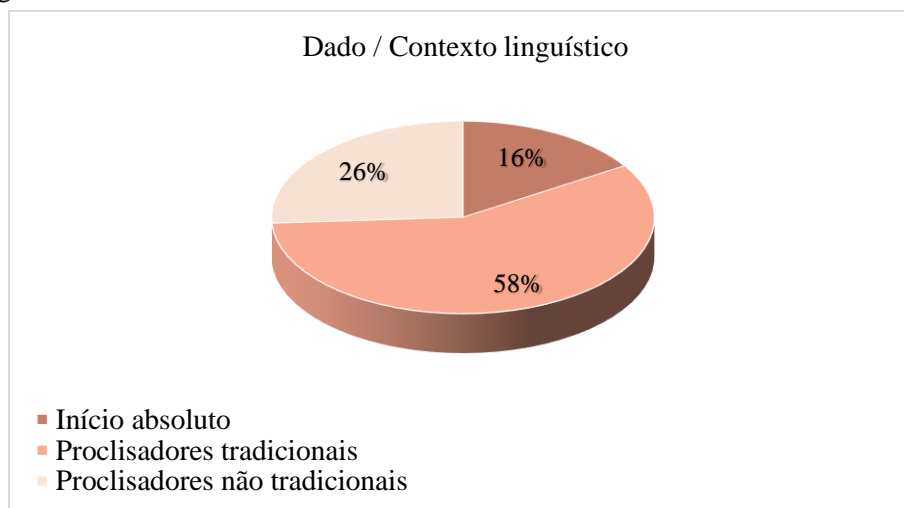
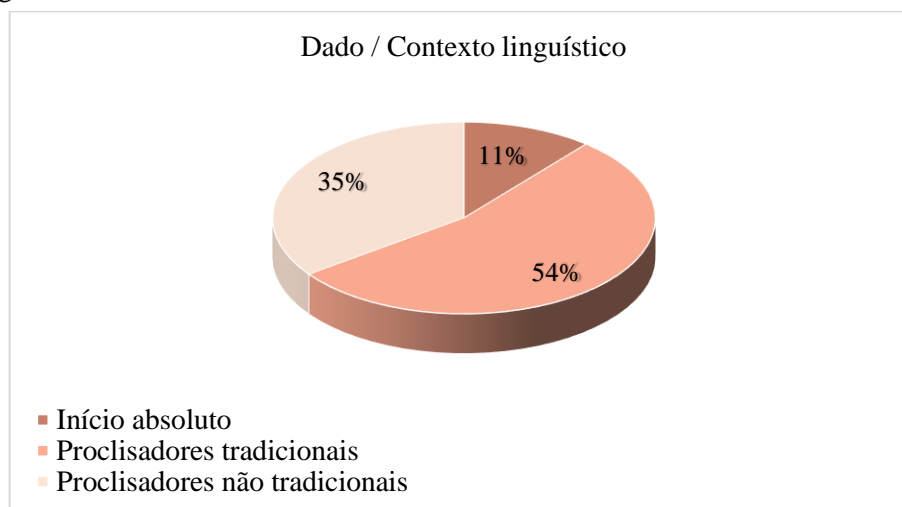


Tabela 47. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV no PE, de acordo com o contexto linguístico

Contexto linguístico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl	Total Dados/PE
	N - F	N - F	N - F	N - F	
<b>Início absoluto</b>	0 - 0%	26 - 51%	2 - 4%	23 - 45%	51
<b>Proclisadores tradicionais</b>	140 - 75%	7 - 4%	12 - 6%	28 - 15%	187
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	21 - 25%	18 - 22%	6 - 7%	38 - 46%	83 = 321

No âmbito do PB, dos 201 clíticos registrados, 21 apareceram adjacentes a grupos verbais em início absoluto, 109 após proclisadores tradicionais e 71 na presença de proclisadores não tradicionais – cf. próximo gráfico.

Gráfico 21. Distribuição das ocorrências de clíticos pronominais em LVC no PB, de acordo com o contexto linguístico



Do mesmo modo como destacado na apresentação dos pronomes átonos cliticizados a um único verbo, a disposição dos dados de lexias verbais complexas, de acordo com os contextos linguísticos, revela quadros semelhantes entre os materiais analisados das duas variedades. Mais uma vez, tanto no PE quanto no PB, aparecem em maior número os clíticos antecedidos de proclisadores tradicionais, acompanhados, na sequência, dos registros de clíticos precedidos de proclisadores não tradicionais e, por último, dos pronomes em contexto de início absoluto.

Na tabela seguinte, referente ao PB, estão os resultados das posições pré, intra e pós-CV segundos os contextos considerados.

Tabela 48. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV no PB, de acordo com o contexto linguístico

Contexto linguístico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl	Total Dados/PB
	N - F	N - F	N - F	N - F	
<b>Início absoluto</b>	0 - 0%	7 - 33%	11 - 53%	3 - 14%	21
<b>Proclisadores tradicionais</b>	47 - 43%	2 - 2%	40 - 37%	20 - 18%	109
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	6 - 8%	4 - 6%	42 - 59%	19 - 27%	71 = 201

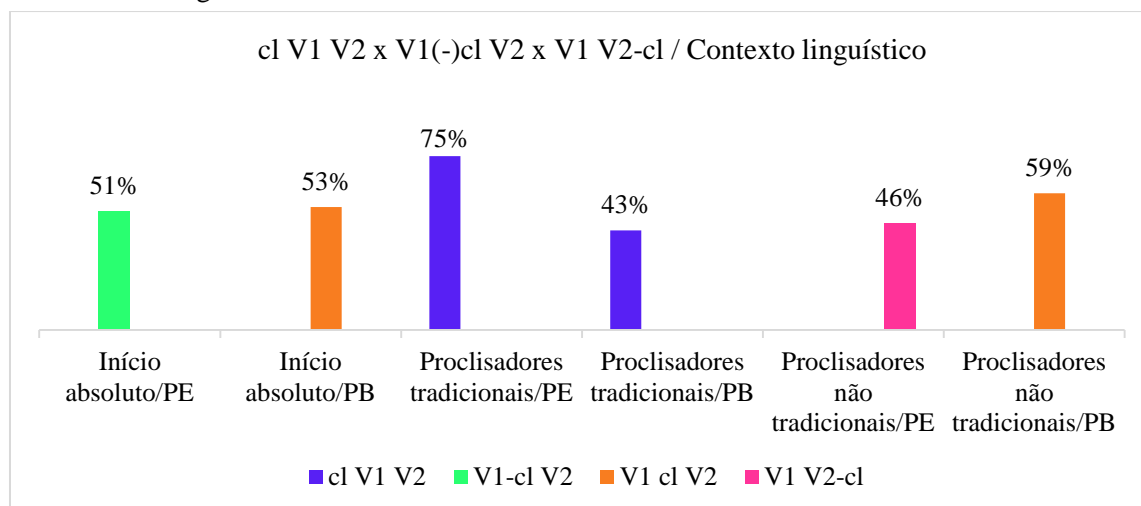
A variante pré-CV, nos casos de início absoluto de oração/período, não se manifesta em nenhum dos gêneros jornalísticos de ambas as variedades. Em geral, nesse contexto, a posição V1-cl V2 é a mais recorrente no PE (51%), seguida das posições V1 V2-cl (45%) e V1 cl V2 (4%), e, no PB, observa-se a produtividade da próclise a V2 (53%), acompanhada das variantes V1-cl V2 (33%) e V1 V2-cl (14%).

A colocação proclítica ao complexo verbal, diante de vocábulos reconhecidos na tradição gramatical como atratores de próclise, é predominante na variedade europeia e na brasileira, ainda que, naquela, com ação mais efetiva (75% no PE e 43% no PB). No PE, a atuação desses elementos proclisadores se dá nos quatro gêneros jornalísticos analisados, enquanto que, no PB, tais constituintes favorecem a posição cl V1 V2 sobretudo nos gêneros *carta do leitor* e *editorial*. Ainda em relação ao contexto com esse tipo de proclisador, após a variante pré-CV, destacam-se, no PE, as posições V1 V2-cl (15%), V1 cl V2 (6%) e V1-cl V2 (4%) e, no PB, as variantes V1 cl V2 (37%), V1 V2-cl (18%) e V1-cl V2 (2%).

Na presença de proclisadores não tradicionais, são frequentes, no PE, as posições pós-CV (46%), pré-CV (25%), intra-CV, com hífen (22%), e intra-CV, sem hífen (7%), nessa ordem; e, no PB, novamente a posição V1 cl V2 (59%), considerada um traço peculiar da gramática da variedade brasileira, além das variantes V1 V2-cl (27%), cl V1 V2 (8%) e V1-cl V2 (6%).

À frente de tais ponderações, o gráfico 22 permite uma esquematização das variantes prevalentes no PE e no PB, conforme cada contexto linguístico constatado, quando somados os dados dos quatro gêneros jornalísticos examinados.

Gráfico 22. Distribuição das variantes **dominantes** (pré, intra ou pós-CV) no PE e no PB, de acordo com o contexto linguístico



### 5.2.1 Lexias verbais complexas [cl V1 V2 x V1(-)cl V2 x V1 V2-cl] e o condicionamento linguístico

Controlam-se as seguintes variáveis independentes linguísticas: (i) *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl*; (ii) *distância entre o*



*elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl VI V2 ou VI(-)cl V2 ou VI V2-cl; (iii) tipo de clítico; (iv) função do clítico; (v) forma do primeiro verbo do complexo; (vi) forma do segundo verbo do complexo; (vii) presença/ausência de elemento interveniente entre os verbos do complexo; e (viii) tipo de complexo verbal.*

Devido à impossibilidade de o programa estatístico elencar o(s) grupo(s) relevante(s) para a compreensão do fenômeno, uma vez que, quanto aos complexos, não foram realizadas análises multivariadas, investiu-se frontalmente nos cruzamentos entre os fatores dos grupos considerados, para que, com efeito, pudessem ser identificadas as variáveis associadas de modo mais significativo à colocação pronominal.

Discutem-se nas próximas subseções, portanto, os percentuais de aplicação das variantes segundo os grupos *tipo de elemento (proclisador)*, *tipo de clítico*, em correlação à *função do clítico*, e *forma do segundo verbo*, dado que, em meio às interações observadas entre todas as variáveis, alguns de seus fatores se mostraram mais decisivos para a realização de uma ou outra posição do clítico. A depender do gênero e da variedade de português contemplados, no entanto, o destaque de cada um desses grupos foi mais ou menos expressivo.

As informações advindas das demais variáveis (*distância*, *forma do primeiro verbo*, *ausência/presença de elemento interveniente* e *tipo de complexo verbal*) se apresentaram inteiramente dependentes do comportamento de, pelo menos, um dos quatro grupos de fatores destacados (*tipo de elemento (proclisador)*, *tipo de clítico*, *função do clítico* e *forma do segundo verbo*) – em algumas dessas variáveis, inclusive, a própria distribuição não ortogonal dos dados, concentrados em um único fator, fez com que a avaliação adequada de sua atuação não fosse possível, como, por exemplo, no caso da *distância* e da *ausência/presença de elemento interveniente*. Durante a apresentação dos resultados, entretanto, aparecem determinadas considerações a respeito de um (ou mais de um) dos grupos não associados diretamente à colocação dos pronomes, quando considerado pertinente<sup>130</sup>.

### **5.2.1.1 Lexias verbais complexas no gênero *entrevista na TV***

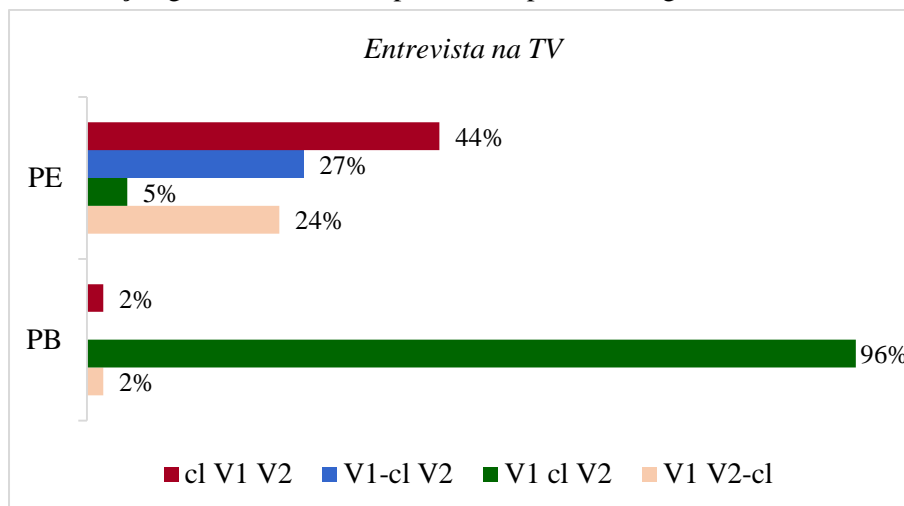
Neste gênero, de concepção oral e meio sonoro, coletaram-se 77 clíticos no material português e 50 no brasileiro. Em números absolutos, no PE, estavam 34 pronomes na posição

---

<sup>130</sup> As frequências (absolutas e percentuais) relacionadas às variáveis *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl VI V2 ou VI(-)cl V2 ou VI V2-cl*, *forma do primeiro verbo do complexo*, *presença/ausência de elemento interveniente entre os verbos do complexo* e *tipo de complexo verbal* podem ser consultadas no apêndice F.

pré-CV, 21 na posição V1-cl V2, 4 na posição V1 cl V2 e 18 na posição pós-CV. A colocação pronominal nas entrevistas do PB se manifestou de maneira bastante distinta: praticamente todos os pronomes ocuparam a posição intra-CV, com próclise a V2, dado que, nessa ordenação, apareceram 48 clíticos. Os 2 pronomes restantes, do conjunto de 50, referiram-se a um clítico antes do complexo verbal e a outro na posição pós-CV – cf. percentuais a seguir.

Gráfico 23. Distribuição geral das variantes pré, intra e pós-CV no gênero *entrevista*, no PE e no PB



Relembra-se que, nesta pesquisa, quanto aos dados orais com clíticos entre os verbos do complexo (oriundos, então, deste gênero e do gênero *noticiário de TV*), a distinção entre os casos de ênclise a V1 e próclise a V2 se fez, primeiramente, a partir da presença de algum elemento interveniente entre os verbos auxiliar e principal. Diante de algum constituinte, foi possível identificar o pronome antes ou depois desse item, isto é, adjungido ao primeiro verbo (ênclise ao auxiliar) ou ao segundo (próclise ao principal). Os demais casos, aqueles com a ausência de determinado elemento, foram considerados, no PE, como pertencentes à posição V1-cl V2 e, no PB, correspondentes à posição V1 cl V2. Chegou-se a essa ponderação pelo conhecimento que se tem sobre a produtividade da ênclise a V1 no PE e a produtividade da próclise a V2 no PB (cf. MARTINS, A. M., 1994; VIEIRA, S. R., 2002; SCHEI, 2003; MARTINS, M. A., 2009; dentre outros estudos) e, ainda, pelo teste de percepção aplicado por esta investigação, no qual, respondido por falantes portugueses e brasileiros, confirmaram-se essas mesmas predileções. Desse modo, a marca de 5% da variante V1 cl V2, no PE, relaciona-se a dados com a presença da preposição *de* entre os verbos dos complexos (ex. (274)).

(274) ah... agora tava com medo que me dissesse para pior porque *agora tenho de o aturar* todos os dias... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

As tabelas 49 e 50 detalham os dados extraídos das entrevistas do PE e do PB conforme os três contextos linguísticos apreciados desde o início desta discussão. No gráfico 24, também segundo esses contextos, especificam-se as variantes mais utilizadas em cada variedade.

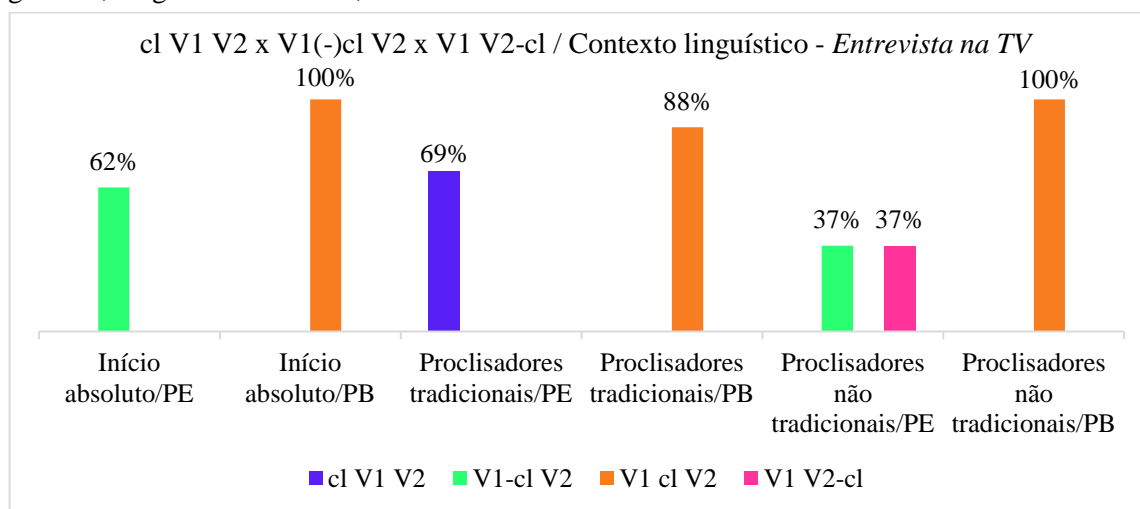
Tabela 49. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *entrevista*, no PE

Contexto linguístico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl	Total Dados/PE
	N - F	N - F	N - F	N - F	
<b>Início absoluto</b>	0 - 0%	8 - 62%	0 - 0%	5 - 38%	13
<b>Proclisadores tradicionais</b>	31 - 69%	6 - 13%	2 - 5%	6 - 13%	45
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	3 - 16%	7 - 37%	2 - 10%	7 - 37%	19 = 77

Tabela 50. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *entrevista*, no PB

Contexto linguístico	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl	Total Dados/PB
	N - F	N - F	N - F	
<b>Início absoluto</b>	0 - 0%	6 - 100%	0 - 0%	6
<b>Proclisadores tradicionais</b>	1 - 6%	14 - 88%	1 - 6%	16
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	0 - 0%	28 - 100%	0 - 0%	28 = 50

Gráfico 24. Distribuição das variantes **dominantes** (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto linguístico, no gênero *entrevista*, no PE e no PB



Se, por um lado, nas entrevistas portuguesas, há o predomínio de variantes diferentes de acordo com o contexto linguístico verificado; por outro, no PB, em qualquer um dos três contextos, observa-se a alta frequência de pronomes proclíticos a V2. A categoricidade da variante V1 cl V2 em início absoluto de oração/período e em orações com a presença de proclisadores não tradicionais e, ainda, os 88% dessa posição diante de operadores tradicionais de próclise comprovam que, no PB, principalmente na fala, o pronome se posiciona sobretudo

antes do verbo principal, não só quando adjungido a um único verbo, mas, também, a complexos verbais. Em conformidade com os resultados que aparecerão segundo cada variável linguística analisada (logo em seguida), a variante intra-CV, com próclise a V2, é a favorita nas entrevistas do PB independentemente da atuação de qualquer elemento condicionador – como também demonstra Vieira, S. R. (2002) ao examinar o PB oral.

**A) Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V1 V2 ou VI(-)cl V2 ou VI V2-cl**

A respeito da variável *tipo de proclisador*, concentram-se os resultados das entrevistas do PE e do PB nas tabelas 51 e 52.

Tabela 51. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *entrevista*, no PE

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Ausência de elemento (proclisador)</b>	0/13 – 0%	8/13 – 62%	0/13 – 0%	5/13 – 38%
<b>Elemento subordinativo</b>	22/31 – 71%	3/31 – 10%	2/31 – 6%	4/31 – 13%
<b>Partícula/sintagma de negação</b>	9/12 – 75%	2/12 – 17%	0/12 – 0%	1/12 – 8%
<b>Advérbio canônico</b>	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
<b>Preposição</b>	3/3 – 100%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/3 – 0%
<b>Advérbio não canônico</b>	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
<b>SPrep</b>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
<b>Conjunção coordenativa</b>	0/8 – 0%	4/8 – 50%	1/8 – 12%	3/8 – 38%
<b>SN sujeito</b>	0/6 – 0%	2/6 – 33%	0/6 – 0%	4/6 – 67%
Total	34/77 – 44%	21/77 – 27%	4/77 – 5%	18/77 – 24%

Tabela 52. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *entrevista*, no PB

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Ausência de elemento (proclisador)</b>	0/6 – 0%	6/6 – 100%	0/6 – 0%
<b>Elemento subordinativo</b>	0/13 – 0%	12/13 – 93%	1/13 – 7%
<b>Partícula/sintagma de negação</b>	1/2 – 50%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
<b>Advérbio canônico</b>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
<b>Preposição</b>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
<b>Conjunção coordenativa</b>	0/3 – 0%	3/3 – 100%	0/3 – 0%
<b>SN sujeito</b>	0/24 – 0%	24/24 – 100%	0/24 – 0%
Total	1/50 – 2%	48/50 – 96%	1/50 – 2%

Na ausência de elemento (proclisador) (= início absoluto de oração/período), destacam-se no PE as variantes V1-cl V2 (62%) e V1 V2-cl (38%) e, no PB, a variante V1 cl V2 (100%), como descrito anteriormente – ex. (275) e (276).

(275)

(a) Fernando muito obrigado... **vamo-nos encontrar** por aí... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(b) claro... mas no teu caso vai ser rápido... vamos / **vamos pôr-te** à prova e acabar... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

(276) pó / **posso te falar**?... éh... por exemplo... o / o jogo... o jogo Palmeiras e Corinthians às vezes dá trinta mil torcedores... por que dá trinta mil torcedores?... porque as pessoas têm medo de ir ao estádio e ter um charivari qualquer... (PB, *entrevista*, 04/11/2009)

Os elementos identificados como proclisadores tradicionais (em particular, elementos subordinativos e partículas/sintagmas de negação) se relacionam à variante cl V1 V2 nas entrevistas portuguesas (ex. (277)). Os poucos casos em que, mesmo com a presença desse tipo de constituinte, os clíticos aparecem nas posições intra e pós-CV se justificam pela adjacência não imediata entre atrator e grupo V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl e/ou pelo fato de o verbo principal estar no infinitivo, seguido do acusativo de 3ª. pessoa (ex. (278)). Quanto aos advérbios canônicos, presentes em apenas duas orações, antecedem as variantes V1-cl V2 e V1 V2-cl.

(277)

(a) acho que é o mínimo *que se pode exigir*... (PE, *entrevista*, 15/05/2010)

(b) e tem sido... graças a Deus... eu *não me posso queixar*... o pão nosso tem vindo com um bocadinho de manteiga... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

(278)

(a) e por último... por último... como primeiro-ministro podíamos ter o Jorge Palma... *que daqui a uns meses podia encontrar-se* com Angela Merkel e cantar-lhe... (PE, *entrevista*, 08/05/2010)

(b) aliás o Nuno Gomes um dia veio ao Parlamento Europeu e eu por acaso *não pude encontrá-lo*... mas ele foi muito gentil e deixou-me uma camisola dele assinada pra mim... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

Dentre os proclisadores não tradicionais (advérbio não canônico, SPrep, conjunção coordenativa, SN sujeito e preposição), apenas as preposições (*de*, *para*) ocorrem antes da construção cl V1 V2 (ex. (279)). Os demais se associam às outras três variantes – ex. (274) e (280).

(279) sim... e estranho porque normalmente é preciso ser da / da grande cidade *pra se conseguir fazer* alguma coisa... PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(280)

(a) já vamos continuar a falar... *por agora queria-te oferecer* um quadro muito bonito que está aqui... que é o quadro do José Malhoa... que se chama Fado... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

(b) e então... ahn::... pronto... eu tento dar... *e vou... se Deus quiser... dar-lhes / deixar-lhes* tudo o que puder... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(c) a ERC / ERC vai monitorizar muito atentamente o pluralismo político na TVI... ou seja... se um concorrente do programa A Tua Cara Não Me É Estranha imitar João Braga... *a ERC vai obrigá-lo* a imitar o Zeca Afonso... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

Nas entrevistas brasileiras, com proclisadores tradicionais ou não, a variante V1 cl V2 é fortemente dominante, salvo na presença de partículas de negação (cf. tabela 52). No conjunto total de casos coletados, encontram-se somente 2 clíticos que não estão proclíticos a V2. São estes os registros:

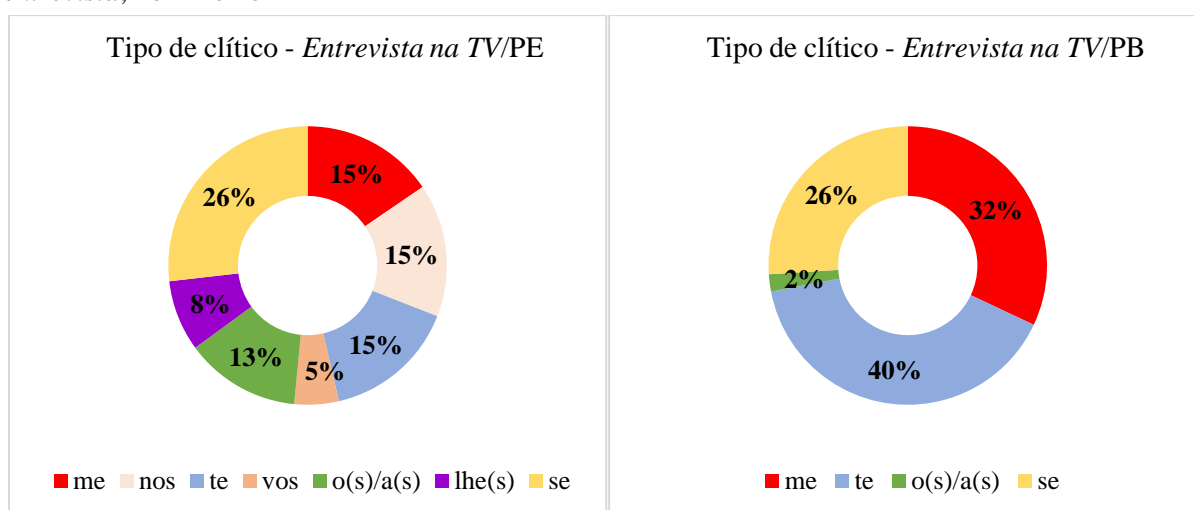
(281) eu mandei um recado pro Ronaldo *que eu quero entrevistá-lo...* mas ainda não recebi resposta... (PB, entrevista, 04/11/2009)

(282) e tinha uma coisa curiosa porque eu ia lá na Tribuna... Tribuna dos Jornalistas... Tribuna [inint]... e *não se pode torcer* lá... (PB, entrevista, 04/11/2009)

### B) Tipo de clítico

Nas entrevistas portuguesas, verificam-se 12 pronomes *me*, 12 *nos*, 12 *te*, 5 *vos*, 10 *o(s)/a(s)*, 6 *lhe(s)* e 20 *se*; à proporção que, nesse mesmo gênero, no PB, constam 16 pronomes *me*, 20 *te*, 1 *o(s)* e 13 *se* – cf. gráficos 25 e 26. A quantidade mais expressiva de pronomes de 1ª. e 2ª. pessoas, nas duas variedades, está correlacionada a aspectos funcionais do próprio gênero estudado – as entrevistas –, bem como ressaltado na análise das lexias verbais simples.

Gráficos 25 e 26. Distribuição percentual dos tipos de clíticos pronominais adjuntos a LVC no gênero entrevista, no PE e no PB



As tabelas 53 e 54 explicitam os resultados da colocação dos pronomes em relação aos seus tipos.

Tabela 53. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero *entrevista*, no PE

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>me/nos/te/vos</b>	23/41 – 56%	12/41 – 29%	0/41 – 0%	6/41 – 15%
<b>o(s)/a(s)</b>	1/10 – 10%	0/10 – 0%	1/10 – 10%	8/10 – 80%
<b>lhe(s)</b>	1/6 – 17%	3/6 – 50%	0/6 – 0%	2/6 – 33%
<b>se</b>	9/20 – 45%	6/20 – 30%	3/20 – 15%	2/20 – 10%
Total	34/77 – 44%	21/77 – 27%	4/77 – 5%	18/77 – 24%

Tabela 54. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero *entrevista*, no PB

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>me/te</b>	0/36 – 0%	36/36 – 100%	0/36 – 0%
<b>o(s)/a(s)</b>	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
<b>se</b>	1/13 – 8%	12/13 – 92%	0/13 – 0%
Total	1/50 – 2%	48/50 – 96%	1/50 – 2%

A anteposição dos pronomes *me/nos/te/vos* ao complexo verbal (56%), no PE, esclarece-se pela participação de atratores de próclise nas orações com esses clíticos – dos 23 casos coletados, em 22 estão um elemento de subordinação ou um de negação (ex. (283) – em (283a), a subida do clítico ainda é ocasionada por V2 estar no particípio). As variantes V1-cl V2 e V1 V2-cl, ainda com os pronomes de 1<sup>a.</sup> e 2<sup>a.</sup> pessoas, são influenciadas de preferência pelos proclisadores antecedentes não tradicionais e pelo contexto de início absoluto (ex. (284)).

(283)

(a) éh... no / no teu caso não tivestes esse drama porque tens essa felicidade de continuar com esse bom aspecto... pareces um George Clooney... e:: podendo acumular a experiência *que te tem levado* ao mundo inteiro... é formidável... (PE, *entrevista*, 08/05/2010)

(b) (...) jogando preferencialmente como naquela primeira meia hora no Brasil... no jogo amigável... em/ em que Portugal tava a ganhar um a zero antes de perder depois seis a não sei quantos... mas isso... **nem nos vamos lembrar** isso... (PE, *entrevista*, 08/05/2010)

(284)

(a) não... **ele tava-me a contar** que pediu um subsídio ao Ministério da Cultura... e que se fartou de esperar e portanto teve que encomendar fora... (PE, *entrevista*, 08/05/2010)

(b) podemos / **podemos ouvir-vos?**... vamos / que / que fado é que vão cantar Margarida?... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

Os pronomes *o(s)/a(s)* são mais recorrentes na posição pós-CV (80%), uma vez que estão adjuntos a formas infinitivas de V2 (ex. (285)). A distribuição dos dados com o pronome *lhe(s)* pelas posições V1-cl V2 (50%), V1 V2-cl (33%) e cl V1 V2 (17%) se relaciona à precedência de elementos proclisadores típicos ou não típicos e ao fato de os complexos verbais estarem iniciando orações/períodos.

(285) Cristiano Ronaldo e a namorada Irina / que se chama Irina Shayk... tão à espera do primeiro filho e agora... ele já se virou para ela e disse-lhe... “Irina... agora só resta decidirmos *se vamos comprá-lo* nos Estados Unidos ou na Europa”... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

O pronome *se* é mais produtivo nas posições cl V1 V2 (45%), V1-cl V2 (30%), V1 cl V2 (15%) e V1 V2-cl (10%), nessa devida ordem. À explicação da colocação desse pronome, reitera-se a pertinência da análise da variável *função do clítico*. Os valores atribuídos ao *se* auxiliam na interpretação desses resultados, como descrito a seguir.

Sobre a variedade brasileira, em termos gerais, as marcas de colocação atingidas indicam que, independentemente do tipo de clítico (*me/te* e *se*), a variante V1 cl V2 é a favorita (cf. tabela 54). Registra-se somente 1 caso com o pronome acusativo de 3ª. pessoa (ex. (281)). Em razão da sua fragilidade fônica, o pronome *o* não se posiciona entre os verbos do complexo.

### C) *Função do clítico*

Nas tabelas 55 e 56, constam os resultados das variantes de acordo com as funções sintático-semânticas assumidas pelos clíticos analisados, nas entrevistas do PE e do PB.

Tabela 55. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero *entrevista*, no PE

Função do clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Argumental</b>	14/39 – 36%	10/39 – 26%	1/39 – 2%	14/39 – 36%
<b>Não argumental</b>	7/11 – 64%	2/11 – 18%	0/11 – 0%	2/11 – 18%
<b>Inerência/reflexividade</b>	7/17 – 41%	5/17 – 29%	3/17 – 18%	2/17 – 12%
<b>Apassivação</b>	3/6 – 50%	3/6 – 50%	0/6 – 0%	0/6 – 0%
<b>Indeterminação</b>	3/4 – 75%	1/4 – 25%	0/4 – 0%	0/4 – 0%
Total	34/77 – 44%	21/77 – 27%	4/77 – 5%	18/77 – 24%

Tabela 56. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero *entrevista*, no PB

Função do clítico	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Argumental</b>	0/28 – 0%	27/28 – 96%	1/28 – 4%
<b>Inerência/reflexividade</b>	0/19 – 0%	19/19 – 100%	0/19 – 0%
<b>Apassivação</b>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
<b>Indeterminação</b>	1/2 – 50%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
Total	1/50 – 2%	48/50 – 96%	1/50 – 2%



Atuam como argumentos, nas entrevistas portuguesas, os pronomes *me/nos/te/vos* (23 dados), *o(s)/a(s)* (10 dados) e *lhe(s)* (6 dados). A variante cl V1 V2 (36%) é determinada essencialmente pelos pronomes de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas, antecidos de atratores típicos de próclise (ex. (286)). A forma participial de V2 também favorece essa colocação proclítica a V1 (ex. (287)). Por outro lado, motiva a posição pós-CV (36%), em especial, o acusativo de 3<sup>a</sup>. pessoa (ex. (288)). O fator *não argumental* é preenchido pelos pronomes *me/nos/te/vos*, diante de elementos de subordinação e de negação, contribuindo para a colocação de tais clíticos à esquerda dos complexos (64%) – ex. (289).

(286) gostava eu... exatamente... gostava eu de surpreender um bocadinho... tentando aqui entrar em contacto com a pintura... alô... ahn... alô... não sei **se me estão a ouvir**... ahn... boa noite... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

(287) quando eu chego / quando chegamos à / à sua festa... a mesa **que nos tinha calhado**... que era a única mesa que havia... era no centro da sala... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

(288) e neste momento... o problema que estamos a enfrentar e **que estamos a pagá-lo** na linha da frente... digamos... é que há de facto um ataque ao euro e o euro é uma peça-chave desse processo de construção europeia... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(289) claro... olha... e:... há / há uma / uma história tua surpreendente em **que o / o Tom Ford te acaba a lavar** os cabelos... é verdade?... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

A função inerência/reflexividade é exercida pelos clíticos *me/nos/te/vos* (7 dados) e pelo *se* (10 dados). Enquanto os pronomes de 1<sup>a</sup>. e 2<sup>a</sup>. pessoas se cliticizam apenas a V1, proclíticos ou enclíticos ao auxiliar (com índices, respectivamente, de 57% e 43%), o pronome *se* inerente/reflexivo ocorre equilibradamente antes, no meio e depois do complexo verbal – as marcas são de 30%, 20%, 30% e 20%, nessa ordem, nas posições cl V1 V2, V1-cl V2, V1 cl V2 e V1 V2-cl (ex. (290)). Percebe-se que o contexto anterior ao complexo verbal (início de oração/período e tipo de proclisador), a distância entre atrator e grupo verbal e a presença de elemento interveniente entre os verbos estão interagindo nesses casos de *se*. No caso dos pronomes *me/nos/te/vos*, a posição pré-CV é determinada pela presença de proclisadores tradicionais; e, a variante intra-CV, com hífen, pelo contexto de início absoluto de oração.

(290)

(a) meu querido Fernando... dá graças à Deus de eu ter substituído os sofás... porque antigamente tínhamos uns em que pessoas com o nosso peso já **não se voltavam a levantar**... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(b) não oiço um boi... um boi... é uma tristeza... mas também felizmente / o meu cão também tá velho... já não ouve... **tá-se a borrifar**... eu acho piada... se um dia algum carteiro distraído leva uma coisa daquelas... aparece-lhe um rottweiler de oitenta quilos pela frente... ele diz... “ah é... vais ver”... o cão tá surdo que nem um boi pá... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

(c) *só que... agora... os Da Vinci tinham de se habituar* a ir também a sítios menos recomendáveis como... (PE, *entrevista*, 08/05/2010)

(d) felizmente há uns anos *ele decidiu reformar-se* e / e:: a minha qualidade de vida mudou extraordinariamente para melhor... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

O *se* passivador e o *se* indeterminador ocorrem proclíticos ou enclíticos ao verbo auxiliar nas entrevistas portuguesas. Quando imediatamente adjacentes atrator de próclise e complexo verbal, o *se* com esses valores se posiciona à esquerda de seu hospedeiro (ex. (291)). A variante V1-cl V2 aparece quando há (ou não) distância entre proclisador tradicional e complexo ou em contexto de início absoluto de período – ex. (292).

(291)

(a) nós já não percebemos que não / já não fazemos moeda... nós estamos dentro do euro... já **não se pode fazer** moeda na / na Casa da Moeda... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

(b) *o que é que se pode esperar?*... que tipo / que tipo de história... que tipo de / de narrativa... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

(292)

(a) mas os marinheiros dizem que sim... que em momentos extraordinários consegue-se ver o raio verde sobre o mar... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

(b) mas olha a vantagem dos submarinos sobre nós é que têm periscópio... e *de maneira que pode-se sempre ver* as coisas... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

(c) **podia-se correr** grandes riscos... não é?... (PE, *entrevista*, 06/07/2013)

Nas entrevistas brasileiras, os clíticos *me/te*, na posição V1 cl V2, funcionam como argumentos dos complexos. Nessa função, o único registro na posição V1 V2-cl se refere ao clítico acusativo de 3<sup>a</sup>. pessoa (ex. (281)). A célula da função inerência/reflexividade é preenchida pela cliticização dos pronomes *me/te* e *se*, todos proclíticos a V2. O *se* passivador, apenas 1 dado, ocorre proclítico a V2 e o *se* indeterminador, em 2 registros, nas posições cl V1 V2 e V1 cl V2.

#### D) *Forma do segundo verbo do complexo*

Nas entrevistas do PE, não se veem casos com V2 na forma gerundiva e, nas do PB, com o verbo principal no particípio (cf. tabelas 57 e 58).

Tabela 57. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero *entrevista*, no PE

Formal verbal de V2	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Infinitivo</b>	26/67 – 39%	19/67 – 28%	4/67 – 6%	18/67 – 27%
<b>Particípio</b>	8/10 – 80%	2/10 – 20%	0/10 – 0%	0/10 – 0%
Total	34/77 – 44%	21/77 – 27%	4/77 – 5%	18/77 – 24%

Tabela 58. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero *entrevista*, no PB

Formal verbal de V2	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Infinitivo</b>	1/40 – 2.5%	38/40 – 95%	1/40 – 2.5%
<b>Gerúndio</b>	0/10 – 0%	10/10 – 100%	0/10 – 0%
Total	1/50 – 2%	48/50 – 96%	1/50 – 2%

Com V2 na forma infinitiva, a variação entre as posições na variedade europeia indica que, em conjunto com a própria forma do verbo principal, atuam outros grupos de fatores, dado que: a) a variante pré-CV (39%) aparece quando há elementos subordinativos e partículas/sintagmas de negação em seu contexto anterior (24 dos 26 dados); b) a variante intra-CV, com ênclise a V1 (28%), ocorre majoritariamente em início de oração/período e após vocábulos não classificados como proclisadores prototípicos (14 dos 19 dados); c) a variante intra-CV, com próclise a V2 (6%), refere-se aos casos com a presença da preposição *de* entre os verbos auxiliar e principal; e d) a variante pós-CV (27%), além de também estar relacionada ao contexto inicial de orações/períodos e à precedência de atratores não tradicionais, representa os casos de acusativo de 3ª. pessoa (8 dos 18 dados).

Sobre o participípio, a inexistência de dados proclíticos ou enclíticos a essa forma reflete de fato um traço do PE, o qual a tradição gramatical descreveu adequadamente, embora o tenha apresentado como uma prescrição, uma vez que dita a obrigatoriedade de se adjungir o pronome átono ao verbo auxiliar nas locuções formadas com formas participiais – ex. (293).

(293)

(a) sempre as pessoas... ehn... as pessoas que são importantes na minha vida... porque nós temos as nossa / a nossa família **que nos é imposta** e depois temos os amigos que somos nós que escolhemos... e eu acho que a Mariza iria fazer parte da nossa vida de alguma forma... da nossa família que / da tal família que eu criei... (PE, *entrevista*, 14/04/2012)

(b) eu **tinha-lhe já contado** esta história... suponho... (PE, *entrevista*, 05/03/2011)

Na fala do PB, a próclise a V2 predomina com qualquer forma do segundo verbo. Com o infinitivo, essa variante é semicategórica e, com o gerúndio, categórica (cf. tabela 58).

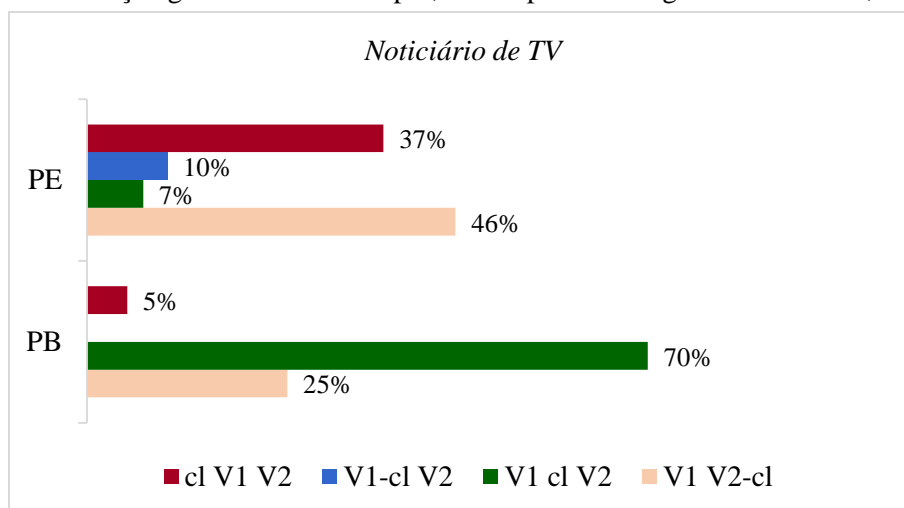
### 5.2.1.2 Lexias verbais complexas no gênero *noticiário de TV*

No gênero híbrido *noticiário de TV*, analisaram-se somente 61 clíticos pronominais. Dos noticiários das duas variedades, extraiu-se o menor número de pronomes adjacentes a complexos verbais, em comparação aos totais obtidos nas amostras dos outros gêneros

jornalísticos. Essa limitação na quantidade de dados pode estar relacionada aos traços característicos do próprio gênero textual. As notícias, principalmente as transmitidas em telejornais, tendem a ser breves, o que implica textos menos extensos e, conseqüentemente, com menos correferências com elementos mencionados anteriormente, funções muitas das vezes atribuídas aos clíticos de 3ª. pessoa (acusativo e dativo), por exemplo. Além disso, as notícias devem apresentar linguagem direta e objetiva, fazendo com que pronomes de 1ª. e 2ª. pessoas, comuns em enunciados opinativos, sejam raros nos textos que as representam.

Do total de 61 pronomes, 41 pertenciam ao PE (15 na posição pré-CV, 4 enclíticos a V1, 3 proclíticos a V2 e 19 pospostos ao complexo verbal) e 20 ao PB (1 na posição pré-CV, 14 na posição intra-CV, V1 cl V2, e 5 adjuntos à direita do verbo principal) – cf. gráfico 27.

Gráfico 27. Distribuição geral das variantes pré, intra e pós-CV no gênero *noticiário*, no PE e no PB



As diferenças entre os índices das variantes atingidos nas entrevistas e os alcançados nos noticiários são visíveis. De modo geral, no PE, a preferência pela posição pré-verbal vista nas entrevistas cede lugar ao favoritismo da variante pós-CV nos noticiários e, também, observa-se aqui a redução de pronomes enclíticos a V1; no PB, embora a próclise a V2 continue predominante, como nas entrevistas, o seu índice diminui consideravelmente neste gênero, ao mesmo tempo que a posposição do clítico ao verbo principal, antes apenas com 2%, chega a um percentual bem maior, na casa dos 25%. Esses contrastes, a partir da sistematização dos dados segundo os contextos linguísticos (cf. tabelas a seguir e gráfico 28) e os grupos de fatores considerados, tornam-se mais claros. Desde já, correlaciona-se a anteposição a V2 nos noticiários do PE à presença de elementos intervenientes entre V1 e V2 – ex. (294).

(294) Miguel Macedo lembra que quando chegou ao Ministério não havia dinheiro para pagar salários... **teve que se fazer** mais com menos... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

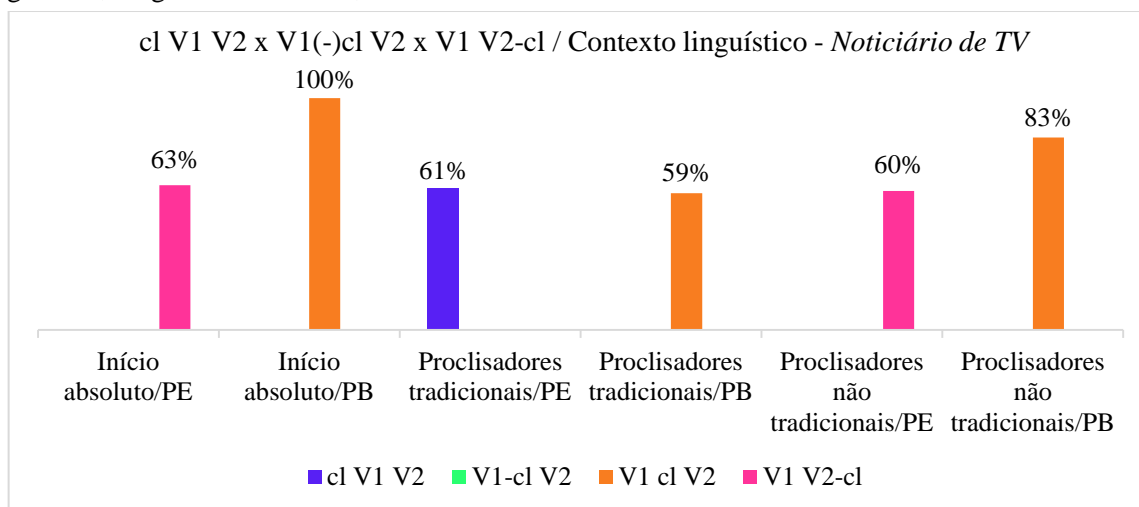
Tabela 59. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *noticiário*, no PE

Contexto linguístico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl	Total Dados/PE
	N - F	N - F	N - F	N - F	
<b>Início absoluto</b>	0 - 0%	2 - 25%	1 - 12%	5 - 63%	8
<b>Proclisadores tradicionais</b>	11 - 61%	0 - 0%	2 - 11%	5 - 28%	18
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	4 - 27%	2 - 13%	0 - 0%	9 - 60%	15 = 41

Tabela 60. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *noticiário*, no PB

Contexto linguístico	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl	Total Dados/PB
	N - F	N - F	N - F	
<b>Início absoluto</b>	0 - 0%	2 - 100%	0 - 0%	2
<b>Proclisadores tradicionais</b>	1 - 8%	7 - 59%	4 - 33%	12
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	0 - 0%	5 - 83%	1 - 17%	6 = 20

Gráfico 28. Distribuição das variantes **dominantes** (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto linguístico, no gênero *noticiário*, no PE e no PB



Nos noticiários portugueses, em posição inicial absoluta de oração/período, os clíticos permanecem, de preferência, pospostos ao verbo principal (63%). No PB, em início absoluto, é categórica a próclise a V2.

No contexto seguinte, o de proclisadores tradicionais, no PE, predomina a variante pré-CV (61%), seguida das posições V1 V2-cl (28%) e V1 cl V2 (11%). Nos noticiários do PB, diante de atratores típicos, ocorrem as variantes V1 cl V2 (59%), V1 V2-cl (33%) e cl V1 V2 (8%). A diferença entre as colocações proclítica e enclítica a V2 corresponde ao tipo de clítico adjungido: no primeiro caso, concentra-se sobretudo o pronome *se*, à esquerda de formas

infinitivas e participais; e, no segundo, o acusativo de 3ª. pessoa, à direita de verbos no infinitivo.

Por último, quanto à presença de proclisadores não tradicionais, no PE, aparecem as variantes V1 V2-cl (60%), cl V1 V2 (27%), V1-cl V2 (13%), nessa ordem; e, no PB, as posições V1 cl V2 (83%) e V1 V2-cl (17%). Em ambas as variedades, esses índices revelam relações com o tipo de clítico, a sua função e a própria forma do verbo principal, como apresentado na discussão das variáveis linguísticas, iniciada logo na sequência.

#### A) Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl

Nas duas tabelas seguintes, indicam-se os resultados provenientes das análises do grupo *tipo de proclisador*, nos noticiários do PE e do PB.

Tabela 61. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *noticiário*, no PE

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Ausência de elemento (proclisador)</b>	0/8 – 0%	2/8 – 25%	1/8 – 12%	5/8 – 63%
<b>Elemento subordinativo</b>	8/14 – 57%	0/14 – 0%	2/14 – 14%	4/14 – 29%
<b>Partícula/sintagma de negação</b>	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
<b>Advérbio canônico</b>	3/3 – 100%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/3 – 0%
<b>Preposição</b>	4/4 – 100%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	0/4 – 0%
<b>Conjunção coordenativa</b>	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
<b>SN sujeito</b>	0/10 – 0%	2/10 – 20%	0/10 – 0%	8/10 – 80%
Total	15/41 – 37%	4/41 – 10%	3/41 – 7%	19/41 – 46%

Tabela 62. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *noticiário*, no PB

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Ausência de elemento (proclisador)</b>	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
<b>Elemento subordinativo</b>	0/5 – 0%	4/5 – 80%	1/5 – 20%
<b>Partícula/sintagma de negação</b>	1/5 – 20%	3/5 – 60%	1/5 – 20%
<b>Advérbio canônico</b>	0/2 – 0%	0/2 – 0%	2/2 – 100%
<b>Preposição</b>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
<b>Advérbio não canônico</b>	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
<b>SN sujeito</b>	0/4 – 0%	4/4 – 100%	0/4 – 0%
Total	1/20 – 5%	14/20 – 70%	5/20 – 25%

Na ausência de elemento (proclisador), quer dizer, ao iniciarem orações/períodos, os clíticos ocorrem, nos noticiários portugueses, nas posições V1 V2-cl (63%), V1-cl V2 (25%) e V1 cl V2 (12%) – ex. (295). No PB, assim como nas entrevistas, a próclise a V2 continua categórica no contexto de início absoluto (ex. (296)).

(295)

(a) no capítulo das desilusões... destaca o facto de não ter sido prevista a inconstitucionalidade de algumas medidas propostas no ano passado... diz que foi uma infelicidade... **pode repetir-se** este ano... afinal o Tribunal Constitucional já foi chamado a pronunciar-se sobre vários pontos do orçamento... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

(b) é absolutamente errado acharmos que a Constituição é a origem dos nossos males... não é verdade... **pode-se legislar** muito e bem e de forma até radical sem pôr em causa a Constituição... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

(c) Miguel Macedo lembra que quando chegou ao Ministério não havia dinheiro para pagar salários... **teve que se fazer** mais com menos... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(296) e o campeão desabou... **quis se levantar**... cambaleou... precisou de atendimento médico... deitou-se no chão... estava no céu... (PB, *noticiário*, 09/08/2003)

Na amostra portuguesa, após elementos subordinativos, os clíticos se dividem nas posições pré-CV (57%), de modo dominante, pós-CV (29%) e intra-CV, sem hífen (14%) – ex. (297). Coleta-se somente *I* dado na presença de partícula de negação; nele, o clítico está posposto ao verbo principal (ex. (298)). E, ainda em relação a proclisadores tradicionais, é categórica a colocação pré-verbal imediatamente a seguir de advérbios canônicos (ex. (299)).

(297)

(a) o contraste pode ser duro quando os números dão conta dos mais velhos que ninguém quer saber... são muitos os que ficam nos hospitais sem alguém **que os vá buscar** para os levar para casa... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(b) o governo fazia *mais e melhor* se olhasse pra Constituição e tentasse governar dentro dos limites que ela impõe **do que tentar colocá-la** no centro de um jogo político em que ninguém tem a ganhar... muito menos o governo... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

(c) as palavras saem cuidadosas... mas fica uma ideia... quem o pôs lá... **é que tem de o tirar**... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(298) o procurador Gideon Hausner disse que não estava sozinho... que havia seis milhões de procuradores que **não podiam dizer-lhe** “eu acuso”... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

(299) Vale e Azevedo é esperado na próxima sessão do julgamento já dia vinte... esta terça-feira... **ainda se estava a ambientar** à cela onde o instalaram assim que chegou de Inglaterra... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

As preposições (*para, de, por*), proclisadores não tradicionais, favorecem categoricamente a posição pré-CV nos noticiários portugueses, conforme exposto no exemplo (300). O fato de, em (300a), a forma do segundo verbo ser participial auxilia na cliticização do pronome a V1. Verifica-se, quanto às conjunções coordenativas, apenas *I* dado na posição pós-CV, no qual estão dispostos uma conjunção conclusiva e um pronome acusativo de 3ª. pessoa enclítico ao verbo principal na forma infinitiva (ex. (301)). Com SNs sujeitos, os clíticos ocupam as posições V1 V2-cl (80%) e V1-cl V2 (20%). Todos os casos se referem à antecedência de SN sujeito nominal simples ou SN sujeito nominal complexo – ex. (302).

(300)

(a) os médicos não adiantam uma data *para lhe ser dada* alta... mas acreditam que esteja para breve... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

(b) em matéria de estabilidade... associada à avaliação que faz das funções de um Chefe de Estado... uma frase enigmática poderia colocar um [esteio] de dúvida na relação institucional com o governo... “a falta de confiança política do presidente num governo não lhe dá argumento *para o poder demitir*”... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

(301) um grupo de agentes israelitas da Mossad encabeçados por Rafi Eitan aterraram em Buenos Aires e começaram a vigiar Eichmann durante quase duas semanas... descobriram que é um homem de rotinas... *por isso decidiram raptá-lo* depois de sair do autocarro número duzentos-e-dois junto à sua casa... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

(302)

(a) *a greve dos transportes vai sentir-se* sobretudo nos centros urbanos... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

(b) a pouco e pouco... *as ciclovias vão-se tornando* regra mesmo nas cidades portuguesas... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

Nos noticiários do PB, a natureza do proclisador, tradicional ou não, não motiva uma ou outra variante, já que, diante da maioria dos fatores (elemento subordinativo, partícula/sintagma de negação, preposição e SN sujeito), a colocação intra-CV, com próclise a V2, é preponderante (cf. tabela 62). Na realidade, nos 5 dados registrados na posição pós-CV, com a precedência de elemento subordinativo, da partícula *não*, de advérbio canônico ou de advérbio não canônico (ex. (303)), trata-se do clítico *o(s)/a(s)*, sob as formas *los(s)/la(s)*, em ênclise a formas infinitivas. Com a partícula *não*, também se encontra *l* dado na posição pré-CV (ex. (304)).

(303)

(a) além de não funcionar... o equipamento desmonta *quando tentamos retirá-lo* do computador... (PB, *noticiário*, 21/01/2012)

(b) as escolas ficaram com as crianças... porque os pais *não puderam buscá-las*... (PB, *noticiário*, 11/09/2001)

(c) Owen tentava e chegava perto... tão perto que o zagueiro Pochettino *só conseguiu pará-lo* cometendo pênalti... (PB, *noticiário*, 07/06/2002)

(d) Hudson de Souza dominou a prova... dois americanos *ainda tentaram alcançá-lo* nos metros finais... mas ficaram longe... (PB, *noticiário*, 09/08/2003)

(e) muita gente já tem a câmara na mão... *agora pode usá-la* contra o crime... (PB, *noticiário*, 14/12/2013)

(304) hoje... quando se fala de beleza... já *não se pode mais pensar* apenas nos cuidados estéticos... (PB, *noticiário*, 09/08/2003)

## **B) Tipo de clítico**

Nos gráficos 29 e 30, apresentam-se os percentuais referentes, no PE, a *l* pronome *nos*, 7 pronomes *o(s)/a(s)*, 5 pronomes *lhe(s)* e 28 pronomes *se*; e, no PB, a *l* clítico *nos*, 5 *o(s)/a(s)* e 14 *se*. As tabelas, em seguida, listam as informações completas para o grupo *tipo de clítico*.



Gráficos 29 e 30. Distribuição percentual dos tipos de clíticos pronominais adjuntos a LVC no gênero *noticiário*, no PE e no PB

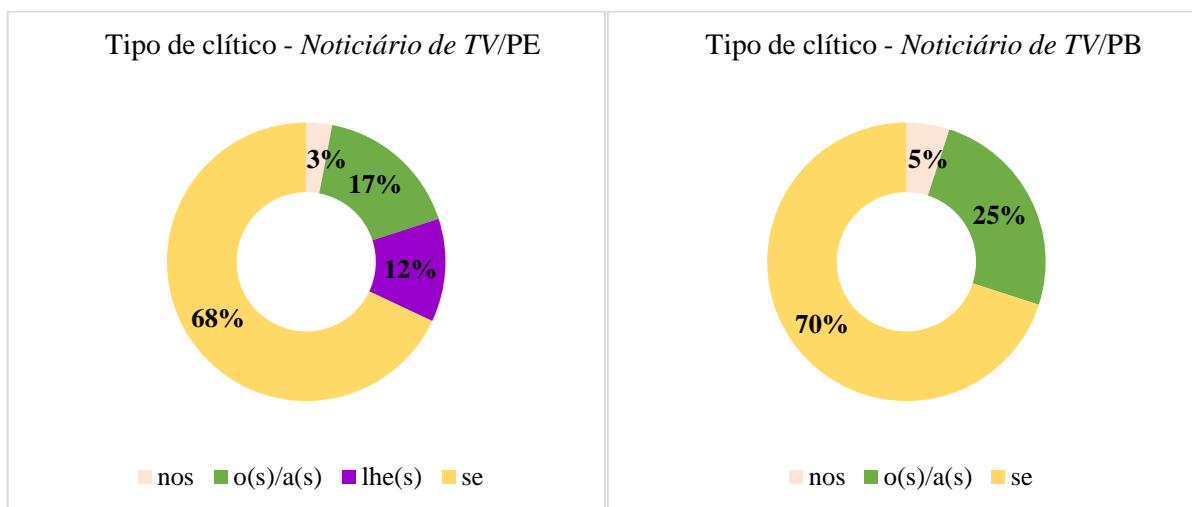


Tabela 63. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero *noticiário*, no PE

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>nos</b>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
<b>o(s)/a(s)</b>	2/7 – 29%	0/7 – 0%	1/7 – 14%	4/7 – 57%
<b>lhe(s)</b>	2/5 – 40%	0/5 – 0%	0/5 – 0%	3/5 – 60%
<b>se</b>	10/28 – 36%	4/28 – 14%	2/28 – 7%	12/28 – 43%
Total	15/41 – 37%	4/41 – 10%	3/41 – 7%	19/41 – 46%

Tabela 64. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero *noticiário*, no PB

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>nos</b>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
<b>o(s)/a(s)</b>	0/5 – 0%	0/5 – 0%	5/5 – 100%
<b>se</b>	1/14 – 7%	13/14 – 93%	0/14 – 0%
Total	1/20 – 5%	14/20 – 70%	5/20 – 25%

O único registro do pronome *nos*, na amostra portuguesa, ocorre na posição pré-CV, após a preposição *por* e em um complexo no qual o verbo principal está na forma participial (ex. (305)).

(305) é tudo... obrigado *por nos terem acompanhado*... boa noite... até amanhã... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

O clítico acusativo de 3ª. pessoa *se* manifesta, em maior número, posposto à forma infinitiva de V2 (57%), em qualquer um dos três contextos considerados (início absoluto e

antecedência de proclisador tradicional ou não tradicional) – ex. (306), (297b) e (301). A variante pré-CV (29%), com o pronome *o(s)*, refere-se a uma oração com o pronome relativo *que* e à outra com a preposição *para* (ex. (297a) e (300b)); e, a variante intra-CV, sem hífen (14%), corresponde à presença da preposição *de* entre os verbos do complexo (ex. (297c)).

(306) por esta altura o setenta-e-nove-quarenta-e-quatro já passou por vinte pares de mãos... dezenas de máquinas... tomou forma... ganhou brilho... até mudou de cor... e está finalmente pronto para voar até Milão... **vamos deixá-lo** no aeroporto... mas *não* lhe perderemos o rasto... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

O pronome *lhe(s)*, quando adjacente a complexo com o verbo principal no infinitivo, em início absoluto, diante de proclisador tradicional ou na presença de proclisador não tradicional, posiciona-se após V2 (60%). Os 2 registros desse tipo de clítico anteposto ao auxiliar (40%) são casos de colocação pronominal em construções com V2 no particípio (ex. (300a) e (307)).

(307) no perfil de chefe de Estado misturado com o de analista... Cavaco Silva faz uma antecipação otimista para dois-mil-e-treze... acreditando no crescimento económico se todos cumprirem o papel *que lhes está destinado*... (PE, *noticiário*, 05/01/2013)

A colocação do pronome *se*, no PE, está associada ao tipo de elemento que antecede o grupo verbal e, ainda, à variável *função do clítico*. A variante pós-CV (43%) é influenciada predominantemente pelo contexto de início absoluto (ex. (295a)) e pela antecedência de SNs sujeitos (ex. (302a)); a posição pré-CV (36%) ocorre, em especial, diante de elementos subordinativos e de advérbios canônicos (ex. (308) e (299)); a posição intra-CV, com ênclise a V1 (14%), realiza-se em início de período (ex. (295b)) e logo após SN sujeito nominal simples (ex. (302b)); e, por último, a variante intra-CV, com próclise a V2 (7%), acontece na presença de elementos intervenientes entre os verbos do complexo – ex. (294).

(308) sobre a futura privatização... Miguel Relvas não quis falar de modelos... embora já tenha o relatório dos conselheiros que estão a estudar o plano... garantiu apenas *que se vai manter* o serviço público previsto pela Constituição... (PE, *noticiário*, 05/03/2011)

No PB, como vem sendo descrito na análise deste gênero, são os clíticos acusativos de 3ª. pessoa, adjuntos a formas infinitivas, que coíbem a produtividade da posição V1 cl V2, dado que, de forma categórica, ordenam-se após o verbo principal. Com os demais pronomes – em particular, o *se* –, a próclise a V2 permanece com índice bastante expressivo (cf. tabela 64).

### C) Função do clítico

As duas próximas tabelas apresentam os percentuais de colocação pronominal segundo as funções exercidas pelos pronomes.

Tabela 65. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero *noticiário*, no PE

Função do clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Argumental</b>	5/13 – 38%	0/13 – 0%	1/13 – 8%	7/13 – 54%
<b>Inerência/reflexividade</b>	6/21 – 29%	2/21 – 9.5%	2/21 – 9.5%	11/21 – 52%
<b>Apassivação</b>	3/5 – 60%	1/5 – 20%	0/5 – 0%	1/5 – 20%
<b>Indeterminação</b>	1/2 – 50%	1/2 – 50%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Total	15/41 – 37%	4/41 – 10%	3/41 – 7%	19/41 – 46%

Tabela 66. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero *noticiário*, no PB

Função do clítico	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Argumental</b>	0/6 – 0%	1/6 – 17%	5/6 – 83%
<b>Inerência/reflexividade</b>	0/12 – 0%	12/12 – 100%	0/12 – 0%
<b>Apassivação</b>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
<b>Indeterminação</b>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Total	1/20 – 5%	14/20 – 70%	5/20 – 25%

O fator *argumental* é preenchido, nos noticiários do PE, pelos pronomes *nos* (1 dado), *o(s)/(a)s* (7 dados) e *lhe(s)* (5 dados) e, no material brasileiro, pelos clíticos *nos* (1 dado) e *o(s)/a(s)* (5 dados). Em ambas as variedades, a recorrência da posição V1 V2-cl (54% no PE e 83% no PB) se dá fundamentalmente pela posposição do acusativo de 3ª. pessoa – ex. (306) e (303).

Ao pronome *se* são atribuídos os valores de inerência/reflexividade, apassivação e indeterminação. O *se* inerente/reflexivo, enquanto ocorre exclusivamente proclítico a V2 nos noticiários do PB, no PE, divide-se nas posições pós-CV (52%), pré-CV (29%) e intra-CV, com e sem hífen (9.5% em cada). Na maior parte dos dados, a ênclise a V2 se relaciona ao complexo verbal estar iniciando a oração/período (ex. (295a)) ou à participação de proclisadores não tradicionais (ex. (302a)); e, a anteposição ao auxiliar, à atuação de atratores típicos de próclise (ex. (299)). O *se* apassivador e o *se* indeterminador, com apenas 1 registro de cada, no PB, aparecem proclítico a V2 e na posição pré-CV, nessa ordem (ex. (309) e (304)). Na variedade europeia, em casos de apassivação e indeterminação, o *se* permanece, em maior escala, ao redor

do verbo auxiliar. A próclise a V1, com o *se* apassivador, condiz com a presença de proclisadores prototípicos (ex. (310)), à medida que a ênclise a V1 ocorre em um contexto de início absoluto (ex. (311)). Com o *se* indeterminador, observa-se a posição pré-CV (ex. (312)) e a posição intra-CV, com ênclise a V1 (ex. (295b)).

(309) um avião americano de passageiros batia em cheio numa das torres do World Trade Center... um acidente tão inimaginável que imediatamente chamou a atenção de todo o planeta... mas não era acidente... para a perplexidade do mundo inteiro... **foram se registrando** acontecimentos que nenhum roteirista de Hollywood imaginou... (PB, *noticiário*, 11/09/2001)

(310) segundo dados da empresa... as três novas estações vão permitir reduzir por ano cerca de cinco mil toneladas de emissões de CO<sub>2</sub>... considerando as deslocções de automóvel que **também se poderão evitar**... (PE, *noticiário*, 16/07/2012)

(311) nesta reunião os países do Grupo dos Amigos da Coesão quiseram mostrar unidade nas suas posições perante os parceiros mais prósperos da União Europeia... **está-se a negociar** o orçamento europeu pro período dois-mil-e-catorze dois-mil-e-vinte... (PE, *noticiário*, 13/11/12)

(312) isto exige um bocadinho de aprendizagem no início... *a menos claro que se tenha nascido* para estas coisas... (PE, *noticiário*, 13/11/2012)

#### D) Forma do segundo verbo do complexo

Nos noticiários do PE e do PB, são as estruturas com verbo principal no infinitivo que predominam – 33 casos na variedade europeia e 17 na brasileira. Os índices das variantes, quando V2 é uma forma infinitiva, aproximam-se dos percentuais gerais de colocação (cf. tabelas 67 e 68). Desse modo, merecem destaque as outras formas encontradas, o gerúndio e o particípio.

Tabela 67. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero *noticiário*, no PE

Formal verbal de V2	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Infinitivo</b>	8/33 – 24%	3/33 – 9%	3/33 – 9%	19/33 – 58%
<b>Gerúndio</b>	1/2 – 50%	1/2 – 50%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
<b>Particípio</b>	6/6 – 100%	0/6 – 0%	0/6 – 0%	0/6 – 0%
Total	15/41 – 37%	4/41 – 10%	3/41 – 7%	19/41 – 46%

Tabela 68. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero *noticiário*, no PB

Formal verbal de V2	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Infinitivo</b>	1/17 – 6%	11/17 – 65%	5/17 – 29%
<b>Gerúndio</b>	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
<b>Particípio</b>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	1/20 – 5%	14/20 – 70%	5/20 – 25%

Os pronomes cliticizados a complexos com formas gerundivas e participiais, no PE, mantêm-se ligados a V1, assim como prescrito na tradição gramatical. Com o gerúndio, na presença da conjunção *que*, mesmo que distante do complexo, ocorre a colocação pré-verbal (ex. (313)); e, diante do SN sujeito nominal simples (*as ciclovias*), realiza-se a posição intra-CV, com ênclise a V1 (ex. (302b)). Por sua vez, com o particípio, é categórica a próclise ao auxiliar – ex. (300a), (305), (307) e (312).

(313) perante a dimensão das buscas que varreram as sedes das principais entidades bancárias a operar em Portugal... a Associação Portuguesa de Bancos mostra-se surpreendida pelas suspeitas por considerar que o setor se vem caracterizando por uma grande transparência na divulgação de preços... (PE, *noticiário*, 06/03/2013)

No PB, a próclise a V2 é categórica nas construções formadas com gerúndio e particípio (ex. (309), (314) e (315)). Ainda que haja apenas um dado isolado com a forma participial (ex. (315)), a presença do sintagma interveniente *mesmo* entre os verbos do complexo, ocasionando de fato a próclise ao segundo verbo, corrobora a aceitabilidade e o uso desta adjunção (de clíticos a verbos no particípio) no PB contemporâneo, principalmente na modalidade falada.

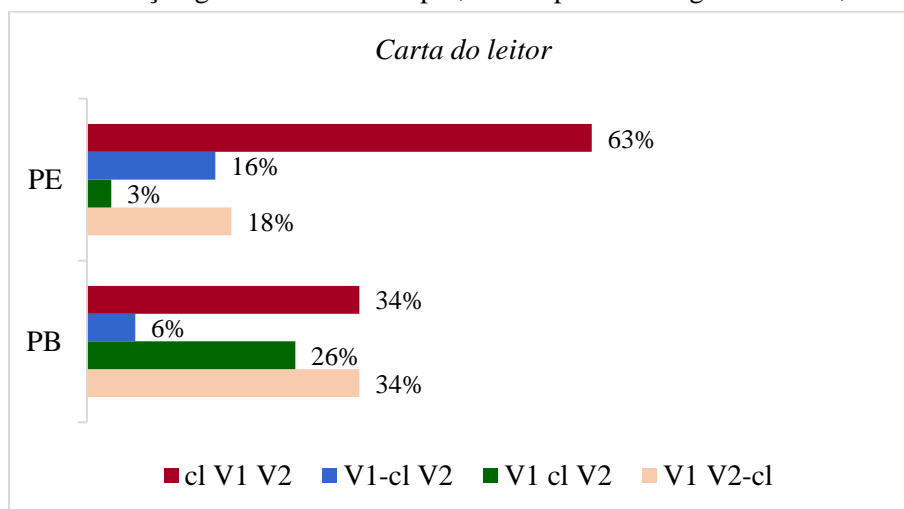
(314) no Rio *a Orquestra Sinfônica Brasileira está se apresentando* neste momento em mais uma edição do Projeto Aquarius... realizado pelo Jornal O Globo... (PB, *noticiário*, 14/12/2013)

(315) o motorista do ônibus Raimundo Luís Ferreira foi preso em flagrante... na delegacia... reconheceu que tinha bebido e chegou a questionar se tinha mesmo se envolvido em um acidente... um exame do IML confirmou que ele tinha bebido... (PB, *noticiário*, 30/06/2000)

### 5.2.1.3 Lexias verbais complexas no gênero *carta do leitor*

Para este gênero – a *carta do leitor* –, defendido neste estudo como de concepção escrita e meio gráfico, foram organizados um conjunto com 99 clíticos retirados do PE e outro, referente ao PB, com 77 pronomes. Segundo as variantes consideradas, notaram-se 62 clíticos na posição pré-CV, 16 na posição intra-CV, V1-cl V2, 3 na posição V1 cl V2, e 18 na posição pós-CV, na variedade portuguesa. No universo das cartas brasileiras, 26 pronomes se posicionaram antes do complexo, 25 entre os verbos (5 enclíticos a V1 e 20 proclíticos a V2) e 26 após o verbo principal.

O gráfico seguinte revela os percentuais de cada alternativa de colocação pronominal de acordo com a variedade do português contemplada.

Gráfico 31. Distribuição geral das variantes pré, intra e pós-CV no gênero *carta*, no PE e no PB

Os percentuais gerais, de imediato, indicam, para a variedade do PB, uma drástica diminuição na realização da variante intra-CV, com próclise a V2, ao ser relacionada a sua frequência nas cartas aos seus índices nos gêneros orais (96% dessa variante nas entrevistas e 70% nos noticiários). Essa redução, conseqüentemente, leva à recorrência maior das outras alternativas e, inclusive, registram-se pronomes enclíticos a V1 – todos em construções sem a presença de um elemento interveniente entre os verbos (como, por exemplo, na perífrase *pode-se seguir*). Por se tratar de um gênero escrito, assim como relatado quanto às lexias verbais simples, a colocação pronominal no âmbito dos complexos verbais nas cartas brasileiras está mais em conformidade com as prescrições gramaticais, mesmo que diferenças entre o que é idealizado nas gramáticas e o que é realmente escrito nesses textos ainda sejam encontradas.

Aa tabelas 69 e 70 apresentam os dados das duas variedades organizados conforme cada contexto linguístico analisado. Na seqüência, no gráfico 32, ainda em relação aos três contextos, destacam-se as variantes dominantes nas cartas do PE e do PB.

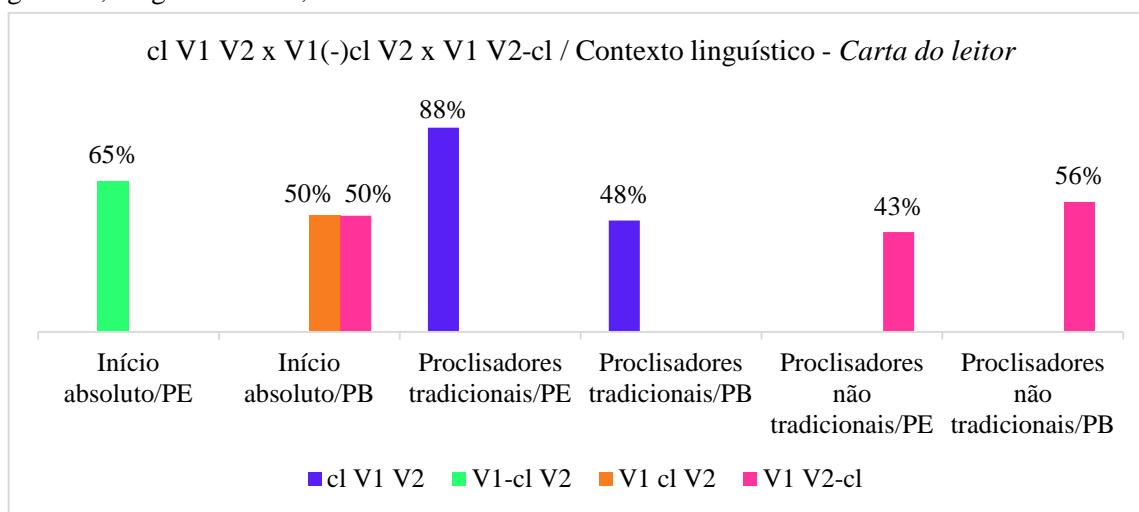
Tabela 69. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *carta*, no PE

Contexto linguístico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl	Total Dados/PE
	N - F	N - F	N - F	N - F	
<b>Início absoluto</b>	0 - 0%	11 - 65%	0 - 0%	6 - 35%	17
<b>Proclisadores tradicionais</b>	54 - 88%	1 - 2%	3 - 5%	3 - 5%	61
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	8 - 38%	4 - 19%	0 - 0%	9 - 43%	21 = 99

Tabela 70. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *carta*, no PB

Contexto linguístico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl	Total Dados/PB
	N - F	N - F	N - F	N - F	
<b>Início absoluto</b>	0 - 0%	0 - 0%	2 - 50%	2 - 50%	4
<b>Proclisadores tradicionais</b>	24 - 48%	2 - 4%	13 - 26%	11 - 22%	50
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	2 - 9%	3 - 13%	5 - 22%	13 - 56%	23 = 77

Gráfico 32. Distribuição das variantes **dominantes** (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto linguístico, no gênero *carta*, no PE e no PB



No contexto de início absoluto de oração/período, aparecem as variantes V1-cl V2 (65%) e V1 V2-cl (35%) nas cartas portuguesas; no PB, a variante V1 cl V2, categórica nos gêneros *entrevista na TV* e *noticiário de TV*, agora, divide a preferência com a posição V1 V2-cl (50% de manifestação para cada). Diante de proclisadores tradicionais, bem como nos outros três gêneros jornalísticos observados, manifesta-se a variante cl V1 V2 nas cartas do PE, no entanto, aqui, nota-se o seu mais elevado índice (88%). Nesse mesmo contexto, nas cartas brasileiras, verificam-se as posições cl V1 V2 (48%), V1 cl V2 (26%), V1 V2-cl (22%) e V1-cl V2 (4%). Finalmente, no contexto de proclisadores não tradicionais, ocorrem, no PE, as variantes V1 V2-cl (43%), cl V1 V2 (38%) e V1-cl V2 (19%); e, no PB, as posições V1 V2-cl (56%), V1 cl V2 (22%), V1-cl V2 (13%) e cl V1 V2 (9%). Sobre esses dois últimos contextos, nas cartas do PB, outra vez em comparação aos gêneros orais, vê-se a substituição da próclise a V2, anteriormente bastante produtiva após qualquer tipo de proclisador, pela colocação pré-CV na presença de atratores típicos e pela posição pós-CV perante proclisadores não tradicionais.

A seguir, discutem-se os grupos de fatores analisados.

**A) Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl**

As próximas tabelas apontam os resultados da variável *tipo de proclisador*.

Tabela 71. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *carta*, no PE

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Ausência de elemento (proclisador)</b>	0/17 – 0%	11/17 – 65%	0/17 – 0%	6/17 – 35%
<b>Elemento subordinativo</b>	38/45 – 84%	1/45 – 2%	3/45 – 7%	3/45 – 7%
<b>Partícula/sintagma de negação</b>	13/13 – 100%	0/13 – 0%	0/13 – 0%	0/13 – 0%
<b>Advérbio canônico</b>	3/3 – 100%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/3 – 0%
<b>Preposição</b>	4/4 – 100%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	0/4 – 0%
<b>Advérbio não canônico</b>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
<b>SPrep</b>	2/4 – 50%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	2/4 – 50%
<b>Conjunção coordenativa</b>	1/4 – 25%	1/4 – 25%	0/4 – 0%	2/4 – 50%
<b>SN sujeito</b>	0/8 – 0%	3/8 – 37.5%	0/8 – 0%	5/8 – 62.5%
Total	62/99 – 63%	16/99 – 16%	3/99 – 3%	18/99 – 18%

Tabela 72. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *carta*, no PB

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Ausência de elemento (proclisador)</b>	0/4 – 0%	0/4 – 0%	2/4 – 50%	2/4 – 50%
<b>Elemento subordinativo</b>	17/33 – 52%	2/33 – 6%	9/33 – 27%	5/33 – 15%
<b>Partícula/sintagma de negação</b>	7/14 – 50%	0/14 – 0%	3/14 – 21%	4/14 – 29%
<b>Advérbio canônico</b>	0/3 – 0%	0/3 – 0%	1/3 – 33%	2/3 – 67%
<b>Preposição</b>	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
<b>Conjunção coordenativa</b>	2/9 – 22%	1/9 – 11%	2/9 – 22%	4/9 – 45%
<b>SN sujeito</b>	0/12 – 0%	1/12 – 8%	3/12 – 25%	8/12 – 67%
Total	26/77 – 34%	5/77 – 6%	20/77 – 26%	26/77 – 34%

Os casos de início absoluto de oração/período (= ausência de elemento (proclisador)), nas cartas portuguesas, com os pronomes enclíticos a V1 (65%), referem-se a construções com elemento interveniente entre os verbos (ex. (316)) e a estruturas com o verbo principal no participípio – tempos compostos e construções passivas (ex. (317)). A posposição do pronome a



V2 (35%) ocorre em complexos modais, especificamente do tipo *poder/dever* + infinitivo – ex. (318).

(316) Em minha opinião, a cidade está a perder a oportunidade de cativar os jovens para assistirem mais frequentemente a espectáculos; **está-se a perder** a oportunidade de criar um novo público. (PE, *carta*, 2001)

(317) **Tem-se falado** de maravilhosos projectos de reorganização administrativa, simplificação de procedimentos burocráticos, emagrecimento do Estado, informatização dos serviços, cruzamento de dados, mas a realidade que nos salta aos olhos nas páginas da comunicação social coloca em primeiro plano a necessidade de uma boa lubrificação na máquina emperrada da burocracia. (PE, *carta*, 2006)

(318) Enquanto o mundo estiver dividido assim entre ricos e miseráveis, **podem fechar-se** as fronteiras, mas não há nenhum problema resolvido. (PE, *carta*, 2002)

Em início de oração/período (= ausência de elemento (proclisador)), nas cartas do PB, estão clíticos adjungidos a construções temporais (*vir/ir* + infinitivo) e à construção modal *ter(de)* + infinitivo. Conforme dito em linhas atrás e os exemplos em (319) expõem, nesse contexto, aparecem as variantes V1 cl V2 (50%) e V1 V2-cl (50%).

(319)

(a) No outro, vão invadir nossas casas, **vão nos matar** também? (PB, *carta*, 2003)

(b) Realmente, é um disparate insistir tanto na utilização dessas células embrionárias (**tendo de se matar** o embrião), quando temos milhões de células-tronco provenientes de cordões umbilicais sendo descartadas diariamente. (PB, *carta*, 2004)

(c) **Venho congratular-me** com o Estadão pelo editorial A economia saiu intacta dos atentados (A3) e pelo artigo O fim da ilusão (A2), publicados ontem. (PB, *carta*, 2001)

Os proclisadores tradicionais, na amostra portuguesa, relacionam-se de modo expressivo à colocação pré-verbal. Com partículas/sintagmas de negação e advérbios canónicos, a anteposição do pronome ao auxiliar é categórica, ao passo que, com elementos subordinativos, a sua realização atinge os 84%. A posição V1 cl V2 (7%) corresponde aos registros nos quais há a presença de preposição (no caso, a preposição *de*) entre os verbos do complexo (ex. (320)); a variante V1 V2-cl (7%) se associa ao acusativo de 3ª. pessoa e ao *se* inerente/reflexivo adjacentes a infinitivos (ex. (321)); e, por último, a ênclise a V1 (2%) se refere ao exemplo (322), uma construção de passiva do verbo *ser*.

(320) Sou uma cidadã comum, a mais comum dos mortais, mas que ainda tem olhos na cara. Todos os dias leio crónicas de jornalistas e escritores que dizem “coitadinhos dos israelitas”, artigos esses que eu, **quando acabo de os ler**, fico com a sensação de que se não escrevessem nada tinham dito muito mais. (PE, *carta*, 2001)

(321)

(a) O “pin” do festival reencontrei-o pouco antes da edição deste ano, que decorreu no passado fim-de-semana, pelo **que decidi aplicá-lo** ao saco que usava. Perdi-o no primeiro dia, recuperei-o no segundo, e abandonei Sendim momentos depois de me aperceber que o deixava — algum celta o encontrará! (PE, *carta*, 2004)

(b) A poucos dias das legislativas, é amargo verificar o pouco que se falou de política, de projectos, de ideias, da forma como temos de nos preparar para enfrentar um futuro difícil no meio de uma crise global **que veio juntar-se** à já nossa crise local. (PE, *carta*, 2009)

(322) Os governantes governam por delegação, pelo **que o poder é-lhes sancionado** pelos princípios essenciais da liberdade e da representatividade. (PE, *carta*, 2008)

À frente de proclisadores não tradicionais (preposição, advérbio não canônico, SPrep, conjunção coordenativa e SN sujeito), os comportamentos das variantes são diversos. Depois de preposições (no caso, *para* e *de*, além de uma locução prepositiva) e do advérbio não canônico terminado em *-mente* (*paulatinamente*), a próclise ao auxiliar é categórica (ex. (323) e (324)). A antecedência de SPrep ocasiona as colocações cl V1 V2 (50%) e V1 V2-cl (50%) (ex. (325)). As conjunções coordenativas e os SNs sujeitos, em maior número representados pela conjunção aditiva *e* e pelo SN sujeito nominal complexo, associam-se preferencialmente à colocação pós-CV (50% e 62.5%, respectivamente) – ex. (326) e (327).

(323)

(a) A Hungria está em pé de guerra e em estado de choque porque soube que o seu primeiro-ministro tinha confessado, numa reunião do seu partido, que mentira nas últimas eleições *para as poder ganhar*. (PE, carta, 2006)

(b) Se, genericamente, esta notícia, tem “potencial” para nos elevar o “nível de confiança”, já quando atentamos melhor na sua análise, corremos o risco *de nos voltar a cair a espinha*”. (PE, carta, 2008)

(324) De falsas promessas já poucos falam e *paulatinamente se vão embotando* as sensibilidades. E de miasma em miasma nos vamos afundando num pântano de aviltamento e suspeições. (PE, carta, 2009)

(325)

(a) De falsas promessas já poucos falam e paulatinamente se vão embotando as sensibilidades. E *de miasma em miasma nos vamos afundando* num pântano de aviltamento e suspeições. (PE, carta, 2009)

(b) Sugeria, pois, que a direita é fascista ou *pelo menos tende a sê-lo*. (PE, carta, 2001)

(326) Ultrapassada esta dificuldade, foram-me apresentadas, pela segunda vez, as regras das galerias da AR *e pude sentar-me*. (PE, carta, 2006)

(327) O administrador de uma grande empresa pode dispor das elites que lhe aprouver, mas *o Presidente da República deve enquadrar-se* no quadro referencial dos preceitos da Constituição, em que os governantes não saem de nenhuma casta mas tão-só são mandatados pelo povo em função de qualidades cujos critérios são suficientemente prolixos para não permitirem denominadores comuns à formação de pretensas elites, enquadráveis em modelos específicos. (PE, carta, 2008)

Nas cartas brasileiras, ainda que não de maneira tão efetiva quanto na amostra do PE, os elementos subordinativos e as partículas/sintagmas de negação também se associam à colocação pré-CV (com 52% e 50%, nessa devida ordem). As demais variantes, na presença de algum elemento de subordinação, ocorrem preferencialmente quando há distância entre o próprio proclisador e o grupo verbal e/ou, no caso da posição pós-CV, quando o clítico é o acusativo de 3<sup>a</sup>. pessoa (ex. (328)). No entanto, embora em número reduzido, ainda se encontram clíticos nas posições V1 cl V2 e V1 V2-cl mesmo com a adjacência entre elemento subordinativo e complexo verbal (ex. (329)). Sobre as partículas/sintagmas de negação, os dados de próclise a V2 são com o *se* inerente/reflexivo (ex. (330)) e os casos de posposição ao verbo principal ocorrem com clíticos diversos (ex. (331)).

(328)

(a) Se bem entendi o discurso do presidente Lula em Washington, relevada a forma sucinta de interpretar o orador, parece-me que a tese abraçada é a de *que, se é impossível breçar o expressivo aumento dos arsenais atômicos,*

**deve-se buscar** a efetiva segurança nuclear impedindo que esse armamento caia nas mãos de agentes não-estatais com propósitos ilícitos. (PB, *carta*, 2010)

(b) Espero *que a prefeita esteja se preparando* para limpar todos os rios de São Paulo, pois aqueles que não querem ou não podem pagar a taxa passarão a jogar lixo nos rios, como se faz com lixo não coletado pela Prefeitura (sofás velhos, pneus). (PB, *carta*, 2003)

(c) Os políticos - em especial os eleitos - passarão a viver sobressaltados, cientes de que o povo entendeu *que, quando não for satisfeito em seus anseios, quando em lugar de realizações, de melhoras concretas em sua condição de vida receber dados estatísticos divergentes de sua realidade cotidiana, poderá defenestrá-los* do poder. (PB, *carta*, 2002)

(329)

(a) Ao tentar isolar o Líbano do resto do mundo, Israel *é que acaba se isolando* ainda mais no Oriente Médio, pois agora até os países árabes fronteiriços mais moderados começam a questionar a estratégia de guerra israelense. (PB, *carta*, 2006)

(b) Preocupam-nos as ruínas herdadas pelo presidente, razão por *que decidimos conceder-lhe* prazo de espera de um ano, sem críticas ou cobranças apressadas, pois não lhe seria possível reconstruir, em tempo curto, o País devastado por sucessivas administrações. (PB, *carta*, 2003)

(330) Nessa mesma época os sindicatos e a UNE *não podiam se manifestar* contra o governo. (PB, *carta*, 2009)

(331)

(a) No entanto, *não posso calar-me* pelo excessivo rigor da pena aplicada, pois, no meu entender de leigo, o que ocorreu nesse fato foi um erro de procedimento técnico de profissional. (PB, *carta*, 2001)

(b) Ficam aqui meus parabéns pelos excelentes empregos, mas creio que *nem por isso deveriam preocupar-se* em reinventar o passado. (PB, *carta*, 2005)

(c) Não contesto o direito dos advogados de defender quem lhes pague: é legal e, afinal, cada um tem seu próprio estofo moral e caráter; nem que qualquer advogado seja eleito por seus pares para os representar – mas, diferentemente de com relação à população em geral, *não podemos atribuir-lhes* "boa-fé" ou ignorância sobre como o sistema funciona e o que cada um é de fato. (PB, *carta*, 2007)

(d) Serra critica o governo Lula, como se não percebesse que seus 80% de aprovação claramente demonstram que a crítica *não vai levá-lo* a nada. (PB, *carta*, 2010)

Ainda que sejam considerados como atratores típicos de próclise, nas cartas do PB, os advérbios canônicos atuam de fato como determinados proclisadores não tradicionais (a saber, conjunção coordenativa e SN sujeito), associando-se à colocação pós-CV (67%) (ex. (332)). Esse resultado inesperado pode se dever à interação com outros fatores, como, por exemplo, a combinação de forma infinitiva de V2 e clítico acusativo de 3<sup>a</sup>. pessoa (ex. (332a)).

(332)

(a) Em vez de se lamuriar sobre aquilo que seu partido é mestre em fazer, procure simplesmente "prefeitar", pois a cidade, nestes seis meses, *já está a considerá-la* o pior dos prefeitos que já teve, apesar de Pitta, Maluf e Erundina. (PB, *carta*, 2001)

(b) Será que ninguém pensa no fato de que, se a famigerada nova estatal for criada, o Brasil *só poderá tornar-se* potência petrolífera daqui a 20 ou 30 anos, em razão da falta de investimentos? (PB, *carta*, 2008)

As preposições, presentes em número bastante escasso, correspondem à ênclise a V1 (50%) e a V2 (50%), como demonstrado em (333). No exemplo (333a), a colocação pronominal se deve à própria construção verbal na qual o segundo verbo está no participípio; e, em (333b), ao tipo de complexo, com elemento interveniente, e ao clítico acusativo de 3<sup>a</sup>. pessoa. Com os outros proclisadores não tradicionais, as conjunções coordenativas e os SNs sujeitos, prevalece a posição pós-CV, conforme assinalado anteriormente. Os 45% dessa posição alcançados diante das conjunções (no caso, *e* e *mas*) são registros de cliticização do pronome acusativo de 3<sup>a</sup>.

pessoa a infinitivos (ex. (334)). Algo parecido acontece com os SNs sujeitos, uma vez que os 67% de posposição a V2 atingidos nesse fator, em parte, também correspondem ao pronome *o(s)/a(s)* enclítico a formas infinitivas (ex. (335)). Observam-se, ainda, nesse mesmo contexto, dados com o *se* inerente/reflexivo (ex. (336)).

(333)

(a) Agradeço a meu marido *por ter-me presenteado* com esse belo livro, que me proporcionou muitas horas prazerosas. (PB, carta, 2010)

(b) Com toda a certeza o filme de Rodolfo Nanni terá o meu retorno, *para terminar de vê-lo*. (PB, carta, 2008)

(334)

(a) Do fecundo poeta de 21 anos, laureado com seu Antônio Triste pela Academia Brasileira de Letras em 1948, até o sensível cronista-memorialista de Janeiros do Meu São Paulo, Paulo Bomfim acaba de completar oito décadas de existência em plena militância intelectual, honrando a estirpe da qual é fruto, que inclui Guilherme de Almeida, Menotti del Picchia e Olavo Bilac, todos eles ourives da palavra e com a caneta usada em prol do amor à Pátria e das causas cívicas. *E posso dizê-lo*, pois participo do Centro de Memória Eleitoral do TRE-SP, por ele idealizado e operacionalizado sem qualquer compensação material por isso. (PB, carta, 2006)

(b) A elite brasileira formadora de opinião precisaria intervir para evitar que os desvalidos continuem sendo vítimas da voracidade inescrupulosa de nossos políticos, que, se fossem sérios, diminuiriam ainda mais o número de vereadores de nossas Câmaras Municipais. *Mas querem praticamente mantê-los* e em 2006 usá-los como cabos eleitorais. (PB, carta, 2004)

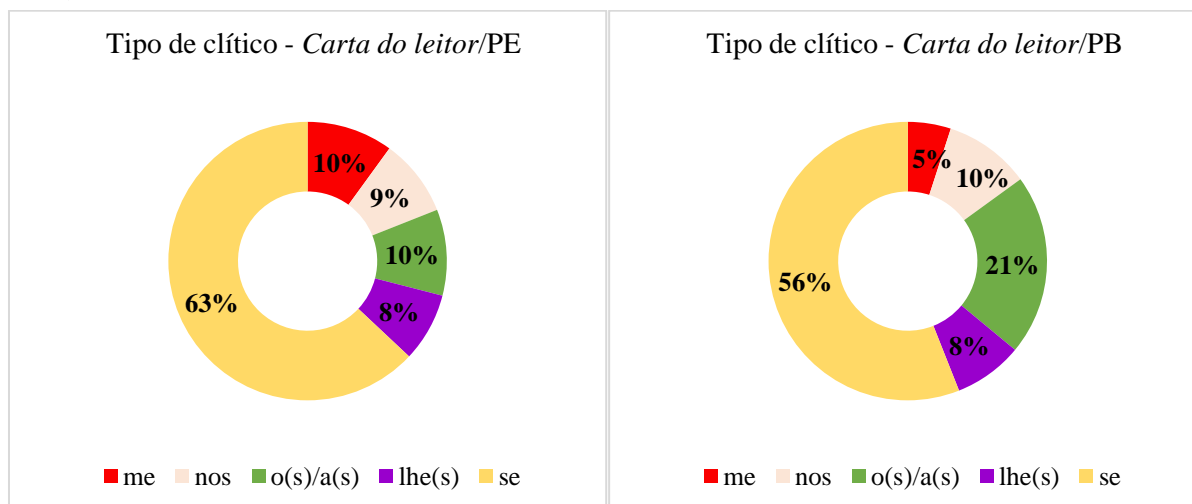
(335) *Cidade de Deus* acima de tudo questiona os verdadeiros marginais da sociedade. *Todos devem vê-lo*. Valorizá-lo. (PB, carta, 2002)

(336) Com tantas coisas de que as crianças desta geração estão carentes, *a editora poderia propor-se* algo que mais contribuísse para a formação integral dessas crianças, e não algo que mais as afasta do verdadeiro ser crianças, levando-as a pular fases naturais da infância que fatalmente lhes farão falta no futuro. (PB, carta, 2004)

## B) Tipo de clítico

Nas cartas portuguesas, notam-se 10 pronomes *me*, 9 *nos*, 10 *o(s)/a(s)*, 8 *lhe(s)* e 62 *se* (cf. gráfico 33); e, no material do PB, 4 *me*, 8 *nos*, 16 *o(s)/a(s)*, 6 *lhe(s)* e 43 *se* (cf. gráfico 34).

Gráficos 33 e 34. Distribuição percentual dos tipos de clíticos pronominais adjuntos a LVC no gênero *carta*, no PE e no PB



Nas tabelas 73 e 74, organizam-se os resultados de acordo com a variável *tipo de clítico*.

Tabela 73. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero *carta*, no PE

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>me/nos</b>	9/19 – 48%	4/19 – 21%	1/19 – 5%	5/19 – 26%
<b>o(s)/a(s)</b>	5/10 – 50%	0/10 – 0%	2/10 – 20%	3/10 – 30%
<b>lhe(s)</b>	6/8 – 75%	1/8 – 12.5%	0/8 – 0%	1/8 – 12.5%
<b>se</b>	42/62 – 68%	11/62 – 18%	0/62 – 0%	9/62 – 14%
Total	62/99 – 63%	16/99 – 16%	3/99 – 3%	18/99 – 18%

Tabela 74. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero *carta*, no PB

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>me/nos</b>	4/12 – 33%	1/12 – 9%	4/12 – 33%	3/12 – 25%
<b>o(s)/a(s)</b>	1/16 – 6%	0/16 – 0%	0/16 – 0%	15/16 – 94%
<b>lhe(s)</b>	4/6 – 67%	0/6 – 0%	0/6 – 0%	2/6 – 33%
<b>se</b>	17/43 – 40%	4/43 – 9%	16/43 – 37%	6/43 – 14%
Total	26/77 – 34%	5/77 – 6%	20/77 – 26%	26/77 – 34%

A variante pré-CV é a mais recorrente diante de qualquer tipo de clítico nas cartas do PE, uma vez que bate os índices de 48%, 50%, 75% e 68%, respectivamente, com os pronomes *me/nos*, *o(s)/a(s)*, *lhe(s)* e *se*. A realização dessa posição se associa, de preferência, à presença de proclisadores tradicionais – ex. (337).

(337)

- (a) Quanto a mim, é o maior ensinamento *que ele nos podia deixar* como herança. (PE, *carta*, 2010)  
 (b) O que Prado Coelho desconhece, e eu *só o vou informar* para ficar avisado, é a surpresa que vai ter quando for conferir a factura da conta do telefone... (PE, *carta*, 2006)  
 (c) Sem estabilidade profissional os nossos jovens consomem o que têm de consumir durante a noite e *não lhes venham falar* em taxas de natalidade que pressupõem encargos fixos perante uma vida volátil. (PE, *carta*, 2007)  
 (d) Esta tomada de posição é preocupante. Primeiro, porque revela um total desrespeito para com todos aqueles que poderiam ter sido prejudicados (mas será de esperar outra coisa na sociedade individualista e gananciosa em *que a nossa se está a tornar?*) [...].(PE, *carta*, 2001)

Com o *me/nos*, as posições V1-cl V2 (21%) e V1 V2-cl (26%) se manifestam em contexto de início absoluto e perante proclisadores não tradicionais (ex. (338) e (326)). A próclise a V2 (5%) se relaciona ao exemplo (339). Os pronomes *o(s)/a(s)* aparecem entre os verbos, proclíticos a V2 (20%), após a preposição *de* (ex. (320)) e, ainda, na posição V1 V2-cl (30%) (ex. (321) e (325b)). Com o *lhe(s)*, registra-se a ênclise a V1 (12.5%), em uma construção

de passiva do verbo *ser* (ex. (322)), e a ênclise a V2 (12.5%), em uma oração com a presença de um SN sujeito pronome pessoal, tratado como proclisador não tradicional – ex. (340).

(338)

(a) Para terminar (...), **foi-nos dito** que enquanto nós por cá necessitamos pelo menos de um ano para resolver todos os empecilhos burocráticos relacionados com a instalação e licenciamento de um painel solar fotovoltaico, na Polónia, por exemplo, são apenas necessários três meses para o mesmo efeito. (PE, carta, 2006)

(b) Cheguei ao pé de um militar e perguntei-lhe: “Vamos lá a saber, vocês estão aqui para defender o Governo, ou para derrubar o Governo?” **Ele começou-me a explicar**: “Isto é a repetição do 16 de Março”. (PE, carta, 2004)

(339) A poucos dias das legislativas, é amargo verificar o pouco que se falou de política, de projectos, de ideias, da forma **como temos de nos preparar** para enfrentar um futuro difícil no meio de uma crise global que veio juntar-se à já nossa crise local. (PE, carta, 2009)

(340) Em artigo publicado no PÚBLICO em 26/03/03 o seu director, José Manuel Fernandes, esclarece as razões por que apoia esta guerra, referindo no texto que sabe que “há o risco de abrir uma perigosa caixa de Pandora”. **Eu queria dizer-lhe** que penso que a caixa já foi aberta. (PE, carta, 2003)

A posição ocupada pelo pronome *se*, se enclítico a V1 ou a V2, parece não só se referir aos contextos de início absoluto e de antecedência de proclisador não tradicional como também aos valores diferenciados desse tipo de pronome. Conforme apresentado na análise da variável *função do clítico* (em seguida), nas cartas do PE, o *se* inerente/reflexivo se adjunge à direita de V2, no infinitivo, e os outros dois *se* (apassivador e indeterminador), se avaliados em conjunto, preferencialmente se cliticizam à direita de V1.

No PB, os pronomes de 1ª. pessoa (*me/nos*) estão, em maior quantidade, proclíticos a V1 (33%) ou a V2 (33%). Nos casos de anteposição ao auxiliar, tais pronomes são precedidos de elemento subordinativo ou partícula/sintagma de negação (ex. (341)). A posição V1 cl V2, com os pronomes *me/nos*, também acontece antecedida de proclisadores tradicionais (ex. (342)), mas, ainda, após SN sujeito nominal complexo e em início absoluto (ex. (343) e (319a)).

(341)

(a) Passamos um dia inteiro no pavilhão, discutindo com o cônsul do Brasil para a exposição (o de carreira era outro, que não servia para o mister), fazendo-lhe ver a droga que haviam erguido, **enquanto ele nos procurava convencer** de que aquela era uma bela representação, principalmente por seu projeto admirado por todos os que o visitavam. (PB, carta, 2001)

(b) Como membro do Conselho Deliberativo, sou conhecedor de todas as dificuldades que tivemos para montar e manter um time competitivo, em busca do tão almejado retorno à série A, de forma que **não me posso calar** ao presenciar um novo "esquema" dessa já tão contestada arbitragem, novamente (e sempre) em detrimento do meu clube. (PB, carta, 2005)

(342) **Como tudo isso vai nos levar?** Imagino, mas nem gosto de pensar - nem posso dizer! (PB, carta, 2008)

(343) **Os sites da Câmara e do Senado podem nos ajudar** a acompanhar as votações e a atuação de todos os que assumiram um compromisso com o povo brasileiro. (PB, carta, 2008)

O pronome acusativo de 3ª. pessoa, em virtude de seu aspecto fônico – como já relatado várias vezes –, condiciona de forma significativa a posição pós-CV (94%), em construções com V2 no infinitivo, independentemente do tipo de elemento que antecede o complexo. O único

dado desse tipo de clítico em outra posição diz respeito a uma estrutura aspectual, formada por *estar* + gerúndio, disposta logo após um pronome relativo *que* (ex. (344)). Com o pronome dativo de 3ª. pessoa, por sua vez, a colocação pré-CV é predominante (67%), mas, ainda, encontram-se dados da variante pós-CV (33%). Conforme os exemplos (345) e (331c) explicitam, após proclisadores tradicionais, essas duas posições se realizam.

(344) A censura é tortura imposta aos leitores pela supressão da liberdade de conhecer fatos que seriam publicados pelo Estadão. E o pior: é a própria Justiça *que a está impondo*, em nome do corporativismo e contra o interesse público, até porque atos praticados por juiz suspeito são nulos e devem ser considerados ineficazes na ordem jurídica constitucional e processual. (PB, *carta*, 2009)

(345) Os alunos dizem *que o Estado lhes deve garantir* ensino com qualidade. (PB, *carta*, 2002)

A colocação do pronome *se*, nas cartas brasileiras, motiva as posições cl V1 V2 (40%), V1 cl V2 (37%), V1 V2-cl (14%) e V1-cl V2 (9%). Os proclisadores tradicionais auxiliam na colocação do pronome *se* antes de verbos auxiliares, no entanto, mesmo na presença de vocábulos desse tipo, vê-se a posição V1 cl V2, inclusive com verbos principais no gerúndio e no particípio. Logo na sequência, a partir dos valores de *se*, a colocação desse pronome nas cartas brasileiras também é mais bem entendida.

### C) Função do clítico

Observam-se os seguintes resultados quanto ao grupo de fatores *função do clítico*, nas cartas portuguesas e brasileiras:

Tabela 75. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero *carta*, no PE

Função do clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Argumental</b>	17/30 – 57%	5/30 – 17%	2/30 – 6%	6/30 – 20%
<b>Inerência/reflexividade</b>	18/32 – 56%	3/32 – 10%	1/32 – 3%	10/32 – 31%
<b>Apassivação</b>	12/16 – 75%	2/16 – 12.5%	0/16 – 0%	2/16 – 12.5%
<b>Indeterminação</b>	15/21 – 71%	6/21 – 29%	0/21 – 0%	0/21 – 0%
Total	62/99 – 63%	16/99 – 16%	3/99 – 3%	18/99 – 18%

Tabela 76. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero *carta*, no PB

Função do clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Argumental</b>	5/28 – 18%	1/28 – 4%	4/28 – 14%	18/28 – 64%
<b>Não argumental</b>	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
<b>Inerência/reflexividade</b>	10/37 – 27%	3/37 – 8%	16/37 – 43%	8/37 – 22%
<b>Apassivação</b>	4/5 – 80%	1/5 – 20%	0/5 – 0%	0/5 – 0%
<b>Indeterminação</b>	5/5 – 100%	0/5 – 0%	0/5 – 0%	0/5 – 0%
Total	26/77 – 34%	5/77 – 6%	20/77 – 26%	26/77 – 34%

São argumentos dos verbos plenos, na amostra do PE, os clíticos *me/nos* (12 dados), *o(s)/a(s)* (10 dados) e *lhe(s)* (8 dados). Com essa função, prevalece a posição pré-CV (57%), até mesmo pelos dados envolvidos nesse contexto conterem quase todos um proclisador tradicional (dos 17 registros, em 16 há um elemento de subordinação, um de negação ou um advérbio canônico). As outras três variantes, assim como especificado ao se tratar do grupo *tipo de clítico*, são condicionadas mais evidentemente pelos contextos de posição inicial de oração/período ou de precedência de atratores não típicos.

Os pronomes *me/nos* ainda se apresentam, nas cartas portuguesas, como inerentes/reflexivos (7 dados), juntamente com o pronome *se* (25 dados). No fator *inerência/reflexividade*, a colocação pré-CV também é a mais produtiva. Focando-se no pronome *se*, com esse valor, notam-se a recorrência de sua anteposição ao verbo auxiliar diante de proclisadores tradicionais (ex. (346)), a sua colocação enclítica a V1, já que as formas de V2 motivam essa adjacência (ex. (347)), e a sua posposição ao verbo principal, em início absoluto de oração/período, após proclisadores não tradicionais, mas, também, depois de operadores típicos de próclise (ex.321b)).

(346) E este maior patrulhamento **não se poderá cingir** às metrópoles porque também nas pequenas cidades e aldeias o crime cresce a olhos vistos. (PE, *carta*, 2009)

(347)

(a) Foi pena, nestas legislativas, **ter-se perdido** a oportunidade de maior esclarecimento. (PE, *carta*, 2009)

(b) “Quem vive de côcoras é incapaz de votar direito.” Durante dezenas de anos, fruto da maneira de ser muito portuguesa do “deixa andar” e do “fingir que não se vê”, aliada à novel cultura pós-modernista de que o dinheiro faz a felicidade, **a corrupção foi-se espalhando** por todo o tecido social e em progressão geométrica. (PE, *carta*, 2007)

Os *se* apassivador e indeterminador se manifestam significativamente antepostos ao verbo auxiliar (com índices de 75% e 71%). Coexistem, nesses dados, proclisadores tradicionais. Na ausência de operadores dessa natureza e, sobretudo, em início absoluto de



oração/período, registra-se a ênclise a V1 e a V2 com a apassivação (12.5% para cada variante) e, com a indeterminação, verifica-se apenas a adjunção à direita do verbo auxiliar (29%).

Nas cartas brasileiras, os pronomes *me/nos* (8 dados), *o(s)/a(s)* (16 dados) e *lhe(s)* (4 dados) exercem a função argumental. A colocação pós-CV é dominante nesse contexto (64%) justamente pelos casos coletados de clítico acusativo de 3ª. pessoa adjacente a formas infinitivas. Em próclise a V1 (100%), estão 2 dados na função não argumental (cf. exemplos seguintes); em ambos os casos, há o pronome relativo *que* antes dos complexos.

(348)

(a) Ao ler na edição de 7/7 do Estadão que dona Marta do PT está a distribuir queixumes contra o PSDB da capital, **que lhe estaria tornando** a vida um inferno, não pude conter minha indignação diante de tamanha desfaçatez e cara-de-pau. (PB, carta, 2001)

(b) Nem nos regimes ditatoriais se faz propaganda assim tão descaradamente, uma verdadeira lavagem cerebral dos jovens, politizando ideológica e unilateralmente as crianças, que nem entendem bem o **que lhes procuram inculcar** nas mentes ingênuas... (PB, carta, 2006)

A inerência/reflexividade, na amostra do PB, refere-se primordialmente ao pronome *se* (dos 37 dados, 33 se relacionam ao *se* e 4 aos pronomes *me/nos*). A posição V1 cl V2, a mais recorrente com essa função (43%), é ocupada somente pelo clítico *se*. Nesses dados, constata-se, especialmente, a precedência de operadores típicos de próclise (em 11, dos 16 registros) – ex. (330). A próclise do *se* inerente/reflexivo a verbos principais é produtiva não apenas a formas infinitivas, mas, também, a gerúndios e participios ((349) e (350), por exemplo).

(349) Que o que está acontecendo sirva de alerta ao nosso presidente, e que ele entenda que muitas vezes não se deve dar os braços para **quem está se afogando**, pois, na maioria das vezes, puxa a gente junto. (PB, carta, 2007)

(350) [...] Herzog estava pendurado pelo pescoço, com um cinto, na grade da janela de uma cela. E com os joelhos dobrados. Mesmo assim, a ditadura militar garantia **que ele havia se suicidado**. (PB, carta, 2004)

Os *se* apassivador e indeterminador se posicionam de modo significativo antes de V1 (80% e 100%, nessa devida ordem). Em praticamente todos esses dados, observa-se um elemento de subordinação ou um de negação. O único dado de ênclise a V1, inclusive, também ocorre diante do proclisador *que*, no entanto, distante do grupo V1-cl V2 (exemplo (328a)).

#### **D) Forma do segundo verbo do complexo**

Nas tabelas 77 e 78, estão os resultados da variável *forma verbal de V2*.

Tabela 77. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero *carta*, no PE

Formal verbal de V2	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Infinitivo</b>	49/78 – 63%	8/78 – 10%	3/78 – 4%	18/78 – 23%
<b>Gerúndio</b>	4/5 – 80%	1/5 – 20%	0/5 – 0%	0/5 – 0%
<b>Particípio</b>	9/16 – 56%	7/16 – 44%	0/16 – 0%	0/16 – 0%
Total	62/99 – 63%	16/99 – 16%	3/99 – 3%	18/99 – 18%

Tabela 78. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero *carta*, no PB

Formal verbal de V2	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Infinitivo</b>	17/59 – 29%	2/59 – 3%	14/59 – 24%	26/59 – 44%
<b>Gerúndio</b>	5/10 – 50%	1/10 – 10%	4/10 – 40%	0/10 – 0%
<b>Particípio</b>	4/8 – 50%	2/8 – 25%	2/8 – 25%	0/8 – 0%
Total	26/77 – 34%	5/77 – 6%	20/77 – 26%	26/77 – 34%

Com o infinitivo, visualizam-se, nas cartas portuguesas, as posições cl V1 V2 (63%), V1 V2-cl (23%), V1-cl V2 (10%) e V1 cl V2 (4%), em ordem decrescente, e, no PB, as variantes V1 V2-cl (44%), cl V1 V2 (29%), V1 cl V2 (24%) e V1-cl V2 (3%), também numa sequência que decresce. Esses percentuais, relativamente, assemelham-se às frequências gerais de colocação pronominal nas cartas, fazendo com que sejam interpretados a partir de fatores de outros grupos – conforme a discussão vem demonstrando desde a observação do tipo de elemento que antecede o grupo verbal.

Nas estruturas com o verbo principal no gerúndio ou no particípio, seguindo um possível traço da variedade europeia (como apresentado nas análises dos dois gêneros anteriores), os pronomes ocupam somente as posições ao redor do primeiro verbo nas cartas portuguesas – próclise ou ênclise a V1. Com o gerúndio, registram-se 80% e 20%, respectivamente, das variantes cl V1 V2 e V1-cl V2; e, com o particípio, 56% e 44%, também dessas duas posições. De modo geral, encontram-se proclíticos aos complexos os registros que envolvem atratores típicos de próclise (ex. (51)); e, enclíticos aos auxiliares, os casos de início absoluto e de antecedência de proclisadores não tradicionais – (347), por exemplo.

(351)

(a) O padrão omnipresente, onipotente, cede enfraquecido à sedimentação da virtude essencial dos funcionários socialistas, *que lhe vão subtraindo* o valor da legitimidade e que acabam por deter o fundamento da própria ideologia socialista que muitos oligarcas do partido tanto temem: a consciência de classe. (PE, *carta*, 2001)

(b) Espantoso que o povo judeu, tendo a boa fortuna de conseguir criar um país em pleno século XX, com a ajuda da comunidade internacional, *não se tenha alegrado* com tal objectivo atingido! (PE, *carta*, 2002)

Nas cartas do PB, com gerúndio ou participípio, além da adjacência a V1 (próclise ou ênclise ao primeiro verbo), verifica-se a próclise ao verbo pleno. As formas gerundivas favorecem, nesta ordem, as posições pré-CV (50%) e intra-CV, com próclise a V2 (40%) e ênclise a V1 (10%), enquanto que, com verbos principais participiais, surgem, em destaque, a variante pré-CV (50%) e, empatadas, as colocações intra-CV, com ênclise a V1 (25%) e próclise a V2 (25%). Em particular, sobre a próclise a V1 ou a V2, correlaciona-se preferencialmente a ambos os casos a presença de proclisadores tradicionais – ex. (352), (349) e (350). Outra vez, a produtividade da variante V1 cl V2 é atestada no PB.

(352)

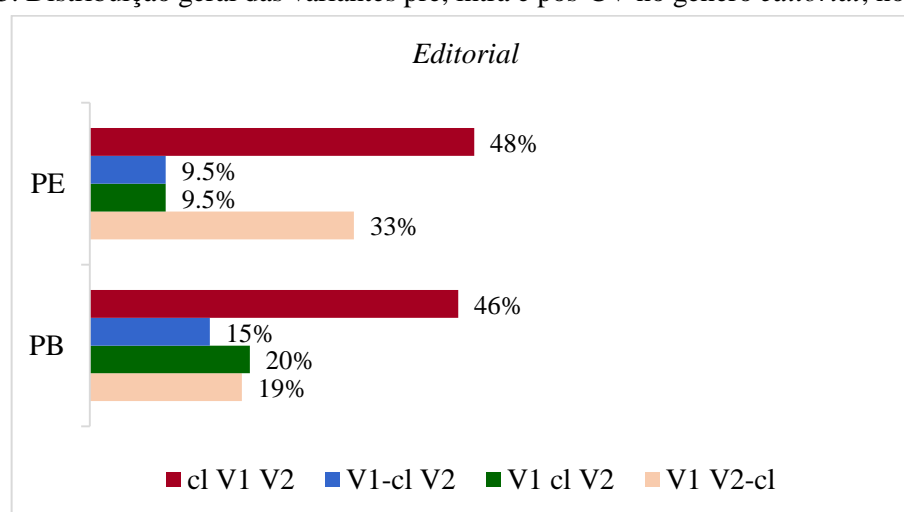
(a) *Se se está vendendo* mais, baixe-se o imposto, pois se ganha mais vendendo duas unidades de qualquer coisa a um preço menor do que uma unidade a preço um pouco maior. (PB, carta, 2008)

(b) O chanceler nos mostra um cenário otimista e cheio de boas intenções, mas *que se tem revelado*, nas negociações entre parceiros, mais um exercício de wishfull thinking. (PB, carta, 2004)

#### 5.2.1.4 Lexias verbais complexas no gênero *editorial*

Quanto ao gênero prototípico da escrita, dispôs-se de um total de 158 dados (104 portugueses e 54 brasileiros). Dos editoriais do PE, foram extraídos 50 pronomes à esquerda do complexo verbal, 20 na posição intra-CV (10 enclíticos a V1 e 10 proclíticos a V2) e 34 na posição pós-CV. Nos editoriais brasileiros, reuniram-se 25 clíticos na posição pré-CV, 19 na posição intra-CV (8 com hífen e 11 sem hífen) e 10 na posição pós-CV – cf. gráfico 35.

Gráfico 35. Distribuição geral das variantes pré, intra e pós-CV no gênero *editorial*, no PE e no PB



Nos editoriais portugueses, os resultados gerais indicam a predominância da posição pré-CV (48%), seguida das variantes pós-CV (33%) e intra-CV, com ênclise a V1 (9.5%) e

próclise a V2 (9.5%). A colocação V1 cl V2 se refere a casos de construções modais e aspectuais (em maior número, dos tipos *ter (de) + infinitivo* e *acabar (de/por) + infinitivo*), nas quais, após preposições intervenientes, os clíticos se adjungem aos verbos principais ((353), por exemplo).

(353)

(a) Na ausência de ideais colectivos, **teremos de nos preparar** para a emergência de homens providenciais. (PE, *editorial*, 2001)

(b) *A Áustria, onde ter tal interpretação falsa da história é proibido, acaba de o condenar* a três anos de prisão. (PE, *editorial*, 2006)

(c) Esperemos porém que a sua ida para Londres **não acabe por lhes ser** fatal. (PE, *editorial*, 2007)

No material do PB, também se destaca a colocação pré-verbal (46%). Após essa variante, com percentuais relativamente próximos, estão dispostas as outras três posições – V1-cl V2 (15%), V1 cl V2 (20%) e V1 V2-cl (19%). A próclise a V2, acentuadamente utilizada nos gêneros propagados através do meio sonoro, nos editoriais, aparece de modo ainda mais reduzido do que no gênero *carta do leitor*.

Segundo os três contextos linguísticos examinados neste estudo, detalham-se os dados dos editoriais do PE e do PB nas duas próximas tabelas e no gráfico 36.

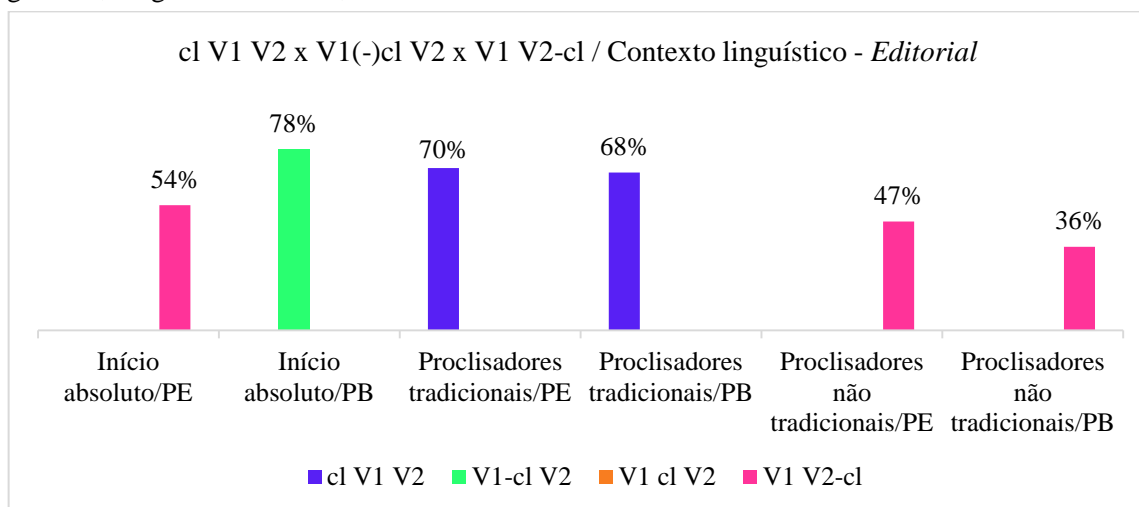
Tabela 79. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *editorial*, no PE

Contexto linguístico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl	Total Dados/PE
	N - F	N - F	N - F	N - F	
<b>Início absoluto</b>	0 - 0%	5 - 38%	1 - 8%	7 - 54%	13
<b>Proclisadores tradicionais</b>	44 - 70%	0 - 0%	5 - 8%	14 - 22%	63
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	6 - 21%	5 - 18%	4 - 14%	13 - 47%	28 = 104

Tabela 80. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o contexto linguístico, no gênero *editorial*, no PB

Contexto linguístico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl	Total Dados/PB
	N - F	N - F	N - F	N - F	
<b>Início absoluto</b>	0 - 0%	7 - 78%	1 - 11%	1 - 11%	9
<b>Proclisadores tradicionais</b>	21 - 68%	0 - 0%	6 - 19%	4 - 13%	31
<b>Proclisadores não tradicionais</b>	4 - 28.5%	1 - 7%	4 - 28.5%	5 - 36%	14 = 54

Gráfico 36. Distribuição das variantes **dominantes** (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto linguístico, no gênero *editorial*, no PE e no PB



No contexto de início absoluto, os pronomes clíticos ocupam, nos editoriais portugueses, as posições V1 V2-cl (54%), V1-cl V2 (38%) e V1 cl V2 (8%). A esta última variante, corresponde o exemplo (353a), com a presença de constituinte interveniente entre os verbos do complexo. Ainda nesse contexto, mas, agora, no que diz respeito ao PB, ocorre de forma expressiva a ênclise a V1 (78%), posição que antes, destacando-se especialmente as cartas, não se realiza. Os dados referentes a essa colocação, conforme apresentado na análise dos grupos de fatores (abaixo), são casos de *se* passivador e indeterminador. Em seguida, também em início absoluto, registram-se as posições V1 cl V2 (11%) e V1 V2-cl (11%).

Diante de proclisadores tradicionais, nos editoriais do PE e do PB, ocorre a colocação pré-CV (70% e 68%, respectivamente). Em comparação às cartas, no âmbito do PB, a próclise a V1 com a antecedência desses vocábulos é mais acentuada neste gênero. Com os atratores típicos, constam também as posições V1 cl V2 e V1 V2-cl, nas duas variedades. Nos editoriais portugueses, essas duas colocações apresentam índices de 8% e 22%, nessa ordem; e, nos editoriais brasileiros, de 19% e 13%.

Na presença de proclisadores não tradicionais, a posposição ao verbo principal é dominante nas duas amostras (com 47% no PE e, no PB, com 36%). Na sequência dessa variante, nos editoriais portugueses, notam-se as posições cl V1 V2 (21%), V1-cl V2 (18%) e V1 cl V2 (14%); e, nos editoriais do PB, as colocações pré-CV (28.5%), intra-CV, com próclise a V2 (também com 28.5%), e intra-CV, com ênclise a V1 (7%).

A compreensão desses percentuais se torna mais completa ao serem observados os condicionamentos linguísticos ao redor desses dados.

**A) Tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl**

As tabelas seguintes, e os seus respectivos resultados, referem-se a este grupo de fatores.

Tabela 81. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *editorial*, no PE

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Ausência de elemento (proclisador)</b>	0/13 – 0%	5/13 – 38%	1/13 – 8%	7/13 – 54%
<b>Elemento subordinativo</b>	29/41 – 71%	0/41 – 0%	3/41 – 7%	9/41 – 22%
<b>Partícula/sintagma de negação</b>	9/14 – 64%	0/14 – 0%	2/14 – 14%	3/14 – 22%
<b>Advérbio canônico</b>	6/8 – 75%	0/8 – 0%	0/8 – 0%	2/8 – 25%
<b>Preposição</b>	3/4 – 75%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	1/4 – 25%
<b>Advérbio não canônico</b>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
<b>SPrep</b>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
<b>Conjunção coordenativa</b>	1/5 – 20%	2/5 – 40%	1/5 – 20%	1/5 – 20%
<b>SN sujeito</b>	1/17 – 6%	2/17 – 12%	3/17 – 17%	11/17 – 65%
<b>Total</b>	50/104 – 48%	10/104 – 9.5%	10/104 – 9.5%	34/104 – 33%

Tabela 82. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de proclisador, no gênero *editorial*, no PB

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Ausência de elemento (proclisador)</b>	0/9 – 0%	7/9 – 78%	1/9 – 11%	1/9 – 11%
<b>Elemento subordinativo</b>	12/19 – 63%	0/19 – 0%	5/19 – 26%	2/19 – 11%
<b>Partícula/sintagma de negação</b>	7/8 – 87.5%	0/8 – 0%	1/8 – 12.5%	0/8 – 0%
<b>Advérbio canônico</b>	2/4 – 50%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	2/4 – 50%
<b>Advérbio não canônico</b>	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
<b>Conjunção coordenativa</b>	1/3 – 33.3%	1/3 – 33.3%	0/3 – 0%	1/3 – 33.3%
<b>SN sujeito</b>	1/9 – 11%	0/9 – 0%	4/9 – 44.5%	4/9 – 44.5%
<b>Total</b>	25/54 – 46%	8/54 – 15%	11/54 – 20%	10/54 – 19%

Na ausência de elemento (proclisador) (= início absoluto de oração/período), aparecem as posições V1 V2-cl (54%), V1-cl V2 (38%) e V1 cl V2 (8%) nos editoriais do PE, conforme já descrito. Associam-se às colocações pós-CV e intra-CV, com ênclise a V1, em maior número, os casos de cliticização às construções modais *poder/dever* + infinitivo. Encontram-se pospostos ao verbo principal os clíticos acusativo de 3ª. pessoa e *se* passivador e

indeterminador (ex. (354)); e, em ênclise a V1, principalmente o pronome *se* com os valores de apassivação e de indeterminação – ex. (355).

(354)

(a) Porque, se um homem de 60 anos pode sempre casar com uma mulher muito mais nova e ser aplaudido, uma mulher idosa que ouse escolher um jovem para parceiro será sempre acusada de qualquer “crime”. A diferença está na forma de condenação: **podem votá-la** ao desprezo ou tirar-lhe a vida. (PE, *editorial*, 2003)

(b) **Deve exigir-se** uma investigação rápida, imparcial e com um fortíssimo respeito pela argumentação da defesa das pessoas envolvidas. (PE, *editorial*, 2005)

(c) **Pode falar-se** deste tema de muitas formas evitáveis: com paternalismo, com demagogia, com raiva, com desalento ou até com “realismo” estatístico (deste ponto de vista, aliás, a situação “melhorou”: houve menos 100 mortos em 2003 do que em 2002). (PE, *editorial*, 2003)

(355)

(a) **Pode-se, talvez, até gerar** uma nova geração de terroristas desejosa de vingar os primeiros. (PE, *editorial*, 2001)

(b) **Pode-se gostar** ou não do estilo de direita que representa (repare-se, por exemplo, como refere na pequena entrevista que ontem concedeu ao PÚBLICO, que assume que já era de direita antes de o CDS ser, o que é verdade, mas poucos teriam a frontalidade de assumir), mas ao menos sabe-se onde esteve e onde está, o que dá alguma segurança sobre onde poderá vir a estar. (PE, *editorial*, 2007)

Na amostra do PB, o contexto de início absoluto também envolve uma quantidade mais significativa de clíticos pronominais adjungidos a estruturas modais do tipo *poder/dever* + infinitivo. A ênclise a V1, dominante nesse fator (78%), correlaciona-se ao *se* apassivador e indeterminador (ex. (356)). O único dado nessa posição, em início de oração, correspondente a outro tipo de complexo e a outro tipo de clítico é verificado no exemplo (357), no qual constam um tempo composto e o *se* inerente/reflexivo. As colocações intra-CV, com próclise a V2, e pós-CV (11% para cada) se referem aos registros (358) e (359).

(356)

(a) Um bom exemplo de como funciona essa pressão é dado pelo governador de Ohio, Bob Taft, em visita ao Brasil nessa semana. Segundo Taft, não cabem discussões sobre normas antidumping nas negociações da Alca. **Deve-se reservar** o assunto para uma próxima rodada na Organização Mundial do Comércio (OMC), ainda sem início marcado. (PB, *editorial*, 2001)

(b) **Pode-se tomar** com quantos grãos de sal se queira a reportagem da atual edição da revista Veja, segundo a qual, entre agosto e setembro de 2002, dólares de Cuba - US\$ 3 milhões, segundo uma fonte, US\$ 1,4 milhão, segundo outra - irrigaram a campanha presidencial de Lula clandestinamente, como tinha que ser. (PB, *editorial*, 2005)

(357) Os dirigentes do PT parecem **haver-se convencido**, afinal, de que o regime previdenciário do setor público é inadequado. (PB, *editorial*, 2002)

(358) **Terão de se entender** também com o governo da Argentina. (PB, *editorial*, 2008)

(359) O País não tem acordos bilaterais com parceiros de peso, ao contrário de outros emergentes, e apostou pesadamente nessa negociação. **Deve empenhar-se** muito, portanto, nesse lance coordenado pelo diretor-geral da OMC. (PB, *editorial*, 2001)

Os proclisadores tradicionais (elemento subordinativo, partícula/sintagma de negação e advérbio canônico) condicionam a colocação pré-CV nos editoriais do PE (com índices de 71%, 64% e 75%, respectivamente). Diante de elementos subordinativos, além do favoritismo da

anteposição do pronome a V1, registram-se as variantes V1 V2-cl (22%) e V1 cl V2 (7%), em ordem decrescente. A ênclise a V2 se esclarece, majoritariamente, pela cliticização do pronome *se* inerente/reflexivo, inclusive, em alguns dados, com distância existente entre elemento subordinativo e grupo V1 V2-cl (ex. (360)). A próclise a V2, por sua vez, refere-se a construções com a presença de elementos intervenientes entre os verbos do complexo (ex. (361)). Na presença de partículas/sintagmas de negação, após a variante cl V1 V2, também seguem as posições V1 V2-cl (22%) (ex. (362)) e V1 cl V2 (14%) (ex. (353c)). Por último, perante os advérbios canônicos, em apenas 2 dados, aparece também a colocação pós-CV (25%) (ex. (363)).

(360)

(a) Sucede que, na interpretação da “sharia” feita na Malásia por um juiz islâmico, para “decretar” o divórcio basta um homem dizer três vezes **que quer divorciar-se**. (PE, *editorial*, 2003)

(b) A SMS é apenas o meio, mas o que interessa é o fim. Neste caso, um tal Shamsudin Latif ameaçou a mulher **que, se não deixasse rapidamente a casa dos pais (para onde terá ido, imagina-se, por razões pouco abonatórias para o marido), devia considerar-se** “divorciada”. (PE, *editorial*, 2003)

(361) O deputado promete não deixar São Bento sem entregar as suas propostas, **mesmo que tenha de o fazer** sem o apoio de toda a bancada do PS. (PE, *editorial*, 2007)

(362) O alerta lançado pelo secretário-geral das Nações Unidas, Kofi Annan, ele próprio um africano, são de molde a preocupar o mundo. Que **não deverá preocupar-se**, a julgar pela experiência, mais do que o habitual. (PE, *editorial*, 2003)

(363)

(a) [...] o terror, esse inimigo comum, é tanto mais perigoso quando se apossa dos nossos gestos e das nossas mentes, tornando-nos potenciais criminosos. **Só a inteligência e o conhecimento podem combatê-lo** com eficácia. Assim estejamos à altura de o compreender. (PE, *editorial*, 2001)

(b) O Presidente da República não devia ter promulgado a Lei de Programação Militar. Mas o PSD **também deve comportar-se** com mais sentido de Estado. (PE, *editorial*, 2001)

Ainda na amostra portuguesa, os proclisadores não tradicionais se associam de modo distinto às variantes, até porque a maior parte deles ocorre em número bastante reduzido. As preposições (no caso, as preposições *de* e *sem* e a locução prepositiva *apesar de*) se referem às colocações pré-CV (75%) e pós-CV (25%) (ex. (364)). Com advérbio não canônico e SPrep, são categóricas as posições V1-cl V2 e cl V1 V2, respectivamente – os exemplos únicos de cada fator são (365) e (366). As conjunções coordenativas se relacionam à ênclise a V1 (40%) e, empatadas, às variantes pré-CV, intra-CV, com próclise a V2, e pós-CV (20% para cada) (ex. (367)). Após SN sujeito, o tipo de proclisador não tradicional mais registrado nos editoriais do PE, os clíticos ocupam de preferência a posição pós-CV (65%) (ex. (368)), seguida das colocações V1 cl V2 (17%), V1-cl V2 (12%) e cl V1 V2 (6%).

(364)

(a) O facto **de se poder discordar** radicalmente de tal opinião será que autoriza a sua criminalização? (PE, *editorial*, 2006)



(b) *Apesar de se poder considerar* que o referendo não se devia realizar, era obrigação da Assembleia da República (AR) ter aceite discutir uma petição assinada por quase 80 mil cidadãos. (PE, *editorial*, 2006)

(c) Apenas que esse grande e digno continente, que ao longo dos séculos tem alimentado outros *sem conseguir alimentar-se*, perdeu já muito da sua existência com encenações de liberdade que, na sua maioria, não passaram de reedições modificadas de velhas tiranias. (PE, *editorial*, 2003)

(365) Curiosamente, a lei islâmica que dá cobertura a tão “modernas” separações é a mesma que em países como a Nigéria serve para condenar à morte uma mulher que ouse ter um filho (que não seja do ex-marido) *após ter-se divorciado*. (PE, *editorial*, 2003)

(366) E mesmo que não seja possível mudar tudo de um dia para o outro, algo temos de ter consciência: *por algum lado se tem de começar* e qualquer que seja esse lado vai haver interesses atingidos e resistências. (PE, *editorial*, 2002)

(367)

(a) Eventualmente, a comissária não conhecia a sensibilidade da questão em causa e *limitou-se a pronunciar* uma declaração de princípio sobre as obras em causa. (PE, *editorial*, 2002)

(b) *Por isso se tem ficado* sempre na tentativa de impedir que os direitos dos que fumam esmaguem os dos não fumadores. (PE, *editorial*, 2006)

(c) A criação de círculos uninominais pode dar resposta imediata à decadente representatividade do sistema, *mas, se esta solução pode parecer o menor dos males, temos de nos preparar* para as conseqüências da secundarização das ideias colectivas que por norma foram apanágio dos partidos. (PE, *editorial*, 2001)

(d) *Porém pode dizer-se*, sem medo de errar, que tal como prosseguia sem hesitações uma agenda política que muitos contestam, sempre o fez com rigor intelectual, inteligência acima da média e verdadeiro horror ao lado sombrio da política partidária, designadamente aos mecanismos de uma corrupção que sentiu infiltrada até ao coração da máquina do Estado. (PE, *editorial*, 2007)

(368)

(a) Confrontada com uma petição de cidadãos pedindo a realização de um referendo, *a Assembleia devia aceitá-la*, discuti-la e, no quadro das suas competências, rejeitá-la. (PE, *editorial*, 2006)

(b) Mais: *a procura dos consumidores deverá desviar-se* do tipo de automóveis que hoje fazem maior sucesso para modelos mais económicos e é natural que novas marcas apareçam vindas do outro lado do planeta. (PE, *editorial*, 2009)

Nos editoriais brasileiros, os elementos subordinativos e as partículas/sintagmas de negação se ligam de modo mais acentuado à colocação pré-CV (63% e 87.5%, nessa devida ordem). Na presença de constituintes subordinativos, ainda ocorrem a próclise a V2 (26%) e a posição pós-CV (11%) – respectivamente, exemplos (369) e (370). Com os elementos de negação, regista-se ainda a posição V1 cl V2 (12.5%), referente ao exemplo (371). O outro proclisador tradicional, o advérbio canônico, refere-se às variantes pré-CV (50%) e pós-CV (50%), conforme demonstram os exemplos em (372).

(369)

(a) Que PT *é esse que quer se refundar* ao negar que afundou pelo que fez? (PB, *editorial*, 2005)

(b) O contexto: início do segundo turno das eleições presidenciais, no qual a campanha da candidata do governo não pode facilitar e dar margem novamente aos vacilos que frustraram a liquidação da fatura eleitoral já no primeiro turno, proeza *da qual vinha prematuramente se jactando* o maior cabo eleitoral da candidata oficial, o próprio presidente da República. (PB, *editorial*, 2010)

(c) *Se o presidente da República quer, desta vez, se empenhar* pessoalmente na obtenção de reforma tributária, ótimo. Mas queremos ver para crer. (PB, *editorial*, 2001)

(370)

(a) Tudo isso justifica pelo menos uma opinião otimista: se a economia brasileira, suportando esse peso, ainda consegue sobreviver e até acumular algum crescimento, *quanto poderá expandir-se* e modernizar-se, nos próximos anos, se o Brasil conseguir adotar um sistema tributário apenas um pouco mais civilizado? (PB, *editorial*, 2001)

(b) Naturalmente, raros serão os destinatários do Bolsa-Família detentores de título eleitoral *que deixarão de utilizá-lo* para retribuir o que percebem ser um favor - algo que o governo poderia fazer ou deixar de fazer. (PB, *editorial*, 2006)

(371) Ao dizer que *nunca irá se desculpar* por defender os interesses americanos, mas que “nenhuma nação pode ou deve tentar dominar outra nação”, ele deixou patente a promessa de conciliar a realização das metas dos Estados Unidos com os valores que os distinguiram historicamente, a começar do “respeito decente pela opinião da humanidade” de que falava Thomas Jefferson há mais de 200 anos. (PB, *editorial*, 2009)

(372)

(a) Só que eles não podem - pelo uso abusivo de recursos públicos escassos - piorar ainda mais o desequilíbrio socioeconômico estrutural de um país onde o que *mais se precisa criar* é emprego e renda. (PB, *editorial*, 2006)

(b) O Congresso americano *ainda terá de aprová-lo* e isso dificilmente ocorrerá neste ano, mas pelo menos haverá uma definição do Executivo. (PB, *editorial*, 2008)

Dentre os proclisadores não tradicionais, nos editoriais do PB, aparecem advérbios não canônicos, conjunções coordenativas e SNs sujeitos. Nos três casos, concentram-se poucos dados. A colocação pré-CV é categórica logo após uma locução adverbial e um advérbio não canônico (ex. (373)). Em (373a), a própria estrutura do complexo, com V2 no particípio, pode influenciar a subida do clítico. As conjunções coordenativas, representadas pela conjunção aditiva *e*, ocorrem imediatamente antes das posições cl V1 V2 (33.3%), V1-cl V2 (33.3%) e V1 V2-cl (33.3%) (ex. (374)). Em (374a), agora, não só o tipo de complexo verbal como também o tipo de clítico, já que o pronome *o* não é produtivo entre verbos, favorecem a anteposição do pronome ao auxiliar. A precedência de SNs sujeitos ocasiona, com valores idênticos, as posições intra-CV, com próclise a V2 (44.5%), e pós-CV (44.5%) e, ainda, a variante pré-CV (11%). Nos editoriais do PB, também são mais frequentes os SNs sujeitos nominais simples e complexo, como apresentado em (375). O predeterminante *nenhum*, ao acompanhar o SN *fornecedor*, em (375a), por conotar *negação*, pode ser o responsável pela colocação do pronome antes de V1.

(373)

(a) *Raras vezes se terá visto* um movimento de opinião tão coeso e forte como o que reuniu todos os estratos sociais e profissionais do Brasil contra o indecente aumento de vencimentos, de 90,7%, que os congressistas se concederam na semana passada. (PB, *editorial*, 2006)

(b) *Agora se dispõe a usar* seus recursos de poder, incluídos os direitos sobre Itaipu e sobre a Eletrobrás, para servir aos propósitos políticos de uma autoridade estrangeira. (PB, *editorial*, 2009)

(374)

(a) A Petrobrás tem realizado cerca de 90% dos investimentos previstos para as estatais *e os teria realizado* com ou sem PAC. (PB, gênero *editorial*, 2010)

(b) Não fosse a imprevidência - *e pode-se supor* o que mais -, Viracopos já estaria sendo ampliado para contar com três pistas e seis terminais, a fim de receber 40 milhões de passageiros por ano. (PB, *editorial*, 2007)

(c) Renovam-se, no entanto, *e continuarão a renovar-se* enquanto o governo brasileiro for incapaz de enfrentá-los com franqueza e realismo. (PB, *editorial*, 2004)

(375)

(a) *Nenhum fornecedor se dispõe a transferir* tecnologia em troca de uma venda relativamente pequena. (PB, *editorial*, 2008)

(b) Na melhor das hipóteses, *oferta e demanda teriam se estabilizado* em escala mundial, mas é certo que a produção de cocaína na América Latina aumentou. (PB, *editorial*, 2009)

(c) *Os dois presidentes devem reunir-se* em Assunção na sexta-feira e um acordo sobre o novo processo de venda deverá ser assinado naquela ocasião. (PB, *editorial*, 2009)

## B) Tipo de clítico

Nos editoriais portugueses, distribuem-se 6 pronomes *nos*, 15 *o(s)/a(s)*, 6 *lhe(s)* e 77 *se* (cf. gráfico 37). No material do PB, aparecem somente clíticos de 3ª. pessoa: 4 pronomes *o(s)/a(s)*, 4 *lhe(s)* e 46 *se* (cf. gráfico 38). Na sequência, as tabelas apresentam esses dados organizados.

Gráficos 37 e 38. Distribuição percentual dos tipos de clíticos pronominais adjuntos a LVC no gênero *editorial*, no PE e no PB

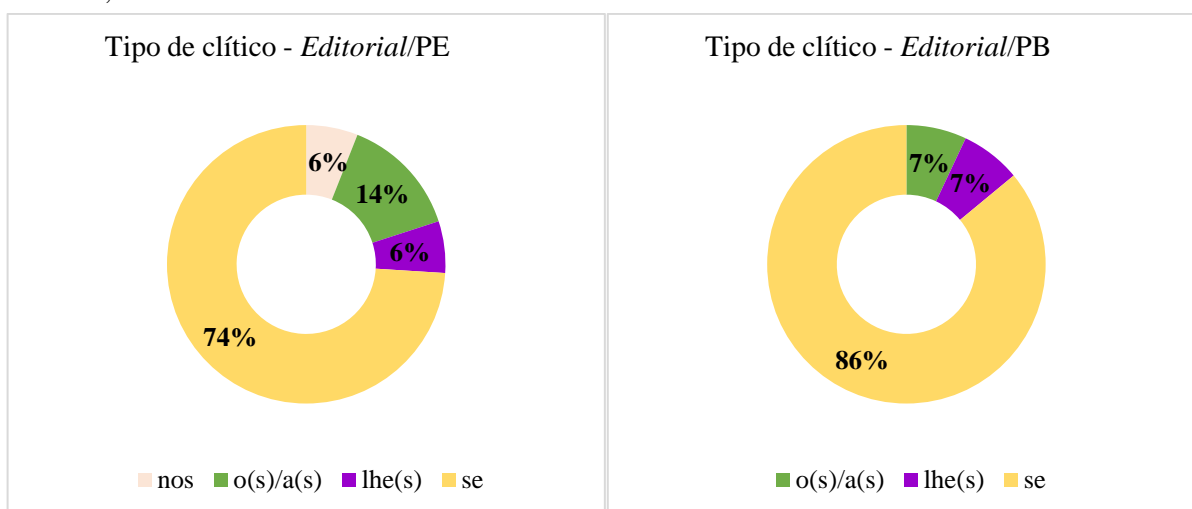


Tabela 83. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero *editorial*, no PE

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>nos</b>	4/6 – 67%	0/6 – 0%	2/6 – 33%	0/6 – 0%
<b>o(s)/a(s)</b>	3/15 – 20%	0/15 – 0%	4/15 – 27%	8/15 – 53%
<b>lhe(s)</b>	3/6 – 50%	0/6 – 0%	1/6 – 17%	2/6 – 33%
<b>se</b>	40/77 – 52%	10/77 – 13%	3/77 – 4%	24/77 – 31%
<b>Total</b>	50/104 – 48%	10/104 – 9.5%	10/104 – 9.5%	34/104 – 33%

Tabela 84. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o tipo de clítico, no gênero *editorial*, no PB

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>o(s)/a(s)</b>	1/4 – 25%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	3/4 – 75%
<b>lhe(s)</b>	3/4 – 75%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	1/4 – 25%
<b>se</b>	21/46 – 46%	8/46 – 17%	11/46 – 24%	6/46 – 13%
<b>Total</b>	25/54 – 46%	8/54 – 15%	11/54 – 20%	10/54 – 19%

O pronome *nos*, nos editoriais do PE, ocorre nas posições cl V1 V2 (67%) e V1 cl V2 (33%). A colocação pré-CV decorre da presença de proclisadores tradicionais (elemento subordinativo ou partícula/sintagma de negação) – ex. (376) –, enquanto a próclise a V2 é vista nas estruturas *ter (de) + infinitivo* – ex. (367c).

(376)

(a) Mais: enquanto, em Lisboa, o líder parlamentar do PSD protesta contra as limitações à liberdade *a que nos estamos a habituar* (é triste dizê-lo, mas é verdade), o líder do PSD-Madeira faz gala em violar de forma ainda mais ostensiva regras mínimas de decência, como sucedeu na votação que impediu o PS de ter uma, apenas uma, das vice-presidências da Assembleia Regional. (PE, *editorial*, 2007)

(b) Ainda bem, pois a frase anterior está errada: *nada hoje nos pode ser* estranho, e é um sinal de maturidade democrática merecedora do respeito da comunidade internacional Portugal estar na linha da frente da NATO. (PE, *editorial*, 2008)

Os clíticos *o(s)/a(s)* se associam, em primeiro lugar, à variante V1 V2-cl (53%) e, depois, às posições V1 cl V2 (27%) e cl V1 V2 (20%). A posposição ao verbo principal é frequente sobretudo em construções modais do tipo *poder/dever + infinitivo*, dispostas em posição inicial absoluta de oração/período ou antecidas de qualquer tipo de proclisador (tradicional ou não tradicional) – ex. (354a), (363a) e (368a). A próclise a V2 corresponde a complexos verbais com elemento interveniente entre os seus verbos, precedidos, em maior número, de operadores tradicionais de próclise (ex. (361)); e, a colocação pré-CV, aos exemplos em (377), nos quais a presença de proclisadores tradicionais (377a/b) ou o próprio tipo de complexo (377c) podem se relacionar à anteposição a V1.

(377)

(a) A importância desta lei não foi, depois, suficiente para que os partidos *que a iam votar* cuidassem de ter no plenário de São Bento o número de deputados necessários para que a sua aprovação respeitasse os cânones constitucionais (isto é, fosse votada por 116 deputados). (PE, *editorial*, 2001)

(b) A pobreza é persistente. O seu combate *também o deveria ser*. (PE, *editorial*, 2004)

(c) O facto de ninguém se recordar *de o ter visto* no plenário nesse dia não impediu que ele assinasse "a posteriori" o livro de presenças. (PE, *editorial*, 2001)

Com o pronome *lhe(s)*, observam-se as colocações pré-CV (50%), pós-CV (33%) e intra-CV, com próclise a V2 (17%). Em todos os casos, no contexto anterior ao grupo verbal, regista-se algum proclisador tradicional (ex. (378a), (353c) e (378b)). Em próclise ao auxiliar, inclusive, aparecem 2 dados de construções passivas, que, pela forma participial de V2, já restringem a cliticização ao verbo principal – ex. (379).

(378)

(a) No debate em curso, porém, é necessário perceber se a denúncia da gestão falhada no BPN faz sentido ou se representa uma fuga em frente de Cavaco Silva para esvaziar a polémica *que os seus adversários lhe tentam colar* à pele. (PE, *editorial*, 2010)

(b) Consensual em parte, polémico noutra, o relatório da Kofi Annan dirige-se aos 191 países com assento na Assembleia Geral com audácia suficiente para que *nenhum ouse virar-lhe* as costas. (PE, *editorial*, 2005)

(379)

(a) Ou seja, o actual estado das coisas propicia uma dupla injustiça: nem o Estado é ressarcido dos meios *que lhe são extorquidos*, nem as pessoas envolvidas nestes casos vêem a sua responsabilidade apurada de forma rápida e objectiva. (PE, *editorial*, 2005)

(b) Por um lado, pelo enquistamento do regime, ancorado na vitimização *que lhe é permitida* pela continuação do bloqueio; por outro, pela forma como dentro dos próprios Estados Unidos o lobby anticastrista mais radical tem, de forma sistemática, vetado quaisquer hipóteses de abertura. (PE, *editorial*, 2009)

Na variedade brasileira, o pronome acusativo de 3<sup>a</sup>. pessoa se adjuge preferencialmente à direita do verbo principal (75%). O único dado na posição pré-CV (25%) é devido à forma participial de V2, ou seja, ao próprio tipo de complexo, e ao pronome *o(s)/a(s)* não figurar entre os verbos auxiliar e principal, por razões fonológicas – ex. (374a).

Com o pronome *lhe(s)*, predomina-se a variante pré-CV (75%), seguida da posição V1 V2-cl (25%), conforme apresentam os exemplo em (380). Em (380a), além do proclisador canônico *que*, a forma participial de V2 interfere na anteposição do pronome ao auxiliar.

(380)

(a) Aliás, passado o abalo, análises fundamentadas colocaram as coisas nos seus devidos termos, demonstrando que o BC não cometeu nenhum dos pecados *que lhe foram atribuídos*, notadamente pelos membros dessa mais nova confraria de sábios, os “economistas do PT”. (PB, *editorial*, 2002)

(b) Hoje, os dois países já sabem o *que lhes pode acontecer* “se jogarem pelas regras dos grandões”. (PB, *editorial*, 2003)

(c) Mas alguns empresários brasileiros - poucos, é verdade - também apoiam essa insensatez. Talvez os novos desmandos cometidos na Venezuela *ainda possam mostrar-lhes* o tamanho desse erro. (PB, *editorial*, 2010)

Em relação ao pronome *se*, uma vez já demonstrada a relevância de seus valores quando o assunto é a sua colocação, faz-se uma descrição em conjunto com a variável *função do clítico* (logo na sequência), no que se refere aos dados extraídos dos editoriais do PE e do PB.

### C) *Função do clítico*

Quanto à variável *função do clítico*, consultam-se as duas próximas tabelas.

Tabela 85. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero *editorial*, no PE

Função do clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Argumental</b>	8/23 – 35%	0/23 – 0%	5/23 – 22%	10/23 – 43%
<b>Não argumental</b>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
<b>Inerência/reflexividade</b>	13/41 – 32%	6/41 – 14%	4/41 – 10%	18/41 – 44%
<b>Apassivação</b>	9/13 – 69%	1/13 – 8%	1/13 – 8%	2/13 – 15%
<b>Indeterminação</b>	19/26 – 73%	3/26 – 12%	0/26 – 0%	4/26 – 15%
Total	50/104 – 48%	10/104 – 9.5%	10/104 – 9.5%	34/104 – 33%

Tabela 86. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a função do clítico, no gênero *editorial*, no PB

Função do clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Argumental</b>	4/8 – 50%	0/8 – 0%	0/8 – 0%	4/8 – 50%
<b>Inerência/reflexividade</b>	12/30 – 40%	1/30 – 3%	11/30 – 37%	6/30 – 20%
<b>Apassivação</b>	4/5 – 80%	1/5 – 20%	0/5 – 0%	0/5 – 0%
<b>Indeterminação</b>	5/11 – 45%	6/11 – 55%	0/11 – 0%	0/11 – 0%
Total	25/54 – 46%	8/54 – 15%	11/54 – 20%	10/54 – 19%

A função argumental, no material português, reúne os registros dos pronomes *nos* (3 dados), *o(s)/a(s)* (15 dados) e *lhe(s)* (5 dados). A colocação pós-CV é dominante, com 43%, por concentrar, basicamente, a cliticização do pronome acusativo de 3ª. pessoa. As demais posições – cl V1 V2 (35%) e V1 cl V2 (22%) – ocorrem pela força atrativa típica de alguns elementos, no caso da anteposição ao primeiro verbo, e pelo tipo de complexo verbal, com a presença de preposições entre os verbos (*ter (de) + infinitivo* e *acabar (de/por) + infinito*, por exemplo), no caso da próclise a V2. Nessa mesma função, mas, agora, nos editoriais do PB, os dados se referem aos pronomes *o(s)/a(s)* (4 registros) e *lhe(s)* (4 registros). Os percentuais das colocações pré e pós-CV (50% para cada) correspondem exatamente ao que foi apresentado, quanto a esses dois pronomes, na análise do grupo *tipo de clítico*, em linhas atrás – ex. (370b), (372b), (374a) e (380).

O único dado encontrado na função não argumental se refere ao exemplo (378a), proveniente de um dos editoriais portugueses.

A função inerência/reflexividade, na amostra do PE, engloba registros dos pronomes *nos* (apenas 3 dados) e *se* (38 dados). Nesse contexto, observam-se as posições V1 V2-cl (44%), cl V1 V2 (32%), V1-cl V2 (14%) e V1 cl V2 (10%), nessa devida ordem. A posposição a V2, verificada somente com o *se* inerente/reflexivo, ocorre após proclisadores não tradicionais, mas,

também, diante de operadores típicos de próclise. De acordo com os exemplos em (381), é mais frequente a adjunção do *se* inerente/reflexivo à direita de V2 em estruturas modais e em construções com verbos com o mesmo referente-sujeito. Nos contextos anteriores à colocação pré-CV, com casos de *nos* e *se*, observam-se predominantemente proclisadores tradicionais. A ênclise a V1, só com o *se* inerente/reflexivo, associa-se ao contexto de início absoluto e à antecedência de proclisadores não tradicionais. Por fim, a próclise a V2, com o *nos* e o *se*, ocorre em construções do tipo *ter (de) nos/se + infinitivo*.

(381)

(a) No dia seguinte à desilusão, *os petistas podem vangloriar-se* de ter acabado com o império de Antônio Carlos Magalhães, o temível ACM, na Bahia, onde o cacique reinava sem rivais há 16 anos, de ter mantido a vantagem no Rio ou em Minas Gerais ou de ter conquistado mais de 70 por cento dos votos no Ceará, o estado natal de Tasso Jereissati, o líder do PSDB que elegeu Fernando Henrique e que propõe Alckmin para a presidência. (PE, *editorial*, 2006)

(b) Tudo isto acontece num momento em que Cavaco Silva conseguiu reposicionar-se e é claramente favorito na corrida a Belém. (PE, *editorial*, 2010)

O *se* passivador se relaciona à posição cl V1 V2 (69%) e, em seguida, às variantes V1 V2-cl (15%), V1-cl V2 (8%) e V1 cl V2 (8%). A anteposição ao auxiliar ocorre diante de proclisador tradicional e/ou por conta do próprio grupo verbal, que traz o verbo principal no participípio (ex. (382)). As outras três posições aparecem, em especial, no contexto de início absoluto de oração/período ou na presença de atrator não típico.

(382)

(a) O problema novo está na cobertura legal que pode ser dada a este tipo de avaliações, transformando em legítimo aquilo que pode ser aterrador, *ainda que se possam invocar* critérios empresariais como as faltas por doença, que são em número superior no caso dos fumadores. (PE, *editorial*, 2006)

(b) De Maio a Abril de 2010 venderam-se 157 mil embalagens de medicamentos com metilfenidato, substância usada para combater a síndrome PHDA, enquanto em 2008 se tinham vendido 116 mil. (PE, *editorial*, 2010)

O *se* indeterminador também se posiciona, de modo significativo, à esquerda do auxiliar (73%), condicionado principalmente pelos operadores de próclise (ex. (383)). Outra vez, a ênclise a V1 (12%) e a ênclise a V2 (15%) ocorrem em contexto inicial de período ou após proclisadores não tradicionais – exemplos (354c), (355b) e (384).

(383)

(a) Mas *também se pode não falar*, mostrando o que ninguém quer ver: o estado em que ficam as vítimas não mortais, os que não sucumbiram nas estradas mas nelas deixaram parte importante das suas vidas. (PE, *editorial*, 2003)

(b) *Não se pode ser* apenas eleito “por defeito”, isto é, porque há sempre uma altura em que os eleitores se cansam das maiorias no poder. (PE, *editorial*, 2006)

(384) Existem claramente factores de persistência da pobreza, que se reflectem em ciclos de vida ou que são transmitidos intergerações, *mas deve-se falar* igualmente na persistência da pobreza enquanto fenómeno social. (PE, *editorial*, 2004)

Nos editoriais do PB, a função inerência/reflexividade é exercida somente pelo pronome *se*. As frequências de uso das colocações pré-CV e intra-CV, com próclise a V2, são bem próximas (40% e 37%). Ainda são registradas as variantes V1-cl V2 (3%) (ex. (357)) e V1 V2-cl (20%). No caso da anteposição a V1, constata-se sobretudo a existência de proclisadores tradicionais antes do grupo cl V1 V2 (ex. (385)). A próclise a V2 é observada em diferentes tipos de complexo, com ou sem elemento interveniente, e em todos os contextos (em início de período, antecedida (imediatamente ou não) de proclisadores tradicionais e precedida de proclisadores não tradicionais) – ex. (358), (369), (371) e (375b). O *se* inerente/reflexivo ocupa a posição pós-CV em início de período (ex. (359)) e, fundamentalmente, na sequência de atratores não tradicionais ((375c), por exemplo).

(385)

(a) O longo mutismo em *que se vinha abrigando* o secretário da Segurança Pública e marido da governadora, Anthony Garotinho, permanente pretendente à Presidência da República, nunca foi a medida adequada para enfrentar um problema desse tamanho e dessa gravidade. (PB, *editorial*, 2004)

(b) Será melhor completar a mudança apenas *quando as novas práticas se tiverem tornado* rotineiras. (PB, *editorial*, 2006)

O *se* passivador se associa, com destaque, à anteposição a V1 (80%), em virtude da atração exercida por alguns elementos nessas orações (ex. (386)). A ênclise a V1 (20%) se correlaciona ao início de período – ex. (356a). Quanto ao *se* indeterminador, as posições V1-cl V2 (55%) e cl V1 V2 (45%) também se ligam, respectivamente, ao início absoluto de oração/período (ex. (356b)) e à participação de proclisadores tradicionais – ex. (387).

(386) Se as condições do mercado forem desfavoráveis, *sempre se poderá refazer* o plano, com cifras mais modestas e, talvez, com outras prioridades. (PB, *editorial*, 2010)

(387) *Só não se pode falar* que a questão das sanções ao Irã roubou a cena da Cúpula de Segurança Nuclear, que na segunda e terça-feira reuniu em Washington dirigentes e outros representantes de 47 países, porque o próprio promotor do evento, o presidente dos Estados Unidos, Barack Obama, se valeu dele para insistir na “rápida e agressiva” adoção, pelo Conselho de Segurança das Nações Unidas, de uma nova bateria de penalidades contra o governo iraniano por suas recorrentes transgressões do Tratado de Não-Proliferação (TNP). (PB, *editorial*, 2010)

#### **D) Forma do segundo verbo do complexo**

Nos editoriais do PE e do PB, constam os seguintes resultados sobre a variável *forma verbal de V2*:



Tabela 87. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero *editorial*, no PE

Formal verbal de V2	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Infinitivo</b>	35/88 – 40%	9/88 – 10%	10/88 – 11%	34/88 – 39%
<b>Gerúndio</b>	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
<b>Particípio</b>	13/14 – 93%	1/14 – 7%	0/14 – 0%	0/14 – 0%
Total	50/104 – 48%	10/104 – 9.5%	10/104 – 9.5%	34/104 – 33%

Tabela 88. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com a forma verbal de V2, no gênero *editorial*, no PB

Formal verbal de V2	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Infinitivo</b>	18/44 – 41%	7/44 – 16%	9/44 – 20%	10/44 – 23%
<b>Gerúndio</b>	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
<b>Particípio</b>	6/8 – 75%	1/8 – 12.5%	1/8 – 12.5%	0/8 – 0%
Total	25/54 – 46%	8/54 – 15%	11/54 – 20%	10/54 – 19%

Em estruturas com verbo principal no infinitivo, nos editoriais do PE e do PB, a distribuição percentual das variantes é bastante semelhante aos índices gerais de colocação (inclusive pelo fato de a maior parte dos dados se concentrar nessa categoria), evidenciando-se, assim, a interação de outros fatores para a determinação do fenômeno.

Com as formas gerundivas e participiais, na variedade europeia, ocorre a cliticização pronominal ao verbo auxiliar (próclise ou ênclise a V1), conforme prescrito na norma-padrão. Nos editoriais do PB, por sua vez, com essas mesmas formas, observa-se não só a adjacência a V1, mas, inclusive a próclise a V2 (ex. (369b) e (375b)) – como também assinalado nas cartas brasileiras; no entanto, neste gênero, com menos dados proclíticos ao verbo pleno no gerúndio ou no particípio.

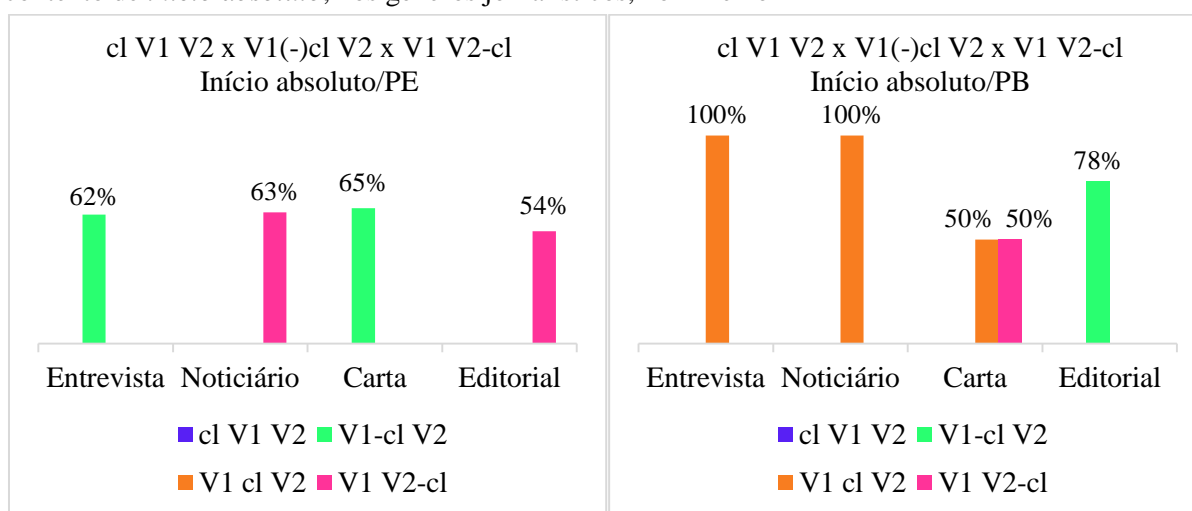
### 5.2.2 Sintetizando...

A cliticização pronominal a complexos verbais se mostrou divergente, quando comparadas as duas variedades investigadas e, principalmente no caso do PB, quando analisado à parte cada gênero textual jornalístico.

Em geral, relacionou-se ao PE a produtividade da ênclise a V1 ou a V2, exceto à frente de operadores típicos de próclise; e, ao PB, a acentuada predileção da próclise a V2 nos gêneros orais, à medida que, nos gêneros escritos, o uso dessa variante se reduziu drasticamente. Os três contextos linguísticos examinados – (i) clítico adjacente a complexo verbal em posição inicial

absoluta de oração/período, (ii) grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl antecedido de elemento considerado tradicionalmente proclisador e (iii) grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl antecedido de elemento não considerado tradicionalmente proclisador –, que, em particular, serviram para organizar de forma adequada os dados coletados, permitiram o pleno entendimento dessas preferências (cf. gráficos seguintes, de 39 a 44).

Gráficos 39 e 40. Distribuição das variantes **dominantes** (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto de *início absoluto*, nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB

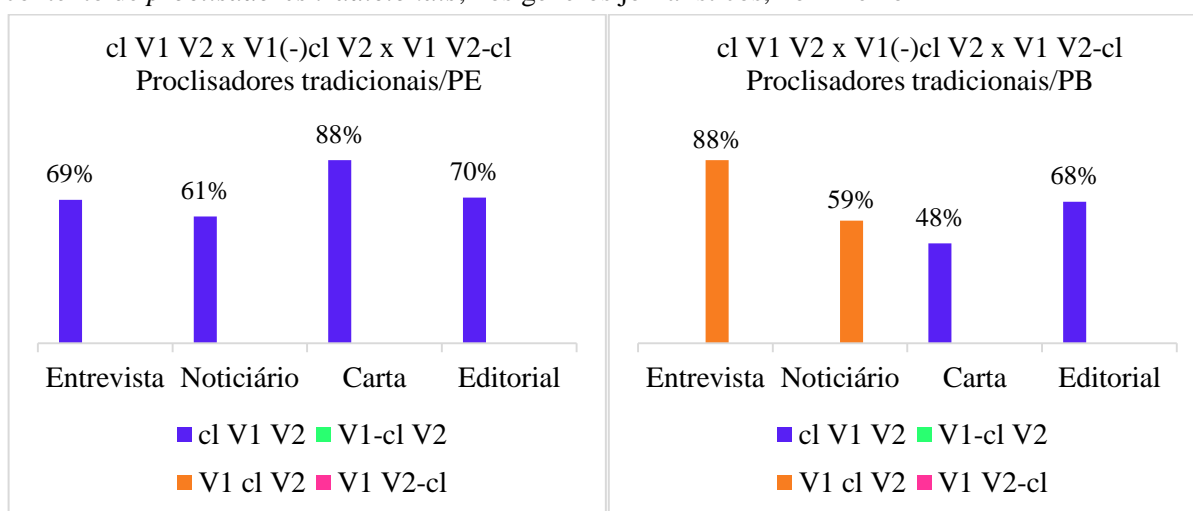


No contexto de início absoluto de oração/período, no PE, predominaram as posições, em ordem decrescente: (i) no gênero *entrevista na TV*, V1-cl V2 (62%) > V1 V2-cl (38%); (ii) no gênero *noticiário de TV*, V1 V2-cl (63%) > V1-cl V2 (25%) > V1 cl V2 (12%); no gênero *carta do leitor*, V1-cl V2 (65%) > V1 V2-cl (35%); e (iv) no gênero *editorial*, V1 V2-cl (54%) > V1-cl V2 (38%) > V1 cl V2 (8%). Na variedade brasileira, nesse mesmo contexto, a construção V1 cl V2 foi categórica nas entrevistas e nos noticiários, enquanto que, nas cartas, alternou-se com a estrutura V1 V2-cl. Nos editoriais do PB, sobressaiu-se a variante V1-cl V2 (78%), seguida das colocações V1 cl V2 (11%) e V1 V2-cl (11%). Em ambas as variedades, não houve registro da colocação pré-CV no contexto inicial de oração/período.

Diante de proclisadores tradicionais, na variedade europeia, em todos os gêneros jornalísticos considerados, a próclise a V1 foi preponderante – cf. gráfico 41. As posições se ordenaram assim: (i) nas entrevistas, cl V1 V2 (69%) > V1-cl V2 (13%) / V1 V2-cl (13%) > V1 cl V2 (5%); (ii) nos noticiários, cl V1 V2 (61%) > V1 V2-cl (28%) > V1 cl V2 (11%); (iii) nas cartas, cl V1 V2 (88%) > V1 V2-cl (5%) / V1 cl V2 (5%) > V1-cl V2 (2%); e (iv) nos editoriais, cl V1 V2 (70%) > V1 V2-cl (22%) > V1 cl V2 (8%). No PB, na presença de atratores típicos de próclise, os pronomes se manifestaram de maneira diferente segundo o gênero textual

no qual estavam inseridos: nos gêneros *entrevista na TV* e *noticiário de TV*, prevaleceu a opção não marcada da variedade brasileira, a próclise a V2; e, nos gêneros *carta do leitor* e *editorial*, a opção prevista para esse contexto de acordo com a norma-padrão, a próclise ao verbo auxiliar – cf. gráfico 42. Os clíticos se distribuíram dos seguintes modos: (i) nas entrevistas, V1 cl V2 (88%) > cl V1 V2 (6%) / V1 V2-cl (6%); (ii) nos noticiários, V1 cl V2 (59%) > V1 V2-cl (33%) > cl V1 V2 (8%); (iii) nas cartas, cl V1 V2 (48%) > V1 cl V2 (26%) > V1 V2-cl (22%) > V1-cl V2 (4%); e (iv) nos editoriais, cl V1 V2 (68%) > V1 cl V2 (19%) > V1 V2-cl (13%).

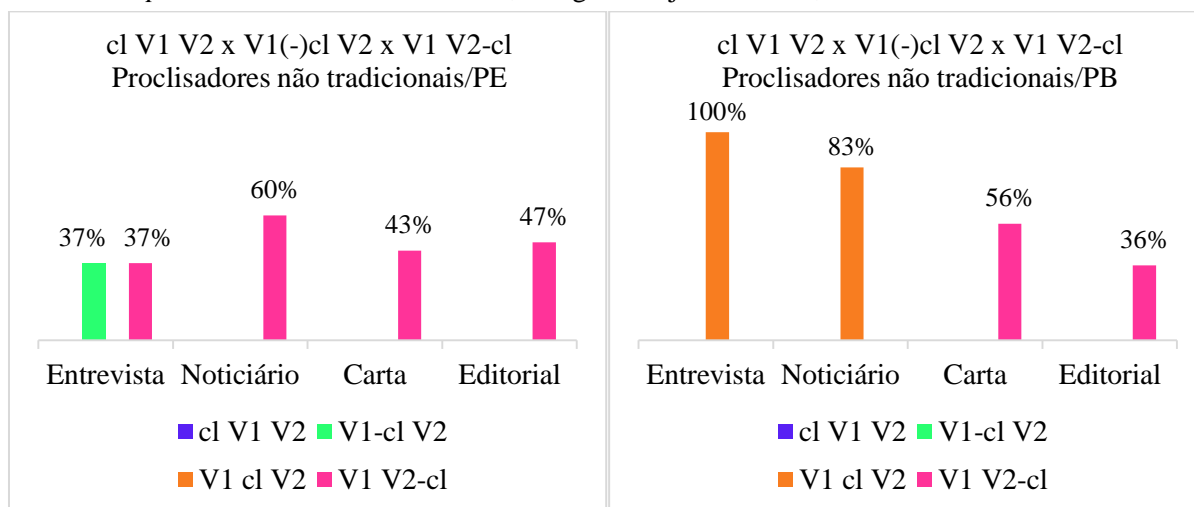
Gráficos 41 e 42. Distribuição das variantes **dominantes** (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto de *proclisadores tradicionais*, nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB



Repete-se, aqui, a força proclisadora de determinados vocábulos na variedade europeia, dado que o padrão do PE é a ênclise a V1 ou a V2 – conforme mostram os gráficos 39 e 43, com os percentuais das variantes dominantes nos contextos de início absoluto e de precedência de proclisador não tradicional. Como sublinhado anteriormente, a ideia de *atração do pronome* se encaixa muito bem na descrição do PE. Na variedade brasileira, no entanto, ao se reconhecer que a posição pré-CV deixou de ser produtiva a partir da segunda metade do século XVIII, sendo substituída pela próclise ao segundo verbo (cf. PAGOTTO, 1992; CYRINO, 1996; dentre outros trabalhos), e que, hoje, é cada vez mais rara a sua realização (PERINI, 2005[1995]), os percentuais obtidos dessa variante nas cartas e nos editoriais se justificam pelo caráter padronizador da escrita. No caso de complexos verbais, o efeito atrativo de operadores típicos de próclise no PB parece mesmo só funcionar quando relacionado à escrita, em concordância com os preceitos normativos, e, ainda assim, de forma menos eficiente do que no PE escrito.

Os próximos gráficos apresentam os resultados alcançados no terceiro, e último, contexto investigado, o de antecedência de proclisadores não tradicionais.

Gráficos 43 e 44. Distribuição das variantes **dominantes** (pré, intra ou pós-CV), de acordo com o contexto de *proclisadores não tradicionais*, nos gêneros jornalísticos, no PE e no PB



Após proclisadores não tradicionais, no PE, ocorreram estas estruturas: (i) nas entrevistas, V1-cl V2 (37%) / V1 V2-cl (37%) > cl V1 V2 (16%) > V1 cl V2 (10%); (ii) nos noticiários, V1 V2-cl (60%) > cl V1 V2 (27%) > V1-cl V2 (13%); (iii) nas cartas, V1 V2-cl (43%) > cl V1 V2 (38%) > V1-cl V2 (19%); e (iv) nos editoriais, V1 V2-cl (47%) > cl V1 V2 (21%) > V1-cl V2 (18%) > V1 cl V2 (14%). No PB, ainda na presença de atratores não típicos, registraram-se: (i) nas entrevistas, a categoricidade da próclise a V2; (ii) nos noticiários, as posições V1 cl V2 (83%) > V1 V2-cl (17%); (iii) nas cartas, as construções V1 V2-cl (56%) > V1 cl V2 (22%) > V1-cl V2 (13%) > cl V1 V2 (9%); e (iv) nos editoriais, as variantes V1 V2-cl (36%) > V1 cl V2 (28.5%) / cl V1 V2 (28.5%) > V1-cl V2 (7%). Outra vez houve, por um lado, maior regularidade nos resultados portugueses e, por outro, considerável diferença entre as realidades oral e escrita do PB.

Assim como foi ressaltado na síntese referente à adunção de clíticos a verbos simples, aqui, os resultados do PE e do PB, em linhas gerais, também se aproximam nos gêneros escritos e se afastam nos gêneros orais. A escrita jornalística brasileira, por exemplo, ainda que englobe traços peculiares da gramática do PB, adota de modo mais evidente o modelo de norma-padrão de colocação baseado na tradição portuguesa.

Em relação às variáveis linguísticas examinadas, discutiram-se os dados de acordo com o *tipo de elemento (proclisador)*, o *tipo de clítico*, em correlação com a *função do clítico*, e a *forma do segundo verbo* – tais grupos foram considerados mais decisivos para o fenômeno. Nos quadros seguintes, reúnem-se todos os fatores de cada uma dessas quatro variáveis verificadas, relacionando-os às variantes às quais se associaram de forma mais recorrente.

Quadro 20. Levantamento geral dos fatores que caracterizam as variantes pré, intra e pós-CV, conforme os resultados obtidos em cada um dos gêneros jornalísticos, no PE

<b>ENTREVISTA NA TV</b>	
<b>cl V1 V2</b>	- <i>Proclisador</i> : el. subord. (71%), part./sintagma de neg. (75%), prep. (100%) - <i>Tipo de clítico</i> : me/nos/te/vos (56%), se (45%) - <i>Função</i> : argumental (36%), não argumental (64%), inerência/reflexividade (41%), apassivação (50%), indeterminação (75%) - <i>Forma de V2</i> : infinitivo (39%), particípio (80%)
<b>V1-cl V2</b>	- <i>Proclisador</i> : ausência de elemento (proclisador) (62%), adv. canônico (50%), SPrep (100%), conj. coord. (50%) - <i>Tipo de clítico</i> : lhe(s) (50%) - <i>Função</i> : apassivação (50%)
<b>V1 cl V2</b>	- <i>Proclisador</i> : adv. não canônico (100%)
<b>V1 V2-cl</b>	- <i>Proclisador</i> : adv. canônico (50%), SN sujeito (67%) - <i>Tipo de clítico</i> : o(s)/a(s) (80%) - <i>Função do clítico</i> : argumental (36%)
<b>NOTICIÁRIO DE TV</b>	
<b>cl V1 V2</b>	- <i>Proclisador</i> : el. subord. (57%), adv. canônico (100%), prep. (100%) - <i>Tipo de clítico</i> : nos (100%) - <i>Função</i> : apassivação (60%), indeterminação (50%) - <i>Forma de V2</i> : gerúndio (50%), particípio (100%)
<b>V1-cl V2</b>	- <i>Função</i> : indeterminação (50%) - <i>Forma de V2</i> : gerúndio (50%)
<b>V1 cl V2</b>	-----
<b>V1 V2-cl</b>	- <i>Proclisador</i> : ausência de elemento (proclisador) (63%), part./sintagma de neg. (100%), conj. coord. (100%), SN sujeito (80%) - <i>Tipo de clítico</i> : o(s)/a(s) (57%), lhe(s) (60%), se (43%) - <i>Função</i> : argumental (54%), inerência/reflexividade (52%) - <i>Forma de V2</i> : infinitivo (58%)
<b>CARTA DO LEITOR</b>	
<b>cl V1 V2</b>	- <i>Proclisador</i> : el. subord. (84%), part./sintagma de neg. (100%), adv. canônico (100%), prep. (100%), adv. não canônico (100%), SPrep (50%) - <i>Tipo de clítico</i> : me/nos (48%), o(s)/a(s) (50%), lhe(s) (75%), se (68%) - <i>Função</i> : argumental (57%), inerência/reflexividade (56%), apassivação (75%), indeterminação (71%) - <i>Forma de V2</i> : infinitivo (63%), gerúndio (80%), particípio (56%)
<b>V1-cl V2</b>	- <i>Proclisador</i> : ausência de elemento (proclisador) (65%)
<b>V1 cl V2</b>	-----
<b>V1 V2-cl</b>	- <i>Proclisador</i> : SPrep (50%), conj. coord. (50%), SN sujeito (62.5%)
<b>EDITORIAL</b>	
<b>cl V1 V2</b>	- <i>Proclisador</i> : el. subord. (71%), part./sintagma de neg. (64%), adv. canônico (75%), prep. (75%), SPrep (100%) - <i>Tipo de clítico</i> : nos (67%), lhe(s) (50%), se (52%) - <i>Função</i> : não argumental (100%), apassivação (69%), indeterminação (73%) - <i>Forma de V2</i> : infinitivo (40%), gerúndio (100%), particípio (93%)
<b>V1-cl V2</b>	- <i>Proclisador</i> : adv. não canônico (100%), conj. coord. (40%)
<b>V1 cl V2</b>	-----
<b>V1 V2-cl</b>	- <i>Proclisador</i> : ausência de elemento (proclisador) (54%), SN sujeito (65%) - <i>Tipo de clítico</i> : o(s)/a(s) (53%) - <i>Função</i> : argumental (43%), inerência/reflexividade (44%)

Quadro 21. Levantamento geral dos fatores que caracterizam as variantes pré, intra e pós-CV, conforme os resultados obtidos em cada um dos gêneros jornalísticos, no PB

<b>ENTREVISTA NA TV</b>	
<b>cl V1 V2</b>	- <i>Proclisador</i> : part./sintagma de neg. (50%) - <i>Função</i> : indeterminação (50%)
<b>V1 cl V2</b>	- <i>Proclisador</i> : ausência de elemento (proclisador) (100%), el. subord. (93%), part./sintagma de neg. (50%), adv. canônico (100%), prep. (100%), conj. coord. (100%), SN sujeito (100%) - <i>Tipo de clítico</i> : me/te (100%), se (92%) - <i>Função</i> : argumental (96%), inerência/reflexividade (100%), apassivação (100%), indeterminação (50%) - <i>Forma de V2</i> : infinitivo (95%), gerúndio (100%)
<b>V1 V2-cl</b>	- <i>Tipo de clítico</i> : o(s)/a(s) (100%)
<b>NOTICIÁRIO DE TV</b>	
<b>cl V1 V2</b>	- <i>Função</i> : indeterminação (100%)
<b>V1 cl V2</b>	- <i>Proclisador</i> : ausência de elemento (proclisador) (100%), el. subord. (80%), part./sintagma de neg. (60%), prep. (100%), SN sujeito (100%) - <i>Tipo de clítico</i> : nos (100%), se (93%) - <i>Função</i> : inerência/reflexividade (100%), apassivação (100%) - <i>Forma de V2</i> : infinitivo (65%), gerúndio (100%), particípio (100%)
<b>V1 V2-cl</b>	- <i>Proclisador</i> : adv. canônico (100%), adv. não canônico (100%) - <i>Tipo de clítico</i> : o(s)/a(s) (100%) - <i>Função</i> : argumental (83%)
<b>CARTA DO LEITOR</b>	
<b>cl V1 V2</b>	- <i>Proclisador</i> : el. subord. (52%), part./sintagma de neg. (50%) - <i>Tipo de clítico</i> : me/nos (33%), lhe(s) (67%), se (40%) - <i>Função</i> : não argumental (100%), apassivação (80%), indeterminação (100%) - <i>Forma de V2</i> : gerúndio (50%), particípio (50%)
<b>V1-cl V2</b>	- <i>Proclisador</i> : prep. (50%), SN sujeito (100%)
<b>V1 cl V2</b>	- <i>Proclisador</i> : ausência de elemento (proclisador) (50%) - <i>Tipo de clítico</i> : me/nos (33%) - <i>Função</i> : inerência/reflexividade (43%)
<b>V1 V2-cl</b>	- <i>Proclisador</i> : ausência de elemento (proclisador) (50%), adv. canônico (67%), prep. (50%), conj. coord. (45%), SN sujeito (67%) - <i>Tipo de clítico</i> : o(s)/a(s) (94%) - <i>Função</i> : argumental (64%) - <i>Forma de V2</i> : infinitivo (44%)
<b>EDITORIAL</b>	
<b>cl V1 V2</b>	- <i>Proclisador</i> : el. subord. (63%), part./sintagma de neg. (87.5%), adv. canônico (50%), adv. não canônico (100%), conj. coord. (33.3%) - <i>Tipo de clítico</i> : lhe(s) (75%), se (46%) - <i>Função</i> : argumental (50%), inerência/reflexividade (40%), apassivação (80%) - <i>Forma de V2</i> : infinitivo (41%), gerúndio (50%), particípio (75%)
<b>V1-cl V2</b>	- <i>Proclisador</i> : ausência de elemento (proclisador) (78%), conj. coord. (33.3%) - <i>Função</i> : indeterminação (55%)
<b>V1 cl V2</b>	- <i>Proclisador</i> : SN sujeito (44.5%) - <i>Forma de V2</i> : gerúndio (50%)
<b>V1 V2-cl</b>	- <i>Proclisador</i> : adv. canônico (50%), conj. coord. (33.3%), SN sujeito (44.5%) - <i>Tipo de clítico</i> : o(s)/a(s) (75%) - <i>Função</i> : argumental (50%)

Em todas as amostras portuguesas investigadas, a variável *tipo de elemento (proclisador)* foi bastante significativa para a colocação pronominal. Na maior parte dos casos, proclisadores tradicionais se associaram à variante pré-CV e proclisadores não tradicionais às posposições do pronome a V1 ou a V2, como sugerido neste estudo – à exceção das preposições, consideradas como atratores não típicos, que se relacionaram exclusivamente à próclise ao verbo auxiliar. Nos quatro gêneros, destacaram-se as ligações de elementos subordinativos a cl V1 V2 e de conjunções coordenativas e SNs sujeitos a V1-cl V2 ou V1 V2-cl. A atuação das variáveis *tipo de clítico* e *função do clítico*, em parte, vinculou-se ao tipo de proclisador presente na oração, uma vez que os pronomes proclíticos a V1 (*me/nos/te/vos, o(s)/a(s), lhe(s)* e *se*), em grande quantidade, vieram após proclisadores tradicionais. Comumente, entretanto, o clítico acusativo de 3ª. pessoa se posicionou à direita de verbos principais no infinitivo, inclusive diante de operadores canônicos de próclise, dada a sua especificação fonológica. Quanto aos diferentes tipos de *se*, ainda que tal generalização não tenha se confirmado em todos os dados, notou-se tendência à cliticização do *se* inerente/reflexivo a V2 (V1 V2-cl) e dos *se* apassivador/*se* indeterminador a V1 (V1-cl V2), em especial nos contextos de início absoluto e de antecedência de proclisadores não tradicionais. Com os verbos principais nas formas gerundivas e participiais, de acordo com o aguardado, não houve nenhum registro de pronome clítico adjacente a V2. Junto a proclisador tradicional, encontrou-se a colocação pré-CV; em contexto inicial de oração/período ou após proclisador não tradicional, observou-se a ênclise a V1.

A respeito do PB, nas entrevistas e nos noticiários, o favoritismo da próclise a V2 não foi apenas em relação ao início de oração/período, mas, também, praticamente perante qualquer aspecto estrutural. A sua recorrência, de fato, só se limitou quando a cliticização se realizou através do clítico *o(s)/a(s)*, presente mais vezes nos noticiários do que nas entrevistas, o qual não aparece na construção V1 cl V2. Nas cartas e nos editoriais, verificou-se a manutenção do acusativo de 3ª. pessoa associado à variante V1 V2-cl, com o segundo verbo na forma infinitiva, e, ainda, atentou-se a outras características que restringiram a produtividade da estrutura não marcada do PB (V1 cl V2). O *tipo de elemento (proclisador)*, por exemplo, passou a interferir no comportamento dos pronomes. A colocação pré-CV foi preferida sobretudo após proclisadores tradicionais – em comum, nos dois gêneros, após elementos subordinativos e partículas/ sintagmas de negação. As posposições a V1 e a V2 foram mais recorrentes na presença de proclisadores não tradicionais. As formas de V2, gerúndio e participípio, que, nos gêneros orais, contribuíram para a categoricidade da próclise a V2, nos gêneros escritos,

também possibilitaram a adjacência dos clíticos a V1. Destacou-se, por fim, a manifestação expressiva do *se* inerente/reflexivo entre os verbos do complexo, proclítico a V2 – de forma mais marcada nas cartas –, inclusive à frente de atratores típicos. Esse tipo de *se*, em geral, mostrou-se mais produtivo adjungido ao segundo verbo (V1 cl V2 e V1 V2-cl), que, na maioria das vezes, domina-o sintaticamente. Os *se* apassivador/*se* indeterminador figuraram com mais frequência cliticizados a V1.

### **5.3 A posição dos clíticos pronominais segundo os gêneros textuais jornalísticos e os *continua* estilístico e fala/escrita**

Em seguida à descrição dos condicionamentos linguísticos, relacionados aos casos de lexias verbais simples e complexas, volta-se à discussão sobre influências estilísticas e socioculturais no fenômeno da colocação pronominal. Para apreciar a atuação de tais dimensões, conforme esclarecido na fundamentação teórica adotada neste estudo, consideram-se os próprios gêneros textuais, a partir de suas respectivas características situacionais, e o modo como eles se distribuem em um *continuum* estilístico; este, correlacionado ao *continuum* fala/escrita<sup>131</sup>.

Inicialmente, propôs-se avaliar a interferência de fatores de natureza não linguística em todos os dados encontrados, originários das duas variedades do português consultadas. No entanto, em busca de uma análise mais profícua, opta-se, neste momento, por se dedicar aos registros do PB, variedade que parece ser mais suscetível à ação de elementos externos. Em conformidade com as conclusões de determinados trabalhos (cf. LOBO, 1992; MARTINS, A. M., 1994; VIEIRA, S. R., 2002; dentre outros), os resultados obtidos com base nas observações sobre as variáveis linguísticas puderam assinalar, no PE, forte ligação entre fatores estruturais e a manifestação dos pronomes. As diferenças de colocação pronominal entre os gêneros, especialmente se comparadas às realidades do PB, deram-se de forma menos acentuada na variedade europeia.

Na sequência, faz-se a caracterização de cada gênero jornalístico estudado, visando ao aprofundamento dos traços particulares que os definem; como resultado desse tratamento, apresenta-se uma proposta mais bem fundamentada de hierarquização desses gêneros nos *continua*; e, ainda, em relação a esses *continua*, discorre-se sobre os resultados do PB. Por último, reflete-se sobre os entrecruzamentos entre variação, estilo, gêneros, modalidades de uso

---

<sup>131</sup> Cf. seção 3.



da língua e normas, priorizando-se a eficácia de se considerar tais correlações em estudos de fenômenos variáveis.

### 5.3.1 Características situacionais dos gêneros *entrevista na TV*, *noticiário de TV*, *carta do leitor* e *editorial*

Procura-se, nestas observações, descrever cada um dos gêneros jornalísticos investigados, apoiando-se nos fatores contextuais que os constituem. Para isso, trata-se das sete características propostas por Biber e Conrad (2009): (i) *participantes*; (ii) *relações entre participantes*; (iii) *canal*; (iv) *condições de produção*; (v) *cenário*; (vi) *propósitos comunicativos*; e (vii) *tópico* (cf. quadro 14). A depender da combinação desses fatores, propõe-se a disposição dos gêneros estudados no *continuum* estilístico, associado, também, ao *continuum* fala/escrita – cf. próxima subseção.

O gênero *entrevista na TV* se materializa em textos produzidos/recebidos por participantes imediatamente identificados e únicos. No caso da amostra brasileira, o emissor é o entrevistador Jô Soares e os destinatários são as pessoas entrevistadas por ele – na maior parte dos casos, pessoas públicas com alto nível de escolaridade (cf. quadro 13). Nesse gênero, ainda participam os espectadores, pessoas que acompanham a interação comunicativa, porém, não são destinatários diretos – sob essa descrição, encaixam-se a plateia do programa e os próprios telespectadores. Os interlocutores, ao modelarem as suas falas, consideram a figura um do outro e a presença desses terceiros participantes, nem sempre familiares a eles (BELL, 1984, 2001)<sup>132</sup>.

A relação entre entrevistador e entrevistado é interativa, dado que ambos estão presentes e podem se dirigir abertamente um ao outro, no entanto, ao mesmo tempo, também é possível visualizar um discurso assimétrico entre eles, visto os papéis que assumem na situação comunicativa (um é responsável por conduzir a interação, concentrando-se nele o controle da emissão do programa, e o outro responde às perguntas). Durante as entrevistas, não é raro o entrevistador se reportar aos entrevistados como seus amigos, inclusive, relatando situações vivenciadas por eles. Isso deixa transparecer a ideia de que os interagentes nutrem algum tipo de relação e, conseqüente, compartilham o conhecimento dos assuntos levantados – de dez entrevistas transcritas, em apenas duas os participantes parecem não ter intimidade entre si.

Relaciona-se ao gênero em questão o canal da fala – as entrevistas representam um gênero tipicamente falado. De acordo com o canal, seguem-se as condições de produção das

---

<sup>132</sup> Cf., na subseção 3.1.1, o conceito de *audiência* proposto por Bell (1984, 2001).

entrevistas: se tomadas essencialmente em relação às falas dos entrevistados, os usos linguísticos são produzidos em tempo real, sem planejamento, já que o enunciado vai sendo dito ao mesmo tempo que o falante pensa sobre o que gostaria de proferir. O entrevistador, por sua vez, produz enunciados espontâneos, à medida que se comunica com o destinatário, sem saber previamente a informação que receberá, mas, também, segue um roteiro de perguntas, preparado com antecedência.

Quanto ao cenário, os participantes compartilham o lugar e o tempo da comunicação; eles têm uma conversa, parcialmente, particular em um lugar público (programa televisivo) – uma vez que só os dois interagem, entretanto, estão envoltos por (tel)espectadores –, e, segundo o que discutem, remetem-se à contemporaneidade ou a períodos remotos. Em geral, as conversas se baseiam nas opiniões pessoais do entrevistador e do entrevistado.

Os propósitos comunicativos das entrevistas brasileiras investigadas são informar, entreter e, o mais evidente, apresentar ao público uma imagem positiva do entrevistado ou de algum evento ou instituição associado a ele – isto é, autopromover alguém ou algo. A temática dominante das entrevistas transcritas se refere à divulgação de produtos – culturais e outros.

Na sequência, observam-se três trechos de diferentes entrevistas, que possibilitam compreender os fatores contextuais descritos.

(A) (PB, *entrevista*, 04/11/2009)

Jô Soares: Luiz Gonzaga... vamo falar do livro aqui... Os antecedentes da tormenta... Origens da cli / da crise global... você...

[

Luiz Gonzaga Belluzo: cê viu?... deixa eu te mostrar uma coisa... cê viu que o livro / a capa... que de cor é?...

Jô Soares: verde...

Luiz Gonzaga Belluzo: fui eu que escolhi...

Jô Soares: fez muito bem... agora... ahn::... você aqui no / aqui no livro né... reflexões e teoria... história... você fala / você fala especificamente...

Luiz Gonzaga Belluzo: dessa crise aí...

Jô Soares: dessa crise atual... essa crise te surpreen / aqui tem / eu queria te mandar depois um texto que eu fiz sobre... sobre a [inint] / que se chama A bolsa... A bolsa e a vida... sobre a crise de trin / de vinte-e-nove... sobre / apanhado de / de / de jornalismo do mundo inteiro... se te interessar eu vou te mandar pelo e-mail...

Luiz Gonzaga Belluzo: me manda... manda...

(B) (PB, *entrevista*, 05/11/2009)

Jô Soares: tenho aqui ao meu lado a minha amiga Ana Maria Braga... que na realidade eu devo revelar a vocês... que ocupou o meu espaço aqui na Globo porque a minha ideia primeira era fazer um programa de culinária... mas o meu perdeu pro dela por pontos... foi coisa assim de... por meio ponto... antes da gente ir pra lá praquela mixórdia eu vou / eu quero te entregar aqui... o Viva o Gordo e vou te pedir pra me acompanhar...

[

Ana Maria Braga: ahn... [o que será que vai acontecer?...] ah eu tava curiosíssima... gente... éh... eu de vez em quando... eu de vez em quando pego / peço pra / pra / pro pessoal da Globo aqui me dar um pedaço dos seus programas antigos... pra eu mostrar.... agora eu vou ter o DVD em casa... onde cê vai Jô?...

Jô Soares: me dá aqui o avental... eu vou botar um protetor aqui de amianto...

Ana Maria Braga: olha que chique... por que que não dão também um avental Mais Você pro Jô?... tá lindo...

(C) (PB, entrevista, 12/11/2009)

Cristiane Torloni: Jô... mais uma vez eu quero te agradecer... eu tenho que sempre agradecer o Jô porque além de toda a questão cultural você tem recebido as questões ecológicas aqui... éh... de uma maneira nobre... eu vi o Vitor fazendo semana retrasada aqui... o Minc aqui...

Jô Soares: claro que sim... o Minc foi muito bem aliás...

Cristiane Torloni: é... não... ele foi bárbaro... eu quero te agradecer porque aqui virou um... assim... um... um lugar aonde você abre pra tudo... e tem sido um guerreiro protegendo a nossa Amazônia... muito obrigada tá bom?...

Jô Soares: imagina... o que é isso... mais do que obrigação... olha aqui... ahn... Viva o Gordo... sete anos de Viva o Gordo... saiu finalmente em DVD... tá tudo aqui... personagens... tudo... desde mil-novecentos-e-oitenta-e-um...

Participam do gênero *noticiário de TV*, em princípio, jornalistas (emissores) e um conjunto não enumerado de telespectadores (destinatários). Cabe esclarecer que âncoras, repórteres e convidados podem ecoar em suas falas outras vozes além das suas, como, por exemplo, a voz da empresa jornalística responsável pela produção do telejornal – nessa situação, a Rede Globo.

A respeito dos destinatários, o público-alvo do *Jornal Nacional* é bastante amplo e heterogêneo, posto que é o noticiário televisivo mais assistido no Brasil (cf. tabela 89), conforme apresentado no *Relatório de Pesquisa Quantitativa Consolidado – Hábitos de Informação e Formação de Opinião da População Brasileira*, realizado pelo Instituto de Pesquisa Meta, em 2010<sup>133</sup>. Segundo as pessoas consultadas, o principal motivo pelo qual assistem ao *Jornal Nacional* é o fato de confiarem na emissora (cf. tabela 90).

<sup>133</sup> O relatório apresenta os resultados consolidados das seguintes pesquisas: *Hábitos de Informação das Regiões Norte e Nordeste*, *Hábitos de Informação das Regiões Sudeste e Centro-Oeste* e *Hábitos de Informação da Região Sul*. Através do método de coleta de dados por *survey*, com técnica de entrevista pessoal domiciliar, foi ouvido um total de 12.000 pessoas, maiores de 16 anos e residentes em domicílios particulares permanentes do território brasileiro. Os dados estão disponíveis em <<http://www.fenapro.org.br/relatoriodepesquisa.pdf>>.

Tabela 89. Telejornal mais assistido no Brasil

<b>Telejornal</b>	<b>%</b>
Jornal Nacional	56,4
Jornal da Record	7,4
Jornal Hoje	2,8
Jornal da Globo	2,7
Jornal da Band	1,9
Balanço Geral	1,4
Jornal do SBT	1,4
Record News	1,2
Bom Dia Brasil	0,7
Brasil Urgente	0,5
Outros	3,2
Jornais locais	13,8
Sem preferência	5,8
Não assiste ao telejornal	0,8

Fonte: META (2010, p. 21)

Tabela 90. Motivos pelos quais assiste ao *Jornal Nacional*

<b>Motivos</b>	<b>%</b>
A emissora é confiável	27,8
Identifica-se com as notícias veiculadas	23,3
Linguagem simples, fácil de entender	18,7
Os apresentadores são confiáveis	12,8
Forma de comunicação dos apresentadores	10,8
Não tem outras opções	4,1
Não sabe	2,5

Fonte: Adaptação de META (2010, p. 21)

As notícias são faladas, no entanto, constroem-se primeiramente na forma de textos escritos, planejados e revistos. É por essa característica, referente à fala e também à escrita, que se considera, neste estudo, o *noticiário de TV* um gênero misto.

Nos noticiários, os interlocutores (jornalistas e telespectadores) não dividem o contexto físico da comunicação nem interagem do mesmo modo como nas entrevistas, onde o desdobramento de tais características é clara e diretamente observado. No entanto, alguns recursos fazem com que esses fatores, ainda que de forma discreta, sejam mais atuantes nos noticiários do que nas cartas e, principalmente, nos editoriais. O uso de imagens como ponto fundamental da produção de uma notícia televisiva acaba permitindo a contextualização mais precisa dos destinatários quanto ao cenário comunicativo; além disso, referente à relação entre os participantes, no decorrer dos anos, os telejornais têm se mostrado mais abertos à interação

com os seus telespectadores, a começar pela divulgação da ideia de que os emissores *entram* nas casas dos destinatários, construindo com eles um convívio mais estreito, até as próprias alterações em seus formatos, tornando-os mais flexíveis<sup>134</sup>.

O propósito padrão, e explícito, de qualquer noticiário (e, portanto, também do *Jornal Nacional*) é informar às pessoas os fatos recentes e considerados relevantes para os grupos sociais. Associado ao ato de informar, entretanto, em direção oposta à noção de imparcialidade que o veículo de comunicação divulga seguir, frequentemente se observam outras funções nas notícias transcritas, dessa vez funções implícitas: induzir certos comportamentos e fazer propaganda política. São tratados, de forma mais recorrente, tópicos relacionados à economia, à cultura, à saúde, à polícia, à política, ao esporte, etc. – como já mencionado nesta pesquisa.

Abaixo, para exemplificar o material examinado, apresentam-se quatro notícias.

(D) (PB, *noticiário*, 07/06/2002)

Fátima Bernardes (âncora): jornalistas do Rio de Janeiro fizeram manifestação de protesto hoje contra o desaparecimento do repórter da Rede Globo Tim Lopes... uma comissão vai ser criada pra acompanhar de perto as investigações da polícia... e as buscas ao jornalista continuam no morro onde ele foi visto pela última vez no domingo...

André Luiz Azevedo (repórter): as tropas especiais voltaram a subir a favela Vila Cruzeiro... percorreram os mesmos caminhos suspeitos... mas os policiais retornaram mais uma vez sem conseguir responder à pergunta... “onde está Tim Lopes?”... que desapareceu no domingo à noite... a faixa foi colocada na Associação Brasileira de Imprensa e depois levada para a manifestação no centro do Rio... o ato foi organizado pelo Sindicato dos Jornalistas... ABI... Federação dos Jornalistas e mais diversas entidades da categoria... os colegas de redação se dividiram entre os que estavam trabalhando e os que vieram participar do protesto... mais do que amigos... admiradores de Tim Lopes... a Cúpula da Segurança do Estado também compareceu... os jornalistas decidiram criar uma comissão de todos os veículos para fiscalizar as investigações da polícia e também exigir das autoridades que apurem as denúncias sobre o baile funk da Vila Cruzeiro... eram denúncias sobre venda... consumo de drogas e shows de sexo com menores no baile que Tim investigava quando desapareceu... o baile acontece aos domingos... a manifestação foi um apelo de amigos... parentes... companheiros... entidades de classe... pedindo mais empenho na investigação do desaparecimento do jornalista Tim Lopes... mas foi também uma denúncia e uma advertência à sociedade... de que a violência contra um repórter é uma agressão à liberdade de imprensa... {fala de Marcelo Beraba}{fala de Carlos Minc}{fala de Maurício Menezes}{fala de Albeniza Garcia}{fala de Fernando Gabeira}{fala de Renato Garcia}...

(E)

(1) (PB, *noticiário*, 07/06/2002)

William Bonner (âncora): o presidente Fernando Henrique Cardoso lançou hoje no Rio de Janeiro o Cartão Cidadão... um cartão magnético que permite o recebimento de recursos de cinco programas sociais do governo federal... Bolsa Escola... o Bolsa Alimentação... o Programa de Erradicação do Trabalho Infantil... o Auxílio Gás e o Agente Jovem... num discurso durante a cerimônia o presidente fez um balanço dos oito anos de governo {fala do presidente FHC}... a Câmara dos Deputados fez hoje uma sessão solene em homenagem ao Núcleo de Teledramaturgia da Rede Globo para destacar o trabalho educativo contra o uso de drogas veiculado na novela O Clone... a sessão foi proposta pelo deputado Chico Sardeli do PFL de São Paulo...

<sup>134</sup> Em alguns telejornais, inclusive, atualmente os telespectadores podem participar em tempo real das edições, através de mensagens enviadas pelas redes sociais. As reações às notícias são imediatas. No caso do *Jornal Nacional*, esse tipo de interação ainda não ocorre.

(2) (PB, *noticiário*, 09/08/2003)

Carlos Nascimento (âncora): o presidente Lula aproveitou o sábado de sol em Brasília pra comemorar a aprovação da Reforma da Previdência com churrasco e futebol... na Residência Oficial do Torto o presidente vestiu a camisa dez... fez um aquecimento rápido e posou para fotografias... aos dez minutos de jogo deixou o campo com dor no joelho direito... do banco de reservas viu o seu time vencer por cinco a três...

(F) (PB, *noticiário*, 09/08/2003)

Carlos Nascimento (âncora): no Pan-Americano de Santo Domingo uma das provas mais tradicionais do atletismo teve hoje duas versões com o mesmo fim... um brasileiro e uma brasileira foram os vencedores da maratona... Tino Marcós (repórter): a história que vai terminar em ouro começa sob a luz dourada dos faróis... até o quilômetro vinte a maratona é de quase todas... Márcia Narloch sempre entre as primeiras... num dos postos de hidratação não conseguiu beber água... tinha pressa... punhos cerrados... desprezou o calor... a umidade... aumentou o ritmo e chegou ao Estádio Olímpico absoluta... três minutos à frente da segunda colocada... é a primeira brasileira com medalha de ouro neste Pan {fala de Márcia}... entre os homens... Vanderlei Cordeiro de Lima também arrancou na segunda metade da corrida... chegou com folga ao Estádio Olímpico... assim terminava seu voo solo... e como se percebe... com certa turbulência... faltava uma volta na pista... na reta final... mandar beijos ele até conseguiu... queria sorrir... abrir os braços... mas cruzar a linha de chegada já era o bastante... e o campeão desabou... quis se levantar... cambaleou... precisou de atendimento médico... deitou-se no chão... estava no céu {fala de Vanderlei}... na segunda-feira ele completa trinta-e-quatro anos... foi o segundo título seguido de Vanderlei em jogos Pan-Americanos... a vigésima maratona na carreira e... segundo ele... os quarenta-e-dois quilômetros mais difíceis {fala de Vanderlei}...

As *cartas*, que corporificam um gênero escrito, são produzidas por leitores e endereçadas ao próprio jornal que pode (ou não) publicá-las. Todo o público que as lê passa a ser o espectador dessas produções. Nesse processo, conforme já discutido, ainda existe o editor, que exerce o papel de adequar os textos recebidos às normas de publicação da empresa jornalística em questão, até mesmo dando títulos a eles. Muito pouco se sabe sobre esses emissores (leitores que escrevem para o jornal), uma vez que, comumente, as cartas só trazem as suas assinaturas e locais de origem. A interação entre leitor e jornal, de fato, é mínima<sup>135</sup>.

Nas cartas extraídas d'*O Estado de S. Paulo*, em sua grande maioria, os autores/leitores protestam contra políticos, elogiam ou criticam algum outro texto divulgado anteriormente no jornal (uma notícia, um editorial ou, inclusive, a carta de outro leitor), utilizam do espaço público para chamar atenção de autoridades, do próprio meio de comunicação ou de outros cidadãos para problemas específicos de sua comunidade e/ou apenas dão a sua opinião sobre algum fato atual. À vista disso, os tópicos podem ser os mais diversos possíveis, entretanto, todos são abordados a partir de um posicionamento bem definido.

Em seguida, verificam-se três cartas de leitores.

---

<sup>135</sup> Não é habitual, porém, o jornal responder à carta de algum leitor. Dentre as 227 cartas analisadas d'*O Estado de S. Paulo*, não se encontrou resposta a nenhuma delas.

(G) (PB, carta, 2001)

*Pimenta nos outros...*

Ao ler na edição de 7/7 do Estadão que dona Marta do PT está a distribuir queixumes contra o PSDB da capital, que lhe estaria tornando a vida um inferno, não pude conter minha indignação diante de tamanha desfaçatez e cara-de-pau. Ora, ora, dona Marta, não é o PT que há sete anos se vem utilizando de manobras espúrias e eleitoreiras para desestabilizar e tornar inviável o governo FHC? Prove, então, do seu próprio veneno, dona Marta do PT. Em vez de se lamuriar sobre aquilo que seu partido é mestre em fazer, procure simplesmente "prefeitar", pois a cidade, nestes seis meses, já está a considerá-la o pior dos prefeitos que já teve, apesar de Pitta, Maluf e Erundina. Inferno, dona Marta, é o que ainda vem por aí, no tempo que lhe resta de governo... Flávio Rivero Rodrigues, São Paulo

(H) (PB, carta, 2007)

*Xeque-mate*

Gostaria de dar parabéns ao Estadão pelo brilhante editorial: *O xeque-mate de Evo Morales* (9/5, A3). De fato, o que se fez cancelando reuniões em que se discutiria a concessão de benefícios tarifários para a importação de produtos bolivianos e créditos para fornecimento de tratores à Bolívia foi muito pouco. Conforme o editorial, a expropriação das refinarias é fato consumado, sendo assim, concordo plenamente com as palavras do jornal: "... cancelar definitivamente toda a ajuda que tem sido dada à Bolívia, que inclui desde o perdão da dívida até a assistência técnica das áreas legal e fiscal, ... e renunciar aos acordos de cooperação vigentes". E mais, que o presidente Lula se conscientize de que Hugo Chávez de *mui amigo* não tem nada e que está usando o Brasil como bode expiatório por não conseguir cumprir suas promessas de campanha e, em vista disso, colocou o povo brasileiro como inimigo dos bolivianos e o Brasil como país imperialista ladrão. Que o que está acontecendo sirva de alerta ao nosso presidente, e que ele entenda que muitas vezes não se deve dar os braços para quem está se afogando, pois, na maioria das vezes, puxa a gente junto. ADHERBAL RAMON GONZÁLEZ, Santa Cruz das Palmeiras

(I) (PB, carta, 2001)

*Rua Formosa*

Como cidadão, sinto-me na obrigação de denunciar o caos que existe no espaço ocupado pela dita Rua "Formosa", baixos do viaduto e entrada do metrô, em São Paulo. Camelôs ocupam a calçada, vendendo contrabando e discos piratas. Táxis param embaixo de placas de "proibido estacionar", carrocinhas de água de coco, balcões de cachorro-quente sujam as calçadas, mendigos espalham-se pelo gramado e, finalmente, a mais nova aquisição: menores entre 4 e 14 anos cheiram cola, que eles mantêm em reserva estratégica nos respiradouros de eletricidade. Será que é essa a valorização do Centro dito "velho" desta pobre capital? Amílcar João Lafavia, São Paulo

Os textos referentes ao gênero *editorial* podem ser atribuídos a um emissor institucional, isto é, a um indivíduo que escreve em nome de uma instância autoral superior, o próprio jornal. Nesses textos, claramente, identifica-se o pensamento da empresa jornalística que os produz – no caso dos editoriais brasileiros analisados, observa-se a postura conservadora d’*O Estado de S. Paulo*, voltada a interesses considerados “de direita” (MAGALHÃES, 2013). Sobre o destinatário dos editoriais, o periódico brasileiro em questão é lido por um conjunto não enumerado de pessoas; é um jornal de ampla circulação. No entanto, em geral, é possível afirmar que é um veículo direcionado às classes intelectualizadas (RÊGO; AMPHILO, 2007). Dadas as particularidades dos participantes, não sendo únicos e facilmente identificados, não há interação entre eles na produção/recepção dos editoriais.

Assim como no caso das cartas, a produção de um editorial envolve planejamento, revisão e determinadas formatações. Seguindo as características de textos impressos públicos,

o escritor do editorial (jornalista/empresa jornalística) aposta nos conhecimentos de seu leitor, tanto para distinguir o lugar e o tempo da produção comunicativa quanto para, propriamente, decifrar a mensagem transmitida, a partir de seu repertório sociocultural.

Os editoriais, com discurso persuasivo-argumentativo, julgam atores sociais e instituições da vida pública. Os textos estudados se referem, preferencialmente, a questões da justiça, da economia e da política brasileira.

Na sequência, três editoriais coletados são reproduzidos.

(J) (PB, *editorial*, 2001)

Um erro grave

O líder do governo na Câmara, deputado Arnaldo Madeira, errou quando afirmou que a decisão do presidente do Supremo Tribunal Federal (STF), ministro Marco Aurélio Mello, de determinar o pagamento dos salários dos professores das universidades federais em greve, “não é séria”. A decisão, ao contrário, é seríssima, justamente porque, se prevalecer o entendimento do presidente do Supremo no julgamento do mérito da questão, estará criada uma nova figura no direito brasileiro: a greve remunerada.

Mas esse não é o aspecto mais grave da decisão do ministro Marco Aurélio Mello. Ao conceder a liminar que garantiu ao Ministério da Educação o direito de não pagar os salários dos professores em greve, o ministro Ilmar Galvão invocara entendimento anterior do STF, relatado pelo ministro Celso de Mello, segundo o qual os funcionários públicos só podem exercer o direito de greve depois de editada lei complementar regulamentando o referido direito. Não existindo, ainda, tal lei, fica inviabilizado o exercício de direito de greve dos servidores públicos e suas faltas ao trabalho – conforme o voto do ministro Celso de Mello – não podem ser abonadas, a não ser com grave lesão à ordem administrativa das Universidades.

O presidente do Supremo desconsiderou esse precedente. Definiu, em seu despacho, que a greve é um direito natural que não pode ser tolhido pela falta de lei complementar que regule a greve dos funcionários públicos e que a falta de pagamento dos dias parados, enquanto durar a greve, é uma negação desse direito. Se esse entendimento for acolhido pelo plenário do Tribunal – o que é extremamente duvidoso –, pode-se chegar ao limite da greve, por tempo ilimitado e por quaisquer motivos, dos integrantes das Forças Armadas e das polícias, sem que as limitações constitucionais ao direito de greve se apliquem, pois esse seria um direito natural “porque ligado à dignidade do homem – consubstanciando expressão maior de liberdade a recusa, ato de vontade, em continuar trabalhando sob condições tidas como inaceitáveis”.

É ainda surpreendente que o ministro Marco Aurélio Mello veja a greve exclusivamente como “derradeiro recurso contra (...) a exploração do homem pelo Estado”. Há casos em que assim é, e então o funcionário precisa de proteção. Mas ocorre, também, que a greve seja um instrumento de exploração do Estado – de toda a sociedade – pelo homem, ou que a greve não se faça “contra condições inaceitáveis”, mas por motivos eminentemente políticos. E parece ser esse o caso da greve dos professores universitários, cuja duração já passa dos 70 dias. Boa parte das reivindicações econômicas dos grevistas foi atendida e, no entanto, a greve prossegue, pois a cada concessão feita pelo governo surge uma nova exigência do comando dos grevistas. Essa atitude indica que o movimento paredista já não tem o objetivo de melhorar salários e sim o de constrianger politicamente o governo.

Nesse caso, quem precisa de proteção são os milhares de estudantes universitários que estão sendo privados de aulas e correm o risco de perder o semestre porque as lideranças sindicais dos professores decidiram fazer a greve pela greve e agora receberam o apoio do presidente do Supremo Tribunal Federal, que acaba de criar o direito remunerado à greve.

O não-pagamento dos dias parados não é, como entendeu o ministro Marco Aurélio Mello, uma forma de negar o direito à greve. Antes de constituir pressão para a volta ao trabalho, é uma questão elementar de justiça: quem não trabalha não recebe, e com maior razão ainda quando se trata de dinheiro público. O presidente do Supremo argumenta que, nos países democráticos, é inadmissível deixar-se à míngua quem se dispõe a exercer um direito, o de greve. Equivoca-se. Nos países democráticos, as categorias que se dispõem a fazer greves prolongadas constituem fundos especiais para o sustento de suas famílias. Não é o Estado que sustenta essas aventuras, muito menos quando têm caráter nitidamente político.



(K) (PB, *editorial*, 2006)

Por que Lula não levou

O presidente Lula só tem a culpar a si mesmo e ao seu partido pela derrota de domingo. Derrota, sim. Não há outro nome a dar para um resultado que vaporizou mais de meio ano de previsões baseadas em pesquisas que até a terceira semana de setembro davam como líquida e certa a reeleição em primeiro turno. Além disso, não apenas Lula não chegou lá, mas, numa arrancada final surpreendente, Geraldo Alckmin obteve nas urnas mais do que lhe davam as mesmas sondagens recentes que já não permitiam dizer se a sucessão se resolveria em uma ou duas disputas. Ao começar a última volta do circuito, era quase geral a certeza de que o ex-governador paulista não conseguiria forçar a realização do tira-teima de 29 de outubro pela quase absoluta impossibilidade de transferir para si uma parcela dos votos lulistas tidos como inamovíveis. Pois foi o que aconteceu: comparando as derradeiras prévias com os fatos consumados de anteontem, vê-se que, em duas semanas, algo como 5 milhões de sufrágios mudaram de lado.

Mudaram, principalmente, no Brasil que é de desejar para todos os brasileiros - o menos distante das sociedades prósperas, educadas e modernas do mundo contemporâneo. Nos oito Estados com os melhores indicadores sociais, conforme o índice de Desenvolvimento Humano (IDH) da ONU, Alckmin só não venceu no Rio de Janeiro. E em nenhuma parte Lula chegou na frente com tão esmagadora vantagem como no Amazonas (12º. mais baixo IDH do País) e no Maranhão (27º. e último). Em resumo, pode-se dizer que Alckmin ganhou no Brasil que sustenta o governo federal e perdeu no Brasil que é sustentado pelo governo federal. No eleitorado do Brasil desenvolvido calaram fundo os dois eventos singulares que ao fim e ao cabo privaram o presidente do êxito definitivo que lhe parecia plenamente assegurado. Foram a sua ausência no debate da Rede Globo e o aparecimento na mídia das fotos do dinheiro que serviria para comprar o suposto dossiê antitucano, que a todo custo o Planalto tentou esconder.

No primeiro caso, Lula foi punido pela soberba. Contra o conselho dos mais próximos interlocutores, ele decidiu não enfrentar os seus adversários no grande momento da competição eleitoral. Confiando cegamente que, agisse como agisse, a maioria absoluta dos votos não lhe faltaria, ele subestimou o impacto da imagem da cadeira vazia, sobretudo nos telejornais do dia seguinte. Diziam os gregos que os deuses cegam aqueles a quem querem destruir. Mas a cegueira de Lula advém do fato de ele não conhecer os brasileiros tanto quanto imagina, notadamente os que não se deixam enganar pela sua retórica primária. Mesmo entre os seus correligionários e aliados, decerto não foram raros os que se decepcionaram com a sua recusa em participar de um evento político que a sociedade inteira considera essencial. A cadeira vazia simbolizou, assim, a arrogância que o fez garantir que iria “matar” a eleição domingo.

No segundo caso, Lula foi atingido pela notória propensão de seus companheiros do PT para a delinquência política. Nada tendo aprendido com o mensalão, talvez porque poucos pagaram pelo crime e o presidente recobrou a popularidade que parecia perdida em fins do ano passado, a “sofisticada organização criminosa” petista imaginou que também sairia impune do golpe sujo contra o ex-ministro da Saúde e candidato ao governo paulista, José Serra, que armou em conluio com os chefes da máfia dos sanguessugas. Revelada a torpeza, Lula tentou em vão controlar os danos. Cobriu de impropérios os seus autores em público e tratou de impedir, nos bastidores, a veiculação das fotos da prova viva do escândalo. O fracasso da operação-abafa reavivou para muitos a já quase apagada memória do mensalão - ajudando a quebrar a safra reeleitoral do presidente. Agora, no que depender da oposição, a baixaria continuará assombrando a sua campanha até a enésima hora.

Um dos critérios para avaliar a robustez de uma democracia é a incerteza dos resultados eleitorais. A incerteza atesta a independência do eleitor e a diversidade de questões que ele leva em conta ao votar - geradora de surpresas, como o triunfo do petista Jaques Wagner na Bahia, em pleno feudo carlista, e a vitória de Yeda Crusius, com a exclusão do governador Germano Rigotto do segundo turno no Rio Grande do Sul. A cada eleição, o eleitorado dá provas de amadurecimento. Quanto mais vezes for chamado a se pronunciar, mais ele tenderá a usar a cabeça no dia D da digitação.

(L) (PB, *editorial*, 2010)

Balanço final

A era Lula - que pode, ou não, ter chegado ao fim neste 31 de dezembro - foi um período único na história da República. À parte as razões mais óbvias disso, a começar da singular trajetória do presidente e de sua excepcional aptidão para se fazer idolatrado pela maioria dos brasileiros, o ciclo de oito anos que se encerra formalmente hoje se distingue por entrelaçar o melhor e o pior que um governante eleito pelo voto popular já proporcionou ao País. Esse entrelaçamento é o que desaconselha julgar a presidência Lula de um modo esquemático. Dela já se disse, por exemplo, que o seu lado bom não é novo e o seu lado novo não é bom. O jogo de palavras antepõe duas coisas sabidas. De um lado, o que sem dúvida foi a decisão crucial do presidente de preservar, quando não aprofundar, as linhas mestras da política macroeconômica implantada pelo seu antecessor Fernando Henrique Cardoso. De outro, a política nefasta, em escala sem precedentes, de subordinar o Estado aos interesses da confraria partidária-

sindical que se converteu, graças a sua eleição, na nova elite do poder no Brasil. Ao que se soma a degradação das relações entre o Executivo e o Legislativo e a exploração deslavada do carisma presidencial.

Na realidade, a primeira metade do argumento omite que Lula não apenas teve a lucidez de manter os princípios de gestão econômica que até hoje ele chama de “herança maldita” - provavelmente o que a sua retórica teve de mais mistificador -, como ainda chefiou um governo que demonstrou ter a competência necessária para fazê-lo. Ao mesmo tempo, ele fazia valer a sua liderança para enquadrar a companheirada insatisfeita com o pragmatismo responsável na condução da economia, sem o qual, repita-se pela enésima vez, o Brasil não teria tirado o proveito que tirou de um dos maiores ciclos de expansão dos negócios globais no pós-guerra. E sem o qual, no limite, não teria sido possível resgatar 28 milhões de pessoas da pobreza extrema e alçar outros 36 milhões à classe média.

Já a segunda metade do argumento omite que o mesmo Lula, que não há de ter estado alheio ao mensalão; que não teria por que se surpreender com o vexame dos “aloprados” na campanha eleitoral de 2006; que se entregou de corpo e alma aos expoentes do atraso, do patrimonialismo e da venalidade no sistema político nacional; e que, enfim, se colocou acima do próprio Estado do qual deveria ser o primeiro servidor, ao se declarar a “encarnação do povo”, nunca se dispôs a alterar a Constituição para disputar um terceiro mandato consecutivo, ao contrário do que a oposição dava como certo.

É verdade que ele se serviu desbragadamente do governo para eleger a ministra Dilma Rousseff. Mas, na soma algébrica dos prós e dos contras, ele tem a seu crédito a estabilidade das regras democráticas no País.

Outro paralelo semelhante, desse ângulo, é o da atitude de Lula em relação à imprensa. Tomados pelo valor de face, os seus virulentos ataques aos meios de comunicação expressariam uma intenção liberticida. E, no entanto, no que dependeu dele, a imprensa brasileira é hoje tão livre como no dia 1º de janeiro de 2003. O Lula falante, por sinal, é uma caricatura do Lula governante.

Se o seu governo tivesse que ser julgado pela catadupa de palavras impróprias - e não raro mentirosas - que ele proferiu, nada mitigaria a percepção de que o Brasil viveu um período de retrocesso e de achincalhe da instituição presidencial. O problema, de novo, é destrinchar as coisas.

Os abusos verbais de Lula, às vezes à beira do impubescível, remetem ao espetáculo da política personalista e ao lado rústico de um temperamento construído sob a servidão da vicissitude. Mas as suas políticas resultaram de outro traço de sua formação - o da opção preferencial pela conciliação de interesses, que o Lula líder sindical aprendeu na mesa de negociação com o patronato. Dos beneficiários do Bolsa-Família ao grande capital, todos tiveram o seu quinhão.

Na mesma conjuntura de bonança econômica, um outro presidente poderia não ter idêntica sensibilidade para os dividendos políticos da acomodação. A simbiose de ótimo e péssimo que marcou a era Lula teve nisso o seu ponto culminante.

### 5.3.1.1 A proposta dos *continua*

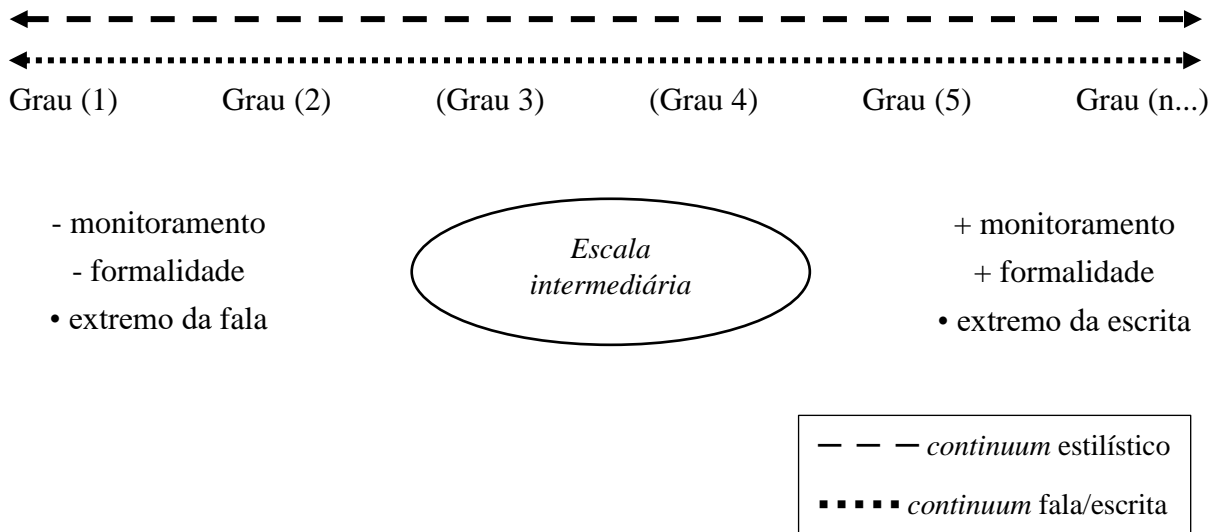
Considerando que os gêneros textuais são uma ferramenta eficiente para a realização de análises estilísticas<sup>136</sup>, supõe-se que, ao serem comparados entre si, segundo as suas características situacionais, podem ser distribuídos em um *continuum* estilístico. Propõe-se, neste estudo, que ao *continuum* estilístico se correlaciona o *continuum* fala/escrita, discutido principalmente nos trabalhos de Marcuschi (2008, 2010), como explorado no decorrer desta tese. Por um lado, ao extremo de menor monitoramento se associam frequentemente produções orais e, ao extremo de maior monitoramento, produções escritas; por outro lado, um olhar mais apropriado às gradações existentes entre fala e escrita não pode se basear somente nos conceitos de *concepção* e *meio* (MARCUSCHI, 2008, 2010), mas, inclusive, em outros fatores contextuais envolvidos na situação comunicativa, que são abordados sob a perspectiva do *continuum* estilístico. Por isso, para a total compreensão de qualquer comunicação/interação

---

<sup>136</sup> Cf. subseção 3.1.1.2.

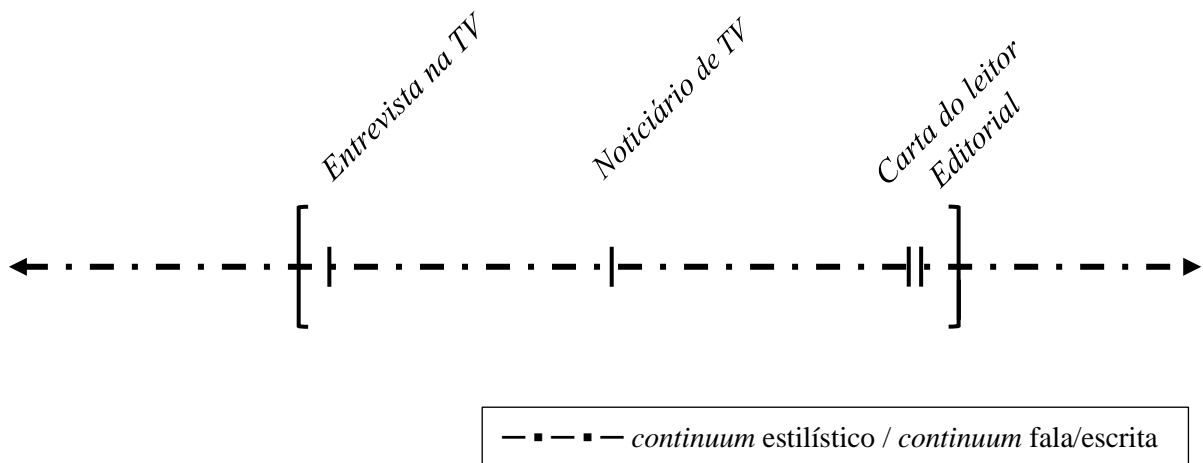
humana, que se dá através dos gêneros textuais, aposta-se na aproximação dos referidos *continua*, conforme ilustrado na próxima figura, na qual se apresentam o *continuum* estilístico na linha tracejada e o *continuum* fala/escrita na linha pontilhada.

Figura 12. Representação do *continuum* estilístico e do *continuum* fala/escrita



Para a organização dos gêneros jornalísticos investigados nesses *continua*, leva-se em consideração, em primeiro lugar, que antes do gênero *entrevista na TV* e depois do gênero *editorial* existem outros gêneros, ainda mais próximos, respectivamente, dos extremos esquerdo e direito dos *continua* – cf. figura 13. Não se parte, portanto, de um gênero representativo de um grau inicial de monitoramento e, tampouco, chega-se a um gênero de grau máximo.

Figura 13. Distribuição dos gêneros jornalísticos nos *continua*



O que se defende neste estudo é que, atentando-se às especificidades dos fatores contextuais de cada gênero jornalístico examinado, em especial àquelas associadas aos participantes (e às relações entre eles) e ao canal da situação comunicativa (e, como consequência, às suas condições de produção), (i) o gênero *entrevista de TV* se relaciona mais ao extremo da fala, sendo produzido/recebido com menor monitoramento e menor formalidade; (ii) o gênero *editorial* e, também, o gênero *carta do leitor* correspondem mais ao extremo da escrita, com produção/recepção cercada de mais monitoramento e mais formalidade; e (iii) o gênero *noticiário de TV* se posiciona entre os outros gêneros citados, dadas determinadas mesclas em sua constituição.

Sobre os gêneros *carta do leitor*, *editorial* e *noticiário de TV*, algumas observações ainda devem ser feitas. As cartas e os editoriais aparecem bem próximos nos *continua*. O único aspecto responsável pelas cartas ocuparem o lugar à esquerda dos editoriais é que, nelas, ainda é possível apontar alguma interação entre os interlocutores – muito limitada, mas existente. As notícias televisionadas se encontram em uma posição intermediária porque mantêm traços das duas modalidades de uso da língua e, quanto à relação entre os participantes, os telejornais têm investido em um vínculo mais direto com os telespectadores. Nesse ambiente, parece que emissores e destinatários estão mais envolvidos do que nos gêneros propriamente escritos.

Em geral, sustenta-se que o uso mais ou menos acentuado de formas não marcadas depende da posição do gênero jornalístico nesses *continua* – em ordem decrescente, devem ser mais frequentes nas entrevistas, nos noticiários, nas cartas e nos editoriais.

A seguir, a partir dos resultados do PB, quanto à colocação pronominal, confere-se a validade da distribuição dos gêneros proposta.

### **5.3.2 Variação diafásica e os resultados do PB – diferenciação geral entre os gêneros**

A ordenação dos gêneros textuais nos *continua* estilístico e fala/escrita deve ser sugerida independentemente do fenômeno a ser analisado. Por isso, somente agora, após a descrição dos gêneros jornalísticos considerados, e os seus posicionamentos nos *continua*, é que se verifica como os resultados varicionistas encontrados da posição dos clíticos pronominais no PB se correlacionam às diferentes situações comunicativas estudadas.

A investigação dos fatores linguísticos, dentre outros apontamentos, confirmou notavelmente a tendência de o clítico acusativo *o(s)/a(s)*, adjungido a formas infinitivas, manter-se à direita de seu hospedeiro, nas entrevistas, nos noticiários, nas cartas e nos editoriais – V-cl no contexto de um único verbo e V1 V2-cl no âmbito dos complexos verbais. Dessa

maneira, julgou-se pertinente excluir, para as análises qualitativas seguintes, os dados correspondentes a esses casos, já que resultam de condicionamento estrutural bastante específico.

Direciona-se a discussão desta subseção a partir dos três contextos linguísticos utilizados para a organização dos resultados desde o princípio: (i) o contexto de início absoluto de oração/período, (ii) o contexto de proclisadores tradicionais e (iii) o contexto de proclisadores não tradicionais. Quanto à cliticização a um verbo simples, não se trata dos pronomes clíticos submetidos ao segundo contexto mencionado, pois, ao contrastar a manifestação das variantes nos quatro gêneros jornalísticos, não há praticamente variação – diante de proclisadores tradicionais, a colocação pré-verbal é fortemente predominante, sobretudo após a exclusão dos dados de acusativo de 3ª. pessoa adjacente a infinitivo, atingindo inclusive índice categórico em alguns gêneros.

Embora todas as variantes (cl V / V-cl e cl V1 V2 / V1(-)cl V2 / V1 V2-cl) sejam apreciadas, para a hierarquização dos gêneros jornalísticos, em cada contexto linguístico destacado, respalda-se nos percentuais das colocações que representam as normas objetivas do PB (cl V e V1 cl V2), pressupondo-se que o uso menor ou maior delas possa sinalizar diferentes graus de monitoramento. Os índices das demais posições (em especial aquelas relacionadas a mais de um verbo), no entanto, podem servir para reforçar a posição de determinado gênero nos *continua*.

Começa-se pela avaliação da cliticização a lexias verbais simples, como mostram os resultados das tabelas 91 e 92.

Tabela 91. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré e pós-verbal, de acordo com o gênero jornalístico e o contexto de *início absoluto*, no PB

Gênero	Próclise (cl V)	Ênclise (V-cl)
	N/Total – F	N/Total – F
<i>Entrevista na TV</i>	18/24 – 75%	6/24 – 25%
<i>Noticiário de TV</i>	3/5 – 60%	2/5 – 40%
<i>Carta do leitor</i>	1/66 – 2%	65/66 – 98%
<i>Editorial</i>	0/38 – 0%	38/38 – 100%

Tabela 92. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré e pós-verbal, de acordo com o gênero jornalístico e o contexto de *proclisadores não tradicionais*, no PB

Gênero	Próclise (cl V)	Ênclise (V-cl)
	N/Total – F	N/Total – F
<i>Entrevista na TV</i>	55/55 – 100%	0/55 – 0%
<i>Noticiário de TV</i>	53/56 – 95%	3/56 – 5%
<i>Carta do leitor</i>	72/100 – 72%	28/100 – 28%
<i>Editorial</i>	60/72 – 83%	12/72 – 17%

No que se refere aos casos de verbo em início absoluto de oração/período, os resultados certificam a distribuição indicada dos gêneros jornalísticos investigados nos *continua* (cf. quadro 22), uma vez que, em um contexto no qual há contundente pressão normativa a favor da ênclise, a produtividade da posição pré-verbal é significativa nas entrevistas e diminui à medida que é analisada nos gêneros mais próximos ao extremo direito dos *continua*. Nos editoriais, por exemplo, a ênclise passa a ser categórica. No caso das entrevistas, como já explicitado, os dados da variante pós-verbal se referem a uma situação peculiar, quando o entrevistador segue algumas instruções para a elaboração de um prato culinário, repassando-as oralmente aos seus interlocutores (destinatário e (tel)espectadores). Desse modo, os casos de ênclise em si não pertencem ao gênero *entrevista na TV*, mas, sim, ao gênero *receita culinária*. Se considerado que alguns gêneros textuais são bastante ritualizados, tornando-se, em alguns casos, inflexíveis, pode-se supor que os casos registrados de ênclise em início de oração/período não se associam meramente ao fato de o falante estar seguindo aquilo que manuais prescritivos divulgam; antes disso, eles condizem com a própria adequação do falante ao gênero utilizado. Nessa direção, a ênclise presente na receita culinária pode ter sido favorecida, por exemplo, pelo discurso injuntivo relacionado a textos desse tipo, em que o emissor se dirige ao seu destinatário por meio de comandos, geralmente utilizando verbos no imperativo.

Na presença de proclisadores não tradicionais, a variante pré-verbal é mais recorrente, nesta ordem, nas entrevistas, nos noticiários, nos editoriais e nas cartas. Nos gêneros escritos, a maior concentração de próclise nos editoriais, e não nas cartas, embora não esteja em concordância com a hierarquia sugerida (cf. quadro 22), não invalida a proposta dos *continua*; na verdade, tais resultados dão relevo à percepção de que, para a discussão de estilo e gêneros textuais, é preciso que se qualifiquem ainda mais as situações comunicativas, refletindo-se sobre outros aspectos que vão além dos fatores contextuais (constituintes dos gêneros) aqui considerados – como sublinhado na subseção seguinte, ao versar sobre medidas futuras para o entendimento cada vez mais aprofundado dos fatos que envolvem as variações diafásica e sociocultural.

Quadro 22. Proposta dos gêneros jornalísticos nos *continua* e os resultados de LVS no PB

Proposta:	<b>ENTREVISTA &gt; NOTICIÁRIO &gt; CARTA &gt; EDITORIAL</b>
<i>Início:</i>	ENTREVISTA > NOTICIÁRIO > CARTA > EDITORIAL ✓
<i>Proclisadores não tradicionais:</i>	ENTREVISTA > NOTICIÁRIO > EDITORIAL > CARTA ✗

As tabelas 93, 94 e 95 trazem os resultados das variantes pré, intra e pós-CV, com o intuito de que as influências dos gêneros continuem a ser aferidas, no entanto, agora, em relação aos casos de complexos verbais.

Tabela 93. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o gênero jornalístico e o contexto de *início absoluto*, no PB

Gênero	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<i>Entrevista na TV</i>	0/6 – 0%	---	6/6 – 100%	0/6 – 0%
<i>Noticiário de TV</i>	0/2 – 0%	---	2/2 – 100%	0/2 – 0%
<i>Carta do leitor</i>	0/3 – 0%	0/3 – 0%	2/3 – 67%	1/3 – 33%
<i>Editorial</i>	0/9 – 0%	7/9 – 78%	1/9 – 11%	1/9 – 11%

Tabela 94. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o gênero jornalístico e o contexto de *proclisadores tradicionais*, no PB

Gênero	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<i>Entrevista na TV</i>	1/15 – 7%	---	14/15 – 93%	0/15 – 0%
<i>Noticiário de TV</i>	1/8 – 12.5%	---	7/8 – 87.5%	0/8 – 0%
<i>Carta do leitor</i>	24/45 – 53%	2/45 – 5%	13/45 – 29%	6/45 – 13%
<i>Editorial</i>	21/29 – 72%	0/29 – 0%	6/29 – 21%	2/29 – 7%

Tabela 95. Número de ocorrências (N) e frequências (F) das variantes pré, intra e pós-CV, de acordo com o gênero jornalístico e o contexto de *proclisadores não tradicionais*, no PB

Gênero	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<i>Entrevista na TV</i>	0/28 – 0%	---	28/28 – 100%	0/28 – 0%
<i>Noticiário de TV</i>	0/5 – 0%	---	5/5 – 100%	0/5 – 0%
<i>Carta do leitor</i>	2/14 – 14%	3/14 – 21%	5/14 – 36%	4/14 – 29%
<i>Editorial</i>	4/13 – 31%	1/13 – 7%	4/13 – 31%	4/13 – 31%

A construção típica do PB (V1 cl V2), nos três contextos linguísticos controlados, aparece em maior quantidade nos gêneros *entrevista na TV* e *noticiário de TV*, seguidos dos gêneros *carta do leitor* e *editorial*. Em geral, a partir dos percentuais de V1 cl V2, constata-se a pertinência dos *continua* propostos (cf. quadro 23), entretanto, a distribuição mais gradual de tais índices só é observada no contexto de *proclisadores tradicionais*, visto que, por exemplo, a

próclise a V2 é categórica nas entrevistas e nos noticiários quando o complexo verbal encabeça a oração/período ou quando há no contexto anterior à construção V1 cl V2 um proclisador não tradicional.

Quadro 23. Proposta dos gêneros jornalísticos nos *continua* e os resultados de LVC no PB

Proposta:	<b>ENTREVISTA &gt; NOTICIÁRIO &gt; CARTA &gt; EDITORIAL</b>
<i>Início:</i>	ENTREVISTA / NOTICIÁRIO > CARTA > EDITORIAL ✓
<i>Proclisadores tradicionais:</i>	ENTREVISTA > NOTICIÁRIO > CARTA > EDITORIAL ✓
<i>Proclisadores não tradicionais:</i>	ENTREVISTA / NOTICIÁRIO > CARTA > EDITORIAL ✓

Sob uma visão mais abrangente, considerando as realizações das demais variantes, outros percentuais corroboram a hierarquia dos gêneros jornalísticos apresentada, especialmente no que diz respeito à diferença de formalidade, ainda que tênue, entre os gêneros *carta do leitor* e *editorial*. Para interpretar essas outras frequências, relembra-se que a tradição gramatical prescreve como posições normais a ênclise a V1 e a ênclise a V2, à exceção dos casos em que a construção verbal é precedida de um operador de próclise, tornando-se regra, então, a anteposição do pronome ao verbo auxiliar. No contexto de proclisadores tradicionais, seguindo aquilo que é modelar nos compêndios normativos, o percentual mais elevado da colocação pré-CV ocorre nos editoriais. Comparando-se tal marca à taxa dessa mesma variante nas cartas, ratifica-se a proposição de que os editoriais representam um gênero de grau de monitoramento mais elevado. Essa mesma noção sobre os editoriais ainda pode ser atestada pela acentuada recorrência de ênclise a V1 no contexto de início absoluto de oração/período.

Os resultados em sua totalidade, agrupando-se as análises referentes à cliticização a lexias verbais simples e complexas, mostram a atuação de gêneros textuais como motivadores da alternância das formas relacionadas à colocação pronominal. Assim sendo, em estudos de processos em variação, evidencia-se a coerência de se unir à observação dos fatores condicionantes linguísticos uma investigação sobre o maior número possível de aspectos vinculados às situações comunicativas. Nesta pesquisa, confirma-se que o *continuum* estilístico, correlacionado aos próprios gêneros e ao *continuum* fala/escrita, funciona como caminho de difusão de fenômenos em variação. A respeito disso, e de outros assuntos interligados, desenvolve-se a subseção seguinte.



### 5.3.3 Variação, estilo, gêneros textuais, fala/escrita e normas linguísticas: inter-relações e encaminhamentos futuros

Bem como conjecturado nos fundamentos teóricos deste estudo, mostram-se concretos os entrelaçamentos entre variação, estilo, gêneros textuais, fala/escrita e normas linguísticas, desde a concepção dos *continua* até a discussão dos resultados a partir de suas aplicações.

Em sentido amplo, aposta-se que as correlações entre tais conceitos se dão à medida que, dentre as formas alternantes de determinado fenômeno variável, manifestam-se mais produtivamente nos gêneros associados ao extremo da fala, de menor monitoramento e menor formalidade, as formas relacionadas às normas objetivas dos falantes e, nos gêneros correspondentes ao extremo da escrita, de maior monitoramento e maior formalidade, as variantes prestigiadas pela tradição gramatical. No caso da colocação pronominal brasileira, em geral, confirmam-se tais suposições.

No PB, a próclise ao verbo principal (cl V e V1 cl V2) é a opção não marcada. Orientando-se pelos gêneros jornalísticos dispostos nos extremos dos *continua* aqui considerados – *entrevista na TV* e *editorial* –, a posição pré-verbal é muito mais utilizada nas entrevistas do que nos editoriais; em outras palavras, embora a próclise predomine nos dois gêneros, no gênero escrito, de maior monitoramento e formalidade, a variante considerada padrão (a ênclise)<sup>137</sup> se torna mais requerida. A próclise a V2, forma frequentemente empregada na fala espontânea do PB e a menos discutida nos compêndios gramaticais (em especial, quando se trata da escrita culta), alcança um índice bastante elevado nas entrevistas, que materializam um gênero falado, de menor monitoramento e formalidade, enquanto que, nos editoriais, ao seu lado, aparecem as demais variantes com percentuais significativos. Os resultados dos noticiários e das cartas, comumente, apresentam-se mais próximos daquilo que ocorre nas entrevistas e nos editoriais, nessa devida ordem.

Valida-se neste estudo, portanto, que fenômenos variáveis são mais bem compreendidos se analisados também em relação aos contextos comunicativos nos quais se realizam. Por isso, confia-se na relevância de se continuar a investir nas imbricações ora levantadas, no sentido de que elas sejam sucessivamente mais refinadas. Nessa direção, outros fenômenos linguísticos devem ser avaliados a partir dos *continua* propostos; aos mesmos *continua* devem ser acrescentados outros gêneros jornalísticos; e, posteriormente, gêneros de outros domínios discursivos também devem ser examinados sob essa perspectiva de hierarquia estilística e

<sup>137</sup> Salvo na presença de atrator típico de próclise, quando a estrutura prescrita passa a ser cl V.

sociocultural, com o intuito de que se construa uma visão mais completa de como os gêneros se dispõem no interior das esferas comunicativas. Dentre os encaminhamentos futuros, encaixa-se ainda examinar a colocação pronominal em textos diferentes de um mesmo gênero – isto é, em diferentes entrevistas, noticiários, cartas e editoriais –, olhando-a em conjunto com outras escolhas linguísticas do falante/autor, já que à opção de se usar determinada variante, além de influências estruturais e do próprio gênero (segundo as suas características situacionais), também pode estar relacionado o sentido que o emissor quer dar ao seu texto. Para exemplificar tais asserções, reproduz-se uma carta apresentada anteriormente:

(G) (PB, *carta*, 2001)

*Pimenta nos outros...*

Ao ler na edição de 7/7 do Estadão que dona Marta do PT **está a distribuir** queixumes contra o PSDB da capital, que **lhe estaria tornando** a vida um inferno, não pude conter minha indignação diante de tamanha desfaçatez e cara-de-pau. Ora, ora, dona Marta, não é o PT que há sete anos **se vem utilizando** de manobras espúrias e eleitoreiras para desestabilizar e tornar inviável o governo FHC? Prove, então, do seu próprio veneno, dona Marta do PT. Em vez de se lamuriar sobre aquilo que seu partido é mestre em fazer, procure simplesmente "pfeitar", pois a cidade, nestes seis meses, já **está a considerá-la** o pior dos prefeitos que já teve, apesar de Pitta, Maluf e Erundina. Inferno, dona Marta, é o que ainda vem por aí, no tempo que lhe resta de governo... Flávio Rivero Rodrigues, São Paulo

Vê-se na carta exposta o uso de duas construções cl V1 V2. A variante pré-CV corresponde a 30% dos dados de lexias verbais complexas<sup>138</sup>; desse total, 89% dos casos (47/53) ocorrem em contexto de proclisador tradicional e 85% (45/53) estão nos textos escritos – cartas e editoriais. Desse modo, embora aparentemente produtiva, atesta-se que a anteposição ao primeiro verbo tem um uso restrito a certos espaços, corroborando a ideia da baixa produtividade e da artificialidade dessa forma no PB (VIEIRA, S. R., 2002; PERINI, 2005[1995]). Para além dessas características distribucionais, observa-se que os casos de próclise ao auxiliar coocorrem com uma outra estrutura pouco comum no PB – *estar a + infinitivo*. É notório que, nesse caso, tem-se um traço típico do PE, que é comumente referido como distintivo em relação ao PB (onde a construção com o gerúndio é da norma objetiva). A escolha de construções sintáticas marcadas (pouco usuais) – cl V1 V2 e *estar a + infinitivo* – se soma no texto para reforçar um efeito de crítica jocosa e irônica, que pode ser identificado ainda por escolhas lexicais (“queixumes”, “desfaçatez”, “manobras espúrias”, por exemplo) e de interpolações ao destinatário (“Ora, ora, dona Marta”, “Prove, então, do seu próprio veneno,

<sup>138</sup> Chega-se a esse percentual e aos dois próximos apresentados a partir das informações dadas nas tabelas 93, 94 e 95.

dona Marta do PT”). Deve-se buscar, portanto, o completo entendimento das variações, inclusive através da confluência de aspectos de natureza diversa.

#### **5.3.4 Sintetizando...**

Nesta etapa da apresentação e discussão dos resultados, dedicada a fatores externos que possivelmente atuariam sobre a realização do fenômeno em foco, concluiu-se que à variação na posição dos clíticos pronominais, no PB, associaram-se também evidências estilísticas e socioculturais.

A princípio, para a construção dos *continua* estilístico e fala/escrita, caracterizou-se situacionalmente cada gênero jornalístico investigado. Então, com base na combinação de seus fatores contextuais, propôs-se a hierarquização dos gêneros – do extremo da fala, de menor monitoramento e formalidade, ao extremo da escrita, de maior monitoramento e formalidade.

Em termos gerais, os resultados da variedade brasileira, pertencentes ao contexto de lexias verbais simples e ao contexto de complexos verbais, mostraram-se intimamente ligados às gradações de estilo sugeridas.

Por último, buscou-se correlacionar os conceitos de estilo, gêneros textuais, fala/escrita e normas, fundamentando-se nos resultados obtidos, em prol de considerações mais adequadas sobre processos em variação. Devido às inúmeras nuances por trás desses entrecruzamentos, sinalizaram-se futuras tarefas.

## 6 CONCLUSÕES

*Analisar uma língua em sua intimidade é um privilégio. Esmiucar as entranhas das formas linguísticas e sentir a sistematicidade que envolve línguas, dialetos e variedades, sem julgamento de valor, é de beleza ímpar e só pode fazer bem aos que têm essa possibilidade. Partilhar esse bem constitui mais do que um dever, é uma responsabilidade social, é uma questão de cidadania.*

(SCHERRE, 2005, p. 10)

A presente investigação acrescentou novas descrições à língua portuguesa, em especial a duas de suas variedades. Desenvolveu-se um estudo descritivo-comparativo da *posição de clíticos pronominais* entre o PE e o PB, a fim de que, através da análise do fenômeno variável em questão, pudesse ser discutida a validade de se atentar à ideia de *continuum* estilístico, correlacionado a *continuum* fala/escrita e a gêneros textuais, em processos em variação.

Apoiando-se no arcabouço teórico-metodológico da Teoria da Variação e Mudança Linguísticas (WEINREICH; LABOV; HERZOG, 2006[1968]; LABOV, 1966, 1982, 1994, 2001a, 2003, 2008[1972]) e em noções relacionadas a estilo (LABOV, 1966, 2008[1972]; BELL, 1984, 2001), gêneros textuais (BAKHTIN, 1992[1979]; MARCUSCHI, 2005, 2008, 2010; BIBER; CONRAD, 2009), modalidades de uso da língua (CHAFE, 1982; 1985; BIBER, 1988; MARCUSCHI, 2008, 2010) e normas linguísticas (COSERIU, 1979[1952]; BAGNO, 2003, 2011, 2012; FARACO, 2008, 2011, 2012), verificou-se como os clíticos pronominais, adjungidos a verbos simples ou a complexos verbais, manifestaram-se nos gêneros textuais jornalísticos *entrevista na TV*, *noticiário de TV*, *carta do leitor* e *editorial*. Comparados entre si, dadas as suas especificações quanto à concepção discursiva, ao meio de produção e a outras características situacionais, propôs-se que tais gêneros ocupassem posições distintas nos *continua* estilístico e fala/escrita, o que, possivelmente, também influenciaria em índices diferentes de colocação pronominal. Os dados examinados foram extraídos de materiais dos primeiros anos deste século. Da mídia falada, reuniram-se entrevistas e noticiários dos programas *Herman (2010-2013)* e *Jornal da Noite*, representantes do PE, e *Programa do Jô* e *Jornal Nacional*, referentes ao PB. As escritas jornalísticas portuguesa e brasileira foram consideradas, respectivamente, com base nos periódicos *Público* e *O Estado de S. Paulo*. No total, investigou-se um número aproximado de 2.950 clíticos.

Antes que se chegasse a qualificar os registros encontrados segundo os gêneros jornalísticos e os *continua* estilístico e fala/escrita, dedicou-se à explicação dos

condicionamentos linguísticos favorecedores das variantes previstas – cl V / V-cl e cl V1 V2 / V1(-)cl V2 / V1 V2-cl. A princípio, focalizou-se o comportamento dos clíticos pronominais adjacentes a lexias verbais simples e, na sequência, adjuntos a lexias verbais complexas. Dentro da descrição de cada um desses contextos, os dados foram apresentados separadamente de acordo com o gênero ao qual pertenciam. Para o tratamento estatístico de todos os clíticos identificados, utilizou-se o programa Goldvarb X (SANKOFF et al., 2005). No caso da cliticização a verbos simples, exploraram-se os resultados correspondentes às variáveis linguísticas selecionadas como relevantes nas análises multivariadas, tendo sido eleita a variante proclítica como aplicação da regra; e, quanto à cliticização a grupos verbais, por se tratar de uma variável enéaria, investiu-se fortemente nos cruzamentos entre os fatores dos grupos considerados, com a finalidade de que fossem detalhadas as variáveis associadas de modo mais significativo à colocação pronominal. Por último, cabe mencionar que os dados foram organizados segundo três casos, para uma interpretação mais apropriada dos resultados gerais: (i) clítico adjacente a verbo (ou grupo verbal) em posição de início absoluto de oração/período; (ii) grupo cl V ou V-cl (ou grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl) antecedido de elemento considerado tradicionalmente proclisador; e (iii) grupo cl V ou V-cl (ou grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl) antecedido de elemento não considerado tradicionalmente proclisador.

O PE, nos âmbitos de um único verbo e de construção verbal complexa, mostrou um condicionamento regular relacionado a aspectos de natureza estrutural. No caso das lexias verbais simples, nos quatro gêneros jornalísticos investigados, a variável *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl* foi selecionada, na primeira posição, como motivadora do fenômeno (cf. quadro 17). Nos gêneros *entrevista na TV* e *noticiário de TV*, além do *tipo de proclisador*, também ganharam relevo, naquele, a *distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl*; e, neste, a *forma verbal do hospedeiro*, seguida, ainda, do grupo de fatores ligado à *distância*. A ênclise foi a opção preferida, em todos os gêneros, exceto diante de atratores típicos de próclise. Em geral, elementos subordinativos, partículas/sintagmas de negação e advérbios canônicos foram determinantes para a realização da variante pré-verbal; SNs sujeitos, SPreps, conjunções coordenativas e advérbios não canônicos favoreceram significativamente a posposição do pronome. As preposições, consideradas neste estudo como proclisadores não tradicionais, revelaram-se condicionantes ora da próclise, ora da ênclise, a depender de seu tipo. Nas entrevistas e nos noticiários, a adjacência entre atrator e grupo clítico-verbo motivou a próclise – em maior número, estavam casos de atratores típicos; por outro lado, a não adjacência permitiu uso mais acentuado da

ênclise. De acordo com a forma verbal do hospedeiro, nos noticiários do PE, os tempos do indicativo (- futuros) condicionaram a colocação pré-verbal, em conjunto com a presença de proclisadores tradicionais, e, as formas infinitivas, a colocação pós-verbal – em particular, quando hospedavam o clítico acusativo de terceira pessoa.

No que se referiu aos complexos verbais, na variedade europeia, apresentou-se como produtiva a ênclise ao verbo auxiliar ou ao verbo principal, salvo, também, à frente de proclisadores tradicionais. Tratou-se das variáveis *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl*, *tipo de clítico*, em correlação à *função do clítico*, e *forma do segundo verbo* (cf. quadro 20). Em todas as amostras portuguesas estudadas, na maior parte dos registros, proclisadores tradicionais se associaram à variante pré-CV e proclisadores não tradicionais às posições do pronome ao primeiro ou ao segundo verbo. A exceção a esse comportamento ficou por conta das preposições, que atuaram como proclisadores tradicionais e se vincularam à anteposição do pronome ao auxiliar. O clítico acusativo *o(s)/a(s)* se manteve, regularmente, à direita de verbos principais no infinitivo, até mesmo na presença de operadores canônicos de próclise no contexto anterior à sua realização. Observou-se, ainda, uma propensão ao uso do *se* inerente/reflexivo enclítico ao verbo principal e dos *se* apassivador/*se* indeterminador enclíticos ao auxiliar, principalmente nos contextos de início absoluto e de antecedência de proclisadores não tradicionais. Em relação a verbos principais nas formas gerundiva e participial, junto a atrator típico de próclise, viu-se a colocação pré-CV; em contexto inicial de oração/período ou após proclisador não tradicional, encontrou-se a ênclise ao auxiliar.

O PB, principalmente se comparado à variedade europeia do português, assumiu um comportamento mais diferenciado em cada gênero jornalístico estudado, tanto no que diz respeito às análises de lexias verbais simples como de lexias verbais complexas (cf. quadros 19 e 21). Quanto à cliticização a verbos simples, registrou-se o forte domínio da variante pré-verbal, sobretudo nas entrevistas e nos noticiários, à exceção dos casos relacionados ao início de oração/período, presentes nas cartas e nos editoriais. Nas entrevistas, apontou-se a generalização da posição pré-verbal, sobreposta, inclusive, a condicionamentos morfossintáticos. Nos noticiários, destacou-se como significativa a variável *função do clítico*. O *se* inerente/reflexivo condicionou a colocação pré-verbal, independentemente do tipo de proclisador antecedente (tradicional ou não tradicional); o *se* indeterminador motivou a próclise perante proclisador canônico e a ênclise em início absoluto de oração/período; e, sobre a função argumental, preenchida pelo clítico *o(s)/(a)*, relatou-se a recorrência da ênclise, uma vez que os pronomes acusativos de terceira pessoa apareceram adjungidos a infinitivos.

Nas cartas e nos editoriais, confirmou-se a interferência de modelos que ditam as normas idealizadas de colocação. Em ambos os materiais, favoreceram o fenômeno, primeiramente, o *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V ou V-cl*. Diferentemente do que se constatou nas entrevistas e nos noticiários, os proclisadores não tradicionais, nos gêneros escritos, condicionaram consideravelmente a ênclise – de novo, com a ressalva das preposições. Nas cartas, ainda se destacaram as variáveis *tipo de clítico, distância entre o elemento (proclisador) antecedente e o grupo cl V ou V-cl e forma verbal do hospedeiro*. Os pronomes acusativo e dativo de terceira pessoa, a não adjacência entre proclisador e grupo verbo-clítico e formas infinitivas não favoreceram a próclise nas cartas do PB. Nos editoriais, os grupos *função do clítico e forma verbal do hospedeiro* também foram atuantes. A função argumental e formas verbais gerundivas e infinitivas motivaram a colocação do pronome à direita do verbo.

No caso das lexias verbais complexas, evidenciou-se o favoritismo da próclise ao segundo verbo nos gêneros *entrevista na TV e noticiário de TV*, ao passo que, na *carta do leitor* e no *editorial*, o uso dessa construção decresceu de forma bastante notável. Assim como nas amostras portuguesas, os grupos de fatores *tipo de elemento (proclisador) que antecede o grupo cl V1 V2 ou V1(-)cl V2 ou V1 V2-cl, tipo de clítico, função do clítico e forma do segundo verbo* se revelaram significativos para a descrição da variação. Nas entrevistas e nos noticiários, somente o clítico *o(s)/a(s)* refreou a alta frequência da forma V1 cl V2 em termos representativos. Por questões fonológicas, esse tipo de clítico não é produtivo entre os verbos. Nas cartas e nos editoriais, além dessa mesma restrição quanto ao acusativo de terceira pessoa, a próclise ao verbo principal perdeu espaço diante de proclisadores tradicionais, os quais se associaram à colocação pré-CV, e em construções com o segundo verbo no gerúndio ou no participípio, que contribuíram para a adjacência dos clíticos ao primeiro verbo. Nos gêneros escritos, em geral, o *se* inerente/reflexivo se relacionou de modo expressivo ao segundo verbo, proclítico ou enclítico a ele, já que, comumente, é o verbo que domina o pronome sintaticamente. Os *se* apassivador/*se* indeterminador permaneceram mais cliticizados ao primeiro verbo.

Os resultados ora (re)apresentados atestaram que, no PE, a distância entre o falar e o escrever é discreta, particularmente quando contrastadas as realidades europeia e brasileira. Confirmou-se que, no PB, há uma lacuna entre o que os compêndios gramaticais divulgam e o uso efetivo da língua por parte dos falantes – até mesmo por aqueles considerados “cultos” –, o que ajuda a realçar as diferenças de uso na fala e na escrita brasileiras. Ainda nessa direção, dado o caráter padronizador da escrita, os pronomes portugueses e brasileiros se manifestaram de modo mais próximo e mais distante, respectivamente, nos gêneros escritos e nos gêneros

orais. Fez-se, também, uma breve reflexão sobre o entendimento da noção de *atração do pronome*. No PE, cabe a discussão de o clítico ser *atraído* por certo elemento, visto que a opção não marcada portuguesa, a ênclise (V-cl / V1-cl V2 ou V1 V2-cl), só deixou de ocorrer, nos quatro gêneros, na presença de operadores típicos de próclise, que motivaram as variantes pré-verbal e pré-CV. No PB, a ideia de *atração* é pouco, ou nada, efetiva. No caso das lexias verbais simples, a primazia da próclise se deu tanto na presença de proclisadores tradicionais como à frente de elementos não identificados pela tradição gramatical como atratores do pronome – de forma mais branda nas cartas e nos editoriais do que nas entrevistas e nos noticiários. Isso sublinhou o comportamento objetivo e real dos falantes do PB. No caso dos complexos verbais, a força atrativa dos proclisadores tradicionais só surtiu efeito nas cartas e nos editoriais, mas, mesmo com atratores típicos, a próclise ao segundo verbo – forma mais usual no PB – ainda foi registrada. Certificou-se, novamente, que na escrita a influência dos padrões é mais decisiva.

Finalizado esse levantamento dos fatores linguísticos ao redor da colocação pronominal, lançou-se mão dos resultados para testar a validade de *continua* (estilístico e fala/escrita) como parâmetros para a difusão de fenômenos variáveis. Voltou-se aos gêneros jornalísticos e à maneira como eles hipoteticamente estariam distribuídos nos *continua* estilístico e fala/escrita, de acordo com as suas próprias características situacionais. Naquele momento, decidiu-se perscrutar o papel de elementos externos somente nos dados oriundos do PB, em virtude de a variedade brasileira também ter parecido passível à ação desses fatores e, ainda, excluir das análises qualitativas os casos de clítico acusativo *o(s)/a(s)* ligado a formas infinitivas, uma vez que se esse tipo de clítico se posicionou regularmente à direita de tais verbos (V-cl e V1 V2-cl), nos quatro gêneros consultados.

Defendeu-se, neste estudo, que ao *continuum* estilístico se correlaciona o *continuum* fala/escrita, abordado especialmente por Marcuschi (2008, 2010). A um extremo, de menor monitoramento e menor formalidade, associam-se produções orais; e, ao outro, de maior monitoramento e maior formalidade, produções escritas. Entre os dois polos, nota-se uma escala intermediária. Depois de detalhados os fatores contextuais – *participantes; relações entre participantes; canal; condições de produção; cenário; propósitos comunicativos; e tópico* (BIBER; CONRAD, 2009) – dos gêneros *entrevista na TV, noticiário de TV, carta do leitor e editorial*, propôs-se a disposição de tais gêneros nos *continua* da seguinte forma: ← ENTREVISTA ... NOTICIÁRIO ... CARTA ... EDITORIAL → (cf. figura 13). A expectativa era a de que as formas não marcadas do PB (cl V e V1 cl V2) fossem, em ordem decrescente, mais frequentes no gênero à esquerda dos *continua* (*entrevista*), no gênero relacionado à fala, ao menor monitoramento e menor formalidade, até o gênero à direita



(*editorial*), correspondente à escrita, ao maior monitoramento e maior formalidade. Embora todas as variantes tivessem sido apreciadas (e mencionadas quando se considerou necessário), pautou-se de preferência nos usos pré-verbal e intra-CV, com próclise ao segundo verbo, para as observações que se seguiram, a partir da hipótese de que a frequência maior ou menor de colocações que representam as normas objetivas do PB pudesse sinalizar mais precisamente diferentes graus de monitoramento.

Outra vez, organizou-se a discussão dos dados por meio dos três contextos linguísticos já reconhecidos: (i) o contexto de início absoluto de oração/período, (ii) o contexto de proclisadores tradicionais e (iii) o contexto de proclisadores não tradicionais. Como apresentado no quadro seguinte (uma adaptação dos quadros 22 e 23), reunindo-se os casos de lexias verbais simples e de lexias verbais complexas, em sentido amplo, os resultados corroboraram a hierarquia dos gêneros jornalísticos sugerida.

Quadro 24. Proposta dos gêneros jornalísticos nos *continua* e os resultados de LVS e LVC no PB

<b>PROPOSTA:</b>	<b>ENTREVISTA &gt; NOTICIÁRIO &gt; CARTA &gt; EDITORIAL</b>
<b>LVS<sup>139</sup>:</b>	<b>+ cl V ..... – cl V</b>
<i>Início:</i>	ENTREVISTA > NOTICIÁRIO > CARTA > EDITORIAL ✓
<i>Proclisadores não tradicionais:</i>	ENTREVISTA > NOTICIÁRIO > EDITORIAL > CARTA ✗
<b>LVC:</b>	<b>+ V1 cl V2 ..... – V1 cl V2</b>
<i>Início:</i>	ENTREVISTA / NOTICIÁRIO > CARTA > EDITORIAL ✓
<i>Proclisadores tradicionais:</i>	ENTREVISTA > NOTICIÁRIO > CARTA > EDITORIAL ✓
<i>Proclisadores não tradicionais:</i>	ENTREVISTA / NOTICIÁRIO > CARTA > EDITORIAL ✓

Do conjunto de análises se chegou às seguintes conclusões gerais: (i) os gêneros textuais, particularmente os gêneros jornalísticos aqui considerados, atuam como motivadores de padrões de alternância de colocação; (ii) o *continuum* estilístico, correlacionado aos gêneros e ao *continuum* fala/escrita, pode funcionar como caminho de difusão de fenômenos em variação; (iii) os fenômenos variáveis são mais bem esmiuçados se considerados também em relação aos contextos situacionais nos quais ocorrem; por isso, deve-se continuar a investigar sobre os complexos entrelaçamentos existentes entre variação, estilo, gêneros textuais, modalidades de uso da língua e normas linguísticas.

<sup>139</sup> Não se considerou o contexto de proclisadores tradicionais no caso da cliticização a um único verbo, pois, diante de atratores típicos, praticamente não houve variação entre os gêneros observados.

Em resposta ao problema dos fatores condicionantes (ou restrições), esta tese fornece uma melhor caracterização dos aspectos estruturais responsáveis pela colocação pronominal no PE e no PB, em especial por se tratar de quatro gêneros jornalísticos particulares. Ainda nesse sentido, referindo-se agora somente aos dados brasileiros, o presente estudo avança em relação à análise de gêneros como possível fator condicionante e à questão dos *continua*. Reconhecem-se as dificuldades por trás de se conciliar conceitos tão multifacetados (variação, estilo, gênero, modalidade e norma) e, mais do que isso, aplicá-los em uma análise empírica. Os resultados obtidos, entretanto, mostram uma das diversas possibilidades de investigação acerca das inter-relações aqui propostas – uma perspectiva que também carece de uma série de aprofundamentos. O que se faz, neste estudo, é abrir um caminho para que as variações diafásica, diamésica e sociocultural sejam, em proporções cada vez maiores, tomadas em conjunto. Em termos gerais, finalmente, contribui-se com a pesquisa sociolinguística desenvolvida em Portugal e no Brasil.

## 7 REFERÊNCIAS

- ABAURRE, M. B. (Org.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. VII: a construção fonológica da palavra. São Paulo: Contexto, 2013.
- ALVES, I. M.; RODRIGUES, Â. C. S. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. VI: a construção morfológica das palavras. São Paulo: Contexto, 2015.
- ALVES FILHO, F. **Gêneros jornalísticos**: notícias e cartas do leitor no ensino fundamental. São Paulo: Cortez, 2011.
- ANDRADE, M. de. O baile dos pronomes. In: \_\_\_\_\_. **O empalhador de passarinho**. 3. ed. São Paulo: Martins; Brasília: INL, 1972. p. 263-268.
- BAGNO, M. Língua, história & sociedade: Breve retrospecto da norma-padrão brasileira. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 163-181.
- \_\_\_\_\_. Introdução: Norma linguística & outras normas. In: \_\_\_\_\_. (Org.). **Norma linguística**. 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2011. p. 09-21.
- \_\_\_\_\_. **Não é errado falar assim!** Em defesa do português brasileiro. São Paulo: Parábola, 2009.
- \_\_\_\_\_. **A norma oculta**: língua & poder na sociedade brasileira. São Paulo: Parábola, 2003.
- BAKHTIN, M. M. **Questões de literatura e de estética**: a teoria do romance. 5. ed. São Paulo: Hucitec/Annablume, 2002[1975].
- \_\_\_\_\_. Os gêneros do discurso. In: \_\_\_\_\_. **Estética da criação verbal**. São Paulo: Martins Fontes, 1992[1979]. p. 279 – 326.
- BARBOSA, J. B.; BALSALOBRE, S. G. R. A imprensa como fonte para pesquisas linguísticas. **Revista da ANPOLL**, v. 25, p. 61-68, 2008.
- BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. São Paulo: Parábola, 2013.
- BAZERMAN, C. Prefácio. In: BAWARSHI, A. S.; REIFF, M. J. **Gênero**: história, teoria, pesquisa, ensino. São Paulo: Parábola, 2013. p. 13-14.
- BECHARA, E. **Moderna gramática portuguesa**. 37. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009[1961].

BELL, A. Back in style: reworking audience design. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 139-169.

\_\_\_\_\_. Language style as audience design. **Language in Society**, Cambridge, v. 2, n. 13, p. 145-201, 1984.

BERLINCK, R. de A. Brazilian Portuguese VS Order: a diachronic analysis. In: KATO, M. A.; NEGRÃO, E. V. (Eds.). **Brazilian Portuguese and the null subject parameter**. Madrid: Iberoamericana; Frankfurt am Main: Vervuert, 2000. p. 175-194.

\_\_\_\_\_. A construção V SN no português do Brasil: uma visão diacrônica do fenômeno da ordem. In: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 95-112.

\_\_\_\_\_. **A ordem V SN no português do Brasil: sincronia e diacronia**. 1988. 265 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1988.

\_\_\_\_\_; BIAZOLLI, C. C. Clíticos e preposições: a norma e o 'normal' em jornais paulistas (1900 a 1915). **Estudos Linguísticos**, v. 40, n. 2, p. 850-863, 2011.

\_\_\_\_\_; BIAZOLLI, C. C.; BALSALOBRE, S. R. G. Gêneros do jornal e estilo: (re)visitando a variação linguística. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I, L.; SOUZA, C. M. N. de. (Orgs.). **Variação estilística – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise**. Florianópolis: Insular, 2014. p. 261-279.

\_\_\_\_\_; DUARTE, M. E. L.; OLIVEIRA, M. Predicação. In: KATO, M. A.; NASCIMENTO, M. do. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. II: a construção da sentença. São Paulo: Contexto, 2015. p. 81-149.

BERNSTEIN, B. **Class, codes and control**. v. 1. London: Routledge & Kegan Paul Ltd., 1971.

BIAZOLLI, C. C. Uma análise sócio-histórico-linguística da posição dos clíticos pronominais em textos jornalísticos paulistanos (1880 a 1920). In: COSTA, D. S. da. (Org.). **Pesquisas linguísticas pautadas em corpora**. São Paulo: Editora da UNESP, 2015. p. 51-84.

\_\_\_\_\_. Um estudo descritivo-comparativo sobre a colocação pronominal em jornais de São Paulo e de Rio Claro. **Estudos Linguísticos**, v. 42, n. 1, p. 338-353, 2013.

\_\_\_\_\_. Retratos da variação na posição dos clíticos pronominais em complexos verbais no português paulista (1880 a 1920), **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 1, n. 6, p. 1-20, 2012.

\_\_\_\_\_. **Clíticos pronominais no português de São Paulo: 1880 a 1920 – uma análise sócio-histórico-linguística.** 2010. 230 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2010.

BIBER, D. **Dimensions of register variation: a cross-linguistic comparison.** Cambridge: Cambridge University Press, 1995.

\_\_\_\_\_. An analytical framework for register studies. In: FINEGAN, E.; BIBER, D. (Eds.). **Sociolinguistic perspectives on register.** New York: Oxford University Press, 1994. p.31-56.

\_\_\_\_\_. **Variation across speech and writing.** Cambridge: Cambridge University Press, 1988.

\_\_\_\_\_; CONRAD, S. **Register, genre and style.** Cambridge: Cambridge University Press, 2009.

BISOL, L. O clítico e seu hospedeiro, **Letras de Hoje**, Porto Alegre, v. 40, n. 3, p. 163-184, 2005.

\_\_\_\_\_. O clítico e seu status prosódico, **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 9, n. 1, p. 5-30, 2000.

BORTONI-RICARDO, S. M. **Manual de Sociolinguística.** São Paulo: Contexto, 2014.

\_\_\_\_\_. Um modelo para a análise sociolinguística do português do Brasil. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma.** 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p.301-316.

\_\_\_\_\_. **Nós chegemu na escola, e agora?** Sociolinguística e educação. São Paulo: Parábola, 2005.

\_\_\_\_\_. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula.** São Paulo: Parábola, 2004

BRITO, A. M.; DUARTE, I.; MATOS, G. Tipologia e distribuição das expressões nominais. In: MATEUS, M. H. M. et al. (Orgs.). **Gramática da língua portuguesa.** 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003[1983]. p. 797-867.

BUENO, L. C. de O. **Variação e gênero textual: o uso das preposições nas cartas de leitoras brasileiras e portuguesas.** 2014. 229 f. Dissertação (Mestrado em Linguística e Língua Portuguesa) – Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista, Araraquara, 2014.

CAMACHO, R. G. **Da linguística formal à linguística social.** São Paulo: Parábola, 2013.

\_\_\_\_\_. Norma e preconceito social, **Web-Revista Sociodialeto**, Campo Grande, v. 1, n. 6, p. 1-15, 2012.

\_\_\_\_\_. Sociolinguística – Parte II. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à linguística: domínios e fronteiras**. São Paulo: Cortez, 2001. p. 49-75.

CÂMARA JR., J. M. **Estrutura da língua portuguesa**. 36. ed. Petrópolis: Vozes, 2004[1970].

\_\_\_\_\_. **Dicionário de linguística e gramática**. 11. ed. Petrópolis: Vozes, 1988[1977].

\_\_\_\_\_. **História e estrutura da língua portuguesa**. 2. ed. Rio de Janeiro: Padrão, 1976.

\_\_\_\_\_. **Princípios de linguística geral**. Rio de Janeiro: Acadêmica, 1972.

CAMPOS, I. S. V.; COUTINHO, I. M. da S. Estrutura informacional em TV: Jornal da Noite e Jornal Nacional. Portugal e Brasil editados em rede nacional. In: CONGRESSO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO NA REGIÃO SUDESTE, 19, Vila Velha. **Anais** São Paulo: Intercom, 2014. Disponível em: < <http://www.portalintercom.org.br/anais/sudeste2014/resumos/R43-1586-1.pdf>>. Acesso em: 12 out. 2014.

CARNEIRO, Z. de O. N. **Cartas brasileiras (1809-1904): um estudo linguístico-filológico**. 2005. 2329 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

\_\_\_\_\_; GALVES, C. Variação e Gramática: colocação de clíticos na história do português brasileiro, **Revista de Estudos da Linguagem**, Belo Horizonte, v. 18, n. 2, p. 7-38, 2010.

CARVALHO, J. B. de. Phonological Conditions on Portuguese Clitic Placement: on Syntactic Evidence for Stress and Rhythmical Patterns, **Linguistics**, Berlim, n. 27, p. 405-436, 1989.

CASTILHO, A. T. de. **Nova gramática do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2012.

\_\_\_\_\_. O português do Brasil. In: ILARI, R. **Linguística Românica**. São Paulo: Ática, 1992. p. 237 – 269.

\_\_\_\_\_; PRETI, D. (Orgs.). **A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo: diálogos entre dois informantes**. v. II. São Paulo: TAQ/Fapesp, 1987.

\_\_\_\_\_; PRETI, D. (Orgs.). **A Linguagem falada culta na cidade de São Paulo: elocuições formais**. v. I. São Paulo: TAQ/Fapesp, 1986.

CASTRO, I. **Introdução à História do Português**. Lisboa: Colibri, 2006.

CHAFE, W. Linguistic difference produced by differences between speaking and writing. In: OLSON, D. R.; TORRANCE, N.; HILLYARD, A. (Eds.). **Literacy, Language and Learning**. Cambridge: Cambridge University Press, 1985. p. 105-123.

\_\_\_\_\_. Integration and Involvement in Speaking, Writing, and Oral Literature. In: TANNEN, D. (Ed.). **Spoken and Written Language: Exploring Orality and Literacy**. Norwood, NJ: Ablex, 1982. p. 35-53.

\_\_\_\_\_; TANNEN, D. The relation between written and spoken language, **Annual Review of Anthropology**, v. 16, p. 383-407, 1987.

CHAMBERS, J. K. **Sociolinguistic Theory: Linguistic Variation and its Social Significance**. 2. ed. Oxford: Blackwell, 2003.

CHOMSKY, N. **Bare Phrase Structure**. Cambridge: MIT Press, 1994.

\_\_\_\_\_. A minimalist program for linguistic theory. In: HALE, K. L.; KEYSER, S. J. (Eds.). **The view from Building 20: Essays in Linguistics in Honor of Sylvain Bromberger**. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 1-52.

\_\_\_\_\_. **Knowledge of language: Its Nature, Origin and Use**. New York: Praeger, 1986.

\_\_\_\_\_. **Lectures on Government and Building** (The Pisa Lectures). Dordrecht: Foris Publications, 1981.

\_\_\_\_\_. **Aspects of the theory of Syntax**. Cambridge: The MIT Press, 1965.

\_\_\_\_\_. **Syntactic Structures**. Mouton: The Hague, 1957.

\_\_\_\_\_; LASNIK, H. The theory of principles and parameters. In: JACOBS, J. et al. (Eds.). **Syntax: An international handbook of contemporary research**. Berlin: Walter de Gruyter, 1993. p. 506-569.

CORRÊA, C. M. M. de L. **Cliticização pronominal na região metropolitana do Rio de Janeiro: a interface sintaxe-fonologia**. 2012. 278 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

CORRÊA, V. R. **O objeto direto nulo no Português do Brasil**. 1991. 90 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1991.

COSERIU, E. Los conceptos de “dialecto”, “nivel” y “estilo de lengua” y el sentido propio de la dialectología, **Linguística Española Actual**, Madrid, v. 3, p. 1-32, 1981.

\_\_\_\_\_. Sistema, norma e fala. In: \_\_\_\_\_. **Teoria da Linguagem e Linguística Geral: cinco estudos**. Rio de Janeiro/São Paulo: Presença/EDUSP, 1979[1952]. p. 13-85.

COSTA, J. C. **A ordem dos clíticos em complexos verbais: uma análise sociolinguística de cartas mineiras**. 2014. 48 f. Monografia (Trabalho de Conclusão do Curso de Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2014.

COSTA, S. R. **Dicionário de gêneros textuais**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.

CUNHA, C; CINTRA, L. **Nova gramática do português contemporâneo**. 6. ed. Rio de Janeiro: Lexikon, 2013[1985].

CYRINO, S. M. L. **O objeto nulo no português do Brasil: um estudo sintático-diacrônico**. Londrina: Editora da UEL, 1997.

\_\_\_\_\_. Observações sobre a Mudança Diacrônica no Português do Brasil: objeto nulo e clíticos. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 163-175.

\_\_\_\_\_. **O objeto nulo no português do Brasil: uma mudança paramétrica?** 1990. Mimeo.

DUARTE, E. B. Televisão: das lógicas às configurações discursivas, **Significação**, São Paulo, v. 29, n. 17, p. 77-93, 2002.

DUARTE, I. Relações gramaticais, esquemas relacionais e ordem de palavras. In: MATEUS, M. H. M. et al. (Orgs.). **Gramática da língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003[1983]. p. 275-321

DUARTE, M. E. L. Clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil. In: TARALLO, F. (Org.). **Fotografias sociolinguísticas**. Campinas: Editora da Universidade Estadual de Campinas, 1989. p. 19-34.

\_\_\_\_\_. Variação e sintaxe: clítico acusativo, pronome lexical e categoria vazia no Português do Brasil. 1986. 73 f. Dissertação (Mestrado em Ciências – Linguística aplicada ao ensino de línguas) – Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 1986.

ECKERT, P. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation, **Annual Review of Anthropology**, v. 41, p. 87-100, 2012.

\_\_\_\_\_. **Variation, convention, and social meaning**. In: Annual Meeting of the Linguistic Society of America, Oakland, CA, 7 jan. 2005. Palestra.

\_\_\_\_\_. Style and social meaning. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001. p. 119-126.



FARACO, C. A. Norma-padrão brasileira: Desembaraçando alguns nós. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 35-56.

\_\_\_\_\_. O Brasil entre a norma culta e a norma curta. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011. p. 259-275.

\_\_\_\_\_. **Norma culta brasileira** – desatando alguns nós. São Paulo: Parábola, 2008.

\_\_\_\_\_. Apresentação de um clássico. In: WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006. p. 9-29.

FIGUEIREDO, C. de. **O problema da colocação de pronomes**: suplemento às gramáticas portuguesas. 3. ed. Lisboa: Livraria Clássica Editora, 1917[1909].

GALVES, C. **Ensaio sobre as gramáticas do português**. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

\_\_\_\_\_; BRITTO, H.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C. The Change in Clitic Placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus, **Journal of Portuguese Linguistics**, v. 4, n. 1, p. 39-67, 2005.

GONÇALVES, A.; COSTA, T. da. **(Auxiliar a) Compreender os verbos auxiliares**: descrição e implicações para o ensino do português como língua materna. Lisboa: Colibri, 2002.

GONÇALVES, S. C. L. A relevância de variáveis sociais em fenômenos variáveis na fala do interior paulista. In: LIMA-HERNANDES, M. C. et al. (Orgs.). **A língua portuguesa no mundo**. São Paulo: FFLCH-USP, 2008. p. 1-15.

GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de. (Orgs.). **Variação estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014.

GUY, G. R.; ZILLES, A. **Sociolinguística Quantitativa**. São Paulo: Parábola, 2007.

HALLIDAY, M. A. K. **Language as social semiotic**: the social interpretation of language and meaning. London: Edward Arnold, 1978.

HOFFNAGEL, J. C. Entrevista: uma conversa controlada. In: In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.). **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 180-193.

HORA, D. da. Estilo: uma perspectiva variacionista. In: GÖRSKI, E. M.; COELHO, I. L.; SOUZA, C. M. N. de. (Orgs.). **Variação estilística** – reflexões teórico-metodológicas e propostas de análise. Florianópolis: Insular, 2014. p. 19-30.

HYMES, D. **Foundations in sociolinguistics**: an ethnographic approach. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1974.

ILARI, R.; BASSO, R. **O português da gente**: a língua que estudamos, a língua que falamos. São Paulo: Contexto, 2006.

\_\_\_\_\_.; NEVES, M. H. de M. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. II: classes de palavras e processos de construções. Campinas: Editora da UNICAMP, 2008.

JUBRAN, C. C. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. I: construção do texto falado. Campinas: Editora da UNICAMP, 2006.

KABATEK, J. Tradições discursivas e mudança linguística. In: LOBO, T. et al. (Eds.). **Para a história do português brasileiro**: novos dados, novas análises. Salvador: EDUFBA, 2006. p. 505-530.

KATO, M. A. A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical. In: MARQUES, M. A. et al. (Orgs.). **Ciências da Linguagem**: trinta anos de investigação e ensino. Braga: CEHUM (U. do Minho), 2005. p. 131-145.

\_\_\_\_\_.; NASCIMENTO, M. do. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. v. III: a construção da sentença. Campinas: Editora da UNICAMP, 2009.

KLAVANS, J. L. The Independence of Syntax and Phonology in Cliticization, **Language**, v. 61, n. 1, p. 95-120, 1985.

KROCH, A. Syntactic change. In: BALTIN, M.; COLLINS, C. (Eds.). **The handbook of contemporary syntactic theory**. Oxford: Blackwell, 2001. p. 699-729.

\_\_\_\_\_. Morphosyntactic variation. In: BEALS, K. et al. (Eds.). **Papers from the 30<sup>th</sup> Regional Meeting of the Chicago Linguistics Society**: The Parasession on Variation in Linguistic Theory. v. 2. Chicago: Chicago Linguistic Society, 1994. p. 180-201.

LABOV, W. **Padrões sociolinguísticos**. São Paulo: Parábola, 2008[1972].

\_\_\_\_\_. Some sociolinguistic principles. In: PAULSTON, C. B.; TUCKER, G. R. (Eds.). **Sociolinguistics**: the essential readings. Oxford: Blackwell, 2003. p. 234-250.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 2: Social factors. Cambridge: Blackwell, 2001a.

\_\_\_\_\_. The anatomy of style-shifting. In: ECKERT, P.; RICKFORD, J. R. (Eds.). **Style and Sociolinguistic Variation**. Cambridge: Cambridge University Press, 2001b. p. 85-108.

\_\_\_\_\_. **Principles of Linguistic Change**. Vol. 1: Internal factors. Cambridge: Blackwell, 1994.

\_\_\_\_\_. Building on Empirical Foundations. In: LEHMANN, W. P.; MALKIEL, Y. (Eds.). **Perspectives on Historical Linguistics**. Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1982. p. 17-92.

\_\_\_\_\_. Where does the linguistic variable stop? A response to Beatriz Lavandera. **Working Papers in Sociolinguistics**, Austin, v. 44, 1978.

\_\_\_\_\_. **Sociolinguistic Patterns**. Philadelphia: University of Pennsylvania Press, 1972.

\_\_\_\_\_. **The Social Stratification of English in New York City**. Washington, D.C.: Center for Applied Linguistics, 1966.

LAVANDERA, B. R. **Variación y significado**. Buenos Aires: Librería Hachette, 1984.

\_\_\_\_\_. Where does the sociolinguistic variable stop? **Language in Society**, Cambridge, v.7, p. 171-182, 1978.

LOBO, T. C. F. **Para uma sociolinguística histórica do português no Brasil**: edição filológica e análise linguística de cartas particulares do Recôncavo da Bahia, século XIX. 2001. 4 v. Tese (Doutorado em Filologia e Língua Portuguesa) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2001.

\_\_\_\_\_. **A colocação dos clíticos em português**: duas sincronias em confronto. 1992. 238 f. Dissertação (Mestrado em Linguística Histórica) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1992.

LOPES, C. R. dos S. Pronomes pessoais. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática**: descrição e uso. São Paulo: Contexto, 2007. p.103-119.

LUCCHESI, D. Norma linguística e realidade social. In: BAGNO, M. (Org.). **Linguística da norma**. 3. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2012. p. 57-83.

\_\_\_\_\_. **Sistema, mudança e linguagem**: um percurso na história da linguística moderna. São Paulo: Parábola, 2004.

\_\_\_\_\_. **Projeto Vertentes do Português Popular do Estado da Bahia** – Chave de transcrição, [s. d.]. Disponível em: <[http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave\\_de\\_transcricao.pdf](http://www.vertentes.ufba.br/images/paginas/projeto/chave_de_transcricao.pdf)>. Acesso em: 27 mar. 2012.

MACHADO, A. C. M. **O uso e a ordem dos clíticos na escrita de estudantes da cidade do Rio de Janeiro**. 2006. 137 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2006.

MAGALHÃES, E. Imprensa e poder: politização ou partidarização dos jornais brasileiros? In: V COMPOLÍTICA, 2013, Curitiba. **Anais...** Curitiba, 2013. Disponível em: <<http://www.compolitica.org/home/wp-content/uploads/2013/05/GT08-Jornalismo-politico-EleonoraDeMagalhaesCarvalho.pdf>>. Acesso em: 10 jul. 2015.

MARCUSCHI, L. A. **Da fala para a escrita: atividades de retextualização**. 10. ed. São Paulo: Cortez, 2010.

\_\_\_\_\_. **Produção textual, análise de gêneros e compreensão**. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

\_\_\_\_\_. Gêneros textuais: definição e funcionalidade. In: DIONISIO, A. P.; MACHADO, A. R.; BEZERRA, M. A. (Orgs.) **Gêneros textuais e ensino**. 4. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 19-36.

MARTINS, A. M. A posição dos pronomes pessoais clíticos. In: RAPOSO, E. B. P. et al. (Orgs.). **Gramática do português**. v. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 2231-2302.

\_\_\_\_\_. **Clíticos na história do português**. 1994. 628 f. Tese (Doutorado em Linguística Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 1994.

\_\_\_\_\_. **Clitic Placement from Old to Modern Portuguese**. University of Maryland at College Park. 1992. Texto fotocopiado.

MARTINS, E. **Manual de Redação e Estilo de O Estado de S. Paulo**. São Paulo: O Estado de S. Paulo, 1997.

MARTINS, M. A. “O português são três”: evidências empíricas para a hipótese de competição de gramáticas, **Revista da ABRALIN**, v. 9, n. 2, p. 37-76, 2010.

\_\_\_\_\_. **Competição de gramáticas do português na escrita catarinense dos séculos 19 e 20**. 2009. 326 f. Tese (Doutorado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2009.

MATEUS, M. H. M. A mudança da língua no tempo e no espaço. In: MATEUS, M. H. M.; NASCIMENTO, F. B. do. (Orgs.). **A Língua Portuguesa em Mudança**. Lisboa: Caminho, 2005. p. 13-30.

\_\_\_\_\_; CARDEIRA, E. **Norma e variação**. Lisboa: Caminho, 2007.

\_\_\_\_\_. et al. (Orgs.). **Gramática da língua portuguesa**. 6. ed. Lisboa: Caminho, 2003[1983].

MATTHEWS, P. H. **Oxford Concise Dictionary of Linguistics**. Oxford: Oxford University Press, 1997.

MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2004a.

\_\_\_\_\_. **O português são dois: novas fronteiras, velhos problemas**. São Paulo: Parábola, 2004b.

MEDINA, J. L. B. Gêneros jornalísticos: repensando a questão. **Revista Symposium**. Pernambuco, ano 5, n. 1, p. 45-55, 2001. Disponível em: <<http://www.maxwell.lambda.ele.puc-rio.br/3196/3196.PDF>>. Acesso em: 25 set. 2008.

MENON, O. P. da S. O sistema pronominal do português, **Revista Letras**, Curitiba, n. 44, p. 91-106, 1995.

MEURER, J. L.; BONINI, A.; MOTTA-ROTH, D. **Gêneros: teorias, métodos, debates**. São Paulo: Parábola, 2005.

MOLLICA, M. C. Fundamentação teórica: conceituação e delimitação. In: \_\_\_\_\_.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 09-14.

\_\_\_\_\_. **Estudo da cópia nas construções relativas em português**. 1977. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1977.

MONTEAGUDO, H. Variação e norma linguística: subsídios para uma (re)visão. In: LAGARES, X. C.; BAGNO, M. (Orgs.). **Políticas da norma e conflitos linguísticos**. São Paulo: Parábola, 2011. p. 15-48.

MOURA, E. S. de V. **Se inicia oração com pronome clítico? Atitudes linguísticas, na escola, em relação aos padrões brasileiros de colocação pronominal**. 2013. 122 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2013.

NARO, A. J. Modelos quantitativos e tratamento estatístico. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p. 15-25.

NEVES, M. H. de M. **Que gramática estudar na escola? Norma e uso na Língua Portuguesa**. 4. ed. São Paulo: Contexto, 2011.

\_\_\_\_\_. **Gramática de usos do português**. São Paulo: Editora UNESP, 2000.

NUNES, C. da S. **A ordenação do clítico “se” em complexos verbais nas produções escritas do Brasil e de Portugal nos séculos XIX e XX segundo a perspectiva sociolinguística**. 2014. 285 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

\_\_\_\_\_. **Um estudo sociolinguístico sobre a ordem dos clíticos em complexos verbais no PB e no PE**. 2009. 256 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2009.

\_\_\_\_\_; VIEIRA, S. R. A colocação pronominal em complexos verbais na escrita de jornais brasileiros e europeus nos séculos XIX e XX, **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 85-99, 2013.

NUNES, J. M. **O famigerado se: uma análise sincrônica e diacrônica das construções com se apassivador e indeterminador**. 1990. 172 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1990.

OCHS, E. Planned and unplanned discourse. In: GIVÓN, T. (Ed.). **Discourse and syntax**. (Syntax and semantics. Vol. XII). New York: Academic Press, 1979. p. 51-80.

OLIVEIRA, F. de. **Gramática da linguagem portuguesa**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2012 [1536].

OLSON, D. R.; TORRANCE, N. **Cultura escrita e oralidade**. São Paulo: Ática, 1995[1991].

OMENA, N. P. de. **Pronome pessoal de terceira pessoa: suas formas variantes em função acusativa**. 1978. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1978.

PAGOTTO, E. G. Norma e condescendência: ciência e pureza. **Línguas e instrumentos linguísticos**, São Paulo, n. 2, p. 49-68, 1998.

\_\_\_\_\_. Clíticos, mudança e seleção natural. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). **Português Brasileiro: uma viagem diacrônica**. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 185- 206.

\_\_\_\_\_. **A posição dos clíticos em português: um estudo diacrônico**. 1992. 168 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Instituto de Estudos da Linguagem, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1992.

PAIVA, M. da C. Transcrição de dados linguísticos. In: MOLLICA, M. C.; BRAGA, M. L. (Orgs.). **Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação**. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2004. p.135-146.

PERINI, M. A. **Gramática do português brasileiro**. São Paulo: Parábola, 2010.

\_\_\_\_\_. **Gramática descritiva do português**. 4. ed. São Paulo: Ática, 2005[1995].

PESSOA, F. **Livro do Desassossego por Bernardo Soares**. São Paulo: Brasiliense, 1986.

PETERSON, M. S. **A ordem dos clíticos pronominais em lexias verbais simples e complexas em cartas de leitor: uma contribuição da Sociolinguística Variacionista**. 2010. 210 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

\_\_\_\_\_; VIEIRA, S. R. A ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais: as normas de uso em cartas de leitor, **Fórum Linguístico**, Florianópolis, v. 9, n. 1, p. 57-67, 2012.

PONTES, J. A. V. **Resumo Histórico – O Estado de S. Paulo**. Disponível em: <<http://www.estadao.com.br/historico/resumo/conti1.htm>>. Acesso em: 13 set. 2009.

PÚBLICO. **Livro de estilo**. Lisboa: Público Comunicação Social, SA, 2005.

RAJAGOPALAN, K. **Por uma linguística crítica: linguagem, identidade e a questão ética**. São Paulo: Parábola, 2003.

RAPOSO, E. B. P. Verbos auxiliares. In: \_\_\_\_\_. et al. (Orgs.). **Gramática do português**. v. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013. p. 1221-1281.

\_\_\_\_\_. et al. (Orgs.). **Gramática do português**. v. II. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RÊGO, A. R.; AMPHILO, M. I. Gêneros jornalísticos – análise dos jornais O Estado de São Paulo e Diário de São Paulo. In: CELACOM 2007 - COLÓQUIO LATINO-AMERICANO DE COMUNICAÇÃO, 2007, PELOTAS-RS. **Anais... SÃO BERNARDO DO CAMPO: Cátedra UNESCO**, 2007. Disponível em: <[http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/8/82/GT4-\\_18\\_-\\_Generos\\_jornalisticos-\\_maria\\_e\\_ana.pdf](http://encipecom.metodista.br/mediawiki/images/8/82/GT4-_18_-_Generos_jornalisticos-_maria_e_ana.pdf)>. Acesso em: 29 ago. 2015.

ROCHA LIMA, C. H. da. **Gramática normativa da língua portuguesa**. 49. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2011[1957].

RODRIGUES COELHO, A. L. **A ordem dos clíticos pronominais: uma análise sociolinguística da escrita escolar do Rio de Janeiro**. 2011. 163 f. Dissertação (Mestrado em

Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

ROMAINE, S. **Socio-Historical Linguistics**. Cambridge: Cambridge University Press, 2009[1982].

SAID ALI, M. **Dificuldades da língua portuguesa**. 7. ed. Rio de Janeiro: ABL/ Biblioteca Nacional, 2008[1908].

SAITO, C. L. N. Telejornal: um gênero para o letramento midiático. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Gêneros textuais: da didática das línguas aos objetos de ensino**. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. p. 195-224.

SALVI, G. La sopravvivenza dela legge di Wackernagel nei dialetti occidentali della penisola iberica, **Medioevo Romano**, v. 15, n. 2, p. 177-210, 1990.

SANKOFF, D. et al. **GoldVarb X: a variable rule application for Macintosh and Windows**. 2005. Disponível em: <<http://individual.utoronto.ca/tagliamonte/goldvarb.html>>. Acesso em: 09 fev. 2015.

SANTOS, D. C. de O. **Análise diacrônica da colocação pronominal nas variedades brasileira e europeia do português literário: um estudo segundo o conjugado “Variação-Mudança & Cliticização”**. 2010. 280 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2010.

SARAIVA, L. M. S. **A colocação dos pronomes átonos na escrita culta do domínio jornalístico e nos inqueritos do Projeto NURC: uma análise contrastiva**. 2008. 108 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

SARDINHA, T. B. A abordagem metodológica da análise multidimensional. **Gragoatá**, Niterói, n. 29, p. 107-125, 2010.

\_\_\_\_\_. Análise Multidimensional. **DELTA**, v. 16, n. 1, p. 99-127, 2000.

SAUSSURE, F. **Curso de linguística geral**. 23. ed. São Paulo: Cultrix, 2001[1916].

SCHEI, A. **A colocação pronominal do português brasileiro: a língua literária contemporânea**. São Paulo: Humanitas FFLCH/USP, 2003.

SCHERRE, M. M. P. **Doa-se lindos filhotes de poodle: variação linguística, mídia e preconceito**. São Paulo: Parábola, 2005.



SEVERO, C. G. Linguagem e sociedade: algumas reflexões sobre determinismo, **Working Papers em Linguística**, Florianópolis, n. 8, p. 127-140, 2004.

SILVA, F. M. *Talk show*: um gênero televisivo entre o jornalismo e o entretenimento, **E-compós**, Brasília, v. 12, n. 1, p. 1-16, 2009.

SILVA NETO, S. **Introdução ao estudo da língua portuguesa no Brasil**. 2. ed. Rio de Janeiro: INL / MEC, 1963.

SOUSA, H. *Time-life/Globo/SIC*: um caso de reexportação do modelo americano de televisão? 1999. Comunicação apresentada no I Congresso de Ciências da Comunicação, Fundação Calouste Gulbenkian, Lisboa, 1999.

SOUZA, L. V. de. As ações do professor: a análise comparativa entre trabalho prescrito e trabalho realizado sobre o discurso argumentativo do editorial de jornal. In: NASCIMENTO, E. L. (Org.). **Gêneros textuais**: da didática das línguas aos objetos de ensino. São Carlos: Editora Claraluz, 2009. p. 91-111.

TAGLIAMONTE, S. A. **Analysing Sociolinguistic Variation**. New York: Cambridge University Press, 2006.

TANNEN, D. (Ed.). **Spoken and Written Language**: Exploring Orality and Literacy. Norwood, NJ: Ablex, 1982.

TARALLO, F. **A pesquisa sociolinguística**. 8. ed. São Paulo: Ática, 2007.

\_\_\_\_\_. Diagnosticando uma gramática brasileira: o português d'aquém e d'além mar no final do século XIX. In: ROBERTS, I.; KATO, M. A. (Orgs.). **Português Brasileiro**: uma viagem diacrônica. 2. ed. Campinas: Editora da UNICAMP, 1996. p. 69-105.

\_\_\_\_\_; KATO, M. A. Harmonia trans-sistêmica: variação intra- e inter-linguística, **Preedição**, Campinas, v. 5, p. 1-41, 1989.

VIEIRA, M. de F. O português europeu e a colocação dos pronomes átonos. **Diacrítica**, Porto, v. 26, n. 1, p. 299-330, 2012.

\_\_\_\_\_. **A cliticização pronominal em lexias verbais simples e em complexos verbais no português europeu oral contemporâneo**: uma investigação sociolinguística. 2011. 168 f. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2011.

VIEIRA, S. R. A complexidade do tratamento variacionista da ordem dos clíticos em complexos verbais. In: BERLINCK, R. de A.; HATTNER, M. M. D.; IAGALLO, P. O.

(Orgs.). **Estudos linguísticos: níveis de análise**. Araraquara: FCL-UNESP Laboratório Editorial; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2012. p. 57-86.

\_\_\_\_\_. A variação na ordem dos clíticos pronominais em complexos verbais: condicionamentos morfossintáticos e prosódicos. In: RONCARATI, C., ABRAÇADO, J. (Orgs.). **Português brasileiro II: contato linguístico, heterogeneidade e história**. Niterói: Editora da UFF, 2008a. p. 285-300.

\_\_\_\_\_. O complexo comportamento da ordem dos clíticos em complexos verbais. IN: ENCONTRO DO CELSUL, 8., 2008b, Porto Alegre. **Anais...** Porto Alegre: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2008b. Disponível em: <[http://www.celsul.org.br/Encontros/08/complexo\\_comportamento\\_da\\_ordem.pdf](http://www.celsul.org.br/Encontros/08/complexo_comportamento_da_ordem.pdf)>. Acesso em: 11 jun. 2014.

\_\_\_\_\_. Colocação pronominal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007a. p.121-146.

\_\_\_\_\_. Concordância verbal. In: VIEIRA, S. R.; BRANDÃO, S. F. (Orgs.). **Ensino de gramática: descrição e uso**. São Paulo: Contexto, 2007b. p.85-102.

\_\_\_\_\_. Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português. In: BRANDÃO, S. F.; MOTA, M. A. (Orgs.). **Análise contrastiva de variedades do português**. Primeiros estudos. Rio de Janeiro: In-Fólio, 2003, p. 37-59.

\_\_\_\_\_. **Colocação pronominal nas variedades européia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em português**. 2002. 441 f. Tese (Doutorado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

VIGÁRIO, M. C. **The prosodic word in European Portuguese**. 2001. 396 f. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade de Lisboa, Lisboa, 2001.

WEINER, E. J.; LABOV, W. Constraints on the agentless passive. **Journal of Linguistics**, v. 19, p. 29-58, 1983.

WEINREICH, V.; LABOV, W.; HERZOG, M. **Fundamentos empíricos para uma teoria da mudança linguística**. São Paulo: Parábola, 2006[1968].

\_\_\_\_\_. Empirical Foundations for a Theory of Language Change. In: LEHMANN, W.P.; MALKIEL, Y. (Eds.). **Directions for historical linguistics: A symposium**. Austin: University of Texas Press, 1968. p. 95-195.

ZWICKY, A. M. Clitics and Particles. **Language**, v. 61, n. 2, p. 283-305, 1985.

\_\_\_\_\_. **On clitics**. Bloomington, Indiana: Indiana University Linguistics Club, 1977.

\_\_\_\_\_; PULLUM, G. K. Cliticization vs. Inflection: English N'T. **Language**, v. 59, n. 3, p. 502-513, 1983.

## APÊNDICE A

### Critérios para a transcrição dos *corpora* orais

#### Indicações de formatação do texto transcrito:

- Word, versão 97-2003, Times New Roman 12, espaço 1,5
- Cada arquivo deve contar um programa (noticiário ou entrevista) na íntegra (a transcrição de cada bloco deverá ser separada por uma linha de asterisco)
- Cabeçalho completo:

	Vídeo	Duração
<b>Total</b>		

#### - Participantes:

Apresentador ou Âncora – A

Repórter – R (R1, R2... Rn) ou Entrevistado (nome e ocupação) – E (E1, E2... En)

#### Critérios:

1. Incompreensão de palavras ou segmentos: [inint]
2. Hipótese do que se ouviu (quando não há certeza): [ ]
3. Indicação de que a fala foi tomada ou interrompida em determinado ponto: (...)
4. Realização inusitada de uma palavra (ou expressão) ou palavra desconhecida (ouvida nitidamente na transcrição): *itálico*
5. Superposição, simultaneidade de vozes: [
6. Nos casos de discurso direto, citações de textos: “ ” (entre aspas)
7. Qualquer comentário descritivo do transcritor: { }
8. Interrogação: ?
9. Truncamentos (quebras no encadeamento do enunciado), correções, repetições (não intencionais): /
10. Desvio temático: - -
11. Prolongamento de vogal ou consoante: ::

#### Detalhes:

1º. As iniciais maiúsculas devem ser usadas somente para nomes próprios e siglas.

2º. Números, algarismos, horas por extenso, com hífen.

3º. As expressões fáticas devem ser grafadas da seguinte maneira: ah, éh, ahn, ehn, uhn, oh, ôh, hei, tá, etc. – ATENÇÃO: somente registrar as que, realmente, destinam-se a manter o contato entre o locutor e o interlocutor e, não, as expressões que aparecem no decorrer de uma fala sem quaisquer funções.

4º. Registrar: concordância nominal e verbal variáveis; queda do segmento inicial da palavra (aférese) – somente para o verbo ser (tô, tava, tá, tando, tar, tão, etc.); preposições articuladas e reduzidas (pro, pra, prum, etc.); a diferença entre né (valor fático) e né (com entonação de pergunta) (1º: ... né... ; 2º: né?).

5º. Não se utilizam sinais de pausa, típicas da língua escrita, como ponto e vírgula, ponto final, dois pontos, vírgula. As reticências marcam qualquer tipo de pausa.

## APÊNDICE B

### Teste de percepção – Definição da variável dependente em contexto de lexias verbais complexas (ênclise a V1 ou próclise a V2), nos gêneros orais do PE e do PB

#### INSTRUÇÕES

No áudio, intitulado “Dados\_Avaliação auditiva”, você ouvirá um total de 10 (dez) falas, curtas, produzidas por falantes nativos do Português Brasileiro e do Português Europeu. Mais especificamente, serão 5 (cinco) trechos de cada variedade.

Logo após a voz da mediadora, referindo-se ao número do exemplo, a fala em questão será apresentada e você deverá assinalar o que, verdadeiramente, foi ouvido.

O que interessa a este teste é a colocação pronominal. Por isso, ao ser pronunciado ‘**you+me+divertir**’, por exemplo, você, ouvinte, deverá marcar a opção que ouviu:

(a) ‘**you-me divertir**’, com o pronome ‘**me**’ relacionado ao primeiro verbo (‘**you**’)

OU

(b) ‘**you me divertir**’, com o pronome ‘**me**’ ligado ao segundo verbo (‘**divertir**’).

Depois dos exemplos, há 6 (seis) perguntas e algumas informações pessoais para serem completadas.

#### EXEMPLO NÚMERO 01

Trecho: muito bem... o mandato de Luiz Estevão foi cassado por causa de um desvio de cento-e-sessenta-e-nove milhões nas obras do Tribunal... ok... mas isso não **pode+nos+fazer** não lembrar de um outro crime sutil...

O que você ouviu? ( ) **pode-nos fazer** ( ) **pode nos fazer**

#### EXEMPLO NÚMERO 02

Trecho: é absolutamente errado acharmos que a Constituição é a origem dos nossos males... não é verdade... **pode+se+legislar** muito e bem e de forma até radical sem pôr em causa a Constituição...

O que você ouviu? ( ) **pode-se legislar** ( ) **pode se legislar**

#### EXEMPLO NÚMERO 03

Trecho: minha senhora... se eu comer uma nesguinha... eu **you+me+esbofetear** com a senhora pra roubar o bolo todo...

O que você ouviu? ( ) **you-me esbofetear** ( ) **you me esbofetear**

#### EXEMPLO NÚMERO 04

Trecho: **vai+me+permitir** fazer um brilharete sabe porquê?...

O que você ouviu? ( ) **vai-me permitir** ( ) **vai me permitir**

#### EXEMPLO NÚMERO 05

Trecho: antes da gente ir pra lá pra’quela mixórdia... eu vou... eu **quero+te+entregar** aqui... o Viva o Gordo

O que você ouviu? ( ) **quero-te entregar** ( ) **quero te entregar**

#### EXEMPLO NÚMERO 06

Trecho: já vamos continuar a falar... por agora **queria+te+oferecer** um quadro muito bonito que está aqui... que é o quadro do José Malhoa... que se chama Fado...

O que você ouviu? ( ) **queria-te oferecer** ( ) **queria te oferecer**

**EXEMPLO NÚMERO 07**

Trecho: aí eu **acabei+me+enchendo...** falei “pô.. por que ninguém inventa uma buzina diferente?...

O que você ouviu? ( ) **acabei-me enchendo** ( ) **acabei me enchendo**

**EXEMPLO NÚMERO 08**

Trecho: quem não gosta... não nos fala... quem gosta **vem+nos+falar** e dar os parabéns...

O que você ouviu? ( ) **vem-nos falar** ( ) **vem nos falar**

**EXEMPLO NÚMERO 09**

Trecho: então vai... ele **vai+se+resolvendo...** éh:... mas assim de cabeça não me recordo nenhuma de médico...

O que você ouviu? ( ) **vai-se resolvendo** ( ) **vai se resolvendo**

**EXEMPLO NÚMERO 10**

Trecho: mas os marinheiros dizem que sim... que em momentos extraordinários **consegue+se+ver** o raio verde sobre o mar... e a ideia do raio Verde que é o nome do último capítulo é isso mesmo... no fim... há de haver uma esperança...

O que você ouviu? ( ) **consegue-se ver** ( ) **consegue se ver**

**TESTE / PERGUNTAS**

1- Você conseguiu identificar quais exemplos são do Português Brasileiro e quais do Português Europeu? Se sim, como?

2- Qual construção você utiliza com mais frequência: **you-me divertir** ou **vou me divertir**?

3- O que você diz sobre a construção **you-me divertir**?

- ( ) Não a utilizo porque é uma construção incorreta.
- ( ) Não a utilizo porque não me parece uma construção normal, comum.
- ( ) Utilizo essa construção apenas em situações formais.
- ( ) Utilizo essa construção apenas em situações informais.
- ( ) Utilizo essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal, comum.
- ( ) Utilizo essa construção porque, de acordo com gramáticas e manuais, ela é a mais aceitável.

4- O que você diz sobre a construção **vou me divertir**?

- ( ) Não a utilizo porque é uma construção incorreta.
- ( ) Não a utilizo porque não me parece uma construção normal, comum.
- ( ) Utilizo essa construção apenas em situações formais.
- ( ) Utilizo essa construção apenas em situações informais.
- ( ) Utilizo essa construção em qualquer situação porque me parece algo normal, comum.
- ( ) Utilizo essa construção porque, de acordo com gramáticas e manuais, ela é a mais aceitável.

5- Quais das construções abaixo você utilizaria? (Se for o caso, mais de uma opção poderá ser marcada)

- ( ) Minhas primas estão-se comportando bem. (A)
- ( ) Minhas primas estão comportando-se bem. (B)
- ( ) Minhas primas se estão comportando bem. (C)
- ( ) Minhas primas estão se comportando bem. (D)

6- Quais das construções abaixo você utilizaria? (Se for o caso, mais de uma opção poderá ser marcada)

- ( ) Agora o governo não pode-se comprometer. (A)
- ( ) Agora o governo não pode comprometer-se. (B)
- ( ) Agora o governo não se pode comprometer. (C)
- ( ) Agora o governo não pode se comprometer. (D)

## INFORMAÇÕES PESSOAIS

- 1- Sexo: ( ) Feminino ( ) Masculino  
 2- Nacionalidade: ( ) Brasileira ( ) Portuguesa  
 3- Qual o seu grau de escolaridade? Caso tenha Graduação (ou Pós-Graduação), qual o curso?

\*\*\*\*\*

Respostas das perguntas 1, 5 e 6 (não apresentadas na seção 4):

<b>Pergunta 1:</b>		Você conseguiu identificar quais exemplos são do Português Brasileiro e quais do Português Europeu?		
	Sim	Não	Como? (Através de:)	
Informantes portugueses (25)	100%	-	Sotaque, pronúncia, vocabulário, modulação da voz, pausas e ritmos de dicção	
Informantes brasileiros (25)	100%	-	Sotaque, pronúncia, vocabulário, prosódia, velocidade da fala	

<b>Pergunta 5:</b>		Quais das construções abaixo você utilizaria?			
	A	B	C	D	
Informantes portugueses (25)	66%	34%	0%	0%	
Informantes brasileiros (25)	3%	21%	0%	76%	

<b>Pergunta 6:</b>		Quais das construções abaixo você utilizaria?			
	A	B	C	D	
Informantes portugueses (25)	5%	38%	55%	0%	
Informantes brasileiros (25)	3%	32%	3%	62%	

## APÊNDICE C

### Distribuição da variante pré-verbal segundo *cada fator integrante* das variáveis linguísticas inicialmente examinadas

- **ENTREVISTA / PE**

Tabela 1. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Ausência de elemento (proclisador)	0/49	0%
SN sujeito nominal simples	0/11	0%
SN sujeito nominal complexo	1/3	33%
SN sujeito pronome pessoal	2/22	9%
SN sujeito pronome demonstrativo	0/2	0%
SN sujeito pronome indefinido	1/3	33%
Sujeito oracional <sup>140</sup>	0/1	0%
Partícula/sintagma de negação	45/45	100%
SPrep	2/8	25%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	18/18	100%
Advérbio – um só vocábulo (não canônico)	1/8	12%
Locução adverbial	1/4	25%
Preposição <i>a</i>	0/1	0%
Preposição <i>em</i>	2/3	67%
Preposição <i>por</i>	1/1	100%
Preposição <i>de</i>	3/3	100%
Preposição <i>para</i>	9/9	100%
Locução prepositiva	1/1	100%
Conjunção coordenativa aditiva	3/20	15%
Conjunção coordenativa adversativa	0/6	0%
Conjunção coordenativa alternativa	0/1	0%
Conjunção coordenativa explicativa	1/2	50%
Conjunção coordenativa conclusiva	0/2	0%
Conjunção subordinativa	24/24	100%
Conjunção integrante <i>que</i>	14/19	74%
Conjunção integrante <i>se</i>	1/1	100%
Pronome relativo <i>que</i>	52/54	96%
Outros pronomes/advérbios relativos	1/1	100%
<i>que</i> em estrutura clivada	7/8	87%
<i>que</i> em locução conjuntiva	6/6	100%
<i>que</i> ‘exclamativo’	3/3	100%
Palavra QU interrogativa do tipo pronominal	4/5	80%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	1/1	100%
Truncamento <sup>141</sup>	1/4	25%
Total	205/349	59%

<sup>140</sup> Fator excluído das análises finais.

<sup>141</sup> Fator excluído das análises finais.



Tabela 2. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (número de sílabas)	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Nenhuma sílaba	188/271	69%
1 a 2 sílabas	10/12	83%
3 a 5 sílabas	3/4	75%
6 a 10 sílabas	4/5	80%
11 ou mais sílabas	0/4	0%
Total	205/296	69%

Tabela 3. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (natureza do constituinte)	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Nenhum constituinte	188/271	69%
SN simples	13/15	87%
SN complexo	1/3	33%
SPrep	1/2	50%
SAdv	1/2	50%
2 ou mais constituintes de naturezas diversas	1/3	33%
Total	205/296	69%

Tabela 4. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
me	68/114	60%
te	22/37	59%
o(s)/a(s) e FV	13/26	50%
lhe(s)	18/36	50%
se	63/100	63%
nos	19/33	58%
vos	2/3	67%
Total	205/349	59%

Tabela 5. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Argumental	100/174	57%
Não argumental	7/9	78%
Inerência/reflexividade	72/122	59%
Apassivação	12/19	63%
Indeterminação	14/25	56%
Total	205/349	59%

Tabela 6. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro

Forma verbal	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Presente / Indicativo	95/161	59%
Pretérito perfeito / Indicativo	41/82	50%
Pretérito imperfeito / Indicativo	18/32	56%
Presente / Subjuntivo	20/20	100%
Pretérito imperfeito / Subjuntivo	5/5	100%
Futuro / Subjuntivo	2/2	100%
Afirmativo / Imperativo	0/7	0%
Infinitivo	23/37	62%
Gerúndio	1/3	33%
Total	205/349	59%

- **ENTREVISTA / PB**

Tabela 7. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Ausência de elemento (proclisador)	18/24	75%
SN sujeito nominal simples	10/10	100%
SN sujeito nominal complexo	1/1	100%
SN sujeito pronome pessoal	29/29	100%
Partícula/sintagma de negação	11/11	100%
SPrep	1/1	100%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	10/12	83%
Advérbio – um só vocábulo (não canônico)	1/1	100%
Advérbio – terminado com o sufixo <i>-mente</i>	1/1	100%
Preposição <i>a</i>	1/1	100%
Preposição <i>de</i>	1/3	33%
Preposição <i>para</i>	4/4	100%
Conjunção coordenativa aditiva	3/3	100%
Conjunção coordenativa adversativa	1/1	100%
Conjunção coordenativa explicativa	1/1	100%
Conjunção coordenativa conclusiva	1/1	100%
Conjunção subordinativa	9/9	100%
Conjunção integrante <i>que</i>	4/4	100%
Pronome relativo <i>que</i>	12/12	100%
<i>que</i> em estrutura clivada	3/3	100%
<i>que</i> em locução conjuntiva	2/2	100%
<i>que</i> ‘exclamativo’	1/1	100%
Palavra QU interrogativa do tipo pronominal	1/1	100%
Hesitação <sup>142</sup>	1/1	100%
Elemento discursivo/fático <sup>143</sup>	2/3	67%
Total	129/140	92%

<sup>142</sup> Fator excluído das análises finais.

<sup>143</sup> Fator excluído das análises finais.

Tabela 8. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (número de sílabas)	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Nenhuma sílaba	97/102	95%
1 a 2 sílabas	9/9	100%
3 a 5 sílabas	4/4	100%
6 a 10 sílabas	1/1	100%
Total	111/116	96%

Tabela 9. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (natureza do constituinte)	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Nenhum constituinte	97/102	95%
SN simples	12/12	100%
SPrep	1/1	100%
2 ou mais constituintes de naturezas diversas	1/1	100%
Total	111/116	96%

Tabela 10. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
me	65/65	100%
te	17/18	94%
o(s)/a(s) e FV	5/7	71%
se	40/48	83%
nos	2/2	100%
Total	129/140	92%

Tabela 11. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Argumental	64/66	97%
Inerência/reflexividade	59/62	95%
Apassivação	4/8	50%
Indeterminação	2/4	50%
Total	129/140	92%

Tabela 12. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro

Forma verbal	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Presente / Indicativo	46/47	98%
Pretérito perfeito / Indicativo	44/45	98%
Pretérito imperfeito / Indicativo	3/3	100%
Futuro do pretérito / Indicativo	2/2	100%
Presente / Subjuntivo	3/3	100%
Pretérito imperfeito / Subjuntivo	1/1	100%
Futuro / Subjuntivo	1/1	100%
Afirmativo / Imperativo	7/14	50%
Negativo / Imperativo	2/2	100%
Infinitivo	17/19	89%
Gerúndio	3/3	100%
Total	129/140	92%

- **NOTICIÁRIO / PE**

Tabela 13. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Ausência de elemento (proclisador)	0/25	0%
SN sujeito nominal simples	0/28	0%
SN sujeito nominal complexo	0/16	0%
Partícula/sintagma de negação	18/19	95%
SPrep	0/9	0%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	9/9	100%
Advérbio – um só vocábulo (não canônico)	0/2	0%
Advérbio – terminado com o sufixo <i>-mente</i>	1/1	100%
Locução adverbial	0/2	0%
Preposição <i>a</i>	0/2	0%
Preposição <i>de</i>	1/2	50%
Preposição <i>para</i>	4/4	100%
Locução prepositiva	1/1	100%
Conjunção coordenativa aditiva	1/5	20%
Conjunção coordenativa adversativa	0/2	0%
Conjunção coordenativa explicativa	0/1	0%
Conjunção subordinativa	10/11	91%
Conjunção integrante <i>que</i>	9/11	82%
Pronome relativo <i>que</i>	32/32	100%
Outros pronomes/advérbios relativos	5/5	100%
<i>que</i> em estrutura clivada	1/1	100%
<i>que</i> em locução conjuntiva	2/2	100%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	3/3	100%
Total	97/193	50%

Tabela 14. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (número de sílabas)	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Nenhuma sílaba	77/140	55%
1 a 2 sílabas	4/4	100%
3 a 5 sílabas	10/11	91%
6 a 10 sílabas	3/7	43%
11 ou mais sílabas	3/6	50%
Total	97/168	58%

Tabela 15. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (natureza do constituinte)	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Nenhum constituinte	77/140	55%
SN simples	14/15	93%
SN complexo	3/4	75%
SAdj	0/1	0%
SPrep	1/1	100%
SAdv	1/2	50%
SO	0/3	0%
2 ou mais constituintes de naturezas diversas	1/2	50%
Total	97/168	58%

Tabela 16. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
o(s)/a(s) e FV	14/20	70%
lhe(s)	10/12	83%
se	72/158	46%
nos	1/3	33%
Total	97/193	50%

Tabela 17. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Argumental	24/33	73%
Não argumental	1/1	100%
Inerência/reflexividade	48/114	42%
Apassivação	17/23	74%
Indeterminação	7/22	32%
Total	97/193	50%

Tabela 18. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro

Forma verbal	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Presente / Indicativo	40/91	44%
Pretérito perfeito / Indicativo	29/59	49%
Pretérito imperfeito / Indicativo	10/14	71%
Futuro do presente / Indicativo	1/1	100%
Futuro do pretérito / Indicativo	1/1	100%
Presente / Subjuntivo	3/3	100%
Pretérito imperfeito / Subjuntivo	3/3	100%
Afirmativo / Imperativo	0/1	0%
Infinitivo	10/18	56%
Gerúndio	0/2	0%
Total	97/193	50%

- **NOTICIÁRIO / PB**

Tabela 19. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Ausência de elemento (proclisador)	3/5	60%
SN sujeito nominal simples	22/22	100%
SN sujeito nominal complexo	12/14	86%
SN sujeito pronome pessoal	3/3	100%
SN sujeito pronome demonstrativo	1/1	100%
SN sujeito pronome indefinido	2/2	100%
Partícula/sintagma de negação	5/5	100%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	6/6	100%
Preposição <i>em</i>	0/1	0%
Preposição <i>sem</i>	1/1	100%
Preposição <i>de</i>	2/2	100%
Preposição <i>para</i>	3/6	50%
Locução prepositiva	1/1	100%
Conjunção coordenativa aditiva	5/6	83%
Conjunção coordenativa adversativa	1/2	50%
Conjunção subordinativa	7/7	100%
Conjunção integrante <i>que</i>	3/3	100%
Pronome relativo <i>que</i>	10/10	100%
Outros pronomes/advérbios relativos	3/3	100%
<i>que</i> em locução conjuntiva	1/1	100%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	2/2	100%
Total	93/103	90%

Tabela 20. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (número de sílabas)	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Nenhuma sílaba	78/85	92%
1 a 2 sílabas	1/1	100%
3 a 5 sílabas	4/5	80%
6 a 10 sílabas	4/4	100%
11 ou mais sílabas	3/3	100%
Total	90/98	92%

Tabela 21. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (natureza do constituinte)	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Nenhum constituinte	78/85	92%
SN simples	8/8	100%
SN complexo	2/2	100%
SPrep	0/1	0%
SO	2/2	100%
Total	90/98	92%

Tabela 22. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
me	2/2	100%
te	1/1	100%
o(s)/a(s) e FV	2/8	25%
se	87/91	96%
nos	1/1	100%
Total	93/103	90%

Tabela 23. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Argumental	6/12	50%
Inerência/reflexividade	76/79	96%
Apassivação	3/3	100%
Indeterminação	8/9	89%
Total	93/103	90%

Tabela 24. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro

Forma verbal	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Presente / Indicativo	44/47	94%
Pretérito perfeito / Indicativo	29/31	93%
Pretérito imperfeito / Indicativo	6/6	100%
Futuro do presente / Indicativo	1/1	100%
Infinitivo	12/17	71%
Gerúndio	1/1	100%
Total	93/103	90%

- **CARTA / PE**

Tabela 25. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Ausência de elemento (proclisador)	1/91	1%
SN sujeito nominal simples	5/21	24%
SN sujeito nominal complexo	1/29	3%
SN sujeito pronome demonstrativo	0/1	0%
SN sujeito pronome indefinido	2/3	68%
Partícula/sintagma de negação	42/43	98%
SPrep	2/7	29%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	27/28	96%
Advérbio – um só vocábulo (não canônico)	1/2	50%
Advérbio – terminado com o sufixo <i>-mente</i>	2/5	40%
Locução adverbial	2/2	100%
Preposição <i>a</i>	0/7	0%
Preposição <i>de</i>	16/17	94%
Preposição <i>para</i>	16/17	94%
Locução prepositiva	5/5	100%
Conjunção coordenativa aditiva	6/23	26%
Conjunção coordenativa adversativa	0/2	0%
Conjunção coordenativa explicativa	2/3	67%
Conjunção coordenativa conclusiva	0/2	0%
Conjunção subordinativa	34/35	97%
Conjunção integrante <i>que</i>	30/31	97%
Conjunção integrante <i>se</i>	2/2	100%
Pronome relativo <i>que</i>	109/109	100%
Outros pronomes/advérbios relativos	16/16	100%
<i>que</i> em estrutura clivada	2/4	50%
<i>que</i> em locução conjuntiva	7/7	100%
<i>que</i> ‘exclamativo’	9/9	100%
Palavra QU interrogativa do tipo pronominal	4/4	100%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	4/4	100%
Total	347/529	67%

Tabela 26. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (número de sílabas)	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Nenhuma sílaba	266/344	77%
1 a 2 sílabas	8/8	100%
3 a 5 sílabas	33/33	100%
6 a 10 sílabas	17/22	77%
11 ou mais sílabas	22/31	71%
Total	346/438	79%



Tabela 27. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (natureza do constituinte)	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Nenhum constituinte	266/344	77%
SN simples	24/24	100%
SN complexo	17/19	89%
SPrep	13/18	72%
SAdv	11/12	92%
SO	5/9	56%
2 ou mais constituintes de naturezas diversas	10/12	83%
Total	346/438	79%

Tabela 28. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
me	18/36	50%
te	0/1	0%
o(s)/a(s) e FV	44/62	71%
lhe(s)	23/37	62%
se	226/346	65%
nos	35/46	76%
vos	1/1	100%
Total	347/529	66%

Tabela 29. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Argumental	97/149	65%
Não argumental	6/9	67%
Inerência/reflexividade	153/234	65%
Apassivação	40/54	74%
Indeterminação	51/83	61%
Total	347/529	66%

Tabela 30. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro

Forma verbal	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Presente / Indicativo	171/254	67%
Pretérito perfeito / Indicativo	43/84	51%
Pretérito imperfeito / Indicativo	19/25	76%
Futuro do presente / Indicativo	8/8	100%
Futuro do pretérito / Indicativo	7/7	100%
Presente / Subjuntivo	39/45	87%
Pretérito imperfeito / Subjuntivo	9/9	100%
Futuro / Subjuntivo	2/2	100%
Afirmativo / Imperativo	0/11	0%
Negativo / Imperativo	3/3	100%
Infinitivo	44/65	68%
Gerúndio	2/16	12%
Total	347/529	66%

- **CARTA / PB**

Tabela 31. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Ausência de elemento (proclisador)	1/68	1%
SN sujeito nominal simples	9/16	56%
SN sujeito nominal complexo	7/13	54%
SN sujeito pronome pessoal	3/3	100%
SN sujeito pronome demonstrativo	2/2	100%
SN sujeito pronome indefinido	3/3	100%
Predicativo do sujeito <sup>144</sup>	1/1	100%
Partícula/sintagma de negação	42/43	98%
SPrep	4/7	57%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	29/29	100%
Advérbio – um só vocábulo (não canônico)	2/3	67%
Advérbio – terminado com o sufixo <i>-mente</i>	2/2	100%
Locução adverbial	1/1	100%
Preposição <i>a</i>	3/4	75%
Preposição <i>em</i>	0/2	0%
Preposição <i>por</i>	0/1	0%
Preposição <i>sem</i>	0/2	0%
Preposição <i>de</i>	9/16	56%
Preposição <i>para</i>	9/21	43%
Locução prepositiva	5/5	100%
Conjunção coordenativa aditiva	10/17	59%
Conjunção coordenativa adversativa	1/3	33%
Conjunção coordenativa explicativa	2/2	100%
Conjunção coordenativa conclusiva	0/1	0%
Conjunção subordinativa	17/18	94%
Conjunção integrante <i>que</i>	19/22	86%
Conjunção integrante <i>se</i>	1/1	100%
Pronome relativo <i>que</i>	69/69	100%
Outros pronomes/advérbios relativos	12/12	100%
<i>que</i> em estrutura clivada	9/9	100%
<i>que</i> em locução conjuntiva	8/8	100%
<i>que</i> ‘exclamativo’	9/9	100%
Palavra QU interrogativa do tipo pronominal	4/4	100%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	1/1	100%
Total	294/418	70%

Tabela 32. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (número de sílabas)	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Nenhuma sílaba	247/295	84%
1 a 2 sílabas	6/7	86%
3 a 5 sílabas	12/12	100%
6 a 10 sílabas	15/17	88%
11 ou mais sílabas	13/19	68%
Total	293/350	84%

<sup>144</sup> Fator excluído das análises finais.

Tabela 33. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (natureza do constituinte)	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Nenhum constituinte	247/295	84%
SN simples	18/19	95%
SN complexo	5/5	100%
SPrep	5/7	71%
SAdv	2/2	100%
SV	1/1	100%
SO	5/10	50%
2 ou mais constituintes de naturezas diversas	10/11	91%
Total	293/350	84%

Tabela 34. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
me	21/33	64%
o(s)/a(s) e FV	27/62	43%
lhe(s)	13/19	68%
se	196/260	75%
nos	37/43	86%
vos	0/1	0%
Total	294/418	70%

Tabela 35. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Argumental	78/127	61%
Não argumental	4/5	80%
Inerência/reflexividade	150/198	76%
Apassivação	37/42	88%
Indeterminação	25/46	54%
Total	294/418	70%

Tabela 36. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro

Forma verbal	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Presente / Indicativo	136/177	77%
Pretérito perfeito / Indicativo	47/63	75%
Pretérito imperfeito / Indicativo	13/15	87%
Pretérito mais-que-perfeito / Indicativo	1/1	100%
Futuro do presente / Indicativo	8/8	100%
Futuro do pretérito / Indicativo	7/7	100%
Presente / Subjuntivo	39/44	89%
Pretérito imperfeito / Subjuntivo	2/2	100%
Futuro / Subjuntivo	1/1	100%
Afirmativo / Imperativo	0/6	0%
Infinitivo	35/74	47%
Gerúndio	5/20	25%
Total	294/418	70%

- **EDITORIAL / PE**

Tabela 37. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Ausência de elemento (proclisador)	0/76	0%
SN sujeito nominal simples	4/19	21%
SN sujeito nominal complexo	1/11	9%
SN sujeito pronome demonstrativo	0/1	0%
SN sujeito pronome indefinido	1/1	100%
Partícula/sintagma de negação	52/52	100%
SPrep	4/15	27%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	20/21	95%
Advérbio – terminado com o sufixo <i>-mente</i>	0/1	0%
Locução adverbial	1/2	50%
Preposição <i>a</i>	0/6	0%
Preposição <i>em</i>	1/1	100%
Preposição <i>por</i>	1/1	100%
Preposição <i>de</i>	9/11	82%
Preposição <i>para</i>	13/13	100%
Locução prepositiva	4/4	100%
Conjunção coordenativa aditiva	5/23	22%
Conjunção coordenativa adversativa	0/5	0%
Conjunção coordenativa alternativa	1/2	50%
Conjunção coordenativa explicativa	0/1	0%
Conjunção coordenativa conclusiva	0/1	0%
Conjunção subordinativa	37/39	95%
Conjunção integrante <i>que</i>	25/26	96%
Conjunção integrante <i>se</i>	3/3	100%
Pronome relativo <i>que</i>	76/77	99%
Outros pronomes/advérbios relativos	11/11	100%
<i>que</i> em estrutura clivada	8/8	100%
<i>que</i> em locução conjuntiva	9/9	100%
<i>que</i> ‘exclamativo’	1/1	100%
Palavra QU interrogativa do tipo pronominal	1/1	100%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	1/1	100%
Total	289/443	65%

Tabela 38. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (número de sílabas)	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Nenhuma sílaba	223/286	78%
1 a 2 sílabas	4/4	100%
3 a 5 sílabas	27/30	90%
6 a 10 sílabas	20/26	77%
11 ou mais sílabas	15/21	71%
Total	289/367	79%

Tabela 39. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (natureza do constituinte)	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Nenhum constituinte	223/286	78%
SN simples	26/26	100%
SN complexo	8/12	67%
SPrep	14/16	87%
SAdv	4/4	100%
SV	1/2	50%
SO	1/6	17%
Conjunção	0/1	0%
2 ou mais constituintes de naturezas diversas	12/14	86%
Total	289/367	79%

Tabela 40. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
me	4/7	57%
o(s)/a(s) e FV	42/73	57%
lhe(s)	15/23	65%
se	209/310	67%
nos	19/30	63%
Total	289/443	65%

Tabela 41. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Argumental	67/109	61%
Não argumental	4/6	67%
Inerência/reflexividade	133/197	67%
Apassivação	32/48	67%
Indeterminação	53/83	64%
Total	289/443	65%

Tabela 42. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro

Forma verbal	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Presente / Indicativo	123/190	65%
Pretérito perfeito / Indicativo	58/88	66%
Pretérito imperfeito / Indicativo	21/29	72%
Pretérito mais-que-perfeito / Indicativo	0/1	0%
Futuro do presente / Indicativo	5/5	100%
Futuro do pretérito / Indicativo	7/7	100%
Presente / Subjuntivo	23/33	70%
Pretérito imperfeito / Subjuntivo	9/9	100%
Futuro / Subjuntivo	1/1	100%
Afirmativo / Imperativo	0/2	0%
Infinitivo	40/65	61%
Gerúndio	2/13	15%
Total	289/443	65%

- **EDITORIAL / PB**

Tabela 43. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Ausência de elemento (proclisador)	0/39	0%
SN sujeito nominal simples	20/24	83%
SN sujeito nominal complexo	11/14	79%
SN sujeito pronome pessoal	1/1	100%
SN sujeito pronome demonstrativo	2/2	100%
SN sujeito pronome indefinido	1/1	100%
Partícula/sintagma de negação	31/31	100%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	14/14	100%
Advérbio – terminado com o sufixo <i>-mente</i>	1/1	100%
Locução adverbial	1/1	100%
Preposição <i>a</i>	5/6	83%
Preposição <i>em</i>	0/1	0%
Preposição <i>por</i>	2/2	100%
Preposição <i>de</i>	2/5	40%
Preposição <i>para</i>	7/14	50%
Locução prepositiva	2/2	100%
Conjunção coordenativa aditiva	4/8	50%
Conjunção coordenativa explicativa	1/1	100%
Conjunção coordenativa conclusiva	0/1	0%
Conjunção subordinativa	19/19	100%
Conjunção integrante <i>que</i>	20/20	100%
Conjunção integrante <i>se</i>	2/2	100%
Pronome relativo <i>que</i>	40/40	100%
Outros pronomes/advérbios relativos	4/5	80%
<i>que</i> em estrutura clivada	2/2	100%
<i>que</i> em locução conjuntiva	7/7	100%
Palavra QU interrogativa do tipo pronominal	3/3	100%
Total	202/266	76%

Tabela 44. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (número de sílabas)	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Nenhuma sílaba	169/193	88%
1 a 2 sílabas	6/6	100%
3 a 5 sílabas	10/11	91%
6 a 10 sílabas	7/7	100%
11 ou mais sílabas	10/10	100%
Total	202/227	89%

Tabela 45. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância (natureza do constituinte)	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Nenhum constituinte	169/193	88%
SN simples	17/17	100%
SN complexo	7/7	100%
SAdj	0/1	0%
SPrep	2/2	100%
SV	1/1	100%
SO	1/1	100%
Conjunção	1/1	100%
2 ou mais constituintes de naturezas diversas	4/4	100%
Total	202/227	89%

Tabela 46. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
o(s)/a(s) e FV	16/31	52%
lhe(s)	11/12	92%
se	174/222	78%
nos	1/1	100%
Total	202/266	76%

Tabela 47. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Argumental	26/42	62%
Não argumental	1/1	100%
Inerência/reflexividade	125/149	84%
Apassivação	24/33	73%
Indeterminação	26/41	63%
Total	202/266	76%

Tabela 48. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro

Forma verbal	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Presente / Indicativo	69/84	82%
Pretérito perfeito / Indicativo	52/68	76%
Pretérito imperfeito / Indicativo	11/13	85%
Futuro do presente / Indicativo	8/8	100%
Futuro do pretérito / Indicativo	7/7	100%
Presente / Subjuntivo	25/30	83%
Pretérito imperfeito / Subjuntivo	6/6	100%
Futuro / Subjuntivo	2/2	100%
Afirmativo / Imperativo	0/1	0%
Infinitivo	21/40	52%
Gerúndio	1/7	14%
Total	202/266	76%

## APÊNDICE D

**Distribuição das variantes pré, intra e pós-CV segundo cada fator integrante das variáveis linguísticas inicialmente examinadas<sup>145</sup>**

• **ENTREVISTA / PE**

Tabela 1. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Ausência de elemento (proclisador)	0/13 – 0%	8/13 – 62%	0/13 – 0%	5/13 – 38%
SN sujeito nominal simples	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
SN sujeito pronomes pessoais	0/5 – 0%	2/5 – 40%	0/5 – 0%	3/5 – 60%
Sujeito oracional <sup>146</sup>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Partícula/sintagma de negação	9/12 – 75%	2/12 – 17%	0/12 – 0%	1/12 – 8%
SPrep	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
Advérbio – um só vocábulo (não canônico)	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Preposição <i>a</i>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Preposição <i>de</i>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Preposição <i>para</i>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Conjunção coordenativa aditiva	0/8 – 0%	4/8 – 50%	1/8 – 12%	3/8 – 38%
Conjunção subordinativa	1/2 – 50%	1/2 – 50%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Conjunção integrante <i>que</i>	4/7 – 58%	1/7 – 14%	1/7 – 14%	1/7 – 14%
Conjunção integrante <i>se</i>	1/2 – 50%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
Pronome relativo <i>que</i>	15/17 – 88%	0/17 – 0%	0/17 – 0%	2/17 – 12%
<i>que</i> em locução conjuntiva	0/2 – 0%	1/2 – 50%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
Palavra QU interrogativa do tipo pronominal	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Truncamento <sup>147</sup>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Total	34/79 – 43%	23/79 – 29%	4/79 – 5%	18/79 – 23%

Tabela 2. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (número de sílabas)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhuma sílaba	31/54 – 57%	10/54 – 19%	2/54 – 4%	11/54 – 20%
1 a 2 sílabas	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
3 a 5 sílabas	1/3 – 33.3%	0/3 – 0%	1/3 – 33.3%	1/3 – 33.3%
6 a 10 sílabas	2/4 – 50%	0/4 – 0%	1/4 – 25%	1/4 – 25%
11 ou mais sílabas	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Total	34/65 – 52%	14/65 – 22%	4/65 – 6%	13/65 – 20%

<sup>145</sup> As variáveis que não tiveram os seus fatores amalgamados – por exemplo, *função do clítico*, *forma verbal de V2*, *tipo de complexo verbal* e *tipo de clítico* (esta última a depender dos clíticos coletados em cada amostra) –, desde que não tenham tido nenhum dado excluído antes das análises finais, não são reproduzidas no apêndice D, uma vez que são apresentadas na seção 5 ou no apêndice F.

<sup>146</sup> Fator excluído das análises finais.

<sup>147</sup> Fator excluído das análises finais.



Tabela 3. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclizador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (natureza do constituinte)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum constituinte	31/54 – 57%	10/54 – 19%	2/54 – 4%	11/54 – 20%
SN simples	2/5 – 40%	2/5 – 40%	1/5 – 20%	0/5 – 0%
SN complexo	1/2 – 50%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
SPrep	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
SO	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
2 ou mais constituintes de naturezas diversas	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	34/65 – 52%	14/65 – 22%	4/65 – 6%	13/65 – 20%

Tabela 4. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
me	4/12 – 33%	7/12 – 59%	0/12 – 0%	1/12 – 8%
te	8/12 – 66%	2/12 – 17%	0/12 – 0%	2/12 – 17%
o(s)/a(s) e FV	1/11 – 9%	1/11 – 9%	1/11 – 9%	8/11 – 73%
lhe(s)	1/6 – 17%	3/6 – 50%	0/6 – 0%	2/6 – 33%
se	9/20 – 45%	6/20 – 30%	3/20 – 15%	2/20 – 10%
nos	10/13 – 77%	2/13 – 15%	0/13 – 0%	1/13 – 8%
vos	1/5 – 20%	2/5 – 40%	0/5 – 0%	2/5 – 40%
Total	34/79 – 43%	23/79 – 29%	4/79 – 5%	18/79 – 23%

Tabela 5. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Argumental	14/41 – 34%	12/41 – 29%	1/41 – 3%	14/41 – 34%
Não argumental	7/11 – 64%	2/11 – 18%	0/11 – 0%	2/11 – 18%
Inerência/reflexividade	7/17 – 41%	5/17 – 29%	3/17 – 18%	2/17 – 12%
Apassivação	3/6 – 50%	3/6 – 50%	0/6 – 0%	0/6 – 0%
Indeterminação	3/4 – 75%	1/4 – 25%	0/4 – 0%	0/4 – 0%
Total	34/79 – 43%	23/79 – 29%	4/79 – 5%	18/79 – 23%

Tabela 6. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente / Indicativo	22/47 – 47%	14/47 – 30%	1/47 – 2%	10/47 – 21%
Pretérito perfeito / Indicativo	0/7 – 0%	1/7 – 14%	1/7 – 14%	5/7 – 72%
Pretérito imperfeito / Indicativo	5/18 – 28%	8/18 – 44%	2/18 – 11%	3/18 – 17%
Presente / Subjuntivo	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Futuro / Subjuntivo	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Infinitivo	4/4 – 100%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	0/4 – 0%
Total	34/79 – 43%	23/79 – 29%	4/79 – 5%	18/79 – 23%

Tabela 7. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V2

Formal verbal de V2	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Infinitivo	26/69 – 38%	21/69 – 30%	4/69 – 6%	18/69 – 26%
Particípio	8/10 – 80%	2/10 – 20%	0/10 – 0%	0/10 – 0%
Total	34/79 – 43%	23/79 – 29%	4/79 – 5%	18/79 – 23%

Tabela 8. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Tipo de elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum elemento	29/57 – 51%	18/57 – 32%	0/57 – 0%	10/57 – 17%
Preposição <i>a</i>	5/11 – 46%	2/11 – 18%	0/11 – 0%	4/11 – 36%
Preposição <i>de</i>	0/4 – 0%	0/4 – 0%	4/4 – 100%	0/4 – 0%
Sintagma	0/6 – 0%	3/6 – 50%	0/6 – 0%	3/6 – 50%
Oração intercalada	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Total	34/79 – 43%	23/79 – 29%	4/79 – 5%	18/79 – 23%

Tabela 9. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de complexo	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempo composto	7/9 – 78%	2/9 – 22%	0/9 – 0%	0/9 – 0%
Construção passiva	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Construção temporal + construção aspectual	10/27 – 37%	7/27 – 26%	0/27 – 0%	10/27 – 37%
Construção modal + construção aspectual	12/28 – 43%	7/28 – 25%	4/28 – 14%	5/28 – 18%
Construção com verbos com mesmo referente-sujeito	4/14 – 29%	7/14 – 50%	0/14 – 0%	3/14 – 21%
Total	34/79 – 43%	23/79 – 29%	4/79 – 5%	18/79 – 23%

- **ENTREVISTA / PB**

Tabela 10. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Ausência de elemento (proclisador)	0/6 – 0%	6/6 – 100%	0/6 – 0%
SN sujeito pronome pessoal	0/24 – 0%	24/24 – 100%	0/24 – 0%
Partícula/sintagma de negação	1/2 – 50%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Preposição <i>sem</i>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Conjunção coordenativa aditiva	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Conjunção coordenativa adversativa	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Conjunção coordenativa explicativa	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Conjunção subordinativa	0/2 – 0%	1/2 – 50%	1/2 – 50%
Conjunção integrante <i>que</i>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Pronome relativo <i>que</i>	0/6 – 0%	6/6 – 100%	0/6 – 0%
Outros pronomes/advérbios relativos	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
<i>que</i> em estrutura clivada	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
<i>que</i> em locução conjuntiva	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Elemento discursivo/fático <sup>148</sup>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	1/51 – 2%	49/51 – 96%	1/51 – 2%

<sup>148</sup> Fator excluído das análises finais.

Tabela 11. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (número de sílabas)	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhuma sílaba	1/38 – 3%	37/38 – 97%	0/38 – 0%
1 a 2 sílabas	0/4 – 0%	3/4 – 75%	1/4 – 25%
3 a 5 sílabas	0/3 – 0%	3/3 – 0%	0/3 – 0%
Total	1/45 – 2%	43/45 – 96%	1/45 – 2%

Tabela 12. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (natureza do constituinte)	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum constituinte	1/38 – 3%	37/38 – 97%	0/38 – 0%
SN simples	0/6 – 0%	5/6 – 83%	1/6 – 17%
SAdv	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	1/45 – 2%	43/45 – 96%	1/45 – 2%

Tabela 13. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
me	0/16 – 0%	16/16 – 100%	0/16 – 0%
te	0/21 – 0%	21/21 – 100%	0/21 – 0%
o(s)/a(s) e FV	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
se	1/13 – 8%	12/13 – 92%	0/13 – 0%
Total	1/51 – 2%	49/51 – 96%	1/51 – 2%

Tabela 14. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Argumental	0/29 – 0%	28/29 – 97%	1/29 – 3%
Inerência/reflexividade	0/19 – 0%	19/19 – 100%	0/19 – 0%
Apassivação	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Indeterminação	1/2 – 50%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
Total	1/51 – 2%	49/51 – 96%	1/51 – 2%

Tabela 15. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
<b>Presente / Indicativo</b>	1/39 – 2%	37/39 – 96%	1/39 – 2%
Pretérito perfeito / Indicativo	0/4 – 0%	4/4 – 100%	0/4 – 0%
Pretérito imperfeito / Indicativo	0/6 – 0%	6/6 – 100%	0/6 – 0%
Presente / Subjuntivo	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Infinitivo	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	1/51 – 2%	49/51 – 96%	1/51 – 2%

Tabela 16. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V2

Formal verbal de V2	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Infinitivo	1/41 – 2%	39/41 – 96%	1/41 – 2%
Gerúndio	0/10 – 0%	10/10 – 100%	0/10 – 0%
Total	1/51 – 2%	49/51 – 96%	1/51 – 2%

Tabela 17. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Tipo de elemento interveniente	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum elemento	1/39 – 2.5%	37/39 – 95%	1/39 – 2.5%
Preposição <i>a</i>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Preposição <i>de</i>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Conjunção <i>que</i>	0/5 – 0%	5/5 – 100%	0/5 – 0%
Sintagma	0/5 – 0%	5/5 – 100%	0/5 – 0%
Total	1/51 – 2%	49/51 – 96%	1/51 – 2%

Tabela 18. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de complexo	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Construção temporal + construção aspectual	0/26 – 0%	26/26 – 100%	0/26 – 0%
Construção modal + construção aspectual	1/13 – 8%	12/13 – 92%	0/13 – 0%
Construção com verbos com mesmo referente-sujeito	0/12 – 0%	11/12 – 92%	1/12 – 8%
Total	1/51 – 2%	49/51 – 96%	1/51 – 2%

- **NOTICIÁRIO / PE**

Tabela 19. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Ausência de elemento (proclisador)	0/8 – 0%	2/8 – 25%	1/8 – 12%	5/8 – 63%
SN sujeito nominal simples	0/7 – 0%	2/7 – 29%	0/7 – 0%	5/7 – 71%
SN sujeito nominal complexo	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	3/3 – 100%
Partícula/sintagma de negação	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	3/3 – 100%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/3 – 0%
Preposição <i>por</i>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Preposição <i>de</i>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Preposição <i>para</i>	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Conjunção coordenativa conclusiva	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Conjunção subordinativa	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	2/2 – 100%
Conjunção integrante <i>que</i>	2/3 – 67%	0/3 – 0%	1/3 – 33%	0/3 – 0%
Pronome relativo <i>que</i>	4/5 – 80%	0/5 – 0%	0/5 – 0%	1/5 – 20%
<i>que</i> em estrutura clivada	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
<i>que</i> em locução conjuntiva	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Total	15/41 – 37%	4/41 – 10%	3/41 – 7%	19/41 – 46%

Tabela 20. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (número de sílabas)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhuma sílaba	13/29 – 45%	2/29 – 7%	1/29 – 3%	13/29 – 45%
1 a 2 sílabas	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
3 a 5 sílabas	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
11 ou mais sílabas	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Total	15/33 – 46%	2/33 – 6%	2/33 – 6%	14/33 – 42%

Tabela 21. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (natureza do constituinte)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum constituinte	13/29 – 45%	2/29 – 7%	1/29 – 3%	13/29 – 45%
SN simples	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
SPrep	1/2 – 50%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
Total	15/33 – 46%	2/33 – 6%	2/33 – 6%	14/33 – 42%

Tabela 22. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente / Indicativo	6/20 – 30%	4/20 – 20%	2/20 – 10%	8/20 – 40%
Pretérito perfeito / Indicativo	0/4 – 0%	0/4 – 0%	1/4 – 25%	3/4 – 75%
Pretérito imperfeito / Indicativo	2/4 – 50%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	2/4 – 50%
Futuro do presente / Indicativo	1/3 – 33%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	2/3 – 67%
Futuro do pretérito / Indicativo	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Presente / Subjuntivo	2/3 – 67%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	1/3 – 33%
Infinitivo	4/6 – 67%	0/6 – 0%	0/6 – 0%	2/6 – 33%
Total	15/41 – 37%	4/41 – 10%	3/41 – 7%	19/41 – 46%

Tabela 23. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Tipo de elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum elemento	14/29 – 48%	2/29 – 7%	0/29 – 0%	13/29 – 45%
Preposição <i>a</i>	1/6 – 17%	2/6 – 33%	0/6 – 0%	3/6 – 50%
Preposição <i>de</i>	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Conjunção <i>que</i>	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Sintagma	0/4 – 0%	0/4 – 0%	1/4 – 25%	3/4 – 75%
Total	15/41 – 37%	4/41 – 10%	3/41 – 7%	19/41 – 46%

- **NOTICIÁRIO / PB**

Tabela 24. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Ausência de elemento (proclisador)	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
SN sujeito nominal simples	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
SN sujeito nominal complexo	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
Partícula/sintagma de negação	1/5 – 20%	3/5 – 60%	1/5 – 20%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	0/2 – 0%	0/2 – 0%	2/2 – 100%
Advérbio – um só vocábulo (não canônico)	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Preposição <i>para</i>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Conjunção subordinativa	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Conjunção integrante <i>que</i>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Conjunção integrante <i>se</i>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Pronome relativo <i>que</i>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	1/20 – 5%	14/20 – 70%	5/20 – 25%

Tabela 25. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (número de sílabas)	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhuma sílaba	1/17 – 6%	11/17 – 65%	5/17 – 29%
1 a 2 sílabas	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	1/18 – 5%	12/18 – 67%	5/18 – 28%

Tabela 26. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (natureza do constituinte)	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum constituinte	1/17 – 6%	11/17 – 65%	5/17 – 29%
SN simples	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	1/18 – 5%	12/18 – 67%	5/18 – 28%

Tabela 27. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente / Indicativo	1/10 – 10%	7/10 – 70%	2/10 – 20%
Pretérito perfeito / Indicativo	0/6 – 0%	3/6 – 50%	3/6 – 50%
Pretérito imperfeito / Indicativo	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Infinitivo	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
Gerúndio	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	1/20 – 5%	14/20 – 70%	5/20 – 25%

Tabela 28. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Tipo de elemento interveniente	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum elemento	0/17 – 0%	12/17 – 71%	5/17 – 29%
Preposição <i>a</i>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Sintagma	1/2 – 50%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
Total	1/20 – 5%	14/20 – 70%	5/20 – 25%

- **CARTA / PE**

Tabela 29. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Ausência de elemento (proclisador)	0/17 – 0%	11/17 – 65%	0/17 – 0%	6/17 – 35%
SN sujeito nominal simples	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
SN sujeito nominal complexo	0/4 – 0%	1/4 – 25%	0/4 – 0%	3/4 – 75%
SN sujeito pronome pessoal	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
Partícula/sintagma de negação	13/13 – 100%	0/13 – 0%	0/13 – 0%	0/13 – 0%
SPrep	2/4 – 50%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	2/4 – 50%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	3/3 – 100%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/3 – 0%
Advérbio – terminado com o sufixo <i>-mente</i>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Preposição <i>de</i>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Preposição <i>para</i>	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Locução prepositiva	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Conjunção coordenativa aditiva	0/3 – 0%	1/3 – 33%	0/3 – 0%	2/3 – 67%
Conjunção coordenativa explicativa	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Conjunção subordinativa	6/7 – 86%	0/7 – 0%	1/7 – 14%	0/7 – 0%
Conjunção integrante <i>que</i>	3/3 – 100%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/3 – 0%
Pronome relativo <i>que</i>	19/23 – 83%	1/23 – 4%	0/23 – 0%	3/23 – 13%
Outros pronomes/advérbios relativos	3/4 – 75%	0/4 – 0%	1/4 – 25%	0/4 – 0%
<i>que</i> em locução conjuntiva	4/5 – 80%	0/5 – 0%	1/5 – 20%	0/5 – 0%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	3/3 – 100%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/3 – 0%
Total	62/99 – 63%	16/99 – 16%	3/99 – 3%	18/99 – 18%

Tabela 30. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (número de sílabas)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhuma sílaba	52/69 – 76%	3/69 – 4%	2/69 – 3%	12/69 – 17%
1 a 2 sílabas	2/3 – 67%	0/3 – 0%	1/3 – 33%	0/3 – 0%
3 a 5 sílabas	5/6 – 83%	1/6 – 17%	0/6 – 0%	0/6 – 0%
11 ou mais sílabas	3/4 – 75%	1/4 – 25%	0/4 – 0%	0/4 – 0%
Total	62/82 – 76%	5/82 – 6%	3/82 – 4%	12/82 – 14%

Tabela 31. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (natureza do constituinte)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum constituinte	52/69 – 76%	3/69 – 4%	2/69 – 3%	12/69 – 17%
SN simples	5/7 – 72%	1/7 – 14%	1/7 – 14%	0/7 – 0%
SN complexo	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
SPrep	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
SAdv	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
SO	1/2 – 50%	1/2 – 50%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
2 ou mais constituintes de naturezas diversas	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Total	62/82 – 76%	5/82 – 6%	3/82 – 4%	12/82 – 14%

Tabela 32. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
me	3/10 – 30%	3/10 – 30%	0/10 – 0%	4/10 – 40%
o(s)/a(s) e FV	5/10 – 50%	0/10 – 0%	2/10 – 20%	3/10 – 30%
lhe(s)	6/8 – 75%	1/8 – 12.5%	0/8 – 0%	1/8 – 12.5%
se	42/62 – 68%	11/62 – 18%	0/62 – 0%	9/62 – 14%
nos	6/9 – 67%	1/9 – 11%	1/9 – 11%	1/9 – 11%
Total	62/99 – 63%	16/99 – 16%	3/99 – 3%	18/99 – 18%

Tabela 33. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente / Indicativo	39/54 – 72%	7/54 – 13%	2/54 – 4%	6/54 – 11%
Pretérito perfeito / Indicativo	4/16 – 25%	6/16 – 37.5%	0/16 – 0%	6/16 – 37.5%
Pretérito imperfeito / Indicativo	3/4 – 75%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	1/4 – 25%
Futuro do presente / Indicativo	2/3 – 67%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	1/3 – 33%
Futuro do pretérito / Indicativo	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Presente / Subjuntivo	7/9 – 78%	0/9 – 0%	1/9 – 11%	1/9 – 11%
Futuro / Subjuntivo	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Infinitivo	5/9 – 56%	3/9 – 33%	0/9 – 0%	1/9 – 11%
Gerúndio	1/2 – 50%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
Total	62/99 – 63%	16/99 – 16%	3/99 – 3%	18/99 – 18%

Tabela 34. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Tipo de elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum elemento	54/78 – 69%	9/78 – 12%	0/78 – 0%	15/78 – 19%
Preposição <i>a</i>	7/16 – 44%	6/16 – 37%	0/16 – 0%	3/16 – 19%
Preposição <i>de</i>	0/3 – 0%	0/3 – 0%	3/3 – 100%	0/3 – 0%
Conjunção <i>que</i>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Sintagma	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Total	62/99 – 63%	16/99 – 16%	3/99 – 3%	18/99 – 18%



- **CARTA / PB**

Tabela 35. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Ausência de elemento (proclisador)	0/4 – 0%	0/4 – 0%	2/4 – 50%	2/4 – 50%
SN sujeito nominal simples	0/6 – 0%	1/6 – 16.5%	1/6 – 16.5%	4/6 – 67%
SN sujeito nominal complexo	0/4 – 0%	0/4 – 0%	2/4 – 50%	2/4 – 50%
SN sujeito pronome indefinido	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	2/2 – 100%
Sujeito oracional <sup>149</sup>	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Partícula/sintagma de negação	7/14 – 50%	0/14 – 0%	3/14 – 21%	4/14 – 29%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	0/3 – 0%	0/3 – 0%	1/3 – 33%	2/3 – 67%
Preposição <i>por</i>	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Preposição <i>para</i>	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Conjunção coordenativa aditiva	0/5 – 0%	1/5 – 20%	2/5 – 40%	2/5 – 40%
Conjunção coordenativa adversativa	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	2/2 – 100%
Conjunção coordenativa alternativa	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Conjunção subordinativa	3/4 – 75%	0/4 – 0%	1/4 – 25%	0/4 – 0%
Conjunção integrante <i>que</i>	2/7 – 28.5%	0/7 – 0%	2/7 – 28.5%	3/7 – 43%
Pronome relativo <i>que</i>	10/13 – 77%	1/13 – 8%	0/13 – 0%	2/13 – 15%
Outros pronomes/advérbios relativos	0/2 – 0%	1/2 – 50%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
<i>que</i> em estrutura clivada	2/4 – 50%	0/4 – 0%	2/4 – 50%	0/4 – 0%
<i>que</i> em locução conjuntiva	0/2 – 0%	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	26/78 – 33%	5/78 – 6%	20/78 – 26%	27/78 – 35%

Tabela 36. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (número de sílabas)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhuma sílaba	21/55 – 38%	2/55 – 4%	11/55 – 20%	21/55 – 38%
1 a 2 sílabas	2/3 – 67%	0/3 – 0%	1/3 – 33%	0/3 – 0%
3 a 5 sílabas	3/9 – 33%	1/9 – 11%	4/9 – 45%	1/9 – 11%
6 a 10 sílabas	0/4 – 0%	0/4 – 0%	2/4 – 50%	2/4 – 50%
11 ou mais sílabas	0/3 – 0%	2/3 – 67%	0/3 – 0%	1/3 – 33%
Total	26/74 – 35%	5/74 – 7%	18/74 – 24%	25/74 – 34%

Tabela 37. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (natureza do constituinte)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum constituinte	21/55 – 38%	2/55 – 4%	11/55 – 20%	21/55 – 38%
SN simples	3/8 – 37%	0/8 – 0%	5/8 – 63%	0/8 – 0%
SN complexo	0/2 – 0%	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
SPrep	0/4 – 0%	2/4 – 50%	0/4 – 0%	2/4 – 50%
SAdv	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
SO	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
2 ou mais constituintes de naturezas diversas	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Total	26/74 – 35%	5/74 – 7%	18/74 – 24%	25/74 – 34%

<sup>149</sup> Fator excluído das análises finais.

Tabela 38. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
me	1/4 – 25%	1/4 – 25%	0/4 – 0%	2/4 – 50%
o(s)/a(s) e FV	1/16 – 6%	0/16 – 0%	0/16 – 0%	15/16 – 94%
lhe(s)	4/6 – 67%	0/6 – 0%	0/6 – 0%	2/6 – 33%
se	17/44 – 39%	4/44 – 9%	16/44 – 36%	7/44 – 16%
nos	3/8 – 38%	0/8 – 0%	4/8 – 50%	1/8 – 12%
Total	26/78 – 33%	5/78 – 6%	20/78 – 26%	27/78 – 35%

Tabela 39. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Argumental	5/28 – 18%	1/28 – 4%	4/28 – 14%	18/28 – 64%
Não argumental	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Inerência/reflexividade	10/38 – 26%	3/38 – 8%	16/38 – 42%	9/38 – 24%
Apassivação	4/5 – 80%	1/5 – 20%	0/5 – 0%	0/5 – 0%
Indeterminação	5/5 – 100%	0/5 – 0%	0/5 – 0%	0/5 – 0%
Total	26/78 – 33%	5/78 – 6%	20/78 – 26%	27/78 – 35%

Tabela 40. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente / Indicativo	18/48 – 38%	4/48 – 8%	10/48 – 21%	16/48 – 33%
Pretérito perfeito / Indicativo	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Pretérito imperfeito / Indicativo	1/3 – 33%	0/3 – 0%	2/3 – 67%	0/3 – 0%
Futuro do presente / Indicativo	1/4 – 25%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	3/4 – 75%
Futuro do pretérito / Indicativo	3/10 – 30%	0/10 – 0%	1/10 – 10%	6/10 – 60%
Presente / Subjuntivo	1/4 – 25%	0/4 – 0%	3/4 – 75%	0/4 – 0%
Pretérito imperfeito / Subjuntivo	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Infinitivo	0/4 – 0%	1/4 – 25%	2/4 – 50%	1/4 – 25%
Gerúndio	0/2 – 0%	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
Total	26/78 – 33%	5/78 – 6%	20/78 – 26%	27/78 – 35%

Tabela 41. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V2

Formal verbal de V2	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Infinitivo	17/60 – 29%	2/60 – 3%	14/60 – 23%	27/60 – 45%
Gerúndio	5/10 – 50%	1/10 – 10%	4/10 – 40%	0/10 – 0%
Particípio	4/8 – 50%	2/8 – 25%	2/8 – 25%	0/8 – 0%
Total	26/78 – 33%	5/78 – 6%	20/78 – 26%	27/78 – 35%

Tabela 42. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Tipo de elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum elemento	25/66 – 38%	5/66 – 8%	14/66 – 21%	22/66 – 33%
Preposição <i>a</i>	1/7 – 14.5%	0/7 – 0%	5/7 – 71%	1/7 – 14.5%
Preposição <i>de</i>	0/2 – 0%	0/2 – 0%	1/2 – 50%	1/2 – 50%
Sintagma	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	3/3 – 100%
Total	26/78 – 33%	5/78 – 6%	20/78 – 26%	27/78 – 35%

Tabela 43. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de complexo	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempo composto	4/8 – 50%	2/8 – 25%	2/8 – 25%	0/8 – 0%
Construção temporal + construção aspectual	6/19 – 31.5%	1/19 – 5.5%	6/19 – 31.5%	6/19 – 31.5%
Construção modal + construção aspectual	11/39 – 28%	2/39 – 5%	10/39 – 26%	16/39 – 41%
Construção com verbos com mesmo referente-sujeito	5/12 – 42%	0/12 – 0%	2/12 – 16%	5/12 – 42%
Total	26/78 – 33%	5/78 – 6%	20/78 – 26%	27/78 – 35%

- **EDITORIAL / PE**

Tabela 44. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Ausência de elemento (proclisador)	0/13 – 0%	5/13 – 38%	1/13 – 8%	7/13 – 54%
SN sujeito nominal simples	0/8 – 0%	1/8 – 12%	3/8 – 38%	4/8 – 50%
SN sujeito nominal complexo	1/7 – 14%	1/7 – 14%	0/7 – 0%	5/7 – 72%
SN sujeito pronome demonstrativo	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
SN sujeito pronome indefinido	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Partícula/sintagma de negação	9/14 – 64%	0/14 – 0%	2/14 – 14%	3/14 – 22%
SPrep	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	6/8 – 75%	0/8 – 0%	0/8 – 0%	2/8 – 25%
Advérbio – um só vocábulo (não canônico)	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Preposição <i>sem</i>	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Preposição <i>de</i>	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Locução prepositiva	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Conjunção coordenativa aditiva	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Conjunção coordenativa adversativa	0/3 – 0%	1/3 – 33.3%	1/3 – 33.3%	1/3 – 33.3%
Conjunção coordenativa conclusiva	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Conjunção subordinativa	4/4 – 100%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	0/4 – 0%
Conjunção integrante <i>que</i>	3/6 – 50%	0/6 – 0%	0/6 – 0%	3/6 – 50%
Pronome relativo <i>que</i>	13/20 – 65%	0/20 – 0%	2/20 – 10%	5/20 – 25%
Outros pronomes/advérbios relativos	3/4 – 75%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	1/4 – 25%
<i>que</i> em estrutura clivada	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
<i>que</i> em locução conjuntiva	3/4 – 75%	0/4 – 0%	1/4 – 25%	0/4 – 0%
Palavra QU interrogativa do tipo pronominal	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Total	50/104 – 48%	10/104 – 9.5%	10/104 – 9.5%	34/104 – 33%

Tabela 45. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (número de sílabas)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhuma sílaba	38/69 – 55%	5/69 – 7%	7/69 – 10%	19/69 – 28%
1 a 2 sílabas	2/3 – 67%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	1/3 – 33%
3 a 5 sílabas	2/4 – 50%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	2/4 – 50%
6 a 10 sílabas	5/7 – 71%	0/7 – 0%	0/7 – 0%	2/7 – 29%
11 ou mais sílabas	3/8 – 37.5%	0/8 – 0%	2/8 – 25%	3/8 – 37.5%
Total	50/91 – 55%	5/91 – 5%	9/91 – 10%	27/91 – 30%

Tabela 46. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (natureza do constituinte)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum constituinte	38/69 – 55%	5/69 – 7%	7/69 – 10%	19/69 – 28%
SN simples	5/8 – 62%	0/8 – 0%	0/8 – 0%	3/8 – 38%
SN complexo	1/2 – 50%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
SPrep	2/3 – 67%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	1/3 – 33%
SAdv	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
SO	1/6 – 17%	0/6 – 0%	2/6 – 33%	3/6 – 50%
2 ou mais constituintes de naturezas diversas	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Total	50/91 – 55%	5/91 – 5%	9/91 – 10%	27/91 – 30%

Tabela 47. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente / Indicativo	28/49 – 57%	4/49 – 8%	4/49 – 8%	13/49 – 27%
Pretérito perfeito / Indicativo	2/9 – 22%	3/9 – 33.5%	1/9 – 11%	3/9 – 33.5%
Pretérito imperfeito / Indicativo	9/13 – 69%	0/13 – 0%	1/13 – 8%	3/13 – 23%
Pretérito mais-que-perfeito / Indicativo	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Futuro do presente / Indicativo	0/6 – 0%	0/6 – 0%	1/6 – 17%	5/6 – 83%
Futuro do pretérito / Indicativo	1/5 – 20%	0/5 – 0%	0/5 – 0%	4/5 – 80%
Presente / Subjuntivo	5/11 – 46%	0/11 – 0%	2/11 – 18%	4/11 – 36%
Pretérito imperfeito / Subjuntivo	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Infinitivo	4/8 – 50%	1/8 – 12.5%	1/8 – 12.5%	2/8 – 25%
Gerúndio	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Total	50/104 – 48%	10/104 – 9.5%	10/104 – 9.5%	34/104 – 33%

Tabela 48. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Tipo de elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum elemento	44/77 – 57%	4/77 – 5%	0/77 – 0%	29/77 – 38%
Preposição <i>a</i>	3/11 – 27%	5/11 – 46%	0/11 – 0%	3/11 – 27%
Preposição <i>por</i>	0/2 – 0%	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
Preposição <i>de</i>	2/9 – 22%	0/9 – 0%	7/9 – 78%	0/9 – 0%
Sintagma	1/5 – 20%	1/5 – 20%	1/5 – 20%	2/5 – 40%
Total	50/104 – 48%	10/104 – 9.5%	10/104 – 9.5%	34/104 – 33%

• **EDITORIAL / PB**

Tabela 49. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de proclisador

Tipo de proclisador	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Ausência de elemento (proclisador)	0/9 – 0%	7/9 – 78%	1/9 – 11%	1/9 – 11%
SN sujeito nominal simples	1/5 – 20%	0/5 – 0%	1/5 – 20%	3/5 – 60%
SN sujeito nominal complexo	0/3 – 0%	0/3 – 0%	2/3 – 67%	1/3 – 33%
SN sujeito pronome pessoal	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Partícula/sintagma de negação	7/8 – 88%	0/8 – 0%	1/8 – 12%	0/8 – 0%
Advérbio – um só vocábulo (canônico)	2/4 – 50%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	2/4 – 50%
Advérbio – um só vocábulo (não canônico)	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Locução adverbial	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Conjunção coordenativa aditiva	1/3 – 33.3%	1/3 – 33.3%	0/3 – 0%	1/3 – 33.3%
Conjunção subordinativa	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
Conjunção integrante <i>que</i>	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Pronome relativo <i>que</i>	8/9 – 88%	0/9 – 0%	0/9 – 10%	1/9 – 11%
Outros pronomes/advérbios relativos	1/4 – 25%	0/4 – 0%	3/4 – 75%	0/4 – 0%
<i>que</i> em estrutura clivada	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
<i>que</i> em locução conjuntiva	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Palavra QU interrogativa do tipo adverbial	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%
Total	25/54 – 46%	8/54 – 15%	11/54 – 20%	10/54 – 19%

Tabela 50. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (número de sílabas) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (número de sílabas)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhuma sílaba	23/39 – 59%	1/39 – 3%	7/39 – 18%	8/39 – 20%
1 a 2 sílabas	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
6 a 10 sílabas	1/3 – 33%	0/3 – 0%	2/3 – 67%	0/3 – 0%
11 ou mais sílabas	1/2 – 50%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
Total	25/45 – 56%	1/45 – 2%	10/45 – 22%	9/45 – 20%

Tabela 51. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância (natureza do constituinte) entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância (natureza do constituinte)	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum constituinte	23/39 – 59%	1/39 – 3%	7/39 – 18%	8/39 – 20%
SN simples	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
SN complexo	1/3 – 33.3%	0/3 – 0%	1/3 – 33.3%	1/3 – 33.3%
SAdv	0/1 – 0%	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	25/45 – 56%	1/45 – 2%	10/45 – 22%	9/45 – 20%

Tabela 52. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente / Indicativo	12/25 – 48%	7/25 – 28%	3/25 – 12%	3/25 – 12%
Pretérito perfeito / Indicativo	3/5 – 60%	0/5 – 0%	1/5 – 20%	1/5 – 20%
Pretérito imperfeito / Indicativo	1/2 – 50%	0/2 – 0%	1/2 – 50%	0/2 – 0%
Futuro do presente / Indicativo	2/10 – 20%	0/10 – 0%	4/10 – 40%	4/10 – 40%
Futuro do pretérito / Indicativo	2/5 – 40%	0/5 – 0%	2/5 – 40%	1/5 – 20%
Presente / Subjuntivo	3/4 – 75%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	1/4 – 25%
Futuro / Subjuntivo	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Infinitivo	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Gerúndio	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Total	25/54 – 46%	8/54 – 15%	11/54 – 20%	10/54 – 19%

Tabela 53. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Tipo de elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Nenhum elemento	17/37 – 46%	8/37 – 22%	5/37 – 13%	7/37 – 19%
Preposição <i>a</i>	7/10 – 70%	0/10 – 0%	2/10 – 20%	1/10 – 10%
Preposição <i>de</i>	1/5 – 20%	0/5 – 0%	2/5 – 40%	2/5 – 40%
Sintagma	0/2 – 0%	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
Total	25/54 – 46%	8/54 – 15%	11/54 – 20%	10/54 – 19%

## APÊNDICE E

### Distribuição da variante pré-verbal segundo as variáveis linguísticas excluídas pelo *step-down* (e não apresentadas na seção 5)<sup>150</sup>

- **ENTREVISTA / PE**

Tabela 1. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Argumental	55/98	56%
Não argumental	7/9	78%
Inerência/reflexividade	42/73	57%
Apassivação	9/15	60%
Indeterminação	6/12	50%
Total	119/207	57%

Tabela 2. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
me/te/nos/vos	54/95	57%
o(s)/a(s) e FV	8/16	50%
lhe(s)	13/26	50%
se	44/70	63%
Total	119/207	57%

Tabela 3. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a forma verbal do hospedeiro

Forma verbal	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Tempos do indicativo (- futuros)	100/179	56%
Infinitivo	19/28	68%
Total	119/207	57%
<b>Nocautes</b>		
Tempos do subjuntivo	27/27	100%
Imperativo afirmativo	0/7	0%
Gerúndio	0/1	0%

- **NOTICIÁRIO / PE**

Tabela 4. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
nos	1/2	50%
o(s)/a(s) e FV	12/14	86%
lhe(s)	6/7	86%
se	45/52	86%
Total	64/75	85%

<sup>150</sup> Não houve análise multivariada com os dados do gênero *entrevista* no PB. Nos gêneros *noticiário* e *editorial*, também no PB, a variável *tipo de clítico* não foi incluída nas rodadas finais.

- **CARTA / PE**

Tabela 5. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Argumental	90/142	63%
Não argumental	6/9	67%
Inerência/reflexividade	148/229	65%
Apassivação	39/53	74%
Indeterminação	49/81	60%
Total	332/514	65%

- **CARTA / PB**

Tabela 6. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a função do clítico

Função do clítico	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Argumental	62/111	56%
Não argumental	4/5	80%
Inerência/reflexividade	130/173	75%
Apassivação	34/39	87%
Indeterminação	22/42	52%
Total	252/370	68%

- **EDITORIAL / PE**

Tabela 7. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com o tipo de clítico

Tipo de clítico	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
me/nos	20/28	71%
o(s)/a(s) e FV	33/52	63%
lhe(s)	12/15	80%
se	161/209	77%
Total	226/304	74%

Tabela 8. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância	PRÓCLISE – PE	
	N/Total	F
Adjacente	168/231	73%
Não adjacente	58/73	79%
Total	226/304	74%

- **EDITORIAL / PB**

Tabela 9. Número de ocorrências (N) e frequências (F) de próclise, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V/V-cl

Distância	PRÓCLISE – PB	
	N/Total	F
Adjacente	81/105	77%
Não adjacente	16/17	94%
Total	97/122	80%



## APÊNDICE F

### Distribuição das variantes pré, intra e pós-CV segundo as variáveis linguísticas não apresentadas na seção 5

- **ENTREVISTA / PE**

Tabela 1. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Adjacente	31/53 – 58%	9/53 – 17%	2/53 – 4%	11/53 – 21%
Não adjacente	3/11 – 27%	4/11 – 37%	2/11 – 18%	2/11 – 18%
Total	34/64 – 53%	13/64 – 20.5%	4/64 – 6%	13/64 – 20.5%

Tabela 2. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempos do indicativo (- futuros)	27/70 – 38%	21/70 – 30%	4/70 – 6%	18/70 – 26%
Tempos do subjuntivo	3/3 – 100%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/3 – 0%
Infinitivo	4/4 – 100%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	0/4 – 0%
Total	34/77 – 44%	21/77 – 27%	4/77 – 5%	18/77 – 24%

Tabela 3. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a presença/ausência de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente	5/22 – 23%	5/22 – 23%	4/22 – 18%	8/22 – 36%
Ausente	29/55 – 53%	16/55 – 29%	0/55 – 0%	10/55 – 18%
Total	34/77 – 44%	21/77 – 27%	4/77 – 5%	18/77 – 24%

Tabela 4. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de complexo	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempo composto	7/9 – 78%	2/9 – 22%	0/9 – 0%	0/9 – 0%
Construção passiva	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Construção temporal + construção aspectual	10/26 – 38.5%	6/26 – 23%	0/26 – 0%	10/26 – 38.5%
Construção modal + construção aspectual	12/27 – 44%	6/27 – 22%	4/27 – 15%	5/27 – 19%
Construção com verbos com mesmo referente-sujeito	4/14 – 29%	7/14 – 50%	0/14 – 0%	3/14 – 21%
Total	34/77 – 44%	21/77 – 27%	4/77 – 5%	18/77 – 24%

- **ENTREVISTA / PB**

Tabela 5. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Adjacente	1/37 – 3%	36/37 – 97%	0/37 – 0%
Não adjacente	0/7 – 0%	6/7 – 86%	1/7 – 14%
Total	1/44 – 2.5%	42/44 – 95.5%	1/44 – 2.5%

Tabela 6. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempos do indicativo (- futuros)	1/48 – 2%	46/48 – 96%	1/48 – 2%
Tempos do subjuntivo	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Infinitivo	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	1/50 – 2%	48/50 – 96%	1/50 – 2%

Tabela 7. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a presença/ausência de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Elemento interveniente	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente	0/11 – 0%	11/11 – 100%	0/11 – 0%
Ausente	1/39 – 2.5%	37/39 – 95%	1/39 – 2.5%
Total	1/50 – 2%	48/50 – 96%	1/50 – 2%

Tabela 8. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de complexo	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Construção temporal + construção aspectual	0/26 – 0%	26/26 – 100%	0/26 – 0%
Construção modal + construção aspectual	1/13 – 8%	12/13 – 92%	0/13 – 0%
Construção com verbos com mesmo referente-sujeito	0/11 – 0%	10/11 – 91%	1/11 – 9%
Total	1/50 – 2%	48/50 – 96%	1/50 – 2%

- **NOTICIÁRIO / PE**

Tabela 9. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Adjacente	13/29 – 45%	2/29 – 7%	1/29 – 3%	13/29 – 45%
Não adjacente	2/4 – 50%	0/4 – 0%	1/4 – 25%	1/4 – 25%
Total	15/33 – 46%	2/33 – 6%	2/33 – 6%	14/33 – 42%

Tabela 10. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempos do indicativo (- futuros)	8/28 – 29%	4/28 – 14%	3/28 – 11%	13/28 – 46%
Futuros do indicativo	1/4 – 25%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	3/4 – 75%
Tempos do subjuntivo	2/3 – 67%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	1/3 – 33%
Infinitivo	4/6 – 67%	0/6 – 0%	0/6 – 0%	2/6 – 33%
Total	15/41 – 37%	4/41 – 10%	3/41 – 7%	19/41 – 46%

Tabela 11. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a presença/ausência de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente	1/12 – 8%	2/12 – 17%	3/12 – 25%	6/12 – 50%
Ausente	14/29 – 48%	2/29 – 7%	0/29 – 0%	13/29 – 45%
Total	15/41 – 37%	4/41 – 10%	3/41 – 7%	19/41 – 46%

Tabela 12. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de complexo	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempo composto	4/4 – 100%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	0/4 – 0%
Construção passiva	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Construção temporal + construção aspectual	4/10 – 40%	2/10 – 20%	0/10 – 0%	4/10 – 40%
Construção modal + construção aspectual	4/19 – 21%	2/19 – 10.5%	2/19 – 10.5%	11/19 – 58%
Construção com verbos com mesmo referente-sujeito	1/6 – 16.5%	0/6 – 0%	1/6 – 16.5%	4/6 – 67%
Total	15/41 – 37%	4/41 – 10%	3/41 – 7%	19/41 – 46%

- **NOTICIÁRIO / PB**

Tabela 13. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância entre o proclizador e o grupo cl V1 V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Adjacente	1/17 – 6%	11/17 – 65%	5/17 – 29%
Não adjacente	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	1/18 – 5%	12/18 – 67%	5/18 – 28%

Tabela 14. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempos do indicativo (- futuros)	1/17 – 6%	11/17 – 65%	5/17 – 29%
Infinitivo	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
Gerúndio	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Total	1/20 – 5%	14/20 – 70%	5/20 – 25%

Tabela 15. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a presença/ausência de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Elemento interveniente	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente	1/3 – 33%	2/3 – 67%	0/3 – 0%
Ausente	0/17 – 0%	12/17 – 71%	5/17 – 29%
Total	1/20 – 5%	14/20 – 70%	5/20 – 25%

Tabela 16. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de complexo	cl V1 V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempo composto	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%
Construção temporal + construção aspectual	0/4 – 0%	4/4 – 100%	0/4 – 0%
Construção modal + construção aspectual	1/5 – 20%	2/5 – 40%	2/5 – 40%
Construção com verbos com mesmo referente-sujeito	0/10 – 0%	7/10 – 70%	3/10 – 30%
Total	1/20 – 5%	14/20 – 70%	5/20 – 25%

- **CARTA / PE**

Tabela 17. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Adjacente	52/69 – 75%	3/69 – 4%	2/69 – 3%	12/69 – 18%
Não adjacente	10/13 – 77%	2/13 – 15%	1/13 – 8%	0/13 – 0%
Total	62/82 – 75%	5/82 – 6%	3/82 – 4%	12/82 – 15%

Tabela 18. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempos do indicativo (- futuros)	46/74 – 62%	13/74 – 17.5%	2/74 – 3%	13/74 – 17.5%
Futuros do indicativo	2/4 – 50%	0/4 – 0%	0/4 – 0%	0/4 – 50%
Tempos do subjuntivo	8/10 – 80%	0/10 – 0%	1/10 – 10%	1/10 – 10%
Infinitivo	5/9 – 56%	3/9 – 33%	0/9 – 0%	1/9 – 11%
Gerúndio	1/2 – 50%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	1/2 – 50%
Total	62/99 – 63%	16/99 – 16%	3/99 – 3%	18/99 – 18%

Tabela 19. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a presença/ausência de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente	8/21 – 38%	7/21 – 34%	3/21 – 14%	3/21 – 14%
Ausente	54/78 – 69%	9/78 – 12%	0/78 – 0%	15/78 – 19%
Total	62/99 – 63%	16/99 – 16%	3/99 – 3%	18/99 – 18%

Tabela 20. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de complexo	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempo composto	5/9 – 56%	4/9 – 44%	0/9 – 0%	0/9 – 0%
Construção passiva	4/7 – 57%	3/7 – 43%	0/7 – 0%	0/7 – 0%
Construção temporal + construção aspectual	13/17 – 76%	3/17 – 18%	0/17 – 0%	1/17 – 6%
Construção modal + construção aspectual	30/52 – 58%	5/52 – 9%	3/52 – 6%	14/52 – 27%
Construção com verbos com mesmo referente-sujeito	10/14 – 72%	1/14 – 7%	0/14 – 0%	3/14 – 21%
Total	62/99 – 63%	16/99 – 16%	3/99 – 3%	18/99 – 18%

- **CARTA / PB**

Tabela 21. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Adjacente	21/54 – 39%	2/54 – 4%	11/54 – 20%	20/54 – 37%
Não adjacente	5/19 – 26%	3/19 – 16%	7/19 – 37%	4/19 – 21%
Total	26/73 – 35%	5/73 – 7%	18/73 – 25%	24/73 – 33%

Tabela 22. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempos do indicativo (- futuros)	21/52 – 40%	4/52 – 8%	12/52 – 23%	15/52 – 29%
Futuros do indicativo	4/14 – 29%	0/14 – 0%	1/14 – 7%	9/14 – 64%
Tempos do subjuntivo	1/5 – 20%	0/5 – 0%	3/5 – 60%	1/5 – 20%
Infinitivo	0/4 – 0%	1/4 – 25%	2/4 – 50%	1/4 – 25%
Gerúndio	0/2 – 0%	0/2 – 0%	2/2 – 100%	0/2 – 0%
Total	26/77 – 34%	5/77 – 6%	20/77 – 26%	26/77 – 34%

Tabela 23. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a presença/ausência de elemento interveniente entre os verbos do complexo

Elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente	1/12 – 8%	0/12 – 0%	6/12 – 50%	5/12 – 42%
Ausente	25/65 – 38%	5/65 – 8%	14/65 – 22%	21/65 – 32%
Total	26/77 – 34%	5/77 – 6%	20/77 – 26%	26/77 – 34%

Tabela 24. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de complexo	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempo composto	4/8 – 50%	2/8 – 25%	2/8 – 25%	0/8 – 0%
Construção temporal + construção aspectual	6/19 – 31.5%	1/19 – 5.5%	6/19 – 31.5%	6/19 – 31.5%
Construção modal + construção aspectual	11/38 – 29%	2/38 – 5%	10/38 – 26%	15/38 – 40%
Construção com verbos com mesmo referente-sujeito	5/12 – 42%	0/12 – 0%	2/12 – 16%	5/12 – 42%
Total	26/77 – 34%	5/77 – 6%	20/77 – 26%	26/77 – 34%

- **EDITORIAL / PE**

Tabela 25. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Adjacente	38/69 – 55%	5/69 – 7%	7/69 – 10%	19/69 – 28%
Não adjacente	12/22 – 55%	0/22 – 0%	2/22 – 9%	8/22 – 36%
Total	50/91 – 55%	5/91 – 5%	9/91 – 10%	27/91 – 30%

Tabela 26. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempos do indicativo (- futuros)	39/72 – 54%	8/72 – 11%	6/72 – 8%	19/72 – 27%
Futuros do indicativo	1/11 – 9%	0/11 – 0%	1/11 – 9%	9/11 – 82%
Tempos do subjuntivo	6/12 – 50%	0/12 – 0%	2/12 – 17%	4/12 – 33%
Infinitivo	4/8 – 50%	1/8 – 12.5%	1/8 – 12.5%	2/8 – 25%
Gerúndio	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Total	50/104 – 48%	10/104 – 9.5%	10/104 – 9.5%	34/104 – 33%

Tabela 27. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a presença/ausência de elemento interveniente entre os verbos do complexo verbal

Elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente	6/27 – 22%	6/27 – 22%	10/27 – 37%	5/27 – 19%
Ausente	44/77 – 57%	4/77 – 5%	0/77 – 0%	29/77 – 38%
Total	50/104 – 48%	10/104 – 9.5%	10/104 – 9.5%	34/104 – 33%

Tabela 28. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de complexo	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempo composto	10/11 – 91%	1/11 – 9%	0/11 – 0%	0/11 – 0%
Construção passiva	3/3 – 100%	0/3 – 0%	0/3 – 0%	0/3 – 0%
Construção temporal + construção aspectual	6/6 – 100%	0/6 – 0%	0/6 – 0%	0/6 – 0%
Construção modal + construção aspectual	25/72 – 35%	9/72 – 12%	10/72 – 14%	28/72 – 39%
Construção com verbos com mesmo referente-sujeito	6/12 – 50%	0/12 – 0%	0/12 – 0%	6/12 – 50%
Total	50/104 – 48%	10/104 – 9.5%	10/104 – 9.5%	34/104 – 33%

- **EDITORIAL / PB**

Tabela 29. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a distância entre o proclisador e o grupo cl V1 V2/V1-cl V2/V1 cl V2/V1 V2-cl

Distância	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Adjacente	23/39 – 59%	1/39 – 3%	7/39 – 18%	8/39 – 20%
Não adjacente	2/6 – 33%	0/6 – 0%	3/6 – 50%	1/6 – 17%
Total	25/45 – 56%	1/45 – 2%	10/45 – 22%	9/45 – 20%

Tabela 30. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a forma verbal de V1

Formal verbal de V1	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempos do indicativo (- futuros)	16/32 – 50%	7/32 – 22%	5/32 – 16%	4/32 – 12%
Futuros do indicativo	4/15 – 27%	0/15 – 0%	6/15 – 40%	5/15 – 33%
Tempos do subjuntivo	4/5 – 80%	0/5 – 0%	0/5 – 0%	1/5 – 20%
Infinitivo	0/1 – 0%	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Gerúndio	1/1 – 100%	0/1 – 0%	0/1 – 0%	0/1 – 0%
Total	25/54 – 46%	8/54 – 15%	11/54 – 20%	10/54 – 19%

Tabela 31. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com a presença/ausência de elemento interveniente entre os verbos do complexo

Elemento interveniente	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Presente	8/17 – 47%	0/17 – 0%	6/17 – 35%	3/17 – 18%
Ausente	17/37 – 46%	8/37 – 22%	5/37 – 13%	7/37 – 19%
Total	25/54 – 46%	8/54 – 15%	11/54 – 20%	10/54 – 19%

Tabela 32. Número de ocorrências (N) e frequências (F) da posição de clíticos em LVC, de acordo com o tipo de complexo verbal

Tipo de complexo	cl V1 V2	V1-cl V2	V1 cl V2	V1 V2-cl
	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F	N/Total – F
Tempo composto	4/6 – 67%	1/6 – 16.5%	1/6 – 16.5%	0/6 – 0%
Construção passiva	2/2 – 100%	0/2 – 0%	0/2 – 0%	0/2 – 0%
Construção temporal + construção aspectual	1/3 – 33%	0/3 – 0%	2/3 – 67%	0/3 – 0%
Construção modal + construção aspectual	11/33 – 34%	7/33 – 21%	6/33 – 18%	9/33 – 27%
Construção com verbos com mesmo referente-sujeito	7/10 – 70%	0/10 – 0%	2/10 – 20%	1/10 – 10%
Total	25/54 – 46%	8/54 – 15%	11/54 – 20%	10/54 – 19%